

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas**

Luiz Fernando Neves Córdova

**“TRAJETÓRIAS DE HOMOSSEXUAIS
NA ILHA DE SANTA CATARINA:
temporalidades e espaços”.**

Fevereiro de 2006

LUIZ FERNANDO NEVES CÓRDOVA

**“TRAJETÓRIAS DE HOMOSSEXUAIS
NA ILHA DE SANTA CATARINA:
temporalidades e espaços”.**

**Orientadora: Mara Coelho de Souza Lago
Co-orientadora: Sonia Weidner Maluf**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para o título de Doutor em Ciências Humanas.

Fevereiro de 2006

*Dirijo-me a todos os homens (e mulheres) que são ou foram jovens,
para contar o segredo de minhas noites e dias,
para celebrar a necessidade de meus companheiros.
(Walt Whitman)*

*Dedico este trabalho a minha mestra Teresa Adada Sell,
uma pioneira nos estudos sobre as vivências homossexuais
na cidade de Florianópolis.*

AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese é um ato de muita coragem e de um profundo abandono. Coragem para abrir mão de um mundo que está continuamente solicitando a sua presença, sejam os compromissos de trabalho, sejam as tarefas domésticas ou as prazerosas horas de folga. Abandono, pois você conta absolutamente apenas consigo – um ato contínuo de várias re-aprendizagens. Os outros amenizam, com o seu conforto, esses percalços do caminho. Então, agradecer é elevar às alturas essas pessoas, que, às vezes, com um pequeno gesto tornaram menos árdusos esses momentos. Essa tese saiu, principalmente, por vocês existirem e fazerem parte da minha vida.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer às minhas orientadoras, professoras Mara Coelho de Souza Lago e Sônia Weidner Maluf. Sob suas orientações, um “frágil” projeto foi se delineando até a chegada deste momento. Foi um prazer muito grande compartilhar com vocês todas as mudanças na trajetória deste trabalho, além de também servirem de alento para as minhas inquietações intelectuais.

Sou grato a todos os homens e as mulheres que tão gentilmente aceitaram colaborar, confiando a mim um pedacinho de suas vidas. Aqui vai o meu profundo reconhecimento por terem ajudado nesta tarefa que exigiu deles um grande desprendimento, no sentido de tratar de um tema tão delicado. Todos, a partir de agora, terno amigos.

Durante a realização do curso tive o privilégio de entrar em contato com inúmeros professores, a todos agradeço por terem colaborado na realização desse projeto acadêmico. Em especial, gostaria de agradecer aos professores-doutores: Luzinete Minella, Maria Juracy Tonelli, Joana Maria Pedro, Miriam P. Grossi, Carmem Rial, Simone Schmidt, Cristina Scheibe, Maria Amélia Dixie, Héctor Leis e Selvino José Assmann. Além da sincera gratidão, ressalto a importância de suas providenciais sugestões.

Quero agradecer a ajuda dos dois funcionários da secretaria do Programa de Doutorado pela eficiência e dedicação no desempenho de suas funções. O meu muito obrigado à Liana e ao Jorge pelo apoio logístico ofertado – matrículas, ofícios, certidões, etc.

Durante uma boa parte do curso participei da disciplina Seminários Temáticos onde, sob a orientação das professoras Mara Lago, Miriam Grossi, Carmem Rial, Joana Pedro, Luzinete Minella discutíamos os projetos, as teses em andamento, as produções de cada membro do grupo. Neste momento, gostaria de agradecer não só as preciosas colaborações das professoras quanto dos/das colegas e dizer que foi realmente um prazer conviver com Marlene Tamanini, Carmem Susana Tornquist, Bernadete Grossi, Adriano Nuernberg, Miriam Adelman, Myriam Santin, Siomara Aparecida Marques, Débora Sayão, Cristina Rocha, Tito Sena, Olga Garcia e Nádia Covolan.

Tive o privilégio de ter encontrado um grupo grande de amigos que merecem créditos especiais, pois foram interlocutores durante todo o processo de escrever essa dissertação: Rosane Maria de Godoy, Sirley Bandeira de Souza, Zeila Marize Sardá, Helena Francis Bilton de Olinda Campello, Marilene Ortmeier e Ana Lúcia Pimenta, além de Marilandi Teixeira, Raquel Silva, João Luiz Souza, Ramiro Marinho e Mônica Queiroz.

Agradeço aos amigos Rubens de Braga Filho e Maria Lúcia Lopes de Simas pelo carinho e dedicação que muito ajudaram na realização deste trabalho.

Agradeço à minha família, mãe e irmãos, por compreenderem que para escrever esta tese foi preciso me retirar um pouco das lidas familiares. Só um profundo sentimento de amizade e afeto superaram as dificuldades encontradas durante esta angustiante jornada. Considero-me privilegiado por tê-los comigo e contar com seu afeto.

*Quero brincar com a minha cidade.
Quero dizer bobagens e falar coisas de amor
para a minha cidade
(Vinícius de Moraes)*

RESUMO

Este trabalho inscreve-se, entre outras possibilidades, nos campos de estudos de gênero e nos estudos gueis e lésbicos. A partir da realização de 16 entrevistas com homens e mulheres de diferentes classes sociais e divididos arbitrariamente em três gerações, realizei um estudo etnográfico para identificar suas vivências e trajetórias pela cidade de Florianópolis e região metropolitana, apresentando inclusive o modo como fui “estranhando o familiar”, condição para me constituir como pesquisador.

A partir de uma reflexão interdisciplinar, histórica e cultural, vou mostrando alguns espaços de sociabilidade homoerótica e a maneira como os sujeitos vão se identificando enquanto homossexuais, suas experiências e os repertórios pelos quais descrevem, explicam e interpretam o mundo em que vivem. A abordagem deu-se através da análise das narrativas dos sujeitos, em diferentes tempos e espaços. Falar das territorialidades homossexuais implicou apresentar a Praça XV, e comentar as falas a respeito das questões homo na imprensa da cidade através das notas do jornalista Beto Stodieck, bem como mapear as trajetórias por bares e boates que foram dando visibilidade à convivência homoerótica na cidade. Além de analisar as 21 dissertações de mestrado defendidas na UFSC até 2005, que tinham as homossexualidades como seu objeto de estudo.

Ao tratar das vivências dos sujeitos entrevistados, optei por centrar a análise em suas percepções sobre seus modos de vida, a partir da noção de territorialidades diferenciadas. Por fim, apresento três sujeitos transgêneros também de gerações diferentes, já que suas “performatividades” ajudam a denunciar o caráter constitutivo do gênero e as “verdades” sobre masculinidades e feminilidades como construções culturais.

Palavras-chave: homossexualidades, estudos gueis e lésbicos, gênero, geração, Florianópolis.

ABSTRACT

This work inscribes itself in the fields of gender, as well as gay and lesbian studies among other possibilities. Starting from 16 interviews with men and women of different social classes and arbitrarily split into three generations, an ethnographic study was carried out in order to identify their experience and their trajectory throughout Florianópolis and its metropolitan region. It is also revealed how I went “wondering at the familiar”, a condition to set myself up as an interviewer.

Starting from an interdisciplinary, historic and cultural reflection, I pointed out some spaces of homoerotic sociability and how the individuals get to identify themselves as homosexuals, their experience and the repertoire on which they describe, explain and translate the world in which they live in. The tackling took place through the analyses of the individuals’ narratives at different time and spaces. To mention homosexual territorialities implies in presenting Praça XV and in commenting how journalist Beto Stodieck talks about homo issues in the local press; as well as drawing the path through bars and clubs which allowed visibility to the homoerotic living together in the town. 21 master thesis maintained at UFSC up to 2005, which had homosexuality as their main object were also analyzed.

When dealing with the experience of interviewed individuals I opted for analyzing their perception of their own life style with the knowledge of differentiated territorialities. At last I present three transgender individuals also from different generation. The constitutive character of gender is denounced by their “perform activities”, which also reveals how the “truths” about masculinity and femininity are built in culture.

Key words: Homosexuality, gays and lesbian studies, gender, generation, Florianópolis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
As vivências homossexuais na Ilha: a busca de um espaço	24
I REFLETINDO SOBRE HOMOSSEXUALIDADES	29
1. Delimitando um discurso sobre identidades e nomeações	30
2. Da luta dos homossexuais por direitos civis aos estudos gueis e lésbicos	46
3. O contexto nacional para os sujeitos homossexuais	62
4. As homossexualidades no Brasil	68
5. Olhares acadêmicos sobre homossexualidades em Florianópolis: vai longe o Desterro	78
5.1. De “reis e rainhas” ao repórter de uma geração”: refletindo sobre as produções acadêmicas homodirecionadas da UFSC	92
II A CAMINHADA	94
1. Um outro olhar: o “método”	98
2. O recorte	103
3. Procedimentos metodológicos	105
4. Os sujeitos da pesquisa	109
5. Encontrando os sujeitos	110
5.1 Apresentando os sujeitos da pesquisa	114
<i>Os encontros</i>	115
<i>Francisco (63 anos)</i>	115
<i>Guido (21 anos)</i>	118
<i>Agenor (71 anos)</i>	119

<i>Mário (41 anos)</i>	122
<i>Júnior (18 anos)</i>	124
<i>Adriana (23 anos)</i>	126
<i>Maria (48 anos)</i>	127
<i>Ricardo (46 anos)</i>	130
<i>Sofia (55 anos)</i>	133
<i>Mariza (53 anos)</i>	135
<i>Marina (25 anos)</i>	136
<i>Leila (44 anos)</i>	138
<i>Belinha (61 anos)</i>	139
<i>O perfil dos informantes</i>	140
5.2. Refletindo sobre os encontros	146
III A CIDADE E OS SUJEITOS	148
1. Redescobrimo a cidade	150
2. Beto Stodieck: o repórter da cidade	155
3. Alguns dos espaços de lazer ocupados por homossexuais na cidade	160
3.1. Do Samburá ao Escracho: a busca de um lugar	168
3.2. A criação dos espaços: o “circuito da lama”	178
3.3. A visibilidade hoje: beijaço e abraçasso, sem parada	192
IV O TEMPO E AS HOMOSSEXUALIDADES	211
1. A primeira geração	214
2. A segunda geração	221
3. A terceira geração	225
4. A AIDS em três tempos	235

4.1. A primeira geração	237
4.2. A segunda geração	238
4.3. A terceira geração	240
V AS TRAVESTIS	244
1. Encontrando as travestis	251
1.1. Karla	252
1.2. Jaqueline	253
1.3. Cláudia	256
2. A infância, a “descoberta” e a família	259
3. Na escola, com cuidado	262
4. A polícia, as travestis e os costumes	265
5. As territorialidades das travestis na cidade	270
6. “Eu gosto de ser mulher”	279
7. O “meu” homem	283
8. O trabalho	286
9. O presente, o passado e o futuro	289
CONCLUSÃO	292
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	301
ANEXOS	316

INTRODUÇÃO

*Sim, eu sou um deles
e gosto muito, muito, de sê-lo.
Porque faço coleção de lacinhos cor-de-rosa
e também de sapatão [...]
Eu nasci descalça...
(Rita Lee)*

Com esta tese dou continuidade a minhas pesquisas sobre vivências homossexuais na cidade de Florianópolis, Ilha de Santa Catarina, centrando agora o foco em identificar, através da fala de homossexuais, alguns espaços de sociabilidade homoerótica da cidade em diferentes tempos, buscando compreender os modos de vida desses sujeitos, suas experiências e os repertórios pelos quais descrevem, explicam e interpretam o mundo em que vivem.

Ao discutir a vivência dos sujeitos homossexuais é preciso, necessariamente, contextualizá-la, pois nem sempre sua história ou a visibilidade de suas práticas tem sido compreendida como o é nos tempos atuais. Se em algumas sociedades há uma certa complacência com o relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo, em outras a perseguição e a punição estão institucionalizadas. Existem também, aquelas onde há a convivência de um discurso mais liberalizante com uma prática de violência, onde se chega a mutilar ou matar homens e mulheres que demonstram tal preferência ou afinidade sexual. Desta maneira, a vivência homossexual, assim como as implicações decorrentes do seu reconhecimento social, podem ser entendidas como uma questão de conquista e ampliação de direitos humanos, com a ênfase em seu aspecto político.

A partir destas concepções, a homossexualidade¹, como a heterossexualidade, pode ser entendida como uma construção sócio-histórica e cultural, e não como resultado de determinação biológica. Peter Fry (1982, p. 87) assinala que “a sexualidade, como tudo que é em princípio natural, é limitada e controlada através de conceitos e categorias construídas historicamente”. Autores como John Boswell (1980), Michel Foucault (1980) e Jurandir Freire Costa (1992), dentre outros, argumentam que o homossexual não existe. Isto que hoje

¹ O correto seria falar em “homossexualidades”, pois há uma diversidade de desejos e práticas sexuais entre pessoas de mesmo sexo, que pode variar de acordo com a cultura, idade, classe social, etnia, *performance* de gênero, etc. Outro cuidado observado será o de não usar o termo homossexualismo devido ao sufixo “ismo” que ainda refere possíveis aspectos relacionados à consideração da homossexualidade como doença. A expressão adotada refere-se, portanto, a uma forma de expressão da sexualidade.

definimos como “homossexual” é uma criação relativamente recente e teria como objetivo classificar e estigmatizar, perante a sociedade, seja europeia, norte-americana ou brasileira, aqueles sujeitos “desviantes” de uma sexualidade considerada como normal.

Para Judith Butler (2003) a instituição “naturalizada” da heterossexualidade é uma categoria política, portanto “socialmente instituída e socialmente regulada”, e não uma categoria natural, já que “nesses contextos, o recurso ao ‘natural’ é sempre político” (id., p. 182). Segundo Butler haveria descontinuidades no gênero que se espalham nos contextos heterossexuais, bissexuais, gueis e lésbicos e “nos quais o gênero não decorre necessariamente do sexo” (2003, p. 194). A presença de construtos heterossexuais em gueis e lésbicas tira da heterossexualidade compulsória o seu caráter de naturalidade e originalidade. “A replicação de construtos heterossexuais em estruturas não heterossexuais salienta o status cabalmente construído do assim chamado heterossexual original” (Butler, 2003, p. 57).

A antropóloga Carole S. Vance, no artigo *A Antropologia Redescobre a Sexualidade* (2002²), examina a relação entre a pesquisa antropológica e a pesquisa sobre sexualidade, distinguindo três modelos teóricos: o essencialismo que é biologicista; o de “influência cultural”, onde a sexualidade é tida como uma categoria naturalizada e o papel da cultura é moldar atitudes e comportamentos sexuais; e a teoria da construção social que compreende a sexualidade como construída de diferentes formas através das culturas e do tempo. Estes dois últimos muitas vezes se confundem, mas a teoria da “influência cultural” em geral mantém a noção de um “sexo real” com suas variações (p. 08). A autora considera esta teoria não satisfatória, pois apesar de assimilar noções de construção social ou cultural, mantêm elementos essencialistas, como as categorias universalizantes macho e fêmea, homossexuais e heterossexuais. A teoria da construção social, no entanto, mostra como o discurso constrói a própria sexualidade, mediado por fatores históricos culturais. Um construcionismo mais radical. Carole Vance (2002, p. 40) identifica nos estudos feministas as origens desta teoria, “feminist scholarship and activism undertook the project of rethinking gender, which had a revolutionary impact on notions of what is natural³”. A teoria feminista contesta o determinismo biológico implícito nas noções da sexualidade e da diferença de sexo nas sociedades euro-americanas, isto a partir dos pontos de vista intercultural, histórico e geracional. A escolha do objeto (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade) não

² Texto original de 1991 e republicado no Brasil, em 1995, no volume 5, nº 1, na *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, à qual não tive acesso.

³ “Estudos e ativismo feministas empreenderam o projeto de repensar o gênero causando um impacto revolucionário em noções do que é natural”.

é considerada como intrínseca ou inerente aos sujeitos, mas construída de diferentes formas, através das experiências subjetivas e significações sociais.

Sendo uma construção pode sofrer mudanças, pois o que se constrói pode ser transformado ou demolido, para que novamente se volte a construir. A sociedade é que estabelece um roteiro mais ou menos fixo para o comportamento esperado de homens e mulheres, onde as diferenças, em princípio, acontecem segundo a época, as classes sociais, etnias, as gerações, por exemplo. A homossexualidade vista neste trabalho, é produto e produtora de uma época que traz transformações muito rápidas, assim como têm sido abruptas as transformações espaciais na cidade de Florianópolis (Ilha de Santa Catarina), particularmente aquelas que ocorreram a partir das décadas de 60 e 70.

Há um velho adágio alemão, citado por Robert E. Park (1973 [1916], p. 36), afirmando que “o ar da cidade liberta os homens” (*Stadt Luft macht frei*). Para o autor, o adágio continua tendo seu valor “na medida em que o indivíduo encontra nas possibilidades, na diversidade de interesses e tarefas, e na cooperação inconsciente da vida citadina a oportunidade de escolher sua vocação própria e de desenvolver seus talentos individuais peculiares”. Na cidade, especialmente na grande cidade, as relações sociais tendem a ser mais impessoais, há superficialismo e anonimato, possibilitando um maior grau de emancipação dos controles sociais e isto parece representar para muitos homossexuais o lugar onde se pode viver um “estilo de vida” mais aventureiro, onde podem ficar menos preocupados com a exposição pública de sua sexualidade e estabelecer uma rede social com outros homossexuais, em torno de valores comuns, como divertimento, relacionamentos, casa, trabalho. Afora as manifestações explícitas de rejeição ou preconceito há, nas grandes cidades, uma espécie de “conspiração do silêncio” ou de permissividade, onde cada indivíduo procura não se meter na vida do seu vizinho, a não ser em casos de escândalos ou fatos sensacionalistas.

Florianópolis, embora não possa ser considerada uma grande cidade, tem algumas características que a aproximam dos centros maiores, já que é capital de um estado, é cidade de médio porte, é centro de área de conurbação (emendando com outros municípios da Região Metropolitana) e tem no turismo uma atividade econômica expressiva, com afluxo de população de outros estados e países vizinhos, especialmente no verão.

A capital do Estado de Santa Catarina, desde a sua fundação, passou por processos históricos bastante peculiares, até se constituir como um centro urbano moderno, a partir da pequena vila de Nossa Senhora do Desterro no período colonial, passando à cidade de Desterro durante o império, até a virada do século XX, quando recebeu o nome de Florianópolis. Ao final do século XIX o seu porto, que era considerado o centro comercial do

Estado, perde a primazia para os portos de São Francisco e Itajaí e a cidade assume “características de um núcleo ‘estacionário’, isto é, sem uma dinâmica expansivo-industrializante” (CECCA, 1997, p. 204). Não tendo desenvolvido, depois do porto, nenhuma função econômica de grande expressão, a cidade se beneficiou por sediar a máquina do governo estadual, ou o “complexo político-administrativo” do Estado de Santa Catarina. Foi justamente a expansão acelerada do aparato estatal brasileiro, em particular durante os anos 60 e 70, que possibilitou as garantias necessárias para o seu desenvolvimento, com profundas repercussões no seu espaço urbano⁴. Este desenvolvimento tem início com o asfaltamento da BR 101, o crescimento do aparelho do governo, tanto em nível estadual quanto federal, mas especialmente com a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da transferência da sede das Centrais Elétricas do Sul do Brasil (ELETROSUL) para a cidade.

É importante salientar que durante o período histórico conhecido como a Primeira República, muitas das ações governamentais influenciadas por higienistas europeus, visavam justamente a reforma urbana para coibir a proliferação de doenças e as ameaças que pairavam sobre os grandes aglomerados populacionais. Em cidades como o Rio de Janeiro, a capital da república, foram implementados projetos que buscavam higienizar e disciplinar o espaço urbano e as moradias populares. Estas intervenções, organizadas por médicos e engenheiros, acabaram por influenciar ações semelhantes nas demais capitais estaduais, que também buscaram modificar a vida da população, transformando seus hábitos e valores culturais. Comentando estas ações, a historiadora Roselane Neckel (2003, p. 46) chama nossa atenção para o fato de que, se por um lado “a higienização e a modernização de Florianópolis estavam pautados no cientificismo e no racionalismo das concepções médico-higienistas”, por outro, os jornais mostravam comportamentos e costumes “mais modernos e progressistas, na tentativa de propagar novos modos de vida”. Segundo esta autora, a imprensa veiculava “idéias e novidades” procurando soluções para tornar Florianópolis “moderna e civilizada”.

Assim, Florianópolis começou o século XX em busca do moderno: a iluminação elétrica começava a ser instalada para substituir o antigo sistema de iluminação a querosene ou a gás; a circulação de automóveis avançava, em detrimento dos bondes puxados a burro. A inauguração da ponte Hercílio Luz, em 1926, estabeleceu a ligação entre o continente e a ilha, acabando com o trânsito de balsas e lanchas. Sua população, que em 1900 somava 32.220 habitantes, vivenciou profundas transformações urbanísticas, especialmente a partir dos anos 50. Atualmente, além de acentuado desenvolvimento urbano, observa-se uma ocupação das

⁴ Para compreender as transformações ocorridas no espaço urbano de Florianópolis, a partir da expansão do Estado no Brasil, conferir a dissertação de mestrado de Maria da Graça Agostinho Faccio (1997).

praias e balneários da ilha pelos seus 341.781 habitantes⁵ e pelo contingente de turistas estaduais, interestaduais e estrangeiros que a visitam, especialmente na estação de veraneio.

A capital dos catarinenses sempre teve a abundância de beleza natural como seu grande atrativo: são morros com vegetação nativa da Mata Atlântica, mangues, dunas, baías, lagoas e suas famosas praias. Mais recentemente, tornou-se conhecida pela propaganda em torno dos seus índices de qualidade de vida, através de indicadores sociais e de desenvolvimento humano que tanto orgulham seus moradores⁶. Entretanto, ao mesmo tempo em que se observa uma tranqüilidade quase que interiorana, juntamente com os recursos de uma cidade de médio porte, a ocupação desordenada de seu território, que atinge áreas consideradas de preservação ambiental, e os novos números da violência, em particular os de homicídios e os ligados ao tráfico de drogas, começam a assustar.

Florianópolis é, sem dúvida, uma cidade de contradições e de profundas e rápidas transformações. Observa-se, em qualquer um de seus rincões, uma constante interação entre a tradição e as novidades da modernidade, o que demonstra a existência de várias realidades⁷. São as contradições e os paradoxos comuns das sociedades urbanas atuais.

Um exemplo bastante ilustrativo desta ambigüidade é o carnaval, festa tradicional do mundo ocidental, que traz para Florianópolis muitos homossexuais em busca daquele que se configurou como o segundo melhor carnaval guei⁸ do Brasil⁹, de acordo com o poder

⁵ Segundo dados do censo/2000, realizado pelo IBGE.

⁶ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), segue os índices e os conceitos estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), levando em consideração a expectativa de vida, a renda per capita, o PIB e o nível de instrução da população.

⁷ Um exemplo deste contraste está apontado em minha dissertação de mestrado (Córdova, 2000) em que procuro interpretar a convivência de casais de homossexuais, com os demais moradores de uma comunidade rural do interior da ilha, vista como tradicional e conservadora. Outros exemplos podem ser vistos nos trabalhos de Franklin Cascaes (1979) que realiza um levantamento do “imaginário fantástico” da Ilha, e de Sônia Maluf (1993) que trata das relações de gênero no interior da ilha, a partir das narrativas sobre bruxas.

⁸ De acordo com Luiz Mott (1988b, p. 80) “desde o século XII que na língua catalã-provençal é utilizado o étimo “gai” como sinônimo de sodomita” e estaria relacionado à imagem do prostituto masculino. Adriana Nunan (2003, p. 104) citando James Green (2000) afirma que “o termo [gay] passou a ser empregado desde os anos 20 nos Estados Unidos como um código que identificava indivíduos homossexuais e os lugares onde eles se congregavam”. Na década de 60 este conceito passaria a indicar homens (de aparência masculina) que tinham outros homens como parceiros sexuais e, assim, definiam-se como homossexuais. No Brasil, ainda de acordo com Green (2000) e Nunan (2003), aparece em 1963, num dos primeiros números de *O Snob*, um periódico voltado para os homossexuais. Em 1967 já era empregado como sinônimo de homossexual, mas somente da década de 80 passou a ser adotado pelos movimentos homossexuais. Ao aporuguesar o termo “gay” alguns militantes do movimento homossexual entendem que estão se afastando do sinônimo “alegre”, como no léxico inglês, e se aproximando não só daquele homossexual que está nas ruas mas, também, daquele que “está dentro do armário” (Golin & Weiler, 2002). Esta não é uma idéia original, pois sua tradução já estava presente no jornal “Lampião de Esquina”, publicado mensalmente entre 1978 e 1981, e também, no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, publicado em 1986.

⁹ Segundo James Green (2000, p. 22) o carnaval na praia de Ipanema é considerado o maior do Brasil e atrai muitos turistas estrangeiros.

público local¹⁰. Desde a primeira metade do século XIX, enquanto as elites brincavam o carnaval de salão, os populares divertiam-se no carnaval de rua, também chamado *entrudo*. Em 1957, quando foram criadas as escolas de samba, os desfiles de carnaval aconteciam em torno da Praça XV¹¹ junto com os blocos e as Sociedades Carnavalescas, mas a partir de 1970 os desfiles passaram a acontecer na Avenida Mauro Ramos até 1975, quando foram transferidos para uma passarela desmontável ao lado do Mercado Público, na Avenida Paulo Fontes. Em 1988, a construção do sambódromo Passarela Nego Quirido, no aterro da baía sul, oficializou a divisão entre o carnaval das escolas de samba e aquele que se desenvolve nos arredores da praça. A partir de 1994, a administração municipal passou a construir três palcos para “bailes públicos” no centro da cidade: um na proximidade do Mercado Público no Largo da Alfândega, outro na Avenida Hercílio Luz em torno do antigo bar Roma e o terceiro, no Largo da Catedral. Montaram-se também estruturas nas praias da Barra da Lagoa, Lagoa da Conceição, Pântano do Sul e Canasvieiras (Silva, 2003; Fantin, 2000; Tramonte, 1996). A Praça XV continuou sendo ponto de referência para a passagem dos blocos carnavalescos que, geralmente, representam associações de classe, clubes sociais, associações de bairros ou participam de alguma organização ou de entidades assistenciais.

Tradicionalmente, contudo, desde o final dos anos 70, foi na Avenida Hercílio Luz, em frente ao bar Roma¹², que se estabeleceu um espaço informal de sociabilidade onde os GLS¹³ circulam. Nos anos 80, a prefeitura, através da Secretaria Municipal de Turismo, passou a organizar a festa e o pedaço¹⁴ passou a ser divulgado na mídia. A nova festa organizada conta inclusive com um desfile de homossexuais, onde os participantes concorrem a um prêmio em dinheiro. Realizado sempre na segunda-feira de carnaval, o concurso “Pop

¹⁰ Silva (2003) cita esta informação a partir de material divulgado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis em 2000 e 2002.

¹¹ A história do carnaval ilhéu é descrita e analisada por Cristiana Tramonte (1996).

¹² Os proprietários deste bar, apesar dele fazer parte do espaço de circulação de muitos homossexuais, homens e mulheres, não o consideravam um reduto guei. Durante o dia ele funcionava como um bar e restaurante comum e era no período da noite que aumentava a circulação de homossexuais. Houve períodos em que a maioria dos seus frequentadores era de homossexuais e outros onde os garçons tinham ordem de não atender aos seus pedidos. O bar fechou antes do carnaval de 2002, mas continuou emprestando seu nome para esta famosa festa da Avenida.

¹³ Gueis, Lésbicas e Simpatizantes é uma sigla adotada no Brasil, a partir dos anos 90, que designa uma adesão ou um posicionamento político favorável à homossexualidade. Os simpatizantes são pessoas que têm amigos homossexuais e, sem preconceito, podem frequentar bares, boates e festas gueis. O termo GLS foi inspirado no movimento *Gay Friendly* norte-americano e foi criado em 1994 por André Fischer, organizador do Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual, ou Festival de Manifestações das Sexualidades, uma mostra de filmes curta metragens e documentários (Istoé/1627 - 06/12/2000).

¹⁴ No sentido proposto por José Guilherme C. Magnani (1998, p. 12) onde “o pedaço é o lugar dos colegas, dos chegados. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e do que se pode ou não fazer”. No caso das regiões centrais urbanas, onde os frequentadores do pedaço não necessariamente se conhecem, há o reconhecimento: “venham de onde vierem, trazem na roupa, na postura corporal, na linguagem, os sinais exteriores de seu pertencimento” (id., p.12). O trabalho de Silva (2003) faz essa relação entre o “pedaço”, proposto por Magnani (1998) e o Bar Roma.

Gay” prevê apenas duas categorias: as caricatas, ou *drag-queens*, e as transformistas, ou *beauty-queens*. É o auge da festa do rei Momo¹⁵.

O “carnaval do Roma” ajuda a compreender aspectos das vivências dos homossexuais em Florianópolis. Por um lado, o poder público se apropria de uma festa que nasceu sem muita organização e a vende para o resto do país através da mídia, mostrando um grande número de homens e de mulheres demonstrando afetos entre si e alguns outros tão cuidadosamente travestidos que destoam dos tradicionais “blocos de sujos¹⁶”. Segundo Silva (2003), a Prefeitura se apropriou da festa e “vende” estas imagens de tolerância em seus pacotes turísticos, entretanto os homossexuais que aqui residem continuam a conviver no seu dia-a-dia com violações a muitos de seus direitos, isto sem mencionar a brutalidade de alguns assassinatos de gueis. Predomina um silêncio sobre suas existências, mas com a apropriação daqueles estereótipos mais risíveis, ou que perpassam uma imagem do desejo homoerótico como algo não realizável, condenado ao fracasso. Parece haver uma lacuna entre as representações públicas e as vivências homoafetivas. Estas tensões, tolerância/repressão e aceitação/ostracismo, podem parecer sem solução por estarem arraigadas na sociedade. O antropólogo Marco Aurélio da Silva (2003, p. 49) mostra, na mesma linha de James Green (2000), como o carnaval em Florianópolis reproduz as relações cotidianas em relação à homossexualidade:

Se o fato de haver um número considerável de lugares, que formam o que apresento aqui como *pedaço* GLS, tem sido entendido por esses frequentadores como um indício de um “paraíso para gays”, há uma outra faceta da cidade que mostra que nem todos os espaços são receptivos a manifestações de um comportamento que possa ser identificado como “homossexual”. A violência contra pessoas que vivenciam experiências homoeróticas não foge do que acontece em outras cidades brasileiras, como pode ser exemplificado em relação à atitude de alguns setores para com os travestis da cidade.

O trabalho deste autor sobre o carnaval “guei” de Florianópolis aponta para uma intensificação das formas de sociabilidade encontradas nos “territórios” GLS, expressando sua diversidade. Segundo ele, parece que a cidade no período de carnaval, “longe” de se configurar como um “paraíso” para os homossexuais, vive a “dramatização” desta

¹⁵ Para compreender o “carnaval guei” em Florianópolis ver a dissertação de mestrado em Antropologia Social de Marco Aurélio da Silva (2003): “Se manque! Uma etnografia do Carnaval no ‘pedaço’ GLS da Ilha de Santa Catarina”.

¹⁶ A expressão “blocos de sujos”, na cidade de Florianópolis, refere-se àqueles homens, em sua maioria heterossexuais, que se fantasiam de mulheres para brincarem, em grupo, o carnaval. Este transvestimento ocorre de maneira jocosa, como uma brincadeira com a figura da mulher. Geralmente, os homens aproveitam roupas já usadas por familiares, namoradas ou amigas e, assim vestidos, circulam pelas ruas do centro, ou das praias de maior movimento. Há na cidade grandes “blocos de sujos” que elegem uma “rainha” ou “madrinha”, escolhem um tema para a brincadeira e, inclusive, compõem uma marcha a ser cantada pelos seus integrantes.

diversidade, lida com domínios inconciliáveis no dia-a-dia, apontando para a possibilidade de vivências menos segregadas. “Percebendo esta *intensificação* passei a entender o carnaval gay em termos de performance social que estaria colocando em relevo comentários a respeito da própria sociedade, uma leitura crítica ao contexto sócio-cultural destes homens e mulheres” (Silva, 2003, p. 123).

James Green (2000, p. 23) assinala que muitos observadores estrangeiros confundem as imagens que expressam sensualidade e sexualidade entre homossexuais divulgadas durante o carnaval, com “uma suposta tolerância da homossexualidade e da bissexualidade nesse país”. Sua pesquisa demonstrou o quanto “as bonecas” brasileiras se engajaram numa luta até obter esta relativa liberdade durante uma festa popular. Quando se despe a fantasia do carnaval surge, para os homossexuais, uma realidade bastante diferente daquela propalada “permissividade” momesca¹⁷. Neste sentido, fica evidenciada a “fragilidade” da aceitação da homossexualidade, pois parece se tratar de uma homossexualidade tolerada apenas para um “consumo” rápido. João Silvério Trevisan (2000, p. 20) lembra que “o consumismo das sociedades industriais é autofágico: [...] baseia-se no oportunismo do lucro” e que, esta cooptação, evidencia-se na tolerância de uma “homossexualidade *clean*, da qual esteja depurado todo e qualquer resquício de *rebeldia*”.

Num outro sentido, sem os holofotes carnavalescos têm acontecido em Florianópolis, desde de junho de 2003, no principal centro cultural da cidade, o evento *Sapho em Cena*, uma mostra de cinema sobre a homossexualidade feminina. Ocorrendo sempre na primeira quinta-feira de cada mês, reúne um público diversificado que não se restringe a mulheres que amam outras mulheres, para assistir, filmes, *sitcom*, vídeos ou documentários que abordam a lesbianidade. Isto tudo, longe dos guetos ou da tão propalada invisibilidade social.

Por outro lado, existem na cidade grupos organizados que, embora não sejam representativos ou aglutinadores da maioria dos homossexuais¹⁸, demonstram que mudanças vêm ocorrendo nestas últimas décadas. Um dos entrevistados de Teresa Sell (1987, p. 37),

¹⁷ “Por isso, no carnaval, ninguém teme o ridículo porque nada contamina. Tudo é fantasia, mera farsa, disfarces projetados num espelho coletivamente compartilhado. Nunca pessoas reais” (Silva, 1996, p. 19).

¹⁸ Durante a realização desta tese descobri a existência de quatro organizações (ADEH – Nostro Mundo, New Floripa, Associação Entre Elas e GLBTT) que se diziam representar os homossexuais, mas apenas uma das lésbicas entrevistadas disse que sabia de suas existências e que nenhuma delas a representava, mesmo que, em algum momento, tenha trabalhado junto a uma delas. Na cidade existem, ainda, organizações não-governamentais (ONG’s) que também trabalham com homossexuais, mas estes não são o seu único público alvo. Talvez as mais atuantes sejam o Instituto Arco-Íris e o Movimento Livre – cidadania & direitos humanos, que dispõe de um núcleo lésbico e um outro guei. Florianópolis tem representantes na Liga Brasileira de Lésbicas, que na realidade não se configura como um grupo ou uma ONG mas, como disse uma de suas militantes, “um espaço de articulação, é um espaço político de articulação”.

falando nos começo dos anos 80, tentava explicar, “a homossexualidade nesta cidade é muito desunida. É necessário se unir para se defender [...] É uma questão de defesa. Foste feito por uma maioria que não te aceita. Mas o bicha não é digno de confiança”. Através da leitura realizada por “aquele bicha” é possível constatar que as práticas e vivências homossexuais, ao menos na cidade de Florianópolis, estavam envolvidas por muito silêncio, ou que ele não teve a “sorte” de se inserir numa rede social de homossexuais. Grupos de amigos, as “turmas”, as “tribos¹⁹” têm tradicionalmente ajudado os homossexuais a enfrentarem as hostilidades sociais e geralmente funcionam como forma de apoio àqueles que não se comportam conforme as expectativas sociais e sexuais heteronormativas. A “turma” funciona “tanto como rede de apoio quanto como um meio de socializar indivíduos [...], com todos os seus códigos, gírias, espaços públicos e concepções sobre sua homossexualidade” (Green, 2000, p. 291). Os grupos, de amigos ou de militância, pela diversidade da sua composição (não possuindo um único modelo de homossexualidade), também permitem uma identificação com os mais variados tipos de homens e mulheres homossexuais. Judith Butler (1991), no artigo *Imitation and Gender Insubordination*, apresenta uma discussão sobre até que ponto a afirmação de uma identidade homossexual, como um lugar fixo, não é uma forma de reforço da heterossexualidade. Os sujeitos homossexuais têm um lugar desde que este lugar seja bem marcado. A heterossexualidade se constrói de forma normativa, colocando-se como autêntica e original, sendo a homossexualidade sua cópia mal feita. A relação hétero serve como parâmetro para muitos discursos de homossexuais, como o discurso guei reivindicando a união civil, monogâmica, patrimonialista, com o exercício da parentalidade, tornando “abjeto” tudo que está fora disso.

No início da década de 80, Teresa Sell (1987) realizou sua pesquisa sobre a identidade homossexual em Florianópolis tendo como propósito inicial entrevistar homens e mulheres. Precisou, contudo, concentrar-se em ouvir sobre homossexualidades masculinas, pois com as mulheres houve “uma seqüência de desencontros, prorrogações indefinidas por telefone, não atendimento quando solicitadas” (Sell, 1987, p. 16). No final dos anos 90, a pesquisadora Rosane Godoy escrevendo sobre modos e estilos de vida de mulheres lésbicas²⁰

¹⁹ O conceito de “tribo” também possibilita aos seus membros se reconhecerem por gostos, gírias, roupas, etc., afirmando e confirmando sua existência. No livro *O Tempo das Tribos* (1987) o sociólogo francês Michel Maffesolli estuda o fenômeno do tribalismo nas sociedades contemporâneas.

²⁰ Lígia Bellini (1983, p. 33), citando Judith Brown, menciona o fato de que, “apesar de a palavra ‘lésbica’ ter aparecido pela primeira vez no século XVI na obra de Brântome, observador e cronista das excentricidades sexuais das cortesãs francesas, ela não foi comumente usada até o século XIX, e mesmo então designava inicialmente certos atos, e não uma categoria de pessoas”. André Lardinois (1995), afirma que na França o termo já era empregado desde 1842 e na Holanda, pelo menos desde 1847. Em língua inglesa, o emprego da palavra lésbica para designar mulheres homossexuais data de 1890, sendo que o substantivo ‘lesbianismo’, seria mais

afirma que “se pode falar numa mudança no sentido da maior visibilidade da questão homossexual” (2001, p. 02), pois na sua ida a campo não se deparou com as dificuldades de aproximação e de abertura para a discussão da temática, encontradas por Teresa Sell. Uma visibilidade que comprova que o quadro mudou e que esta pesquisa buscará complexificar. Fazendo uma comparação, ressalto que tratamos de gerações diferentes, sendo possível afirmar que Teresa Sell escreveu sobre o “silêncio” de sujeitos que viveram há 25 anos atrás. Hoje, as questões homossexuais são mais visíveis, já se ouvem vozes e um certo barulho provocado pelos sujeitos homossexuais em seus grupos organizados.

Parece óbvio afirmar que a vivência e as transformações a que estão sujeitos os homossexuais são diferentes nas diversas cidades brasileiras, não só em função de fatores sociais, econômicos e demográficos, mas principalmente pela forma como estes fatores interferem na interação social. Naquelas onde existem grupos de militância organizados, observa-se uma maior expressividade dos homossexuais no âmbito social e afirmar-se como homossexual “parece” facilitar a inserção social e as vivências pessoais. É provável que os homossexuais que residem em Florianópolis encontrem dificuldades que não se restringem ao contexto social e ao incremento da cidadania, mas também em relação aos próprios sujeitos, como a promoção da auto-estima. Uma das bandeiras de luta dos movimentos sociais organizados afirma, justamente, que alguns sujeitos ao se “descobrirem” homossexuais sentem-se sós, numa sensação de isolamento e inferioridade, como se não existissem outros iguais, com os mesmos desejos e problemas. Acham-se os únicos do mundo. Outros, porém, conseguem viver suas orientações sexuais²¹ como gueis ou lésbicas com mais tranquilidade. As representações de homossexualidades afetam, portanto, as sociedades em geral, mas

antigo, datando de 1870. Hoje em dia o uso desta palavra tem ampla disseminação na academia e nos movimentos homossexuais organizados (sobretudo devido à tradução de textos estrangeiros) e, apesar de aparentemente se ter superado a conotação pejorativa e estigmatizante, ainda não percebo o termo lésbico como tendo um uso cotidiano, ou como parte da terminologiaêmica, já que as mulheres homossexuais em Florianópolis preferem utilizar o termo “guei” no genérico (masculino ou feminino), ou o pejorativo “sapatão”. Para Italo Moriconi Jr. (In: Facco, 2004, p. 11) a palavra lésbica, apesar de soar “ofensiva a ouvidos desacostumados [...] não tem a conotação científica que de qualquer forma impregna o termo ‘homossexual’, nem conta ainda com o favor midiático que cerca o vocábulo ‘gay’. *Lesbian is beautiful*”. As palavras lesbianas e lesbianidade também têm sido utilizadas na academia e em alguns segmentos dos movimentos organizados.

²¹ De acordo com Adriana Nunan (2003, p. 77-78) “o termo *orientação sexual* surgiu na década de 80, como uma forma de expressar a natureza profundamente enraizada do desejo sexual”. O uso deste conceito é polêmico pois implica no envolvimento de fatores biológicos na determinação do desejo. Trata-se de um conceito médico, na verdade. Burr (citado por Nunan, 2003) afirma que até a criação deste termo, a homossexualidade era encarada como uma *preferência sexual*. Utilizo o conceito de orientação por entender que ela não pode ser considerada como fixa no sujeito, pois também poderá variar com a passagem do tempo. Butler (2003, p. 224) enfatiza: “as próprias ‘orientações’ raramente são fixas, se é que jamais o são. Obviamente elas podem mudar ao longo do tempo, e estão abertas a reformulações culturais que não são de modo algum unívocas”. A orientação do desejo sexual pode ser dirigida exclusivamente para pessoas do sexo oposto, para pessoas do mesmo sexo, ou dirigida para pessoas dos dois sexos, ou transgêneros.

especialmente as imagens que os gueis e as lésbicas têm de si mesmos. As formas como os homossexuais se relacionam com as sociedades em que vivem, onde eclodem questões como homofobia, maior ou menor repressão sexual, regras totais, etc, foi discutida por vários autores como Butler (1991), Vance (2002), Lambevski (1999) e a própria Heilborn (1992) quando trata da conjugalidade. Não há como falar sobre repressão, intolerância da sociedade, como se não fizessemos parte dela. Somos produtos e produtores de nossas relações com os outros e a sociedade em geral.

A cidade (o espaço) se transforma ao longo de um período de tempo (a temporalidade), fazendo com que a sua população também experimente novas formas do viver em sociedade. Os valores morais, tradições, hábitos e normas se entrecruzam em roteiros sociais historicamente construídos, fazendo com que se realizem, no mínimo, pequenos avanços cotidianos, mas também alguns recuos. Isto sem falar nos processos globais de mudança que influenciam todos os aspectos da vida diária, inclusive as práticas sexuais. Por sua vez, a homossexualidade, aqui considerada como uma produção discursiva, só existe dentro dos limites de um território e de um período histórico onde, enquanto participa de outras transformações, também vai se transformando. Ao trabalhar com os significados locais das homossexualidades, podemos contribuir para a compreensão das mudanças socioculturais que ocorrem no mundo atual. Florianópolis, como capital de Santa Catarina, costumeiramente é considerada por muitos gueis e lésbicas como um lugar privilegiado para o exercício de uma mínima liberdade sexual. Sua urbanização garante um certo anonimato e contatos relativamente impessoais, favorecendo a criação de espaços onde se possa encontrar outros homossexuais e estabelecer um “mundo” social. Outros, no entanto, acham a cidade ainda bastante conservadora. Uma particularidade observada em Florianópolis, que a aproxima das demais capitais de estado, é o fato de ser destino de migrantes de outros lugares, que, estando longe de seus familiares, vivem as homossexualidades de forma menos vigiada.

Um fenômeno que deu visibilidade aos pedaços de circulação dos homossexuais foi o uso do conceito GLS, isto não só em Florianópolis. Trevisan (2000, p. 376) fala que a adoção deste termo possibilitou numa “ruptura do gueto homossexual”, agora não mais restrito a uma boate ou a um bar, mas sim expandido para qualquer espaço dentro da sociedade. A introdução da idéia de simpatizante flexibiliza as fronteiras do convívio social, juntando no mesmo espaço gueis, lésbicas, bissexuais, heterossexuais, e qualquer outro sujeito, representante de uma sociedade pluralista.

Nas décadas mais recentes, com o incremento dos cursos de pós-graduação em ciências humanas e sociais, muito se tem pesquisado e discutido sobre a questão das

homossexualidades no Brasil. Nos últimos anos tem havido um grande estímulo para estudos sobre a homossexualidade, especialmente a masculina e sua interligação com as DST/AIDS²². Richard Parker (2002, p. 38) reconhece que “é interessante notar que boa parte desse trabalho foi feita por estrangeiros que, como eu, moraram e trabalharam no Brasil por um longo tempo...”. Com certeza estava se referindo aos trabalhos de Fry (1982), MacRae (1990), Perlongher (1987), Green (2000), dentre outros, contudo, alguns trabalhos desenvolvidos sobre as homossexualidades aqui em Florianópolis, muito me ajudaram a compreender a dinâmica de suas vivências e os processos encontrados pelos sujeitos homossexuais para a convivência com as pessoas e os espaços da cidade²³. Não quero dizer com isto que pretendia analisá-las de forma isolada, num lugar específico, como se estivessem desvinculadas da sociedade globalizada, pois as vivências homossexuais estão atravessadas de diferentes significados e com um fluxo interativo e contínuo de pessoas, idéias. Parker (2002, p. 32) assinala que “trabalhar com a interseção entre os significados locais através dos quais as homossexualidades são vividas e experimentadas, e os processos globais que cada vez mais se chocam com os contextos e significados locais” serve como contribuição para “uma compreensão mais completa das muitas mudanças que ocorrem na organização e na articulação de sexualidades diversas no mundo moderno/pós-moderno”. Por conseguinte, o que pretendi realizar foi, seguindo o modelo de Berutti (2002), uma “devoração cultural”, no sentido proposto pelo criador do termo, o modernista Oswald de Andrade, ou seja, absorver informações sem perder a autonomia. Devorar, sem medo, as influências para criar uma história vibrante, sem esquecer de inseri-la em um tempo determinado, procurando evitar afirmações definitivas ou categóricas.

No artigo intitulado “Estudos Gays e Lésbicos no Século XXI: imitação ou devoração Cultural?”, Elaine Borges Berutti lembra um episódio marcante da história do Brasil, a morte do bispo Sardinha que foi devorado por índios canibais quando tentava catequizá-los. “Ao invés de aceitarem a mensagem cristã, os índios literalmente a devoraram, através de um ato de canibalismo, em que sua identidade cultural foi preservada e não

²² Ao optar em escrever AIDS em letras maiúsculas estou me inscrevendo numa corrente epistemológica que entende ser esta, mais que uma nova palavra, uma sigla que se refere a uma síndrome. Mesmo que esta síndrome seja a do preconceito. Para Pinel & Inglesi (1996, p. 11), “mais do que uma doença, a AIDS é uma denúncia. Ela expôs e continuará expondo nossas vulnerabilidades biológicas, sociais e afetivas”. Vance (2002) mostra como a ligação DST/AIDS levou a pesquisa para o campo biomédico.

²³ Cito, especialmente, as dissertações de mestrado a que dediquei uma análise mais pormenorizada no próximo capítulo da tese, Regina Maria Erdmann (1981), Teresa Adada Sell (1987), Marcelo José Oliveira (1997), Edmilson Antônio Dias (1998), Luiz Fernando Neves Córdova (2000), Rosane Maria de Godoy (2001), Juliana Perucchi (2001), Anna Paula Vencato (2002) e Marco Aurélio da Silva (2003) que tratam da vivência de homossexualidades na cidade de Florianópolis, além da monografia de Isair Bernardo Schwinden (2003).

destruída” (2002, p. 138). Para a autora, ao realizarmos uma apropriação ativa estamos absorvendo e transformando o que “vem de fora”. Ao interpretar as especificidades das homossexualidades locais a partir da compreensão de processos e mudanças históricas, procurei não ficar apenas buscando similaridades ou estabelecendo diferenças. Richard Parker (2002, pp. 296-7) também fala neste “canibalismo cultural” onde “as influências externas são digeridas, absorvidas e incorporadas a fim de adaptá-las aos objetivos e significados locais – e em que o próprio ato de incorporação pode subverter parcialmente as estruturas da dominação cultural que ela simultaneamente proclama”. Nesta tese isto busca se realizar quando tento estabelecer o diálogo entre as informações trazidas por diferentes autores com aquelas desenvolvidas por alguns dos pesquisadores que cursaram programas de pós-graduação na UFSC.

As vivências homossexuais na Ilha: a busca de um espaço

*... Eu só quero saber
em qual rua a minha vida.
vai encostar na tua....
(Ana Carolina)*

As vivências homossexuais ainda são um assunto que causa muita polêmica e mal-estar. Tratam-se de práticas que se constróem há muito tempo e que agora estão se tornando cada vez mais visíveis, quer pelo advento da AIDS, quer pelos movimentos mundiais de busca de identidade e de direitos de cidadania, realizados desde o final do século XIX por minorias excluídas ou marginalizadas. Talvez tudo o que apresento não tenha sustentabilidade num futuro próximo, no entanto, procuro mostrar de forma comparativa, as especificidades das experiências de alguns homossexuais na Ilha de Santa Catarina nos últimos quarenta anos. Sem a pretensão de ser exaustivo ou dar conta de toda a questão, pontuo alguns aspectos que ajudam a compreender e a estabelecer uma perspectiva de diálogo entre a academia e a militância política sobre questões pertinentes à homossexualidade, que possam contribuir para conhecer o período em que vivemos. Apesar de trabalhar com um número reduzido de informantes e, em sua maioria, oriundos das camadas médias, com comportamento “discreto”, cujas idades variam de 18 a 71 anos, é possível compreender os modos pelos quais alguns homens e algumas mulheres foram desenvolvendo formas de interagir na busca da satisfação de seus desejos homoeróticos. Sem exaltar a

homossexualidade, muito menos denegri-la, procuro mostrar a sua existência como uma das formas de expressão da sexualidade.

Peter Fry (2000, p. 09) lembra que, num passado recente, no Brasil do tempo do regime militar pós 64, as esquerdas não viam com simpatia a “política de identidades” desenvolvida pelas minorias. Havia uma “luta maior”, a da implantação do socialismo, que resultaria no fim de todas as opressões, assim “os movimentos das minorias eram desqualificados como uma forma de *luta menor*”. Quando não eram considerados “resquícios do capitalismo, representantes da decadência burguesa”. Não distinguiam que os movimentos de minoria, numa análise geral, contribuíam e têm contribuído para uma transformação da sociedade, reivindicando diferentes modos de mudanças, e não somente no nível econômico. Pensando sobre estas formas de tensões, Fry (id., p. 15) assinala “que o processo social não descarta o passado quando inaugura o aparentemente novo”.

Assim, nas últimas décadas do século XX foi possível constatar que alguns grupos de homossexuais brasileiros já empreendiam ações visando à defesa dos seus direitos civis e atuavam contra qualquer tipo de discriminação ou violência contra gueis e lésbicas. As discussões destes grupos abrigavam temas tão díspares como: os gueis e o carnaval; o *outing*²⁴, a necessidade de não esconder a orientação sexual (o “assumir”); propostas de projetos que proíbem a discriminação homossexual, na Constituição Federal e nas legislações municipais²⁵ e estaduais²⁶, o projeto que regulamenta a união civil entre homossexuais²⁷; a adoção de filhos por casais homossexuais; a legalização da mudança de sexo e a ampliação dos programas de combate à AIDS.

A visibilidade tem sido a principal estratégia, proposta e implementada por ativistas homossexuais, para diminuir o preconceito e a violência dele derivada contra gueis e lésbicas, a partir da demonstração pública da diversidade sexual. A proliferação de “famílias

²⁴ Gíria que indica a revelação pública de orientação sexual. Poderia ser compreendido como o “denunciar” publicamente a sexualidade de alguém, um xingamento, ou “assumir” a sua própria. O ato de “sair do armário” (coming out of the closet) se refere à opção de assumir socialmente a sua homossexualidade. “In the closet”, significa aquele homossexual que não se “assumiu”, continuaria preso num armário: escondido, cheio de vergonha e culpa. Situando esta discussão no Brasil, o antropólogo Luiz Eduardo Soares (2002, p. 133) escreveu um artigo. “Sair do armário e entrar na gaveta”, onde aborda a “necessidade” e os “riscos” desta prática.

²⁵ Em Florianópolis (SC) foi instituída uma emenda à Lei Orgânica do município que garante a “igualdade absoluta entre os cidadãos” (09/agosto/1994). Esta proposta foi apresentada pelo vereador Márcio de Souza (PT).

²⁶ Na véspera do dia mundial do Orgulho Guei (28 de junho) a Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina aprovou a emenda que estabelece a inclusão da livre orientação sexual entre os direitos e garantias da Constituição Estadual. A proposta de emenda foi apresentada pela deputada Ideli Salvatti (PT), dia 31 de maio de 2002 e aprovada por unanimidade. Proposta semelhante havia sido apresentada pela mesma deputada no ano de 2000, mas fora vetada pelo governador e o veto mantido pelo plenário da AL.

²⁷ Em 1985, a então deputada federal Marta Suplicy (PT/SP) apresentou um projeto de lei que visava o reconhecimento das relações entre pessoas do mesmo sexo (PL nº 1.151/95). Este projeto não se referia a

homossexuais”, o crescimento do movimento *transgender*²⁸, e o surgimento do movimento *barebacking*²⁹, são exemplos deste fenômeno que está provocando uma nova reorganização social da sexualidade. O interesse pelo estudo da homossexualidade no campo científico surge, então, a partir da repercussão dos movimentos sociais, assim como aconteceu com os estudos feministas e étnicos, entre outros. Na academia já são inúmeros os trabalhos produzidos, especialmente sobre a homossexualidade masculina.

Dar ouvido ao que dizem os homossexuais possibilita não apenas reconhecer as diferenças entre os sexos, ou a história de cada um, mas especialmente reconhecer a riqueza das subjetividades e identificar, entre outros aspectos, a forma como gênero e sexualidade são vivenciados em distintos períodos históricos, em uma dada sociedade. Refletir não somente sobre o que mudou, mas principalmente analisar as permanências no discurso, verificando até que ponto as transformações pelas quais a cidade passou, foram sentidas como afetando as relações dos gueis e lésbicas, entre eles/as e com a sociedade mais ampla.

Produzir uma reflexão teórica sobre a homossexualidade é colocá-la no registro de uma análise intelectual, saindo das habituais discussões de senso comum, geralmente pleno de juízos de valor, tanto quanto procurando o afastamento dos discursos de militância, que irrompem quando se fala no assunto. Denílson Lopes (2002, p. 21), num registro autobiográfico, afirma que a delimitação dos estudos gueis no Brasil “implica um salto em relação aos esforços desenvolvidos por intelectuais em diversas áreas do conhecimento e na militância política”. Acredita que se faz necessário assumir uma perspectiva interdisciplinar que evite o isolamento do tema em departamentos ou disciplinas, o que acaba afastando a universidade da vida cotidiana.

Circulando pelos bares e boates florianopolitanos direcionadas ao público homossexual observa-se uma grande discrição destas casas. Embora estejam presentes na noite da Ilha desde o final da década de 70, estes espaços nunca foram exclusivamente homossexuais e parecem estar mais próximos de uma atitude *friendly* ou simpatizante, pois é comum a presença de heterossexuais (*straights*) nestes ambientes. Atualmente, a grande maioria destes locais não apresenta qualquer referência explícita às práticas ou preferências

casamento, mas instituía uma “parceria civil registrada”, que assegurava direitos de cidadãos, que até então eram negados aos homossexuais. Este Projeto ainda não foi apreciado pela Câmara dos Deputados.

²⁸ Em português transgênero engloba qualquer pessoa que desafie as fronteiras de masculino e feminino. Não é especificamente travesti, transformista, transexual, *drag-queen* ou *cross-dressers*, mas qualquer um desses agrupamentos. Tanto pode ser homossexual, como heterossexual, ou bissexual, o importante é a manifestação do travestismo.

²⁹ Trata-se, no dizer de seus adeptos, de uma revolta contra a obsessão contemporânea pelo sexo seguro. É um movimento onde os participantes, tanto soropositivos quanto soronegativos para AIDS, praticam e exaltam a relação sexual sem o uso de preservativos.

sexuais de seus freqüentadores, como as reproduções dos pôsteres do finlandês *Ton of Finland*, que decoravam as paredes de diversos bares e boates, da década de 80, mostrando a figura de homens gueis e hipervirís em uniformes e com portentosos pênis. Parecem ter encontrado respaldo naqueles indivíduos que se definem através da sigla GLS, ficando distantes, portanto, do modelo norte-americano de guetização.

Este trabalho se inscreve na ordem daqueles que se empenham para dar mais visibilidade aos homossexuais masculinos e femininos. Procurei realizar um diálogo com uma série de autores, de preferência contemporâneos que, longe de apresentarem respostas às minhas dúvidas e inquietações, ajudaram-me a continuar perseguindo formas de interpretação das diferentes “experiências” humanas, ou concepções de mundo.

No primeiro capítulo – **Refletindo sobre homossexualidades** – delimito o “meu” discurso, ou seja, a partir de uma reflexão interdisciplinar explícito o lugar teórico de onde tento discutir o apreendido e, assim, apresento a maneira como vejo a questão de uma “identidade”, uma “subcultura” homossexual. Em seguida, apresento aspectos de lutas de alguns homens e algumas mulheres na busca dos seus direitos civis. Neste capítulo, analiso as dissertações de mestrado defendidas na UFSC que têm as homossexualidades como seu foco principal.

O capítulo dois – **A caminhada** – focaliza a maneira escolhida para a realização desta tese de doutoramento. O caminho percorrido na escolha do tema de pesquisa, os questionamentos e, principalmente, o método que me ajudou a problematizar a questão das vivências homossexuais. Como venho circulando pelos espaços que procuro descrever apresento o modo como fui “estranhando o familiar” e, ao falar do meu lugar, vou descrevendo os procedimentos metodológicos até “assumir” o papel de pesquisador. No final do capítulo, descrevo a maneira como fui encontrando os meus entrevistados.

No terceiro capítulo – **A cidade e os sujeitos** – o foco está nas transformações ocorridas na cidade de Florianópolis e na maneira como os sujeitos da minha pesquisa foram participando destas mudanças. No início, precisei falar sobre alguns dos processos ocorridos em Florianópolis e que transformaram as vivências na cidade, mas que ainda a deixaram com características de um lugar pequeno onde é possível ver homens passeando com gaiolas de passarinho, assistir as correrias das farras de boi e as brincadeiras do boi-de-mamão, as cantorias dos ternos-de-reis, passear nas festas do divino. Em seguida, ao falar das territorialidades homossexuais na Ilha, achei necessário apresentar a Praça XV, onde “tudo” começou e comentar as falas a respeito das questões homo na imprensa da cidade, escolhendo um dos personagens mais conhecido do “povo” ilhéu, o jornalista Beto Stodieck. A Praça XV

foi e continua sendo um dos mais importantes redutos de sociabilidade na Ilha, para gueis e não gueis. Beto talvez tenha sido o primeiro “repórter” que, atuando na grande mídia, noticiava fatos e acontecimentos relacionados também à vida de homens e mulheres homorientados. Enfim, procuro mapear as trajetórias de homossexuais por bares e boates e que foram dando visibilidade à convivência homoerótica na cidade. O percurso transcrito vai do antigo bar *Samburá* (anos 60) até o beijaço em frente ao *Bob's* (2005).

O quarto capítulo – **O tempo e as homossexualidades** – trata das vivências das homossexualidades na cidade. Optei em apresentar os sujeitos entrevistados a partir de uma divisão arbitrária em três gerações, os sujeitos de meia idade, os adultos e os jovens, centrando a análise em suas percepções sobre seus modos de vida a partir da noção de territorialidades diferenciadas. Por fim, acabei realizando uma análise da percepção da AIDS pelo olhar das três gerações arbitradas. Todos os gueis entrevistados apresentaram a sua visão da síndrome assim como descreveram os cuidados que desenvolveram desde o seu aparecimento.

No quinto capítulo – **As travestis** – apresento três sujeitos de diferentes gerações que foram conquistando o seu espaço, produzindo-se socialmente, e onde as desvinculações das amarras biológicas ou anatômicas podem ser mais facilmente observadas. Segundo Butler (1991), Laqueur (2001), Nicholson (2000), entre outros, os sujeitos transgêneros ajudam a denunciar o caráter construído do gênero, suas “performatividades” mostram como as “verdades” sobre masculinidades e feminilidades são construções culturais. Assim como os demais sujeitos entrevistados, a presença das travestis nos obriga a refletir sobre os processos de mudança social, a transformação cultural.

Gostaria que este trabalho fosse compreendido, principalmente, como um discurso contra qualquer tipo de intolerância.

Capítulo I

REFLETINDO SOBRE HOMOSSEXUALIDADES

*A homossexualidade não deveria ser explicada,
ela apenas existe³⁰.
(Colin Spencer)*

Adoto, aqui, o ponto de vista de que a expressão da sexualidade é resultante de condições sócio-históricas e culturais específicas e não um produto determinado por condições biológicas do sujeito. Um posicionamento analítico diferente do apresentado por Colin Spencer na epígrafe, para quem ela apenas existe, como um fato da natureza. A partir dos movimentos de rua e da articulação dos grupos representativos dos gays e lésbicas, pode-se observar uma aproximação maior dos homossexuais com as áreas que lidam com as questões dos direitos humanos e da conquista ampla da cidadania. Neste sentido, é possível afirmar que as ciências que, até então, detinham o poder/saber sobre a homossexualidade, a biologia, a medicina, a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise, vão se aproximando de saberes como o direito, a antropologia, a sociologia e a história, que produzem novos discursos sobre ela, onde a ênfase se dá na inserção do sujeito no seu contexto social. Um tema interdisciplinar.

³⁰ O escritor irlandês Oscar Wilde (1854-1900), no final do século XIX, dizia que “a vida não é para ser descrita. A vida é apenas para ser vivida” (Rolleberg, 2001, p. 09).

1. Delimitando um discurso sobre identidades e nomeações.

*É preciso não ser homossexual
mas sim buscar encarniadamente ser gay.
Interrogar-se sobre nossa relação com a homossexualidade
é antes de tudo desejar um mundo onde essas relações sejam possíveis,
mais do que simplesmente ter o desejo de uma relação sexual
com alguém do mesmo sexo.*
(Michel Foucault)

Através da história³¹ é possível observar que os discursos sobre homossexualidade têm oscilado, geralmente, entre diferentes concepções. Em 1982, Peter Fry investigava a homossexualidade masculina procurando “desfocar a discussão da sexualidade do campo da medicina e da psicologia para colocá-la firmemente no campo da antropologia social” (p. 87). Fry, na ocasião, chamava a atenção para o fato da personagem social “bicha³²” em Belém/PA, ter pouco ou nada em comum com outro personagem social chamado “homossexual”, “entendido” ou “gay”, pertencente às camadas médias de outras metrópoles brasileiras. Este fato evidenciava que havia “várias maneiras de compreender a sexualidade masculina no Brasil, e que estas varia[va]m de região para região, de classe para classe social e, sobretudo, de um momento histórico para outro” (id., p. 88).

Em grande parte do discurso biomédico, a homossexualidade é tratada como desvio ou perturbação moral (portanto, condenável), ou como doença (consequentemente,

³¹ Importante salientar que a história não pode ser compreendida como neutra e sim sujeita a diferentes interpretações que organizam o passado, portanto, como afirma Montenegro (2001, p. 17), uma representação do real onde “a idéia do que é ou não importante vem sendo objeto de significativas mudanças”. Paul Veyne (1983, p. 32) assinala que “quando muito pode-se pensar que alguns fatos são mais importantes que outros, mas essa importância depende inteiramente dos critérios escolhidos por cada historiador e não tem grãseza absoluta”. Um exemplo é a polêmica produzida por Luiz Mott (1998, p. 59) ao afirmar que o criador dos termos homossexual e homossexualismo não foi um médico e sim o jornalista e advogado húngaro Karol Maria Kertbeny, ao escrever para os jornais, em 1869, lutando “contra o parágrafo 175 do Código Penal Alemão, que condenava os praticantes do amor ao mesmo sexo à prisão com trabalhos forçados. Para proteger sua pessoa e conferir maior respeitabilidade à defesa desta minoria discriminada, Kertbeny usou o pseudônimo de dr. Benkert, embora nunca tivesse sido médico”. No livro “Escravidão, Homossexualidade e Demonologia” (1988a, p. 42), Mott afirma que este vocábulo foi “cunhado em 1869 por Benkert e divulgado em 1870 pelo médico alemão Westphal”. De acordo com Colin Spencer (1996) a palavra homossexualidade aparece na língua inglesa na década de 1890 com a tradução do livro *Psycopathia Sexualis*, de R. von Kraft-Ebing (p. 11). De acordo com James Green (2000, p. 113), “aparentemente”, a primeira vez que este termo foi empregado no Brasil foi na literatura médica de Viveiros de Castro na obra “Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual”, em 1894.

³² “No Brasil, nada ilustra tão bem o estatuto de meio-homem, meio-besta do homossexual quanto a palavra ‘bicha’. ‘Bicha’, segundo Parker é um tipo de verme e, ao mesmo tempo, um animal, um bicho, neologicamente feminilizado (Costa, 1992, p. 94). Richard Parker (1990, p. 77) aponta que é como feminino de *bicho* que a palavra *bicha* “atrai mais claramente a imaginação popular”.

passível de cura). Ao final do século XIX, apareceram outras concepções que buscavam caracterizar os sujeitos homossexuais como uma outra espécie, um terceiro sexo, naturalizando-os. Karl Heinrich Ulrichs (1825-1895), além de criar o termo *urning*, foi um dos primeiros médicos a solicitar justiça e humanidade para os amantes do mesmo sexo. Para este autor, todos os embriões eram iguais e somente mais tarde se dividiriam em três: o masculino, o feminino e o *urning*. Este último teria características físicas de um gênero, mas instinto sexual do outro. Uma pessoa tornava-se homossexual quando o processo físico de descartar um dos sexos não era acompanhado pela porção cerebral que controlava o instinto sexual, assim, um *urning* seria um homem aprisionado num corpo de mulher ou vice-versa³³. Este instinto seria inato e, portanto, natural. Se o pensamento de Ulrichs sobre a descoberta de que cada gênero conteria rudimentos dos órgãos do outro passou a influenciar outros médicos, o mesmo não se pode dizer sobre a sua compreensão humanitária do terceiro sexo (Spencer, 1996).

O interesse científico para a etiologia da homossexualidade havia sido despertado. Logo as primeiras teorias médicas sobre a homossexualidade foram sendo apropriadas pelas classes dominantes e especialmente as igrejas católica e protestantes passaram a concordar com estas explicações, declarando a homossexualidade como uma anomalia, uma doença. De acordo com Peter Fry (1982, p. 100), ao deslocar a homossexualidade do campo do pecado para o controle da medicina, “os médicos não se satisfizeram apenas em declarar a homossexualidade uma anomalia orgânica, pois as origens endócrinas dessa ‘doença’ também acarretariam outras patologias. [...] surge o ‘homossexual’ que é esquizóide, paranóide, etc”. Ao dividir o mundo entre sujeitos homossexuais e heterossexuais, com a bissexualidade como intermediária, a ciência biomédica produziu a condição homossexual que, por sua vez, ajudou a legitimar, com suas teorias, os valores sociais vigentes na época, a moral burguesa. Ou seja, a medicina, ao conceituar a homossexualidade como anormal, consegue materializar no corpo biológico os valores religiosos da culpa e do pecado (Spencer, 1996). É interessante observar que os próprios homossexuais acolhem a noção da homossexualidade como uma condição (Fry, 1982, p. 104)

O século XIX presenciou, dessa maneira, a transformação do discurso que falava no pecado da sodomia, no discurso que considera a homossexualidade como uma condição

³³ De acordo com Colin Spencer (1996, p. 290) os *urning* são diferentes dos uranistas. Enquanto os primeiros acreditavam na existência de um terceiro sexo, os segundos falavam de uma relação sentimental com seus jovens protegidos, como numa relação socrática entre o mestre e o discípulo. De preferência que seus amados fossem oriundos de classes trabalhadoras. O movimento “uranista” começou na década de 1870 e se referia aos poetas,

patológica dos sujeitos³⁴. Esta nova noção atingiria não somente os praticantes da sodomia, mas todas as pessoas que praticassem algum ato erótico/sexual com alguém do mesmo sexo. Aqui se incluíam, inclusive, aqueles e aquelas que sentiam o desejo por tais práticas. Se antes o pecado ficava restrito a uma prática, agora, com a identificação da homossexualidade, o próprio sujeito passa a ser visto como doente. Neste sentido, o discurso médico do século XIX transformou aquilo que era visto como um comportamento sexual, numa identidade sexual. Nas palavras de Michel Foucault (1980, p. 43):

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo...

Isto significa, no dizer de Foucault (1980) que o sujeito passa a ser conceituado e moralmente julgado pela sexualidade, isto enquanto uma questão médica e biológica. Passa a existir um tratamento prescrito para a sua cura, com a conversão à heterossexualidade. Institui-se uma tradição, ainda presente nos meios conservadores, que marca a sexualidade até nossos dias. O livro a “História da Sexualidade” (1980) nos permite reconhecer a relevância do sexo como um fenômeno cultural moderno e a não considerá-lo como decorrência de uma “essência” humana que seria de cunho sexual.

O trabalho de Thomas Laqueur (2001 [1992]) mostra o percurso desenvolvido para a distinção entre os sexos, tal como é concebida nos dias de hoje. Fabíola Rohden (1998, p. 02), analisando o trabalho de Laqueur, afirma que o enfoque do autor “parte dessa centralidade do corpo na ordem social. Porém, isso não significa que tenhamos de pensá-lo como algum tipo de substrato irreduzível, muito pelo contrário, é preciso levar às últimas consequências a idéia de que ele também é objeto de construção”. Isto significa que, em outras palavras, não se pode ignorar o corpo, mas que as concepções de corpo também são construções históricas, contextualizadas.

De acordo com o autor, o trabalho de Galeno, no século II d. C., veio demonstrar com detalhes, o que há muito tempo já se sabia, que “as mulheres eram essencialmente

professores, clérigos e pintores que celebravam o amor entre homens e meninos. Trata-se de um termo criado por Timothy d’Arch Smith em seu livro sobre o assunto “Amor com franqueza” (Spencer, 1996).

³⁴ Um livro que exerceu grande influência nos tratamentos médicos da época foi *Psychopatia Sexualis*, de R. von Krafft-Ebing, publicado pela primeira vez em 1886. Ele era católico e possuía a visão do sexo unicamente destinado à procriação. No seu livro reuniu centenas de casos que incluíam sadismo, masoquismo e vários fetichismos. Krafft-Ebing via a homossexualidade associada ao travestismo e achava ambos degradantes. Também escreveu de modo bastante mórbido sobre o lesbianismo, pois o associava com a insanidade por

homens, nos quais uma falta de calor vital – de perfeição – resultara na retenção interna das estruturas que no homem são visíveis na parte externa” (Laqueur, 2001, p. 16). Durante muitos anos acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens, porém devido à falta de “energia vital”, esta ficara internalizada em seus corpos. As diferenças entre os corpos eram percebidas pressupondo uma hierarquia entre eles, contudo, havia a possibilidade de conversão de um sexo no outro pelo excesso de calor. No regime do sexo único as mulheres não eram tão perfeitas quanto os homens, os corpos femininos eram compreendidos como uma versão menos evoluída do corpo masculino. Foi por volta do século XVIII, “que a natureza sexual humana mudou” (id., p. 17). A partir deste momento, instalava-se o modelo de dimorfismo radical, onde as diferenças entre os sexos passariam a ser vistas em todo o seu aspecto físico e moral. Com as mudanças na ordem política e ideológica das sociedades ocidentais onde os seres humanos passaram a ser considerados iguais, foi preciso estabelecer uma desigualdade entre os gêneros a partir da natureza. Os anatomistas começaram a conceitualizar o corpo feminino como um outro corpo e a afirmar que o sexo não se limitava aos órgãos da reprodução. “A diferença sexual em espécie, não em grau, parecia solidamente baseada na natureza” (id., p. 17). Esta formulação biológica, de um corpo estável, não histórico e sexuado, logo torna-se dominante indicando que “há dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres, seus papéis no gênero, são de certa forma baseados nesses *factos*” (id., p. 18).

Segundo Laqueur, essas transformações discursivas sobre o corpo não tiveram apenas como causa as descobertas científicas, mas teriam ocorrido em consequência de uma pluricausalidade de programas culturais (novos contextos sociais, econômicos, políticos, culturais e eróticos) associados a um clamor social. A nova maneira de compreender o corpo só seria possível em decorrência de um novo contexto político que se apresentava à época do Renascimento. O papel da ciência ia se tornando cada vez mais fundamental. As diferenças biológicas, a partir de então diagnosticadas pelos cientistas, passaram a servir de base para que os pensadores sociais dissertassem sobre as diferenças inatas entre homens e mulheres e estabelecessem diferenciações sociais. Laqueur também recorre a Sigmund Freud para afirmar que os sujeitos procuram legitimar diferentes criações culturais através do recurso de tê-las como naturais (Rohden, 1998).

Para Maria Luiza Heilborn (2000, p. 45), “o exercício analítico a que Laqueur se dedica tem por consequência levantar dúvidas sobre o consenso a partir do qual a categoria

anomalias cerebrais – um sinal de “doença hereditária do sistema nervoso central” e “sinal funcional de degeneração” (Spencer, 1996, p. 276).

gênero foi construída, pressupondo-se uma imutabilidade do sexo”. Neste mesmo sentido, também são importantes os trabalhos de Judith Butler e Gayle Rubin.

A antropóloga Gayle Rubin, no texto *A Circulação de Mulheres*³⁵, propôs o sistema de sexo/gênero para descrever “o conjunto de arranjos pelos quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e no qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (1975, p. 02). Neste ensaio, a autora diz que o movimento feminista deveria mais do que sonhar “com a eliminação da opressão das mulheres, [...] sonhar com a eliminação da sexualidade obrigatória e dos papéis sexuais” (p. 31). Gayle Rubin, ainda fala do sonho que mais a atrai, o de “uma sociedade andrógina e sem gênero (mas não sem sexo) na qual a anatomia sexual de alguém seja irrelevante para o que ele é, o que faz e com quem se deita” (ibid.). Em 2003, numa entrevista concedida a Judith Butler, a autora diz que, no *Traffic*, pretendia “colocar o gênero e a sexualidade num contexto social” (p. 167) e que nunca afirmou que “a sexualidade e o gênero estão sempre dissociados, apenas que eles não são idênticos. Além disso, suas relações são situacionais, não universais e devem ser analisadas em situações particulares” (p. 205). Para Rubin o sistema sexo/gênero é o processo através do qual a sexualidade biológica é culturalmente transformada em ação.

A partir da compreensão da sexualidade como uma construção cultural e histórica, muitas pesquisas têm se voltado para a maneira como compreendemos e interpretamos essa experiência. Richard Parker (2000, p. 48), por exemplo, afirma que “compreender o comportamento individual é menos importante do que compreender o contexto de relações sexuais, que são necessariamente sociais e envolvem negociações complexas entre diferentes indivíduos”. De fato, as pesquisas sociais têm demonstrado uma ampla gama de variações nos diferentes espaços culturais e momentos históricos, longe dos modelos biomédicos ocidentais que estabelecem uma relação necessária entre desejo, comportamento e identidade sexual (Parker, 2000).

Neste sentido, Peter Fry, no prefácio do livro de James Green (2000), elogia o autor por descrever o seu “objeto” de estudo não utilizando esta “classificação” por orientação sexual, mas fazendo uso de formulações como “homens que gostam de outros homens”, ou, ainda, “homens que procuram outros homens para aventuras sexuais”, “erotismo do mesmo sexo”, “homens que gostam de relações sociais e eróticas com outros homens”. Estes autores procuram se distanciar de uma “identidade homossexual” perene e imutável “mantendo, dessa

³⁵ *The Traffic in Women* (1975).

forma, uma saudável distância entre os conceitos do narrador e os dos seus personagens” (Fry, 2000, p. 12).

Denise Portinari (1989, p. 27), estudando homossexualidades femininas, afirma que apesar desta ser “vivenciada, escrita e falada [...] não se cogita da existência de tal discurso”. Com certeza a autora estava se referindo a um determinado tempo, a década de 80 do século XX. Será que depois de mais de 15 anos algumas coisas não mudaram a respeito do discurso da homossexualidade feminina? Com certeza as mulheres lésbicas ganharam mais visibilidade social, apesar de ainda, de acordo com Portinari (id., p. 28), o discurso sobre a homossexualidade feminina estar “sempre entremeado com pelo menos três outros: o discurso da *feminilidade*, o discurso da sexualidade e o discurso amoroso”. A relativa ausência de registros sobre a lesbianidade, o silêncio, é denunciado pela autora que estava interessada em identificar “o discurso da homossexualidade feminina, [...] que favorece a configuração de um imaginário da homossexualidade feminina e se oferece à constituição de um sujeito dessa homossexualidade”. Judith Butler (1991), no artigo *Imitation and Gender Insubordination*, conta que foi chamada para teorizar sobre lésbicas e que para isto ela poderia tanto usar o conceito de lésbica quanto o de teoria. Que ela não se furtaria a tomar uma posição política e falar enquanto lésbica, mas que gostaria de problematizar este conceito. A partir desta perspectiva, ela foi trabalhando com a busca de afirmação política de uma identidade do movimento lésbico e, ao mesmo tempo, numa necessidade de reflexão sobre o próprio conceito. “Indeed, a Foucaultian perspective might argue that the affirmation of ‘homosexuality’ is itself an extension of a homophobic discourse”³⁶, Para Butler (2003b) a função crítica implica em falar de lugares, de campos e de domínios. Ao sugerir que se assuma uma posição crítica, a autora afirma que “o questionamento de condições tidas como evidentes torna-se possível, mas não se pode chegar lá através de um experimento imaginado, um *epoché*, um ato de vontade. Chega-se lá através do sofrimento da deiscência, de ruptura do próprio terreno” (p. 229)

Outra polêmica nos ambientes acadêmicos/politizados se refere ao uso do termo homoerotismo³⁷ no lugar de homossexualidade. Para João Bosco Góis (2004, p. 113), esta disputa para identificar os amantes do mesmo sexo, representa “mais do que dilemas semânticos, [...] viragens (ou tentativas de) conceituais significativas, notadamente novas

³⁶ “Na verdade, uma perspectiva foucaultiana de poder argumenta que a afirmação da ‘homossexualidade’ em si é uma extensão do discurso homofóbico”.

³⁷ O termo homoerótico cunhado por F. Karsh-Haak em 1911 e utilizado pelo médico psicanalista húngaro, dr. Sandor Ferenczi, foi divulgado no Brasil por outro médico, dr. Jurandir Feire Costa. Para Denilson Lopes (2002,

adesões à chamada *queer theory*³⁸ e aos pressupostos construtivistas utilizados na reflexão sobre a sexualidade”. Os defensores do uso do termo, como Wilton Garcia (2000, p. 13), afirmam que “a palavra homoerótico está conquistando cada vez mais espaço na denominação de um comportamento favorável ao erotismo entre duas pessoas do mesmo sexo”. Privilegiam “o ato, como atividade, ação homoerótica” (id., p. 13), evitando a estigmatização do sujeito em função de sua vida sexual, que estaria presente na palavra homossexual. Dizem que tal conceito exclui alusões a desvio, anormalidade ou perversão, pois se trata de um conceito “mais flexível” e que “descreveria melhor a pluralidade das práticas ou desejos de determinados sujeitos” (Nunan, 2003, p. 26). Fugiriam, assim, da classificação dos indivíduos por sua preferência sexual conforme é utilizada no discurso médico. O médico psiquiatra e psicanalista Jurandir Freire Costa (1992, p. 24) fala em não se comprometer “com o contexto médico-legal, psiquiátrico, sexológico e higienista” que criou os termos homossexualidade e inversão sexual, defendendo a utilização do termo homoerotismo.

Do ponto de vista do significado, como afirma Trevisan (2000, p. 37), “a vantagem do termo homoerotismo é indiscutível: ao contrário de homossexualismo, exclusivamente voltado para a prática sexual, sua abrangência pode abrigar uma gama bem ampla de comportamentos e tendências”. Acontece que, mesmo com a substituição lingüística, algumas pessoas continuam descrevendo a atração sexual entre pessoas do mesmo sexo de forma pejorativa e estigmatizante. Ainda nos encontramos num momento onde a categoria “homossexual” é a forma mais utilizada para definir o desejo entre pessoas do mesmo sexo. Mesmo que seja só uma questão de estilo ou “mera questão de método” (Trevisan, 2000, p. 37).

Utilizo, portanto, a palavra homossexual como categoria de análise e como afirmação de uma visibilidade, reconhecendo a importância das críticas dirigidas ao conceito. Para Butler (1991), a radicalidade intelectual é uma categoria política, ou seja desmontar categorias, desconstruí-las, localizar o objeto num campo de poder é uma radicalidade política. Sem sombra de dúvidas “é legal ser homossexual” (como afirma Mott, 2003), mas, como lembram o psicanalista Jurandir Freire Costa (1995), Judith Butler (1991), Carole Vance (2002), entre outros, não podemos perder de vista que qualquer uma dessas categorias não é universal e sim localizada num determinado momento histórico e cultural. Além do

p. 28) trata-se de um “termo clássico [...] com eco nos estudos universitários, mas praticamente não utilizado entre os militantes”.

³⁸ Literalmente a palavra “queer” significa “diferente”, “estranho”, “esquisito”, mas, ela é comumente usada como significando o que no Brasil é nominado como “bicha”. Em outro sentido, os “estudos *queer*” vão além

mais, não se pode esquecer daquele guei ou lésbica que não se assume, ou que ainda não “saiu do armário”, e que merece tanto respeito quanto os demais. Importante lembrar que nem sempre o fato de não assumir uma “identidade” homo significa permanecer no armário, ou não se assumir. Outro aspecto que ressalta dos textos de Mott parece ser aquilo que Vange Leonel denominou como uma “romantização da exclusão” (Leonel, 2001, pp. 82-3), onde a permanência na margem parece se confundir com uma opção pela não interferência na ordem estabelecida.

As novas denominações, portanto, também são imprecisas sobre o que pretendem “enquadrar” e buscam amenizar o impacto, ou peso histórico, da palavra homossexual, mas não conseguem a sua substituição em definitivo. Tanto que os autores que recorrem a estes novos recursos, também continuam se referindo aos adeptos do “amor que não ousa dizer o seu nome” como homossexuais. Acredito ser importante relativizar o termo homossexualidade não impondo categorias, esquecendo a busca de uma palavra única, pensando em realidades sobrepostas e, algumas vezes, contraditórias. Explicar as categorias nativas e explicitar o lugar social de onde se fala. Neste sentido, Néstor Perlongher (1987, p. 41) assinala o fato de que o lugar social “também é um lugar discursivo: multiplicidade de discursos que referem e encarnam o real desde óticas diferentes, vacilando entre a literatura e o saber, entre a alucinação e a objetividade, entre a imediatez do verbal e o estranhamento da escritura”. Podemos pensar as homossexualidades como resultado de arranjos particulares de uma certa discursividade, em lugares e tempos. Aliás, expressões como homossexualidade, homossexualismo, homoerotismo, gueis, lésbicas, bichas, sapatões, assumem diferentes significações a partir do contexto em que são empregadas e representam a complexidade existente sob o universo de homens e mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com parceiros do mesmo gênero. Para Denílson Lopes (2002, p. 19) “se o século XX foi o século das mulheres, [...] o século XXI bem pode ser aquele em que a homossexualidade se institucionaliza e se estabiliza socialmente”.

O olhar sobre a multiplicidade de manifestações da sexualidade, com o interesse voltado para a questão da homossexualidade, costuma utilizar termos como orientação sexual, condição, opção, posição, para falar a cerca do desejo, da escolha de parceiros, das práticas ou comportamentos homossexuais. A preferência pelo emprego do termo “orientação” sexual ocorre por acreditar que a orientação afetivo-sexual é desenvolvida e internalizada pela pessoa

desta tradução, impondo-se contra as identidades fixas; de uma forma ambígua o termo se coloca como um posicionamento político de resistência transgressiva pela resignificação do desejo.

e não depende de escolha pessoal³⁹. Em absoluto, poderia concordar com a idéia de uma “opção sexual” consciente, sobretudo a partir de minhas pesquisas anteriores⁴⁰ e de trabalhos como o de Colin Spencer (1996, p. 361), o qual afirma que 99% dos seus entrevistados “valorizavam a sua própria tendência sexual contra qualquer ‘conversão’ ao heterossexualismo, embora muitos concordassem que suas vidas seriam bem mais fáceis se fossem heterossexuais”. Entendo que a única escolha é aquela relacionada com a maneira como o sujeito lida com a sua orientação sexual. Para Carole Vance (2002) a sexualidade é um terreno político e simbólico ativamente disputado por diferentes grupos e ideologias. A partir dos séculos XIX e XX, além do crescente interesse do Estado, também os médicos e cientistas foram formulando um discurso, regulando-o e o legitimando como os profissionais especialistas no assunto. No entanto, grupos minoritários progressistas também lutaram para introduzir mudanças, novos modos de pensar e organizar a sexualidade.

Trato, portanto, da maneira como alguns homens e algumas mulheres vão se constituindo enquanto sujeitos, e vão se relacionando sexual, afetiva e emocionalmente com outros homens e mulheres. Longe daqueles estereótipos hegemônicos que estabelecem definições, é possível descobrir, numa ida a campo, uma diversidade muito grande. Assim, é apenas para efeito de pesquisa que me limito ao uso das terminologias guei, para identificar os homens homossexuais, e lésbica, para designar as mulheres homossexuais. Maria Luiza Heilborn (1996) nos lembra que a orientação sexual não traz consigo a identidade social de qualquer sujeito. Sigmund Freud (1986 [1905], p. 146) já afirmava que “a pesquisa psicanalítica se opõe com o máximo de decisão que se destaquem os homossexuais, colocando-os em um grupo à parte do resto da humanidade, como possuidores de características especiais”.

Devo frisar que este trabalho se ocupou em investigar vivências tanto de gueis quanto de lésbicas, apesar de reconhecer que a grande maioria dos estudos sobre as homossexualidades, no Brasil, está centrada no “universo” dos homens. Sem esquecer que gueis, lésbicas e travestis atualizam diferentes experiências de “identidade”, marcadas pelo gênero, ou seja, constroem diferentes feminilidades e masculinidades que precisam ser

³⁹ De acordo com Gayle Rubin (2003, p. 166) “as pessoas costumam achar que se algo é social é também um tanto frágil e pode ser mudado rapidamente. Por exemplo, uma ala direitista da literatura anti-gay agora afirma que, dado que o homossexualismo é determinado socialmente, as pessoas podem (e devem) mudar com facilidade sua orientação sexual. [...] Mas a maioria das pessoas tem uma língua mãe e zonas de bem-estar em termos de sexo e de gênero que nunca chegarão a mudar muito. Isso não quer dizer que essas coisas não sejam sociais, da mesma forma que as dificuldades para a aprendizagem de outras línguas não provam que as línguas não são fenômenos sociais. O fenômeno social pode ser incrivelmente refratário”.

⁴⁰ Córdova (1996; 2000).

problematizadas. Também é importante salientar que, apesar de homem, acabei tendo muito mais acesso às redes sociais de lésbicas, do que ao “mundo” guei masculino.

Não desejo com isto dizer que estes “universos” são iguais, a própria bibliografia sobre as lésbicas é mais rara⁴¹, mas que uma das estratégias adotadas foi observar de que maneira os homossexuais interagem e se diferenciam. O não reconhecimento da existência de uma “subcultura⁴²” homossexual não implica em desconsiderar que a invisibilidade é maior para as lésbicas do que para os gueis, por exemplo. As diferenças, no entanto, são consideradas culturais e a visibilidade dos homossexuais e sua inserção social tem sido resultado das mudanças vividas neste momento histórico.

A historiadora Tania Navarro-Swain (2000) questiona os estudos unificados de homossexuais homens e mulheres, afirmando que isto só traz problemas. Acredita que somente como meio de pressão é que tal junção faz sentido, pois ambos sofrem da exclusão e da rejeição social. “[...] os pederastas pretendem um lugar no mundo dominante dos homens, ao qual pertencem. Seus problemas de inserção e aceitação social não integram a realidade vivida pelas mulheres lesbianas, duplamente discriminadas” (pp. 67-8). No entanto, a autora sugere que a amizade entre jovens gueis, de ambos os sexos, vêm configurando uma nova forma de relacionamento onde o foco não estaria na sexualidade, pois “os sexos seriam embaralhados e confundidos” (p. 68).

Alguns trabalhos, como o de Richard Parker (1999; 2002), falam da existência de um “mundo guei”. Acredito, entretanto, que tais discursos não abrangem as diferentes realidades brasileiras, pois se restringem àquelas vivenciadas nas grandes cidades e como uma continuação de um modelo anglo-europeu. Da mesma forma, há autores que, como Adriana Nunan (2003), insistem numa “emergência da identidade homossexual moderna” onde esses “indivíduos oprimidos” possam expressar sua “identidade” através da existência de um mercado homossexual, de “produtos e serviços” que são um dos pilares desta “subcultura” (id., p. 17). Sem dúvida, os estudos sobre nichos de consumo⁴³ têm demonstrado a sua importância na construção das subjetividades dos indivíduos e a forma de sua inclusão no mundo social. As vivências homossexuais, no entanto, são complexas e dificilmente se conseguirá falar numa única identidade, num mercado, numa subcultura; a sua própria

⁴¹ Segundo Denise Portinari (1989, p. 43) “O silêncio do lesbianismo faz parte de um silêncio maior que recobre o universo feminino como um todo”.

⁴² A idéia de uma “subcultura” ou “gueto”, uma sociedade dentro da sociedade, implica, como afirma Herbert Daniel (1983, p. 130), em segregar os homossexuais numa comunidade à parte e que eles sejam, dentro dela, “formados e conformados”.

existência é fruto de uma dinâmica social e cultural que permite apenas que dela se apreendam alguns aspectos, que podem estar em constante mutação.

Néstor Perlongher nos lembra, através de uma citação de Michael Pollak, que de fato a homossexualidade, nas últimas décadas, saiu das sombras do não dito e que algumas de suas conquistas foram sociais e até politicamente legitimadas. Segundo estes autores, o fato de deixar de ser considerada uma “perturbação mental” fez com que se alterasse a percepção das diferentes teorias da sexualidade, mas “esta alteração operou-se em favor de uma visão que, também, ela , naturalizou o fenômeno homossexual” (Perlongher, 1987, p. 60). Um dos efeitos desta “naturalização” é a insistência numa identidade guei e numa inclinação à guetização⁴⁴. O que sobrou daquelas reivindicações foi, portanto, um grande reforço ao modelo médico que estabelece uma taxionomia que divide o mundo em “homossexuais” e “heterossexuais” – aos bissexuais, a dupla discriminação.

Esta tese, portanto, não se ocupa em mostrar os homossexuais como portadores de diferenças. A discussão que interessa é apresentar as diferenças como construções histórico-culturais. A homossexualidade naturalizada se desvincula da cultura que a constitui e legitima discursos como aquele que previa a existência de um “terceiro sexo”.

Criticando o uso do conceito de “identidade homossexual” a antropóloga Maria Luiza Heilborn (1996) afirma que explicar as dimensões da vida das pessoas através de suas sexualidades seria empobrecê-las ao extremo. João Silvério Trevisan (2000) acredita que o uso deste conceito provêm daqueles interessados em reinstaurar a função normatizadora da medicina, pois coloca a sexualidade nos limites de definições de categorias estritas. Até que alguém lhe colocasse um rótulo, “a homossexualidade era apenas uma parte difusa do sentimento de identidade. A identidade homossexual, tal como a conhecemos, é, portanto, uma produção da classificação social, cujo principal objetivo era a regulação e o controle⁴⁵”. De forma geral, a utilização da idéia de uma “identidade homossexual positiva”, como afirmam alguns dos defensores do conceito, não dá garantia da obtenção de direitos legais, tampouco faz diminuir o preconceito. Fatos que, por si só, não justificariam o seu uso. A simples idéia de uma “identidade” homossexual pode implicar em se aceitar a noção de que

⁴³ A dissertação de Mário Resende (2003) é uma referência sobre o chamado “mercado cor de rosa”. Este autor faz uma crítica à “idéia” de inclusão no mercado e da construção de subjetividade enquanto consumidor, de uma classe social bem marcada.

⁴⁴ Observo que o emprego do termo gueto, como uma categoria nativa, está bastante diferenciado daquele formulado pela Escola de Chicago que prevê a existência de espaços (bairros, locais de lazer, compras e residências) destinados, em função da repressão social, aos grupos de excluídos: negros, judeus, homossexuais, etc.

⁴⁵ J. Weeks, citado por Elisabeth Badinter (1993, p. 105).

há alguma diferença “fundamental” entre os seres humanos, apenas por expressarem formas diferentes de desejos.

A psicóloga Adriana Nunan (2003, pp. 117-118), uma das autoras que defendem o uso do conceito de identidade homossexual, admite que a utilização deste conceito “parece ser adotada sobretudo por homossexuais masculinos brancos de classe média”. As lésbicas, os negros e os pobres teriam mais dificuldade (econômica e socialmente) de “se identificarem e viverem abertamente como homossexuais” (id. p. 118). Trabalha, portanto, com a idéia que “a identidade gay não é a única identidade possível ou desejável para todos aqueles que adotam um *comportamento*⁴⁶ sexual”. No decorrer do seu livro, portanto, a autora demonstra uma não adesão incontestada ao conceito de identidade, mas também introduz a idéia de um comportamento (homo) sexual, além de manter aquela visão estereotipada de que os pobres e as mulheres são sempre “destituídos” de alguma capacidade. De fato, suas informações, no caso das lésbicas, estão em desacordo com o que tem demonstrado diferentes etnografias, inclusive aquelas realizadas por pesquisadores locais (Godoy, 2001; Perucchi, 2001).

Os homossexuais dos quais procuro falar são aqueles que têm se tornado mais visíveis no Brasil urbano, como resultado das profundas transformações culturais que ocorreram durante a segunda metade do século XX. Os gueis e as lésbicas aqui presentes são percebidos como produtos e produtores de sociedades globalizadas pela difusão de informações, compartilhando cada vez mais muitas de suas características com os modelos de homossexuais comuns na Europa e nos Estados Unidos da América. No entanto, eles serão sempre vistos como interlocutores da história e dos arranjos socio-econômicos e culturais locais. Lúcia Facco (2004, p. 63) apontando para o fato do conceito de gênero e do próprio corpo biológico serem mutáveis, afirma que “estamos na era de todas as possibilidades tecnológicas e científicas, quando se pode ‘mudar de sexo’ mediante cirurgias e outras técnicas”. Para ilustrar cita o caso das “*transfags* – algo como transbichas”, onde algumas mulheres, após a transformação sexual, começam a se interessar por homens, tornando-se homens gueis.

Neste trabalho também adoto a perspectiva de que “não se nasce homossexual, aprende-se a sê-lo”. Esta é uma afirmação de Michel Pollak (1987, p. 58) que, parafraseando Simone de Beauvoir⁴⁷ (1980 [1949]), em seu famoso dito sobre as mulheres, afirma que a

⁴⁶ Grifo da autora.

⁴⁷ As percepções de Simone de Beauvoir sobre a lesbianidade são bastante contraditórias. No seu famoso livro *O Segundo Sexo*, a pensadora e feminista francesa afirma que, se por um lado “como todas as condutas humanas, ela (a lesbianidade) acarretará comédias, desequilíbrios, malogro, mentira ou, ao contrário, será fonte de experiências fecundas, segundo seja vivida na má-fé, na preguiça, na inautenticidade ou na lucidez, na

“manifestação” da homossexualidade freqüentemente aparece entre os 16 e os 30 anos, e que a “carreira” homossexual começaria com o reconhecimento dos desejos sexuais específicos e com o aprender dos lugares e do modo como encontrar os parceiros. Estender-se-ia por muitos anos o processo que vai do primeiro sentimento homossexual até o “assumir” de sua orientação sexual. Passado este período inicial, o homossexual, especialmente o masculino, estaria pronto para entrar no “mercado dos intercâmbios sexuais”. Pollak (1987, p. 59) utiliza a imagem de um mercado, pois na homossexualidade masculina haveria, segundo ele, principalmente “trocas de orgasmo por orgasmo”. Apesar de acreditar numa idéia de construção da homossexualidade, de suas vivências e práticas, este autor demonstra crer na existência de um único modelo de homossexual, quando descreve os passos para se adentrar na carreira e no mercado das preferências homossexuais. Seu trabalho é revelador de uma realidade existente não só na França – local de seus estudos – como em muitos dos recantos deste Brasil. Parece temerário, contudo, afirmar, como ele, que todo homossexual tem como “instituições-chaves” os bares, saunas, cinemas, restaurantes especializados ou parques, assim como afirmar que, em geral, todo “homossexual médio” teria várias dezenas de parceiros por ano e algumas “centenas” no curso de sua vida. É possível afirmar que muitos homossexuais possuem este estilo de vida e que, talvez, esta seja a maneira como os homossexuais, especialmente os masculinos – insisto, como o autor – colocam-se, frente às discriminações sofridas no seio da sociedade circundante. Ao generalizar que a vida sexual do homossexual é muito intensa e com uma forte tendência à promiscuidade, o autor, no entanto, corre o risco de desconsiderar outros tantos homossexuais que possuem outros estilos de vida. O próprio aprendizado dos lugares e o modo como encontrar parceiros, são coisas que variam em diferentes sociedades, tempos e também em relação ao gênero dos sujeitos.

Aproveito para lembrar que no início da epidemia da AIDS, a promiscuidade homossexual foi apontada como a principal causa de sua propagação. Os gueis foram responsabilizados pela doença, em função de serem promíscuos, “transarem” muito e não manterem relações estáveis. Assim como nas afirmações de Michel Pollak, pode não deixar de haver verdades nestas acusações, mas há muito mais de preconceito. Através deste tipo de argumentos é que a AIDS passou a ser considerada como sinônimo de uma “peste guei”. A AIDS quando “homossexualizada” assume uma “naturalidade” que acaba por colocar no

generosidade e na liberdade (1980, p. 164), por outro, diz que a lésbica é “inacabada como mulher, impotente como homem, seu mal-estar traduz-se às vezes por psicoses [...] Amiúde a lésbica tentará compensar a sua inferioridade viril por uma arrogância, um exibicionismo reveladores de um desequilíbrio interior. Por vezes também, ela conseguirá criar com as outras mulheres um tipo de relações inteiramente análogas às que com ela mantém um homem ‘feminino’ ou um adolescente ainda pouco seguro de sua virilidade” (id., p. 152).

mesmo lugar todas as homossexualidades. Carole Vance (2002) mostra como a construção da AIDS recolocou a questão da sexualidade no campo biomédico. A autora considera este fato muito importante porque toda uma discussão que vinha sendo realizada sobre a construção social da sexualidade, com a questão da AIDS e dos financiamentos de pesquisa voltados mais para a área biomédica, recoloca a relação sexualidade e práticas sexuais. Toda a questão da subjetividade dos sujeitos é deixada de lado.

AIDS encourages the resurgence of biomedical approaches to sexuality through the repeated association of sexuality with disease. [...] In addition, biomedical investigators in medical schools and schools of public health are conducting a significant portion of AIDS-related research in sexuality. [...] This development poses several dangers. Biomedical approaches to sexuality often regard sexuality as derivative from physiology and supposedly universal functioning of the body. [...] There is limited recognition that sexuality has a history and that its definitions and meanings change over time and within populations⁴⁸.

As pesquisas realizadas dentro de um modelo biomédico e a relação com a noção de doença provocam a ameaça de re-patologização da sexualidade. Isto remete, de acordo com Carole Vance, ao século XIX e início do século XX, onde a discussão ficava circunscrita pelos discursos de doenças venéreas, prostituição e masturbação.

Também não me ocupo com o chamado fenômeno da “masculinização⁴⁹” do mundo guei, que glamuriza a força física. Não é novidade afirmar que, também entre os gueis, é comum a repulsa às travestis, aos michês e *gogo-boys*⁵⁰. Se alguns homossexuais reproduzem de forma exagerada, caricatural, atitudes e gestos considerados como característicos do sexo oposto, outros trazem consigo o preconceito e a intolerância. Não sei se é exatamente o preconceito que estabelece a diferença ou uma “obsessão classificatória” a favor da distinção social, como descrita por Bordieu ou, como afirma Butler (2001, p. 161), nomear “é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação de uma norma”. Parece que se arraigam aos conceitos apreendidos e não conseguem se livrar

⁴⁸ “A AIDS encoraja o ressurgimento de aproximações biomédicas sobre a sexualidade pela repetida associação de sexualidade com doença. [...] Além disso, os investigadores biomédicos em escolas médicas e escolas de saúde pública estão administrando uma porção significativa de pesquisas relacionadas a AIDS e a sexualidade. [...] Este desenvolvimento representa vários perigos. Aproximações biomédicas para a sexualidade freqüentemente consideram a sexualidade como derivada da fisiologia e um funcionamento supostamente universal do corpo. [...] Há um reconhecimento limitado que a sexualidade tem uma história e que suas definições e significados mudam com o passar do tempo e dentro das populações”.

⁴⁹ O culto ao corpo, entre os gueis musculosos, encontrou nas “barbies” a sua máxima representação. “Barbie” é uma categoria êmica adotada a partir dos anos 90 e identifica, de forma pejorativa, aqueles gueis cujos atributos físicos são desenvolvidos nas academias de ginástica e associados à vaidade. Ao nomear estas transformações do corpo, através da representação de uma boneca norte-americana extremamente popular, procura-se acentuar a ambivalência de gênero desses homens.

deles. Esquecem que “a tão decantada *diferença* é apenas não fazer parte do modelo sexual aceito como normal” (Sell, 1987, p. 141). O mais importante, portanto, é que trabalhos como este ajudem a desconstruir idéias fixas que continuam a associar masculinidade e agressividade, feminilidade e docilidade, gueis e afetação, lésbicas e brutalidade.

Valéria Busin⁵¹ (In: Facco, 2004) afirma que muitas vezes se vê confusa com a situação da lesbianidade no Brasil, em particular com o preconceito que algumas lésbicas alimentam em relação a outras lésbicas e, até mesmo, em relação à sua própria orientação sexual. “Sinto arrepios de desconforto quando vejo uma mulher se referir pejorativamente a outra como ‘masculinizada’, agressiva ou inconveniente – termos muitas vezes aplicados à própria Cássia Eller” (p. 186). Observa-se que há um preconceito quando argumentam que “estas mulheres” prestam um “desfavor à causa lésbica”, pois transmitem uma imagem distorcida da mulher “normal”, “feminina”, “correta”. Como se fosse necessário “vender” uma imagem positiva da lésbica e que agradasse a toda a sociedade. Comparando os perfis da “marginal”, “masculinizada”, “drogada”, “inconveniente” e assumidíssima Cássia Eller com outras duas famosas cantoras brasileiras com “fama” de serem praticantes do amor sáfico, Busin questiona: “Será que uma escorregadia Marina Lima (linda, não se discute) ou uma disfarçada Zélia Duncan (maravilhosa, sem dúvida) trariam tantos benefícios à tão falada ‘causa lésbica’?” (id., p. 187). Parece que Busin confunde gênero e sexualidade; seu texto deixa entender que lésbica precisa ser masculinizada para ser “legítima”.

Judith Butler (2001, p. 170), analisando a materialidade do sexo demarcada pelo discurso, assinala a importância de se pensar “sobre como e para que finalidade os corpos são construídos, assim como será importante pensar sobre como e para que finalidade os corpos *não* são construídos”. Para a autora, as normas regulatórias que governam os corpos, asseguram uma hegemonia heterossexual para aquilo que é considerado como “plenamente humano” (id., p. 171). Historicamente é assim que se tem definido quais formas de viver contam como vidas, quais valem a pena proteger, salvar, prantear. “A replicação de construtos heterossexuais em estruturas não heterossexuais salienta o status cabalmente construído do assim chamado heterossexual original” (Butler, 2003, p. 57). O que ocorre seria uma repetição, “uma paródia da idéia do natural e do original” (id.), assim “o gay é para o hetero

⁵⁰ *Gogo-boys* são homens/rapazes que, possuindo um corpo bem “trabalhado”, realizam *performances* ou dançam em discotecas ou bares. Podem também estar presente em locais heteros.

⁵¹ Valéria Melki Busin é escritora e foi uma das interlocutoras de Lúcia Facco na sua dissertação de mestrado sobre literatura lésbica contemporânea. Escreveu *O último dia do outono* que é, conforme Facco (2004, p. 94) um “romance de formação lésbico”.

não o que uma cópia é para o original, mas em vez disso, o que uma cópia é para uma cópia” (id.).

Um dos protagonistas do movimento guei brasileiro, Darcy Penteado, disse: “O homossexual deve lutar para existir e se fazer respeitar [...] sem se autodiscriminar ou afirmar-se em hierarquia ou classes, sejam travestis, michês, bichas loucas, bichas mais-ou-menos-loucas... bichas intelectuais, etc., etc” (In: Perlongher, 1987, p. 63). Do mesmo modo como ocorre entre os heterossexuais, também entre os homossexuais, homens e mulheres, existem aqueles/as mais masculinizados/as e outros/as mais femininos/as⁵². Neste sentido, no convívio com homossexuais, é importante compreender quais os termos e categorias que eles adotam, pois o uso das expressões bicha, viado, sapatão, sapa, entre outras, não é considerado ofensivo quando usados entre eles, podendo ser considerado como uma brincadeira, ou até mesmo uma maneira de expressar afeto, carinho, amizade, identificação. Quando, porém, essas expressões são empregadas por outros sujeitos, especialmente os heterossexuais ao se dirigirem a eles, ou a alguém conhecido, geralmente são tomadas como agressivas. Corremos o risco, portanto, de, ao falar de uma identidade homossexual, modelar e disciplinar os gestos, os corpos, os discursos. Para que serve classificar as pessoas? Estabelecer hierarquias ou estigmatizações? Quem poderia traçar com nitidez o contorno que define os matizes guei, lésbica, travesti, transexual, *transgender*, homem ou mulher? A bandeira adotada pelos movimentos gueis-lésbicos é representada pela nuance das cores do arco-íris⁵³, isto para simbolizar a harmonia da diversidade. A diversidade não é, no entanto, apenas harmônica, ela é conflitiva, dialética, inquietante e inquire a respeito de nós mesmos, embora nos constitua. A homossexualidade é, portanto, plural.

Por outro lado, Néstor Perlongher (1987) e Michael Pollak (1987) apontam que o resgate da virilidade por alguns homossexuais, ou do ideal de homem super viril, teria como um de seus objetivos seduzir amantes também “masculinos”. Wilton Garcia (2000, p. 49) diz que sempre questiona quando se depara com um rapaz forte e de músculos definidos “será que ele é uma *Barbie*?”. Para este autor estes gueis se identificam “radicalmente” com as

⁵² Na década de 1970 apareceu entre os homossexuais de São Francisco/USA um grupo que se identificava como “*gender fuckers*” (“rompe gêneros”) que se vestiam com roupas e pinturas femininas mas gostavam de deixar à mostra bigodes e pêlos no peito. Uma de suas intenções parecia ser a de romper as fronteiras entre os gêneros masculino e feminino, evidenciando o fato de que esta divisão entre os gêneros era arbitrária e, portanto, mutável. Tratava-se de um fenômeno cultural e totalmente dissociado do sexo biológico do homem e da mulher (Trevisan, 2000, p. 288). Nas década de 80 aparecem os *gays machos* e na década seguinte surgem as *barbies* como paródias de super machos.

⁵³ “Quem pode traçar a linha no arco-íris onde o matiz do violeta acaba e o do laranja começa? Nós enxergamos a diferença das cores com distinção, mas em que ponto preciso a primeira se mescla com a segunda?” (Berutti, 2002, p. 143).

transformações do próprio corpo como objeto de sedução. A imagem desses machos afloraria num jogo de sedução onde, frequentemente, eles “jogam procurando se relacionar com pessoas que obtêm as mesmas características – músculos estourados à flor da pele” (id., p. 49). Algumas mulheres lésbicas teriam atitudes muito femininas, também, pelos mesmos motivos.

Judith Butler (2001, p. 154) lembra que o “sexo” é um construto ideal através do qual se vem produzindo normas regulatórias e que se materializa pela reiteração imposta destas mesmas normas. O fato é que os corpos não se conformam completamente a essas normas, o que torna imperioso sua constante reiteração.

Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória (Butler, 2001, p. 154).

Neste sentido, as pessoas trabalhariam as normas regulatórias do sexo de uma forma performativa e, ao “materializarem” um corpo o fariam “a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (id.). Em outras palavras, para a autora, a diferença sexual é marcada e formada por práticas discursivas, onde o “sexo” não é aquilo que simplesmente “alguém tem ou uma descrição daquilo que alguém é” (id., p. 155), trata-se de um recurso através do qual “o ‘alguém’ simplesmente se torna viável [...] no interior do domínio da inteligibilidade cultural” (id., ibidem). Butler considera que os sujeitos passam por um processo de assumir um sexo através da *identificação* e da apropriação de discursos com a marca de uma matriz heterossexual, que possibilita ou nega certas identificações. O *tornar-se alguém* é atravessado por uma interpelação fundante que é reiterada por diferentes autorizações, num longo período de tempo. “A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma” (Butler, 2001, p. 161).

2. Da luta dos homossexuais por direitos civis aos estudos gueis e lésbicos.

*Sei lá quem sou? Sei lá!
cumprindo os fados,
num mundo de maldades e pecados,
sou mais um mau, sou mais um pecador...
(Florbela Espanca)*

Alguns estereótipos sobre a homossexualidade que perduraram ao longo do século XX, apareceram de modo mais visível durante os três julgamentos do escritor e poeta Oscar Wilde (1854-1900), na Inglaterra vitoriana. Spencer (1996, p. 272) diz que aos conceitos de efeminação, preguiça, luxúria, decadência e esteticismo que estavam associados a Wilde, acrescentou-se a imagem de “opulento parasita – o diferente”. A sua condenação e prisão criminalizaram definitivamente a homossexualidade na Inglaterra. Outros julgamentos sobre atividades sexuais entre homens provocaram escândalos, mas não chegaram a invocar tanta receio ou estiveram associados a um único nome. O seu julgamento gerou grande temeridade entre os homossexuais ingleses, que passaram a ter medo de ser detidos, acusados e jogados numa prisão. Muitos fugiram para a França e jornais franceses chegaram a comentar que, na Inglaterra, “o crime de sodomia vinha logo depois de assassinato” (Spencer, 1996, p. 269). A pena de morte⁵⁴ por sodomia havia sido abolida na Inglaterra em 1861 e em seu lugar fora criada uma emenda à Lei Criminal que previa penas de 10 anos a prisão perpétua. Como a palavra “homossexualidade” apareceu pela primeira vez, na língua inglesa, no início da década de 1890, talvez Wilde possa ser considerado, senão a primeira vítima desta nova “categoria” de pessoas, ao menos a mais famosa. Acabou condenado a dois anos de trabalho forçado. Os julgamentos a que Oscar Wilde foi submetido ajudaram a produzir um estereótipo que permaneceu associado à homossexualidade ao longo do século XX – a imagem do diferente, “resultado natural de sua condição intelectual doentia” (Spencer, 1996, p. 270).

Interessante dizer que o próprio Wilde vai assumindo o discurso da sua época sobre a homossexualidade. Se durante o processo de julgamento, quando solicitado pelo promotor a explicar o título de um poema, respondeu: “o amor que não ousa dizer o seu nome⁵⁵, neste século, é uma afeição tão grande entre um homem mais velho e um mais jovem... É bonito, delicado... Não há nada de antinatural nele” e completou dizendo que “o mais velho tem o intelecto e o mais jovem toda a alegria, esperança e encanto da vida diante de si”. Mais tarde, após treze meses de prisão, numa petição ao Ministro para Assuntos do

⁵⁴ Segundo Spencer (1996), no início do século XIX, o acusado do crime de sodomia podia ter como pena a condenação à morte. Enquanto Rússia, Áustria, Prússia e Toscana aboliram esta penalidade em 1833, esta prática só foi abandonada na Inglaterra e no País de Gales em 1861. “De 1800 a 1834, oito homens foram enforcados por crime de sodomia [...] Nos 20 anos seguintes, 200 homens foram executados” (p. 251).

⁵⁵ Esta famosa frase cuja autoria é, muitas vezes, atribuída a Oscar Wilde faz parte do poema *Dois Amores* de Alfred Douglas (1870-1945) publicado em dezembro de 1894, no periódico *O Camaleão*: “I am true Love, I fill / Then hearts of boy and girl with mutual flame / Then sighing said other, ‘Have thy will, / I am The Love that dare not speak its name” (Rolleberg, 2001, p. 96). Wilde citou-a durante o seu primeiro julgamento, em abril de 1895, e fez menção à última frase numa longa carta, escrita em 1897, endereçada a Douglas e publicada integralmente sob o título *De Profundis*, somente em 1950, por iniciativa de seu filho Vivian Holland (Wilde, 2003, p. 40).

Interior, datada de 02 de julho de 1896⁵⁶, o prisioneiro admite que “foi corretamente julgado culpado”, mas aponta para o fato de que as ofensas que o levaram a condenação “são sintomas de loucura sexual” reconhecida tanto pela “ciência patológica moderna” quanto “por muitas legislações contemporâneas como as da França, Áustria e Itália”. Nestes países, as leis que incidiam esses contraventores “foram repelidas, posto que seus delitos são considerados doenças que devem ser curadas por um médico, em vez de crimes que devam ser punidos por um juiz”. Cita os trabalhos do criminologista italiano Cesare Lombroso (1836-1909) e do sociólogo alemão Max Simon Nordau (1848-1923) para acentuar a “íntima conexão entre a loucura e o temperamento artístico e literário”. Num tom “desesperado e exagerado”, como aponta Rollemberg (2001), o requerente suplica que a sentença à qual foi condenado, seja reduzida “de maneira que lhe possa ser permitido voltar ao convívio dos amigos que terão a possibilidade de submetê-lo a um tratamento médico que poderá curar essa insanidade sexual que o acomete”.

A Oscar Wilde foi atribuído um significado especial nesta história porque, a partir da sua condenação, parcelas importantes da sociedade ocidental se viram obrigadas a pensar sobre a homossexualidade como um crime⁵⁷. Cada vez mais a homossexualidade passava a interessar à polícia, aos juizes e aos médicos pois, como disse Philippe Ariès (1987, p. 81) “no interior do velho mundo marginal das prostitutas, das mulheres fáceis, dos debochados, emergia uma *espécie*⁵⁸ coerente, homogênea, com suas características físicas originais”. Ariès lembra ainda, que a formação de uma homossexualidade “autônoma” acontece sob o “signo da efeminação” e, por conseguinte “ela deve ser trancafiada como uma mulher, ou vigiada como uma criança, e exposta à desconfiança da sociedade” (id., p. 81). Os homossexuais se comportariam de *forma feminina*.

Por outro lado, para além de Wilde, é possível identificar historicamente um movimento contrário ao espírito do tempo no caso da homossexualidade, representado por autores como John Addington Symonds (1840-1893), Edward Carpenter (1844-1929) e Havelock Ellis (1859-1939) que, inspirados pelo poeta americano Walt Whitman (1819-1892), rejeitavam qualquer idéia de culpa ou depravação ligadas às práticas homossexuais. Colin Spencer (1996, p. 280) apresenta estes autores como “rebeldes” pois “queriam

⁵⁶ Marcello Rollemberg (2001, p. 62).

⁵⁷ Em 2002, o governo da Grã Bretanha proibiu o uso oficial da palavra “homossexual” por considerá-la “antiga e discriminatória”. Os funcionários dos ministérios deveriam utilizar a expressão “pessoa com orientação sexual para outra do mesmo sexo”, ou simplesmente “gay” nos documentos oficiais, conferências públicas ou atas de governo (DC, 28/11/2002).

⁵⁸ Grifo do autor.

apresentar a relação homossexual como viril e saudável, igualitária e não exploradora, tão estável e duradoura quanto os relacionamentos heterossexuais”. Pregavam que seria preciso uma disseminação de informações e esclarecimento das autoridades, pois a homossexualidade, no fundo, não passaria de “uma inofensiva anomalia congênita” (Spencer, 1996, p. 280). Foi Havelock Ellis que desenvolveu o argumento sobre o “caráter inato e irresponsável [da homossexualidade]: não se pode fazer nada ela é de nascença” (apud Badinter, 1993, p. 105). Inclusive afirmava que nem sempre os homossexuais adotavam maneirismos do sexo oposto, mas que eles seriam dotados de uma grande capacidade artística e intelectual, citando como exemplos o filósofo Platão e Leonardo da Vinci.

Symond e Ellis escreveram juntos o primeiro volume do livro *Inversão Sexual*, que tratava de questões como masturbação, homossexualismo e lesbianismo e foi publicado originalmente na Alemanha, evitando, assim, a censura inglesa. Após a morte de Symond, contudo, seus parentes compraram e destruíram a edição inteira, fazendo um acordo com Havelock Ellis (Spencer, 1996, p. 276), para que as futuras edições saíssem apenas em seu nome. Segundo Colin Spencer (1996, p. 288), este livro “é um apelo à tolerância, pedindo à sociedade que aceite que os desvios da *normalidade* são inofensivos e podem até ser úteis” argumentando que “algo tão natural e espontâneo não poderia ser a manifestação de uma doença mórbida”. Trata-se, sem dúvida, de uma referência para a compreensão da homossexualidade.

Nas edições seguintes do livro passaram a figurar novas argumentações, tais como, “a homossexualidade é característica de uma minoria fixa e incurável; [...] a lei devia ser modificada para deixar essa minoria em paz; e, [...] a reforma somente poderia ocorrer após um longo período de educação do povo” (Spencer, 1996, p. 288).

Convém salientar que esses liberais, que trataram a homossexualidade masculina como uma tendência nata dos sujeitos, criticavam o lesbianismo e o feminismo, “por encorajarem as mulheres a abandonar a maternidade e o casamento” (Spencer, 1996, p. 301). Outro fato é que, ao defenderem a determinação biológica da homossexualidade, possibilitaram à medicina do século XX realizar inúmeras tentativas, através de intervenções cirúrgicas e/ou hormonais, de transformar lésbicas e gueis em heterossexuais (Badinter, 1993, p. 105).

De acordo com Colin Spencer (1996, p. 290) a expressão “amor livre” foi cunhada no século XIX e, desde então, tem significado que o amor seria uma precondição necessária para as relações sexuais, ao menos mais do que o casamento. Aquele século teria visto surgir formas “alternativas” de amar, pregava-se a liberdade individual, contudo, nenhum grupo na

América “pareceu ter considerado que o amor pelo mesmo sexo precisasse de reconhecimento social e aceitação” (id., p. 291). Mesmo o lesbianismo não era uma das causas pelas quais as feministas advogavam. Aparentemente, tratava-se de algo que não seria necessário mencionar.

Contudo, os tempos mudavam rapidamente e logo o segredo acabaria, “mulheres vivendo em íntima harmonia não podem mais confiar na ingenuidade e ignorância do povo quanto à natureza de seu relacionamento” (Spencer, 1996, p. 292), os “casamentos de Boston” vinham à tona. Esta expressão era usada na Nova Inglaterra e servia para descrever os relacionamentos entre duas mulheres não casadas e independentes financeiramente. Esses relacionamentos eram, geralmente, monogâmicos e duradouros.

A partir dos trabalhos desenvolvidos por Sigmund Freud (1856-1939), ainda no início do século XX, passou-se a entender muitas das relações que acontecem entre os adultos como continuidade de todo um processo de organização da sexualidade infantil. Freud (1986 [1905]) foi o primeiro a defender a existência da sexualidade infantil e a falar da sexualidade humana de uma outra maneira. Suas idéias, ainda tão revolucionárias, contribuíram para que se aceitasse a sexualidade como uma força dinâmica no desenvolvimento integral de todo o sujeito, do nascimento à morte.

A influência de Freud e a sua contribuição para as discussões sobre a homossexualidade são muito grandes. Ele rejeitou concepções correntes em sua época, como aquela que afirmava ser a masturbação um ato perigoso ou, ainda, que a sua prática levaria à homossexualidade. Também não concordava que esta fosse sinal de alguma degeneração hereditária. Foi Freud quem verdadeiramente humanizou a homossexualidade, quando afirmou que esta fazia parte da constituição psíquica dos seres humanos. É possível realizar uma leitura de sua obra e observar que as escolhas homossexuais de objeto são, no seu entendimento, um produto das identificações inconscientes, assim como a heterossexualidade. A homossexualidade se constituiria em um caminho no decurso do desenvolvimento dos seres humanos; estaria presente na história psicológica de cada sujeito e mesmo no adulto heterossexual jamais estaria completamente erradicada.

No início do século XX, Freud já afirmava que a bissexualidade⁵⁹ seria inerente a todos os humanos, que passariam por um tempo de indiferenciação, anterior à organização sexual diferenciada. Um sujeito se tornaria heterossexual ou homossexual em grandes batalhas interiores e exteriores, ao longo dos momentos de estruturação do psiquismo. Tanto a

⁵⁹ A primeira menção ao pressuposto de uma constituição bissexual está em *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1986 [1901]), sob a influência de Wilhelm Fliess. Está presente nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1986 [1905]), n° *O Mal-estar na Civilização* (1986 [1930]), entre outras obras.

definição da heterossexualidade como a da homossexualidade estariam relacionadas à vivência dos complexos de Édipo e castração. A homossexualidade representa uma possibilidade humana. Às predisposições bissexuais e às pulsões parciais se sucede a fixação da libido em algum tipo de objeto. Na concepção freudiana de pulsão, o objeto é determinado pela história de cada um, principalmente a história infantil. A noção do que é “bom” ou “mau” é adquirida no decorrer da vida e é construída através das relações com os outros na cultura. A criança teme e confia nos adultos, e à medida em que ela cresce vai incorporando o que sente como empoderador e criando seu lugar num mundo, ao mesmo tempo, perigoso e promissor. Para a psicanálise, como o desejo é amoral, não se pode falar na culpa relacionada ao prazer, como em diversas religiões.

Segundo Colin Spencer (1996, p. 303), em 1930 Freud assinou uma declaração de que punir a homossexualidade era uma “extrema violação dos direitos humanos”. Elisabeth Badinter (1993, p. 108) diz que se tratava de “uma petição a favor da revisão do Código Penal⁶⁰, com a supressão do delito da homossexualidade consentida entre adultos”. Esta autora assinala que Freud, “tão pouco militante”, já em 1903 deu uma entrevista a um jornal vienense defendendo “um homem processado por práticas homossexuais” (id., p. 108). Quase no final de sua vida, em 1935, escreve a “Carta a uma Mãe Americana⁶¹” onde demonstra uma atitude bastante positiva em relação à homossexualidade.

Percebo pela sua carta, que seu filho é homossexual. Estou profundamente impressionado com o fato de que a senhora não menciona pessoalmente este termo, em suas informações sobre ele. Posso lhe perguntar por que o evita? A homossexualidade certamente não é uma vantagem, mas não é nada de se envergonhar, não é um vício, não é uma degradação, não pode ser classificada como uma doença (Freud, 1935).

Freud afirmou que não poderia ajudar o filho de sua missivista a se converter num heterossexual, mas poderia oferecer ao rapaz “harmonia, paz de espírito, rendimento pleno, quer continue homossexual ou se transforme”. Disse, ainda, “nós a consideramos (a homossexualidade) uma variante da função sexual, provocada por uma certa interrupção no desenvolvimento sexual”. Com certeza, a sua postura não deve ter agradado àqueles homossexuais que consideravam o seu modo de amar como uma decorrência de sua “natureza”. Da mesma forma, muitos psicoterapeutas, ainda que influenciados pelo trabalho e

⁶⁰ A autora se refere ao parágrafo 175 do Código Penal Alemão.

⁶¹ Transcrição de parte da carta, de acordo com a tradução do livro de Peter Gay (1989).

pela teoria de Freud, continuaram a considerar a homossexualidade como doença dispondo de algum conteúdo patológico e continuaram procurando uma forma para a sua cura⁶².

Em 1928, a escritora inglesa Radclyffe Hall (1883-1943) escreveu talvez um dos mais famosos romances homossexuais, *O Poço da Solidão* (*Well of Loneliness*), “não exatamente como obra de arte mas sobretudo como documento social e como defesa do homossexualismo feminino” (Faury, 1983, p. 59). Neste livro, no entanto, a autora reforça os estereótipos de gênero e, na busca de uma precisão médica, tenta convencer seus leitores de que os homossexuais precisavam de tolerância e compreensão. Hall (1998) via na homossexualidade “uma identidade fixa, dada pela natureza, que precisava ser compreendida” (apud in Facco, 2004, p. 56). Stephen (sua heroína) é vítima de um “defeito de nascença” e, apesar de uma grande disposição moral, é constantemente derrubada por sentimentos de autopiedade e autodesprezo. Para Spencer (1996, p. 329),

O grande dano que Hall causou ao auto-respeito homossexual foi a crença na teoria da conversão congênita,... ela acreditava que as lésbicas eram mulheres que nasceram com um corpo errado, assim fê-las monstruosas, em vez de comunicar o fato de que muitas mulheres amam outras mulheres porque isso, para elas, é tão natural quanto respirar.

Hall era uma militante lésbica que, de acordo com Lúcia Facco (2004, p. 55), “se vestia com roupas masculinas e [se] auto denominava de ‘inverted’ (invertida)”. Nascida nas

⁶² De acordo com um boletim distribuído pelo Grupo Gay da Bahia (GGB/sd), a partir de 1969, algumas associações científicas norte-americanas e brasileiras têm se manifestado oficialmente contra a discriminação de homossexuais, homens e mulheres. Em 1969, a Associação Americana de Sociologia resolve: “condenar a demissão, a tomada de medidas econômicas e outras ações opressivas contra pessoas por motivo de orientação sexual”. Em 1970, a Associação Americana de Antropologia declara “publicamente sua posição de exigir a imediata legalização de todos os atos sexuais consensuais”. A Sociedade Americana de Psiquiatria (SAP) decidiu tirar a homossexualidade da lista oficial de perturbações mentais em 1973, através de uma votação realizada entre os 15 membros de sua direção. Badinter (1993, p. 159) aponta o fato, perguntando “desde quando a ciência decide o que é verdade e o que é falso pelo voto?”. Em 1974, houve uma nova votação pois inúmeros psicanalistas e psiquiatras não aceitavam esta decisão e, então, entre “pouco mais de 10 mil ‘psis’ [...] 58% dos votos confirmaram a decisão...” (id., p. 159). A Associação Americana de Psicologia decidiu, no ano de 1975, exortar a todos os seus associados e especialistas em saúde mental a tomarem a iniciativa de retirar o estigma de doença mental que há muito têm sido associado às orientações homossexuais. Mesmo tendo sido removido, em 1973, do manual de diagnóstico oficial, que declara que “o homossexualismo por si só não implica detrimento de julgamento, estabilidade, confiabilidade ou capacidades gerais sociais e profissionais”, foi somente em 30 de abril de 1992 que a Associação Americana de Psicanálise reconheceu que “os homossexuais, da mesma maneira como os heterossexuais, tinham saúde emocional, ‘insight’ psicológico e capacidade, não apenas de ser psicanalistas, mas também de analisar e treinar outros analistas” (Isay, 1998, p. 153). Em 1993 a Organização Mundial de Saúde (OMS), através da sua lista de Classificação Internacional de Doenças, deixou de considerar a homossexualidade como uma patologia (Nunan, 2003, p. 94). No Brasil, o Conselho Federal de Medicina, em 09/02/85, tornou sem efeito o item 302.0 do Código Internacional de Doenças (CID), deixando a homossexualidade de ser considerada um desvio e/ou transtorno sexual. O Conselho Federal de Psicologia deliberou e fez circular entre todos os psicólogos registrados ou entidades que os representavam, a resolução 001/99 de 22 de março de 1999, determinando que seus profissionais não poderiam tratar a homossexualidade como doença, distúrbio ou perversão e “não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades”. Aqueles que assim agissem poderiam inclusive sofrer sanções.

últimas décadas do século XIX, a autora, através do livro, procurou combater o preconceito contra homossexuais e proporcionar maior visibilidade às lésbicas, apresentando uma heroína de bom caráter. Esse romance, que alcançou grande popularidade entre leitoras lésbicas dos anos 20 e 30, “apesar dos elementos desoladores e depressivos de sua história”, também foi muito lido nas décadas de 50 e 60 (Green, 2000, p. 288). Para a escritora e militante Vange Leonel (apud in Facco, 2004, p. 183) “Radclyffe Hall estava muito mais preocupada em retratar uma realidade do preconceito, sacrifícios e sofrimento que, inegavelmente, faziam parte da vida de *gays* e lésbicas naquela época”. Para Tania Navarro-Swain (2000, pp. 39-40) “nada menos obsceno que este romance no qual a sexualidade é apenas discretamente sugerida e o ‘bem’, o ‘normal’ e a ordem heterossexual triunfam”. Esta leitura sobre a obra de Hall, assim como a de Spencer, parece ter sido realizada de forma anacrônica, isto é, sem levar em conta o contexto da época em que o livro foi lançado. Apesar dessa polêmica, *O Poço da Solidão* procurou apresentar uma imagem positiva das lésbicas além de divulgar questões ligadas à homossexualidade, como a luta pela regulamentação do casamento homossexual. Provocou um escândalo ao trazer visibilidade às mulheres homossexuais acostumadas a uma não-existência e acabou sendo proibido na Inglaterra de 1928.

Sem sombra de dúvidas, o livro de Hall trouxe visibilidade às lésbicas e tirou, como disse Vange Leonel (2001, p. 132), “muitas mulheres do poço e também da solidão”. Estrategicamente o livro foi editado na França, um país mais liberal, visando evitar problemas que poderia encontrar na conservadora Inglaterra dos anos 20. Apesar de ver a apreensão do livro e sua posterior proibição, Radclyffe Hall não teve a sua sexualidade questionada, como seu conterrâneo Oscar Wilde. Primeiro porque o que estava em julgamento era uma obra e não um possível comportamento obsceno e, em segundo lugar porque, diferente da sodomia, não havia lei que enquadrasse a lesbianidade como crime.

Em Paris, “onde suas inclinações sáficas não chamavam atenção” (Leonel, 2001, p. 132), Radclyffe Hall e sua *lady* Una Troubridge participavam de um grupo de mulheres que se reuniam em torno das escritoras Natalie Clifford Barney e Renée Vivien, que procuravam reproduzir uma Lesbos fictícia. Nas festas e saraus organizados ao longo de 50 anos, compareceram Gertrude Stein e Alice B. Toklas⁶³, as escritoras Djuna Barnes, Mina Loy e Colette, as atrizes Sarah Bernhardt, Marlene Dietrich, Greta Garbo e sua dedicada Mercedes

⁶³ O livro “Gertrude & Alice” (Souhami, 1995) dá uma idéia da vida cultural de Paris, daquela época. A escritora Gertrude Stein encontrou Alice B. Toklas no dia 08 de setembro de 1907, em Paris, e estiveram juntas até a sua morte em 27 de julho de 1946. Segundo a autora, nunca dormiram em casas separadas, nem viajaram ou se divertiram sozinhas. Seguiam as regras de um casamento tradicional, tratavam-se de “rei” e “rainha”, “marido” e

de Acosta, a bailarina Isadora Duncan, as jornalistas Margaret Anderson, Jane Heap e Janet Flanner, as livreiras Silvia Beach e Adrienne Monnier, entre outras mulheres. Os saraus eram freqüentados por diferentes artistas e personalidades da época, entre os homens, também apareciam por lá Ezra Pound, Paul Valéry, Rodin, Rainer Maria Rilke, André Gide e até Hemingway. Nas sextas-feiras havia um salão específico para as mulheres batizado de Academia de Mulheres que, além de ser um protesto contra a proibição de mulheres na Academia Francesa de Letras, era, também, uma forma de promover, discutir e facilitar a publicação de novas escritoras, como se imaginava que acontecia na escola de Safo de Lesbos (Leonel, 2001; Faury, 1984). Essas “amazonas”, como definiu Mára Faury, tiveram um papel muito importante para a visibilidade lésbica, “é com elas que este tema torna-se mais público, pois, além de o terem assumido em sua obra literária elas o assumiram também em sua vida pessoal” (Faury, 1984, p. 55). Era uma época de afirmação de novos valores em Paris, mas o romance de Radclyffe Hall provocou grande escândalo em Londres.

Não é exagero, portanto, afirmar que, desde o seu aparecimento discursivo em 1869, os homossexuais têm sido vistos através de uma ótica ora punitiva, ora curativa. Os sentimentos e as idéias com relação ao abominável crime, intensificaram-se a ponto de ser considerado uma traição contra o Estado, na Alemanha nazista⁶⁴, por exemplo. Se o intercuro carnal entre homens e entre mulheres tinha um caráter político de insubordinação, foi preciso mais algumas décadas até que os homossexuais começassem a perceber a força política da manifestação de seus atos.

A partir de meados dos anos 60 do século XX, contudo, principalmente nos Estados Unidos, na França, na Alemanha e na Inglaterra, a rebelião pessoal foi se transformando em uma rebelião política e ganhando mais visibilidade, especialmente com a eclosão dos movimentos feministas. Agitações e passeatas se sucediam em diversos países. Os jovens lutavam em todas as frentes para destruir o velho e colocar em seu lugar uma nova ordem. Pregavam a destruição de tudo que estava estabelecido ou consagrado, valores,

“esposinha”. “Sabiam exatamente o que queriam e eram tão espontâneas, que as pessoas nada podiam fazer, exceto aceitá-las como eram” (p. 20).

⁶⁴ Estima-se que quase 50.000 homossexuais tenham sido condenados aos campos de concentração durante o governo nazista. Os homossexuais eram obrigados a usar um triângulo rosa no peito para sua identificação, “eram descritos como a escória da humanidade,... devendo assim ser exterminada” (Spencer, 1996, p. 329). Segundo Imre Karacs (FSP, 10.08.97) “quem escapou foi defender a causa fora do Terceiro Reich e ajudou a criar organizações gays nos países de adoção”. No entanto, a cidade de Berlim foi considerada um paraíso dos homossexuais nos anos 20 do século passado. “Sob a República de Weimar (1919-1933) a emancipação homossexual conheceu sua idade de ouro em Berlim. Uma verdadeira cultura gay se instalou, com uma centena de bares, cabarés de travestis e *dancings*” (DC, 17. 05.97). A própria criação do Comitê Científico-Humanitário (1897), a primeira organização do mundo a combater a intolerância sexual, por Magnus Hirschfeld, havia sido

tradições, instituições, idéias, tabus. Enquanto os adultos se chocavam, os jovens de ambos os sexos apareciam com vastas cabeleiras, *jeans* desbotados, pés descalços, anéis em todos os dedos, colares. Foi uma época de busca de formas alternativas de vida em comunidade e onde ao lema “paz e amor” se associava a máxima “sexo, drogas e *rock-‘n’-roll*”.

Acreditava-se que, se a velha ordem estava ruindo, uma nova aurora despontaria: a era de *Aquarius*. Os jovens dos anos 60 passaram a negar os valores tradicionais da sociedade ocidental, guerras, injustiças sociais, violência, opressão. Às vezes recorriam ao poder de uma flor, mas às vezes também usavam armas e violência. O mundo assistia às revoltas estudantis de maio de 1968, em Paris; o crescimento do movimento estudantil; a revolta nos Estados Unidos contra a guerra do Vietnã; a “Primavera de Praga” na antiga Tcheco-Eslováquia; a Revolução Cultural na China; a aparecimento do movimento *hippie*; os grandes concertos de música ao ar livre; o consumo de maconha, mescalina, LSD. Nos Estados Unidos, irrompem o movimento negro e a afirmação do *Black Power*, as ações pelo reconhecimento dos direitos dos índios, bem como das mulheres e dos homossexuais. Os jovens acreditavam que mudar o mundo implicava em mudar o cotidiano, o próprio mundo de cada um.

O fato de se ter ou não filhos desempenharia uma importante função, pois facilitaria o sentimento de pertencimento a um sexo. Esta concepção perduraria, basicamente, até a metade do século XX. A década de 60, contudo, viu aparecer a pílula anticoncepcional feminina que facilitou a dissociação entre o ato sexual e a reprodução⁶⁵. Os movimentos feministas e homossexuais, especialmente os norte-americanos, tinham em comum a luta pela livre expressão da sexualidade e a construção de uma nova identidade social e sexual, que não se limitasse à reprodução da espécie. Os homossexuais puderam, assim, observar uma verdadeira revolução de valores e normas sobre a sexualidade. Muitos homossexuais começaram, então, a abandonar a clandestinidade e a ir para as ruas, exigindo seus direitos de cidadãos e questionando a “normalidade” sexual instituída.

Michel Foucault (1994, p. 02) disse que a sociedade vê a homossexualidade como “perturbadora” pelo “modo de vida homossexual muito mais que pelo ato sexual mesmo. Imaginar um ato sexual que não seja conforme à lei ou à natureza, não é isto que inquieta as

uma reação à prisão de Oscar Wilde, dois anos antes, além de lutar pelo fim do notório parágrafo 175 da Constituição alemã, já citado (Praunheim, 1999).

⁶⁵ Esta dissociação está sempre presente na obra de Sigmund Freud, que concebia a vida sexual tecnicamente desvinculada da procriação. Do mesmo modo, muito antes dos anos 60 e também em outras culturas já se usavam outras formas de anticoncepcionais, como os dispositivos intra-uterinos e as camisinhas, por exemplo. Atualmente, as técnicas de contracepção e de procriação possibilitam que algumas mulheres, especialmente

peessoas. Mas que indivíduos comecem a se amar, e aí está o problema”. Isto, sem levarmos em consideração um fenômeno cada vez mais presente nas culturas urbanas contemporâneas: as *drag-queens*, os *drag-kings*⁶⁶, os transexuais e as travestis⁶⁷, que apesar de não serem bem-vistos/as, confundem, com a sua transformação, os limites impostos aos gêneros, rompendo essas idéias fixadas de “masculino” e “feminino”.

O acontecimento que se tornou símbolo do movimento dos homossexuais foi uma revolta de rua que aconteceu durante três noites em Nova Iorque. O dia 28 de junho de 1969, data da resistência à ordem de dispersar, imposta pelo pelotão de polícia a um grupo de gueis que se reuniam de madrugada, em frente ao *Stonewall Inn* – um bar do *Greenwich Village*, tornou-se, então, o dia do orgulho guei (*the gay pride*). Data em que se comemora o marco moderno da luta desta minoria sexual pelos seus direitos civis. Pela primeira vez, gueis e lésbicas reagiram efetivamente aos atos de discriminação praticados pela polícia⁶⁸. Spencer (1996, p. 349), comentando esta revolta, lembra as palavras do poeta Allen Ginsberg: “os caras estavam lindos – tinham perdido aquele ar ferido que todas as bichas tinham, 10 anos atrás”.

A celebração do dia do “orgulho guei” através de manifestações públicas nas principais cidades do mundo possibilita uma maior visibilidade para gueis e lésbicas, travestis, transexuais, transgêneros. Estas passeatas e festas proporcionam, de alguma forma, uma adesão social. Ao invadir as ruas e avenidas destas cidades, mesmo que apenas simbolicamente, os homossexuais parecem expressar a vontade de saírem de seus guetos e provocarem um grande debate social pelo direito à diversidade sexual.

aquelas oriundas de parcelas da sociedade mais favorecidas economicamente, possam ter domínio de sua fecundidade, além de poderem escolher soberanamente de que homem e em qual momento terem filhos.

⁶⁶ *Drag queens* são homens que se vestem, de forma caricata, com roupas associadas ao gênero feminino e, geralmente provocam um maior espalhafato. Comuns nos espaços GLS desde a década de 90 acabaram, através da criação de um “personagem”, desenvolvendo uma atividade profissional, os espetáculos *drags*. Diferem das travestis, pois estas realizam o travestismo de forma diária, incluindo o uso de silicone e/ou aplicação de hormônios na construção de um corpo mais feminino. Os transexuais geralmente realizam a cirurgia para troca de sexo e as transformistas são aqueles homens que trabalham em shows onde representam ou “imitam” os trejeitos de uma cantora famosa. *Drag king* seria a versão feminina da *drag queen*. Denílson Lopes (2002, p. 114) nos lembra que “apesar da intensa produção acadêmica sobre travestimento, as *drag queens* tiveram um êxito comercial que não foi acompanhado pelos *drag kings* ou lésbicas masculinizadas”.

⁶⁷ Sempre que for me referir ao substantivo masculino travesti o usarei como pertencente ao gênero gramatical feminino. Concordo com Marcos Benedetti (2002, p. 152) quando este afirma que há duas razões para assim proceder: (1) valorizar “o próprio excesso de construção do gênero feminino no corpo e nas subjetividades das travestis e que levam em conta a utilização êmica deste termo, usualmente empregado na flexão feminina”; (2) ressaltar a questão política “já que o respeito e a garantia ao seu feminino é uma das principais reivindicações do movimento organizado de travestis e transexuais”.

⁶⁸ Também no Brasil a relação dos homossexuais com os policiais não pode ser considerada como amistosa. Frequentemente a presença policial ostensiva serve para fazer cumprir uma ordem de dispersão para os notívagos e os praticantes do *trotoir*. São conhecidos também os descasos dos policiais quando algum fato delituoso é praticado contra um homossexual. Ver, p. ex., Perlongher (1987), Carrara & Vianna (2001), Arruda (2001).

Os anos 70 assistiram, assim, ao surgimento de uma minoria organizada que reivindicava legitimidade, assumindo atitudes pelo fim da discriminação e da opressão. Muitos homossexuais norte-americanos saíram da clandestinidade e passaram a se denominar gays, aparecendo aquilo que alguns autores consideram como uma nova cultura ou um estilo de vida próprio. Para Colin Spencer (1996, p. 349) esta atitude deriva da necessidade de agirem e falarem “abertamente sobre sua condição *gay*”. Tornava-se imperioso “se orgulhar de si mesmo”, beijar, abraçar e andar de mãos dadas sem ver nada de errado nestas atitudes e poder falar com a família, com os amigos e colegas, em outras palavras, “sair da casca”. Como forma de resistência à discriminação, acabaram criando pontos de encontro, como bares, saunas, clubes, “discotecas”, onde pudessem conviver com outros homossexuais e longe do controle da “sociedade” heterossexual. Começa a ser criado, então, um verdadeiro “circuito” guei aonde “os homens jantavam em determinado restaurante, exercitavam-se numa certa academia, freqüentavam os mesmos três ou quatro bares e faziam sexo numa sauna específica” (Spencer, 1996, p. 355). Os lugares de lazer estabeleciam áreas exclusivas para o namoro ou para contatos sexuais, alguns exibiam filmes pornográficos.

A ênfase estava em ressaltar a diferença, o que nem sempre foi bem compreendido pelo restante da sociedade. Uma nova imagem do homossexual começava a ser desenhada e eles não precisavam mais se transformar em caricaturas femininas, tentando amenizar as agressões e/ou provocar risos. No lugar do travestismo e suas maneiras afetadas aparecia o *cowboy* fortão, “usavam camisas de flanela xadrez, calças Levis de abotoar, botas de trabalho, cabelo curto, bigode” (Spencer, 1996, p. 355). Ao mesmo tempo em que estas vestimentas os diferenciavam do restante da sociedade, faziam com que seus interesses fossem compreendidos por outros homossexuais: “os *jeans* evidenciavam o traseiro e a genitália – eles não usavam roupas de baixo, para aumentar a exposição –, e seus bolsos deixavam à mostra chaves e lenços, que indicavam suas preferências por determinados tipos de atos sexuais e posições” (id., p. 355).

Ao mesmo tempo em que muitos buscavam criar uma imagem nova para si, procurando se desvencilhar do imaginário sobre a feminilidade que cercava a homossexualidade masculina, pode-se observar que reproduziam os ideários do macho chauvinista. Colin Spencer (1996, p. 355) nos diz que, entre esses homens “matadores”, “o sexo era bruto, desinibido e falocêntrico”. No seu entender, os parceiros continuavam atados a um padrão heterossexual e representavam papéis de marido e mulher. O autor ainda enfatiza: “a imagem do machão vigoroso e a aparência de normalidade masculina eram posturas tão

artificiais como a do travesti de antes” (id., p. 356). Na busca de espaços, estes homens continuariam como caricaturas de uma sociedade que insistia em negar suas existências.

O certo é que toda esta visibilidade causou um grande impacto, fazendo com que várias leis e atitudes referentes à homossexualidade tivessem que ser reavaliadas. Os movimentos organizados pressionavam associações de medicina para que retirassem a homossexualidade de suas listas de doenças, onde aparecia como desequilíbrio psicológico, além de forçarem a polícia a parar com as perseguições. Como disse Ariès (1987, p. 82) “doravante não são mais nem médicos nem padres que fazem da homossexualidade uma categoria à parte, uma espécie: são os próprios homossexuais que reivindicam sua diferença, e que assim se opõem ao restante da sociedade”.

Nos anos 80 e 90, nas sociedades euro-americanas, o que se observou basicamente foi uma tentativa de indiferenciação por parte dos homossexuais. Muitos militantes começam a apregoar que os/as homossexuais são homens e mulheres como os outros, a diferença poderia estar na recusa de determinados papéis sexuais. Ressaltam que o sexo não determina o gênero e que a homossexualidade não estava ligada, necessariamente, ao conceito de inversão de gênero. Para Elizabeth Badinter (1993, p. 116) “os homossexuais não mais reclamam o direito à diferença, mas o direito à indiferença. Anseiam ser olhados como seres humanos e como cidadãos dentre outros, sem *handicaps*, nem privilégios particulares”. Esta análise nos remete à segunda onda do feminismo francês que pregava, apoiada nas idéias de Simone de Beauvoir, a necessidade de igualar direitos e condições, reivindicando a indiferenciação com relação à identidade sexual dos sujeitos. Em *O Segundo Sexo* (1980 [1949]), Simone de Beauvoir afirmava que a emancipação histórica das mulheres exigiria a rejeição da função materna e que fossem “como homens”, ativas, trabalhadoras, produtivas.

O que se tem observado nos últimos anos é uma grande tendência de identificação com os valores das camadas médias da população, com muitos homossexuais, gueis e lésbicas procurando parceiros/as ideais, para com eles/as construir uma vida em comum. Denílson Lopes (2002, p. 23) aponta para uma “crescente integração conservadora do gay de classe média na sociedade norte-americana, de quem se pode fazer uma caricatura no desejo de casar, ter filhos e ir para o exército”. Reforçam a idéia da devoção ao trabalho, o desejo de adquirir e cuidar da manutenção da casa e um “bom” relacionamento com o mundo heterossexual. O que se observa parece uma contradição, um grupo minoritário tentando se tornar irreconhecível, ao mesmo tempo em que exige reconhecimento.

O insidioso aparecimento da AIDS, na década de 80, foi fazendo com que muitos homossexuais alterassem o rumo de suas vidas, tornando-se mais cautelosos. Ao mesmo

tempo em que uma parcela da sociedade acreditava num “castigo divino” e os governos respondiam muito lentamente às demandas por ações contra a epidemia da AIDS, houve uma politização dos gueis que se sentiram abandonados ou ignorados. Para alguns autores, a AIDS, portanto, contribuiu para uma maior visibilidade da homossexualidade e ajudou a revelar a discriminação e o preconceito que os homossexuais ainda enfrentam. Esta epidemia também “fez aflorar um sentimento de solidariedade, inspirou heroísmo e altruísmo, reforçou a necessidade de sobreviver e triunfar sobre as autoridades heterossexuais indiferentes” (SPENCER, 1996, p. 358). Pode-se dizer que a história dos movimentos homossexuais acabou se misturando à história da luta contra esta epidemia.

Os primeiros militantes norte-americanos pelos direitos civis dos gueis e lésbicas argumentavam que seria interessante se os homossexuais ostentassem uma diferença, como cabelo roxo, por exemplo. Andrew Sullivan (1996, p. 107), ao recordar este fato, afirma que “a AIDS deu aos gays manchas roxas, além de pneumonia, infecção intestinal e toda uma série de infecções, todas elas horríveis, debilitantes e visíveis”. É claro que estas marcas físicas não pertencem somente aos homossexuais e que, com o avanço das tecnologias de combate ao HIV-AIDS, elas estão se tornando cada vez mais raras, no entanto, a questão é que elas existiram e, em algum momento, enfatizaram uma política da tolerância privada e a desaprovação pública da homossexualidade. Grupos de homossexuais passaram a exigir serem ouvidos e suas reivindicações consideradas, o que provocou discussões, cobertura da mídia e debates políticos sobre o assunto. A AIDS, portanto, também significou uma virada na situação em que se encontravam os sujeitos homossexuais. Outro reflexo é que alguns homossexuais começaram a olhar para além de si mesmos.

Com a força dos movimentos e devido a atitudes mais liberais quanto à sexualidade, foram criados nos Estados Unidos os *gays and lesbians studies*. Não se trata da criação de uma nova disciplina, mas do entrecruzamento de um conjunto delas: a interdisciplinaridade articulada a partir da análise de inúmeras práticas sociais e vivências pessoais. Estes trabalhos, ao questionarem a normalidade heterossexual instituída e o papel privilegiado do “macho” na sociedade, dão seqüência às reflexões feministas. Como conseqüência, ao tentar provar que as diferenças entre os sexos seriam resultados de uma construção histórica e cultural, estes estudos passam a relativizar a diferença entre homossexualidade e heterossexualidade. Como um construto teórico-metodológico-crítico, também os *gays studies* refletiram primeiro sobre o reconhecimento da legitimidade histórica da homossexualidade e sobre outros aspectos, como a existência de uma cultura e estilo de

vida próprios dos homossexuais. Atualmente, os estudos gueis e lésbicos estão agrupados no que se convencionou denominar *queer theory*, um campo teórico em grande expansão.

De qualquer forma, é fundamental pensar a pertinência do termo ‘estudos gays e lésbicos’, até que ponto sua institucionalização é necessária ou desejável. Nomear é sempre um perigo, mas se não nos nomeamos, outros o farão. Dar um nome não significa simplesmente classificar, mas explorar, problematizar. Falar em teoria *queer* é fugir da discussão. A falta de tradução lingüística bem pode ser um indício da falta de tradução intelectual. (...) A saída não está em apontar para um nome único, mas estratégias diferenciadas em função de realidades culturais e regionais distintas (Lopes, 2002, pp. 27-8).

Não resta dúvida que o campo teórico *queer* se constituiu com um caráter interdisciplinar, que estabelece diálogos com disciplinas tais como a história, a antropologia, a sociologia, a psicologia, os estudos feministas e de gênero, entre outros. Trata-se de um movimento de questionamento da identidade homossexual e de alguns outros aspectos dos *gay and lesbian studies*. Falar em *queer* é pensar em identidades plurais, em constante processo de construção. Para Denílson Lopes (2002, p. 23) ao realizar uma crítica ao crescente uso dos termos guei e lésbica e marcar presença para além de guetos, cenas e subculturas “a posição *queer* positiviza uma ofensa, busca maior fluidez sem despolitização de sujeitos cada vez mais marcados por hibridismos culturais...”. Assim, a teoria *queer*, não se limitando ao universo do gueto, além de incluir homens e mulheres homossexuais, promoveria a criação de uma categoria que abrangesse também os bissexuais⁶⁹, transexuais, *transgenders* e heterossexuais anti-homofóbicos⁷⁰. Enquanto os estudos anteriores apregoavam a busca de respeito e integração no sistema social, a teoria *queer* evoca uma postura mais rebelde, mais excêntrica, performática, radical.

As questões homoeróticas são percebidas como pertinentes para o conjunto de uma sociedade em rápida transformação diante das novas tecnologias, em que as imagens virtuais, sintéticas, são reproduzidas eletronicamente e as identidades se apresentam de forma mais instável e complexa, reafirmando vínculos entre política e cultura, teoria e prática, na criação de novos contextos (...) e na redefinição de formas de gregariedade, em meio à dispersão contemporânea (Lopes, 2002, p. 24).

⁶⁹ Elaine Borges Berutti (2002, p. 135) afirma que alguns gueis e lésbicas, “que acreditam na exclusividade do desejo *same-sex-oriented*”, negam a existência da bissexualidade em si. Para a autora, “tanto a comunidade *gay* e lésbica, como a heterossexual, têm um ponto em comum – a negação do desejo por ambos os sexos”.

⁷⁰ Homofobia é um vocábulo cunhado em 1972, pelo psicoterapeuta americano George Weinberg, e que se refere ao comportamento, variável culturalmente, de medo e/ou intolerância frente à homossexualidade. Homofobos tanto podem ser os héteros quanto os próprios homossexuais. Ilustrando a prática homofóbica e a hipocrisia da sociedade em que vivemos, onde a maioria defende a conquista dos direitos humanos, cito o epitáfio que Leonard Matlovich escolheu para seu túmulo. Soldado da Força Aérea Americana, condecorado por sua atuação numa guerra e expulso da corporação em 1975 por sua homossexualidade, morreu de AIDS em 1991: “*Um veterano gay do Vietnã. Quando eu era militar eles me condecoraram por matar dois homens – e me expulsaram por amar um*” (SPENCER, 1996, p. 360).

Nesse sentido, há uma relação de mercantilização de tudo que é próprio de uma “cultura” guei, como os estereótipos de beleza e juventude (estes conceitos abrangeriam homens e mulheres). Pode-se observar a mudança da idéia de uma “condição” homossexual para a de um “estilo” de vida. Não mais uma postura de autodefesa e questionamento da sua própria existência, mas a auto-afirmação ou superação de tal problemática, agora considerada já resolvida ou não pertinente. O conceito *queer*, portanto, também se propõe desconstrucionista. As críticas que recebeu, de acordo com José Carlos Barcellos (2002, p. 26), resultam da “despolitização que o projeto de dissolução da identidade *gay* acarreta... e na des(homo)sexualização implicada na amplitude do conceito, que pretende abarcar quaisquer práticas eróticas excêntricas ou desviantes em relação aos *regimes de normalidade*⁷¹”. Se não foi somente na área dos *queer studies* que ocorreu a desconstrução do conceito de homossexualidade, foi nesta área que a idéia de desconstrução encontrou uma categoria de maior fluidez, pois, sem a despolitização dos sujeitos ou leituras monumentalizadoras, conseguiu incluir bissexuais, transexuais e heterossexuais “simpatizantes” em suas discussões (Lopes, 2002).

Richard Parker (2002), antropólogo e militante homossexual, alerta que durante muito tempo houve um debate acadêmico “cada vez mais enfadonho” (p. 19) entre aqueles que defendiam conceitos essencialistas sobre a homossexualidade e os construtivistas. Os argumentos teóricos apontam para uma interpretação da homossexualidade “como uma parte universal da nossa natureza biológica ou psicológica ou, por outro lado, como constructo de sistemas sociais, culturais, políticos e econômicos específicos” (id., p. 19). Sua crítica se concentra em apontar as diferenças que reiteram oposições dicotômicas, a exemplo de civilizado e primitivo, desenvolvido e subdesenvolvido, norte e sul. Como resultado desta dualidade, o autor nos diz que ocorreu um reforço no sentido de acentuar as diferenças existentes “entre *nossa* homossexualidade [e a] da *deles* – entre as comunidades gays e lésbicas do mundo anglo-europeu e a organização diferente da vida, das identidades gays (ou homossexuais) em diversos grupos não-ocidentais”. O interessante é que aparentemente o seu trabalho também reforça esta dualidade só que, agora não mais entre ocidente-orientes, mas entre aquilo que denomina como uma cultura homossexual, unificada ou modelada, e uma cultura, mais ampla, heterossexual. Para Parker, superar esta dualidade, no entanto, seria compreender que “devemos também abandonar configurações teóricas que atuam, em grande parte, por meio de comparações e contrastes relativamente simplistas” (2002, p. 23).

⁷¹ Grifos do autor.

O desenvolvimento da *queer theory*, assim como os estudos feministas, têm proporcionado reflexões sobre a questão da identidade, intersubjetividade e textualidade, assim como aqueles que envolvem a questão da *performance* do gênero, das diversidades étnicas e das classes socioeconômicas.

3. O contexto nacional para os sujeitos homossexuais.

*Para os americanos
branco é branco, preto é preto...
e a mulata não é a tal.
Bicha é bicha, macho é macho, mulher é mulher,
dinheiro é dinheiro.
E assim ganham-se, barganham-se, perdem-se,
conseguem-se, conquistam-se direitos.
Enquanto isso, aqui embaixo a indefinição é o regime
e dançamos, com uma graça cujo segredo eu nem mesmo sei
entre a delícia e a desgraça
entre o monstruoso e o sublime
(Caetano Veloso)*

No Brasil independente, a prática da homossexualidade nunca foi considerada ilegal⁷², estando a sodomia⁷³ descriminalizada desde a implantação do Código Criminal do Império, em 1830. Sob o regime republicano (pós 1889) a homossexualidade *per se* continuou a ser “legal”, mas nem tanto. Green (2000, p. 57) salienta que apesar do novo Código Penal republicano (1890) não criminalizar a sodomia, a nova lei criava mecanismos que buscavam controlar tais condutas; assim, em pelo menos quatro artigos há restrições ao comportamento homossexual. O artigo 266 previa penas “de prisão celular por um a seis anos” para quem “attentar contra o pudor de pessoa de um ou de outro sexo, por meio de violência ou ameaças, com o fim de saciar paixões lascivas ou por depravação moral”. O artigo 282, descrito como “offender os bons costumes, com exhibições impudicas, actos ou gestos obscenos, attentorios do pudor, praticados em lugar publico ou frequentado pelo publico, e que, sem offensa á

⁷² De acordo com Luiz Mott (2003, p. 19) com a promulgação da primeira constituição do Brasil em 1823, sob a influência modernizante do código Napoleônico, a sodomia deixa de ser crime, “não mais existindo lei restritiva ao homoerotismo. (...) O lesbianismo, descriminalizado pelos Inquisidores em 1646, [...] sempre foi menos visível [...] não se tendo notícia de nenhuma lesbiana queimada pela Inquisição lusitana”.

⁷³ O termo sodomia refere-se aos praticantes do coito anal, tanto hetero como homo, mas também é utilizado para descrever qualquer prática sexual que não leve à procriação. Neste caso, também se constitui como uma das denominações dada aos adeptos de práticas homossexuais (sodomitas). De acordo com Green (2000, p. 55), tanto para o código penal português quanto para o Ofício da Sagrada Inquisição, que se instalou em Portugal em 1553, quando dois homens estavam envolvidos, tanto o penetrador quanto o receptor eram considerados sodomitas.

honestidade individual de pessoa, ultrajam e escandalizam a sociedade”, previa prisão de um a seis meses. O artigo 379 proibia “disfarçar o sexo, tomando trajes improprios de o seu e trazê-lo publicamente para enganar” e previa uma pena de quinze a sessenta dias de prisão. O quarto artigo definia e regulamentava a vadiagem, “deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mistér em que ganhe a vida, não possuindo meio de subsistencia e domicilio certo em que habite; prover á subsistencia por meio de occupação prohibida por lei, ou manifestamente offensiva da moral e dos bons costumes”; andar sem carteira de trabalho, ou estar envolvido em casos de prostituição masculina, poderia ser punido com uma pena de quinze a trinta dias de detenção.

Estes artigos, por terem uma redação muito ampla, davam liberdade para a polícia definir e restringir comportamentos que não se adaptassem à sua visão heterocentrada. Noções vagas de moralidade e de decência pública impunham controles sobre aqueles “que transgredissem as normas sexuais aprovadas socialmente” (Green, 2000, p. 57), além de desencorajar os homossexuais, na busca de seus parceiros, com argumentos de depravação moral. Nossa polícia acostumou-se a humilhar os homossexuais, tanto em espaços públicos quanto privados e, embora a homossexualidade em si não fosse ilegal, de acordo com Trevisan (2000, p. 56), nossos juristas criaram razões indiretas (“atentado ao pudor”, “vadiagem” ou “consumo de drogas”) “para deflagrar uma repressão que se deve ao autoritarismo básico da organização social brasileira...”. Deve ser ressaltado que, nestes casos, os fatos registrados em delegacia de polícia quase sempre envolvem pessoas pobres ou das camadas médias de mais baixa renda e estão relacionados à busca de satisfação sexual em lugares públicos. Green (2000, p. 37) afirma que “quanto mais baixo o *status* econômico ou social de uma pessoa, mais vulnerável ela se tornava aos abusos policiais”. Esta afirmação de James Green está relacionada a acontecimentos registrados durante os anos 20 e 30 do século passado, onde os criminologistas costumavam relacionar a pobreza à degeneração, à violência, ao perigo e à desordem. Contudo, nos dias de hoje, é possível observar que os abusos policiais ainda estão dirigidos ao menos favorecidos social e economicamente.

Somente o fato de configurá-las como “agravamento de pena” já se constitui num ato de avaliação moral destas práticas sexuais, definindo o preconceito e a sua inaceitação social e jurídica⁷⁴. A homossexualidade, de acordo com o Juiz Federal Roger Raupp Rios

⁷⁴ “Segundo a legislação brasileira, a bestialidade (coito com animais), assim como outras práticas sexuais como a homossexualidade feminina e masculina, a prostituição e o incesto, não são puníveis por si mesmo, ou seja, não são crimes. Somente quando tais condutas estiverem associados a outros crimes, como atentado ao pudor, crimes envolvendo menores, assédio sexual, etc, elas serão utilizadas para agravamento da pena, ficando seus autores sujeitos as penalizações” (Furlani, 1998, p. 36)

(2002, p. 15), “ainda hoje é objeto de intenso preconceito e violência em nossa sociedade”. Neste sentido, há dados demonstrando que, apenas no Brasil, a cada três dias uma pessoa é brutalmente assassinada em virtude do ódio motivado por sua orientação sexual⁷⁵. Esses crimes parecem indicar que há um clima de desconforto, medo e animosidade, na sociedade, quando o assunto é homossexualidade. Roldão Arruda (2001, p. 278) chega a afirmar que “os crimes contra homossexuais, poderiam ser enquadrados nessa categoria de crimes com os quais a sociedade parece acostumada” e que revelaria os mecanismos conservadores de defesa dos privilégios dos homens brancos e heterossexuais. Manifestações do que é hoje denominado violência homofóbica.

A violência contra homossexuais não é apenas um crime, mas também um problema social grave. A homofobia não é somente sair por aí matando “bichas”, pode estar escondida em pequenos gestos ou comentários, mas que servem para acentuar as discriminações e os preconceitos. É, também, o recrudescimento de um moralismo que serve para intensificar arbitrariedades cometidas contra homossexuais.

A violência é um tema que não foi o foco de minha análise, apesar de ter aparecido no campo de pesquisa. É importante afirmar que, além de sua definição variar muito, também o grau de exposição a atos violentos separa de maneira bastante nítida os diferentes segmentos agrupados na genérica categoria de “homossexuais”. Carrara & Vianna (2001, p. 02) apontam para o fato de que “a violência que atinge travestis, sobretudo os que participam dos circuitos de prostituição, é bastante diferente da que tende a vitimar outros homossexuais, particularmente os que não exibem publicamente os sinais de sua *diferença*⁷⁶”. Outro fato, é que grande parte das agressões a que estão sujeitos os homossexuais, não são sequer comunicadas às pessoas mais próximas, quanto mais em uma delegacia de polícia.

Esta mesma polícia pode ter controle sobre a circulação de gueis e travestis e isto não se constituir numa coação ou constrangimento ao direito de locomoção. Este entendimento jurídico foi adotado por unanimidade pela Sexta Turma do Superior Tribunal de Justiça, com a afirmação que “o controle policial da circulação de homossexuais situa-se no exercício do direito de polícia e atende a ditames da ordem e da segurança públicas, não se constituindo constrangimento ilegal ao direito de locomoção”. O relator da matéria, ministro

⁷⁵ Sobre estes dados é possível consultar a coluna “Arquivo Mott”, Revista Sui Generis: 1998, nº 31, p. 51. Para ilustrar, Luiz Mott apresenta os seguintes números: em 1997 foram assassinados 130 homossexuais, sendo 82 gueis, 42 travestis e 6 lésbicas. Outras fontes podem ser encontradas na bibliografia do próprio artigo do juiz Rios (2002), como por exemplo: *Violação dos Direitos Humanos e Assassinato de Homossexuais no Brasil – 1998*, Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1999; e, fora do país, *Rompamos el silencio – violaciones de derechos humanos baseados en la orientación sexual*, Madrid: Editorial Amnistia Internacional (EDAI), 1994; *Queer Bashing – a national survey of hate crimes against lesbians and gay men*, London: Stonewall, 1996.

Vicente Leal, afirma que os agentes da polícia podem advertir aqueles indivíduos que “circulam na busca de clientela, o fenômeno chamado de *trottoir*”. Não fica claro se a decisão do STJ se referia apenas à exploração de sexo profissional ou, ao contrário, a qualquer sujeito homossexual. Neste caso, como ele seria identificado pelo policial como homossexual? Esta foi uma decisão adotada em julho de 1998, mas o acórdão do julgamento só foi publicado em dezembro de 2000⁷⁷.

Desta discussão transparece uma espécie de cisão entre o que seria a vida pública e a vida privada dos homossexuais, como dois mundos independentes e que se comunicam muito pouco. Tal situação é atualizada naquilo que se convencionou chamar de permanecer “no armário”. As representações relativas à homossexualidade são notadamente estigmatizantes e repletas de clichês. Carrara & Vianna (2001) advertem que a própria violência que atinge os homossexuais é muito heterogênea e vai além daquele modelo clássico do crime de ódio denunciado pela sua militância. “Somente pesquisas mais detalhadas podem apreender a variedade de formas e o alcance da homofobia nas relações sociais, indo além do discurso simplificador acerca da intolerância contra a homossexualidade presente na sociedade brasileira” (p. 26).

Num outro sentido, tem sido na “justiça⁷⁸” que os homossexuais têm visto a garantia de alguns de seus direitos. Tanto em Florianópolis, quanto em âmbito nacional. Em setembro de 2004⁷⁹, um juiz da 1ª Vara Federal de Florianópolis concedeu uma liminar para uma cidadã inglesa que vive união estável com uma brasileira, poder retornar ao Brasil e aqui permanecer, usufruindo do benefício de reunir a família. Em dezembro de 2003, também houve uma liminar semelhante onde uma juíza florianopolitana entendeu que a União não poderia deportar uma cidadã italiana que vivia em Florianópolis há dez anos com uma brasileira.

Um outro caso de relação homoafetiva que recebeu amparo na justiça de Santa Catarina, foi deferido na 2ª Vara da Fazenda da Comarca da Capital e tratava da inclusão de um beneficiário à pensão previdenciária, em razão da morte de seu companheiro. A pretensão havia sido negada pelo Instituto de Previdência do Estado de Santa Catarina (IPESC) e foi

⁷⁶ Entre aspas no original.

⁷⁷ Esta informação consta da Revista Consultor Jurídico, de 19 de abril de 2001 e pode ser encontrada em: <http://cf6.uol.com.br/consultor/view.cfm?numero=5053&ad=b>. Acesso em 19.04.01.

⁷⁸ “A justiça é um anseio de todos. A garantia da justiça é o dever maior de um Estado Democrático de Direito que tenha o compromisso de assegurar o respeito à dignidade da pessoa humana” lembra Dias (2003, p. 11).

⁷⁹ <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1609200415.htm> (acesso em 29.09.04).

garantida através de liminar, após a comprovação da longa convivência dos dois homens, em união estável⁸⁰.

Já em 1999, um magistrado da 2ª Vara da Justiça Federal de Santa Catarina havia reconhecido, pela primeira vez no país, “o direito à percepção, mas somente da metade, da pensão vitalícia por morte do companheiro homossexual de servidor” (Dias, 2000, p. 137). Na sentença ficava evidenciada que a negativa inicial de pagamento refletia uma nítida discriminação em função da orientação sexual do requerente.

Uma outra decisão, também inédita no Brasil, foi dada pela 2ª Vara Cível/Registro Público da Capital e alterava o registro civil de um homem em decorrência de uma cirurgia de mudança de sexo. A sentença prolatada em 27 de setembro de 2000 foi questionada pelo Ministério Público (MP), pois era de seu entendimento que a alteração no documento deveria vir acompanhada da informação: transexual. A decisão final da 1ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça (TJ) confirmou a sentença de primeiro grau, que permitiu a retificação do registro civil⁸¹.

Num sentido oposto, a Assembléia Legislativa de Santa Catarina aprovou, no dia 23/05/2001, uma proposição do deputado Adelor Vieira (PMDB) no sentido de que nossos deputados da bancada federal se posicionassem contra o Projeto de Lei nº 01151/95, de autoria da ex-deputada Marta Suplicy que disciplinava a união civil entre pessoas do mesmo sexo. O argumento apresentado pelo deputado afirmava que tal proposição “fere os padrões morais de nossa sociedade, e por estarmos absolutamente convicto de que a solução para o homossexualismo, bissexualismo e lesbianismo não está na oficialização do casamento civil, mas sim, no arrependimento e abandono completo dessas práticas”. Trata, sem dúvida, de um requerimento com um conteúdo extremamente homofóbico⁸² e, neste sentido, algumas entidades que lutam pelos direitos humanos organizaram um abaixo-assinado que circulou pela *Internet*. Também tiveram alguma repercussão pública as manifestações da deputada Odete de Jesus (PL) condenando a homossexualidade. Esta parlamentar presidia, na Assembléia, a Comissão de Direitos e Garantias Fundamentais, onde estas questões fazem parte da pauta de debates⁸³.

⁸⁰ DC, 18.07.2004.

⁸¹ DC, 01.07.2001.

⁸² Recebi no dia 20.07.2001 o fac-simile do requerimento nº 402-01, do gabinete do deputado, e que foi aprovado pelos senhores deputados estaduais. O Jornal das Missões de julho/agosto de 1997, no entanto, já trazia a cópia de um discurso combatendo a lei que legalizaria o “casamento” de homossexuais e proferido pelo deputado Adelor Vieira, em plenário da Assembléia Legislativa, no dia 25.06.97.

⁸³ Coluna do Paulo Alceu, Diário Catarinense do dia 20.12.03.

As decisões apontadas dizem respeito somente aos pleitos julgados pelos magistrados em Santa Catarina. Nas últimas décadas, no entanto, tem sido a Justiça do Rio Grande do Sul que tem tomado, de forma pioneira, importantes decisões favoráveis às reivindicações dos homossexuais, influenciando outros tribunais espalhados pelo Brasil. Sem alterar a Constituição Federal, a lei tem estendido aos homossexuais o mesmo tratamento outorgado aos demais cidadãos, em razão de seus vínculos afetivos.

Como pode ser visto, mesmo sem contar com a regulamentação em leis de suas uniões, da partilha de bens comuns, guarda de filhos, mudança de identidade de transexuais, os homossexuais vão, cada vez mais, ao poder judiciário brasileiro requerer seus direitos. A solução encontrada, como lembra Dias (2003, pp. 17-18) foi, a partir da definição de a quem competia julgar tais demandas, ancorá-las nos “juizados especializados da família”. Nesta nova orientação e com o silêncio da lei, as normas aplicadas são as mesmas previstas para as uniões estáveis entre heterossexuais. Outras decisões, contudo, despontam no cenário nacional e demonstram a necessidade de se legislar para regulamentá-las. “Consagrar os direitos em regras legais talvez seja a maneira mais eficaz de romper tabus e derrubar preconceitos” (Dias, 2003, p. 19).

Não é demais salientar que, apesar de todas as proibições, as práticas homossexuais continuaram presentes na nossa sociedade, porém com os homossexuais sempre sendo considerados como minoria. A categoria generalizante “homossexualidade” pode ser muitas coisas, não existindo uma homogeneidade sob o rótulo homossexual. É possível que existam tantas homossexualidades quanto existem homossexuais (Sell, 1987, p. 17), em outras palavras se trata de afirmar que haveria um tipo de guei ou de lésbica em cada homossexual. De acordo com Peter Fry (1987, p. 12) “nossa infinitamente rica pletora de identidades sexuais... não são simples traduções dos homossexuais... São personagens de um cenário de significações que têm sua história e lógica próprias”. Alertei, logo no início, que trabalharia com a idéia de homossexualidades, pois são inúmeras as suas variantes. Não se pode, no Brasil, restringir a vivência homossexual àqueles sujeitos que circulam nos guetos urbanos, pois há um número bastante significativo de homens e mulheres que, mesmo com uma prática exclusivamente homossexual, não os freqüenta. Alguns, até mesmo, detestam ser confundidos com aqueles que os freqüentam (Trevisan, 2000, p. 40). Sem falar também, dos sujeitos com vivências duplas, homo e heterossexuais.

4. As homossexualidades no Brasil.

*Onde é Brasil?
Que importa este lugar
se todo lugar
é ponto de ver e não de ser*
(Carlos Drummond de Andrade)

Algumas visões sobre a “história” das homossexualidades no Brasil podem ser encontradas em, basicamente, dois livros: “Devassos no Paraíso” (2000 [1986]) de João Silvério Trevisan e “Além do Carnaval” (2000) de James Green, porém estas pesquisas estão voltadas fundamentalmente para a experiência homossexual masculina. Para não ficar apenas repetindo o que pode ser visto diretamente nestas obras, vou fazer um breve estudo das abordagens históricas para me concentrar, basicamente, no período que antecede a “oficialização” do movimento homossexual no Brasil. Isto acontece a partir da criação do grupo *Somos*, na cidade de São Paulo, em 1978. Quase dez anos, portanto, após a rebelião de *Stonewall*, em Nova York.

O antropólogo e militante do Grupo Gay da Bahia (GGB) Luiz Mott (2003, p. 235) vem repetindo ao longo das últimas décadas que “a homossexualidade é legal no Brasil”. Um jogo com palavras, no sentido de esclarecer que a homossexualidade nunca foi criminalizada, ou esteve prevista no código penal brasileiro, e, por outro lado, que a sua vivência pode ser entendida como legal, como um prazer. E, se é “legal” ser homossexual no Brasil, podemos, então, nos preparar para uma grande comemoração, com diversão, muita alegria e “babados”. Será?

A verdade é que através de celebrações e de festas, milhares de homossexuais vêm se mobilizando nas *Paradas Gays* espalhadas por todo o país. São inquestionáveis os impactos político de eventos como estes na luta pela conquista dos direitos civis, pois é em tais eventos que se pode observar uma maior visibilidade social dos homossexuais. No entanto, de forma organizada e nos moldes atuais, somente no ano de 1995 é que acontece a primeira parada no Brasil. A psicóloga Adriana Nunan (2003, p. 111) cita números que comprovam o impressionante aumento de participantes nas paradas da cidade de São Paulo: “1997, apenas 2 mil pessoas; 1998, 8 mil; 1999, 35 mil; 2000, 120 mil; 2001, 200 mil. Em 2002 atingiu-se o número recorde de 400 mil participantes (incluindo homossexuais, simpatizantes e curiosos)”. No ano de 2003 foi atingido o número de 800 mil pessoas, o que

fez da Parada de São Paulo a terceira maior passeata do gênero no mundo, atrás apenas das realizadas nas cidades de São Francisco, nos Estados Unidos, e de Toronto, no Canadá (Nunan, 2003, p. 112). Em 2004, a celebração da diversidade sexual contou com a participação de mais de 1,5 milhão de pessoas. Uma multidão reunida nas ruas de São Paulo que não pode ser menosprezada, pois se tornou o maior evento de afirmação e celebração da homossexualidade do mundo⁸⁴. Em 2005 os números são controversos, a Polícia Militar (PM) afirma que foi 1,8 milhão, os organizadores e alguns presentes falam em mais de 2 milhões, as emissoras de televisão Globo e SBT, em *flashes* ao vivo durante suas programações normais de domingo, chegaram a anunciar 3 milhões⁸⁵. Na verdade, o número exato dos participantes pouco importa, o marco foi a demonstração da capacidade de reunir inúmeras pessoas a solicitar pelo reconhecimento da união civil.

Uma questão, porém, fica no ar: será possível falar de uma história das homossexualidades no Brasil? Alguns dos autores que questionam a noção de uma *história da homossexualidade* apresentam argumentos que podem ser resumidos na seguinte citação, da qual também me aproprio:

... o preço da estratégia de glorificação do passado será o reforço da idéia de que o 'homossexual' representa uma espécie de povo, etnia, agrupamento político ou seita religiosa, com seus momentos de apogeu, declínio, opressão e liberação. Como consequência, pede-se implicitamente a todos os indivíduos com inclinações homoeróticas que aceitem pertencer a essa comunidade de tradição, aceitando um só passado, uma só herança cultural e, por fim, uma só identidade de desejos e aspirações (Costa, 1992, p. 50).

Trata-se de uma questão teórica importante, pois para o autor os homossexuais não são um grupo diferente dos demais segmentos das populações das cidades, como uma (sub) cultura, ou com uma história particular. O que procuro apresentar são momentos vivenciados por determinados grupos de homossexuais e que, constituindo-se em espaços e tempos históricos, influencia(ram), de alguma maneira, a vida de outros sujeitos, homens e mulheres, homossexuais ou não. Como já foi dito anteriormente, a maioria dos “fatos históricos” relativos à homossexualidade geralmente fala de duas realidades distintas: ou se referem a homens, brancos, ocidentais, urbanos e pertencentes às camadas médias e às elites da população; ou tratam de homens, negros, pobres e efeminados, quase todos estudados a partir dos registros médicos e/ou policiais. Não se pode ignorar, contudo, que numa mesma

⁸⁴ Informações obtidas através do site: <http://glsplanet.terra.com.br/ativismo/falaserio24.shtml> (acesso em 01/07/04).

⁸⁵ <http://glsplanet.terra.com.br/news/> (acesso em 26.06.05).

sociedade interagem e se misturam questões de gênero com a diversidade étnica e de classes sociais. James Green (2000, p. 34) afirma que muitas relações homoeróticas ocorrem através de uma interação de classes e etnias, mas reconhece que também, em outras ocasiões, as “situações econômicas e *status* sociais desiguais geraram graves tensões e reforçaram uma relativa segregação social e racial”.

Duas obras literárias brasileiras, dois romances naturalistas, que tiveram diferentes repercussões à época de seus lançamentos, ajudam a compreender as diversidades que geralmente são desconsideradas pela historiografia oficial. Em 1890, foi publicado o livro *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo (2004), que narra uma relação amorosa entre duas mulheres. Apesar de o livro tratar da transformação da jovem Pombinha numa mulher, após o seu encontro amoroso com a prostituta Léonie, o envolvimento entre as duas acontece juntamente com outros enredos, não sendo considerado, portanto, o foco da história. A obra descreve o encontro de uma mulher mais velha, rica e poderosa com uma jovem adolescente. Como consequência desse encontro, o autor afirma que a jovem Pombinha teve finalmente sua tão desejada menstruação, além de pressentir as delícias que lhe pareciam reservadas, para mais tarde, com o homem amado. Um reforço para a sua orientação heterossexual.

O outro romance é o *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha (2003), publicado em 1895, e trata de forma clara e exaustiva do envolvimento afetivo e sexual entre o adolescente Aleixo, um grumete, e o marinheiro Amaro. Pela primeira vez aparecia, na literatura brasileira, um protagonista negro e homossexual. Dentro do estilo naturalista, há uma aproximação do discurso literário com o discurso médico, portanto, são compreensíveis alguns comentários emitidos, como aquele que chama de “seres doentios” os dois amantes. Outros exemplos de preconceitos científicos remetem à selvageria do negro e à passividade do loiro, que se deixa submeter como uma mulher (“só faltam nele os peitos”), uma visão que reproduz a sexualidade desenfreada dos “trópicos”, analisada por Parker (2002). Observo, no entanto, que a homossexualidade, ainda que considerada como congênita e sobre a qual não se tem controle, não imputa ao protagonista a figura do efeminado, o estereótipo do homossexual que era tão popularizada naquele final de século. Trata-se de uma figura forte, viril, máscula. Para Winston Leyland, *O Bom Crioulo* é o “primeiro manifesto decididamente homossexual na história da literatura” e “foi, sem dúvida, o primeiro romance a abordar o tema com coragem e audácia, em todo o mundo” (apud in Faury, 1983, p. 102). Segundo James Green (2000, p. 77), no entanto, as críticas literárias emitidas ao conteúdo homossexual desta obra baseavam seus argumentos “numa rede intrincada de discursos religiosos, jurídicos e médicos

sobre o homoerotismo, que criou uma noção coletiva do homem efeminado como um ser imoral e degenerado”.

Por outro lado, estes discursos demonstram que no Brasil do século XIX, assim como na Europa, também houve abordagens ou explicações científicas sobre as “perversões sexuais”. João Silvério Trevisan (2000, p. 178) lembra que, após a instauração da homossexualidade enquanto categoria científica, alguns cientistas, como o médico-legista Leonídio Ribeiro, passam a descrever a “tendência” homossexual, “à luz da ciência”, como uma “anomalia caracterizada por uma preferência, do ponto de vista sexual, [...] que um indivíduo manifesta de modo ativo, passivo ou misto, por outro indivíduo do mesmo sexo, quer seja homem ou mulher”. Green (2000, p. 94) afirma que existia uma divergência teórica entre os médicos cariocas, pois para alguns não haveria distinção nas “naturezas” ativas e passivas dos pederastas, ambas confluindo num único ser homossexual. Outros, segundo o mesmo autor, demonstravam “receio em abandonar o modelo que estabelecia a distinção entre a pessoa ‘ativa’, que representava o papel masculino nas atividades sexuais, e o homem efeminado, associado ao papel ‘passivo’ no ato sexual” (id.). Havia médicos brasileiros que, no entanto, recusavam o emprego do termo homossexualidade por considerarem-no inadequado e, na busca de alcançarem uma definição científica, propunham outras designações como, por exemplo, “intersexualidade” ou “missexualidade”, “considerados mais precisos ao explicitar aquelas formas de *sexualidade confusa*, nas quais se misturam *ações e caracteres dos dois sexos*” (Trevisan, 2000, p. 178).

De acordo com Luiz Mott (1987), a historiografia registra, na segunda metade do século XIX, algumas referências à presença de lésbicas na cidade do Rio de Janeiro. “Alguns poucos trabalhos científicos sobre a moral e o estado sanitário [...] apontam personagens e fatos relacionados ao safismo” (id., p. 44). Para Mott, foi o jurista José Viveiros de Castro, no livro “Attentados ao pudor” (1894), quem primeiro divulgou, no Brasil, os termos lésbia, sáfico, tribade e/ou derivados.

Na década de 20, do século XX, em nome de uma “sociedade sadia” os discursos médicos-policiais alertavam que “toda perversão sexual atenta violentamente contra as normas sociais”, de acordo com a tese de Viriato Fernandes Nunes, ou que “o homossexualismo é a destruição da sociedade, é o enfraquecimento dos países”, segundo Aldo Sinisgalli, outro médico-legista (Trevisan, 2000, p. 187). Reiteradamente aparecem então, sugestões que visam a repressão das práticas homossexuais. Deve-se atentar para o caráter científico destas intervenções, pois se os homossexuais eram considerados doentes, eram, portanto, “irresponsáveis pelo seu mal” e “seria injusta, incoerente e absurda a

aplicação de penas” (id.). Como “vítimas inocentes”, os homossexuais precisavam de tratamento para suas taras e anomalias. “Em outras palavras, os homossexuais mereciam compaixão por sua doença, e era responsabilidade dos médicos encontrar uma forma de curá-los de sua condição enferma” (Green, 2000, p. 215).

Na busca por um tratamento adequado, os especialistas aclamavam pela criação de um lugar onde fosse permitida a “internação de pederastas perniciosos ao meio social” (Trevisan, 2000, p. 190). Havia a ressalva da existência de “invertidos honestos”, mas estes também deveriam ser coagidos a procurar um tratamento adequado para sua doença. Na verdade, com base nos laudos psiquiátricos, é possível vislumbrar patologias e seres inimagináveis, geralmente encobrendo preconceitos dos mais arcaicos. Como se tem observado, ao longo do tempo a psiquiatria consegue transformar casos isolados em “princípio universal”, de uma maneira bastante eficaz.

Um dos lados irônicos desta medicalização da homossexualidade reside numa das formas propostas por Leonídio Ribeiro, médico-legista e professor do curso de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, para conversão ou cura da chamada inversão sexual. O seu tratamento científico implicava na manipulação hormonal que ajudaria a natureza a agir contra o desvio. Assim, aconteceram experiências de enxertos de testículos de outros antropóides em homossexuais, visando sua masculinização. Da mesma forma, em muitas mulheres foram transplantados ovários. A ironia se evidencia nos anos 80 quando, após o isolamento sintético da testosterona, alguns grupos de homossexuais passam a utilizar substâncias derivadas de hormônios sexuais masculinos, justamente para acentuar seus caracteres masculinos secundários (Trevisan, 2000, p. 189).

Apresentando aspectos das vivências homossexuais no Brasil na década de 30, James Green (2000, p. 176) aponta para o fato de que os criminologistas, médicos, psiquiatras e juristas, ao investigarem e escreverem sobre a homossexualidade, teriam fundamentado seu pensamento numa “teoria hiperabrangente da imutabilidade do modelo ativo/passivo, homem/bicha” e isto os impedia, em geral, “de tomar conhecimento dos homens que não se encaixavam no molde do efeminado”. Diferente da construção médica européia, que considerava homossexual o homem que “houvesse feito ou desejado fazer sexo com outro homem, independentemente das fantasias ou práticas específicas que levasse para a cama” (Green, 2000, p. 238), os médicos brasileiros reenquadraram as teorias européias com pressupostos populares “associando homossexualismo masculino com modos efeminados e passividade anal no sexo” (id.). Green (2000), escrevendo sobre o Rio de Janeiro da época,

apresentou lugares em que a vivência de homossexualidade não se orientava por este modelo hierárquico.

Para o médico e pesquisador José Ricardo Pires de Almeida, falando no início do século XX, não fazia sentido a distinção ativa/passiva no caso das lésbicas, pois “ambas se satisfazem por igual e nesta satisfação que está o gozo mútuo. Atividade em quê? Passividade em quê?” (Mott, 1987, p. 47). Vale ressaltar que Pires de Almeida encontrou dificuldades ao realizar sua pesquisa por que as mulheres recusavam-se a fornecer-lhe as informações desejadas. “As lesbianistas [...] se encerram em uma discrição que se lhes honra o sentimento do pudor, prejudica em todo caso à ciência”. Salienta, ainda, que este pudor “não é peculiar nem exclusivo às classes elevadas e educadas: as mundanas, mesmo as mais libertinas, guardam este segredo com o mesmo recato” (Mott, 1987, p. 47).

Ao adotar a perspectiva da “diferença” homossexual como uma construção social, é preciso discutir alguns destes “modelos” que provocam tensões teóricas, especialmente as discussões sobre os modelos “hierárquico X igualitário” aplicados às práticas homossexuais. Ao abordar estas “tensões” observamos algumas convenções sobre papéis sexuais, mas que apresentam possibilidades de deslocamentos entre as categorias de gênero, além de sua politização em contextos discursivos e práticos específicos. Outra característica observada é que alguns autores, mesmo que indiretamente, apontam o “igualitário” como o modelo respeitável.

Localizando essa discussão no contexto nacional, o antropólogo Peter Fry (1982) afirma que os conceitos de homossexual e até mesmo o de homossexualidade não servem para descrever o “sistema de representações sociais” que existem nos Brasis – de Belém do Pará aos guetos das camadas médias das grandes metrópoles brasileiras. Além disso, argumenta que para se entender as representações sobre a sexualidade, é preciso perceber em que contexto político elas são produzidas. Ao chegar no Brasil, o britânico Fry começa a entender que a divisão do mundo entre homossexuais e heterossexuais “representava apenas uma maneira de organizar as relações sexuais” (Fry, 2000, p. 10). A análise de Peter Fry utiliza as concepções de hierarquia X igualdade fundadas nas concepções do antropólogo francês Louis Dumont (1997) sobre sociedade tradicional e moderna.

Apesar das dificuldades, e sobretudo através dos movimentos de liberalização sexual ocorridos nas últimas décadas, as vivências homossexuais vão se tornando visíveis e possibilitando uma reformulação de seus discursos. Essa realidade é confirmada em muitos depoimentos e, principalmente, nos relatos e na literatura específica da área. Entretanto, como já foi visto, trata-se de uma realidade que aos poucos vai se alterando. Com uma nova imagem

de si e como resultado de anos de lutas e desencontros, os homossexuais vão buscando uma nova definição para suas práticas e afeições.

Acontece que somente nos primórdios da década de 70 aparece no Brasil, juntamente com uma urgência modernizadora ou com o surgimento dos movimentos de liberalização numa sociedade avessa às práticas democráticas, um *boom* guei que chega, por aqui, com quase uma década de atraso em relação a alguns países da Europa e aos Estados Unidos. Trevisan (2000, p. 336) afirma que “a eclosão do Movimento de Liberação Homossexual no Brasil faz parte de uma (vã) tentativa de se abrir para o mundo, buscando dialogar com seu tempo”. A partir de 1979 há um abrandamento da ditadura militar, instaurada no país em 1964, e quando os exilados políticos e voluntários começaram a retornar, trouxeram consigo um discurso comum nos países onde viveram (Estados Unidos, França, Inglaterra, Alemanha, Suécia, Itália, entre outros), com preocupações ecológicas, feministas, étnicas, etc.

Em abril de 1978, apareceu no Rio de Janeiro e foi distribuído em todo o Brasil o número 0 do tablóide *Lampião da Esquina*, o primeiro jornal feito por homossexuais e dirigido ao público em geral, pois era vendido em bancas. Além de abordar temas considerados tabus pelos grandes jornais, o *Lampião* se caracterizava pela linguagem empregada, comumente “desmunhecada e desabusada do gueto homossexual” (Trevisan, 2000, p. 339). Tratava-se de um jornal de discussões, com o eixo editorial centrado no direito à diferença e não apenas voltado para os nus masculinos, que hoje preenchem as revistas voltadas para o público guei masculino. Enquanto isso, também em 1978, na cidade de São Paulo, um grupo de homossexuais se reunia para discutir diferentes atividades. Composto por atores, profissionais liberais e alguns estudantes, este grupo serviu como matriz para os demais que viriam a seguir. Estava lançada a idéia de um Movimento de Liberação Homossexual no Brasil. O resultado destas reuniões foi a criação do grupo *SOMOS* – “nome ‘expressivo, afirmativo, palindrômico, rico em semiótica e sem contra-indicações’, como dizia um documento por nós publicado na época” (Trevisan, 2000, p. 345).

Surpreendente, de acordo com Trevisan (id.), foi a mobilização das mulheres que, a partir de um número reduzido de participantes, quase chegou a se igualar ao dos homens, sentindo a necessidade de criação de um núcleo exclusivamente feminino. Elas, então, se organizaram num grupo autônomo, pois se sentiam discriminadas pelas “bichas”, que se referiam pejorativamente a elas como “rachas” ou “rachadas”.

O Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF) surgiu como um subgrupo em 1979, mas em maio de 1980 se separou em definitivo do grupo *Somos*, passando a atuar

independentemente. Dentro do *Somos* a questão das homossexualidades era discutida sem muita distinção entre homens e mulheres, porém algumas lésbicas “começaram a perceber que sua opressão específica só poderia ser realmente compreendida em relação à situação das mulheres em nossa sociedade e não mais como parte da repressão aos homossexuais” (Mott, 1987, p. 156). Esse aumento de discussões das questões de gênero levou o grupo à criação do jornal lésbico *ChanacomChana*, nos anos 80, na cidade de São Paulo.

A experiência do *Somos* amadureceu e já no começo da década de 80 havia outros grupos em São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói, Belo Horizonte, Salvador, Brasília, Recife, João Pessoa e pelo interior do estado de São Paulo. Segundo Trevisan (2000, p. 348), “uma das idéias-chave, presente desde os primórdios do grupo, foi a de a homossexualidade devia ser uma instância de determinação dos próprios homossexuais”. Neste sentido, viam com ressalvas as teorias vindas de psiquiatras, juizes ou padres. De acordo com Trevisan, o próprio trabalho de Edward MacRae⁸⁶ sobre este grupo, só se tornou possível a partir da sua apresentação enquanto sujeito homossexual e, portanto, objeto de sua pesquisa (2000, p. 348). Para MacRae (1990, p. 42), apesar da forma agressiva com que foi tratado por alguns dos integrantes do grupo naquela ocasião, a polêmica lhe pareceu apropriada pois as exigências feitas estavam de acordo com os princípios da pesquisa ativa participante. “Os militantes do *Somos* declararam que não desejavam ser tratados como simples objetos de pesquisa, exigindo uma participação no que se escrevia a seu respeito” (id., p. 43).

Comentando sobre o surgimento do movimento guei e lésbico no Brasil, Richard Parker (2002, p. 169) afirma que esse fato “é em grande parte inseparável do contexto social e político da abertura, e só pode ser compreendido em relação à conjuntura política desse período em particular”. Período histórico brasileiro que possibilitou o surgimento ou fortalecimento de vários movimentos sociais, como os feministas, negros, ecológicos, etc. O movimento pela abertura política possibilitava que se acreditasse numa transformação de toda a sociedade brasileira.

Foi a epidemia de HIV/AIDS que, entretanto, possibilitou o surgimento de organizações voltadas ao apoio dos homossexuais portadores desta doença e ajudou no crescimento da visibilidade dos seus movimentos políticos organizados. Se num primeiro momento o vírus da AIDS apareceu como um reforço da metáfora da homossexualidade-doença, por outro, também possibilitou uma mobilização sem precedentes no atendimento às vítimas dessa epidemia. O fato dos homossexuais masculinos serem considerados como

⁸⁶ A tese de doutorado em antropologia de MacRae *O militante homossexual no Brasil da “abertura”* resultou no livro *A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*, em 1990.

pertencente aos “grupos de risco” fez com que se problematizasse a questão de suas vivências e práticas sexuais, com campanhas informativas, debates e farta distribuição de camisinhas. Isso fez com que muita coisa mudasse nos grupos de militância homossexual, especialmente no relacionamento desses com diversas esferas governamentais, sobretudo na área da saúde. Através do repasse de verbas aos grupos organizados, o governo montou uma rede de enfrentamento ao crescimento da AIDS entre os homossexuais.

Como foi mencionado anteriormente, o advento da AIDS fez com que se discutissem abertamente as questões que envolviam os homossexuais. Para Andrew Sullivan (1996, p. 107), “o HIV agiu como um catalisador sem precedentes para o colapso da discussão pública sobre o homossexualismo”. Havia se quebrado o pacto de silêncio sobre o que era público-privado. O vírus, mesmo que à força, fez com que vários homens se identificassem enquanto gueis na busca de tratamento para a sua doença. Quando se descobriu que o vírus ultrapassava as fronteiras dos “grupos de risco”, foi ficando claro que os homossexuais não viviam num mundo à parte, isolados no seu desejo.

Ninguém questiona que a AIDS possibilitou que se falasse abertamente da homossexualidade, com reflexos diretos na luta pela conquista dos direitos sociais e na visibilidade social. Para João Silvério Trevisan (2000, p. 370), no entanto, o preço desta cooptação política e da luta contra a epidemia da AIDS pode ter sido uma diminuição da área de atuação dos grupos militantes, “restringindo sua ótica e seu espaço” e, em particular, sua autonomia. Talvez, para o autor, haja uma diminuição do liberacionismo guei, refletindo diretamente “na construção de uma identidade possível”, que era uma das “idéias políticas do abalado movimento homossexual” (id.). Por outro lado, não se pode negar que o surgimento da AIDS também fez recrudescer em muito o poder das convenções sustentadoras do preconceito.

Um outro fenômeno, contudo, também vem trazendo visibilidade e causando grande impacto na luta pela conquista dos direitos civis dos homossexuais. Através da celebração e da festa, as Paradas GLBT⁸⁷ (Guei, Lésbica, Bissexual e Transgênero) têm agregado um caráter político às suas reivindicações, isto não só naquela realizada na cidade de São Paulo, sem dúvida a maior e a mais importante, mas através de todas que, cada vez mais, estão se espalhando e se interiorizando pelo país.

⁸⁷ Em 1980, durante o 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO) ficou decidido também adotar o dia 28 de junho como marco de organização dos homossexuais. Acharam, contudo, “que ‘orgulho gay’ não tinha a ver com o Brasil, e preferiu-se um título que ressaltasse a necessidade de atuação sócio-política para o MH [movimento homossexual]: *DIA DA LUTA HOMOSSEXUAL*” (Miccolis, 1983, p. 105).

Num outro campo de ação, o da política, temos ganho algumas coisas e perdido outras tantas. Se por um lado não foi incluído na Constituição de 1988 o item que proibia a discriminação por orientação sexual e, tampouco foi aprovada a reivindicação à união civil entre pessoas do mesmo sexo, por outro, conseguiu-se inserir o item antidiscriminação por orientação sexual, na Lei Orgânica de diversos municípios e também na Constituição de vários estados brasileiros.

No dia 13 de maio de 2002, o Presidente da República lançou o segundo Plano Nacional de Direitos Humanos, que, dentre outras metas e ações, trata da união civil entre pessoas de mesmo sexo e da exclusão da expressão “pederastia” do código penal militar. São medidas que, por si só, não decretam o fim do preconceito contra os homossexuais, mas ajudam a resgatar e a afirmar a cidadania de uma minoria “clandestina” e que tem se apresentado de forma cada vez mais ruidosa. Contraditoriamente, os direitos civis reivindicados pelos movimentos homossexuais foram ignorados no novo Código Civil brasileiro, que entrou em vigor no dia 11 de janeiro de 2003.

No âmbito do judiciário temos observado, às vezes atônitos ou surpresos, as decisões de muitos juizes a favor dos homossexuais. Estamos, sem dúvida, cada vez mais próximos de uma conquista mais significativa de visibilidade e de direitos. Mesmo que seja somente através de incansáveis batalhas jurídicas.

Essas “pequenas” histórias falam da realidade de muitos brasileiros, homens e mulheres homo-orientados sexualmente, contudo, João Silvério Trevisan (2000, p. 397) alerta que “o caráter desviante é certamente um dos motivos pelos quais a prática homossexual brasileira é simultaneamente tão difundida e tão camuflada”. Sem privilégios de camadas sociais, geracionais ou de etnias, as vivências homossexuais comumente praticadas no Brasil dificultam a tarefa de colocá-las dentro de definições ou categorias. A verdade é que, segundo Trevisan (2000, p. 409), “as pequenas multidões que podem ser vistas nos guetos gueis das maiores cidades brasileiras significam muito pouco diante da quantidade de práticas homossexuais clandestinas ou não-assumidas, em todo o país”. Por outro lado, como este trabalho também complexifica, há muitos gueis e lésbicas “invisíveis” aos guetos e à militância, pois por opção pessoal não os freqüentam, mas que são “assumidos” nos grupos a que pertencem, família, amigos, trabalho.

Como já foi dito anteriormente, a historiografia tem demonstrado que nunca houve uma só prática homossexual e que mesmo a prática sexual entre sujeitos do mesmo sexo nem sempre foi reconhecida como homossexual, ou assim nomeada. Cada cultura tem construído arranjos diversos para aceitação ou rejeição das práticas homoeróticas. Da mesma

forma, as sociedades ocidentais – em particular aquelas sob influência das culturas norte-americana e européia – vêm desenvolvendo novas maneiras de vivência e prática homossexual. Mobilizados pelos movimentos organizados na busca de garantia de direitos civis e do fim da violência e da discriminação, homens e mulheres vão configurando um novo estilo, onde ambos os parceiros envolvidos na relação se identificam enquanto homossexuais, sejam gueis ou sejam lésbicas (Fry, 1982). Uma nova produção cultural que só se tornou possível após anos de mobilização e lutas que provoca(ra)m transformações em toda a sociedade.

5. Olhares acadêmicos sobre homossexualidades em Florianópolis: vai longe o Desterro.

*As minorias discriminadas podem reivindicar de duas maneiras:
ou tentam uma transformação social mais profunda, ou
simplesmente igualam-se àqueles que os reprimem e dominam.
É o caso dos negros americanos, que conseguiram direitos iguais aos brancos,
ou as feministas, tentando ocupar o lugar dominado por homens,
sem modificar essencialmente o sistema⁸⁸.*

Analiso, aqui, as dissertações de mestrado produzidas em diversos programas de pós-graduação da UFSC. Procuo realizar uma ligação entre elas, enfatizando alguns aspectos que acredito serem relevantes para esta tese, sobre as espacialidades gueis e lésbicas de diferentes gerações, na cidade de Florianópolis. O foco estará centrado, justamente, na discussão apresentada na epígrafe, procurando identificar se os discursos produzidos na academia, pautam mais por uma atitude de “diferença”, de transformação da sociedade, ou apenas procuram um reconhecimento dos homossexuais, numa perspectiva de integração social daqueles sujeitos.

O escritor João Silvério Trevisan (2000, p. 510) é um dos autores/militantes que questiona a postura de integração de muitos homossexuais, pautando seus argumentos na questão da discriminação: “será que não é prova de burrice sonhar em integrar-se na mesma sociedade injusta que nos oprime? Será que tudo o que queremos é partilhar da mesma mediocridade que nos empurra para as margens?”. Para este autor, é justamente o *olhar das margens* que fornece instrumentos aos homossexuais para realizarem uma crítica da

⁸⁸ Jorge, um dos membros do extinto grupo *Somos*, de São Paulo, durante uma mesa-redonda realizada em março de 1979 (Mantega, 1979, p. 144).

sociedade. A margem possibilitaria sonhar com, e até propor, um mundo diferente. Segundo a lógica do seu raciocínio, a “doença”, o sinal de diferença, assusta a sociedade e a coloca em crise e isto implica numa singularidade. Desde pequenos os gueis e as lésbicas estão acostumados com a repressão e, por isso, acostumados a sobreviver em meio aos *fragmentos* e à vigilância social. Ao se ver proliferarem os bares, as danceterias, as saunas, os desfiles de moda, as peças/filmes/exposições, os espaços na mídia para/sobre homossexuais, o que se observa é um “ilusório bolsão de tolerância” (id., p. 511). Para Trevisan há sempre um constrangimento “mal disfarçado” naqueles que olham os homossexuais, pois eles reivindicam “a liberdade de amar, um amor não procriativo, que visa apenas o prazer” (id., p. 512). O lugar oferecido pela sociedade aos homossexuais é, portanto, a margem. Para o autor, o lugar dos transgressores.

Verifica-se assim que, no interior dos próprios movimentos homossexuais organizados, há aqueles militantes que identificam nas lutas pelo casamento guei, por exemplo, um retrocesso ou, pelo menos, uma perda do tão falado ideal libertário da experiência homossexual. Também na academia se encontram pensadores contrários a estas formas de inclusão social. Uma destas críticas ao ideal de conjugalidade e família como projeto político dos movimentos homossexuais, foi realizada por Didier Eribon (1999).

Nesse contexto, ao examinar as diferentes maneiras pelas quais os homossexuais vão se tornando visíveis à sociedade, o que ressalta é a solicitação de tolerância à sua sexualidade, ou do reconhecimento social e legal de suas relações amorosas, numa perspectiva integracionista. Os próprios movimentos de rua ainda não conseguiram ir além da reivindicação da garantia dos direitos civis. As paradas comemorativas do “orgulho guei” têm se caracterizado, através da celebração, pela grande mobilização e visibilidade de gueis, lésbicas, bissexuais e transgêneros e também pela busca de garantia de seus direitos. O movimento homossexual se impôs algumas limitações ao reivindicar os mesmos direitos dos heterossexuais produzidos a partir de um determinado modo de se pensar as organizações sociais e familiares, o que significa, em uma certa medida, a “captura do sujeito” pelos discursos normativos. Ao encampar uma bandeira de luta, gueis e lésbicas podem estar se deixando capturar, fixando-se em posições engessadas. Quando perguntado se o movimento homossexual deveria seguir as primeiras tentativas do movimento feminista em criar uma linguagem e uma cultura própria, Michel Foucault (2004, p. 29) respondeu “não estou seguro que deveríamos criar nossa *própria* cultura. Devemos *criar* uma cultura. [...] Por exemplo, não estou de todo seguro que a melhor forma de criação literária que se pode esperar dos homossexuais seja romances homossexuais”. O autor ressalta que o que nos parece familiar,

ou que naturalizamos como necessidades universais, é resultado de mudanças históricas e estamos todos imbricados nestas transformações. Para Foucault (id, p. 27) “o movimento homossexual tem mais necessidade hoje de uma arte de viver que de uma ciência ou de um conhecimento científico (ou pseudocientífico) do que é a sexualidade”.

Integrar-se ou excluir-se, eis a questão. Ao analisar os trabalhos produzidos na UFSC sobre homossexualidades, deparei-me com dissertações bastante surpreendentes. A maioria procurando identificar o “lugar” onde gueis e lésbicas exercitam, com um mínimo de liberdade, suas experiências homoeróticas. Partindo de noções como gueto, espaço, pedaço e circuito, ou analisando os reflexos alcançados pelas vivências homossexuais na cultura, no cotidiano, no próprio discurso dos moradores, os autores foram mostrando algumas das transformações ocorridas na cidade de Florianópolis.

Foram analisadas 21 dissertações de mestrado apresentadas em cinco diferentes programas de pós-graduação da UFSC e registradas na Biblioteca Central⁸⁹ que tratam da questão das vivências e práticas homoeróticas. A maioria destes estudos foi realizada a partir de pesquisas de campo na cidade de Florianópolis e orientadas pelas professoras que desenvolvem seus trabalhos na área dos estudos de gênero e suas interseccionalidades, sendo as responsáveis, dentre outras atividades, pela realização do encontro internacional *Fazendo Gênero* e pela edição da *Revista Estudos Feministas* (REF).

Durante o período pesquisado, até julho de 2004, nenhuma dissertação de mestrado onde a questão das homossexualidades fosse analisada havia sido defendida nos programas de pós-graduação em Sociologia, Filosofia, História. Tampouco, houve a defesa de alguma tese de doutorado privilegiando o tema em qualquer dos programas de pós-graduação da UFSC, a menos que o trabalho não estivesse registrado na Biblioteca Central. Talvez, porque os programas de doutorado nas áreas que produziram dissertações sobre o tema, são ainda recentes. A última consulta realizada no site da biblioteca⁹⁰ foi no dia 09.07.04, às 22:35 hs, a partir das palavras: homossexualidade, homoerotismo, gays, lésbicas e travestis.

O trabalho *Reis e Rainhas no Desterro: um estudo de caso*, de Regina Maria Erdmann, foi a primeira dissertação sobre homossexualidades defendida na UFSC, em fevereiro de 1981, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e com a orientação da professora Anamaria Beck, para obtenção do título de mestre em antropologia. Trata-se de uma etnografia realizada com um grupo de menores de idade do sexo masculino que

⁸⁹ As dissertações de Mário Ferreira Resende e de Ivan dos Santos ainda não estavam disponíveis para consulta e foram disponibilizadas pelas respectivas orientadoras, Mara Coelho de Souza Lago e Simone Pereira Schmidt.

⁹⁰ http://aspro02.npd.ufsc.br/search_htdig/htsearch

interagiam como parceiros sexuais de homossexuais adultos, na cidade de Florianópolis. Seu interesse estava centrado naquilo que denominou de “prostituição masculina não adulta”, ainda não se popularizara a categoria “michê”. Sua pesquisa foi utilizada como referência, por Nestor Perlongher (1987), no seu “O negócio do michê”, um trabalho sobre a prostituição viril em São Paulo.

Após mais de uma década é que foi aparecer a segunda dissertação⁹¹, *Orientação sexual masculina numa comunidade pesqueira*, agora já no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e orientado pelo professor Dennis Wayne Werner. Em setembro de 1994, Fernando Luiz Cardoso defendeu a sua pesquisa realizada na cidade de Governador Celso Ramos, mais precisamente nas comunidades de Canto dos Ganchos, Calheiros, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora. Um dos objetivos deste trabalho era, segundo seu autor, “compatibilizar os conceitos e critérios essencialistas (de cunho biológico e comportamental) com os conceitos e critérios construtivistas (de cunho simbólico e cultural) acerca da sexualidade humana” (p. 12). Uma tentativa de conciliação de dois enfoques epistemológicos bastante atípica para a antropologia brasileira. Sua discussão, entretanto, estava “sustentada em estudos sobre a homossexualidade em diferentes culturas no mundo”. Com a realização desta pesquisa, o autor procurou demonstrar que o conceito de *orientação sexual* (o sentido do desejo sexual) não é o mesmo que *prática sexual* (aquilo que as pessoas fazem no sexo) nem de *identidade sexual* (como as pessoas se sentem ou são nomeadas a partir de suas práticas sexuais). Fernando Cardoso ressalta que, mesmo existindo o diferente e o exótico, podemos “também olhar o comum, o similar, tentando explicar assim, o porquê de terem significados diferentes” (id.). Esta pesquisa tentava comprovar que apesar dos processos de globalização, a diferença cultural persistia e continuamente se reinventava, em todos os lugares, sendo esta reivindicação marcada por características universais humanas. “A homossexualidade como exemplo de uma construção arbitrária, não se sustenta diante de algumas universalidades já detectadas no comportamento sexual humano” (p. 13). Para este autor, procurar entender o princípio de “toda ação humana” a partir de conceitos nativos é, no mínimo, negar as origens filogenéticas humanas.

Em dezembro de 1997, portanto após uma passagem de tempo bastante menor, Marcelo José Oliveira defendeu a terceira dissertação *O lugar do travesti em Desterro*, também pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. A orientação foi do professor Hélio R. S. Silva, que em anos anteriores havia trabalhado com esta temática e

⁹¹ Alguns argumentos defendidos nesta dissertação foram transformados no livro *O Que é Orientação Sexual*, da Coleção Primeiros Passos da Editora Brasiliense.

transformado suas pesquisas em dois livros fundamentais para quem envereda pelo tema: “Travesti: a invenção do feminino” (1993) e “Certas cariocas” (1996). Ao focar a construção de identidade do travesti, Marcelo Oliveira procurou identificar os mecanismos utilizados pelos travestis para driblarem as atitudes de repulsa e serem aceitos no universo social. Este autor estava interessado em vislumbrar as particularidades da inserção social do travesti em Florianópolis, que lhe parecia não se resumir ao gueto ou, “à possível região moral nesta cidade” (p. 173).

Outro trabalho enfocando a vida das⁹² travestis foi defendido por Cristina de Oliveira Florentino, em dezembro de 1998, também com orientação do professor Hélio R. S. Silva, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Com o título *Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher... Etnografia sobre travestis em Porto Alegre*, a autora analisou o cotidiano de alguns sujeitos que se denominavam e/ou eram denominados travestis. A investigação antropológica foi realizada na cidade de Porto Alegre⁹³/RS e problematizou questões que envolviam a construção da identidade de gênero das travestis, suas subjetividades e estéticas femininas. Analisou também a “inscrição social” destes sujeitos, a partir da observação das relações que mantinham entre si e com seus companheiros. Sem se preocupar com as causas que levam um indivíduo a se travestir, Florentino se ocupou com as transformações ocorridas no cenário social e lançou um olhar sobre as práticas e as idéias que “rodeiam estes lugares, sem tecer juízo de valor do tipo certo/errado, normal/anormal, feio/bonito, moral/amoral, etc” (p. 10). Segundo a autora, o fato de ser mineira, estudar em Florianópolis e eleger Porto Alegre como local de pesquisa, gerou em suas entrevistadas algumas situações de estranhamento e/ou curiosidade do tipo: **não tem bicha em Florianópolis?**

Também no ano de 1998 foi apresentada por Edmilson Antônio Dias a primeira dissertação sobre homossexualidades do Programa de Pós-Graduação em Psicologia⁹⁴: *Relatos Imaginários: uma abordagem possível da homossexualidade feminina a partir de uma leitura de Freud e Lacan*, sob a orientação da professora Mara Coelho de Souza Lago. Seu trabalho tem duas partes: na primeira faz uma pesquisa bibliográfica em textos freudianos, rastreando a questão da homossexualidade, interpretada através da temática da

⁹² A utilização do artigo no masculino ou no feminino depende de cada autor. Enquanto Oliveira usa o termo no masculino, Florentino utiliza o artigo para designar travestis no feminino.

⁹³ Segundo Cristina Florentino (p. 15) a escolha por Porto Alegre também decorreu do fato de Marcelo Oliveira ter desenvolvido seu trabalho sobre travestis em Florianópolis, isto significava que estes estudos nas duas capitais “poderia nos proporcionar uma primeira visão do fenômeno em parte do extremo sul do país”.

⁹⁴ O programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC foi implantado em 1995.

sexuação, na leitura de Lacan. Na segunda, o autor expõe e interpreta as falas de mulheres homossexuais que entrevistou em Florianópolis.

No ano de 1999 duas dissertações foram defendidas na UFSC, tendo a homossexualidade como “fundo”, ou seja, apesar da vivência homossexual não ser o foco principal destes trabalhos, seus autores trabalharam de diferentes maneiras a temática homossexual. A primeira foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras/Inglês, no mês de março, e o autor, Tacel Coutinho Leal com orientação da professora Susana Borneo Funck, escreveu sobre algumas obras do escritor guei Edmund White. Em *Men like us: the figure of the male homosexual in Edmund White's fiction* o autor realizou um paralelo entre o que denominou de “ficção guei” e a teoria *queer*, com o propósito de discutir, através das identidades homossexuais dos personagens de White, os estereótipos associados ao homossexual masculino.

A outra dissertação foi defendida no mês de outubro, por Carlos Nicolau Piffero Steibel, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, com orientação do professor Dennis Wayne Werner, e teve como título *Heterossexismo: um estudo antropológico sobre as atitudes negativas para com os gays*. Através de uma pesquisa realizada com 618 alunos dos cursos de direito e comunicação social nas cidades de Curitiba e Florianópolis, o autor constatou que o heterossexismo era mais comum em homens, nos racistas e nos fundamentalistas religiosos. Os alunos do curso de direito também demonstraram ter mais atitudes negativas para com os gueis e foram menos favoráveis aos direitos legais dos homossexuais. A investigação de Steibel se concentrou nas atitudes para com os homossexuais masculinos, porque embora ele “considere a homossexualidade feminina muito mais instigante, ela precisaria de uma análise específica para ser enfocada, pois gays e lésbicas vivem *em mundos muito diferentes*, biopsicossocialmente falando” (p. 03). Pareceu concordar com uma pesquisa norte-americana que afirmava serem as lésbicas, diferentemente dos gueis, menos estereotipadas negativamente e menos rejeitadas pela sociedade em geral, portanto “as lésbicas não chegam a ser um problema social”. Citando um trabalho de Luiz Mott e Zora Yonara (1999) o autor aponta para o fato de que “nos últimos três anos, somente 5% dos crimes heterossexistas, foram perpetuados contra lésbicas” (p. 03). Seu trabalho contém uma escala para medir o heterossexismo.

Durante o ano de 2000 houve somente a minha defesa de dissertação que ocorreu no mês de junho e foi apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, com orientação da professora Maria Juracy Toneli. *Amor sem vergonha: trajetórias pessoais e vida conjugal entre gays e lésbicas na comunidade do Ratonés*, foi resultado de um estudo de caso

realizado numa antiga freguesia do interior da ilha de Santa Catarina. Observei que a conjugalidade entre homossexuais diferia muito pouco da conjugalidade heterossexual, reconhecida enquanto direito civil, pois os sujeitos entrevistados norteavam suas relações sociais e amorosas a partir de modelos e valores tradicionais, baseados no ideal do amor romântico, apoiados em padrões acentuados de fidelidade, honestidade e lealdade dos parceiros. As relações sociais com os moradores nativos do local eram pautadas em vínculos de trocas solidárias e discrição quanto à orientação sexual. O silêncio e a discrição pareceram ser normas para a “boa” convivência social e, talvez, familiar.

No mês de fevereiro de 2001, foram defendidas outras duas dissertações no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, ambas versando sobre mulheres lésbicas. A primeira foi a de Rosane Maria de Godoy, com orientação da professora Mara Coelho de Souza Lago, que se intitulava *Encontros prazerosos: modos e estilos de vida de mulheres lésbicas em Florianópolis*. Sua análise estava centrada nos relatos de lésbicas sobre suas práticas sexuais e inserções sociais, ao mesmo tempo em que observava como estas vivências se articulavam com as questões inerentes à constituição de subjetividades, às relações de gênero, além de outras concepções sobre as homossexualidades. A autora procurou dar voz a estas mulheres contribuindo, assim, “para a quebra do silêncio que paira sobre a homossexualidade feminina” (p. 125). Realizou também uma etnografia de alguns pedaços da cidade que ampliavam a noção do gueto como única forma de convivência ou sociabilidade guei.

O segundo trabalho foi o de Juliana Perucchi, com orientação da professora Maria Juracy Toneli, *Eu, tu, elas: investigando os sentidos que mulheres lésbicas atribuem às relações sociais que elas estabelecem em um gueto GLS de Florianópolis*, que analisa, portanto, esta atribuição de sentidos. O recorte contemplado nesta pesquisa, desenvolvida exclusivamente com mulheres, inscreve-se na perspectiva dos estudos de gênero e vem responder à escassez de trabalhos sobre a homossexualidade feminina, ou como a autora prefere, sobre o homoerotismo feminino. O gueto é reconhecido como um lugar de proteção e legitimação de comportamentos ou posturas e que media possibilidades das usuárias se relacionarem afetiva e sexualmente com outras mulheres, mas também com homens. As mulheres entrevistadas atribuíram diferentes sentidos às relações estabelecidas no interior deste território: igualdade e diferença, visibilidade e proteção, tolerância e preconceito, entre outros. Sobretudo, identificaram que a tolerância para com o gueto e seus freqüentadores poderia ser considerada como um reflexo da própria sociedade, onde os sujeitos criam um

pacto de silêncio que envolve e perpetua suas condutas, ficando a liberdade restrita a determinados espaços.

Procurando teses e dissertações desenvolvidas na UFSC e que falassem de homossexualidade, através do sistema de catalogação da biblioteca central da universidade, cheguei até uma dissertação do Curso de Pós-Graduação em Literatura – área de concentração em Teoria Literária. Este trabalho, no entanto, apesar de tratar da homossexualidade do autor analisado, não pode ser considerado como de temática homoerótica, pois não é este o seu recorte. A autora do trabalho é Laura Teixeira Miller e a defesa pública de *A recepção da literatura pela crítica brasileira: leituras da obra de André Gide*, também aconteceu em fevereiro de 2001, sob a orientação da professora Maria Marta Laus Pereira Oliveira. Na verdade, apenas o capítulo 3 do seu estudo tratava do “acentuado” moralismo da crítica, “na primeira parte do século XX”, à obra gideana ao abordar, entre outros temas, a homossexualidade do autor, presente em seus livros. Além de “ousar misturar as sagradas escrituras com o cotidiano malfadado do seu homossexualismo” (p. 137), André Gide reivindica “uma posição de normalidade para o pederasta dentro da sociedade”, pois, segundo Laura T. Miller, para ele “o pederasta é possuidor de uma sensibilidade e inteligência incomuns que podem ser úteis entre os homens” (p. 143). Para a autora, “Gide foi além de sua época, transcendeu-a e continua mais vivo do que nunca, pois representa uma França e uma literatura, que o tempo não apagará” (p. 132).

Em 2002 foram apresentadas quatro dissertações em três diferentes programas de pós-graduação da universidade. Em março houve a defesa de Anna Paula Vencato, pelo Programa de Antropologia Social e com orientação da professora Sônia Weidner Maluf. *Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*, descreve momentos da construção (a montaria) das personagens *drag* em Florianópolis, além de mostrar a sua vida pública (a performance). A autora estava interessada em “analisar qual o lugar que esses sujeitos-drag que pesquisei ocupam no contexto dos espaços de sociabilidade ‘do babado’ na Ilha de Santa Catarina, além de observar como significam essas experiências através de seus relatos” (p. 21). Ao reinventarem um feminino exagerado em suas performances, as *drags* transformam suas aparições num evento, seja em bares e boates do circuito GLS, no carnaval de rua e/ou até no Bar do Deca, na Praia Mole, ou, ainda, em festas (aniversários, casamentos e jantares) “hetero”, onde costumam ser melhor remuneradas. Enquanto tomam o espaço, público ou privado, as *drags queens* ampliam as noções de sociabilidade e territorialidade do ‘babado’.

Outra dissertação defendida na Pós de Antropologia Social foi a de Flávio Luiz Tarnovski e teve como título *Pais assumidos: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo*, cuja orientação foi da professora Miriam Pillar Grossi. Seu trabalho apresenta “uma preocupação subjacente com o reconhecimento social e legal das famílias compostas por homossexuais” sem, contudo perder “o caráter dinâmico das inserções sociais e da atualização das tendências culturais” (p. 11). Havia na mídia um debate sobre famílias gueis, em especial após a morte de Cássia Eller, em função da discussão criada em torno da guarda de seu filho Chicão, que foi disputada pelo pai da cantora e por sua companheira, Maria Eugênia. Esta polêmica fez com que se conjugasse a homossexualidade com maternidade e paternidade, no entanto, Tarnovski (p. 106) considera que o destaque dado pela mídia ao assunto, só foi possível porque os homossexuais “se dispuseram a agir como sujeitos de sua história, alargando as fronteiras possíveis de sua existência social”. Um outro aspecto apontado pelo autor, foi a maneira como os homossexuais se constituíam enquanto pais, procurando se afirmar pela “semelhança (em relação ao pai heterossexual) e não pela defesa da diferença”, criavam assim um “sentido de normalidade” (p. 101). Todos os sujeitos entrevistados vislumbraram um interesse pela heterossexualidade dos filhos, expressando o desejo de os verem casando e dando-lhes netos.

Ainda em 2002, foi defendida por Rosa Maria de Oliveira a primeira dissertação sobre homossexualidades no Programa de Pós-Graduação em Direito, intitulada *Para uma crítica da razão androcêntrica: gênero, homoerotismo e exclusão da ciência jurídica*, com a orientação da professora Jeanine Nicolazzi Philippi. O trabalho parte da influência do androcentrismo na ciência jurídica, avançando depois sobre a origem das exclusões produzidas sobre os homossexuais perante o ordenamento jurídico. Utilizando-se da categoria gênero como instrumento de análise, a autora mostra a influência dos preconceitos morais e religiosos que conferiram legitimidade à exclusão social dos homossexuais, condenando suas práticas homoeróticas. O Estado liberal, baseado nos princípios da cidadania universal e da igualdade, tem se revelado arbitrário, segundo a autora, ao eleger o masculino como parâmetro, e só recentemente se pode constatar, no Brasil, uma crescente consideração aos “temas ligados às relações homoeróticas e todas as implicações jurídicas e sociais daí advindas como um dos efeitos concretos do enfrentamento à segregação do homoerotismo perante o direito” (p. 03). A autora cita como exemplo o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul que tem acatado ações judiciais no âmbito do direito de família e no campo do direito previdenciário, propostas por casais do mesmo sexo e/ou companheiros/as sobreviventes.

O quarto trabalho apresentado nesse ano, foi a dissertação de Daniel Correa Felix de Campos, *A paixão segundo Jean Genet: labirintos e barroquismos*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Literatura, sob a orientação do professor Marco Antônio de Mello Castelli. Entre outros objetivos, esta dissertação realizou uma análise da arte e da estética de Genet, de modo particular o homoerotismo em Genet, que se caracterizava pelos jogos de sedução, transgressões, paixões e cumplicidade entre homens. O interesse de Campos, no entanto, estava centrado em argumentar a respeito de um pressuposto barroquismo na arte de Genet e, para isto, estabeleceu uma correspondência da literatura do autor com a pintura de Caravaggio.

Em 2003, foram apresentados dois trabalhos na pós de Psicologia e um outro no programa de Antropologia Social. Em março, Marco Aurélio da Silva, com a orientação da professora Sônia Weidner Maluf, defendeu a dissertação *Se Manque: uma etnografia do carnaval no pedaço GLS da Ilha de Santa Catarina*, onde analisou uma parte do carnaval de Florianópolis, aquele conhecido como carnaval guei da cidade. O autor percorreu um vasto território que incluiu praia, boates, *shopping* e também a região do antigo Bar Roma, na Avenida Hercílio Luz, centro da cidade, onde a festa é organizada pela prefeitura. Sua etnografia abordou pedaços de sociabilidade GLS que formavam “uma espécie de circuito” não anunciado nos guias turísticos oficiais, mas que ganhavam uma “dinâmica especial no verão, mais precisamente nas semanas que antecedem o carnaval” (p. 02). A intensificação da sociabilidade guei nestes territórios, demonstrou ao autor a impossibilidade de se falar em gueto nos moldes norte-americano ou europeu, e possibilitou uma descrição do lugar das homossexualidades na cidade de Florianópolis. Um outro ponto levantado foi que a ocupação destes espaços serviu para demonstrar a expressão da diversidade e algumas das especificidades da vivência homoerótica. Assim, por exemplo, se no carnaval, apesar de estarem convivendo num mesmo espaço de festa e parecerem constituir uma só comunidade, reunir gueis, lésbicas, travestis, *drag queens*, transexuais e transgêneros sob uma mesma categoria parece, no mínimo, uma redução de suas complexidades. Mesmo que para a sociedade como para eles mesmos, todos não passassem de “homossexuais”.

No mesmo ano, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Sílvia Lair Vieira Xavier, com orientação do professor Kleber Prado Filho, apresentou a dissertação *Identidade (homo)sexual: uma abordagem crítica*. Ao eleger a identidade homossexual como categoria analítica, a autora problematizou “discursos, saberes e práticas que compõem e permitem reafirmar uma determinada experiência histórica da constituição de sujeitos pela sexualidade” (p. 03). Assim, abordando a questão da identidade sexual, inscreveu o seu trabalho num

campo de luta política que, nas últimas décadas, tem discutido implicações de continuidade e/ou eventuais rupturas deste conceito. Ao mesmo tempo em que identificou um esgotamento do conceito da homossexualidade como uma identidade fixada, com uma declinação do espaço de transgressão, a autora observou que, atualmente, se abre um leque bastante abrangente de “possibilidades”. A identidade homossexual passa, assim, a ser tratada no nível da percepção ou da experiência individual, “para o indivíduo que se percebe homossexual, sua homossexualidade é ‘tão natural para ele’ quanto o é a própria heterossexualidade para os heterossexuais” (p. 169). Com esta formulação é que a homossexualidade se coloca no mesmo plano da heterossexualidade, reivindicando, no discurso, a sua legitimação.

Outra dissertação apresentada na pós em Psicologia, em 2003, foi o trabalho de Mário Ferreira Resende, com a orientação da professora Mara Coelho de Souza Lago, que teve como título *O dinheiro cor-de-rosa: um estudo crítico sobre o mercado homossexual*. Trata-se de uma reflexão sobre a movimentação em torno da homossexualidade com a criação/expansão de um mercado GLS, em que se investe nos processos de desejo e liberdade de singularização como garantia para a produção de subjetividades, no capitalismo. Através do acesso à rede mundial de computadores, o autor analisou reportagens de revistas de circulação nacional que identificam o universo GLS como segmento de consumo. Pareceu-lhe que, a partir do momento em que se consolidava como segmento de mercado, a homossexualidade tinha encontrado “a visibilidade almejada capaz de lhe garantir substrato para o jogo político, na luta pelo reconhecimento e por direitos civis” (p. 110). Identificou, portanto, que havia discursos de valorização dos homossexuais pelo seu potencial de consumo, mas este público aparecia continuamente de forma homogeneizada, padronizada e que a sua aceitação social acontecia sob dadas circunstâncias. Esta segmentação do mercado desenhou campos de subjetivação onde não importava mais a orientação sexual dos sujeitos, embora a maioria fosse de homossexuais, homens e mulheres, o alvo era o GLS, como uma “filosofia de vida” (p. 101). Foucault (2000, p. 22) já afirmava que qualquer sujeito, tanto heterossexual quanto homossexual, poderia ser guei, bastaria adotar para si esse “estilo de vida”. Não caberia mais o discurso apregoado pelos movimentos homossexuais da década de 80, sobre a construção e afirmação de uma identidade homossexual. Resistir a uma padronização imposta pelo mercado, afirmando seus próprios valores parecia, neste sentido, uma busca ética por práticas de liberdade.

Em março de 2004, foram defendidas duas dissertações sobre homossexualidades, uma pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e a outra no Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Na Antropologia e com orientação da professora Sônia

Weidner Maluf, o trabalho de Marcelo Reges, *Brazilian Boys: corporalidades masculinas em filmes pornográficos de temática homoerótica*, procurou, através de uma etnografia do cinema pornográfico guei brasileiro, analisar como são construídos e definidos os corpos, as masculinidades e os homoerotismos, nestes filmes. Contextualizada dentro do mercado “cor-de-rosa”, a pornografia comercial é apresentada a partir de “leituras interpretativas” dos filmes, de revistas especializadas e *sites* da *Internet*. O autor concluiu que os materiais pornográficos analisados apresentavam importantes mecanismos que construíam, reconstruíam e delimitavam muitos aspectos da vida de homens que vivem práticas homoeróticas no seu cotidiano. Neste sentido, espantou-se com o fato de autores como Fry (1982, 1983), MacRae (1989, 1990), Trevisan (2000), Green (2000) e Parker (2002) não darem um devido “destaque à pornografia” (p. 17). Ponderou que, talvez, este “descuido” se desse em função do silêncio imposto à pornografia e ao próprio homoerotismo pela sociedade em geral. “A pornografia está em todos estes espaços – boates, saunas, bares, clubes, etc –, reconstruindo o significado de corporalidades, de masculinidades e de desejos homoeróticos” (p. 17). Espaços do não dito, do proibido, do escondido.

No curso de Educação Física o trabalho de Marcelo Victor da Rosa é pioneiro. *Educação Física e homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do Centro de Desportos/UFSC*, tratando das representações produzidas por estudantes do curso de graduação em Educação Física da UFSC em relação à homossexualidade, teve orientação do professor Maurício Roberto da Silva. Algumas das conclusões a que o autor chegou deixam entrever como o tema ainda é polêmico e pouco discutido na educação física. Como esta área de conhecimento tem, tradicionalmente, trabalhado com modelos “ideais”, não é de se estranhar que tenha dificuldades em lidar com a diversidade, aí incluída a homossexualidade. Assim, o autor identificou alunos que acreditavam estarem os homossexuais sempre procurando alguma forma de estabelecer relações sexuais, “em última instância, os homossexuais seriam considerados portadores de uma sexualidade incontrolável e impulsiva” (p. 111). Três das principais representações encontradas eram que a homossexualidade seria uma questão de “opção”; haveria uma identidade homossexual fixa e patológica; os homens homossexuais seriam sempre tratados como pertencentes ao universo feminino. Pareceu-lhe, entretanto, que o convívio dos acadêmicos com sujeitos homossexuais fazia com que suas falas fossem ficando menos preconceituosas.

A última dissertação analisada foi a de Ivan dos Santos, intitulada *Caio Fernando Abreu: repórter de uma geração*, apresentada no Curso de Pós-Graduação em Literatura, no dia 09 de julho de 2004, com orientação da professora Simone Pereira Schmidt. Para o autor,

os trabalhos de Caio, carregados de uma “densidade dramática”, servem como documentos que demonstram um estilo de vida das gerações que vivenciaram a “contracultura” dos anos 60 e 70 do século XX, além de denunciarem o vazio e a apatia “em que muitos indivíduos de sua geração mergulharam” (p. 11). Como autor testemunhal, escreveu sobre suas emoções e desilusões, as dificuldades para aceitar seus desejos, os relacionamentos e o amor entre homens e o medo da rejeição com o surgimento e a posterior contaminação da AIDS. O “repórter” admite ter uma memória fragmentada, composta por diversas peças, como num quebra-cabeça⁹⁵, porém sem um molde final.

Além das dissertações apresentadas, trago outros trabalhos que estão diretamente relacionados com a temática que desenvolvo nesta tese de doutorado. O primeiro é a dissertação *Identidade homossexual e a manutenção das normas sociais (histórias de vida)*, defendida em 1983 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo (USP) por Tereza Adada Sell, então professora do Departamento de Psicologia da UFSC. Esta dissertação foi transformada em livro, publicado em 1987, pela Editora da UFSC, atualmente sendo reeditado. Trata-se de um trabalho pioneiro no que se refere à abordagem do tema em Florianópolis e quicá, pelas questões abordadas, em todo o país. Tanto a tese quanto o livro foram realizados a partir de entrevistas com homossexuais masculinos do aglomerado urbano florianopolitano e os entrevistados, em sua maioria, eram procedentes do interior do estado e pertencentes às chamadas camadas médias da população. O livro começa descrevendo a chegada em Florianópolis da autora e de um amigo e os processos pelos quais este passou, até “assumir” a sua homossexualidade. Estando longe da família e do círculo de amizades, começou a ser “pressionado” a assumir o que julgava somente a ele interessar, a sua vida sexual particular. Teresa Sell diz que ficou impressionada com o fato dele “ter que assumir uma atitude ‘X’ estabelecida previamente, independente de sua vontade, como se estivesse marcado pela homossexualidade, tal como um *estigma*” (p. 16). O que a princípio eram “angústias vividas secretamente” passam a ser um problema “com os quais deveria conviver” (p. 15). Não podia falar com os supostos amigos pois tinha medo da rejeição ... foi confidenciar-se com um professor padre e este tentou seduzi-lo ... parou na psiquiatria, com seus tranqüilizantes.

Com este relato, a autora, chama a atenção para o fato de uma especificidade da ordem do sexual ser responsável pela inserção social dos sujeitos, criando uma categoria social de sujeitos e lhes atribuindo uma identidade. Seu trabalho, contudo, demonstrou a

⁹⁵ Caio Fernando Abreu (1990, p. 56).

impossibilidade da existência de uma homogeneidade daquilo que denominou homossexualidade. Trata-se, na verdade, de um rótulo precário que não abrange as especificidades existenciais de cada sujeito, seus modos de vida e, até mesmo, as diversas formas de viver a sexualidade. Os sujeitos entrevistados afirmaram que tinham a sensação de que suas vidas passaram a ser regidas pela sua orientação sexual e, neste sentido procuravam formar grupos de “iguais” que constituíam “um reduto para encontros: – bares de ‘pegação’⁹⁶, boates, saunas, etc., um lugar no qual se tem conhecimento das regras do jogo” (p. 27). A sua sexualidade tornou-se a referência do seu estar no mundo e, assim, as suas relações sociais passavam pelo enfoque da “opção” de demonstrar-se ou ocultar-se, através da máscara do aceitável socialmente.

Não por acaso, o último capítulo do livro, suas considerações finais, é intitulado “homossexualismo: confirmação das normas ou possibilidades de mudanças?”. Aqui, a autora tratou das possibilidades de superação do impasse homossexual; ou se adapta aos valores da sociedade, ou apresenta possibilidades de mudanças. Já no início da década de 80, antes, portanto, do surgimento do propalado mercado cor-de-rosa, a autora citava a independência financeira como um fator imprescindível para a valorização e aceitação do homossexual na sociedade. “O próprio sujeito marginalizado, sente-se menos marginalizado se for um indivíduo economicamente produtivo. Além disso são reforçados outros valores aceitáveis socialmente: a cultura, o dinheiro, status, profissão e até mesmo higiene” (p. 173). Um outro aspecto, talvez como possibilidade de mudança, seria exatamente sobre os relacionamentos sexuais, ou seja, “na entrega pelo impulso sem o encontro da estabilidade” (id.). Se era através do sexo que se fazia o reconhecimento de suas existências, nada mais compreensível que, se houvesse uma revolução, esta acontecesse, também, a partir do reconhecimento do seu prazer diferenciado. Para a autora, os homossexuais podem intervir, buscando a sociedade de que precisam, garantindo seus direitos civis e o reconhecimento da diversidade sexual. Eles podem, a todo momento, estar confirmando as normas ou provocando mudanças que desajustam o estabelecido pela sociedade, o importante é que não ajam como se não fizessem parte dela.

Outros dois trabalhos que pesquisei foram uma monografia⁹⁷ e um vídeo apresentados como trabalhos de conclusão de cursos (TCC). A monografia foi apresentada ao

⁹⁶ Pegação é uma expressão usada entre homossexuais para se referir à procura de parceiros em algum lugar público.

⁹⁷ Escolhi apenas estes dois TCC's por que eles também tratavam do tempo e dos espaços de sujeitos homossexuais na cidade de Florianópolis. O acesso à monografia de Isair B. Schwinden foi proporcionado pela

curso de graduação em História, pelo acadêmico Isair Bernardo Schwinden (2003) e versa sobre os *Espaços de sociabilidade homoeróticos em Florianópolis na década de 1980*. Neste trabalho, o autor narra a trajetória dos lugares de sociabilidade de homossexuais de certas camadas sociais, durante a década de 80. Naquela época os espaços destinados ao público homossexual estavam restritos ao centro da cidade e eram pouco divulgados pela mídia, apenas o jornalista Beto Stodieck é que, às vezes, trazia algumas notas, mas apenas dos eventos ocorridos na boate *Oppium*. O outro trabalho foi o vídeo de Marco Aurélio da Silva e Viviane Rodrigues Peixes, chamado *Drag Story: lendas e babados*, apresentado ao curso de Comunicação Social (Jornalismo), no ano de 1997. Este vídeo, produzido de forma jornalística, enfocou as *drag-queens* de Florianópolis mostrando sua presença nos espaços urbanos e no carnaval da cidade.

5.1. De “reis e rainhas” ao “repórter de uma geração”: refletindo sobre as produções acadêmicas homodirecionadas da UFSC.

Escreve-se para contar, não para provar
(Tito Lívio)

Através da leitura destes diferentes trabalhos foi possível observar que muitos autores procuravam entender, entre outras coisas, como se configuravam os modos de vida de sujeitos homossexuais na cidade de Florianópolis. Assim, se por um lado foram consideráveis os avanços obtidos pelos movimentos homossexuais na dura batalha política pela conquista dos seus direitos civis, por outro, a questão homossexual ainda continua a ser entendida como uma forma particular, uma maneira de se viver, falar, comportar-se, uma forma alternativa de singularização. Os trabalhos referidos, em geral, vão ao encontro das reivindicações dos movimentos homossexuais pela defesa da liberdade pessoal, visibilidade, combate à homofobia, ou qualquer forma de discriminação ou violência. Além das questões pertinentes às reformas legislativas e judiciais que possam garantir os direitos civis dos sujeitos homossexuais.

As transformações ocorridas na cidade de Florianópolis fizeram com que se ampliassem aqueles lugares públicos ocupados pelas travestis para fazerem prostituição de “pista” e que foram descritos por Marcelo Oliveira (1997). Atualmente, as travestis têm

professora Joana Maria Pedro (História) e a professora Sônia W. Maluf (Jornalismo) informou sobre o vídeo produzido por Marcos Aurélio da Silva e Viviane R. Peixe.

ocupado outros espaços, especialmente no Continente, mas também em praias como Canasvieiras, por exemplo. A prostituição de rua continua a existir no centro, mas agora desempenhada basicamente por prostitutas e michês, que diferem dos grupos de meninos “de rua” descritos por Erdmann (1981).

O próprio carnaval em torno do Bar Roma se transformou. Se na época da pesquisa de Erdmann (1981, p. 70) era um lugar de boêmios e jornalistas, em que heteros e homossexuais se vestiam de mulher para brincarem o carnaval de rua, compartilhando uma certa “anormalidade”, a pesquisa de Silva (2003, p. 124) já aponta para uma demarcação diferente deste território, onde se vestir de mulher no carnaval do Roma, ao final dos anos 80, passa a ser considerado “coisa de guei”. Anna Paula Vencato (2002), também elaborou uma reflexão sobre o carnaval do Roma, mas o seu foco eram as *drags*. Seu trabalho mostra a fluidez das fronteiras de gênero, onde o transvestismo das *drag queens* aparece como uma resposta à idéia de fixidez de categorias dicotômicas (homossexual/heterossexual, masculino/feminino). Outro fato constatado pela autora foi que, mesmo sendo festejadas nos pedaços gueis, as *drags* preferiam trabalhar para o público hetero.

Grande parte dos trabalhos apresentados trata da questão do gueto no sentido de uma categoria nativa e, através de suas leituras, pode-se identificar no mínimo dois posicionamentos: o primeiro é que o gueto representa um lugar de separação, mercantilização e consumo, e o segundo o encara como um espaço de resistência, de uma mínima liberdade e prazer, além de formador de identidades. A partir destes pontos de vista, é possível entender porque muitos sujeitos homossexuais evitam frequentar estes locais e ultrapassam os limites destes territórios eminentemente frequentados por um público GLS, indo para além do gueto e se inserindo nos demais circuitos da cidade.

Uma outra característica encontrada nestes trabalhos foi que, em sua maioria, os pesquisadores se fizeram presentes “nos cenários onde ocorre a ação”. Esse fato, com certeza, exigiu que se superassem certos constrangimentos, como não serem confundidos com seus “objetos” de estudo, por exemplo. Florianópolis oferece uma peculiaridade a seus moradores, ao mesmo tempo em que parece uma pequena cidade, onde a qualquer momento podemos nos deparar com familiares ou conhecidos, combina certos traços e serviços típicos de uma cidade maior, com um relativo anonimato.

Faço minhas as palavras de um entrevistado de Teresa Sell (p. 175) quando afirma que talvez no Brasil as coisas sejam diferentes, “mas o que conheço de [produções acadêmicas sobre homossexualidades em] Florianópolis, é isso!”.

Capítulo II

A CAMINHADA

*Foi tão complicado
seguir na minha estrada
pra chegar até aqui...*
(Marina Lima – Antônio Cícero)

Como já foi dito anteriormente, este trabalho teve como objetivo compreender como sujeitos homossexuais de Florianópolis, homens e mulheres de diferentes gerações, vive(ra)m na cidade, em diferentes tempos e espaços, identificando seus modos de vida e processos de sociabilidades. Na longa jornada de construção desta tese de doutorado, no entanto, vários pequenos problemas foram surgindo enquanto cumpria os créditos e mesmo quando já realizava a pesquisa de campo. Estas dificuldades, entretanto, não fizeram com que eu me afastasse das questões definidas no projeto inicial. Houve momentos de paradas, de incertezas, de busca de um novo tema a ser pesquisado, porém o resultado disso tudo me parece hoje bastante proveitoso. Com certeza, a ida a campo fez com que surgissem novos questionamentos e apresentou novas possibilidades e dificuldades que passam agora a ser discutidas.

Logo no início do curso me deparei com uma dificuldade não esperada. No primeiro dia de aula, na sala do coordenador, houve uma reunião onde foi apresentado aos novos alunos o programa do Curso e onde, entre outros temas de discussão, cada um falou do seu projeto de pesquisa. Estavam presentes, também, dois dos três representantes discentes⁹⁸ junto ao Colegiado do Programa, e foi justamente um destes doutorandos quem emitiu um comentário bastante desagradável sobre o tema de minha pesquisa. Não durante a reunião, mas por telefone para a sua colega, representante da linha de Gênero. O questionamento do colega se referia ao fato de alguém estar trazendo este tipo de tema para ser trabalhado no programa interdisciplinar de doutoramento em Ciências Humanas.

A atitude tomada demonstra todas as características encontradas naquelas pessoas que também podem ser consideradas homofóbicas. Se não demonstrou ostensivamente um ódio aos homossexuais, considera o assunto de menor importância. Talvez, maculando o seu

⁹⁸ Na época, o doutorado se dividia em três linhas de pesquisa, cada uma indicando um representante discente ao Colegiado do Curso.

doutorado. Elaine Berutti (2002, p. 144), falando daqueles que ainda “não aceitam a inclusão dos estudos *gays* e lésbicos na agenda intelectual do Brasil, no século XXI, por advogarem o preconceito, a estigmatização e, até mesmo, a violência”, afirma que só nos resta afirmar junto com o “poeta” Cazuza⁹⁹ e com a “roqueira” Cássia Eller: quando suplicam piedade “pra essa gente careta e covarde” e que o Senhor “lhes dê grandeza e um pouco de coragem”.

Este comportamento, no entanto, pode trazer dois tipos de reação: demonstrar a importância e a urgência em se discutir mais e sempre a questão da homossexualidade, procurando ocupar todos os espaços; ou, causar um desgaste, fazendo com que muitos desistam de continuar falando (se expondo) sobre um tema que ainda gera controvérsias e aquele “risinho” de desconforto dos que se sentem incomodados. Em ambas as situações há um desgaste psicológico muito grande: descobrir que o seu tema de pesquisa está carregado de preconceito mesmo num curso de doutorado. Gostaria de deixar claro que não encontrei, quando do processo de seleção, tal discriminação e tampouco nas lidas diárias do curso. Percebi, contudo, que muitos ainda compartilham do posicionamento homofóbico daquele representante discente. Tanto outros doutorandos, quanto alguns professores.

Aquele foi um episódio único, mas marcante a ponto de pensar duas vezes sobre onde e como falar do meu projeto. Era fácil apresentá-lo para os iguais, aqueles que estudavam e estavam interessados em discutir a questão das relações de gênero. Todavia, em sala de aula havia momentos em que me calava e perguntava onde gostaria de chegar, insistindo num assunto que, aparentemente, só interessava a mim, às minhas orientadoras e a alguns colegas. Sentia que se implantava em mim o germe da desconfiança da tão propalada “validade científica” do meu tema de pesquisa. Quando aventei a possibilidade de trocá-lo tive um sentimento de maior aceitabilidade social. Ao vislumbrar a possibilidade de trocar a discussão sobre a homossexualidade para a questão da violência contra a mulher, percebi que recebia um maior investimento afetivo no curso. Menos dos amigos e, certamente, não das orientadoras e professoras da linha, que não entendiam a desmotivação pelo primeiro tema.

Até no local do meu trabalho, pois atuo como psicólogo numa delegacia de polícia de atendimento às mulheres vítimas de violência, o interesse sobre a pesquisa foi redobrado. Uma das questões levantadas e com a qual, ao menos em parte eu concordo, tratava da

⁹⁹ O cantor Cazuza, nascido Agenor de Miranda Araújo Neto (1958-1990), declarava-se bissexual e morreu vítima de AIDS. Quando perguntado sobre sua orientação sexual respondia: “Eu digo que sou [bissexual]... acabo ficando com fama de bêbado, homossexual e maluco...” (Araújo, 2001, p. 362). Cássia Eller (1962-2001), que gravou esta música num CD onde canta somente composições de Cazuza (*Veneno antimonotonia*/Polygram/1998), criou polêmica, após a sua morte, ao deixar a guarda de seu filho Chicão a sua companheira Maria Eugênia. Numa entrevista à revista *Marie Claire* (out/2001), a cantora havia revelado que

necessidade de não se restringir a um único tema. Uma das piadas que corria nas internas da DP é que logo eu seria um doutor em “viadinhos”. O mais incrível, diziam, era que isto aconteceria numa universidade pública, como se, com isto, houvesse um desperdício do dinheiro público. Novamente, não havia uma atitude ostensiva contra mim, mas tais atitudes me provocavam uma sensação de desconforto. Isso sem falar que neste universo de 20 e poucos policiais, trabalham pelo menos três “assumidamente” homossexuais (dois gues e uma lésbica) e outros tantos simpatizantes, ou suspeitos¹⁰⁰.

Estes fatos demonstram que a força da pressão social é muito grande e, se por acaso nos encontramos fragilizados, ela se potencializa a tal ponto que a internalizamos sem maiores questionamentos. Isto aconteceu comigo, quando percebi que já não estava mais conseguindo pensar e/ou produzir sobre homossexuais e homossexualidades e meu interesse estava se restringindo à necessidade de compreender e fazer avançar os trabalhos sobre as violências contra as mulheres. Neste ínterim, já havia realizado pelo menos cinco entrevistas gravadas com sujeitos homossexuais, além de ter mantido contato com outros possíveis informantes, visando entrevistá-los mais tarde.

A mudança do tema de pesquisa não é um acontecimento raro nos cursos de pós-graduação. Durante a realização do meu mestrado, já estando no campo, alterei o foco do projeto inicial. Após a realização das quatro primeiras entrevistas, todas com moradores do distrito de Ratoles, no município de Florianópolis, algumas inquietações começaram a surgir, principalmente relacionadas com o envolvimento dos casais de homossexuais com a comunidade. Por ser um local muito pequeno, pareceu que um trabalho resgatando esta história seria, também, bastante relevante para demonstrar como a vivência e a prática da homossexualidade, de formas diferentes, estão presentes em todos os lugares.

Foram necessárias algumas discussões com a orientadora até que o novo formato da pesquisa se redesenhasse. Assim, naquele momento, acabamos decidindo que somente seriam entrevistados homossexuais que residiam na Cachoeira do Ratoles e no Canto do Moreira, dois lugarejos que pertencem ao Ratoles. Também foi decidido que seria necessário entrevistar alguns moradores da comunidade para tentar compreender um pouco a história local e o envolvimento dos “nativos” com a homossexualidade dos seus habitantes, ou daqueles que escolheram aquela localidade para morar.

queria oficializar a sua união com Maria Eugênia para que, em caso de morte ou doença, a companheira ficasse com a guarda do garoto. Elas moravam juntas há 14 anos.

¹⁰⁰ Esta tem sido uma brincadeira corrente entre alguns grupos de homossexuais, considerar o S, da sigla GLS, como suspeitos de também serem homossexuais, que por algum motivo ainda não se “assumiram”.

Naquele caso, a situação de mudança não me pareceu perturbadora. O interesse, ao restringir o campo de pesquisa, havia sido demonstrar as diferentes possibilidades encontradas na convivência entre homossexuais e heterossexuais. Restringia-se o foco, mas se ampliava a compreensão do fenômeno. Agora, no doutorado, houve um momento de rejeição a continuar estudando a homossexualidade, optando até mesmo por uma nova temática, de melhor convivência ou aceitação social. O antropólogo Peter Fry (2000, p. 11) assinala que partiu “para outras bandas” porque “entre outras coisas, tinha medo de me tornar um *homossexual profissional*¹⁰¹”. Richard Parker (2002, p. 30) também salientou que focalizar a homossexualidade era “uma atitude quase suicida no que se refere à contratação no mercado de trabalho na minha área e a já duradoura marginalização de assuntos sexuais como questões legítimas na hierarquia de valores acadêmicos”. Ele estava se referindo ao ano de 1982 quando veio para o Brasil iniciar sua pesquisa sobre políticas de cultura popular, para sua tese de doutoramento. Como ressaltou, as preocupações quanto à respeitabilidade acadêmica e futuro profissional desapareceram “à medida que eu procurava trabalhar de acordo com minha própria imersão pessoal no dilema da sexualidade e da diferença cultural, transformando este dilema no foco central de meu trabalho” (Parker, 2002, p. 31). Para o autor, contudo, até se chegar a esta elaboração psíquica, há uma necessidade de ocultamento da homossexualidade, a própria ou de qualquer outro sujeito. Não mexer na ferida, não expor o que pode ficar guardado numa gaveta, “in closet”. Esta atitude também pode ser considerada como uma das expressões da homofobia, a internalização de conceitos diluídos na sociedade, em outras palavras, um rechaço da homossexualidade.

Este sentimento de hostilidade fica tão bem “resolvido” que dificilmente nos damos conta de sua dimensão. É fácil não falar de homossexuais, ou fazer de conta que eles não existem: basta ignorá-los. Acontece que eles continuam a existir e a sua própria existência é perturbadora da norma estabelecida, como no caso do doutorando que não queria ver o seu próprio curso discutindo sobre eles. Não nos apercebemos que não precisamos sair por aí, agredindo e matando homossexuais para demonstrar nossa hostilidade para com eles. O “simples” não querer falar, não querer ouvir o que dizem, já pode ser considerada uma demonstração da força social estigmatizadora.

A resolução deste conflito aconteceu apenas depois de ter apresentado um novo projeto, sobre as delegacias de polícia de proteção à mulher, e conseguido perceber que é necessário um distanciamento do “objeto” a ser estudado. Compreender que posso me

¹⁰¹ Entre aspas no original.

reconhecer no trabalho a ser feito, mas não posso me confundir com o objeto. Apaziguar minhas angústias e reconhecer a importância de estudos que tenham como tema a homossexualidade.

Como não existe ciência neutra, todo projeto científico se estabelece a partir de determinado ponto de vista subjetivo, envolvendo idiossincrasias do cientista e do seu meio. Quer dizer, já ao eleger o que será examinado, entram em jogo os dados culturais de quem propõe tal exame porque algo lhe parece estranho e subjetivamente passível de exame. O próprio gesto investigativo cai sob suspeita por implicar um julgamento valorativo: quando se questiona a origem de algo diferente, fica sugerida a idéia de um desvio da normalidade (Trevisan, 2000, pp. 32-3).

Assim como fez o antropólogo Richard Parker (2002, pp. 33-4), também acredito ser importante explicitar que, neste trabalho, a minha vida pessoal e profissional se entrelaçam, da mesma forma que aparece uma interseção entre a pesquisa acadêmica e a militância. Assim, ao mesmo tempo em que as questões privilegiadas nesta tese se confundiam com minha própria trajetória pessoal, pude observar que a ressonância do material disponibilizado ampliou o meu conhecimento e envolvimento com os processos aqui descritos e analisados. Justamente por estar afetivamente envolvido com o tema escolhido, fazer parte da “aldeia” e por compartilhar de muitos dos valores que compõe o ideário dos “nativos”, precisei realizar um longo e inacabável processo de desconstrução do meu eu. O grande desafio encontrado foi o de estranhar o que me era familiar; relativizar certezas, deslocar o olhar.

1. Um outro olhar: o “método”.

*As coisas estão no mundo
só que eu preciso aprender...*
(Paulinho da Viola)

Qualquer pesquisa que procurasse compreender a problemática da homossexualidade como um fenômeno cultural, seria um campo amplo para um trabalho interdisciplinar. Pensava ser complicado observar um sujeito, ou um grupo deles, sem situá-los numa época e dentro de um espaço sociogeográfico. A cultura – como constituinte dos sujeitos e produto da ação e interação dos seres humanos no mundo, portanto em processo de constante transformação – permitia compreender como se estruturavam certas atitudes e/ou

representações e como estas sofriam influências de diversos fatores do contexto social: econômicos, políticos, demográficos, dentre outros.

Neste sentido, procurei em Roberto Cardoso de Oliveira (2000) reflexões sobre a metodologia para apreensão da temática que busquei pesquisar. Este autor, que estava interessado em articular a pesquisa empírica com a interpretação de seus resultados, falava no desenvolvimento de três faculdades do conhecimento, o olhar, o ouvir e o escrever, que dificilmente são problematizadas, embora seja com tais atos cognitivos que “logramos construir nosso saber” (p. 18).

Ao questionar como a percepção e o pensamento vão convergindo para a elaboração de uma teoria social, Cardoso de Oliveira acrescentava que apenas desejava chamar a atenção, tanto de jovens pesquisadores quanto daquele “profissional maduro, quando não se debruça para as questões epistemológicas que condicionam a investigação teórica tanto quanto a construção do texto, resultante da pesquisa” (p. 18). Segundo o autor, o ato de escrever é o exercício de produção de um discurso que deve estar voltado para a construção de uma teoria social.

Na medida em que comecei a problematizar a questão das vivências homossexuais, o meu olhar tornou-se diferente, chegando a alterar o próprio modo de percebê-las. O olhar foi se tornando disciplinado e sensibilizado pelas teorias estudadas e leituras realizadas. Agora não era mais um olhar apenas curioso. Entretanto, para chegar a compreender a dinâmica das relações sociais que ocorrem no campo, foi preciso aprender a ouvir detidamente o que diziam os homossexuais. Um ouvir que captasse os possíveis ruídos e silêncios que normalmente são considerados como insignificantes.

Munido de instrumental disciplinar oferecido pela psicologia, foi possível assumir o papel de pesquisador, ao mesmo tempo em que continuava a circular pelos espaços homossexuais. Comecei a anotar em diário de campo algumas histórias e situações vistas e ouvidas em diferentes locais, e comecei a trazer os fatos observados para o plano do discurso. Neste sentido, parecia que o conceito marxista de *práxis* talvez fosse o que melhor expressasse o fato de teoria e prática constituírem, na ação, uma unidade cujos elementos só se distinguiriam em termos da análise.

Para a realização desta pesquisa utilizei o método etnográfico, que permite uma interação entre pesquisador e objeto de estudo. Este modelo antropológico de pesquisa possibilitou que enfatizasse aspectos do cotidiano, tanto dos sujeitos pesquisados quanto meus, enquanto pesquisador. A ida a campo aconteceu estabelecendo um diálogo onde o objetivo era escutar a voz do outro, procurar entender o sentido que ele atribuía a suas

representações, buscando identificar experiências que mostravam sentidos, pois marcavam representações de cada um dos contextos em que os sujeitos estavam inseridos.

Clifford Geertz (1978) chama nossa atenção para o fato de os “dados” numa descrição etnográfica serem “realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem” (p. 19). Sem a utilização de medidas ou instrumentais de precisão ou, ainda, sem a preocupação de controlar a exatidão de um acontecimento particular, o trabalho do pesquisador se torna muito mais de observação e interpretação. O trabalho de campo se faz, de acordo com este autor, através de observação de rituais, realização de entrevistas, análise dos termos de parentesco (...) escrita do diário; enfim, realização de uma “descrição densa” do fenômeno estudado.

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (Geertz, 1978, p. 20).

Observar o familiar, quando compartilhamos a mesma orientação sexual¹⁰² e moramos na mesma cidade, pode ser resolvido se problematizamos o distanciamento, os problemas ideológicos, sociais e históricos que envolvem a pesquisa. O antropólogo Roberto Da Mata (1978; 1981) chama a atenção para a necessidade de transformar “o familiar em exótico”, isto no caso de se estudar a própria sociedade em que se vive. Ao estranhar o que parece familiar, realiza-se um “desligamento emocional” e, assim se descobre “o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação” (id., p. 29). Gilberto Velho (1978, p. 38) lembra, por outro lado, que o fato de dois sujeitos conviverem na mesma sociedade não significa que eles compartilhem das mesmas preferências, gostos e idiossincrasias ou, ainda, “que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes”. Em outras palavras, “o que sempre *vemos* e *encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*” (id., p. 39). O processo de conhecimento passa, assim, por experiências de estranheza ou não reconhecimento, pois mesmo familiarizados com os cenários e situações sociais, não conhecemos o modo de vida, o ponto de vista ou a visão de mundo dos diferentes sujeitos presentes numa sociedade e a maneira ou a lógica de suas interações sociais.

¹⁰² É interessante ressaltar que esta questão não é colocada no caso dos pesquisadores heterossexuais quando pesquisam família, sexualidade, etc...

Ao demonstrar familiaridade com o meu objeto de reflexão, precisei falar do meu lugar e da possibilidade de também relativizá-lo. Despir-me da fantasia de ser membro de alguma tribo urbana e estranhar regras sociais familiares, evitando, assim, que esse conhecimento se constituísse num impedimento para a realização do meu trabalho. A realidade, tanto a exótica quanto a familiar, passava pelo filtro do meu olhar e a interpretação tornava-se uma “mistura” das informações obtidas com minhas experiências e minha própria subjetividade, como pesquisador (Da Matta, 1978; Velho, 1978). Em minha pesquisa procurei um distanciamento psíquico e simbólico que me permitisse a construção de um diferencial necessário para traduzir num texto o que pude ver e ouvir.

Como venho circulando e participando dos “pedaços”¹⁰³ GLS de Florianópolis há muito tempo, parece que fica redundante falar que realizei uma “observação participante”. Como Marco Aurélio da Silva (2003, p. 14), que pesquisou os “pedaços” do carnaval guei em Florianópolis, penso que marquei minha presença no campo a partir da noção de “caminhada” proposta também por José Guilherme C. Magnani (1998, p. 36):

a caminhada – pelo efeito de estranhamento que induz – permite treinar e dirigir o olhar por uma realidade inicialmente tida como familiar e conhecida. Para tanto deve obedecer a um *timing* que a distinga do andar apressado e alheio do usuário habitual, assim como do passeante descomprometido.

No papel de observador, mais do que de participante, tenho certeza que deparei com histórias e fatos que exigiram uma observação muito mais atenta para que, hoje, pudesse interpretá-las. Observei os pedaços por onde circulam os gueis e as lésbicas entrevistadas, além dos seus próprios espaços domésticos. Desenvolvi olhares e escutas para além da circulação pelos espaços homossexuais, que me permitiram escrever sobre eles.

Delimitar o cenário significa identificar marcos, reconhecer divisas, anotar pontos de intersecção – a partir não apenas da presença ou ausência de equipamentos e estruturas físicas, mas desses elementos em relação com a prática cotidiana daqueles que de uma forma ou outra usam o espaço: os atores (Magnani, 1998, pp. 37-38).

Neste sentido, tornava-se importante que contextualizasse o meu sujeito histórica e socialmente pois, assim, podia formular algumas interpretações. Para Cláudia Fonseca (1999, p. 59), formula-se um relato etnográfico quando se completa um movimento interpretativo, indo do particular para o geral. “O método etnográfico é visto como o encontro tenso entre o individualismo metodológico (que tende para a sacralização do indivíduo) e a

¹⁰³ No sentido proposto por Magnani (1998).

perspectiva sociológica (que tende para a reificação do social)”. Assim se acrescenta alguma coisa à reflexão acadêmica.

Ao utilizar alguns casos particulares, foi preciso ficar atento para não correr o risco de realizar generalizações universalizantes. Havia sempre pontos de encontro que ressaltavam semelhanças entre pessoas e também muitas divergências que configuravam as individualidades. Essas foram dificuldades que precisaram ser minimizadas, quando fui a campo. Clifford Geertz (1978, p. 32) nos alerta que “o *locus* do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam *nas* aldeias”. Se o meu objetivo era compreender a movimentação social de gueis e lésbicas, a minha aldeia era esta movimentação, seus espaços e suas temporalidades. “Os achados etnográficos não são privilegiados, apenas particulares” (id., p. 33)

Esta pesquisa foi realizada através de entrevistas abertas, gravadas, com homossexuais de diferentes gerações de Florianópolis. Procurei obter relatos sobre suas vivências da juventude, seus grupos de sociabilidade, os espaços da cidade que freqüenta(va)m, enfim relatos sobre suas vidas. De acordo com Mara Lago (1996, p. 23) o que caracteriza a abordagem antropológica é o “estar atento ao outro, deixar-se envolver por ele, calar a própria voz para escutar a dele, procurando desvendar sua visão do mundo através dessa escuta e observação atentas”.

Apesar desta postura abertamente subjetiva, na obtenção de depoimentos sobre a vida dos sujeitos entrevistados procurei alcançar, segundo as lições de Cláudia Fonseca (1999), que nenhum fato ou acontecimento fosse desconsiderado, pois podiam abranger o que queria conhecer. Mesmo compreendendo que uma narrativa equivale a apresentar apenas uma interpretação parcial, não estava preocupado com a veracidade das informações obtidas, ou possíveis omissões, pois o interesse estava centrado naquilo que foi lembrado, o que foi significado como fazendo parte da história do sujeito. Foi importante, entretanto, manter o informante orientado nos enfoques que estava interessado em pesquisar, questionando-o quando o tema exigia um maior aprofundamento, ou procurando esclarecer aquelas informações que eram familiares, como acontecimentos que se tornaram públicos, alguns registros oficiais ou os lugares descritos. Ecléa Bosi (1999) afirma que Halbwachs [1956] já dizia que lembramos quando provocados ou incitados a lembrar. Mesmo realizando o trabalho, a ênfase do pesquisador está na história contada pelo próprio sujeito.

Na narrativa autobiográfica, os sujeitos contam histórias a respeito de si e da compreensão que possuem de suas próprias vidas. No caso de minha investigação sobre homossexualidades, além de falar dos episódios que julgavam cruciais e que forjavam os

limites do que seria uma prática individual ou coletiva, eles falaram da cidade em que vivem, algumas histórias que viram, viveram ou ouviram e das transformações observadas nos espaços da cidade. Importante salientar que não se dirigiu pergunta direta sobre as mudanças ocorridas em Florianópolis, portanto se trata daquilo que foi narrado e significado por eles.

Como narradores, estes sujeitos contaram suas lembranças oralmente, a linguagem foi o instrumento privilegiado para socializar a memória. Esses registros de memória pessoal, de acordo com Bosi, podem ser considerados também como uma memória social, familiar ou de um grupo. É comum nos confundirmos, atribuindo a nós mesmos o que ouvimos outros falarem, tornando própria a lembrança. “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (Bosi, 1999, p. 55). Assim, a proposta ofertada aos homossexuais, nesta pesquisa, foi a de procurarem refazer, reconstruir, repensar suas lembranças das experiências do passado. Impossível seria tentar reviver o passado.

2. O recorte.

*O tempo como o espaço
tem seus desertos e suas solidões*
(Francis Bacon)

O historiador Marc Bloch afirmava, em 1941, que cada vez mais a noção de geração “parece destinada a servir de marco inicial para uma análise fundamentada das vicissitudes humanas¹⁰⁴”. A idéia de geração geralmente é associada a uma produção da natureza, pois remeteria a inserção do homem à passagem da história. Jean-François Sirinelli (2002, p. 134), contudo, nos alerta que “a geração é de fato uma peça importante da *engrenagem do tempo*”, mas que se deve compreender que há um padrão *elástico* que faz com que as histórias ritmadas pelas gerações se dilatam ou encolham “ao sabor da frequência dos fatos inauguradores”. O autor chama a atenção para o fato de haver “*temas fundamentais e novos* em torno dos quais se articulam gerações sucessivas” (id., p. 135). O uso do conceito de geração contribuiu, de acordo com Sirinelli (2002), para reabilitar o acontecimento como objeto de história e como instrumento de análise. Ainda de acordo com este autor (id., p. 137), se por um lado “a geração-padrão não existe: em nenhum caso podemos distinguir nela uma

¹⁰⁴ Citado por Jean-François Sirinelli (2002, p. 132).

estrutura cronologicamente invariável, que transcende as épocas e os países”; por outro, não podemos esquecer que sua “importância pode variar conforme os setores estudados e os períodos abordados”.

Como um dos objetivos deste estudo foi realizar um recorte histórico, o universo da pesquisa foi constituído por homossexuais de diferentes gerações que residiam em Florianópolis (Ilha e/ou Continente). A pesquisa procurou investigar a história de mulheres e homens, alguns deles com mais de 60 anos, outros em uma faixa etária entre 30 e 50 anos e alguns mais novos, entre 18 e 25 anos. O agrupamento dos sujeitos em diferentes faixas geracionais não obedeceu a intervalos rigidamente iguais, ou seja, os intervalos entre os estratos são desiguais. A divisão dos entrevistados nestes grupos teve como objetivo identificar como foi vivenciada sua homossexualidade em diferentes momentos, em Florianópolis, e quais os espaços de sociabilidade foram freqüentados pelos sujeitos na cidade, em épocas diferentes.

Aqueles sujeitos que nasceram nas décadas de 1930 e 40, na adolescência viveram o período do pós-guerra onde havia mais repressão sexual, apesar das mulheres já terem obtido, no Brasil, o direito ao voto e de muitas trabalharem fora. Sexo era uma conversa muito reservada. Para Luiz Mott (2003, p. 124) “não havia lugar para um homossexual se assumir e ser respeitado há 40 anos... o homossexual era sinônimo de vergonha, humilhação, exclusão”. Uma outra “geração”, que compreende os sujeitos nascidos nas décadas de 50, 60 e 70, foi aquela que ajudou a fazer a “revolução sexual” ou apareceu logo após este movimento liberacionista, participando dos momentos iniciais dos movimentos reivindicatórios das minorias. A “geração” constituída pelos informantes nascidos a partir dos anos 80, foi composta por sujeitos mais jovens, aqueles que estão vivendo o período de maior visibilidade alcançada pelos homossexuais, apesar de ainda conviverem com muitas demonstrações de homofobia.

Com os membros da primeira geração foi possível conhecer histórias de uma Florianópolis que foi descrita, por muitos autores, como possuindo uma feição de cidade estagnada. No segundo período analisado, através dos depoimentos dos sujeitos da primeira e da segunda geração, ocorreu na cidade um processo de urbanização que se acelerou gradativamente, “ligado às políticas de desenvolvimento da capital, e em particular do turismo” (CECCA, 1997, p. 107). Neste período histórico, houve a implantação da Universidade Federal, da ELETROSUL, CELESC e TELESC, estatais que propiciaram processos imigratórios para a cidade, de profissionais e de jovens que desejavam continuar os seus estudos. Aquele momento onde apareceram na cidade os primeiros bares e boates

destinados ao público homossexual. Finalmente, as três gerações convivem atualmente com uma cidade que se propõe moderna e que, apesar dos índices de qualidade de vida, já apresenta algumas das mazelas dos grandes centros urbanos. Os jovens da “terceira” geração cresceram observando uma Florianópolis onde o centro urbano perdeu sua intimidade com o mar, mas vivem um período histórico em que há uma maior visibilidade das suas homossexualidades. Há um grande movimento migratório e de lazer em direção às praias, sendo que algumas delas também são consideradas “pedaços” GLS da cidade.

3. Procedimentos metodológicos.

Eu vim de infinitos caminhos...
(Cecília Meireles)

Na busca de compreender algumas formas de vivência da homossexualidade, esta pesquisa seguiu o modelo etnográfico e, como tal, pressupõe um exercício de estranhamento em relação à cidade, seus espaços, os grupos de homossexuais que nela vivem, além das entrevistas e observação participante, as anotações em diário de campo, procedimentos tradicionais da pesquisa.

A entrevista foi a principal ferramenta durante o trabalho de campo. Esta foi realizada individualmente e, sempre que possível, na residência do entrevistado. Além de procurar um ambiente tranquilo para a realização da entrevista, a ida até suas residências possibilitou que se observasse o espaço doméstico de cada sujeito entrevistado (a). Elas foram marcadas antecipadamente via telefone ou através de contatos pessoais.

Alguns encontros que resultaram em gravação da entrevista ocorreram no meu local de trabalho, fora do expediente normal, isto é, foram realizados a partir das 20:00 horas. Apenas a primeira entrevista, por solicitação da informante, foi realizada no período da manhã. Em princípio, tinha clareza de que a minha sala, por estar dentro de uma delegacia de polícia, não era um dos locais mais apropriados para a realização de entrevistas. Isto era explicado aos sujeitos e elas só foram realizadas naquele espaço por falta de outro local mais apropriado. Era explicado também que, como a sala fica no terceiro andar, portanto longe daquela movimentação comum nas delegacias, haveria um certo distanciamento das

atividades comuns aos policiais¹⁰⁵. Este era um outro fator complexificador e que poderia interferir no resultado das entrevistas. O fato dos sujeitos serem entrevistados no gabinete de um psicólogo, o que geralmente remete a um atendimento terapêutico e não a uma entrevista para pesquisa, também precisa ser mencionado.

Nas entrevistas, os sujeitos discorreram livremente a respeito de suas vidas, sendo orientados apenas acerca do enfoque do trabalho, que pretendia obter informações sobre suas vivências na cidade enquanto homossexuais. Esta técnica forneceu uma idéia da história de vida do sujeito como um processo, onde ele descrevia episódios que considerava cruciais, onde transpareciam os limites do que pensava ser individual e aquilo que julgava ser coletivo. Ao falar de suas lembranças, os entrevistados também estavam falando de uma memória familiar e de seus grupos de referências.

As entrevistas foram todas gravadas, para posterior transcrição e análise. Na tentativa de compreender ou aprofundar algum ponto ou assunto de suas reminiscências pessoais, houve a necessidade de mais de um retorno ao entrevistado, no sentido de esclarecê-los. O número de entrevistas com cada informante ficou em aberto, garantindo que se podia retornar aos entrevistados sempre que fosse preciso.

A abordagem dos entrevistados aconteceu a partir dos contatos mantidos durante a realização das pesquisas anteriores, mediados por amigos ou, ainda, por indicações de terceiros. Minha experiência com o campo tem demonstrado que os próprios sujeitos indicam outras pessoas conhecidas que aceitariam participar da pesquisa, formando uma rede informal. Com toda certeza, não fosse o pouco espaço de tempo para tanto trabalho a ser realizado, e a própria forma da pesquisa, qualitativa e não quantitativa, muito mais homossexuais, homens e mulheres, se disponibilizariam para entrevistas. A escolha dos sujeitos entrevistados se deu pela facilidade de contato, pela disponibilidade em me receber e gravar a entrevista. Nunca por julgar que esta ou aquela história era mais significativa do que a dos demais ou, como disse Salem (1986, p. 27), por serem “experiências sintetizadoras”, que condensassem em suas falas uma visão do mundo ou expressassem um tipo específico de “ethos”.

O cuidado com o sigilo e o tratamento dos relatos obtidos foi assegurado inicialmente aos entrevistados. Esta afirmação está relacionada com a forma com que procurei interagir com os sujeitos, estabelecendo vínculos de empatia e confiança, dando-lhes a certeza de que suas falas não circulariam de maneira indevida. Provavelmente alguns sujeitos não se

¹⁰⁵ É importante salientar que o primeiro contato que mantive com as travestis foi a partir da minha atividade como psicólogo. Elas passaram pela “delegacia da mulher”, seja como vítimas de violência praticada por um homem ou como homem que agrediu uma mulher.

importariam com uma possível identificação; para outros, contudo, a possibilidade de que alguém os identificasse poderia ser um risco que não gostariam de correr. As informações sobre os sujeitos, procurando contextualizá-los, estão fornecidas de maneira ampla e geral e não de forma individualizada.

Outros recursos de investigação foram utilizados, a fim de contextualizar histórica e culturalmente os modos de vida e as transformações que ocorreram nos espaços da cidade e nas vivências dos sujeitos. Neste sentido, foi realizada coleta de informações em fontes consideradas secundárias, obtidas em pesquisa de documentos, em dissertações e teses defendidas em e sobre Florianópolis, em fotos e em jornais dos períodos históricos definidos. O levantamento e a análise do material midiático, ajudou na compreensão do material obtido no trabalho de campo. Este recurso foi utilizado não no sentido de confirmação das informações, mas buscando trabalhar com a idéia de uma interação cultural, ou seja, como a mídia impressa divulgou fatos e acontecimentos que se tornaram significativos para os sujeitos entrevistados.

A pesquisa em periódicos foi fundamentalmente organizada a partir de leituras realizadas de edições do jornal *O Estado*. Este é o mais antigo jornal com circulação regular na cidade de Florianópolis e cobriu com notícias todo o período que pretendia pesquisar, ou seja, desde a década de 60. Com os artigos e notícias encontrados, organizei uma pequena hemeroteca, onde os principais destaques são fatos relacionados ao carnaval e ao assassinato de homossexuais. Eventualmente, e com notícias mais recentes, fiz pesquisa em outros periódicos, como o *Diário Catarinense* (DC) e o jornal *A Notícia*.

No que se refere às teses e dissertações sobre homossexualidades defendidas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é possível adiantar que, se antes havia um predomínio dos trabalhos desenvolvidos pelos antropólogos, tem sido grande a produção também em outros campos disciplinares, até mesmo com perspectivas multidisciplinares ou interdisciplinares. Há trabalhos na psicologia, na lingüística, no direito, etc.

Pollak (1989) conta que numa pesquisa oral realizada com homossexuais alemães, que sobreviveram aos campos de concentração nazistas, observou-se um silêncio coletivo daqueles, pois temiam que a revelação da causa de sua reclusão provocasse a denúncia, perda de emprego ou revogação de contratos de locação. Pode-se deduzir daí por que certas vítimas da máquina de repressão nazista foram silenciadas na maioria das memórias e perderam a voz na historiografia. A história oficial tem evitado admitir a repressão de homossexuais sob o nazismo, até pelo fato de que a repressão de que foram objeto é praticada e aceita há muito tempo, entre muitos povos.

Como Michael Pollak ressaltou, a técnica da história de vida permite que se estabeleça um fio condutor consistente, como uma espécie de *leitmotiv*, a despeito das variações individuais. Essas características podem ser consideradas como “instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais” (1989, p. 13). Quando se conta a vida, busca-se estabelecer uma certa coerência entre os acontecimentos que são considerados relevantes e os dados resultantes de uma ordenação cronológica. “Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (id., p. 13).

A historiadora Tania Navarro-Swain (2000, p. 13) lembra que também a história é construção onde “um tecido é urdido e um discurso é forjado... segundo as interpretações possíveis em cada época, segundo representações que constroem o mundo e a experiência vivida”. A tarefa da história e de outros campos disciplinares passa, então, a ser a de desvirtuar as evidências, questionar o que é naturalizado “a exatidão dos fatos e datas cede hoje lugar a um fazer constante, a uma tarefa de problematizar, de questionar, de tentar apreender os significados e os valores que orientaram os atos e gestos, sentimentos e paixões que atravessaram o viver humano” (id., p. 14). Como afirmou a autora “a história não nos traz certezas” (id., p. 24), somente questões sobre a diversidade do humano.

A análise dos relatos contidos nas falas, realizada de forma mais sistemática após a transcrição das entrevistas, já estava ocorrendo durante o trabalho de campo quando a escuta, as observações e reflexões sobre representações dos sujeitos podiam propiciar correlações com as leituras realizadas. Fiel à abordagem etnográfica, a análise foi o momento em que se entrelaçaram os relatos dos sujeitos, articulando-se suas histórias de vida, suas lutas cotidianas. Um momento para tentar compreender como eles interpretavam aquelas experiências que os constituíram como sujeitos, e como suas vidas ajudavam a construir novas vidas.

Por sua vez, segundo Andréa Zanella (2002, p.14),

a fala do sujeito, para ser analisada, precisa de um referencial interpretativo ... investigar as dimensões públicas e privadas de sua fala. Isso significa analisar como o sujeito se posiciona perante a situação, suas possibilidades de compreensão da própria condição em que se encontra, as relações dessa sua prática tanto com o contexto imediato quanto com a trama de relações sociais características do momento social e histórico em que se vive.

Durante a realização da análise foi a vez de dar voz aos sujeitos da pesquisa, além de mostrar o material recolhido e de expor a riqueza das entrevistas. Não houve uma preocupação com a “busca da verdade” ou com a análise dos discursos, o sentido das falas foi

aquele que o sujeito lhes atribuía e que o pesquisador procurou significar, em sua análise interpretativa. Como pano de fundo, a concepção teórica que fundamentou este trabalho considera que os sujeitos se constituem no social, construindo representações de si e de seus mundos. O próprio olhar do pesquisador é datado, é social, é histórico.

4. Os sujeitos da Pesquisa.

*A liberdade e a visibilidade
são para as borboletas,
os lacinhos-cor-de-rosa
e também para os sapatões
(Vange Leonel)*

Defini como universo desta pesquisa um número pequeno de homossexuais que, necessariamente, residissem em Florianópolis. Embora não houvesse a obrigatoriedade de aqui terem nascido, um aspecto sempre levado em consideração foi o de que os sujeitos entrevistados tivessem vivido um bom período de suas vidas nesta cidade. Como um dos objetivos era analisar as interações sociais de gueis e lésbicas, entre si e com a sociedade em geral, tornava-se imprescindível que os sujeitos entrevistados tivessem, pelo menos, escolhido morar em Florianópolis e que, durante algum tempo, tenham por aqui circulado, criando algum tipo de vínculo com a cidade. Talvez, observando as mudanças que transformaram sua região “metropolitana”.

A pesquisa foi realizada com três¹⁰⁶ gerações de homens e mulheres. Foram entrevistados dois gueis e duas lésbicas de cada geração. Também entrevistei três travestis, uma de cada geração. O objetivo não foi o de uniformizar a relação dos entrevistados, mas por entender que se dois falassem de um período histórico teria duas versões para os acontecimentos, duas formas diferentes de significações e que isto poderia enriquecer em muito o meu trabalho.

Como Teresa Sell (1987), que encontrou poucas lésbicas que concordassem em dar entrevistas, eu também me deparei com algumas dificuldades para encontrar mulheres de mais idade dispostas a falar sobre suas vivências homoeróticas. Por isso quando me deparei

¹⁰⁶ Como o conceito de “geração” aqui utilizado não estabelece uma fixidez de critérios para a pertinência de seus membros, optei pelo agrupamento dos sujeitos em três grandes grupos: jovens, adultos, e de meia idade.

com uma terceira senhora disposta a conceder-me uma entrevista, não pestanejei. Portanto, acabei realizando três entrevistas com mulheres da primeira geração, totalizando em 16 o número de entrevistas realizadas.

5. Encontrando os Sujeitos.

*Eu não posso explicar meus encontros
ninguém pode explicar a vida...
(Paulinho da Viola)*

Nesta parte do capítulo descrevo a forma como fui encontrando os sujeitos a serem entrevistados. Ao pensar as homossexualidades como um fenômeno cultural, a partir de uma reflexão crítica interdisciplinar, tornava-se impreterível situá-las numa época e dentro de um espaço sociogeográfico.

Uma das primeiras constatações da pesquisa foi perceber que Florianópolis é, sem dúvida, uma cidade de muitas contradições e onde têm ocorrido profundas e rápidas transformações sociais. Os exemplos a seguir servem para ilustrá-las. Em primeiro lugar, um discurso da esfera religiosa ainda bastante preconceituoso. Foi no ano de 1998, no apagar das luzes do século XX, durante a Semana da Família, que deparamos com uma frase¹⁰⁷ em que o então arcebispo de Florianópolis, Dom Eusébio Sheid, afirmava que “gay é um ser pela metade”. Outro exemplo está ligado à “nova” vocação da ilha, o turismo. Aconteceu durante o verão de 2003¹⁰⁸, onde turistas paulistas alugaram, por telefone, uma casa na Lagoa da Conceição. No dia marcado apareceram seis homens que tiveram uma certa dificuldade mas convenceram dona Ondina, uma manezinha de quase 70 anos, que de fato eles eram três casais.

Estes pequenos fatos demonstram que há, em Florianópolis, uma constante interação entre a tradição e as novidades da modernidade, um choque cultural que ressalta a existência de várias realidades¹⁰⁹.

Outros exemplos ilustrativos desta ambigüidade são algumas das histórias com que tenho me deparado enquanto psicólogo de uma “delegacia de mulher”. São exemplos que demonstram a impossibilidade de se falar numa “única” homossexualidade. Elas são

¹⁰⁷ DC, 05.08.98.

¹⁰⁸ DC, 11.02.03.

¹⁰⁹ Um exemplo deste contraste está apontado em minha dissertação de mestrado onde procuro interpretar a convivência de casais de homossexuais com os demais moradores de uma comunidade rural do interior da ilha, vista como tradicional e conservadora (Córdova, 2000).

múltiplas. É interessante dizer que a palavra homossexual ainda está muito ligada, ou restrita, ao discurso classificatório médico e acadêmico, sendo poucos os homossexuais das camadas populares que assim se auto-identificam. Apenas a partir da década de 80, talvez como consequência da epidemia de AIDS, é que esta categoria passou a ser mais problematizada, especialmente nas camadas médias da população. Isto ficou evidente no momento em que atendia um cidadão, oriundo das camadas populares, acusado de agredir fisicamente a sua irmã. Ele negava os fatos e se defendia dizendo que seus familiares não o aceitavam, pois ele era um “homem sexual” e, acima de tudo, “aidético”. Apesar das transformações que vinha efetuando em seu corpo, buscando um aspecto mais feminino, ele não se identificou enquanto travesti, mas insistentemente falava de si como um “homem sexual¹¹⁰”. Este homem não se via como agressor, mas como vítima e parece que aí se reconhecia enquanto cidadão. Um discurso aprendido, possivelmente, junto àqueles que o apoiavam com relação à AIDS.

No primeiro semestre de 2000 atendi um caso que, à primeira vista, parecia tratar de mais uma “queixa de mulher”. Cláudia tinha a aparência de uma mulher bonita, com traços bastante femininos e se dizia vítima da violência praticada pelo seu companheiro. Logo no início, no entanto, ficou claro que se tratava de uma travesti e que, portanto, legalmente não poderia ser atendida naquela delegacia. A vítima trabalhava como doméstica e, segundo disse, nunca havia feito *calçada*¹¹¹. Morava com seu companheiro num apartamento alugado, num bairro da capital e haviam brigado por motivos de ciúme. Depois de um atendimento individual, onde várias questões foram levantadas, foi realizado um atendimento para o casal. Meses depois, Cláudia voltou ao DP solicitando se eu poderia ajudá-la a se tornar “mais” mulher. Procurou-me para aconselhá-la, pois gostaria de fazer algo “científico”, de preferência com acompanhamento médico e psicológico.

Um caso que não exigia o envolvimento dos policiais daquela instituição foi o de uma mãe que buscava orientação no sentido de auxiliá-la a lidar com a filha. Elizabete era uma garota que recentemente havia completado 18 anos e que, desde garotinha, não aceitava seu sexo biológico e afirmava ser um rapaz, alegando, inclusive, que possuía um pênis interno que às vezes aparecia, às vezes desaparecia. Desde os 11 anos só se vestia com roupas consideradas masculinas e, segundo a mãe que a considerava “bem pouco feminina”, disfarçava os seios, amarrando-os com sacos plásticos. Ela já tinha levado a filha a diversos médicos, na esperança que eles a convencessem da sua “condição” de mulher. Naquele

¹¹⁰ Peter Fry (1982) assinalou que os conceitos de “homossexual” e “heterossexual” não podiam ser usados para descrever as identidades sexuais dos homens da periferia de Belém (PA) e que esta maneira de classificar as identidades sexuais coexistiam com outros sistemas em toda a sociedade brasileira.

momento, ela estava realizando uma série de exames de hormônios masculinos e femininos. Já havia consultado neurologistas, psiquiatras e psicólogos, sendo que um destes, que trabalhava com regressão, afirmara que “em outra vida ela teria sido um homem”. Este fato fez com que Elizabete, conhecida e tratada por todos como Paulo, decidisse que se, ao final dos exames, os médicos não a considerassem um homem e extraíssem seus seios, ela mesma o faria, cortando-os com uma faca. Esta ameaça foi um dos fatores que levou a mãe ao DP, o outro era que Paulo/Elizabete estava vivendo com uma moça de apenas 16 anos em sua residência. Ao falar com a mãe da outra garota obtivera a resposta de que elas se amavam e podiam viver juntas, e, que assim era menos uma boca para essa alimentar.

A mãe de Elizabete/Paulo não parecia estar preocupada com a orientação sexual de sua filha, mas com o fato da própria não aceitar o seu corpo e pensar em se mutilar. Também a preocupava a convivência com uma menor dentro de sua casa, mesmo que fosse com o consentimento da família. Buscava uma orientação legal em como lidar com estes fatos.

Uma outra situação envolvia um casal de gueis que estava passando por um período crítico em sua relação e que, por este motivo, tinha ido procurar ajuda, ou uma orientação, numa delegacia de polícia. Apesar de que eles estavam “oficialmente” no lugar errado, expliquei que poderia ouvi-los e tentar ajudá-los, no que fosse possível, pois, entre outros motivos, tinha interesse em casos de violência que envolvessem homossexuais.

O que os trazia à delegacia era o fato de que um deles havia recebido uma carta não assinada e estava recebendo ligações telefônicas que, além de ameaçar¹¹² tornar pública a relação de conjugalidade dos dois, ameaçava matar um deles, caso não se separassem. Eles não acusavam alguém diretamente mas achavam que, pelo teor da carta e telefonemas, era alguém que os conhecia, ou pessoa amiga de alguém próximo. Por “evidências” de fatos domésticos, eles passaram a suspeitar que o tal autor anônimo só poderia ser um casal de lésbicas suas amigas, que moravam no mesmo edifício que eles. Ou um conhecido destas garotas, pois elas eram amigas de um outro guei que fora companheiro do rapaz que não recebia as ligações.

No intuito de propiciar um desfecho positivo para este caso seria necessária a ação de uma polícia técnica especializada em situações de investigação, porém escutando a história mais detidamente, poder-se-ia dizer que também estavam precisando de um trabalho com um

¹¹¹ Categoria nativa para falar de prostituição de rua.

¹¹² Ameaças constituem-se em crime previsto no artigo 147 do Código Penal Brasileiro (CPB) e, neste sentido, cabia a denúncia em delegacia de polícia.

psicólogo, devido à insegurança que se estabeleceu entre eles. Em ambas as situações, o caso não poderia ser atendido na delegacia da mulher de Florianópolis¹¹³.

Estes episódios, ilustrados com casos do cotidiano de uma delegacia de polícia, servem para demonstrar algumas das situações discriminatórias que encontramos na sociedade. Se estas pessoas não tiveram guarida numa delegacia de polícia que se propõe a realizar um trabalho diferenciado, é possível imaginar como seriam recebidas numa delegacia comum. Certos da discriminação a que iriam estar sujeitos, provavelmente jamais para lá se dirigiriam. No caso do “homem sexual”, ele não teria a sorte da escolha, pois estava sendo intimado a comparecer na delegacia, assim teria que se submeter e ouvir calado os comentários emitidos pelos policiais e, talvez, pelos demais usuários dos serviços oferecidos pela DP.

Como foi afirmado anteriormente, a violência é um tema que não foi foco de minha análise. No entanto, por tratar-se de uma categoria que apareceu no campo de pesquisa, é importante afirmar que, além de ser um conceito polissêmico, o grau de exposição a atos violentos separa de maneira bastante nítida os diferentes segmentos agrupados na genérica categoria de “homossexuais”. Carrara & Vianna (2001, p. 02) apontam que “a violência que atinge travestis, sobretudo os que participam dos circuitos da prostituição, é bastante diferente da que tende a vitimar outros homossexuais, particularmente os que não exibem publicamente os sinais de sua *diferença*¹¹⁴”. Outro fato, este indiscutível, é que grande parte das agressões a que estão sujeitos os homossexuais, não são sequer comunicadas às pessoas mais próximas, muitas menos a uma delegacia de polícia. Adentrar nestas questões parece, no entanto, de fundamental importância, não somente para ampliar a discussão teórica sobre homofobia mas, sobretudo, a discussão sobre a própria experiência homossexual.

¹¹³ O Setor de Proteção à Mulher de Florianópolis foi criado em 17 de setembro de 1985, conforme o decreto nº 19.273 de 11 de abril de 1983, e funciona no 6º Distrito de Polícia da Capital, juntamente com o Setor de Proteção ao Menor Infrator. O fundamento da existência desta “delegacia da mulher” é a sua opção de escolha de um atendimento dirigido ‘desde que as vítimas sejam mulheres’. Por atendimento especializado, o subscritor da portaria disciplinadora entendia “a criação de um ambiente distinto, diferente, seletivo, distensionador, mediativo e conciliador”, mas também punitivo. Isto atendia, em parte, às reivindicações de um movimento social feminista que exigia tratamento diferenciado à mulher, cansadas de ouvir piadas ou manifestações de desdém diante de suas queixas. Constrangimentos e humilhações que fazem com que, ainda hoje, as mulheres evitem ir às delegacias comuns relatar as violências sofridas. O atendimento especializado ficava assim, de acordo com o subscritor, voltado para crimes onde houvesse uma violência à intimidade e à liberdade de escolha da mulher, ou seja, aos crimes que tivessem sido cometidos em decorrência preponderante da *condição* da feminilidade ou da impossibilidade física de resistir à agressão, qualquer que fosse. O setor de proteção à Mulher se especializaria no atendimento e/ou combate da violência de qualquer natureza que fosse praticada contra a mulher, subjugada pela *condição* de ser mulher. A delegacia daria, assim, visibilidade ao fenômeno da violência denunciado pelas feministas, na forma de uma conduta criminosa.

¹¹⁴ Entre aspas no original.

Estes casos, contudo, foram apresentados como ilustrativos da situação de desigualdade de oportunidades a que estão sujeitos particularmente aqueles segmentos da população considerados minorias. O que realizei foi uma pesquisa sobre as homossexualidades, procurando mostrar as especificidades de algumas experiências homossexuais, de sujeitos de diferentes gerações, na Ilha de Santa Catarina nos últimos 40 anos. Sem a pretensão de abranger toda a complexidade do tema, procurei pontuar alguns aspectos que pudessem ajudar a compreender e a estabelecer uma perspectiva de diálogo entre a academia e a militância política.

O objetivo deste capítulo foi apresentar a maneira como fui encontrando os sujeitos de minha pesquisa de doutoramento. Hélio Silva (1993, p. 139) já lembrava que, devido à amplitude do universo, uma das tarefas que mais exigem esforço dos pesquisadores é justamente saber por onde começar, ou qual a melhor maneira para ter acesso ao nosso objeto. O autor lembra que “talvez o bom começo seja aquele que se demonstrou possível”. Nessa perspectiva, no dinamismo do campo, é que fui me deparando com os gueis, as lésbicas e as travestis que resolvi entrevistar.

5.1. Apresentando os sujeitos da pesquisa.

*...Penso muito nas pessoas
penso muito nos seus cantos
penso o quanto foi difícil
para cada um falar....*

(Francis Hime – Olívia Hime)

Acredito que, ao apresentar meus sujeitos, vou tornando claro o cuidado em construir uma alteridade e os impasses da observação participante, onde se pode confundir pesquisador e pesquisado. Este movimento de aproximação/distanciamento foi contínuo, tendo a reflexão acadêmica e a escrita do diário de campo ajudado no exercício de estranhamento. Algumas situações vivenciadas na pesquisa foram realmente estranhas, pois entrevistei um dos informantes na favela mais violenta da cidade onde nunca estivera, além de também ter a oportunidade de acompanhar um pouco da vida de travestis e de uma lésbica que trabalha numa boate e faz programas sexuais com homens.

Os encontros

Aqui estão relatados apenas aqueles encontros para a realização das entrevistas. Até se chegar neste momento, contudo, outros tantos encontros aconteceram. Encontros informais, especialmente em bares, festas particulares ou em jantares em residência de amigos, que podiam se transformar em motivo para encontrar com pessoas que teria interesse em entrevistar. Sempre tentando coletar alguma nova informação, alguma opinião sobre a “comunidade” homossexual local, ou sobre as diversas formas de interação social que se apresentavam.

Narrar todos estes momentos, contudo, fugiria aos objetivos traçados para esta pesquisa. Por isso optei em apresentar apenas aqueles encontros que facilitaram ou resultaram na gravação das entrevistas.

A partir deste momento passo a considerar os sujeitos que entrevistei como o meu *objeto* de pesquisa. Eles realmente não são muitos, em termos numéricos, mas qualitativamente podem ser considerados bastante representativos. Não de uma categoria de pessoas, mas trazem consigo a representação de diferentes segmentos dos moradores de Florianópolis: são trabalhadores/as, estudantes, aposentados/as. A maioria deles poderia ser descrita como pertencentes às camadas médias da população. Apresentam comportamentos bastante diferenciados socialmente, entre eles há aqueles que costumeiramente saem à noite e outros que procuram o silêncio de recantos afastados das multidões. Alguns são psicanalisados, outros desconhecem Sigmund Freud. Há aqueles/as que, mais capitalizados, circulam por centros maiores, navegam regularmente pela Internet, vivem num mundo globalizado. Outros, porém, fazem a sua rotina ligada apenas nas lidas do trabalho e divertem-se com uma roda de amigos, conhecem o mundo através da televisão e alguns/as sonham com mudanças “mágicas” em suas vidas.

Francisco (63 anos)

Este entrevistado é tio de uma amiga e, como ele também trabalhou na Secretaria de Segurança Pública há muito tempo, ela queria me apresentá-lo. Acabei conhecendo-o no final do ano 2000, quando foi até a delegacia onde trabalho para mostrar à sua sobrinha o carro que acabara de adquirir. Como não tinha atendimento marcado naquele horário

proveitei para conhecê-lo e falar da minha pesquisa e da vontade de entrevistá-lo. Conversamos durante bastante tempo, especialmente sobre a polícia civil, os policiais gueis identificados e identificáveis, a convivência com os demais policiais, os espaços de convivência homoerótica na cidade, o aparecimento e as transformações que estes espaços sofreram ao longo do tempo. Foi um prazer conversar com este senhor.

No dia 11 de março de 2001, um domingo, telefonei para Francisco solicitando a realização da entrevista. Ele atendeu a ligação de forma não muito cordial, mas sugeriu que ela poderia ser realizada no dia seguinte contanto que eu ligasse novamente, para que ele confirmasse o horário. Tive a sensação de que estava acompanhado e precisava marcar um horário que não o atrapalhasse com algum namorado.

Liguei às 9:00 horas e ele disse, então, de maneira bem mais simpática, que era para ir até a sua residência. Morava sozinho na praia do Santinho, num local muito privilegiado, da sua varanda dava para ver um pedacinho do mar. Um local mais retirado, isolado do movimento, apesar de que, em sua volta, já dava para perceber sinais da expansão imobiliária. Ele residia neste local há mais de 15 anos e observou as transformações por que passou aquele balneário. Ficamos conversando das 9:30 até aproximadamente 15:00 horas, com o resultado de 2:30 horas de entrevista gravada.

Ele havia me esperado para que juntos tomássemos um café da manhã. Com a sua permissão, comecei a gravar o que falávamos. De vez em quando pedia para desligar o gravador e nossa conversa continuava em *off*. Em seguida, mostrou-me as demais dependências da casa e acabamos indo até um pedaço do terreno que ficava nos fundos e aonde cultivava, com a ajuda de um jardineiro, uma pequena horta e onde haviam algumas árvores frutíferas. Ao final, disse que eu poderia escolher o local mais apropriado para continuarmos a conversar. Escolhi a varanda e para lá nos dirigimos.

No período da manhã, principalmente depois das 11:00 horas, ele recebeu vários telefonemas, em especial, da família. Há uma sobrinha, segundo ele, que liga todos os dias. À tarde, as ligações foram mais escassas, sendo que uma delas foi um convite para uma festa de aniversário de um amigo que estava completando 50 anos. A festa seria no Hotel Cambirela, no Jardim Atlântico, e era preciso confirmar a presença até a quarta-feira seguinte. Ficou indeciso quanto a comparecer na festa, apesar de sua amizade com o aniversariante, mas gostou de ser lembrado e perguntou se também tinha sido convidado, pois se tratava de um guei muito conhecido na cidade.

Francisco pediu conselhos sobre a forma que deveria proceder, pois o namorado não ligava há “alguns dias”, cinco, se tanto. Neste ínterim, o carteiro também apareceu

trazendo a correspondência e se dirigindo a ele de forma bastante cordial. Francisco disse, então que ainda poderia “fazê-lo”, que ele era muito “gracinha”. Continuou a falar do carteiro, do entregador de bebidas e outros prestadores de serviço que eram bastante interessantes e com os quais já se relacionou sexualmente ou que ainda o pretendia fazer. Lembrou de uma irmã, que mora nas redondezas e que também é “entendida” mas muito “reprimida” e por este motivo, talvez não aceitasse conversar comigo. Como demonstrei interesse, pois se tratava de uma senhora também com mais de 50 anos, ele ficou de interceder, tentando marcar um horário, ao menos para conhecê-la.

Durante todo o período em que conversamos sempre estivemos bebendo alguma coisa. Eu revezava água e cerveja e o meu entrevistado ingeriu algumas doses de uma adaptação da famosa “cuba livre”, trocando o rum pela vodka. Também, mostrou algumas fotografias suas, de amigos e de familiares. Olhando as fotos, foi recordando histórias do seu grupo coral e contou algumas passagens que, infelizmente, pediu para não gravar. Ressaltou que há uma faxineira que o ajuda a manter a residência em ordem e que foi construindo sua casa aos poucos.

Francisco é natural de Florianópolis, tendo passado boa parte de sua infância no Saco dos Limões, um dos bairros mais tradicionais da cidade. Na adolescência veio morar no Centro. Seu pai, que era militar da Base Aérea, ainda jovem ficou viúvo e com a responsabilidade de educar sete filhos. Sendo o segundo filho, Francisco disse que deu algum trabalho aos pais, muitos estavam relacionados às suas práticas sexuais. Como mantinha relações sexuais ou “brincava de sexo” com outros meninos algumas crianças o chamavam de “haroldinho”, numa referência a um outro homem guei conhecido da redondeza. Para mostrar ao pai que ele “também era homem com H”, chegou a se relacionar sexualmente com uma de suas namoradas. Também, falou de aventuras amorosas pela comunidade de então, especialmente as que ocorriam nos fundos de uma padaria. Nestas “aventuras” participavam alguns familiares.

Pareceu-me que enfatizava um sentimento de orgulho ao narrar que, ainda muito jovem, foi assediado sexualmente por um famoso professor da Escola Técnica Federal de Santa Catarina¹¹⁵. Este professor era bem mais velho, casado, e, segundo Francisco, tinha uma “quedinha” pelos alunos. Pessoa “ilustre”, um defensor e divulgador das tradições locais, foi

¹¹⁵ Na sua trajetória como escola profissionalizante o atual “Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina” (CEFET/SC), criado em 27/03/2002, recebeu diferentes denominações. Esta instituição federal de ensino primeiro foi denominada de “Escola de Aprendizizes Artífices”, na data de sua criação em 23/09/1909; em 13/01/1937 passou a ser conhecida como “Liceu Industrial de Florianópolis”; em 23/02/1942 recebeu a

ele quem apresentou Francisco a outros “gueis” ilhéus e o introduziu nas “festas” que aconteciam pela cidade. Como possuía uma voz privilegiada de tenor, este senhor não tardou a começar a cantar em casamentos e outras solenidades, participou de muitas serenatas pelas ruas de Floripa.

Guido (21 anos)

No dia 18 de fevereiro de 2001, eu havia mantido contato telefônico com o Guido marcando uma entrevista para o dia 20, às 10:00 horas, em minha sala na delegacia. Eu o conheço há alguns anos e pensei em conversar com ele, pois tem uma irmã lésbica, a qual também gostaria de entrevistar. No dia marcado, ele telefonou avisando que não poderia comparecer, pois havia conseguido um novo serviço e precisava ir trabalhar. Essa entrevista só foi realizada um mês depois, no dia 23 de março, na residência de sua irmã.

Este entrevistado morava com a mãe no bairro de Coqueiros, na parte continental de Florianópolis, e Adriana, a sua irmã, num condomínio na Vargem Grande, na região norte da ilha, aonde ela vivia com uma companheira. Havíamos combinado o horário das 18:00 horas, o que cumpri religiosamente, mas ele só apareceu próximo das 20:00 horas. Neste intervalo, fiquei conversando com as donas da casa e com um outro casal de mulheres que apareceu para uma visita. Fizemos uma roda de chimarrão e soube, então, que uma das moças visitantes tinha vindo de Curitiba/PR para trabalhar e acabou por conhecer aqui a sua atual companheira. Esta, por sua vez, viera da cidade de Chapecó/SC com a companheira de Adriana. Como sou lageano, portanto, das cinco pessoas presentes apenas uma era natural de Florianópolis. Uma realidade que confirma a cidade como centro de atração para muitos homossexuais, do interior ou mesmo de outros estados.

Quando Guido chegou ficamos conversando mais um pouco, mas logo acabamos subindo para um dos quartos da casa onde poderíamos ficar mais à vontade para a entrevista. Ficamos, os dois, sentados sobre a cama do casal enquanto gravava nossa conversa. Como ele já conhecia os objetivos do trabalho não foi preciso retomar as explicações, e sim apenas alertá-lo dos cuidados éticos com o sigilo, caso ele precisasse citar nome de terceiros. Foi uma entrevista rápida, onde o entrevistado não me pareceu estar muito à vontade.

Além de Adriana, que é lésbica, Guido têm uma outra irmã casada com um policial militar e eles residem próximo de sua casa. Só recentemente ele “assumiu” a sua

denominação de “Escola Industrial de Florianópolis” que em 17/06/1968 passou a se denominar “Escola Técnica de Santa Catarina” (ETFSC).

sexualidade e não encontrou resistência entre seus familiares. A mãe o apoiou mas solicitou “cuidados”, as irmãs saíam com ele, especialmente, para dançarem. Com o pai ele tinha pouco contato, achava até que ele nem desconfiava. Discreto, este entrevistado disse que tinha pouco contato com outros gueis e vivia rodeado de mulheres, nem todas homossexuais. Disse que estava numa fase “careta”, onde curtia apenas cerveja e nas noites em que saía, mas que chegou a enveredar pelo “mundo das drogas”, sem explicitar sobre quais fazia uso. Deixou entender que, talvez, usasse estas substâncias por não aceitar seu “jeitinho” diferente dos outros rapazes e que fazia muitas restrições ao comportamento de sua irmã que só vivia com outras mulheres, lésbicas.

Quando terminei a entrevista e aproveitando a oportunidade de estar com Adriana, a irmã do Guido que, gentilmente, havia disponibilizado sua residência, perguntei se ela própria não aceitaria ser entrevistada. Em outra oportunidade, naturalmente, pois, além de estar cansado e precisando trabalhar na entrevista realizada, as visitas ainda se encontravam por lá. Ela prontamente aceitou o convite e se colocou à minha disposição, em termos de data e horário.

Agenor (71 anos)

Soube da existência deste senhor através de uma notícia estampada num jornal de circulação estadual, cuja reportagem se referia aos homenageados pela prefeitura municipal, e que receberiam da prefeita de Florianópolis, senhora Ângela Amim, o título de cidadão emérito. Isto na época em que se comemorava o aniversário da cidade, no ano de 2001. Com a entrega da medalha e com as homenagens prestadas, concluí que este “cidadão emérito” teria muitas histórias para contar. O problema seria, como sempre, de que maneira chegar até ele. Onde moraria e por onde circularia este senhor, de quem não tinha a menor lembrança?

Tentando avançar nestas descobertas comecei a interpelar amigos buscando qualquer informação sobre este cidadão. Descobri que um dos empregados do sr. Agenor era casado com uma policial e que, através dela, poderia descobrir um número de telefone para entrar em contato. Dito e feito. Um colega policial que a conhecia me trouxe não só o número do telefone, mas outras tantas informações, inclusive o seu endereço residencial. Ele tinha mais de 70 anos, estava criando um filho e tinha duas pessoas que o ajudavam nos serviços de casa e rua. O rapaz responsável pela limpeza e organização de sua residência era amigo da travesti Karla.

Com tantas informações disponíveis resolvi entrar em contato. Via telefone, expliquei o meu interesse em conhecê-lo e perguntei se poderia marcar uma visita, onde pessoalmente poderia falar mais sobre os objetivos da minha pesquisa e também da importância que estava atribuindo à sua entrevista. Esta ligação ocorreu no dia 22 de agosto e neste mesmo dia, à noite, fui recebido por Agenor. Bastante inseguro, resolvi convidar um amigo para que fossemos juntos até lá. Não tivemos dificuldade em encontrar o endereço, sua residência fica localizada bem no centro da cidade. Após acionarmos a campainha veio nos atender um rapaz negro que era o empregado da casa e que também conhecia o amigo que me acompanhava. Mandou que subíssemos a escada, mas não acendeu as luzes e quando ele fechou a porta fez-se uma escuridão muito grande. Não tínhamos idéia por onde caminhávamos e meu amigo acabou se encostando a alguma coisa que fez muito barulho e quase chegou a cair. Descobrimos depois que se tratava de um dos inúmeros quadros afixados nas paredes que ladeavam a escada.

Quando finalmente a escada acabou e a luz foi acesa, ficamos impressionados com o que vimos. Era uma sala grande dividida em três ambientes, no entanto o que chamava a atenção era a quantidade de móveis e objetos de decoração encontrados. Eram quadros, pratos de parede, bibelôs, peças antigas, entre outros objetos que se encontravam espalhados nas paredes, no chão, em cima dos móveis. À direita da escada ficava uma sala de estar aonde se destacavam duas “namoradeiras” com “bonecos”, quase em tamanho natural e dispostos de tal maneira que pareciam estar conversando. Encontravam-se tão bem vestidos (inclusive com chapéus de noite), que pareciam reais. Somente observando com mais cuidado podia-se perceber que estes manequins não possuíam pernas. Outro detalhe da sala era a enorme quantidade de quadros nas paredes, de diversas técnicas de pintura, mas chamava nossa atenção o fato de reproduzirem, em sua maioria, imagens do dono da casa, especialmente em sua juventude.

À esquerda da escada ficava uma sala de jantar e as paredes que a rodeavam estavam decoradas com pratos pendurados do alto até o chão. Após, uma sala de visita mais íntima, talvez, pois menor e dando vista para a rua através de uma pequena sacada. Foi neste espaço que fomos convidados a permanecer enquanto aguardávamos a chegada do dono da casa. Estávamos impressionados com a quantidade de objetos espalhados pela casa. Em cima de uma das cadeiras desta salinha havia uma bandeira do Brasil, disposta de forma irregular, como a denunciar o orgulho de ser brasileiro.

Agenor apareceu logo em seguida, justificando não ter ido nos receber pois estava colocando o filho para dormir. Perguntei pela idade da criança e ele, então, esclareceu que na

verdade não se tratava realmente de um filho. Ele tem ficado com a criança, inclusive com a responsabilidade por sua escolarização, pois os pais são muito pobres e havia um envolvimento com drogas. Disse que havia se afeiçoado e o tratava como filho. O menino também o chamava de pai. Enquanto conversávamos a criança passou por onde nos encontrávamos, foi até a cozinha e voltou para o seu quarto. Não falou conosco, mas a impressão que deixou foi a de que queria ver quem estava falando com o pai.

Nesta noite, a conversa foi bastante informal, com Agenor explicando que houve um tempo em que ele confeccionava “cabeças” para o carnaval de salão de Florianópolis. Essas “cabeças” eram adereços a serem usados pelas mulheres durante os bailes de carnaval. Contou que também desfilava no “Municipal” com fantasias produzidas por ele próprio. Enquanto tomávamos um “cafezinho” falou dos quadros expostos e que, em sua maioria, eram retratos dele pintados por amigos. Falou do orgulho de ter uma obra de Meyer Filho, de quem foi amigo, em sua parede e de um quadro que teria pertencido a Evita Perón e que comprou no Uruguai, há muitos anos atrás.

Uma sensação “esquisita” ficou no ar, sem ser explicitada. Como estávamos impressionados com a quantidade de objetos dispostos pela casa, eu e meu amigo olhávamos para eles com uma certa curiosidade o que foi percebido pelo seu proprietário. Ele inclusive chegou a inquirir sobre o que achávamos de determinados objetos, mas a sensação de desconforto pareceu geral, com o futuro entrevistado “dando” a sensação que poderia ser assaltado. Chegou a falar sobre isto quando mencionou que escolhia muito bem quem levava até a sua residência e que quando saía para se relacionar sexualmente com rapazes que “fazem ponto” na avenida Hercílio Luz, geralmente acabava “transando” por lá mesmo, por questões de segurança.

Como estava ficando tarde e já tinha alcançado o meu objetivo, ou seja, me apresentar, falar do projeto de pesquisa e marcar uma entrevista, logo nos despedimos marcando para o dia 28 de agosto nosso novo encontro. No dia marcado, às 09:00 horas, eu estava tocando a campainha do apartamento de Agenor que, para minha surpresa, não se encontrava. Tampouco o seu empregado. Após esperar alguns minutos tive que me conformar e voltar para casa. No dia seguinte, quando telefonei, ele explicou que realmente tinha esquecido nosso compromisso e que tinha sido chamado no colégio do filho. Sem problemas para a realização da entrevista marcamos uma nova data, agora para o dia 18 de setembro, de 2001, também no período da manhã.

A residência de Agenor ficava localizada bem no centro da cidade, num prédio já antigo contendo, provavelmente, apenas quatro apartamentos, distribuídos em dois andares,

com uma loja no térreo. Para se chegar ao apartamento sobe-se uma longa escada. Também neste dia foi o empregado quem abriu a porta para mim. Como era dia, pude observar com mais cuidado cada detalhe da decoração. Quando encontrei Agenor, fui apresentado a mais duas pessoas que se encontravam na casa, um encanador que estava fazendo reparos e o outro um amigo do empregado. Todos foram para a cozinha deixando-nos a sós para a entrevista. Dirigimo-nos, então, para a pequena sala íntima e por diversas vezes o empregado nos interrompeu, pois alguém chegava.

Ao final, ele fez questão de me apresentar uma outra área de sua residência, um espaço mais íntimo, e aproveitei para solicitar se poderia tirar algumas fotos, dele e de sua casa. Senti que ele se envaideceu pois disse para que escolhesse o que queria fotografar. Os “amigos” também apareceram e ele perguntou se também não queria fotografá-los. Tirei muitas fotos do entrevistado, mas infelizmente perdi a oportunidade de deixar registrado, em imagem, uma cena que me remetia à uma Florianópolis tradicional que pensava não mais existir: o proprietário, seus empregados e agregados, aquelas pessoas a quem ele ajudava. O filho e “herdeiro” de tudo, naquele momento, estava na escola.

Mário (41 anos)

Esta entrevista aconteceu em minha sala de atendimento na “delegacia da mulher” e foi realizada no dia 29 de março de 2002, no período noturno. Este sujeito não heterossexual também é policial civil e se declarou a “rainha” da polícia, aquela que ainda estava atuante, pois o seu colega Francisco, que estava aposentado e também entrevistado, era a “rainha mãe”, aquela que já teve o seu reinado. Tratava-se de uma paródia às pessoas da família real britânica¹¹⁶. Aliás, uma de suas características e que me fez pensar em entrevistá-lo é a sua grande capacidade em criar personagens, caracterizá-los e mesmo travestir-se para dar maior veracidade à sua atuação. Suas performances diante de um pequeno público, apesar de não o caracterizarem como uma *drag* e também não se enquadrarem com as de uma transformista, são geralmente muito aplaudidas.

Apesar de ter acesso à sua residência, que fica no Monte Verde, quando solicitei a entrevista ele prontamente aceitou, mas disse que ela deveria acontecer na delegacia, ou em qualquer outro lugar e não em sua casa. Ele morava com os seus pais e com uma irmã. O bairro em que residem é, ainda, bastante tranquilo caracterizando-se como residencial de

¹¹⁶ A rainha-mãe, Elizabeth Angela Marguerite Bowes-Lyon (1900-2002) tinha esse status especial desde a subida ao trono de sua filha, a rainha Elizabeth II, em 1952.

camadas médias e populares. Lá estão localizados pelo menos três grandes conjuntos habitacionais destinados as populações menos favorecidas economicamente. A rodovia SC-401 passa pelo bairro e as transformações à sua margem têm dado uma outra característica ao Monte Verde. De bairro tranqüilo, no caminho das praias do norte, conhecido por abrigar um dos mais modernos cemitérios da ilha, ele está virando um grande pólo comercial, com muitas lojas especializadas no comércio de móveis e objetos de decoração. Ao final do ano de 2003, o palácio do governo do estado foi transferido para a antiga sede do banco do estado (BESC). Também, estava em construção um grande *shopping center*.

A residência de Mário sujeito ficava mais ao centro do bairro, numa área residencial, bastante próxima de alguns bares que apenas recentemente foram descobertos pelos moradores de outros bairros e do centro da cidade. O “bar do Tião”, por exemplo, ficava completamente lotado nas noites de sexta-feira e de sábado. Seus freqüentadores eram bastante diferenciados, políticos, professores universitários, estudantes, profissionais liberais e, entre estes sujeitos, havia muitos negros e homossexuais. Um bar “popular”. Na verdade, tratava-se da adaptação de uma antiga garagem, muito simples, mas que reunia pessoas que tocavam e cantavam o samba tradicional e MPB (música popular brasileira). Uma outra característica deste bar era que muitos rapazes do bairro, que geralmente não podiam entrar por falta de dinheiro, ficavam pelas suas redondezas e acabavam “fazendo um programa” com os demais freqüentadores, homens e mulheres, ao final da noite.

No bairro havia outros tantos bares freqüentados por gueis, nenhum deles se incluindo enquanto específico para este público. Na época da entrevista, Mário e um outro homem, também guei, haviam ganhado um campeonato de dominó num destes bares, competindo com outras duplas de homens. Para comemoração do título organizaram uma festa no mesmo bar, para a qual convidaram, além dos habituais freqüentadores, outros amigos GLS “da cidade”. O fato deste sujeito, além de ser policial civil, morar num bairro pequeno da cidade e possuir a capacidade de circular por ambientes considerados por muitos como exclusivamente “masculinos” chamou minha atenção e fez com que resolvesse ouvi-lo.

Uma outra característica deste guei e a sua “aversão” à figura das mulheres. Apesar de trabalhar numa delegacia de “proteção à mulher” e de conviver socialmente com outras tantas, sempre que podia, emitia algum comentário depreciativo. Percebia-se que alguns comentários eram por pura brincadeira, outros, no entanto, visavam desqualificar as mulheres, principalmente quando dirigidos às “vítimas” que procuravam a DP ou às lésbicas. Trevisan (2000, p. 409) alerta que alguns gueis, mesmo entre aqueles que freqüentam os pedaços da cidade dedicados aos homossexuais, sentem “desprezo pelos e asco pelas

sapotanas”. Vale os registros que ele foi expulso de casa por sua mãe quando ela ficou sabendo de sua orientação sexual e só permanecendo em casa pela intervenção decisiva de seu pai. E que cansado das chacotas dos outros rapazes, especialmente daqueles que moravam na mesma rua, passou a namorar algumas mulheres chegando a marcar noivado com uma delas.

O desejo do entrevistado em conceder a entrevista no seu local de trabalho, pareceu-me estar mais ligado à comodidade do que a uma necessidade de se proteger. Em outras ocasiões em que fui convidado a ir até sua residência, inclusive em festas com a presença de sua família, pude observar que sua suíte tem uma porta independente. Isto significa dizer que ele tem a liberdade de levar até seu quarto quem deseja, sem que os demais moradores tenham que compartilhar ou ficar sabendo da circulação das pessoas que por lá aparecem.

A entrevista foi tranqüila. Como em minha sala havia duas poltronas, dispostas lado a lado, foi lá que acabamos sentando e os braços destas cadeiras acabaram servindo como aparadores do gravador. Quando instigado, Mário falava de muitas histórias por ele vividas ou das quais tomou conhecimento. Quando precisava falar de si e de sua família sua voz embargava e, em pelo menos duas vezes, chegou a chorar baixinho. Por fim acabamos por descobrir que, apesar de não nos conhecermos nos anos 80, tínhamos namorado uma mesma pessoa, numa diferença de poucos meses. Apesar de trabalharmos na mesma secretaria de Estado, desde 1986, só fui conhecer este sujeito quando ele foi transferido para a delegacia de polícia onde eu trabalho, isto em 1999.

Júnior (18 anos)

Quando o conheci este jovem ele não deveria ter mais do que cinco anos de idade. Júnior é sobrinho de uma amiga e, naquela época, eles eram vizinhos e como a avó ainda estava viva ele, os irmãos e os primos apareciam muito na casa da tia. Nossos encontros eram inevitáveis, pois eu também tinha uma relação de camaradagem com seus pais. Em nossas reuniões e/ou festas não havia a preocupação em disfarçar ou esconder as diferentes orientações sexuais dos presentes, tampouco se alardeava esta ou aquela “preferência” sexual. Apenas nos reuníamos e em muitas ocasiões as crianças estavam presentes. Júnior era um dos mais assíduos.

Mais tarde vim a saber que este rapaz havia “assumido” para os pais e irmãos que era guei. Ele estava com dezessete anos. Chamou-me a atenção a forma como os pais reagiram, aparentemente com tranqüilidade e procurando orientá-lo sobre suas futuras

escolhas afetivas e sexuais. Não houve censuras e alguns amigos da tia foram citados como exemplos de discrição e como um “modelo” a ser seguido. É lógico que eles estavam se referindo a um tipo de vivência homossexual, talvez menos “bandeirosa” e, por isso mesmo, mais difícil de identificar. A própria tia e sua companheira foram citadas como exemplos de pessoas respeitadas na família, independente de suas orientações sexuais.

No entanto, foi o fato dele estar com 18 anos e ser uma pessoa de fácil acesso que fez com que procurasse para entrevistá-lo. Assim, no dia 12 de janeiro de 2003, um domingo, liguei para a companheira de sua tia para sondá-las sobre a possibilidade da entrevista. Esta tia “emprestada” ficou de fazer uma “ponte” com ele e quando retornou a ligação disse que poderia ligar, pois ele se dispôs a conversar comigo. No dia seguinte, pela manhã, liguei e ele disse que já estava esperando minha ligação e que poderia marcar o dia e a hora que ele estaria lá. Pela prontidão de sua resposta e a maneira enfática do desejo de sua locomoção, fiquei impossibilitado de solicitar a realização da entrevista em sua residência e, talvez, conversar com seus pais. Não para entrevistá-los, pois não era este meu objetivo de trabalho, mas ouvi-los poderia enriquecer as minhas discussões sobre o “assumir”.

Júnior sugeriu que poderia ser naquele mesmo dia (13.01.03), porém teria que ser num outro horário pois naquela manhã ele havia se comprometido a fazer o almoço da família. Combinamos, então, no local mais próximo e, talvez, pouco indicado, a minha sala de atendimento na delegacia. Júnior sempre soube que sou psicólogo e que trabalhava numa delegacia de mulheres, seu pai também era policial militar (PM). O horário marcado havia sido 18:00 horas e cheguei pontualmente na DP. Ele havia chegado antes da hora e como fora informado que não me encontrava trabalhando, foi passear no *Shopping Beira-Mar*. Acabou chegando um pouco atrasado.

Como nas entrevistas anteriores, não senti que o “ambiente” tenha interferido em suas respostas ou colocações. Minha sala ficava no terceiro andar do prédio e no final de um corredor, portanto bastante isolado do ambiente policial e também não se caracterizava como um consultório psicológico “tradicional”. Era uma sala ampla, bem arejada e com muitas plantas, no centro e em volta de um tapete ficavam dispostas três cadeiras. Júnior elogiou o local e pareceu-me a vontade, mesmo diante de um gravador.

Durante o tempo da entrevista, este guei ressaltou com veemência a maneira como seus pais reagiram diante da revelação de sua homossexualidade. Atribuía este fato ao convívio com uma tia lésbica e ao seu próprio comportamento, que descreveu como discreto. Tinha conhecimento de que esta atitude não era compartilhada por alguns pais de seus amigos, inclusive ele citou exemplos onde alguns deles foram expulsos de suas casas ou

tiveram suas “mesadas” cortadas enquanto persistissem “nesta palhaçada”. Enquanto “espírita” disse não concordar com estas atitudes e que “todos” teríamos uma missão e que estes pais, ao os expulsarem de casa, não estão respeitando a vida escolhida pelos filhos.

Adriana (23 anos)

Durante o meu trabalho de campo esta moça acabou aparecendo de três maneiras distintas: era a irmã mais velha de Guido e foi em sua residência que o entrevistei; uma das festas que participei em busca de informantes aconteceu em sua casa; e, finalmente, ela própria consentiu em falar. Só que para a realização de sua entrevista acabou escolhendo uma noite durante a semana, após sua jornada de trabalho, e sugeri que também acontecesse na minha sala de trabalho. Acabamos realizando a entrevista no dia 14 de janeiro de 2003.

Adriana vivia com uma policial civil há alguns anos e, foi através deste relacionamento que acabou entrosando-se com os demais policiais. Foi também a partir desta colega de trabalho que a conheci. Possivelmente pela maneira como este casal se comportava, sem demonstrações entusiásticas de seu relacionamento, elas conseguiram ganhar a amizade e o respeito dos colegas de trabalho. Num ambiente que ainda pode ser considerado como “machista” elas circulavam com desenvoltura e, nos momentos de confraternização em caso da ausência de Adriana, todos cobravam a sua presença. Já haviam se acostumado a vê-la circulando por entre as salas da DP.

Da mesma forma que circulavam juntas por diferentes espaços sociais da ilha, não se restringindo aos bares e boates do gueto, formavam um casal que costumava organizar muitas festas em sua residência. Nestas festas reuniam diferentes amigos, tanto gueis e lésbicas, quanto aqueles considerados simpatizantes. Um fato que chamava a atenção de quem vai à estas festas era que o casal não fazia questão de esconder da vizinhança suas orientações sexuais, ou as de seus amigos. Eram poucos os vizinhos convidados para estas reuniões, no entanto, pelo menos em algumas festas havia uma que emprestava uma mesa grande, fazia doces e salgadinhos. Outros ficavam em suas casas observando a movimentação das pessoas e, ainda, havia aqueles que ficavam brincando ou jogando bola na quadra em frente a casa, porém atentos ao que acontecia por detrás dos muros das vizinhas.

Adriana morava num conjunto habitacional na Vargem Grande, no norte da ilha, no caminho daqueles que se dirigem tanto para Canasvieiras, quanto aqueles que vão aos Ingleses, dois dos maiores e mais populares balneários da ilha. Este conjunto foi construído com recursos da Caixa Econômica Federal e se destinava, preferencialmente, aos funcionários

públicos federais, estaduais e do município. Algumas casas são isoladas, mas a maioria é conjugada, isto é, foram construídas de forma que a cada duas casas uma fosse grudada ao lado da outra. A privacidade, nestas condições, é bastante vulnerável, pois tudo o que se fala, o que se faz, pode estar sendo escutado ou observado pelo vizinho. Não há o isolamento próprio dos apartamentos de edifícios.

Esta moça nasceu no bairro de Coqueiros, na parte continental do município de Florianópolis e lá viveu durante muitos anos. Quando ela foi morar na Vargem Grande, conta que teve algumas dificuldades de adaptação. Lá, ela percebeu que estava com um problema respiratório crônico e a umidade do ar lhe acarretava dificuldades ao respirar, precisando recorrer eventualmente ao uso de “bombinhas”. Com o tempo foi se acostumando e já não tinha planos de sair daquela localidade, se deixar o condomínio pretende morar com a companheira numa casa mais isolada.

Maria (48 anos)

Esta mulher foi minha informante em todas as pesquisas que realizei. Trata-se da única informante que esteve presente nos trabalhos anteriores e por um motivo especial, a sua própria história. Conheço-a desde a década de 80 e começamos a nos falar num momento de solidariedade. Eu vinha do Rio de Janeiro com uma namorada e Maria embarcou sozinha em São Paulo. Era um vôo da Transbrasil e vinha no mesmo horário em que um outro avião da mesma companhia havia caído, dias antes, ao se chocar com um morro do Ratonés, no norte da ilha.

Aparentemente era um vôo normal e ficamos sem saber, ao passarmos por sobre a Ilha, porque voávamos tão alto. Ninguém explicava e só fomos nos tranquilizar quando o comandante informou que estávamos sobrevoando Porto Alegre e que logo o avião aterrissaria no aeroporto Salgado Filho. Somente em solo fomos informados que teríamos que passar a noite naquela cidade e que voltaríamos para Florianópolis apenas no primeiro vôo do dia seguinte. O motivo alegado era falta de teto, disseram que ventava muito na cidade. Eram poucos os passageiros com destino a Florianópolis e, com certeza, éramos os únicos na mesma faixa etária. Esta moça chamava a atenção, pois estava nervosa e havia chorado. Como eu já a tinha visto, no seu local de trabalho, um berçário particular aonde havia realizado um trabalho de faculdade, acabei apresentando-me e nos dirigimos juntos ao hotel designado.

Como esta moça estava sozinha acabamos por decidir que as duas mulheres ficariam no mesmo quarto e eu dormiria sozinho no quarto ao lado. Naquela época, nem

desconfiávamos de sua orientação sexual, não que isto fosse importante ou, caso soubéssemos, que alterasse nossos arranjos. Desde o primeiro momento apareceu um sentimento, uma necessidade de proteção, um companheirismo, talvez próprio daqueles que passam por alguma tragédia. Este não tinha sido exatamente o nosso caso, mas a queda do avião no Ratonos na semana anterior, muito nos havia abalado, assim, como chocou toda a população da cidade. Lembro que aqueles foram dias de muita comoção, especialmente porque alguns dos passageiros daquele vôo eram bastante conhecidos.

Maria contou-me, mais tarde, que tinha uma amiga em São Paulo por quem estava apaixonada e este era o motivo porque ela sempre fazendo esta ponte aérea. Estes foram os primeiros contatos que tive com esta mulher e, depois de um longo período em que apenas recebia vagas notícias, voltamos a nos encontrar no início da década de 90, justamente quando fomos morar no distrito de Ratonos. Ela se encontrava casada com Renata e eu estava convivendo com um outro homem. Juntamente com outros amigos criamos o grupo JUventude GAY de RAtonos (JUGARA¹¹⁷) que funcionava como uma paródia dos movimentos sociais cujo único objetivo a ser atingido era o lazer coletivo. Para fazer parte deste grupo era preciso que o guei ou a lésbica fosse casado/a, os solteiros somente eram convidados a participar de algumas reuniões.

Em agosto de 1997, um incêndio de origem desconhecida destruiu completamente a casa de Maria e sua companheira¹¹⁸. Uma tragédia que foi importante para o grupo, pois mostrou uma outra forma de solidariedade. Foi preciso que os amigos, os familiares, a comunidade, todos se organizassem e começassem um mutirão que culminou com a reconstrução da casa, agora melhor e mais segura que a anterior. Todos participaram, independente de orientações sexuais, homens, mulheres, adultos, velhos, crianças e jovens. Foi organizado um bingo na comunidade e uma rifa que ajudaram na arrecadação financeira. A mão de obra foi conseguida entre pedreiros da localidade e um marceneiro que se ofereceram para trabalhar, cobrando um preço bastante abaixo do normal. No entanto, era bonito ver alguns gueis e lésbicas, aos finais de semana, subindo no telhado, jogando telhas, carregando grandes e pesados troncos de madeira, enfim, ajudando como auxiliares de pedreiros e marceneiro. Em poucos meses a casa estava em pé novamente.

¹¹⁷ Em minha dissertação de mestrado trato de algumas das formas de lazer presentes entre os casais de gueis e lésbicas que residiam na comunidade de Ratonos.

¹¹⁸ Uma das versões criadas pelo grupo para explicar este incêndio falava da falta de habilidade de uma destas lésbicas em lidar com “pintos”. Ela teria colocado uma lâmpada elétrica muito forte para aquecer alguns pintinhos, mas os teria colocado numa caixa de papelão e a encostado na casa, que era de madeira. O calor queimou a caixa e se espalhou pela casa. Sobre os “pintos”, dizem que até agora ela não sabe o que fazer com eles.

Maria e Renata estavam vivendo juntas há mais de 15 anos, conheceram-se quando trabalhavam numa mesma fundação de ensino do Estado. Renata, naquela época, ainda estava casada e tinha uma filha pequena. Juntas criaram esta menina, mas com insistentes interferências da mãe de Renata. Esta senhora, uma verdadeira matriarca, tinha muita influência não só na educação da neta como de todo o aparato que se formava ao seu redor, seja tanto comentando e opinando sobre os amigos da filha e de sua companheira, quanto as ajudando financeiramente. Maria e a sogra viviam às turras, mas logo a situação se resolvia e a convivência continuava. Com os irmãos da companheira e sobrinhos não haviam tantos conflitos e, algumas vezes, encontrei o ex-marido de Renata sendo recebido pelo novo casal enquanto aguardava a filha nos dias de visita.

Com a sua própria família Maria também encontrou algumas resistências. Seu pai apesar de visitá-las com uma certa regularidade não gostava da “nora” porque esta era negra. Segundo Maria esta convivência acontecia por insistência de sua mãe, que nunca colocou obstáculos aos seus relacionamentos, seja com homens ou com outras mulheres. Evitava tocar no assunto. Assim também havia sido quando chegou a noivar com Paulo. Este homem, após o término do noivado se declarou homossexual e depois de alguns namoros, na época da entrevista, estava casado com uma mulher e tinha um filho e, eventualmente, ainda se relacionava sexualmente com outros homens.

Maria contou que nos anos 80 saiu da casa de seus pais para ir morar com três rapazes numa improvisada comunidade guei. Longe da vigilância dos pais, à medida em que ia “assumindo” sua sexualidade foi aprofundando-se nas “drogas”, especialmente no canabismo (uso da *cannabis sativa*). Como um desses amigos era dentista, muitas vezes saíam da boate *Opium* para juntos fumarem um “baseado” ou “cheirarem” em seu consultório. Relata que, do seu ponto de vista, o uso destas substâncias estava associado à dificuldade em lidar com a atração que sentia, “cada vez mais forte”, por outras mulheres.

A gravação desta entrevista aconteceu no dia 21 de janeiro de 2003 e também foi realizada na minha sala de trabalho, a pedido da entrevistada. Ela trabalhava no centro da cidade como operadora de caixa de uma agência lotérica, era apontadora de jogo de bicho, até às 19:00 horas e a partir deste horário ela estava disponível. Se fossemos até o Ratonés, precisaríamos dispor de mais tempo e ela pediu para que conversássemos um pouco longe de sua companheira que naquele horário estaria em casa.

A entrevista foi tranqüila e em alguns momentos Maria se emocionou, a ponto de encher os olhos de lágrima, em particular quando falou das dificuldades de relacionamento com sua sogra. Após gravarmos o que, em princípio, era inerente ao trabalho, ficamos

conversando mais um pouco e acabei levando-a até sua residência no Ratoles. Quando lá chegamos a sua companheira estava nos esperando com um jantar. Continuamos conversando por pelo menos mais uma hora.

Ricardo (46 anos)

Quando pensei entrevistar este sujeito, imaginei que ele poderia falar de suas vivências homoafetivas tanto em Florianópolis quanto na cidade de São Paulo, onde residiu durante alguns anos. Acreditava que, naquela época, suas experiências serviriam para demonstrar algumas possíveis semelhanças e diferenças entre os sujeitos que residiam em lugares tão dispares: a metrópole paulistana e a provinciana Florianópolis. Liguei, então, para Ricardo no dia 12 de janeiro de 2003 e expliquei que gostaria de conversar com ele, ouvir suas histórias e que, se ele se dispusesse, iria ao seu encontro. Ele concordou prontamente, mas solicitou um prazo, pois andava muito ocupado. Precisaria voltar a ligar dali a uma semana.

Na empolgação de realizar mais uma entrevista acabei não perguntando aonde ele estava morando, imaginava que continuava residindo em Coqueiros. Um dos meus propósitos, neste trabalho, era entrevistar apenas aqueles sujeitos que residissem no município de Florianópolis. Quando enfim retornei a ligação e marcamos a entrevista para o final de tarde do dia 22 de janeiro de 2003, é que vim a descobrir que ele adquirira um apartamento no bairro de Campinas, na vizinha cidade de São José.

Tive que imediatamente ampliar meus horizontes e constatar o óbvio, a vida noturna de São José sempre esteve em muito ligada ao que acontece em Florianópolis, especialmente há algum tempo atrás, quando aquela cidade era considerada apenas um dormitório para quem trabalhava na capital do estado. Hoje, esta realidade se alterou em muito e pode-se dizer que são cidades que se complementam fazendo parte da Região Metropolitana.

Assim, naquele dia me dirigi até São José para encontrar com o meu entrevistado com um sentimento de apreensão, talvez muito próximo daquele que às vezes sentia ao ter que atravessar a ponte me dirigindo até o Kobraguei¹¹⁹ para aproveitar a vida noturna do

¹¹⁹ “Kobraguei” era a maneira como muitos dos homossexuais que moravam na ilha se referiam ao conhecido bairro Kobrasol, de São José, isto a partir da constatação do impressionante número de gueis que moravam naquele local, especialmente homens. Uma das explicações que se ouvia quando um amigo escolhia aquele local para morar é que se tratava de um bairro novo, planejado e urbanizado de tal forma que dispunha, em suas redondezas, de quase todas as condições de que uma pessoa só precisa para sobreviver. A sua Avenida Central

bairro. Talvez, por reencontrar um amigo que não via há muito tempo. Era um sentimento ainda não experimentado quando das outras entrevistas. Na hora marcada eu estava estacionando meu carro em frente ao edifício onde Ricardo morava. Quando interfonei e ele demorou a atender cheguei a pensar que não estaria em casa, mas, após alguns tensos minutos, a porta se abriu e me dirigi ao seu apartamento. Sua explicação foi que estava finalizando uma faxina e que quando toquei o interfone acabara de entrar no banho. Foi assim que o encontrei, terminando de se vestir, após ter arrumado o apartamento para me receber.

Ricardo fez questão de mostrar as demais dependências, a paisagem da Praia Comprida que se avistava da janela do seu quarto, explicar por onde nasce o sol e a beleza do final de tarde em São José. Pareceu-me bastante satisfeito com o negócio que havia feito, a compra deste apartamento e as reformas que pretendia realizar, apesar de novo. Ficamos conversando em torno de uma mesa, na sua sala, que ficava bastante próxima da porta de entrada. Foi uma conversa franca regada com muita coca-cola. Poucas foram as vezes que Ricardo pediu para desligar o gravador, pois queria falar ou explicar alguma coisa sem ser gravado. Quase no final, ou perto do que eu julgava ser o final da entrevista, perguntou se sabia o que ele tinha. Um pouco assustado disse desconhecer seu estado de saúde. Fazendo menção à proximidade da porta ele pediu que o acompanhasse e fomos até o seu quarto, indicou sua cama para que pudesse sentar e disse que estava com AIDS. Suas palavras foram frias e a maneira como falou, sussurrada, entrecortada, e até com um certo medo de ser descoberto, chegaram a me assustar. Tenho a sensação de que a AIDS, mais do que uma epidemia biológica é uma epidemia discursiva, pois seu portador escolhe o que, como e para quem falar. O escritor gaúcho Moacyr Scliar¹²⁰, que também é médico sanitário, declarou há 10 anos atrás que a AIDS “é uma dessas tragédias epidemiológica que periodicamente assaltam a humanidade”. Trevisan (2000, p. 516), ao falar do pânico causado pelo vírus HIV, afirma que a experiência com a doença “tem sido muito dolorosa para todos nós” e que “só a contragosto aceitamos a realidade da Aids, tratada como uma coisa a ser exorcizada, afastada, esquecida, quer dizer, um pesadelo do qual não vemos a hora de acordar”.

A partir de sua entrevista decidi que também este tema teria que ser focado na tese, contudo, não posso deixar de assinalar duas surpresas a floraram diante da revelação. O primeiro foi perceber o receio de que outras pessoas pudessem nos ouvir e descobrirem que o vizinho era portador do HIV. Pareceu-me que este era um segredo que a ninguém poderia ser

era famosa pela quantidade de bares e restaurantes espalhados por toda sua extensão e pela circulação de muitos gays e lésbicas, além de outros apreciadores da noite.

¹²⁰ “A literatura em conflito” (entrevista concedida a Adriano Schwartz). In: *Folha de São Paulo*, 04/02/96.

revelado, o que também era contraditório, pois Ricardo perguntou se eu já sabia ou desconfiava. Com esta incerteza, pude constatar que entre um grupo de gueis este assunto já estava sendo comentado. Depois daquilo que chamei de desabafo ou necessidade de falar, Ricardo concordou em gravar o seu depoimento sobre sua vivência com AIDS. A partir da sua história foi possível observar que a AIDS ainda era, apesar de ser percebida por muitos como possuidora de um “caráter” revelador e estigmatizante, uma doença onde se escolhe a quem comunicar. Barcelos¹²¹ (1998, p. 17) afirma que “mais do que carregar o vírus, o sujeito contaminado passa a portar uma marca simbólica que o coloca imediatamente na posição paradoxal de vítima e culpado”.

Outra surpresa foi minha dificuldade em lidar com a revelação. A minha vontade foi de dizer que não havia ido até ali para conversarmos sobre esta doença, que queria era saber de suas andanças pelas noites da ilha. Por outro lado, como pessoa conhecida o ouvi atentamente certo de que estava sendo bom para ele falar de sua vida. Às vezes, olhava-o e via que ele trazia consigo muito das marcas corporais associadas aquilo que Cazuzza, um dia, chamou de “trem da morte”: estava muito magro, envelhecido, com manchas na pele, havia perdido dentes, etc. Ao desnudar sua história para mim pude concluir que ainda não havia pensado na AIDS como um produto resultante de muitas das noitadas “quentes”, produto de uma época, e das quais eu estava atrás, como pesquisador. Havia pensado na AIDS teoricamente como um ponto divisor importante no comportamento sexual de muitos gueis, mas não havia pensado no caso de um entrevistado revelar-se um portador. Desde os seus primórdios, esta doença estava associada a uma visão moralista da sexualidade que a apontava como uma punição ao comportamento desregrado e promíscuo dos homossexuais. Ainda hoje, apesar das campanhas públicas divulgarem que não se trata de uma doença de homossexuais, o estigma perdura, numa cultura homofóbica e heterossexista.

A AIDS tem estado presente em minha vida sempre como um ponto balizador de comportamentos. Acredito que tinha a ilusão de mostrar um mundo higienizado, puro e livre das doenças. Com certeza, sem me dar conta de tal fantasia. A escrita de uma tese segue os passos do pesquisador, mas a ida a campo nem sempre acontece como se planeja. Ao me deparar com a AIDS entendi que esta é uma daquelas categorias que emergem e onde devo, necessariamente, mergulhar com muito afinco e vontade. Num anseio de tirar as máscaras de hipocrisias tive, como Caio Fernando Abreu, “vontades Maria Bethânia, vontades Maysa,

¹²¹ BARCELOS, J. D. M. (*Consumindo a Diferença: a homossexualidade entre a visibilidade e a massificação*. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 1998. Citado por NUNAN (2003)

vontades Fassbinder – teatrais, melodramáticas” (Moriconi, 2002, p. 148) de gritar que “das minhas heterossexualidades, dois filhos mortos, não ficou nada. Das minhas homossexualidades, esse pânico lento e uma solidão medonha. A hora é tão grave” (id., p. 142).

Sofia (55 anos)

Esta entrevista aconteceu no dia 25 de janeiro de 2003 e foi realizada nas dependências do salão de beleza desta cabeleireira, localizado numa das galerias comerciais da rua Conselheiro Mafra, nas proximidades do Mercado Público Municipal. Combinamos que a entrevista seria realizada no primeiro horário da manhã para não atrapalhar o atendimento da clientela. Não tínhamos idéia de quanto tempo poderíamos levar conversando e, portanto, às 08:00 horas eu estava chegando no salão com o gravador na mão.

Conheço Sofia há muitos anos e apesar de não considerar que sejamos amigos tenho um carinho especial por ela. Quando me falaram dela pela primeira vez fizeram questão de dizer que iria conhecer um barbeiro, que gostava muito de mulher e que suas roupas eram todas masculinas. Fui recebido com simpatia e por várias vezes acabei voltando ao salão para cortar meus cabelos. Lembro que naquela época, embora situado no mesmo local, ela trabalhava sozinha e o salão era bem menor. Outra recordação é que o salão parecia uma embaixada dos moradores de Antônio Carlos na capital, tal a quantidade de habitantes daquele município que encontrava por lá, conversando, falando de política, tomando chimarrão, até cortando cabelo ou fazendo a barba.

Quando estava no programa de mestrado em psicologia fui procurado por Edmílson Dias (1998) que precisava entrevistar mulheres homossexuais que se apresentassem de forma masculinizadas. Para começar sua jornada, indiquei uma colega policial, que ele entrevistou, e Sofia, uma “barbeira”, mas ele nunca a procurou.

Meu caminho voltou a cruzar com o de Sofia quando, nos primeiros dias do ano de 2003, a sua atual companheira me foi encaminhada para atendimento através da “delegacia do menor”. Um adolescente estava ameaçando bater na moça, assim como ficar na frente da galeria espantando os fregueses do salão. Além de realizar o procedimento normal nestes casos, aproveitei a ocasião para obter notícias de Sofia e sondar sobre a possibilidade de realizar a entrevista. Resolvi, então, marcar um horário para ir até o salão onde cortaria os cabelos e, auxiliado pela companheira, fazia o convite para entrevistá-la.

No dia marcado, quando saía da delegacia fui abordado por Mário que também queria ir ao salão. No caminho, fiquei sabendo que Sofia havia namorado uma tia dele e que por este motivo eles tinham bastante afinidades. Falou de “porres homéricos” que haviam tomado num bar destinado especialmente ao público lésbico e que ficava na Avenida Beira-Mar Norte (Ronda’s Bar). Além de ressaltar alguns dos “atributos” masculinos de Sofia, disse que ela também jogava muito bem o futebol de campo. Fiquei entusiasmado com estas novas informações obtidas quase ao acaso.

Quando finalmente chegamos ao salão tivemos uma calorosa recepção e enquanto ela cortava os cabelos fui aproveitando para falar do meu trabalho e quando a convidei para a entrevista ela aceitou ressaltando a importância de se falar “nesses” assuntos, “pra gente”. Marcamos, então, o dia 27 de janeiro para a gravação da entrevista no salão. Ela levantou a possibilidade de a realizarmos em sua casa, mas neste caso, segundo a própria, teria que ser num final de semana, no entanto, nestes dias, ela se dedicava à companheira, não gostando de misturar outros assuntos.

No dia marcado, acabei chegando no salão antes de Sofia. Uma funcionária tinha a chave e era ela quem o abria todas as manhãs e providenciava para que tudo ficasse em ordem até a chegada dos outros cabeleireiros/as e manicuras. Enquanto aguardava fiquei olhando a maneira como as cadeiras de trabalho estavam distribuídas pela sala, pareceu-me que os funcionários haviam sido dispostos de acordo com alguma lógica funcional, que não estava explicitada e que também não foi questionada. Pude constatar que todos podiam ser observados por espelhos a partir da cadeira de Sofia, que era a primeira próxima da entrada do salão. Ao seu lado ficava a cadeira de sua companheira, os outros ficavam espalhados em torno da outra parede. No meio, ao lado da porta, ficava uma manicura que também distribuía senhas para os atendimentos e que me pareceu ajudar no controle de material de trabalho, saídas de funcionários, além do movimento de clientes. No centro da sala e em volta de colunas de sustentação havia bancos de espera, algumas revistas estavam espalhadas por sobre eles e num canto uma máquina de preparar cafezinhos e bebedouro de água.

Quando Sofia chegou, ela primeiro arrumou o seu local de trabalho, preparou café para nós dois e me convidou para segui-la. Disse que havia um reservado e que lá ficaríamos mais a vontade para conversar. Na verdade era uma espécie de corredor que funcionava como uma cozinha improvisada e que levava ao banheiro e ao depósito de uma loja de calçados. Este local, uma sobreloja, dispunha de um balcão, um fogão e uma mesa com duas cadeiras. Ali realizei a entrevista. Logo no início, Sofia alertou que provavelmente seríamos

interrompidos algumas vezes com a ida dos funcionários ao banheiro, isto seria uma estratégia, em função da curiosidade, para que ficassem sabendo sobre a entrevista.

Apesar da disponibilidade da entrevistada e de sua boa conversa que resultou em quase três horas de fita gravada Sofia falou muito pouco sobre os espaços de lazer que freqüentava. Fez questão de ressaltar suas dificuldades na vida e a sua ascensão profissional, refez sua trajetória de Antônio Carlos até Florianópolis. Falou do seu atual casamento e de sua dedicação à companheira. Do passado disse que muito traiu e foi traída, mas que as coisas haviam mudado e ela andava muito feliz. Pouco saía na noite preferindo sair da cidade, nos finais de semana, e passear pelas cidades da redondeza ou programando viagens mais longas.

Mariza (53 anos)

O primeiro contato que mantive com Mariza visando a realização da entrevista foi durante o coquetel de abertura do encontro “Fazendo Gênero”, no ano de 2002, mas acabei entrevistando-a somente no dia 07 de fevereiro de 2004. Neste intervalo tivemos alguns encontros, basicamente profissionais, pois participávamos de uma rede de atendimento a vítimas de violência sexual. Esta entrevistada residia numa das praias da Ilha e, entre outros papéis sociais que vivenciava, era enfermeira da rede de saúde pública do município e representante da Liga Lésbica/Sul. Revelou que a sua trajetória de vida havia se caracterizado, principalmente, enquanto militante das causas da saúde pública, feministas e lésbicas.

A entrevista aconteceu na residência de Mariza, num sábado à tarde. Apesar de já ter sido convidado para algumas festas realizadas em sua casa, esta fora a primeira vez que a visitava. Conversamos um pouco e logo comecei a gravar nossa conversa. Ficamos sentados ao redor de uma bancada que separava a sala da casa, da área da cozinha. Era uma casa simples mas bastante agradável.

Foi uma conversa tranqüila sem interrupções, com uma duração aproximada de duas horas. Em nenhum momento Mariza pediu para desligar o gravador e quase tudo que conversamos acabou sendo registrado. Ela ofereceu bebidas e acabamos dividindo uma cuia de chimarrão. Quando acabamos, fez questão de mostrar a sua casa, apontando determinados espaços que dizia serem seus favoritos.

Seus relatos foram instigantes pois foi a única mulher a falar sobre maternidade, bissexualidade e a admitir uma militância lésbica. Mariza falou de suas experiências na cidade

nos diferentes períodos analisados: esteve presente nos bares “alternativos” da década de 70, participou da abertura dos primeiros bares voltados ao público guei nos anos 80, um “pedaço” da cidade que denominou de “circuito da lama” e relatou que atualmente tem preferido permanecer em sua casa recebendo os amigos e amigas.

Marina (25 anos)

Conheci Marina quando ela veio ao DP atendendo a uma intimação por mim expedida. Pouco sabia de sua história pois ela havia registrado um boletim de ocorrência na delegacia de Canasvieiras. Como se tratava de um BO envolvendo uma briga de casal de mulheres o delegado daquela unidade policial entendeu de remetê-lo para a “delegacia da mulher”. Na hora marcada para o atendimento Marina veio até minha sala acompanhada da presidenta do GLBTT, um grupo de militância homossexual da cidade. Esta senhora disse que prestava assistência às garotas de programa que também são lésbicas. Depois de ouvi-la dar as explicações pelo fato de estar acompanhando a intimada solicitei que esperasse na sala de espera pois precisava falar a sós com a vítima.

Realmente Marina era uma garota de programa e vivia maritalmente com a acusada num bairro do norte da ilha. Disse que sua companheira era muito violenta e que no dia do registro ela havia apanhado no interior de um ônibus. Quase foram “linchadas”, pois uma policial militar acabou interferindo e queria tirar a agressora de dentro da lotação, mas Marina acabou pedindo para que os passageiros não se metessem pois elas eram namoradas e o caso estava resolvido. Estes, então, ficaram indignados e o motorista teve que parar o ônibus e mandou que elas descessem. Isto na Agrônômica, na região da penitenciária. Ainda continuaram brigando até pegarem um táxi que as deixou em casa, na Vargem Grande.

Marina contou que há pouco tempo havia se separado de uma outra garota, pois ela era violenta, e que acabara ficando com Roberta que se revelara ainda mais violenta. Marquei um novo horário para conversar com Roberta e continuar no meu papel de psicólogo de uma DP. No entanto, algumas horas depois foi Roberta quem apareceu dizendo que estava no Centro da cidade mas ao ler a intimação achou que era para um atendimento na delegacia de Canasvieiras. Se Marina era muito bonita, cuidadosamente maquiada e trajada, loira, com cabelos cumpridos, Roberta era o seu oposto, baixinha, masculinizada, cabelo curto e preto, calçava tênis com jeans e jaqueta de couro por cima de uma camiseta branca. Falou que gostava muito de “zona” e das “vagabundas”, que elas facilmente se apaixonavam por ela.

Depois de ouvir Roberta e cumprir com meu papel pensei, imediatamente, na riqueza de uma entrevista. Poder gravar e reproduzir aquilo que havia me dito. Indaguei-a sobre a possibilidade de uma entrevista, expliquei os motivos, ela concordou mas não deu mais retorno e acabei perdendo o contato após a separação do casal. Passado uma semana Marina voltou para conversar comigo e acabei solicitando a entrevista. Deu o número de seus telefones, pedindo que evitasse ligar no período da manhã.

Marcamos a entrevista para o dia 24 de fevereiro de 2004, na sua residência. Tratava-se de um prédio pequeno de dois andares sendo que embaixo morava o proprietário. Falando da tranquilidade do lugar, Marina disse que antes de fechar a transação do aluguel tranquilizou o proprietário dizendo que ali não pisaria homem porque ela era “entendida”. Não sabia se o locador entendeu o que quis dizer, mas também não fez perguntas, nem objeção.

Quando cheguei, no horário marcado, minha entrevistada estava tomando banho e a moça que abriu a porta disse para esperar um pouco, ofereceu café e ficamos conversando. Ainda não sabia que elas moravam juntas e trabalhavam no mesmo local. Esta moça não fazia programas. Marina apareceu enrolado numa toalha pedindo que a aguardasse mais alguns minutos.

Quando finalmente ela veio para a sala, percebi que distribuiu sobre um móvel três celulares, devo ter feito um olhar abismado pois Marina logo explicou que sem eles não saberia viver. Um deles ela usava para contatos com amigos e familiares, os outros dois eram para serviço. Disse que havia um número exclusivo para os clientes encontrados a partir do seu trabalho na boate e o número do terceiro ela distribuía apenas entre os clientes que considerava especiais. Após algumas conversas soltas ela disse que poderíamos começar a gravar, mas fiquei apreensivo com a presença de uma terceira pessoa, Marina, no entanto, tratou de tranquilizar-me dizendo que ela sabia tudo sobre sua vida, “talvez, mais do que eu mesma sei”.

Marina falou muito do local aonde trabalhava e elogiou o profissionalismo dos proprietários da boate. Sobre a dinâmica do trabalho disse que não se incomodava com nada, pois o cliente já acertava o pagamento do serviço, motel, bebidas, na própria boate. Isto dava segurança nas suas saídas. Reclamou da proibição da entrada de mulheres, mas disse compreender tal atitude, pois as garotas ficavam com elas nos banheiros enquanto os homens ficavam bebendo sozinhos. Sua ex-namorada era uma que vivia na boate. Aliás, disse que com as mulheres só teve prejuízo, elas a exploravam financeiramente e acabava trabalhando para pagar os “luxos” e necessidades das namoradas.

Esta moça nasceu em Chapecó, no interior do estado, e a partir do momento que resolveu viver da prostituição já morou em Porto Alegre/RS e em Goiânia/GO, sempre trabalhando em boates. Revelou-se muito vaidosa e, como também faz shows de *strep-tease*, estava com uma cirurgia marcada para a semana seguinte, ia colocar silicone nas mamas e fazer lipoaspiração.

Leila (44 anos)

Encontrei com Leila numa festa no Campeche no final de 2003. A dona da casa reunira amigos para uma confraternização, diferentes grupos com os quais ela mantinha contato. A maioria mulheres lésbicas. Houve a apresentação do conjunto musical em que ela tocava. Leila estava com um grupo de amigas, muitas das quais eu conhecia desde os anos 80. Inclusive Leila eu já conhecia há muitos anos. Às vezes, circulávamos pelos mesmos espaços, cada qual com suas próprias rodas de amigos.

Neste dia, eu estava acompanhado de Maria, sua companheira Renata e mais duas amigas. Com mais algumas pessoas formávamos um pequeno grupo quando Leila se aproximou e ficamos conversando. Como estavam presentes muitas figuras “históricas” da cidade a conversa passou a girar em torno das vivências da juventude e do verdadeiro “desbravamento” que fomos obrigado a fazer na busca de espaços para nossos encontros. Foram citados bares, boates e festas organizadas pela “turma”, “porres homéricos”, histórias de amigos (alguns já falecidos), mas principalmente nossas andanças pela cidade.

Com estes assuntos estava relacionados com minha pesquisa acabei convidando Leila para uma entrevista. Respondeu que não haveria problemas, passou o número do seu celular e a liberdade para ligar quando quisesse. A partir de março comecei a procurá-la, mas não obtinha resposta. Leila trocara o celular. Quando finalmente encontrei uma amiga em comum consegui falar com ela e marcar a entrevista para o final de tarde de uma sexta-feira, dia 16 de abril de 2004, no seu local de trabalho, num dos centros de ensino da UFSC. Ao chegar no local percebi que na sala ao lado havia um professor e ao perguntar por sua presença Leila disse que não haveria problemas pois já estava na hora de sua saída e que sua sexualidade não era novidade para ninguém. Suas histórias não eram segredos, poderia inclusive utilizar o seu nome verdadeiro.

Ao me dirigir para o *campus* achei importante convidar Maria para participar da entrevista, pois naquela festa era a maior interlocutora de Leila, apesar de não serem amigas íntimas deu para perceber que ambas haviam participado de muitos acontecimentos. Penso

que foi uma decisão acertada porque a entrevista fluiu de maneira bastante objetiva. Eventualmente, fomos interrompidos por alunos e professores que ao verem a porta aberta faziam alguma solicitação, mas que mostravam a maneira como Leila interagiu com os demais membros da comunidade universitária.

13. Belinha (61 anos)

Conheci esta senhora num jantar no bistrô de Maria, no Ratonos. Era uma noite fria de maio e eu não imaginava que Belinha apareceria por lá. Ela é irmã de Francisco e, portanto, tia de uma colega de trabalho e foi para encontrar com esta moça que fui até lá. Neste dia, em especial, ela estava muito comunicativa e, para surpresa de minha amiga, conversamos durante um bom tempo. Falei do meu trabalho e da vontade que tinha em conhecê-la. Como sabia que falar do irmão era um assunto quase proibido apenas disse que o conhecia e que o havia entrevistado.

Quando propus a realização de uma entrevista gravada ela pensou um pouco, disse que não costumava falar de sua vida pessoal, mas como era para mim ela concordava. A primeira impressão causada por Belinha confrontava com as informações obtidas a seu respeito. Este encontro ocorreu no dia 29 de maio e marquei a entrevista para o dia 16 de junho de 2004, na sua residência. Também convidou Maria para conhecer sua casa e sugeriu que fossemos no mesmo dia, aí eu senti que ela se sentiria melhor com uma outra mulher presente. Não me opus pois não seria a primeira vez que realizaria uma entrevista na presença de Maria.

No dia marcado passei no Ratonos peguei Maria e nos dirigimos para um balneário do norte da Ilha, e no momento em que estacionava meu carro observei que Belinha também estava chegando. Estava vindo do Rio Vermelho aonde praticava equitação. Como era final de tarde aproveitou e falou da construção da casa de seus sonhos e da beleza do jardim, especialmente projetado. De uma das sacadas dava para ver o mar. Por fim, ao adentrarmos nos dirigimos para a cozinha para a entrevista propriamente dita.

Neste dia, Belinha estava bem reservada quase não queria falar. Precisava ser instigada, as perguntas iam se desdobrando e ela respondia por monossílabos. Foi, provavelmente, a entrevista mais difícil de ser feita. Esta senhora só parecia a vontade quando falava de seu lado espiritual, de como tinha se encontrado, das belezas do local, do prazer da equitação. Não queria falar de lésbicas, de sexualidade, de prazeres ou noitadas. Das namoradas, então, nenhuma palavra dita espontaneamente. Demonstrou-se bastante discreta,

como descrita pelo irmão e pela sobrinha. Ao final pediu muito cuidado pois não queria ser identificada, de preferência que não citasse o local aonde morava.

O perfil dos informantes

Foram entrevistados nove homens, dentre eles três travestis, e sete mulheres.

a) *Quanto à faixa etária*: os homens e mulheres homossexuais entrevistados tinham idades distribuídas entre 18 e 71 anos. A distribuição dos sujeitos em três gerações ocorreu mais pela vivência de determinados episódios do que pelo distanciamento etário.

Tabela nº 01: **DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA/GERAÇÃO**

GERAÇÃO	IDADE	ENTREVISTADO
1 ^a	71	h
	63	h
	61	m
	55	m
	53	m
	52	t
2 ^a	48	m
	46	h
	44	m
	43	t
	41	h
3 ^a	31	t
	25	m
	23	m
	21	h
	18	h
TOTAL	16	16

b) *Quanto à procedência*: observou-se um predomínio de entrevistados que são naturais de Florianópolis, e apenas quatro sujeitos são oriundos do interior do estado. Nenhum dos entrevistados veio de outro estado da Federação.

Tabela nº 02: **PROCEDÊNCIA**

NATURALIDADE	LOCAL	ENTREVISTADOS
Florianópolis	Ribeirão da Ilha	01
	Carianos/Aeroporto	01
	Centro	04
	Estreito	02
	Coqueiros	02
	Agronômica	01
	Morro da Caixa	01
Laguna		01
Antônio Carlos		01
Urubici		01
Chapecó		01
TOTAL		16

c) *Quanto à residência:* a maioria dos informantes reside em Florianópolis, no centro ou espalhados pelo interior da ilha e na sua parte continental. Ricardo e Sofia residem na cidade de São José, que é um município que emenda com Florianópolis, sendo esta o centro de uma área de conurbação que agrega também as cidades de Biguaçu e Palhoça.

Tabela nº 03: **RESIDÊNCIA**

LOCAL	ENTREVISTADOS
Centro	03
Estreito	01
Coqueiros	01
Chico Mendes	01
Monte Verde	02
Sambaqui	01
Ratones	01
Vargem Grande	02
Santinho	01
Kobrasol/SJ	01
Barreiros/SJ	01
não identificar	01
TOTAL	16

Obs: Belinha, a mulher com mais idade que entrevistei, solicitou que não identificasse o seu lugar de moradia.

d) *Quanto ao nível de escolaridade:* a maioria dos entrevistados cursou o equivalente ao ensino médio.

Tabela nº 04: **NÍVEL DE ESCOLARIDADE**

FORMAÇÃO	ENTREVISTADOS
fundamental	02
médio	08
universitário	06
TOTAL	16

e) *Quanto à atividade profissional:* os entrevistados exerciam distintas ocupações profissionais, sendo que um rapaz ainda estava estudando. Três informantes já se encontravam aposentados, Francisco era policial civil e Agenor se considerava autônomo, exercendo funções ora como vitrinista, decorador, ora como carnavalesco. Belinha, a mulher aposentada, sempre trabalhou como funcionária pública federal. Dois outros entrevistados também se denominaram autônomos, pois se encontravam trabalhando por conta própria, Ricardo em atividades de informática e Maria como proprietária de um bistrô.

Tabela nº 05: **ATIVIDADE PROFISSIONAL**

PROFISSÃO	ENTREVISTADOS
aposentado/a	03
cabeleireiro/a	04
enfermeira	01
policial	01
funcionária pública federal	01
secretária	01
garçom	01
garota de programa	01
autônomos	02
estudante	01
TOTAL	16

De uma maneira geral, dá para afirmar que os informantes viviam de formas bastante diferenciadas. Assim, ao encontrar com Agenor, o meu entrevistado mais idoso (71

anos), um carnavalesco que, na juventude, tinha fama de brigão, deparei-me com um senhor que vivia com uma criança de sete anos, que criava como filho adotivo, ou neto. Três das mulheres entrevistadas viviam com suas companheiras, sendo que duas também residiam com os filhos das companheiras. Sofia (55 anos) é cabeleireira no centro da cidade e atende basicamente às camadas populares que circulam na região do Mercado Público. Tanto sua aparência física quanto suas vestimentas são, geralmente, bastante masculinizadas, o que parece não lhe trazer problemas de relacionamentos com seus clientes. Maria (48 anos) ressaltou o seu envolvimento com drogas ilícitas (maconha, cocaína) durante o período em que circulava pelos guetos homossexuais. Hoje, casada com uma mulher há 18 anos, montou em sua residência um bistrô que tem se especializado no atendimento GLS, com um evidente predomínio do público lésbico. A terceira destas mulheres, Adriana (23 anos), vive com uma policial num condomínio do interior da Ilha e disse ainda desejar ter filhos, mas sua companheira se opõe à idéia. Sugeriu que, talvez, no intervalo entre este e um possível novo relacionamento, ela aproveite para dar vazão a este seu desejo. Adriana é irmã de Guido (21 anos) que mora com a mãe em Coqueiros.

Outros dois homens e uma mulher também moravam com a família, pais e irmãos. Estes dois homens são de gerações diferentes, sendo que Júnior tem apenas 18 anos e só recentemente “assumiu” sua homossexualidade. Ao fazer a revelação de sua orientação sexual não encontrou resistência por parte de seus familiares e atribuiu este fato à constatação de que todos eles têm uma excelente relação com uma irmã de seu pai que é lésbica. No entanto, ressaltou que vários conhecidos na mesma faixa etária, ao “assumirem” para a família foram considerados doentes, “passando por uma fase difícil”, ou acabaram sendo expulsos de casa, por “persistirem nesta bobagem”. Mário (41 anos) mora com os pais e uma irmã mais nova e toma muito cuidado para não expô-los ao contato com seus amigos ou namorados. Disse que teve uma época que precisou falar “abertamente” com os pais sobre sua sexualidade e encontrou muita resistência por parte de sua mãe. Que o pai “aceitou” o fato e nunca o discriminou, chegando a interferir na relação com a mãe e tornando mais fácil a convivência entre eles. Hoje são bons amigos que não perdem a oportunidade de irem juntos assistir aos jogos do Avaí, um dos clubes de futebol da cidade.

Há uma mulher, Leila (44 anos) que, mesmo tendo uma namorada há muito tempo, ainda reside com sua mãe. Trata-se de uma escolha, pois não deseja deixar a mãe morando sozinha no centro da cidade. Esta mulher participou muito ativamente da abertura dos primeiros bares e boates dirigidos ao povo GLS. Disse que um dos momentos mais

hilários que viveu foi a sua eleição como miss “sapatão”, diante de várias autoridades municipais, em um desses estabelecimentos locais, na década de 80.

Apenas dois homens e duas mulheres viviam sozinhos. Um deles, Francisco (63 anos), se denominou “solitário”, mas durante os períodos em que fui visitá-lo pude observar que em sua casa há bastante movimentação de outros homens, especialmente de carteiro, entregadores de água, gás, etc. Disse-me, com uma certa malícia, ser adepto de qualquer *delivery*, deixando a entender que, ao menos em alguns casos, os contatos não se resumiam à entrega das mercadorias solicitadas. Este senhor falou de suas idas a bares, nas décadas de 60 e 70, e em algumas das brincadeiras que faziam, em particular uma paródia dos desfiles de maiôs, presentes nos concursos de misses. Este “concurso” denominado Miss Bangu contava apenas com a participação masculina e ocorria nos fundos de alguns bares do centro da cidade, sendo que geralmente o que dividia os espaços era uma simples cortina.

Mariza (53 anos), uma mulher que vivia sozinha, também integrava o que chamei de primeira geração e se definia como “feminista e lésbica” ou “lesbo-feminista” e, apesar de não integrar nenhum grupo específico de militância, disse que era representante em Florianópolis de um “movimento” lésbico. Apesar de nunca ter se casado com um homem, ela tem uma filha que mora numa outra cidade e já tem dois netos que a visitam com certa regularidade. Falou num “circuito da lama” quando se referiu ao tempo em que “perdia noites” circulando de bar em bar, no que caracterizou como território homossexual.

Ricardo (46 anos), o outro homem que prefere morar sozinho, residia na cidade de São José e disse que andava cansado da “mesmice” da noite guei da Ilha e por este motivo estava ficando mais em casa. Quando queria encontrar com “homens” ia numa sauna comum, perto de sua casa. Se eles não faziam “sexo” lá dentro, como é comum nas saunas gueis, sempre havia a possibilidade de marcarem um programa para mais tarde, sem as “frescuras” comuns dos homossexuais. Durante a entrevista vim a descobrir que este informante estava com AIDS.

A última entrevista realizada foi com Belinha (61 anos), uma senhora que reside sozinha num dos balneários da região norte da ilha. Trata-se de uma mulher muito discreta e bastante espiritualizada, fazendo questão de chamar a atenção para o fato de finalmente, com a idade, poder ir escolhendo as companhias, as idas às festas, com quem dividir o seu tempo. Isto sem pressa, sem os arroubos da juventude. Comedida ao falar, tinha uma preocupação em não ser identificada ou deixar dicas que poderiam levar à identificação de outras pessoas. Informou que em sua juventude fazia parte da turma da “traça” e que fez muita festa na praia da Joaquina.

Marina (25 anos), uma garota da terceira geração, dividia apartamento com uma colega de trabalho e poderia ser descrita como extremamente vaidosa. O dia que ela marcou para a realização da entrevista era véspera de alguns exames que precisaria realizar para, na semana seguinte, submeter-se a uma lipoaspiração e uma micro-cirurgia para corrigir “defeitos” nos seios. Tudo imperceptível a olhos vistos, mas que não a deixavam satisfeita, especialmente nos momentos em que poderia fazer shows na boate em que trabalhava. Esta garota falou bastante de “casos” lésbicos existentes entre mulheres que se prostituem com homens. Isto a ponto de algumas das melhores casas de “shows” de Florianópolis proibirem a entrada de mulheres se elas não estiverem em companhia de algum homem. Outro fator ressaltado por ela foi a violência física presente nos relacionamentos entre mulheres.

Das três travestis entrevistadas, apenas uma vivia com seu companheiro, sendo que as outras duas tinham namorados. Cláudia (26 anos), a mais nova, coabitava com um homem há alguns anos e já trabalhara como empregada doméstica numa residência em Canasvieiras, tendo trabalhado também como auxiliar de cozinha numa famosa boate no centro de Florianópolis, onde hoje funciona a Concorde, boate “guei” que ela disse não conhecer. Karla (43 anos), da segunda geração, namorava um homem casado com uma mulher, o qual a visitava com frequência. Orgulhava-se de ser atriz e ter encenado algumas peças de teatro e feito TV. Jaqueline (52 anos), da primeira geração, mantinha um relacionamento amoroso com um senhor “solteiro”, há mais de 24 anos. Já haviam morado juntos, mas acabaram optando por viver em casas separadas.

Das três travestis, apenas aquela com mais idade disse ter participado, na sua juventude, do circuito de prostituição. Segundo seus relatos, poucos conseguiram estudar por dificuldades como usar uniforme, ir ao banheiro, mas principalmente por sofrerem discriminação. Quando finalmente montaram seus salões de beleza passaram a se realizar como cabeleireiras.

As tabelas e comentários aqui apresentados sintetizam um pouco do perfil dos/as homossexuais entrevistados/as. São apresentados de maneira geral, apenas fornecendo elementos que informam sobre algumas de suas características. Trata-se de informações que mais adiante serão trabalhadas.

5.2. Refletindo sobre os encontros.

Diferente do que imaginava no início, foi bastante difícil etnografar este grupo de pessoas. Elas não faziam parte de uma rede de amigos, a maioria, aliás, nem se conhecia. Com alguns eu tive contato a partir do meu trabalho como psicólogo; outros sujeitos foram indicados por amigos/as ou conhecidos/as. Um senhor, eu o descobri quando foi notícia em um jornal de grande circulação na cidade. Não foram todas as entrevistas que pude realizar nos endereços residenciais. Os territórios domésticos são locais supostamente mais “adequados” para tanto, mas precisei realizar algumas entrevistas em meu gabinete de trabalho.

Apesar de não estarem previstas no cronograma da pesquisa, também participei de algumas festas que se constituíram numa atividade que me levou a muitas reflexões e outros tantos aprendizados, além de proporcionar momentos de lazer e de convívio com um grupo de amigos. Neste sentido, as idas nestas festas foram, não somente num prazer, mas também uma oportunidade de estabelecer relações e conhecer pessoas que poderiam vir a ser entrevistadas num futuro próximo. Nestes encontros também me deparei com gueis e lésbicas já entrevistados, podendo, assim, realizar observações bastante distintas daquelas feitas durante as entrevistas.

O objetivo de comparecer, observar e descrever algumas festas (Córdova, 2004), não foi outro senão apontar para a necessidade de deixar claro sobre de que sujeitos falava quando propus fazer uma pesquisa. Estes eventos falaram basicamente de mulheres. As três festas que participei aconteceram num período de tempo bastante próximo, menos de uma semana as separaram, no entanto parece que décadas as separam. A última, no dia 28.06.03 por exemplo, parece ter acontecido antes de *Stonewall Inn*, o levante que aconteceu em Nova Iorque e que deu origem ao “*gay pride*”. A sensação era a de que alguém, talvez a polícia, poderia aparecer e acabar com a festa. A repressão parecia estar embrenhada no ambiente. Poucas mulheres presentes sabiam que naquela data se comemorava o “dia do orgulho guei”, apesar de se identificarem como gueis. No domingo anterior quase um milhão de pessoas havia desfilado pelas ruas de São Paulo mostrando suas caras e, no Sambaqui, meia dúzia de homossexuais se escondia num bar.

As outras festas aconteceram de forma mais tranqüila, com uma aparente cumplicidade da comunidade em volta. Na Vargem Grande a própria vizinhança ajudou na organização do evento, seja emprestando a mesa, seja fazendo o bolo da aniversariante. A

praia do Campeche é considerada por muitos homossexuais como um reduto, um pedaço da cidade escolhido para abrigar muitos deles, especialmente mulheres. Não tendo havido participação da comunidade em torno, não houve também qualquer manifestação de estranhamento.

Florianópolis é sem dúvida uma cidade de contradições: uma cidade que muitos dizem ser um paraíso para os homossexuais. Uma cidade que não possui um grupo de militância organizado que aglutine mais do que meia dúzia de representantes, mas que possibilita, por exemplo, que um grupo de mulheres se reúna com uma periodicidade mensal para assistir a uma sessão de cinema com temática lésbica, no Museu da Imagem e do Som (MIS) do maior centro cultural da cidade (CIC). Por outro lado, se não participei de uma festa com predomínio masculino, durante a realização da pesquisa de campo deparei-me com um grupo de homens gueis que se reuniam semanalmente para discussões e planejamento de atividades beneficentes. Entre seus integrantes havia um padre e a sede das reuniões era uma das muitas capelas da igreja católica espalhadas pela Ilha. Na contramão do que disse aquele monsenhor no ano de 98 do século passado.

Foi assim que encontrei com meus sujeitos.

Capítulo III

A CIDADE E OS SUJEITOS

*Eu não teria coragem de dizer que sou cidadão,
porque a verdade é que, após todos esses anos de confusões e fingimentos,
nem ao menos sei mais o que sou.
(Aguinaldo Silva¹²²)*

Neste capítulo percorro, na fala de meus entrevistados, alguns dos lugares da cidade que eles freqüentaram, ou ajudaram a construir. Descrevo suas impressões vividas e guardadas em relicários. Apresento breves notas publicadas em jornais, também, como alguns dos territórios ocupados pelos homossexuais. Ao pensar a imprensa florianopolitana como um território, com certeza poderia escolher outros repórteres ou apresentadores que divulgaram aspectos das vivências das homossexualidades em Florianópolis, como Roberto Kessler que tinha um programa diário na antiga TV Cultura, ou a *drag-queen* Vogue que apresentou o “carnaval guei” na TVCOM, durante alguns anos. Escolhi o jornalista Beto Stodieck, pois ele foi um dos pioneiros a abordar o homoerotismo em suas colunas de jornais e em seus programas de televisão que atingiam todo o Estado de Santa Catarina, com grande repercussão. A existência de diferentes mídias (inclusive, mais recentemente, a Internet) interessadas em divulgar temáticas de homossexuais na cidade, dá visibilidade às suas vivências. Isto não descaracteriza a importância das denúncias de violências físicas, morais e dos assassinatos de homossexuais. Criam-se territórios onde aparecem estes novos sujeitos não apenas como vítimas, mas como cidadãos que tomam a palavra e transitam por qualquer espaço. Circulei por diferentes pedaços da cidade e descrevo os prazeres e os percalços da ocupação destes territórios, tanto física quanto simbolicamente.

A presença pública de homossexuais em determinados pedaços acaba por criar algumas representações muito específicas das diferentes homossexualidades. Se é possível constatar ganhos nas novas imagens dos gueis e lésbicas das camadas médias e altas, não dá para ignorar o fato de que outros tantos homossexuais não querem, ou outros, ainda, não

¹²² Esta é uma fala da travesti Eloína, no livro *República dos Assassinos*, de Aguinaldo Silva (1976, p. 105).

conseguem viver suas experiências da mesma maneira. Há uma enorme diversidade de representações quando o assunto é sociabilidade, os próprios sujeitos vão redesenhando a geografia homoerótica da cidade, criando diferentes segmentos entre eles, especialmente no que se refere às diferenças de geração e de poder aquisitivo.

O interesse em percorrer estes diferentes arranjos de espaços na cidade, concentrou-se em observar como estes territórios foram demarcados simbolicamente e no fato deles serem percebidos como “naturais” por muitos homossexuais. Como se eles sempre tivessem estado ali. Conhecer como eles foram se constituindo enquanto espaços de sociabilidade, não implica esquecer as desigualdades sociais, as formas de violência ou as contradições urbanas. Apresentar estes lugares de lazer é, também, mostrar como alguns homossexuais, homens e mulheres, foram desenvolvendo vínculos com a cidade, modos e padrões culturais. Os momentos de lazer, segundo Magnani (2000b, p. 33), “não podem ser considerados apenas por seu lado instrumental, passivo e individualizado [...] existe um componente afirmativo referido ao estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade”. Tanto com familiares quanto com amigos, colegas, “chegados” e desconhecidos.

Florianópolis, Floripa, a antiga Desterro, geralmente é descrita como uma cidade pacata, provinciana, no entanto, desde os anos 70 vem passando por grandes transformações e desenvolvendo uma nova configuração urbana, e tais adjetivos já não servem para descrevê-la. O interessante, diante de sua complexidade urbana, são os discursos emitidos na busca de um “destino” para a cidade e seus moradores. A Ilha da Magia¹²³, da farra do boi, do boi de mamão, do manezinho¹²⁴, vai convivendo com projetos de grande impacto sócio-ambiental e cultural, como o Porto da Barra, Costão do Santinho, Jurerê Internacional, que transformam suas tradições populares, suas formas de sociabilidades. José Guilherme Magnani, no prefácio do livro de Fantin (2000, p. 12), referindo-se à polarização em torno de algumas posições dos moradores da Ilha, identifica que “às vezes um discurso ‘conservador’ em determinado aspecto contém elementos ‘progressistas’ em outros e vice-versa”. A cidade dispõe de uma

¹²³ Florianópolis também é chamada de Ilha da Magia pelo seu misticismo e suas histórias de bruxas.

¹²⁴ Segundo o *Dicionário da Ilha*, de Fernando Alexandre (1994, p. 87) mané “é o morador nativo do interior da Ilha de Santa Catarina, matuto. Do tupi *ma'nema*, que significa farinha grossa, o comedor de farinha. Também pessoa ingênua e nome de um peixe”. De acordo com Carmem Rial (2001, p.19), nos últimos anos a afirmação “Eu sou Manezinho” passou a ser vista como emblemática, pois constitutiva de uma identidade socialmente positiva, afirmando com orgulho quem é o “verdadeiro Ilhéu”. Aquele que “conhece os códigos e modos do lugar, que conhece principalmente a fala daqui”. Um movimento de ressemantização, de alguém que é tolo, ignorante, para o seu contrário, ou seja, para alguém que guarda consigo algum traço que o diferencia de qualquer outro morador de Florianópolis, ou seu visitante. O livro de Márcia Fantin (2000, p. 155) descreve o processo de “construção da figura do manezinho”.

espécie de circuito GLS (bares, boates, pedaços de praias, praças, ruas e avenidas) que não é divulgado nos guias turísticos oficiais, mas que a tornaram conhecida em todo o país.

Florianópolis, “um pedacinho de terra perdido no mar¹²⁵”, é uma capital de estado recheada de raras belezas e de profundas contradições que provocam eternas celeumas nas rodas de conversas espalhadas por toda a cidade. Aqui, também há histórias repletas de lutas, migrações e mistura de diversos hábitos e costumes. Se estamos diante de impasses e *disputas simbólicas*¹²⁶, como no exemplo de conciliar o desenvolvimento econômico com a preservação do ambiente natural, a maioria das pessoas que por aqui transitam concordam que vivemos num dos mais encantadores redutos dos mares do Sul¹²⁷.

1. Redescobrimo a cidade.

*Minha terra ficou diferente
tem mais ruas, mais casas, mais gente
mas eu não sei se isso eu queria...*
(Oswaldo Ferreira de Melo)

Sem sombra de dúvidas, a área urbana insular de Florianópolis se transforma, no decorrer da década de 70, com a conclusão do aterro da baía sul e a construção da ponte Colombo Salles, a segunda ligação ilha-continente, em 1975. Da mesma forma, a via de contorno norte, que teve início em 1977 e conclusão em 1982, facilitou o tráfego entre a península central e a Trindade (Faccio, 1997, pp. 145-6).

Nos anos 80, no entanto, a Ilha começou a ressentir-se do processo de empobrecimento da população ou, especialmente, do aumento da migração devido ao êxodo rural de outros municípios do estado, podendo-se perceber um aumento da favelização das periferias e morros da cidade. Já era possível observar a movimentação dos “menores de rua”, o aumento no número de camelôs, sub-habitações ao longo da Via Expressa (BR 282), o

¹²⁵ O “Rancho de Amor a Ilha”, composto por Cláudio Alvim Barbosa (o poeta Zininho), foi a música vencedora, em 1965, do concurso “Uma canção para Florianópolis”, uma promoção da Prefeitura Municipal e da Rádio Diário da Manhã. Foi oficializado como hino da cidade de Florianópolis em 1968. Neide Mariarrosa foi a principal intérprete desta música (LP *Eu sou assim*, de Neide Mariarrosa, 1988).

¹²⁶ Márcia Fantin (2000, pp. 21-22) refere-se aos embates, no campo da cultura, que aconteceram com a chegada dos novos moradores e colocaram em risco certos interesses da população nativa, acabando por incorporar símbolos, identidades e imagens da cidade.

¹²⁷ Muitos estudos que tratam da cidade priorizam os desdobramentos negativos em decorrência de um crescimento desordenado, traçando quadros caóticos da vida urbana, da miséria, da violência, ou das consequências danosas sobre o meio ambiente (Fantin, 2000).

aumento do desemprego e de subempregos. Por outro lado, em 1982 foi construído o Centro Integrado de Cultura (CIC), o mais importante espaço cultural da cidade, agregando teatro, oficinas de artes, música e cinema.

Nos anos 90, aparece um novo ciclo modernizante, impulsionado por obras estruturais executadas pelo governo do Estado: a inauguração da terceira ponte ligando a ilha ao continente; a via expressa sul e um novo aterro na região do Saco dos Limões/Costeira do Pirajubaé; a duplicação da SC 401, que leva às praias do norte; a implantação da estação de tratamento do esgoto insular; os elevados do CIC e da Rita Maria; a ampliação do Aeroporto Hercílio Luz, agora internacionalizado; o incentivo à duplicação da BR 101, entre outras obras.

Qualquer “manezinho” que estivesse “exilado” desta terra há três ou quatro décadas não mais reconheceria sua cidade neste início do século XXI. Os casarios antigos, as ruas estreitas, a proximidade com o mar, deram lugar aos aterros, túneis, prédios altos, elevados, avenidas, rodovias para as praias. As paisagens bucólicas de algum tempo atrás estão dando lugar a uma mutante paisagem urbana. “Uma cidade começa a mudar efetivamente quando seus moradores já não se reconhecem mais na cidade, quando já não conseguem mais reconhecer as pessoas que partilham o mesmo chão” (Fantin, 2000, p. 51). Se já não é mais possível a reunião com os amigos, nos finais de tarde, no *Miramar*¹²⁸, há, ainda, o Mercado Público, a velha figueira¹²⁹. Passeando pela Ilha é possível nos remetermos para a antiga povoação de Desterro, para a Florianópolis do início do século XX, ou, até mesmo, para uma Floripa pós-moderna. Diferentes modos de vida que se renovam no cotidiano desta “pequena metrópole”.

Os trabalhos de Lisabete Coradini (1992), sobre redes de sociabilidade e a apropriação de um espaço no centro da cidade de Florianópolis (a Praça XV), e o de Mara Lago (1996), que permite compreender o processo social de transformação dos diversos balneários e localidades do interior da ilha, também são fundamentais para se entender algumas das transformações que ocorreram na cidade. Mudanças que aconteceram de forma violenta e numa rapidez crescente, que transformaram os espaços, a cultura, o cotidiano e o próprio discurso dos moradores, fundindo o viver tradicional com um mundo urbanizado. Por

¹²⁸ Paulo Lago (2000) escrevendo sobre suas primeiras impressões sobre Florianópolis recorda que a cidade, em 1958, era muito pequena (75 mil habitantes), mal iluminada, a ponte Hercílio Luz ainda era coberta com piso de madeira e o *Miramar* já estava perdendo sua “função de espaço de animação social”. Em seguida, em nota de rodapé, o autor explica que “o *Miramar* ficou na saudade dos florianopolitanos, que aspiram resgatá-lo, mesmo tendo sido seu antigo espaço aterrado para ajustar a cidade aos imperativos do crescimento” (p. 17).

¹²⁹ Atualmente, a praça XV aparece nos guias turísticos como a praça da centenária figueira, da qual os imensos galhos encontram-se apoiados por barras de ferro, bengalas que testemunham sua idade avançada.

um lado, antigos moradores deixando suas praias em busca de melhores chances de sobrevivência nas periferias da cidade, procurando ocupações que substituíssem suas formas tradicionais de trabalho. Por outro, o processo de expansão da cidade, fazendo com que antigas freguesias periféricas fossem se incorporando ao centro urbano; locais que passaram a ser ocupados por camadas médias da população, com o deslocamento de seus habitantes originais.

Alguns desses deslocamentos vêm possibilitando um novo modelo de identificação para os homossexuais, a partir do local onde fixam residência. Assim, além de serem reconhecidos por outros homossexuais, em função dos seus agrupamentos sociais, estabelecidos principalmente de acordo com as condições financeiras e culturais, há a diferenciação do território pelo grupo que nele habita, como por exemplo, as “lésbicas do Campeche”, ou as travestis que podem ser vistas pelas madrugadas no balneário de Canasvieiras, entre tantos outros. Parece estar acontecendo a construção de novos espaços sociais, políticos e culturais de resistência ao interdito, à repressão, isto longe de significar o fim de uma situação de exclusão ou a existência de uma sociedade melhor. As configurações territoriais dos sujeitos homossexuais na cidade mostram que não se trata de um grupo ou de uma comunidade homogênea. As territorialidades não são fixas por definição, podendo ser deslocadas tanto num plano espacial, quanto histórico (Perlongher, 1987b, p. 58). Se apresentam uma suposta insularidade, logo se revelam como numa rede.

Trata-se de um movimento ambivalente, pois os homossexuais também acabam estabelecendo “guetos” para si quando se “fecham” em grupos e determinam quem pode freqüentá-los, ou com quem vão dividir os seus espaços. Mesmo que os sujeitos afirmem não estarem envolvidos no sistema de trocas do mercado homossexual e pouco freqüentarem os locais que favorecem as atividades relacionadas com a sua prática sexual¹³⁰, deliberadamente vão formando redes de relações que implicam num modo de vida próprio. Geralmente é com os grupos de “iguais” que procuram relaxar das pressões sociais sofridas no seu cotidiano e, se não estão mais preocupados em “assumir”, é através dessas relações que desenvolvem novos valores e testam uma nova identidade social (MacRae, 1990).

As tentativas de se afastar da sociabilidade associada ao gueto não implicam em se desvincular do “mundo homossexual”, apenas sugerem a possibilidade da escolha seletiva do grupo de amigos a que se associam. Distantes dos guetos florianopolitanos, os sujeitos da pesquisa que realizei anteriormente (Córdova, 2000), iam configurando novas formas de

¹³⁰ A forma como Perlongher (1987) caracteriza o gueto.

companheirismo gregário. Portanto, freqüentando ou não os guetos, os homossexuais vão desenvolvendo um novo *script*; vão constituindo uma nova dinâmica social, ao mesmo tempo em que vão sendo constituídos por ela. Seus modos de vida ajudam a demonstrar a diversidade e os diferentes movimentos que os homossexuais realizam no espaço social. Esta mudança altera a noção do “gueto” como espaço privilegiado para a prática e a vivência homossexual.

Tradicionalmente o centro das cidades, suas ruas e praças, caracterizam-se como um espaço de circulação e de permanência de diferentes grupos sociais. Michel de Certeau (2001, p. 202) afirma que o “espaço é um lugar praticado”. Se “lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (id., p. 201), o espaço “é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (id., p. 202). Neste sentido, citando Merleau-Ponty, Certeau (id., p. 202) diz que “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas”. São os relatos, portanto, que transformam “lugares em espaços ou espaços em lugares”, pela significação atribuída a eles pelos sujeitos. Da “irreflexão” dos jovens à experiência do mais velho dos meus entrevistados, através da memória, fui identificando os percursos por onde circularam em Florianópolis e como significaram este espaço como seu. Como memória, as lembranças são fragmentárias, relatos bricolados de um caminhar pela cidade.

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade. A identidade fornecida por este lugar é tanto mais simbólica (nomeada) quanto, malgrado a desigualdade dos títulos e das rendas entre habitantes da cidade, existe somente um pulular de passantes, uma rede de estadas tomadas de empréstimo por uma circulação, uma agitação através das aparências do próprio, um universo de locações freqüentadas por um não-lugar ou por lugares sonhados (Certeau, 2001, p. 183).

Longe de ser considerado um gueto, a *Praça XV de Novembro* é apresentada como um “pedaço” da cidade, um dos espaços privilegiados de sociabilidade de homossexuais, que é muito freqüentado por diferentes tipos de pessoas, em diferentes tempos e momentos do dia. Símbolo da cidade, a *Praça XV* é marcada pela presença de velhos aposentados, políticos, pregadores da palavra de Deus, ilustres desconhecidos, engraxates, pivetes, pessoas em trânsito, além de alguns tipos folclóricos, prostitutas, bichas e dos turistas.

À noite, há um carrinho de cachorro-quente que, localizado numa das esquinas da praça, atrai muitas pessoas e é fonte de interação entre seus freqüentadores. Houve épocas em que a praça contava, também, com a presença de inúmeros marinheiros vindos do 5º Distrito Naval, que ficava nas suas redondezas, e de muitos *hippies* com seus artesanatos. Assim, junto à Figueira, às estátuas e monumentos, muitos circulam em busca de sexo, paquera, prazer, diversão, bom papo, leitura de jornal, pequenos furtos, etc. Dizem que dar três voltas em torno da Figueira faz com que o turista retorne à cidade, e que para casar basta, também, dar três voltas, só que no sentido anti-horário. A *Praça* é o “coração” da cidade e foi a partir dela que Florianópolis foi se configurando como um grande conglomerado urbano.

Se de um lado houve tentativas do poder público em ordenar, vigiar e disciplinar o espaço urbano, por outro, existia uma multiplicidade de vozes que tentavam subverter, desordenar, libertar-se do olhar disciplinador, ressignificando a vida social. Segundo Lisabete Coradini (1992, p. 55) um exemplo destas vozes discordantes na *Praça* ocorre através de um “acordo” entre as prostitutas e representantes de diferentes homossexualidades, estabelecendo que a noite seria só deles. Assim, as travestis desapareciam “com a primeira luz da manhã, cedendo lugar para as prostitutas que fazem ponto ali no coreto”. Atualmente, algumas prostitutas ainda permanecem fazendo ponto no coreto, sempre até o final da tarde, quando novamente cedem lugar, agora aos michês, alguns homossexuais masculinos e seus prováveis clientes. Hoje, são raras as aparições das travestis na praça, à exceção da época do carnaval.

Uma outra forma de interação entre homens que procuravam outros homens para manter relações sexuais, ocorria especialmente aos finais de semana, quando a “marinheirada” saía do “quinto distrito” e, antes de chegarem a seus destinos, passavam pela praça. Era uma hora de flertes, trocas de olhares e convites para se dirigirem a um dos “quartinhos” de aluguel situados ao longo das ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra. Isto até o final dos anos 70, pois neste período começou a transferência do V Distrito Naval para a cidade de Rio Grande/RS. Nos anos 80 foi aberto um dos primeiros bares da cidade que se voltaram para o público guei e tinha duas mulheres como proprietárias (o *Bar XV, 16*); nos anos 90, em cima de um dos mais tradicionais restaurantes da cidade, o *Polly's*, funcionou uma boate, *Notre Vie*, também dirigida aos homossexuais, com uma freqüência bastante grande de travestis.

A Figueira, os bustos e os monumentos ainda lá permanecem. Do *Miramar* restaram apenas um desenho no chão e algumas colunas, como a lembrar que um dia o bar esteve ali, adentrando o mar. As “margaridas”¹³¹ cumprem o seu dever, mantendo a praça

¹³¹ As “margaridas” são funcionárias da COMCAP (Companhia de Melhoramentos da Capital), empresa encarregada da limpeza pública e recolhimento dos resíduos sólidos da cidade.

limpa. Conforme Michel de Certeau (2001, p. 188), “tem-se assim a própria relação das práticas do espaço com a ordem construída. Em sua superfície, esta ordem se apresenta por toda a parte furada e cavada por elipses, variações e fugas de sentido: é uma ordem coador”.

Assim como a *Praça XV de Novembro* tem sido testemunha de muitas das interações sociais de homens e mulheres homossexuais, ao longo do tempo, Florianópolis também teve, em décadas passadas, um cronista que deixou registrado, em pequenas notas de jornal, como observava os movimentos da cidade. Com olhos bem atentos, Beto Stodieck, escreveu sobre gueis e lésbicas, AIDS, noitadas e carnavais, além de usar a própria cidade como personagem.

2. Beto Stodieck: o repórter da cidade.

Os noctívagos sabem que o bar ‘Fulanos & Florianos’, eclético como só ele, permite a entrada não só de fulanos e florianos como também de beltranos e sicranos. (Aliás, os próprios proprietários, ‘pessoas abertas’, atraem todo e qualquer tipo de cliente; desde que tenham grana para gastar, é claro que eles não são bobos). Porém, parece que agora a coisa vai funcionar como sub-sede da TFP Permitindo apenas a entrada de pessoas com conduta inatacável e comportamento exemplar (imaginem como não vai ficar chata, a ‘sala’). E a ‘limpa’ já começou, reclama alguém à coluna: Eis que noite dessas, entre vários amigos em volta d’uma mesa, um deles, conversando mui distraidamente posou mera e boba mão sobre as musculosas pernas do seu interlocutor. O suficiente pra ‘dona Moral’ vir com tudo e, nervosamente, repreendê-los de dedo em riste e em altos brados... Isto em 1989... (Beto Stodieck – OE, 09/04/89)

O jornalista Sérgio Roberto Leite Stodieck, ou simplesmente o Beto, nasceu em Florianópolis, no dia 10 de junho de 1946. Em 1971 estreou como colunista no jornal *O Estado* e, depois, no *Jornal de Santa Catarina* (JSC), de Blumenau. Em 1980 lançou o “nanico” *Jornal do Beto*, de curta duração. Depois de uma temporada em Nova Iorque retornou ao *Jornal de Santa Catarina* e, posteriormente, a *O Estado*, onde permaneceu até um mês antes de sua morte. Beto Stodieck faleceu no dia 06 de agosto de 1990.

Cronista do dia a dia ilhéu, que ele tanto amou e defendeu, também se ocupava de fatos que ocorriam em todo o mundo, como o escândalo de *Watergate*, a queda do muro de Berlim, a “abertura” política brasileira. Com a sua irreverência, tornou-se porta-voz de toda uma geração, aí incluindo muitos homossexuais, que corriam para ler o que o Beto publicava. A partir do trabalho desenvolvido por Bea Porto e Fernanda Lago (1999) e diretamente de

suas “colunas sociológicas”, como as chamava, apresento umas poucas “notas” sobre os modos de vida do povo ilhéu, de gueis e de lésbicas, sob a ótica do colunista Beto Stodieck. Beto era um debochado! E em vários momentos ele pode ser visto como homofóbico e discriminador. Escracha o próprio universo em que está inserido.

Ele escreveu sobre tudo e sobre todos que foram notícias na Ilha por duas décadas. Homossexual “assumido”, descrevia em suas notas as transformações que afetaram a cidade de Florianópolis, sua gente, seus hábitos e costumes. Com uma ampla liberdade de escrever sobre o que considerava “notícia” e através de uma linguagem coloquial, nem sempre clara e objetiva, comentava os fatos ocorridos na sua querida Ilha. Escreveu algumas notas sobre gueis e lésbicas ilhéus, principalmente no verão e na época do carnaval.

Em notas “apimentadas” discorria sobre fatos ou “novos” acontecimentos que abalavam a sociedade ilhoa. Sem citar nomes, ou fontes, apresentava a sua visão:

Quais misteriosas razões estariam levando determinados senhores chegados aos 50, a abandonar – ou subitamente desprezar – mulheres, filhos e netos? E partir para outra, pra vida na gandaia onde a peça de resistência normalmente são encorpados garotões que não são dos “seus”...

Exemplos abundam. Se há dois anos foi aquele famoso empresário que provocou escândalo público ao optar por “outra” e no ano passado o tal advogado que está “uma coisa!” de tão bandeiroso, este ano – sempre nesta época do verão! – pelo que se sabe, três outros respeitáveis e até então austeros pais de família, simplesmente passaram a desmunhecar... Apesar de não precisar desmunhecar coisa alguma pra se fazer o que se pretende... Mas não, até parece que estão à cata do tempo perdido.

Mas o que está acontecendo é que tais senhores passaram a se embandeirar desarvorados, lascando acaju sobre o branco dos cabelos e das sobrancelhas, trocando ternos e gravatas por camisas floridas; até pintar as unhas de incolor estão fazendo, os graciosos – como se isso ainda se usasse. E pra completar, se atolam de anéis e correntes, e enfiam bem enfiada a calça no rabisteco que é pra valorizar o produto... Sem falar que agora só querem saber de freqüentar determinada sauna aos finais de semana.

E quando deveriam dar uma assistência em casa, através da grana, essas coisas, alegam “pobreza” – quando na real, sabe-se, gastam horrores com a gurizada que não desgruda do pêlo – aliás, do bolso. Melhor dizendo, da bandeirosa *trousse* sob braço, cuja mão passou a manejar outros “instrumentos”... Vejam vocês! (Ao desmunhecar do verão. *JSC*, 17 de janeiro de 1986. In: Porto & Lago, 1999, p. 18).

Duas das mais desejadas gatas da temporada, a fulaninha e a sicraninha, estão sendo muito comentadas por “parecerem” manter um envolvimento, um caso de amor. Às raias da bandeira desfraldada, só não se sabe se às veras ou de mentirinha: de repente apenas pra provocar imaginações libidinosas... e que está deixando a homarada em polvorosa e as mulheres entre escandalizadas e com vontade de...

Sempre juntas refesteladas na mesma vasta toalha à praia, uma esfregando óleo na outra – conseguem um bronze divino que exibem abundantes e generosos desfiles pela Joaquina, em fios dental que são um chuí...

Pois as duas, neste movimentado final de semana que acabamos de passar, num dos restaurantes da Lagoa, comemoravam à hora do almoço algo lá que só mesmo elas... uns seis meses de namoro intenso, data assim, enfim. E por causa, pediram ao garçom que lhes trouxesse uma garrafa “tamanho família” de *Teem*, “bem gelada, heim moço?”

Garrafa à mesa, encheram respectivos copos sob olhares da geral – que não despregava vista das duas desde que chegaram praticamente nuas (só com um paninho de nada sobre – que numa mesa pública não se acomoda assim, tão à vontade, não é mesmo?).

E após tim-tim, entrelaçaram braços (que nem noivo e noiva em dia de casamento, não tem?), deram um gole alusivo – e conseqüentemente beijinho às bocas em bico, pra delírio de uma platéia que só não pediu bis porque jazia paralisada, estupefata com a cena única... Foi consagrador (Garotas cobiçadas. *JSC*, 28 de janeiro de 1986. In: Porto & Lago, 1999, p. 19).

Diferente dos outros colunistas que não mencionavam os eventos das casas noturnas voltadas para o público homossexual, o jornalista divulgava os eventos da boate *Oppium*, principalmente no *Jornal do Beto* ou no *Jornal de Santa Catarina*, de Blumenau, mas com circulação em todo estado. De acordo com Isair Schwinden (2003, p. 19) o colunista “sempre falava sobre a boate *Oppium*, não citando os outros bares e boates que na época já existiam em Florianópolis. A única vez que falou em sua coluna sobre a boate *Masmorra* foi para desqualificá-la”. Esta nota saiu no *Jornal de Santa Catarina* do dia 28/01/85. De acordo com Schwinden (2003), a *Oppium* era considerada a boate da elite homossexual florianopolitana.

Beto também escreveu muito sobre o carnaval, especialmente sobre a chegada dos turistas e a interação destes com os “nativos”. Ironicamente, algumas notas saíram com o título de “Meca gay”, um jogo de palavras que denuncia um espaço sexual, além de insinuar que o autor se “sujou”. Denunciou-se.

Apresento três notas onde aparecem comentários sobre a propalada casa noturna e o carnaval “guei” de Florianópolis, na década de 80:

O intenso público gay que vem chegando às caravanas pro Carnaval – “já não bastam as daqui?!”, além dos que se estabeleceram por conta do verão – não está tendo línguas a medir diante dos inúmeros dias de folia e brincadeira que vêm rolando pelaí.

Bailes, chás, quermesses e encontros se sucedem – não há dias sem confraternização. A rua então, está pra todos, todas e todassss. Cada hora, cada esquina – principalmente quando maioria masculina local, somada às mulheres no Carnaval, se confundirá com os alegres provenientes dos quadrantes sul, principalmente da paulicéia que desvaira por aqui.

E tudo corre por conta do pileque de cada um – aquela coisa de que de bêbado não tem dono... sacam, não? Pois dando continuidade à temporada oficial de caça ao bofe, a *Boate Oppium*, nesta sexta, abrirá suas redecoradas, aumentadas e refrigeradas instalações com vistas a um pré-carnavalesco que dará o que falar. Aliás, já está dando: o bal masqué, cuja convidada especial é aquela moça global que é louquinha por uma bichinha, a Lady Francisco.

A *Oppium*, vocês sabem, é a tal que igualmente atende pelo nome de gato e sapato e fica ali na escadaria do Rosário – nos dias de Carnaval das mais procuradas passarelas desta Ilha tão alegre quanto faceira, refrescante que nem chumaço de vento sul (Meca gay por esses dias de Carnaval. *JSC*, 23 de fevereiro de 1984. In: Porto & Lago, 1999, p. 216).

Imaginem vocês a invasão que acontecerá pelo Carnaval... Só pra terem uma idéia, basta dizer que não há em São Paulo, bar ou boate – “gay”, casa de massagem e/ou sauna (igualmente exclusiva ao homem), que não tenha fixado às suas paredes cartazes que dão conta de “excursão ao Carnaval de Florianópolis – informações aqui...”

E eles, os alegres senhores de riso fácil, vida difícil e bigode delator – vêm que vêm, “prometendo” concorrência com os nativos adeptos que, diga-se de passagem, não são poucos, pelo contrário. – Já não bastam as daqui?, resmungou umazinha lá do fundo do baú.

A bagagem numerosa, com certeza quilômetros de vestidos, caudas e fantasias, quilos de maquiagens, gramas mis de purpurinas e similares, metros de saltos e plumas, everests de perucas, toneladas de frescor – que, com certeza, amenizará o calor reinante.

- E por que esse interesse assim, por Floripa?

- Ora, santa, se há procura é porque a oferta abunda... (Invasão de Carnaval. *JSC*, 1º de fevereiro de 1985. In: Porto & Lago, 1999, p. 218).

11.375 gays de São Paulo a Portalegre passaram o Carnaval na Ilha – rodaram a catraca.

Se durante o dia eram assíduas de tanga na praia *Mole* (que nem por isso endureceu), à noite não perdiam a porta do *Roma* com incursões pelo *Havana*, volta à praça, enfim, se enveredando pelo interior do jardim escuro, levando surra no aterro, as corajosas. (E nem todos se travestiam, e nem precisava – aquele antipático ar de baixo para cima, a bermuda de linho, a camiseta estrangeira, o mocassim com par de meias – aos pares e fazendo meias – era o suficiente...)

Mas o engraçado entre outras graças foi que numa das tardes da *Mole*, de repente espadaúdos jogadores com suas notórias e tortas pernas futebolísticas, passaram pesados em direção à *Galheta*... Foi um Deus nos acuda; metade da praia se levantou e, nervosas em procissão, foram atrás dos moços que de repente satisfizeram a maricagem; não sei. (Mas com certeza bateram um bolão...)

Florianópolis a meca’gay do Brasil, no carnaval (Meca’gay no carnaval. *O Estado*, 02 de março de 1990).

Beto também chamou a atenção para o advento da AIDS. Uma de suas notas alertava que até 1985 a população homossexual da cidade não estava preocupada com a expansão da síndrome e que, até aquela data, nenhum caso havia sido notificado. No entanto, há uma nota de 1984 que dava conta de dois ou três casos de AIDS em Florianópolis e comentados “à boca pequena”:

Segundo se comenta à boca pequena – e com devidos rabinhos recolhidos entre pernas – já há, extra-oficialmente em Florianópolis, uns dois ou três constatados casos de Aids.

Enquanto um dos contaminados já teria morrido (sob o disfarce de “leucemia”), um outro, bailarino paulista que se assanhava dando aula por aqui, foi recambiado pela Saúde Pública às suas origens.

E o terceiro? Bem, consta ser um professor universitário – igualmente de fora – e que estaria, no momento, sob intenso tratamento médico, noutras paragens, mais a propósito.

Com a palavra, as autoridades médicas. (Aid’de ti. *JSC*, 28 de dezembro de 1984. In: Porto & Lago, 1999, p. 228).

A “Noite da Broadway” que aconteceu na *Boate Oppium* no sábado, varando madrugada de domingo, bem mostrou que a comunidade “gay” florianopolitana

ainda não se tocou com o problema da danada da AIDS (afinal e com a graça de Deus, nenhum caso por aqui, não é mesmo?).

Simplesmente, não apenas compareceu “a grand complet”, como ainda fez questão de exibir os mais recentes lançamentos à causa – alguns dos “debutantes” provenientes de tradicionais famílias locais –, assim como demonstrou ser – ou estar – numerosíssima; lotando por completo e até altas, as dependências (cada vez maiores) da boate em questão, foi um su!

Se bem que pelos modelitos que apresentava, a rapaziada estava mais a fim de se exibir do que propriamente transar...

Daí tanta imunidade (Nem parece que síndrome existe. *JSC*, 17 de setembro de 1985. In: Porto & Lago, 1999, p. 230).

Como um observador atento, Beto Stodieck também escreveu sobre as transformações ocorridas em sua cidade. Entre algumas alfinetadas, o cronista sempre deixou claro o seu amor por Florianópolis:

Rara, raríssima é a família local – ou doutros locais – que não tem, hoje em dia, entre os seus membros, um viadinho, a sua sapatilha – enrustido ou às claras, porém, quase sempre, o mais sensível, em artes e dengos, da família. Aliás, tem cada pai que é cego...

É impressionante – é sinal dos tempos. As causas? Não perguntem, concluem: não há Freud do século XXI que explique o porquê. E nem há... A pessoa é aquilo que melhor lhe apetece – quantos se frustraram ao longo dos anos – anos passados – por não poder pôr pra fora aquilo inerente – está na pessoa – não é doença coisa alguma – é tendência.

E entre eles, há de tudo – tudo quanto é tipo de bandeira: do bandeirosíssimo que não deixa dúvidas aos requebros, ao tímido que quase tropeça quando é flagrado; do sapatão 44 à fina dama que gosta de menina; do senhor bem posto, pai de família, ao atlético que engrossa a voz na frente dos brotinhos – já que as mais coroas estão carecas de saber... Há inclusive daqueles que são e nem sabe que são – oh dúvida atroz. Ou seria atrás?

Sem entrar em detalhes, o que há, agora, é filho que é cego... Inversão de comportamento... Mas... O que interessa é o comportamento da alegre geral que mal sabe o que faz... Não faz é por mal. Tanto sabe que hoje, nos grandes centros, o comércio destinado aos gays é dos mais lucrativos – é freguesia certa. Nova Iorque, por exemplo, a Meca gay do universo terrestre, tem até uma rua chamada “Gay”. Própria pra eles, por andarilhar – que uma bicha adora an/dar... Sem falar nas lojas, bares, boates, tudo o mais indispensável à desenfreada *ferie*.

E Florianópolis, sempre na última moda sussurrada dos grandes centros, como não poderia deixar de ser, também está se abrindo em locais próprios pro pessoal ficar à vontade – que aqui a coisa nem é mais moda, é epidemia. Se bem que é transa antiga: o florianopolitano, já é histórico, sempre foi dos mais chegados... E onde há oferta, há a tal procura – que a lei do mercado que se expande em bares, boates (além da *Oppium*, daqui a pouco mais duas), saunas – há, até *boy service*: o interessado liga, pede o que melhor lhe apetece que, em minutos, a campanha soa nervosa... Tudo por apenas 5 paus...

Mas a coisa intensa assim, não é apenas entre homens – elas, as mulheres, também andam bem chegadas a uma novidade no gênero. Aliás, de uma maneira, até mais liberadas: são as tais sapatos – ou sapatilhas, sapatões, chinelinhos, alpargata roda, dependendo do gogó, da musculatura, enfim, das atitudes diante do bem bom... Ou melhor, da bem boa. A propósito, dizem mães de família, dessas que pensam além (e realmente é além da mente de algumas), que, hoje em dia, está um perigo soltar suas rebentas por aí. Se bem que as mães mais liberais, comentam aliviadas: mal não faz; nem engravida... Ah, esta vida.

E gravitando em torno do assunto, há muito mais a dizer, pena que o espaço seja assim, tão curto. Mas é importante falar que é a raça que menos sofre com a crise:

pois, não tendo proles (quem sabe, aí não esteja uma solução natural pro controle da natalidade?), não tem maiores obrigações com o dia-a-dia que se apresenta sufocante pr'aqueles que vivem atolados de filhos e problemas. Muitos até, nessas condições, estão por imposições familiares... Bem feito, quem manda não assumir.

Ao final, uma constatação: e se são assim tão alegres (gays) é consequência do poder divino: não é a sabedoria popular que diz que “bicha burra nasce morta”? Se bem que há dos que fogem à regra. Que regra? E eles lá têm regra? (Quem parece é, quem não parece pode ser. *Jornal do Beto*, nº 16, 2ª semana de maio de 1983. In: Porto & Lago, 1999, p. 239).

Às vezes irônico, outras demonstrando certos preconceitos, o jornalista Beto Stodieck foi porta-voz local de algumas gerações. Nas suas andanças pela cidade, foi observando, descrevendo e comentando o dia-a-dia dos seus personagens. Algumas de suas notas são utilizadas, neste trabalho, como fonte para identificar os pedaços da cidade por onde os homossexuais circularam, especialmente as informações sobre a década de 80.

3. Alguns dos espaços de lazer ocupados por homossexuais na cidade.

*Uma cidade é construída
por diferentes tipos de homens;
pessoas iguais não podem fazê-la existir.*
(Política – Aristóteles)

Em 2001, ao assistir a defesa pública de uma dissertação de mestrado sobre um dos espaços freqüentados por mulheres lésbicas na cidade de Florianópolis, fui surpreendido com uma declaração da mestranda afirmando que as mulheres “velhas”, aquelas com 30 anos ou mais, não freqüentavam a boate analisada. Presentes no recinto, algumas dessas senhoras, lésbicas e com mais de 30 anos, também se surpreenderam com o comentário, pois aparentemente não haveria elementos consistentes para tais conclusões. No momento seguinte, a própria mestranda corrigiu a declaração no sentido de que as mulheres com 30 anos não deveriam ser consideradas velhas, mas manteve a constatação de que o público encontrado na boate era composto, basicamente, por mulheres mais jovens. Fiquei remoendo aquela informação, pois a considerei provocativa. Ela vinha ao encontro da questão central desta tese, ou seja, analisar as trajetórias e os modos de vida de diferentes gerações de homossexuais na cidade, centrado em concepções de temporalidade e territorialidade.

Por outro lado, sempre acreditei, como afirmou Park (1973 [1916], p. 63), que “cada indivíduo encontra em algum lugar entre as variadas manifestações da vida citadina o

tipo de ambiente no qual se expande e se sente à vontade; encontra, em suma, o clima moral”. Então, só faltava descobrir em que locais da cidade as mulheres e os homens homossexuais se encontravam para com outros vivenciarem suas práticas de sociabilidade e/ou lazer. Numa pesquisa anterior, havia obtido a informação de que estas áreas se concentravam na região central da cidade, com esporádicas aberturas de bares e boates em outros lugares, mas que, por diferentes razões, logo fechavam suas portas (Córdova, 2000). Naquela ocasião, enquanto analisava a maneira como gueis e lésbicas se relacionavam com os demais moradores da comunidade e assinalava a dificuldade de se criar um lugar específico para suas socializações, aventava a possibilidade dos moradores do Ratonos que haviam formado a JUGARA¹³², estarem criando um “gueto” para si. Isto, a partir da definição apresentada por Céli Pinto (1992, p. 133), “o gueto não pode ser entendido simplesmente como marca de retraimento, medo de expor-se ou reafirmação da exclusão. É também, e, talvez principalmente, regido pelo princípio do prazer, de pertinência, da consciência de estar entre iguais”. Para esta autora, além de prazeroso, o gueto pode facilitar a inserção do sujeito na esfera pública.

James Green (2000), que escreveu sobre a história da homossexualidade no Brasil do século XX, apresentou as experiências homossexuais masculinas como “subculturas” existentes nas grandes cidades. “As mudanças culturais nos anos 60 apenas forneceram um contexto social para que múltiplas representações pudessem coexistir e mesmo desenvolver um novo espaço ou valor na subcultura” (id., p. 31). Segundo este autor,

Um fator importante do desenvolvimento dessa subcultura homossexual, eu proponho, foi a apropriação do espaço urbano. [...] Como veremos, uma acessibilidade maior dos homens ao espaço público, a rua, facilitou os encontros eróticos homossexuais entre eles. Entretanto, a estigmatização cultural dessa atividade às vezes incentivou a criação de uma “contra-casa”, um espaço privado onde os homens podiam interagir livremente e que servia como uma alternativa à família tradicional. Quando bares identificáveis como gays começaram a surgir no fim dos anos 50 e início dos 60 no Rio de Janeiro e São Paulo, eles passaram a funcionar como esses espaços, localizados entre o privado (a casa) e o público (a rua), protegendo seus freqüentadores de uma sociedade agressiva e hostil (Green, 2000, pp. 33-34).

Uma pena que um trabalho da envergadura deste empreendido por Green (2000) depare-se com barreiras tipo a escassez de “fontes primárias e secundárias” sobre as redes sociais de mulheres lésbicas. De novo a invisibilidade feminina obrigou o autor a concentrar-se “nas interações eróticas, românticas e sexuais entre os homens” (id., p. 40). A busca de

¹³² JUventude GAY de RATones, um “grupo” informal de casais de gueis e de lésbicas que moravam naquela comunidade, ou que por lá circulavam, visando favorecer encontros sociais entre eles. Criado como uma paródia aos movimentos sociais.

uma interseção entre esses dois “mundos”, proposta neste trabalho, talvez seja um diferencial nas vivências das homossexualidades em Florianópolis.

Como qualquer metrópole, a pequena/grande Florianópolis dispõe de, em sua área central, recursos destinados ao público GLS que quase chegam a caracterizar uma “região moral”, como esta foi descrita por Richard Park (1973). Num território, mais ou menos circunscrito, há bares, boates, saunas, hotéis, dormitórios e alguns pontos de “pegação”, como praças, avenidas, ruas, esquinas, banheiros públicos, etc. Delimitada entre as baías norte e sul e o maciço do Morro da Cruz, esta região possibilita a interação de gueis e lésbicas, facilitando suas relações sociais, ao mesmo tempo em que estabelecem relações de contigüidade com diferentes populações “marginais”, prostitutas, travestis, malandros, pequenos traficantes, entre outros.

Interessante assinalar que esta “região moral” atingiria todo o perímetro urbano central da cidade, no sentido proposto pela Escola de Chicago, mas aproximando-se do conceito de “*gay ghetto*” apresentado por Perlongher, a partir de Levine¹³³. Para Néstor Perlongher (1987, pp. 52-53) a caracterização clássica do gueto envolveria uma “concentração institucional”, uma “área de cultura”, o “isolamento social” e uma “concentração residencial”. Da mesma forma que na cidade de São Paulo onde, segundo Perlongher, os requisitos não se cumprem na totalidade, em Florianópolis estes itens poderiam ser compreendidos através do desvendamento de determinados locais que possibilitam os encontros (bares, boates, etc.); o uso de um vocabulário e um discurso desenvolvido neste meio, além dos comportamentos, gestos, modas; o preconceito faria com que estes sujeitos se isolassem; faltaria apenas a concentração residencial, no entanto, em alguns locais fora do perímetro urbano já estão ocorrendo, informalmente, pequenas agrupações, como na praia do Campeche, o bairro escolhido por muitas lésbicas para fixar residência. Assim, o “gueto” florianopolitano é, de maneira similar à noção proposta por Nestor Perlongher (1987), “flutuante” e não “homogeneizante”, evidencia-se nos locais de lazer ou de atividades relacionadas às práticas sexuais: bares, boates, pedaços de praias e determinadas ruas e praças. Desta forma, uma boate destinada ao público GLS, logo passa a ser identificada como gueto, seja por seus freqüentadores ou por seus detratores. Um bar pode ser considerado gueto. Enfim, qualquer

¹³³ Em nota de rodapé, Perlongher esclarece: “Castells (1984, p. 139) refere-se criticamente à tentativa de Levine: ‘... qualquer que seja a coincidência que possa existir entre as características do gueto, como definido pela Escola de Chicago, e a experiência *gay* de organização espacial, trata-se de um argumento meramente formal e, em certos casos, enganador. De sua parte, os líderes *gays* preferem falar de ‘zonas liberadas’, e existe uma diferença teórica maior entre as duas noções: os territórios *gays*, diferentemente dos guetos, são construídos deliberadamente pelas pessoas *gays*’. Castells põe o acento nos aspectos políticos da ocupação espacial *gay*, sem prestar especial atenção às definições internas de identidade”.

lugar destinado a este público, devido à frequência desta clientela, logo passa a ser considerado gueto¹³⁴. Isto não acontece como reivindicação da criação de bairros ou espaços para “segregação” da vivência homossexual, pelo contrário, em Florianópolis observa-se tentativas de ocupação da cidade como um todo.

Neste sentido, parece-me impróprio o uso de “gueto” como categoria para explicar as áreas da cidade ocupadas pelos homossexuais para sua circulação e encontros sociais. Talvez, os conceitos que mais se aproximem desta experiência, em Florianópolis, e que serão utilizados neste trabalho, sejam as noções de “pedaço” e de “circuito”, desenvolvidos por Magnani (1998; 2000b), já utilizadas anteriormente por Godoy (2001) e Silva (2003) para descrever as territorialidades gueis de Florianópolis. Pedaço “é o lugar dos ‘colegas’, dos ‘chegados’. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e do que se pode ou não fazer” (Magnani, 1998, p. 12). A noção de circuito “une estabelecimentos, espaços, equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários” (Magnani, 2000b, p. 45). O circuito é formado por diferentes estabelecimentos que oferecem produtos e serviços e onde os usuários ou freqüentadores, mesmo que esporádicos, constróem seus trajetos ou fazem suas escolhas. Estas categorias parecem descrever melhor o uso e as apropriações dos espaços da cidade, além de os redesenharem através de pequenas redes ou intervenções. O conceito de “gueto”, apesar de muito utilizado, não parece dar conta das redes de sociabilidade por onde circulam os homossexuais da cidade e parece excluir seus participantes de uma sociedade mais ampla. Até porque estes pedaços não são exclusivamente freqüentados pelos gueis ou pelas lésbicas, e sim compartilhados com homens e mulheres com outras vivências e com diferentes características, idades, classes, etnias.

Os trabalhos de Erdmann e Coradini, desenvolvidos no programa de pós-graduação em antropologia da UFSC¹³⁵, e que têm a cidade de Florianópolis como cenário, ajudam a compreender como e quando começaram a se configurar aspectos de sociabilidade gueis. Quando Regina Erdmann escreveu a sua dissertação, no início dos anos 80, ainda não havia uma tradição de locais exclusivos destinados aos gueis e às lésbicas florianopolitanos. A partir daquela década se consolidaria a criação destes espaços (Schwinden, 2003).

Erdmann descreveu assim o cenário da época:

¹³⁴ Torna-se uma categoria nativa.

¹³⁵ Erdmann, R. (1981) *Reis e Rainhas no Desterro: um estudo de caso*. Coradini, L. (1992) *Redes de sociabilidade e apropriação do espaço em uma área central de Florianópolis*.

A *Praça XV* é um dos locais mais abertos e onde as pessoas se encontram [...] Devido à sua posição centralizadora e estratégica, ela polariza também muitos locais públicos ou semi-públicos [...] onde se encontram pessoas comuns, mas que a determinadas horas pode ser um local quase exclusivamente de encontro de homossexuais, um lugar de paquera, de pegação, nas imediações da Catedral. Ainda nessas vizinhanças, uma casa de suco atendida por jovens tidos como hippies, que se dizem adeptos da natureza, do verde, da ecologia, “... da onda legal, do sol, corpo bonito, dos sexos sem feminino e masculino, um fuminho bom...” assiduamente freqüentada por várias categorias. Além desses locais públicos, [...] existem pelo menos dez lugares de encontros, paquera e contatos iniciais. Ainda nas imediações, nada mais do que quatro cinemas, dois à direita e dois à esquerda da Catedral. De cada lado, um considerado bom e outro “barra pesada e pulgueiro, bem pornô” [...] Claro que a *Praça XV* e seus arredores não são os únicos lugares públicos de encontro e de interação das várias categorias de homossexuais em Florianópolis. Existe toda uma hierarquia de lugares, dependendo dos horários, dos dias de semana, dos tipos de pessoas que vão interagir e da natureza da ação que terá lugar [...] alguns locais apresentam maiores riscos para revelações e descobertas comprometedoras das identidades perante outros papéis que os indivíduos desempenham nas outras atividades na vida diária, já que muitos são funcionários públicos, estudantes, profissionais liberais e autônomos (Erdmann, 1981, pp 42-3).

A autora apresentou, em seu trabalho, mapas que demonstravam o papel predominante da região central da cidade no seu objeto de estudo e aonde assinalava as “áreas de circulação para encontros e contatos iniciais” (Erdmann, 1981, p. 22). Estas áreas incluíam, além da *Praça XV*, o aterro da baía sul ainda em fase de ajardinamento, o terminal de ônibus urbano, a região do Mercado Público, o mictório próximo da *Praça XV*, áreas de estacionamento público, o calçadão da rua Felipe Schmidt e adjacências, além de um novo local, a partir de 1980, “de pegação e contatos preliminares”, a região da beira-mar norte (Avenida Rubens de Arruda Ramos). Um de seus entrevistados afirmava “Não temos um bar gay fixo, exclusivo. Por isso, temos ruas inteiras” (Erdmann, 1981, p. 44).

Reverendo os trabalhos historiográficos de Ivonete Pereira (1996) e de Joana Pedro (1998) sobre vivências de mulheres na cidade e justapondo-os com os lugares de sociabilidade homoerótica identificados é possível concluir que apesar de mudarem os personagens o cenário é quase o mesmo. “As ruas da Toca, da Pedreira, Beco do Menino Deus, General Bitencourt, entre outras, foram substituídas pela Conselheiro Mafra, *Praça XV*, Hercílio Luz...” (Pereira, 1996, p. 147). Nestes lugares, os homossexuais foram aparecendo e disputando o espaço com as prostitutas. Isto permite deduzir que, mesmo a história em permanente estado de movimento, permaneceu o uso de determinados espaços da cidade por sujeitos “marginais”, assim como novos espaços foram construídos.

Joana Maria Pedro (1998, pp. 130-1) ao falar da “limpeza das ruas” ocorrida na cidade a partir da década de 70 do século XIX, afirma que se tratava de “uma tentativa de

expulsar das ruas e das áreas centrais da cidade os *indesejáveis*¹³⁶. Percebe-se neste ato das autoridades daquela época uma preocupação em delimitar os espaços para a circulação das pessoas, famílias, distintas da cidade, separando-as dos locais frequentados pelos moradores de camadas populares ou menos favorecidos economicamente.

Alguma coisa aconteceu nestes últimos 30 anos que transformou Florianópolis numa referência nacional quando se fala em homossexualidades. A afluência de visitantes e turistas, além daqueles que escolhem aqui residir, tem transformado a cidade num pólo de atração para gueis e lésbicas. Este movimento migratório é perceptível em qualquer lugar da Ilha, seja no centro, nas praias, nos *shoppings*, nas universidades... na noite. Este fato, talvez, seja uma decorrência da divulgação, por organismos internacionais, do índice de qualidade de vida local; das atividades ligada ao setor público cuja admissão é anônima e realizada através de concurso. Além do relativo anonimato encontrado numa cidade de médio porte. Outro fator pode ser a grande exposição midiática que durante algum tempo divulgou Florianópolis como a cidade “mais gay do país”, provocação realizada especialmente por Beto Stodieck. Anna Paula Vencato (2002) citou uma reportagem da revista *Veja*¹³⁷, de circulação nacional, apontando Florianópolis como uma das cinco cidades brasileiras que mais recebem turistas gueis, ao lado de Fortaleza, Recife, Salvador e Rio de Janeiro. A imprensa tem sido, tradicionalmente, como disse Ivonete Pereira (1996, p. 38) “um dos mais eficientes órgãos da elite de Florianópolis”, porta-voz das decisões “oficiais”. Entre outros tantos jornalistas, o Beto foi quem primeiro divulgou, em jornais de circulação estadual, a existência dos lugares específicos para um público GLS ilhéu, além de divulgar o carnaval, as praias, as belezas naturais do lugar.

Eles vêm que vêm, lotando vãos principalmente a partir de Congonhas, São Paulo. Na bagagem, excesso: malas e mais malas, valises e frasqueiras. Sobre o corpo, além de estampado costumezinho de linho cuidadosamente em desalinho que afinal estamos em pleno *season tropical*, ouro, muito ouro que eles não são de se mixar – pelo contrário ostentar. E ouro por tudo quanto é possível, enrolado nos pescoços e pulsos, um putó anelão lá pelas tantas no dedo mindinho... As malas atoladas de modelitos mis, pra todas as noites não há como repetir: audácia suprema! Modelos pra isso, pr’aquilo, pros bares e boates que proliferam pela baixaria da cidade, pras voltinhas ao derredor da praça, essa tentação. E como já vêm férias, só voltando após o carnaval, há aquele baú cheio de vestidos longos e suntuosos “pra matar de inveja”, sem falar nos biquinizinhos, sensação na Joaquina aonde se tostam “roscas”... Longos e minis decotados até a alma, pros bailes vários que acontecerão. Aliás, nunca jamais se viu – mais veremos – “tantas” assim... Florianópolis é a Meca gay brasileira nestes dias que precedem o carnaval. E as “nativas” injuriadas, rebatem: já não bastam as daqui?! ... E dada à quantidade, tornar-se-á, no período momesco absolutamente dispensável o uso de abanos, ventiladores e refrigeração.

¹³⁶ Entre aspas no original.

¹³⁷ Edição de 09.01.2002.

Tudo será muito naturalmente... No mais a mais, a confirmação daquele velho ditado: se há tanta procura assim, é porque a oferta abunda... (*Jornal do Beto*, nº 2, 1983. In: Schwinden, 2003, p. 41).

Diante destes fatos, o interesse pela realização desta etnografia ficava cada vez mais aguçado. Por quais espaços andariam os meus sujeitos, homens e mulheres, quando desejavam se divertir e, até mesmo, encontrar com outros homossexuais? Como eles/as viram e/ou vivenciaram as transformações ocorridas na cidade, principalmente o aparecimento dos primeiros locais voltados para sua sociabilização e lazer?

Através do relato de suas histórias de vida, havia a possibilidade de realizar diferentes leituras de um mesmo acontecimento, no entanto, quando reunidos parecia haver uma concordância em seu todo. Se a memória às vezes falhava ao tentar recordar histórias, datas e nomes, os relatos das diferentes representações se entrelaçavam possibilitando o exercício de recuperação ou reapropriação de um passado. O trabalho com diferentes gerações mostrou-se bastante relevante para identificar e retratar os espaços que foram surgindo na cidade durante os últimos 30 anos. A rememoração, no presente, de diferentes momentos da história de alguns dos homossexuais nesta cidade, fez reviverem muitos desses lugares. As histórias eram fragmentárias deixando uma incerteza sobre alguns acontecimentos. Entendo, porém, que foi mais importante ouvir o que os gueis e as lésbicas tinham para contar a respeito dos locais por onde circularam, do que verificar a autenticidade dos fatos vividos. Este capítulo é, portanto, uma discussão sobre os espaços de sociabilidade homoerótica em Florianópolis, nas últimas décadas, a partir das narrativas de 13 dos 16 sujeitos entrevistados, mesmo que em alguns momentos eu tenha recorrido a outras fontes para a construção deste trabalho. Assim, as possíveis discordâncias entre os depoimentos de diferentes informantes, falhas nas lembranças, as *descontinuidades* da memória dos narradores, provocavam a procura de mais informações em outras fontes adicionais da pesquisa. Leila (44 anos), por exemplo, falou que as travestis começaram a freqüentar um determinado bar e esta ida teria possibilitado a ocupação deste por gueis e lésbicas. Marcelo Oliveira (1997), no entanto, disse que chamava sua atenção o fato de na cidade não existir um gueto de travestis. Elas “não costumam partilhar esses espaços de forma concentrada, principalmente os bares. [Podemos encontrá-las nas] boates destinadas ao público homossexual [mas] no máximo cinco ou seis travestis por noite – que nem sempre partilham a mesma mesa ou canto da boate” (1997, p. 94). Pareceu-me importante mostrar estas falas que espelham diferentes representações do vivido.

Neste sentido, não há como apresentar as histórias como num *continuum*, seguindo uma cronologia linear que tenha implícita uma concepção de avanço, de progresso. A construção deste trabalho pressupõe uma “destruição” do passado, pois meus sujeitos empreenderam uma reconstrução de suas próprias experiências, agora passando pelo crivo da interpretação. Os relatos do passado possibilitam reflexões sobre esses vagares pela cidade. “A memória [...] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional” (Rousso, 2002, p. 94).

A partir das entrevistas que realizei foi possível deduzir que os homossexuais florianopolitanos, ou os que aqui vivem, foram construindo quase que milimetricamente cada um de seus espaços. Se, no início, houve a ocupação de alguns lugares voltados para o público hetero, com certeza não foi pela benevolência de seus proprietários. A sensação que vislumbro a cada leitura das entrevistas é a de uma reelaboração dos valores e dos costumes a cada geração. Cada qual teve que, a seu modo, desenvolver formas de ações/reações que permitiram/permitem a convivência com a heteronormatividade. A escolha em não apresentar estes diferentes processos por gerações decorre do entendimento de que no presente momento elas estão todas interagindo, espalhadas pela cidade. Didaticamente, no entanto, poderia ser feita a constatação de que a primeira geração não dispunha de lugares específicos para sua circulação; a segunda criou estes espaços e a terceira vive o período de maior visibilidade. Será que é assim, tão simples? A história, que está sempre em movimento, começa a se desenrolar demonstrando que algumas práticas e valores permanecem, convivendo com novas construções. Eis os meus sujeitos movimentando-se nos cenários da cidade. Saliento, entretanto, que se o foco está voltado para os locais por onde estes sujeitos circularam, mais do que ao fato de compartilharem uma mesma orientação sexual, isto significa que o meu interesse foi identificar aqueles espaços físicos ou simbólicos onde os homossexuais desenvolveram alguma forma de sociabilidade.

3.1. Do Samburá¹³⁸ ao Escracho: a busca de um lugar.

*A cidade não conta o seu passado,
ela o contém como as linhas da mão,
escrito no ângulo das ruas, nas grades das janelas,
nos corrimões das escadas,
de cada segmento riscado por arranhões, entalhes, esfoladuras.*
(Ítalo Calvino)

O jornalista Aldírio Simões (1942–2004), um típico manezinho, escreveu sobre histórias ocorridas em Florianópolis e com seus moradores, algumas envolvendo pessoas conhecidas e/ou folclóricas da cidade. Como um retratista, seus breves comentários ajudam a ampliar a compreensão da história florianopolitana, especialmente por que partem de relatos individuais, da situação vivida, de tradição oral, anedótica, sendo, porém, representativos de uma época ou de um grupo. Para outros estudiosos, no entanto, trata-se de visões distorcidas e não fidedignas que impossibilitam generalizações e que não deveriam ser incorporadas àquelas obtidas através das fontes oficiais.

Vasculhando seus registros descobri pequenas pérolas, como esta falando da cidade:

Nas décadas de 60 e 70 a sonolenta Florianópolis era, vez por outra, despertada com a ação das chamadas “turmas”, organizadas nos bairros mais habitados. Numa época em que as opções de lazer eram ínfimas, a juventude não tinha muito escolha a não ser assistir a sessão das moças no cine Ritz, dançar nos bailes da periferia, namorar no *footing*, perseguir as empregadas domésticas na praça 15, invadir os bares noturnos ou madrugar nas esquinas a jogar conversa fora. Era assim que o tempo passava, sem pressa, quase despercebido (AN, 18.05.99).

A nota foi escrita comentando os espaços da cidade destinados aos jovens rapazes daquela época, independente de suas orientações sexuais. Agenor (71 anos, decorador aposentado), o senhor com mais idade que entrevistei e que vivia em Florianópolis nos anos 60, disse que nunca gostou de freqüentar bares, local descrito por ele como “o ponto dos fracassados no amor. No bar, todo mundo tem problemas [...] estão bebendo por isso. Eu defino bar assim. Eu não gosto”. Este homem falou que, em sua juventude, gostava de ir às festas especialmente,

¹³⁸ De acordo com o *Dicionário Aurélio* (1986), samburá é uma palavra de origem tupi que significa um cesto feito de cipó ou de taquara, mas também pode significar “cuidar dos seus interesses, arrumar-se, arranjar-se”.

no *Clube 12 de Agosto*, que ficava na Rua João Pinto. Festas no Palácio do Governo, bailes ali na Praça XV. Antigamente se faziam bailes ali, lindos, maravilhosos, interditava-se a praça toda. Bailes no 5º Distrito Naval que eram os mais chiques do Estado. Tudo quanto era festa eu era chamado (Agenor, 71 anos).

Florianópolis foi descrita por ele como “uma cidade muito pequeninha”.

Antigamente, Florianópolis tinha 50 mil habitantes. [...] A caixa d’água que abastecia a cidade, era aqui no Morro da Caixa, no Copa Lord. [...] As ruas eram apertadíssimas, a Rua Fernando Machado, onde moro, parecia um caminho, só passava um carro e, mesmo carro, naquele tempo, existiam poucos. Os táxis eram carros de cavalo que ficavam na Praça XV, nos pontos, um atrás do outro. Era tudo mais bonito naquela época, tudo muito romântico. Essa Ilha era maravilhosa. Hoje, está tudo mudado. Mudou muito por causa do progresso. O progresso vai destruindo, vai transformando tudo, então, deixa muito a desejar (Agenor, 71 anos).

Não gostando de ir a bares, Agenor confessou que também encontrava “seus” homens na Praça...

Nos bailes... Naquele tempo era muito mais fácil, a gente ia a um baile e, pegava um, namorava. Naquele tempo não tinha zona, ... Ah! Não. Tinha zona, mas não tinha mulher [na sociedade] que transasse. As mulheres eram todas virgens e eles namoravam com estas moças e depois acabavam com a gente, entendesse? [...] A gente pegava homem, escolhia o homem, no salão (Agenor, 71 anos).

Uma outra forma de se reunir com os homens eram as festas organizadas em apartamentos particulares. Isto nos anos 60.

Eu tinha um amigo nos anos 60, ele morreu, se matou. Ele dava festas no apartamento dele, mas tudo muito reservado. Só iam homens. Todo mundo tinha muito medo da polícia e de sair no jornal. Aqui na Ilha tinha um pasquim [*Jornal A Verdade*], do Manoel de Menezes, que era um perigo. Ali, ele botava tudo quanto era podre da cidade e a gente para não sair no jornal, ‘Deus o livre’, fazia tudo muito bem reservado (Agenor, 71 anos).

Estas festas chegavam a reunir uns 15, 20 homens, alguns se vestiam de mulheres. Também em São Paulo e no Rio de Janeiro, nesta época, as interações sociais aconteciam em lugares privados, longe das hostilidades públicas e das perseguições policiais, segundo James Green (2000, p. 296). “Os membros da turma costumavam se reunir no apartamento de alguém para pequenas festas, nas quais ocasionalmente organizavam brincadeiras que imitavam os desfiles de moda e concursos de beleza. Essas eram atividades discretas”.

Esse meu amigo homossexual [o dono do apartamento] gostava muito de se vestir de mulher, sabe, mas eram poucos, muito poucos. O Celso Pamplona gostava de se

vestir de mulher. Inclusive tinha umas pernas muito bonitas. O orgulho dele era mostrar as pernas (Agenor, 71 anos).

O colunista social Celso Pamplona era uma das pessoas mais conhecidas da cidade, especialmente nas décadas de 70 e 80 quando mantinha programas diários na antiga *TV Cultura* (hoje TV Record) e na *TV Catarinense* (RBS TV). Homossexual “assumido”, apresentava todos os trejeitos de efeminação, era bastante respeitado e querido pela população local, na sua função de colunista social, organizador de festas de debutantes no Clube Doze, entre outros eventos.

Perguntado sobre as mulheres de “verdade”, Agenor respondeu: “Naquele tempo nem existia sapatona. A gente nem sabia”. A pergunta não se referia exclusivamente às lésbicas, mas à possibilidade de alguma amiga participar das festas, como convidada. A resposta rápida e curta denotou que não queria falar sobre mulheres. Quase no fim da entrevista falou de sua ida a festas recentes em casa de amigas mulheres.

As falas de Agenor demonstram o quanto ele incorporou o “espírito” de um tempo e a maneira como compreende as homossexualidades.

Aqui tinha um clube que era de solteiros, só entrava solteiros. Casado não entrava. Eu fui um dos fundadores, da diretoria do *Clube Paineiras*, mas não era de homossexual, não. Nem entrava homossexual lá. Só quem entrava lá era eu, algum da sociedade, sabe. [...] Nunca transei com homossexual na minha vida. Eu toda vida transei com machão, com macho, entendesse? Eu não gosto, Deus o livre. Uma bicha, um homossexual não pode encostar a mão em mim, agora um homem macho pode até me dar porrada que eu aceito (risos).

Como ocorreu em outras entrevistas, observei que as respostas emitidas por este entrevistado passaram por um filtro que depuraram algumas informações. O seu próprio lugar na sociedade. Digo isto porque, durante a pesquisa feita nos periódicos, folheando o jornal *A Notícia*, deparei-me com a coluna Fala Mané, de Aldírio Simões, onde há algumas notas falando de Agenor e o seu relacionamento com a cidade e seus moradores. Este jornalista também chegou a citar festas que aconteciam no apartamento de Celsinho Pamplona.

Algumas destas festas que, como pôde ser visto aconteciam em diversos apartamentos espalhados pela cidade, atingiram certa repercussão, pois anos mais tarde ainda mereceram menções em jornais de circulação estadual. Francisco (63 anos, policial aposentado), outro senhor entrevistado, também se referiu a estes discretos encontros, mas acrescentou que, entre os membros da sua turma, a escolha recaía no aluguel de casas em diversos balneários da ilha, em particular a Lagoa da Conceição e o Campeche. Isto acontecia entre as décadas de 50 e 60.

... A noite era na Lagoa. A ponte da Lagoa ainda era de madeira. Os barzinhos, os restaurantes, era tudo chão batido e tudo fogão à lenha. Então, eles pegavam camarão na lagoa, tarrafeavam e já vendiam e ali a gente comia aquele caldo de camarão. Mais adiante tinha o *Dunas Bar*, que era do Manoel de Menezes, ali fizemos muitas festas. [...] O que elas, a gente, faziam era bacanal na rua. Tinha aqueles barcos de pescadores, que ficavam ali, os pescadores não estavam e fazíamos “surubada”. [...] Ninguém tinha carro, naquele tempo, por isso íamos de táxi. Então eles começaram a alugar casas. Eu era criança e nem me envolvia, eles é que pagavam. De noite a gente transava, dançava. Tinha uma vitrola, a gente dançava e depois ia para a beira da praia. Tomávamos banho nu, cada um com o seu par. [...] Depois dali, mais tarde, eles alugavam uma casa de praia no Campeche, para fazerem festas e dali a coisa morreu (Francisco, 63 anos).

Quando Francisco fala que era criança, estava querendo dizer que era um dos mais jovens do grupo e, portanto se achava sem a obrigação de pagar. Provavelmente isto era feito por seu “caso” que era proprietário de uma casa de “zona”.

Era em Barreiros a zona. Mas, antigamente, tinha uma casa aqui no [bairro] José Mendes, da Zuleica. Tinha outra ali na descida do Hospital de Caridade, a casa da Mariquinha do Sobrado, era outra zona. Tinha ali no Mercado, [...] era outra casa de prostituição (Francisco, 63 anos).

Mesmo apresentando-se como tendo um compromisso com um outro homem, “um caso”, Francisco relata que também mantinha relações sexuais com outros homens:

[...] Só que eu, muito galinha, quando podia estava pegando bofe. Eu adorava marinheiro. Aqui tinha a Escola de Aprendizes de Marinheiro¹³⁹. Oh! Menino, o que eu fazia de marinheiro. Eles iam pro cinema, eu sentava no lado, roçava... No *Ritz*, no *São José*¹⁴⁰ [...] na sessão da tarde. A gente caçava na *Praça XV*. A maior caçação era na *Praça*, já tinha os michês, os bofes. Lá embaixo tinha o mictório, tinha o *Miramar*. A gente fazia, assim, nas construções, nos terrenos baldios. Não ia para hotel, pra coisa nenhuma. Era na rua. Agora tu imaginas se houvesse doença naquela época (Francisco, 63 anos).

Nesta sua última frase, Francisco, com certeza estava se referindo à AIDS. Uma leitura sobre a doença que a associa apenas às múltiplas trocas de parceiros. Obviamente, naquela época, o uso de preservativos, ou mesmo outros cuidados, não era tão disseminado. Interessante pensar que os comportamentos poderiam ter sido diferentes se já houvesse a “doença”.

Ainda, sobre o *Miramar*, Francisco falou:

¹³⁹ A Escola de Aprendizes Marinheiros de Santa Catarina (EAMSC) funciona na Avenida Marinheiro Max Schramm, 3028, no Jardim Atlântico. As EAM são estabelecimentos de ensino militar da Marinha do Brasil que têm como objetivo formar marinheiros para o Corpo de Praças da Armada (CPA). <https://www.mar.mil.br/eamsc/info/htm> (acesso em 16/11/05).

O *Miramar* é aqui [rabiscando um desenho do centro da cidade e *Praça XV*], é um trapiche. Aqui tudo é mar. Aqui era o ponto [do ônibus] do Saco dos Limões, onde é aquele prediozinho. O mar batia ali, também. Então, dali até lá, onde está a [sede da] Capitania [Fortaleza de Santa Bárbara] era tudo mar, vinha até o Mercado. Aqui na frente tinha um bar, o *Miramar*, a gente caçava ali. Levava ali atrás e fazia ali mesmo. Ah! Eu fiz muito... (Francisco, 63 anos)

Questionado se este bar poderia ser considerado uns dos primeiros bares voltados aos homossexuais, isto entre as décadas de 60 e 70, Francisco respondeu:

Olha, bar gay, aqui, não tinha. Só houve o *Samburá*, mas acabou logo. O *Poema* também não era um bar gay. O *Poema* alugava, aqui embaixo, o porão pra fazer shows, mas bar gay não tinha, quem dizer que tinha, mente. Era uma coisa fechada, ninguém sabia [...] a gente era convidado especial. Eles faziam concurso de miss Bangu, que era uma paródia ao famoso concurso de miss Brasil que, em Santa Catarina, era realizado no Clube 12, na rua João Pinto. [...] Era um porão pequeno e cada uma com sua fantasia. Uma querendo ser mais *chic* que a outra. Vestidas de mulher... Ah! Era a glória (Francisco, 63 anos).

Francisco também falou sobre o bar *Samburá*:

O *Samburá* foi o primeiro bar gay, mas acabou logo. Durou uns dois anos... acho que nem dois. Ficou muito famoso, o povo aqui é muito falador, né, acabaram. Acabou por pressão da Igreja. [...] Naquele tempo, eu tinha doze, treze anos e um amigo me contou sobre um bar de bichas, ali na Operária. Era só homem, era homem com homem. [...] O prédio é que era da Liga Operária, não tinha a ver com os operários. Eles botavam uns biombos, um negócio na frente para esconder o que acontecia lá dentro. Não tinha muito movimento, mas as bichas iam ali para fazer o seu *affair*. As bichas eram poucas, todo mundo tinha medo, vergonha, mas eles faziam festas escondidas, festas homéricas.

Este bar teria existido em meados dos anos 50 e, segundo Francisco, teria sido fechado por pressão da igreja católica, mas sem precisar como isto aconteceu. “Que eu lembre nunca houve repressão, a polícia nunca se meteu ou mexeu com veado. Nunca aconteceu comigo, ao menos, também não havia travestis. Não tinha essas coisas antigamente”. A associação da repressão policial com a existência das travestis pareceu-me recorrente nas falas deste homem, que também era policial. Talvez, a presença das travestis fosse mais clandestina, não aparecendo tanto, ou elas não circulavam pelos mesmos meios sociais que Francisco. De qualquer forma ele atribui a maior visibilidade das travestis à existência dos movimentos gueis.

Só no carnaval os homens se travestiam de mulher. Os travestis vieram muito tempo depois. Em 75, 76 apareceu um travesti que trabalhava no Juju Calçados, ali eles

¹⁴⁰ Cinemas que existiram nas ruas paralelas à Catedral Metropolitana, nos arredores da *Praça XV* e citados também pelos entrevistados de Erdmann (1981).

começaram a aparecer. O tempo dos travestis começou a surgir com esse negócio de movimento gay (Francisco, 63 anos).

James Green (2000, p. 332) afirma que foi somente após a ressignificação social das homossexualidades e sua iminente visibilidade que ocorreu a apropriação e a transformação de bares e casas noturnas como locais de sociabilidade entre os homossexuais. Isto não quer dizer que não haveria, antes do final do século XIX, outras formas de sociabilidade entre eles, no Brasil. Foram, segundo o autor, os famosos bailes de travestis, no Rio de Janeiro, que fortaleceram os movimentos anti-opressão, possibilitando assim um aumento da tolerância social e, conseqüentemente, a criação de pontos de sociabilidade homossexual mais explícitos. Peter Fry & Edward MacRae (1983, pp. 96-97) localizam a origem do movimento guei na batida policial no bar *Stonewall Inn*, na noite de 28 de junho de 1969.

Para Francisco (63), o *Samburá* foi a primeira experiência de um bar guei na cidade e depois dele, voltaram a acontecer somente as reuniões em casas particulares, ou furtivas paqueras em bares comuns. Além das caçadas, pelas ruas.

Mais tarde apareceu o bar *Universal*, na frente do Hotel Querência. Tinha uns bares de prostitutas, ali na rua Conselheiro Mafra, tinha o *Cristal Lanches*, também... Onde tem o edifício Dias Velho era um bar, não me recordo o nome, tinha de tudo ali. A gente se encontrava ali, o *Roda Bar* apareceu bem depois, mas este também nunca foi um bar gay.

Apesar de não considerar o *Roda* um bar gay, Francisco afirmou que “ali, a gente fazia muitas pegações”. E, depois, já nos anos de 75, 76 apareceu o *Escovinha*, que logo se transformou num ponto onde as “bichas” iam se encontrar. “O *Escovinha* ficava ali na rua Padre Miguelinho, atrás do Banco do Brasil, aonde funciona uma casa de molduras. Ali, foi o começo de bar gay”.

Perguntado pela presença de lésbicas nestes ambientes, Francisco reforça o caráter da invisibilidade destas mulheres. Cita a irmã (Belinha, 61 anos, funcionária pública aposentada) que manteve um relacionamento com outra mulher e só muito mais tarde é que ele veio a descobrir.

Lésbica não tinha. Lésbicas não existiam na noite. Eram só bichas. [...] Tinha mais era reservado, escondido, assim. [...] Fui descobrir bem depois que minha irmã já tinha um caso, nossa o tempo passa! (Francisco, 63 anos)

Como Agenor, também Francisco mantinha poucos contatos com as lésbicas. O comentário emitido pelos dois faz parecer que elas realmente não existiam, mesmo que um

deles seja irmão de uma. Buscando entender esta invisibilidade fui atrás das mulheres e acabei falando com três delas. Procurei algumas com mais idade e, apesar de bem recebido, todas se recusaram a falar. Talvez esta recusa ainda seja reflexo desta “vida anônima”, talvez tenha ido a portas erradas. Tereza Sell (1987) também se deparou com esta dificuldade. Acabei entrevistando duas mulheres na faixa dos 50 anos que relataram experiências de antes da abertura daqueles ambientes de lazer considerados gueis e/ou lésbicos, mas que diferiam muito pouco daquelas entrevistadas que considerei da segunda geração. Apenas Belinha, a irmã de Francisco, tinha mais idade, 61 anos, tendo, portanto, como ele a vivência de uma outra época. Mas diferente da dele, bem mais reservada.

Quando comecei a trabalhar eu logo comprei um carrinho, um fusquinha. Na época, era um carro que todo mundo gostava e com esse fusquinha o que eu fazia era meditar [...] O carro me levava a uma praia e ali eu fazia minha meditação [...] as asas já podiam bater e, então, eu fui aprendendo e desenvolvendo esse lado sozinha; não gostava de ninguém. [...] Nessas voltas eu encontrei uma pessoa, que pensei que era um rapaz, era uma mulher e fomos num certo local, em Coqueiros. Eu notei uma atitude diferente naquela moça, eu notei uma coisa esquisita, pois, até então eu não tinha tido um relacionamento assim. Nem sabia que existia (Belinha, 61 anos).

O relato desta mulher vem ao encontro das observações dos outros dois senhores entrevistados, quando afirmam que desconheciam os relacionamentos lésbicos. Neste depoimento, Belinha estava se referindo ao início dos anos 70, quando já contava com quase 30 anos, já tinha uma profissão e acabara de adquirir o seu primeiro automóvel que, com certeza, possibilitou-lhe maior autonomia para se deslocar entre as diferentes praias da cidade. Nesta época, a praia da Joaquina era a sua favorita para a prática da meditação, mas também era uma praia que estava sendo descoberta pela juventude de então. Os entrevistados de Erdmann (1981) também citam a praia da Joaquina e a Lagoa da Conceição como pontos propícios para “pintar alguma coisa”.

Quando conheceu sua primeira namorada, pedindo carona e vestida de motoqueira, Belinha logo se apaixonou e foram viver juntas. Uma história de vida, como dito anteriormente, bastante diferente da vivenciada pelo irmão. Sobre seus momentos de lazer, à época, afirmou:

Eram somente acampamentos. Uma vez ou outra, um barzinho, mas era muito raro. Eu não bebia, aprendi a beber com ela. Fumar, todos esses vícios, saudáveis. [...] Eu ia numa boate que havia em Coqueiros, *Capelinha*. Gostava muito de ir lá. Eram homens e mulheres, tudo, não era só de mulheres. Não era aquele clube fechado para mulheres. Se eu disser que nunca fui numa boate dessas, você morre de dar risadas (Belinha, 61 anos).

A presença em bares ou boates, como pode ser percebido, é uma questão pessoal que não implica numa vivência melhor, nem pior, mas diferente. Se Belinha e Agenor viveram suas juventudes sem procurarem por estes espaços, houve outros homens e mulheres que procuraram justamente nesses locais os seus relacionamentos. Assim foi com Francisco e com Mariza (53 anos, enfermeira). Pessoas “inquietas” que teimavam em freqüentar os lugares voltados para o público heterossexual e lá formarem seus grupinhos.

No início a gente saía muito de Florianópolis, íamos para São Miguel [em Biguaçu]. Era um lugar de comer ostras, de tomar cerveja. Como eram lugares de beira de estrada, de passagem, então, não tinha muita gente conhecida. E, também, nos reuníamos nas casas das pessoas. Era um grupo basicamente de mulheres, mas que também tinha alguns homens, 3 ou 4. [...] Tinha um lugar na frente do *Roda* que era uma confeitaria bem chique, de família, chamava *Elite*. Depois começamos a freqüentar um lugar que acho era, um pouco, um puteiro da época. Não era bem um puteiro, mas era um bar de encontro, talvez não de prostitutas, mas dos camaradas com suas amantes. Um lugar não muito convencional que se chamava *Meu Cantinho*¹⁴¹, ficava na rua Jerônimo Coelho, eu acho. Era um negócio meio de farinha, não era um lugar muito de família, sabe, mas era um lugar bem *chic*. Não tinha sacanagem aparente, um lugar bem fino, bem servido. Eram esses os lugares que a gente ia. Não tinha, assim, lugares para nós (Mariza, 53 anos).

Mariza tinha um grupo de amigas “entendidas” que eram mais velhas do que ela. Estas mulheres dispunham de carro, novamente ele, que possibilitava seus deslocamentos, seja até o município de Biguaçu, seja para as saídas noturnas pela cidade. Elas freqüentavam a confeitaria e, com exceção de Mariza, também o *Roda Bar*. “Eu era pequena ainda. Só ia à confeitaria”. As pessoas pareciam continuar a seguir, mais ou menos, o mesmo estilo de vida: encontros nas casas e idas esporádicas aos bares da cidade.

Com a entrada na faculdade, ainda nos anos 70, Mariza descobre o *Escracho*, o bar dos universitários.

Nesta época, tinha um lugar que ia uma moçada mais doida, onde a gente podia namorar, tanto os meninos quanto as meninas, que era o *Escracho*. Não era um bar de lésbicas, era um bar universitário. Ficava lá na rua Álvaro de Carvalho, onde é o DCE¹⁴². Foi um bar fantástico, muito bacana, mesmo. Todo mundo que vinha fazer show na cidade passava por lá. Então, a gente tinha um *tête-à-tête* com todos os artistas nacionais da época. [...] Era permitido tudo, podia qualquer negócio. [...] Maconha, a gente fumava na Felipe Schmidt. Descia do *Escracho*, às vezes, ia à esquina da Felipe e a gente fumava ali embaixo. Ninguém sabia o que era (Mariza, 53 anos).

¹⁴¹ Outra pessoa que também chegou a freqüentar o *Meu Cantinho* disse que se tratava de um dos primeiros bares escolhidos pelos professores da universidade para seus momentos de sociabilidade e que também era bastante freqüentado pelas famílias florianopolitanas.

¹⁴² O antigo prédio aonde funcionava o Diretório Central dos Estudantes, da UFSC.

Marilange Nonnenmacher (2002, p. 45) lembra que nesta época a rua Felipe Schmidt ganhou o calçadão e “tornou-se uma espécie de ponto de encontro da ala jovem da cidade, além de representar o espaço de lançamento das novidades culturais”. Beto Stodieck, na sua coluna d’ *O Estado*, encarregou-se de divulgar esta nova imagem da rua, agora um local de sociabilidades direcionado para grupos da elite da cidade. Segundo Nonnenmacher (2002, p. 46) os “intrusos” eram logo revelados nas matérias do citado colunista.

E está vindo gente de tudo quanto é tipo para cá. Não sei se ocorreu alguma notícia que acontecerá um baile de travesti por aqui, mas a quantidade de brixas (mistura de bichas com bruxas) que está chegando à Flops¹⁴³ não poderia ser maior. Já não bastam as que aqui gorjeiam? Passem pela Felipa depois das dez da noite e saquem o bando das de fora pra lá e pra cá notando e sendo pichadas (As pontes que me perdoem, mas a Felipe é que é a tal. *O Estado*, 25.03.1975. In: Nonnenmacher, 2002, p. 46).

Nesta época, diz Ricardo (46 anos, autônomo), “em 1972, 1973, nasceu o melhor da sacanagem que Florianópolis já teve que é o Aterro da Baía Sul. Nesta época, o aterro começou a ser construído. A cidade que já era urbana ganhou uma área extremamente erma, fora dos olhares do centrão”. Para este informante a construção do aterro logo se constituiu numa área de sacanagem, “isso à noite e também de dia”.

Eu vou te falar de Florianópolis daquele tempo. Foi o melhor tempo, com certeza, não por eu ser jovem, ou isso ou aquilo. É que era um tempo em que a cidade estava se desabrochando para as novidades. Era um tempo em que a cidade era muito ela mesmo, era um tempo em que a cidade tinha uma sexualidade muito alta (Ricardo 46 anos).

Estas lembranças sobre a “sexualidade” da cidade, das descobertas da cidade, estão nas memórias de Ricardo. Parece haver uma mistura de suas histórias pessoais com as histórias contadas sobre a cidade. Ele foi o entrevistado que mais falou em relações sexuais de forma explícita e o único a admitir “problemas” em relação às polícias nos seus giros por Florianópolis.

A cidade era um marco pra gente. Eu gostava daquele clima da Felipe Schmidt, passava carro, tinha umas lanchonetes da tarde e aquela montoeira de homens parados, esperando a mulherada. Eu saía do Instituto de Educação e fazia o caminho Academia de Comércio, o Correio, atravessava a Praça XV e entrava na Felipe até o terminal de ônibus que, na época era lá nas Lojas Americanas, Na Praça Pio XII. Todo este trajeto era um *frisson*. As meninas queriam ver os meninos, os meninos queriam ver as meninas e os que gostavam dos meninos também ficavam pra ver os

¹⁴³ Flops e Felipa eram a forma como Beto Stodieck se referia à cidade de Florianópolis e a rua Felipe Schmidt, na década de 70.

meninos na Felipe. Em Florianópolis sempre foi muito fantástica essa coisa do namoro, porque, desde que me lembro, as pessoas sempre tiveram um olhar muito direto e que tu compreendias que podia rolar alguma coisa. [...] Acabei transando com vários deles ali na Felipe Schmidt ou no aterro. [...] No começo, o aterro era um amontoado de areia de dunas e esses amontoados faziam barreiras. Transava-se atrás desses amontoados [...] Tu sabes que em Florianópolis nunca teve muita repressão com essa coisa da homossexualidade, em nível de violência policial. Olha bem o que quero dizer, não estou dizendo isso com conhecimento de causa, o que quero falar é que eu nunca passei por problemas assim. Nunca passei é um caralho. Claro que passei, passei por situação jocosa, de policial querer tirar sarro da tua cara, essas coisas. Mas nunca vi uma cena que levasse porrada de polícia porque o cara era veado, certo? O que se levava era uma coisa jocosa, eles tiravam um sarro, aquela coisa toda, mas no fim diziam vai te embora (Ricardo, 46 anos).

Para Ricardo o *Roda Bar* e o famoso *Escovinha* foram o começo de tudo, eram os locais para onde os homens iam, depois do trabalho, para tomar um *choppinho*. Ele disse que via o *Clube Paineiras*, que marcou fama na cidade como afirmou Agenor, como o primeiro lugar para os gueis da cidade, “foi o primeiro bar aonde beijei um homem na boca, em público”. Mas o *Escracho Bar* foi, segundo seu ponto de vista, o mais famoso bar para os gueis da época.

Eu ia ao *Roda*, que era um bar ao lado da Churrascaria Riosulense, no centro. [...] O *Escovinha*, que começou como uma lanchonetezinha, lá nos anos 70. [...] Então, havia o mais famoso bar da cidade para os gays, evidentemente, que se chamava *Escracho*. Veja só que coisa curiosa era o bar do DCE, da UFSC. Como era um bar mais liberado atraía o povo gay [...] Era um bar moderninho, vamos dizer, aonde tocava Elis Regina, Milton Nascimento. [...] Florianópolis sempre teve uma geração de gays poetas, de gays escritores... eram os gays Fernando Pessoa (Ricardo, 46 anos).

Ricardo cita que também freqüentava a boate *Capelinha* e o bar e restaurante *Tritão*, ambos em Coqueiros, “locais da moda que viviam cheios”. Para ele, “era tudo muito liberado, não tinha essa coisa de gueto, o gueto não existia em Florianópolis. Existiam locais mais discretos de caça ou pegação”.

No início da década de 70, Sofia (55 anos, cabeleireira) chegou em Florianópolis vinda de Antônio Carlos, um município próximo da capital e essencialmente agrícola. Veio com uma namorada disposta a arranjar um emprego e mudar de vida, depois que terminou um noivado. Aqui, logo encontrou um grupo de mulheres e, na falta de um lugar específico onde ficassem mais à vontade, também passaram a fazer pequenas reuniões em casas particulares.

A gente se encontrava e fazíamos uma festa. Era um bando muito gostoso. Às vezes alugávamos uma casa, ou nos encontrávamos na casa de uma delas. Fazíamos um jantar, cada uma levava um negócio, uma bebida e ali ficávamos curtindo, entre a gente. Uma apresentava a outra. Na rua era difícil (Sofia, 55 anos).

Para Mariza, da rua Álvaro de Carvalho, aonde as coisas foram ficando mais explícitas, as mulheres e homens homo-orientados voltaram para a rua Padre Miguelinho, onde começava a se configurar o que chamou de “circuito da lama”.

Em 78, 79, a *Casa do Suco* era um lugar que também não era um lugar gay, mas que era bastante freqüentado. Não rolava, claramente, beijo na boca, Nada disso, mas você podia ficar com sua namoradinha de mãos dadas e não tinha mistério. As pessoas que iam naquele bar eram tudo uma moçada mais largada. Ficava em frente ao *Cine São José*. Do outro lado da rua tinha o *Escova*, que era um lugar, assim, meio *underground*. Então, juntava de tudo e tudo estava bacana. Era um lugar de artistas, de drogados e de diversidade sexual, todo mundo convivia. Era o *circuito da lama* (Mariza, 53 anos).

Como pode ser observado nos depoimentos apresentados, o que provavelmente não se trata de uma novidade, os homossexuais deste período freqüentavam os mesmos lugares destinados aos heterossexuais. Trata-se de um movimento comum a muitos outros lugares do país. Se a revolução homossexual, que ficou simbolizada na revolta norte-americanos do *Stonewall Inn*, chegou ao Brasil apenas no início da década de 70 (Green, 2000), é compreensível que Florianópolis levasse ainda algum tempo até a abertura dos primeiros espaços destinados aos sujeitos homossexuais.

3.2. A criação dos espaços: o “circuito da lama”.

*O cenário não é mais uma tentativa
de reconstruir fielmente um ambiente. [...] Tudo é imediatamente uma imagem.
[...] Um mundo convertido em teatro.*
(Nelson Brissac Peixoto)

Os anos iniciais da década de 80 ficaram marcados como aqueles que viram o aparecimento dos primeiros bares voltados para um público homossexual. Desde aquele período, sempre houve algum bar ou boate abertos e público suficiente para os manterem em funcionamento. Quase todos, no entanto, seguiram um mesmo roteiro: foram criados para atender uma clientela heterossexual, mas alguns gueis, algumas lésbicas ou até mesmo algumas travestis começaram a freqüentá-los e eles foram ampliando o leque de atendimento, até, em alguns casos, ficarem voltados exclusivamente para o atendimento deste público. Outros foram criados já pensando neste filão de mercado.

Recorro à entrevista de Leila (44 anos, funcionária pública) que mostra um pouco do ambiente da época.

A minha vida mudou completamente quando, num domingo, conheci uma amiga num bar da Beira-Mar, o *Espetinho*. Não era um bar gay. Ela estava com um amigo que também era entendido. Ele já freqüentava uma boate, aqui no Centro, que a gente nem sabia, desconhecia que era para homens. Era a boate do *Escova*. [...] Ele achava que nós devíamos abrir um espaço pra gente. Então, numa noite ele levou a gente nesta boate e começamos a freqüentá-la. [...] Tinha algumas mulheres que iam lá, que era a [nome] e a outra era a [nome] que era uma cabeleireira, mas não era gay. Ia só de farra. No começo, principalmente os travestis estranharam, não gostaram muito da presença de mulheres, mas os outros rapazes que iam começaram a comentar com suas amigas e apareceram muitas mulheres dentro da boate do *Escova*. Daí, nós começamos a ter o primeiro lugar para ir (Leila, 44 anos).

Esta boate era do mesmo proprietário do bar do *Escova*, ou *Escovinha*, só que agora ela funcionava em outro endereço. Os dois muito próximos da *Praça XV*. Quando o bar na rua Padre Miguelinho fechou, foi aberta a boate na Rua Fernando Machado. No início, a freqüência maior era de prostitutas que foram sendo substituídas pelas travestis, que levaram consigo os gueis, que também trouxeram as lésbicas. Os gueis e as lésbicas estavam finalmente conseguindo um lugar para freqüentar sem tanta vigilância, mas até chegarem ao local eles tomavam uma série de cuidados, como deixar o carro estacionado em frente da Catedral.

Era tudo muito incrível, muuuuuittto doido. Primeiro porque a cidade ainda não era aberta para esse tipo de coisa e era um lugar, assim, bem *underground*. Era uma coisa até meio assustadora. Freqüentavam alguns homens que, acho, não se assumiam, provavelmente escondidos, que iam encontrar travestis. Então, era uma barra meio pesada. Como as famílias da maioria das meninas não sabiam, não podíamos estacionar os carros próximos. Na época, ainda se podia passar em frente à Catedral, e a gente deixava os carros lá. Não sei quem é que ia achar que a gente estava fazendo alguma vigília. [...] Era uma boate que tinha, na porta, um lugarzinho para espiar. A gente batia, a dona abria, via quem era, pagava-se e entrávamos (Leila, 44 anos).

Estou comentando, evidentemente, a partir da visão de uma mulher oriunda das camadas médias da população, universitária e branca. O clima *underground* sugerido pode ser compreendido como uma manifestação da contracultura, uma recusa em reproduzir os valores da sociedade. Leila disse que nessa boate havia uma mistura das diferentes camadas sociais, étnicas e socioculturais. Há, nas entrelinhas, a necessidade de se encontrar um lugar que abrigasse toda essa gente, mas eles também vão se diferenciando, evidenciando algumas categorias sociais, às vezes até com um tom de discriminação ou preconceito.

No início houve algumas caras feias, mas nada além. Nenhum tipo de agressão. Logo em seguida, acho que depois de um mês, a gente já estava freqüentando normalmente, sem nenhum problema. Como começou a ir muita mulher, então ficou outro astral, acho que ficou até mais positiva porque não ficaram só os homens. Sem querer fazer, não fizemos nada, a freqüência foi melhorando um pouco. Esse homem que ia mais à caça começou a ver mulher e se restringiu, ficou meio temeroso de ver alguma conhecida e comentar com a esposa. Então, a freqüência melhorou muito.

Não era nada, mas melhorou muito. Começou a ir muita gente de nível médio para alto, pessoas bem arrumadas, conhecidas. [...] Uma amiga levava outra, ia se descobrindo mesmo na rua, na universidade. Foi formando um grupo. Esse lugar abriu o leque para conhecer pessoas da cidade. A partir daí mudou tudo (Leila, 44 anos).

A possibilidade de interação com outros homossexuais, talvez seja um dos aspectos mais positivos da criação de um “circuito” de bares e boates, na cidade. Como afirmou Leila, nestes locais muitos acabaram se descobrindo e formando um grande grupo de amigos. Integrando-se até fora destes “guetos”, através de práticas desportivas.

A minha turma se encontrava na casa da [nome]. Era uma turma, agora, grande, mas começaram a vir mais meninas de Blumenau e Joinville, que conhecíamos em alguns jogos de handebol, aqui em Florianópolis. [...] A maioria era estudante, então tinha pouco dinheiro, comprava-se uma garrafinha de vodka, tomava com coca-cola e gelo e íamos para o *Escova*. Isto na sexta e no sábado, que eram os dias que abria. [...] Enquanto a gente freqüentava o *Escova*, abriu um bar próximo que era o *Brasileirinho*, um pouco mais abaixo, mais perto do *Roma*, ainda. Começamos a ir ao *Brasileirinho* antes de ir para o *Escova*. Era um lugar pra você tomar uma cervejinha, encontrar, bater um papo, que não fosse uma boate, porque na boate não dá para conversar, era mais para dançar (Leila, 44 anos).

Esta chegada ao novo bar, no entanto, não foi tão pacífica quanto a ida ao *Escovinha*.

Começamos a freqüentar o *Brasileirinho*. Fomos umas três noites e na quarta o dono, que ia sempre na nossa mesa, veio conversar dizendo que tinha colocado uma mesa pra gente no porão, porque o bar dele... [...] Eu respondi: “então, nós não vamos ficar. Se for pra gente ir pro porão nós não vamos ficar”. Pedi para o pessoal se levantar e eu consegui pegar duas garrafas de cerveja, vazias, que tinha sobre a mesa e saí com elas. [...] Ficamos ali na rua, tinha uma escadinha. Eu joguei a primeira garrafa lá dentro porque queria que ele sáisse. Não queria conversar com ele lá dentro do bar dele. Queria conversar na rua. Aí joguei a segunda, ele saiu. Peguei a minha carteira, eu nunca me esqueço. Disse para ele: “Estás vendo isso aqui? É dinheiro, igual ao de todo mundo. Tu abriste teu bar para ganhar dinheiro? Tem duas mesas lá dentro. Nós estamos em 12 e vêm mais 12 aí; ou tu deixa a gente entrar ou tu vais fechar”. Ele deixou entrar, fez amizade conosco, apresentou a esposa. Depois eles fizeram uma boate no porão, então o bar virou gay. Um espaço muito melhor, mais tranqüilo, feito pra gente. Foi uma debandada natural do *Escova*, porque não havia gente suficiente para encher os dois. O *Escova* ficou como era antes, com mais travestis e homens. A galera mais antenada, mais jovem começou a freqüentar o *Brasileirinho* (Leila, 44 anos).

Estavam começando a se configurar os espaços destes sujeitos na cidade. Uma “galera” mais “antenada” conquistava, a garrafadas, um lugar exclusivo. Importante salientar que, no momento, estavam presentes homens e mulheres, portanto não partiu apenas dos gueis ou das lésbicas. Esta, talvez, seja uma característica destes espaços na cidade, homens e mulheres, desde esta época, estiveram juntos. Outro aspecto, em pouco tempo os mesmos

jovens que deixavam seus carros em frente à catedral e corriam para entrar numa boate, num lugar tipo sótão, “tínhamos que subir uma escada horrorosa”, agora freqüentavam um bar aberto, com luminosos à porta, sem precisar se esconder. O *Brasileirinho* funcionou de 1980 a 1982 e de acordo com Schwinden (2003) era freqüentado por Celso Pamplona, colunista social; Beto Stodieck, jornalista; Ciro Maciel, cabeleireiro, entre outros. “Cada grupinho se instalava numa parte do bar/boate, um tentando ‘arrasar’ com o outro, desde a maneira de vestir até a sua condição financeira” (Schwinden, 2003, p. 23). Pode-se observar que estes espaços têm em comum a busca de sociabilidade e lazer, mas são atravessados por algumas diferenças como as de classes sociais e gerações. Um dos discotecários daquela casa, Paulinho, disse para Isair Schwinden que os homossexuais “que não são bobos, que são como uma praga de gafanhotos, tomaram o local de assalto, foi a investida deles para ter um espaço onde pudessem freqüentar sem serem policiados e/ou criticados”.

Segundo Leila, finalmente eles haviam conseguido um lugar mais tranqüilo e seguro, mesmo que a boate ficasse num porão. Com certeza, também, mais elitizado.

No *Escova* dava medo, mesmo. Teve uma vez que um cara puxou um revólver e saiu dando tiros. Tinha pessoas de todos os níveis, onde se misturava tudo, por falta de opção. [...] Mas foi no *Escova* que tive a maior experiência da minha vida ao participar de uma gincana que teve lá. [...] Era uma gincana com duas equipes só de homens, quando começamos a freqüentar lá a gincana já existia. Numa noite, eu estava em casa, o telefone toca e era um desses rapazes me perguntando se eu queria representar a equipe deles desfilando de miss na boate. Eu falei que não, de jeito nenhum, mas fui à boate na semana seguinte e tomei todas e quando o cara passou por mim eu disse que podia buscar o maiô que eu ia desfilhar. Em dez minutos ele conseguiu um maiô azul marinho, uma sandália. Quando fui lá pra trás do palco não avisei ninguém. Alguém me maquiou, me penteou, fez o diabo lá comigo. Eu estava tão doida que não vi que só tinha eu e, na hora que abriu a cortina, estava só eu lá. Recebi a faixa de “miss sapatão” por WO, primeira e única. Quando a turma me viu foi muito engraçado; alguns travestis viraram e disseram: aquela loira. Ficaram muito chateados, mas passou, foi uma brincadeira. Recebi a faixa do prefeito, que estava lá (Leila, 44 anos).

E o famoso *Roma* que emprestou seu nome a um pedaço do carnaval ilhéu?

Ah! O *Roma* veio mais ou menos junto com o *Brasileirinho*, porque nesta época a gente começou a ir para o carnaval de rua, mas não tinha carnaval de rua num lugar específico. Como este bar ficava aberto até mais tarde e o *Brasileirinho* não abria neste período, começamos a ficar no *Roma*, tomando uma cervejinha. De vez em quando passava um bloco de sujo e, aí, a gente começou a tentar ter algum espaço para ficar durante o carnaval, mas como bar. Ali, a gente apanhou muito, foi o lugar em que a gente mais apanhou (Leila, 44 anos).

Ricardo aponta a violência que existia entre os foliões da Praça XV, como um dos fatores responsáveis pela ocupação do *Roma* pelos homossexuais durante o carnaval.

Quando eu morava em São Paulo já ouvia um certo bochicho, sabíamos que o ponto de encontro dos gays era no *Roma*. Na verdade, o carnaval teve origem na Praça XV, a gente que é mané só brincava na praça. O carnaval se estendia em volta da praça com os blocos de sujos, mas chegou um momento, depois, nos anos 80, que a violência aumentou e o pessoal começou a procurar um lugar mais reservado. Assim surge o carnaval do *Roma* (Ricardo, 46 anos).

O carnaval da avenida Hercílio Luz, ou do *Roma* como ficou mais famoso, tem origens desconhecidas. Eu ouvi diferentes personagens atribuindo a si e à sua turma o pioneirismo na (des)organização da festa. Acredito que a criação deste espaço de carnaval foi uma decorrência da ocupação desta região da cidade, e do próprio circuito que começava a se formar ao seu redor. O *Roma* ficava situado numa avenida larga, sem canteiros no meio, e nas suas redondezas havia dois hotéis que hospedavam muitos turistas que se montavam para a festa e ali era um espaço que necessariamente teriam que percorrer ao se dirigirem ao carnaval na Praça XV. Ali perto também se realizava o tradicional Baile Municipal, no Clube 12 de Agosto, um dos principais clubes da elite local, que sempre despertou a curiosidade da população local, especialmente para verem a chegada dos blocos, ou das pessoas e personalidades convidadas. Outra atração do Municipal eram os concursos de fantasias, do qual participavam também gues locais e de outras cidades do país.

No início era assim, a gente brincava em frente da Catedral, aonde havia um palanque. A gente se montava pra brincar o carnaval durante o dia, à tarde. Saíamos por ali sacaneando, vestidos de mulher, mas todo deformado, aqueles peitões de almofada, perucas bem exageradas. Nada organizado. Tudo roupa sacana, mas sempre de salto. Aquelas coisas femininas, mas bem escrachadas. Até que um dia chegaram uns moleques de morro e empurraram o João, que na época era meu namorado e fomos pro *Roma*, para descansar, ver se melhorava a perna dele. Mas o Valdir que era muito espoleta começou a desfilar ali, na calçada do *Roma*. Aí o meu namorado disse que já estava bem e também começou a desfilar. Depois fui eu e o resto da turma, todo mundo estava vestido de mulher. Assim começamos a brincar por ali e, até hoje, só brincamos ali. A prefeita podia até dar uma plaquinha em homenagem, né, pois o carnaval gay começou ali com a gente. Isso foi no sábado e as bichas todas que vinham de Porto Alegre se hospedavam no *Hotel Ivoram*, na época era o *Ivoram*. Elas viram a gente brincando ali e desceram e começaram a brincar conosco. No outro dia o guarda já botou, desviou o trânsito por cima, aonde é o estacionamento. Ele mandava a gente brincar no estacionamento, mas nós queríamos era brincar na rua. Passava um carro e a gente subia, mexia. Tinha um ponto de táxi, antes da rua. Quando eles estacionavam em frente do *Roma* nós pegávamos uma carona, subíamos em cima do capô do carro, vinha um caminhão de lixo, nós grudávamos na porta do caminhão. Os turistas chegavam e a gente ficava ali sacaneando-os, carregando mala. No outro ano nós marcamos para ficar brincando ali, também. Fizemos amarelinhas no chão, no asfalto, começamos a brincar de “paquita”. Uma amiga, que é advogada, loirinha, era a Xuxa e ali a gente começou e até hoje o carnaval está lá, daquele jeito. Todo mundo começou a brincar ali, era mais tranquilo, não tinha tanta sacanagem e os gays brincavam sem serem molestados. [...] O *Roma* já tinha um “Q” de ser um bar gay (Mário, 41 anos, policial).

Marco Aurélio da Silva (2003, p. 03) afirma, no seu trabalho sobre este pedaço do carnaval ilhéu, que a festa teria começado nos anos 70 e “reunia artistas, jornalistas, intelectuais e adeptos da contra-cultura e, sem deixar de abrigar esses grupos, foi aos poucos se tornando o centro do carnaval GLS da cidade”. Sua fonte foi a coluna “Raul Sartori”, do jornal *A Notícia* (01.03.2001). Ainda, segundo Silva (id.) “no final dos anos 80, a prefeitura passou a organizar a festa – que até então acontecia de forma livre, junto com as manifestações do carnaval de rua –, através da colocação de palco com banda ao vivo”. Já na década seguinte a Secretaria Municipal de Turismo teria passado a divulgar este carnaval que reunia “o maior público do carnaval de rua da Ilha, cerca de 10 mil pessoas por noite” (id., p. 04). O carnaval, sem dúvida, trouxe muita visibilidade para o incipiente circuito que estava começando a se formar em Florianópolis. Ocorreu uma reestruturação dos ambientes ocupados pelos gueis e pelas lésbicas que favoreceu, segundo Silva (2003, p. 46) “uma reconfiguração do carnaval gay e sua consolidação na década seguinte”.

O *Bar e Pizzaria Roma* já existia há algum tempo e resistiu até o mês de novembro de 2001, na esquina da avenida Hercílio Luz com a rua Fernando Machado. Na verdade, funcionou durante 25 anos, sempre no mesmo lugar, nunca se caracterizando como um bar voltado exclusivamente aos homossexuais. Durante o dia servia refeições e à noite era freqüentado por muitos homens. Era um bar que ficava aberto até altas horas da noite e, neste sentido, sempre atraía aqueles que queriam tomar uma última cerveja, ou estavam “caçando” alguém para fazer um último programa. Sempre teve uma procura dos homens gueis e não havia restrições a suas presenças. Com o aumento do movimento de gueis e lésbicas em função dos bares *Escova* e *Brasileirinho*, também o *Roma*, às vezes, era invadido por estas turmas e aí, alguns problemas começaram a ocorrer. Havia noites em que os garçons eram proibidos, pelos proprietários, de atenderem qualquer pedido dos homossexuais. Em outras ocasiões, talvez a maioria delas, num determinado período, o bar era freqüentado quase que exclusivamente por gueis e lésbicas e algumas travestis.

Um dos entrevistados de Schwinden (2003, p. 28) ao falar do *Roma* disse, “eu me lembro perfeitamente que era uma ‘ferveção’ (sic). Era um bar ‘hétero’, mas como tinha fama de bar gay, bar de veado [...] a gente ‘esquentava’ no *Roma*, onde todo mundo bebia e depois saía para a boate.”

Mário, no entanto, recordou que houve um período que os proprietários colocaram algumas mesas numa espécie de *mezzanino*, um segundo andar improvisado, aonde também funcionava a cozinha e o banheiro do bar. Era um lugar totalmente fechado, com muito cheiro de frituras, escondido da vista dos outros freqüentadores do bar.

O *Roma* foi um bar gay, em cima. A parte superior do bar era privativo para gay, tinham mesas onde o dono do bar fazia vistas grossas e deixava os meninos namorar, deixava as meninas namorar. Nunca teve preconceito lá em cima, embaixo ele pedia pra amenizar a coisa (Mário, 41 anos).

Leila recorda que neste bar as meninas chegaram a apanhar de outros clientes:

Apanhamos muito dos homens. Quando eles vinham para cantar ou tentar alguma proximidade e percebiam que as mulheres estavam juntas, ali eles agrediam. A gente foi muito agredida. Continuamos ali, mas fomos muito agredidas. A [nome] levou uma surra em frente do *Roma*. Eu apanhei no *Roma*. Fui no balcão, pedi uma cerveja e um cara veio e me deu um soco. Fui defendida por um dos rapazes que estavam por lá que também era gay. Conseguiu botar o cara na rua (Leila, 44 anos).

As brigas, no entanto, às vezes partiam das próprias mulheres, o que acabou por criar um certo estigma de briguentas.

Tinha algumas meninas que eram bem brabinhas, eu era braba, mas sempre tentei ser educada nos lugares que freqüentei. Principalmente com os donos, para ter confiança, para poder adquirir espaço, mas havia alguns casais de mulheres que tinha aquele estereótipo de que uma é mais masculina e a outra mais feminina. Então, se havia algum tipo de assédio, aquela que tinha o papel de macho, sempre partia para a briga, muito rápido. Brigavam com os homens, mesmo. Os donos de bar já não queriam mais receber, já não queriam mais que entrassem porque se incomodavam com este tipo de gente. Teve época que o *Roma* se recusava a servir a gente. A gente ia lá, pedia uma cerveja e eles demoravam a servir. Demoravam muito, tinha que ser no cansaço (Leila, 44 anos).

Depois o *Brasileirinho* foi adquirido por um guei que transferiu a boate primeiro para a rua Marechal Guilherme e, em seguida, para a escadaria do Rosário. Esta foi sem sombra de dúvidas a mais famosa boate guei de Florianópolis, nos anos 80. A *Oppium*, citada inúmeras vezes por Beto Stodieck, foi palco de inúmeras festas na cidade, que reuniam especialmente gueis e lésbicas das camadas médias e universitárias. Para as mulheres, no entanto, nem tudo foram flores.

Porque o Ricardo tinha muito preconceito contra as mulheres. Ele era mais um cara que queria ganhar dinheiro a qualquer custo e não tinha muita paciência com as mulheres. Então, a gente sofreu um tipo de preconceito e brigas. Muitas mulheres deixaram de freqüentar.

Ele era gay, mas era um empresário da noite, um cara muito dinheirista eu acho, ele só queria era tirar o dele. [...] Depois ele fechou [o *Brasileirinho*] e abriu outra [a *Oppium*] na escadaria. Primeiro foi lá em cima e depois lá embaixo. O Ricardo era uma pessoa que realmente não gostava, na época, que as mulheres freqüentassem as casas dele. Por qualquer coisa ele botava para fora, uma discussão, uma coisa... Inclusive, ele, às vezes, cobrava mais caro para as mulheres, para desestimular elas de irem à boate. Mas elas insistiam, era o espaço que se tinha. Durante muitos anos ele foi o único. [...] Na época, não havia muito casal, assim, e as mulheres partiam para a briga por muito pouco, por um pisar no pé, por um encostão (Leila, 44 anos).

Em seu trabalho, o historiador Isair Schwinden (2003, p. 21) afirma que “o proprietário [desta boate] era odiado pela maioria dos homossexuais da cidade; mas como não tinha outra opção de lazer, eles tinham que freqüentar aquela boate”. Os meus entrevistados homens não fizeram referência ao proprietário da boate, a não ser para nomeá-lo e associado à boate, “a boate do Ricardo”. Ainda, de acordo com Schwinden (2003, p. 18) há sobre a boate *Oppium* diversos registros nos jornais da época, o primeiro está no *Jornal do Beto*, nº 16, de maio de 1983. Porém, foi na sua coluna no *Jornal de Santa Catarina* que o Beto falou do sucesso que esta boate vinha fazendo na noite da Ilha, principalmente “como espaço de encontro de homossexuais [...] da elite florianopolitana”.

Taí uma boate destinada ao apelido; aquela ali da escadaria do Rosário... Originalmente chamada *Oppium* – pelo perfume, é claro e não pela droga – com os dias, pra de imediato classificar freqüência homogênea – e alma gêmea –, passou a ser chamada de “gato e sapato”. O que dispensa apresentações, diz o nome, diz tudo – e vai quem quer. Porém, com a procura a cada dia maior – não só pela incrível quantidade de adeptos locais, além dos curiosos (curiosos?), mas pela Meca que a Ilha de repente é – e daí ser assim, tão procurada por gente dos quatro quadrantes – já está sendo chamada de “três por quatro”. O que em absoluto quer dizer que seja a proporção dos seus habituais: em cada quatro, três..., mas, sim, pela tradicional medida que aperta entre quatro paredes, o excelente som e o assanho por demais. É *Oppium* a três por quatro entre gato e sapato (Beto Stodieck, *JSC*, 28.12.1983. In: Schwinden, 2003, pp. 18-19).

Segundo o autor, o Beto sempre falava nesta boate, mas não citava os outros bares e boates que já existiam em Florianópolis. Na única vez que o colunista falou na boate *Studio Masmorra*, ele a desqualificou.

A boate *Oppium*, o furor noturno gay da escadaria do Rosário, está trocando de mãos. Ricardo Medeiros o seu criador e até então proprietário, numa lucrativa transação, acabou de vender o seu “complexo” a uma senhora gaúcha que pretende diversificar a freqüência. Ou seja, não apenas dedicar espaço aos alegres rapazes de vida fácil (e risco mais ainda...), mas, sim, a quem interessar for, independente de suas preferências sexuais. Em suma, aberta a todos inclusive aos seus freqüentadores – que já estão optando por um novo – e *punk* – endereço, a *Masmorra* (também conhecida como a “mais pó”). Esta localizada ali, na Rua Fernando Machado, justo onde um dia, há muito tempo, funcionou o *Brasileirinho* de tantas e bocas. Mas antes que a *Oppium* mude de mãos, Ricardo se despede promovendo a terceira “Noite do Brilho”, este ano a 15 de janeiro, tendo como atração a esfuziante Elke Maravilha – mais bicha impossível. Portanto, por ora, tudo como dantes... (Beto Stodieck, *JSC*, 28.01.1985. In: Schwinden, 2003, p. 19).

A *Oppium* foi responsável por colocar Florianópolis no circuito guei do país, na década de 80. O seu proprietário trouxe para a cidade diversas atrações nacionais e, além das já citadas Elke Maravilha e Lady Francisco, vieram a Rogéria, Os Leopardos, e até Roberta

Close se apresentou na boate. Segundo Beto Stodieck, a *Oppium* também foi o primeiro espaço público local dedicado aos shows de transformistas.

O *gay power* ilhéu – e nada ilhado – está em ânsias com vistas (borradas de rímel) à noite, quando a *Boate Oppium* (na escadaria do Rosário) recebe enorme *bouquet* em torno de uma festa que vai dar o que falar e rebolar: “A noite da Beleza”, comemorando três anos de ininterrupta atividade e animação. Do Rio – exatamente do show da Galeria Alaska, “Gay Fantasy” – virão algumas das mais prestigiadas estrelas da “gayatice” nacional, nada menos do que Senhorinha Rogéria Pinto e a Andréia Gasparelli (que igualmente samba sob o apelido de “Gal da Mangueira” – a escola de samba e não o que vocês estão medindo...) e mais Kátia Vick e Eliane Muniz; apesar dos nominhos, longuinhos e silicones decotados, são homens sim, como não?! A festa, que começa pra lá das onze da noite, homenageará os profissionais da beleza da cidade, muito dos quais fregayeses da casa – e que receberão troféus alusivos; um pente de ouro, coisa assim, nada além da imaginação (Beto Stodieck, *JSC*, 30.09.1985. In: Schwinden, 2003, p. 20).

A *Oppium* teve uma longa duração, funcionou de 1982 até 1990. E durante algum tempo também fez parte do “circuito” carnavalesco, pois foi a primeira a realizar o Gala Gay: nesta noite organizava uma passarela por onde os homens travestidos desfilavam. Este evento, registrado por Beto Stodieck, reunia um grande número de curiosos que se alojavam pelos degraus da escadaria.

Nesta época de folia momesca, convites chovem pra compor esta ou aquela comissão julgadora a concursos de fantasias – principalmente aos bailes gays que abundam pelaí. Tanto a boate *Oppium* – que realiza enfiada de bailes alusivos nos quatro dias de muita brincadeira – quanto a *Shampoo* – onde na segunda o grupo “*Dizzy*” faz o seu tradicional “baile dos Enxutos” – estão “exigindo” a presença da coluna para julgar “as meninas” às passarelas “especialmente arrumadas”. E pro “III Gala Gay” que a *Oppium* promove na escadaria do Rosário, à frente da boate, na noite de sábado agora, além da coluna, outras “personalidades” foram convocadas. Entre as tais, o próprio prefeito Edson Andrino que com seu irresistível ar de príncipe submarino com certeza arrancará “ohs” e “ais” da “Platéia especializada” (No Reino da Bicharada. *JSC*, 06.04.1986. In: Schwinden, 2003, p. 45).

Esta nota cita dois outros espaços situados, na época, na avenida Beira-Mar Norte. A boate *Dizzy* funcionou durante muitos anos e começou basicamente com uma frequência de universitários, mas foi se direcionando para um público composto de casais e pessoas de mais idade. Assim, o Grupo *Dizzy* acabou criando a boate *Shampoo*, voltada para um público mais jovem. Aproveitando o fluxo de turistas na época do carnaval acabaram criando na cidade os “bailes dos enxutos”, famosos no Rio de Janeiro. Estes tiveram curta duração, mas abriram para a possibilidade dos homossexuais freqüentarem aquela boate de forma mais explícita, o que ocorreu durante algum tempo.

Em 1984, foi aberta a boate *Studio Masmorra*, no mesmo local aonde funcionou o bar e boate *Brasileirinho*. Aliás, A boate também ficava no porão, em cima funcionava a *Petisqueria Brasileirinho*, sob nova direção. Também começou como bar voltado para um público heterossexual, mas logo o espaço foi re-apropriado pelos gueis e lésbicas. A boate tinha suas paredes pintadas imitando pedras, como numa prisão medieval, uma masmorra. Nos fundos do casarão foi montado um anfiteatro para montagens de pequenas peças teatrais, às vezes os próprios freqüentadores da boate improvisavam a peça, mostrando-se como atores. Havia nesta boate uma presença considerável de *punks* e *darks*. Diferentes tribos que se formavam na cidade e que não eram, necessariamente, homossexuais. Beto Stodieck descreveu assim aquele ambiente:

O *Studio Masmorra* como uma casa noturna que tem tudo para ser punk mesmo, menos o público. No seu quarto está o esquife do Conde Drácula (versão 1603 a 1769) usado para uma performance nos palcos da *Masmorra* – uma antiga prisão. Quando não há artistas, eles improvisam e acabam agradando. Porém, antes de entrar no caixão, Charles Chaplin recomenda na parede afeição e doçura. A leitura mortuária é um gibi da Margarida. A violência é algo apagado na vida de Kaká. Eles lamentam o nefasto provincianismo da cidade (*O Estado*, 13.08.1986).

Kaká, o proprietário desta boate, disse a Schwinden (2003, p. 17) que “as homossexuais femininas é que geralmente davam mais trabalho com relação à ordem na boate, sendo que, às vezes, era necessário retirá-las”. Segundo ele, os freqüentadores da *Oppium* difamavam sua boate, espalhando boatos que ali as pessoas “eram mortas, agredidas ou roubadas”, mas “nunca houve problemas com a polícia, nem mesmo por conta dos tumultos que às vezes se formavam em frente da *Masmorra*”. Nem Kaká, nem Schwinden explicam que tipo de tumulto eram estes que aconteciam em frente da boate. A boate funcionou até 1989.

O preconceito contra as lésbicas e a generalização de um comportamento mais agressivo como característico destas meninas, ocorria de forma bastante explícita em alguns meios. Inclusive o jornalista Beto Stodieck parecia reforçar esta discriminação em algumas de suas notas, ou apenas estava escrachando, como fazia com tudo e todos.

Não apenas gays de todo o país procuram Florianópolis nesta época do carnaval – mas igualmente a “sapataria Brasil” em peso aqui se encontra, fazendo confundir cheiro de lança-perfume com o de chulé – o que há de se fazer, não é mesmo? Mas fundamental salientar que há diferença entre as meninas de voz rouca e pinta de surfista e que são fãs de Bethânia, da Marina, da Ro-Rô, da Simone (são tantas, são muitas, são todas). Há das mais audaciosas e bandeiras e que se comportam tal qual mal encarados motoqueiros – melhor visualizando – e há das mais “femininas” (se assim podemos classificá-las); as tais sapatilhas – as sapatilhas da Ilha que

formam um balé dos mais numerosos... (rara é a família local sem a sua representante) (Beto Stodieck, *JSC*, 08.02.1986. In: Schwinden, 2003, p. 45).

A ocupação de determinados espaços ocorreu quase sempre em concorrência com outras populações marginalizadas. Fazendo parte de uma outra turma, Maria fez um percurso diferente, começou pelo *Roma* até dar uma volta pelo *Escova*.

Nos anos 80, às vezes, a gente ia ao *Roma*. Depois surgiu o *Brasileirinho*, o bar do *Escova*, que era uma boate, não era bar. E assim conheci a nata e a podridão da homossexualidade... [...] Vivía a noite de segunda a segunda. Ali, na rua Vidal Ramos tinha um bar maravilhoso que fazia uns crepes... Era o *Degrau's*, muito bom ali. Nós fazíamos muitas festas, até em São José, numa boate de lá, com a turma da Leila, na *Beijos e Beijos*. Tinha o *Bananas* que era muito bom, o *Pinga só Pinga*, que tinha um pessoal mais eclético assim, mais *hippie*. O *Maçã Verde*, que a gente chamava de Maçã Podre (risadas). Sempre sonhamos com lugar bonito, legal. Daí apareceu o *XV, 16* que ficava na Praça XV e era um bar bem pequeno mas muito aconchegante. Era de duas mulheres, funcionou onde hoje é o Teatro Armação (Maria, 48 anos, autônoma).

O *Degrau's* funcionava na esquina da escadaria do Rosário com a rua Vidal Ramos e talvez tenha sido o último bar no centro voltado para os jovens das camadas médias e altas da cidade, que na época já começavam a freqüentar a avenida Rubens de Arruda Ramos, a famosa Beira-mar Norte. O *Banana's* funcionou por algum tempo na rua Araújo Figueiredo e foi o bar freqüentado pela maioria dos atores que trabalharam na montagem local da peça *Zumbi dos Palmares*, que ficou meses em cartaz no Teatro Álvaro de Carvalho (TAC). Havia uma confluência de artistas, jornalistas, estudantes e, entre eles, muitos gueis e lésbicas. Segundo Schwinden (2003, p. 27) “era um bar fino, de intelectuais”. O *Pinga só Pinga*, como o nome indica, só trabalhava com cachaças e era um pequeno bar de balcão na rua Saldanha Marinho. O *Maçã Verde* ficava situado na rua Artista Bitencourt e foi um dos primeiros bares criados para uma clientela homossexual.

Sofia, oriunda das camadas populares e que chegara a Florianópolis pouco antes da abertura destes bares, recorda que “nos fins de semana a gente ia pro *Roma*, onde se encontrava a turma. Ali era um local para esse encontro mesmo”. Via no local “um encontro total de homens e mulheres. Pessoas que gostavam do mesmo assunto”. No entanto, ela acabou descobrindo que gostava mesmo era de ir aos bailões espalhados pela cidade e arredores.

Eu cheguei aqui em 74. Foi em 80 que comecei a encontrar esse pessoal, a conhecer esse pessoal. Elas me levaram pra esse tal de *Roma*, depois começamos a ir numa tal *Casa do Suco*, aonde o Frank cantava, tocava violão e cantava. Passava noites inteiras ouvindo ele. Depois eu arrumei uma amante e passamos a curtir os bailões.

Rapaz, como eu vivi. Ela gostava muito de pescaria, ela era menina, tinha 25, 26 anos. Eu tinha 13 a mais. [...] Começamos a ir num bailão no Saco Grande, depois num em frente do Shopping Itaguacú, em São José. No *Guarani*, da Palhoça. Dançávamos a noite inteira, bailávamos, uma delícia. Depois descobri que ela gostava muito era de beber e não parava (Sofia, 55 anos).

Este depoimento é importante, pois demonstra que havia uma diversidade de experiências de gueis e lésbicas. As experiências homo são atravessadas de várias formas por outras categorias como classes sociais, níveis educacionais, etnias, geração, além das preferências pessoais. Rosane Godoy (2001), que realizou seu trabalho a partir dos relatos de lésbicas, escreveu sobre a necessidade de desconstrução de modelos de vida hegemônicos e, para tanto, foi em busca das diferentes inserções sociais destas mulheres. A autora encontrou informantes de camadas populares que freqüentavam os famosos “bailões”, “espaços diferentes dos descritos até o momento, pois não são conhecidos como locais de freqüência tipicamente homossexual” (p. 43). Nos bailões, as mulheres dançavam juntas e acabavam por formar redes de sociabilidade. Algumas bastante masculinizadas, “tanto na forma de se vestir quanto no estilo de se portar” (id.). A autora também apontou para a presença de algumas travestis nestes lugares, formando espaços gueis dentro dos limites mais extensos dos bailões, na Grande Florianópolis.

Através do relato de alguns dos informantes das 1ª e 2ª gerações que se identificaram como ativos participantes da abertura dos primeiros bares e boates, é possível observar como eles citam um uso abusivo de álcool e algumas outras substâncias consideradas ilícitas. Sofia disse que a “amante” gostava muito de beber. Mariza afirmou que fumava maconha em plena rua Felipe Schmidt. Maria fala nas drogas e Ricardo nas bolinhas.

Uma argentina montou um breque na praia dos Ingleses. Eu ajudava, a primeira batata frita eu levei da minha casa, porque todo mundo se drogava, não davam conta de nada, entende. E daí o pessoal aparecia, o pessoal gay aparecia e tinha que comer. Eu meio que me drogava, mas ainda assim conseguia segurar. Fazia uns pratos feitos e tudo. A gringa trazia um *spray* pra passar, pra tirar dor muscular e a gente cheirava aquilo. Fazia bim, bim (Maria, 48 anos).

A bolinha era o costume da minha geração. Ela era mais acessível, a maconha era muito difícil. A bolinha era mais barata porque se bebia com cuba, que era a bebida dos bailinhos, pois embora eu estivesse na noite da Ilha, também freqüentava a vida social do bairro. Sempre freqüentei o *1º de Maio*, de Barreiros. Nos domingos era fatal, sempre ia para o clube (Ricardo, 46 anos).

Não era só no centro da cidade que estes jovens se encontravam. A estação de veraneio possibilitava a realização de muitas festas nas casas de praia, assim como a abertura de diferentes bares, de norte a sul da Ilha.

Eu organizava altas festas na praia da Daniela, levava uma turma, a gente pintava e bordava. Teve festa de aniversário que apareceu tanta gente que até hoje encontro pessoas que dizem que estiveram lá e eu nem vi. Depois a vizinha dizia tudo para minha mãe, coitada! Mulheres beijando mulheres. Mulheres peladas. “Ah! Se o teu pai sonha, meu Deus! Ainda bem que ela veio dizer pra mim”.

No início dos anos 80 a família da [nome] abriu um barzinho de verão na Barra da Lagoa, era demais. Era um quiosquezinho na praia, mas era repleto de gays. Basicamente, só freqüentavam gays. Ficava aquilo assim, aquele pedaço de praia era só para os gays e lésbicas. Muito bom mesmo. Uma época super gostosa.

A [nome], uma argentina, também montou um breque na praia dos Ingleses. Noutro verão duas meninas abriram um bar no Pântano do Sul. A gente ficava no camping, mas ali a coisa era mais amena, era uma coisa mais organizada. Eu trabalhei com elas, ajudava na cozinha. Foi bem legal também (Maria, 48 anos).

Também em São José estas turmas foram procurar espaço para se encontrarem, fora do circuito já estabelecido de bares.

Programamos uma festa em São José, “Beijos e Beijos”. Uma amiga deu a idéia na época, era 80 e poucos, talvez 84, para formarmos uma equipe de handebol e disputarmos o campeonato estadual. Como algumas já jogavam, aquele pessoal que eu te falei e que vinham de Joinville, Blumenau, nós aceitamos. Elas já estavam meio que encerrando a carreira, mas resolvemos fazer uma festa para arrecadar dinheiro para poder pagar as taxas da Federação. Então, alugamos a *Beijos e Beijos*, em São José, era uma boate hetero. [...] Nossa! Foi um horror em São José, porque só entraram gays. Os funcionários, o pessoal que atendia não acreditava porque o pessoal se comportou normalmente, como se estivessem numa boate gay (Leila, 44 anos).

Ricardo resumiu assim toda esta história:

Quando eu retornei para Florianópolis, aqui tinha o famoso *Maçã Verde*, lembra? Tinha a boate do Ricardo, chamada *Opium*. [...] A boate da escadaria que, na verdade começou na rua Marechal Guilherme, em frente de um colégio. Existia uma boate gay na frente de um colégio, para uma cidade daquele tamanho, naquela época, convenhamos é bem moderninho. [...] Os lugares do passado... teve muitos lugares. Teve um lugar que eu expus, o *Divina Comédia*, que era um restaurante. Aquele era um tipo de lugar que representava bem a cidade. A dona era uma norteamericana [...] Que saudade daquele bar, que saudade daquele bar! Era um restaurante, era um bar, mas que na verdade todo mundo ia. Era o último lugar de tribo, genérico, aliás, o último bar genérico. [...] Daí tentaram trazer o movimento gay pro Kobrasol, não deu. Abriam o *Sky*, foi um bar que durou até um certo tempo. Estou falando, agora, dos anos da virada dos 80 para os 90. Aí aparece em cena, novamente, o *Havana*, que se tornou um bar bem liberado. [...] Teve a *Masmorra*, lembra? Era uma boate, em cima havia um bar, não lembro o nome. Era um bar que todo mundo ia. Tinha um negro com uma negra, um velhinho com uma mulher numa roda de boêmios. Um monte de travestis. Era uma coisa completamente à vontade. Esses foram os locais que freqüentei. Bom, claro a *Chandon*. A *Chandon* foi uma boate que marcou mesmo. Talvez, a única coisa empresarial gay que houve, que eu ouvi falar. Esse é o grande e glorioso império histórico. [...] Por outro lado, não há coisa que se perpetue, uma coisa que crie uma tradição. Coisa que Porto Alegre tem aos montes. Porto Alegre tem um puteiro que faz 150 mil anos que existe que é o *Discreto's*. Tem o *Enigma*, quantas décadas existe o *Enigma*? (Ricardo, 46 anos).

O *Divina Comédia* ficava na rua Padre Miguelinho. O *Havana*, bar freqüentado principalmente por estudantes e intelectuais de esquerda, funcionava na Saldanha Marinho e durante alguns anos também organizava um carnaval de rua na frente do bar, que configurava, junto com os carnavais da Praça XV e do *Roma* o circuito momesco. A boate *Masmorra* funcionava na rua Fernando Machado, no mesmo lugar do pioneiro *Brasileirinho*. A boate *Chandon*, no seu início ficava nos altos da rua Felipe Schmidt e só mais tarde é que se transferiu para a rua Henrique Valgas.

Mário refez, assim, o seu circuito:

Depois da *Oppium* teve o *Maçã Verde*, depois teve *Masmorra*. A *Masmorra* era ali ao lado do *Roma* e o *Maçã Verde* era perto do *Florianópolis Palace Hotel*, que dispõe de sauna. Depois também teve um outro barzinho ali atrás do posto era o *Queóps*, era um tipo, o cara fez uma fachada de pirâmide, era legalzinho, tudo mais à surdina, era muito mais discreto. Os locais que Florianópolis teve eu sempre fui para conhecer, para freqüentar uma vez ou outra. Teve uma vez que o Ricardo tentou fazer uma boate lá em cima na cabeceira da ponte [Hercílio Luz], uma boate muito *chic*, mas não deu certo. Não deu tanto público assim, de repente pelo acesso, o povo sem carro, que dependia de ônibus, não apareceu. Ele também abriu uma outra na frente do Colégio Coração de Jesus, mas também não deu certo (Mário, 41 anos).

Este último bar, citado por Mário, chamava-se *Fin-de-siècle* e impressionava por sua “ousadia”, na época. Em um grande casarão funcionava um bar com vários ambientes, inclusive com uma sala de sinuca, cuja freqüência predominantemente era de mulheres. No porão funcionava uma boate. Neste bar apareceram, publicamente, as primeiras *drags* de Florianópolis. Durou pouco este bar, logo o seu proprietário voltou para a Escadaria do Rosário, aonde abriu sua última boate na cidade, a *Ominus*.

Mas por que “circuito da lama”? Mariza, uma entrevistada da primeira geração é quem explica.

O circuito abrangia aquela região do centro as ruas Padre Miguelinho, Anita Garibaldi, Fernando Machado, Saldanha Marinho, avenida Hercílio Luz, porque toda a baixaria rolava ali, por isso se chamava *circuito da lama*. Era uma região ocupada por um pessoal mais *underground*, por isso se chamava lama, era um lugar, assim, dos artistas da cidade. Vamos dizer, assim, era um lugar do pessoal diferente, de alguma forma. Uns pela prática trabalhista, outros pela prática de uso de drogas, outros pela diversidade sexual. As diferenças estavam ali (Mariza, 53 anos).

O hábito de desqualificar o “circuito” por onde circulavam, parece ser uma característica desses anos iniciais. Talvez como uma resposta às precariedades dos locais oferecidos, ou talvez uma simples brincadeira. Mas, acima de tudo, pareceu-me que se tratava de uma maneira de estabelecer uma noção de “código-território” (Perlongher, 1993, p. 57)

aonde se ressaltassem menos as características de seus frequentadores (sentido descritivo) do que uma maneira de regular relações e passagens (sentido prescritivo). Apesar de que um mesmo público frequentasse estes diferentes espaços, como afirmou Silva (2003, p. 54), havia uma distinção por camadas sociais ou níveis de escolaridade. Quase todos os entrevistados trouxeram a informação de como eles e seus pares se referiam aos locais que frequentavam, e se pode perceber algumas “pérolas” de trocadilhos com os nomes dos principais bares e boates. Assim, *Maçã Verde* virou Maçã Podre, *Divina Comédia* era Divina Tragédia, a boate *Masmorra* era boate Mais Morra ou Mais Pó, as boates que vieram em seguida também não fugiram à regra e ficaram conhecidas como Podrevi, aquela que se chamava *Notre Vie*, e Bagaceira a *Ominus*, etc.

Um outro bar que foi bastante conhecido na cidade, apesar de não ter sido citado por meus entrevistados, foi o *Fulanos & Florianos*, sobre o qual a nota de Beto Stodieck serviu de epígrafe para esta parte do trabalho. Este bar funcionou na rua Presidente Coutinho e atraía, além dos homossexuais, diferentes tribos, em particular os *darks*. Uma de suas principais atrações era a existência de um palco, em cima do balcão, aonde se realizavam pequenos esquetes, aconteciam shows, ou ainda, onde os presentes poderiam improvisar alguma apresentação.

3.3. A visibilidade de hoje: beijaço e abraçasso, sem parada.

*Nós não temos que dizer que somos orgulhosos
por sermos gays.
Nós temos orgulho de sermos seres humanos,
filhos de Deus.
(Léo Áquilla, 27.06.99)*

Em 27 de junho de 1999, os 30 anos do levante de *Stonewall* foram comemorados com uma carreata pelas ruas do centro da cidade de Florianópolis. Tudo começou às 18h quando cerca de 100 pessoas se concentraram em frente à *Boate Chandon*, na rua Henrique Vargas, nas proximidades do Terminal Rodoviário Rita Maria, para comemorar o dia do “orgulho gay”. Comandadas pelo transformista Léo Áquilla, as *drag-queens* capricharam na montaria, produções coloridíssimas e, ao som de *hits* como *It's Raining Man*, deram um show, sob fogos de artifício.

A carreata saiu da *Chandon*, carregando a bandeira do arco-íris, percorreu a avenida Beira-Mar Norte, subiu a avenida Mauro Ramos, entrou pela avenida Hercílio Luz e

prosseguiu pela avenida Paulo Fontes até o retorno para a boate. Segundo um dos organizadores a festa foi um sucesso, pois era raro reunir tantas pessoas numa cidade onde ainda é difícil assumir a homossexualidade. Aliás, segundo o jornal, também havia heterossexuais presentes ao evento (*DC*, 28.06.99).

Rosane Godoy que esteve presente nesta “parada” assim a definiu:

Por volta das 19 horas iniciou a passeata comandada por um carro de som, o carro abre-alas onde estava a *drag* madrinha, Leo Águila, de São Paulo. Na verdade não foi uma passeata, pois somente os homens que estavam “montados” é que estavam andando. A passeata virou uma carreata, com buzinas tocando e pisca-alerta ligado. [...] A reação do público era diversa. Alguns aplaudiam, buzonavam, mas de maneira geral, todos correram às ruas para ouvir e observar o que estava acontecendo. O que pude observar foi que a participação das mulheres foi mínima. Algumas muito tímidas nos carros. Na verdade, os homens que mostravam suas caras, na rua, estavam “montados” (Godoy, 2001, p. 29).

As gerações mais novas de gueis e lésbicas encontraram uma certa estrutura de locais de lazer que, no entanto, não foi acompanhada de avanços tais que possibilitassem a realização de paradas gueis. A imagem divulgada de Florianópolis como uma “cidade guei” ou “paraíso para os gueis”, talvez só se realize no carnaval ou no canto esquerdo da Praia Mole. Estes são locais abertos, mas como afirmou Silva (2003, p. 48) seguem “numa mesma lógica territorial de bares e boates, ou seja, não há impedimento nenhum para que pessoas ‘de fora’ freqüentem [...] a idéia de que ‘este é o nosso lugar’ acaba sendo a chave para a sensação de liberdade que não desfrutariam em outros territórios”. Por outro lado, há ainda, na cidade, muitos espaços que não são receptivos às manifestações das homossexualidades e aqui também ocorrem episódios de violência contra gueis, tanto quanto em outras cidades brasileiras, especialmente para com as travestis. A principal batalha das novas gerações, talvez esteja sendo a de colocar suas imagens nas ruas. Uma luta que nem sempre é acompanhada por seus pais. Júnior (18 anos, estudante) disse que alguns de seus amigos e amigas foram expulsos de casa quando resolveram se “assumir”. Isto, agora, em pleno século XXI. O antropólogo Marco Aurélio Silva (2003, p. 09) falando de sua vivência no carnaval da avenida Hercílio Luz afirmou:

ser ou estar gay em Florianópolis é ainda, aos olhos de muitos, viver uma vida clandestina que não deve ser anunciada publicamente. A afirmação parece exagerada se considerarmos a formação, nos últimos 30 anos, de uma cultura GLS, em que o *Roma* e dezenas de bares e boates marcaram uma presença nada clandestina.

Quando Adriana (23 anos, secretária) começou a namorar uma outra garota, elas passaram a freqüentar um clube social na vizinha cidade da Palhoça, até para fugir da vigilância de seu pai.

A gente ia muito num clube, que tinha na Palhoça, o *Cruzeiro*. Fui algumas vezes lá, meu pai não deixava muito sair, ficava meio trancada. Eu fui uma única vez, com ela, numa boate gay, a *Notre Vie*, na Praça XV. O *Cruzeiro* é um clube de bailão. Um clube hetero, mas havia lá bastante meninas lésbicas, eram umas meninas bem masculinizadas. Tinha aquelas que eu conversava, meio que formando um grupinho. Por ser um lugar hetero, a gente tinha o nosso cantinho, o canto esquerdo do salão. Eram duas pistas, uma de rock e a outra de vanerão. [...] A minha irmã também saía com a gente, ficava numa outra pista e nós na de vanerão. Na época ela nunca desconfiou de nada. [...] No *Cruzeiro* eu me sentia em casa, pelas amizades que tinha feito ali, mas não conseguia me soltar. [...] Eu observava uma certa malícia das meninas, por debaixo da mesa, uma pegada de mão, uma coisa assim. Mas também havia um lugar que era o ponto de encontro, o banheiro feminino. As meninas ficavam se paquerando, se comunicavam e iam pro banheiro. Ficavam lá horas e horas. Aconteceu daquelas moças que ficam cuidando do banheiro bater na porta e ficar xingando: “Vamos sair do banheiro sua sapatona”. Mas nem por isso ninguém se inibiu (Adriana, 23 anos).

A presença de lésbicas nos bailões foi estudada por Rosane Godoy (2001) e o roteiro descrito pela autora acabou sendo percorrido por Adriana. No *Clube Cruzeiro* a minha entrevistada conheceu uma garota que a levou até o *Bahamas*, agora em São José.

No *Cruzeiro* conheci uma menina, ela já era mais maliciosa, já tinha tido outros envolvimento. Trocamos o telefone e começamos a nos ligar. Ela freqüentava, nessa época, um outro clube hetero ali em São José, o *Bahamas*, um lugar que todas as minhas primas freqüentavam. Comecei a me enturmar com minhas primas só pra ir nesse *Bahamas* com a intenção de encontrá-la. A minha mãe ficou super feliz porque eu estava mudando de clube, estava andando com minhas primas. Ficou bem mais tranqüila (Adriana, 23 anos).

Assim, indo em ambientes que considerava como “heteros”, Adriana foi com a namorada ao *Bier Haus*, na rua Anita Garibaldi. “Não era um lugar onde se encontravam homossexuais, tinha um povinho meio hetero, ali no início”. Neste bar, ela encontrou com Guido (21 anos, garçom) que é seu irmão e ela nem desconfiava que fosse guei. Ele estava numa rodinha de amigas e de “uns rapazinhos com aquele jeitinho de *gayzinho*” e a convidou para irem à boate *Chandon*. Mas elas já haviam decidido ir para outra boate, a *Notre Vie*, que chamavam de “Podrevi”. Eles acabaram se encontrando nesta boate: “foi a primeira vez que tive um momento íntimo com minha namorada na frente de alguém de minha família”. Como já havia bebido um pouquinho permitiu que a namorada a agarrasse, “ela me beijou e o meu irmão aplaudiu. Bateu palmas e ao mesmo tempo começou a chorar, aí fui até lá e o abracei”.

Enquanto ia descobrindo os lugares “homos”, Adriana continuava a freqüentar os clubes e os bailões.

Fui no *Flamengo* não faz muito tempo, foi no final do ano. Fui uma vez com minha mãe e a minha companheira, numa quinta-feira. Nesta noite havia um pessoalzinho, um grupinho de entendidas. Agora a gente sabe, por comentários, que há um grupo bem maior por lá, que o pessoal está se deslocando pra lá, acho que em virtude do *Cruzeiro* ter acabado. Esse pessoal acabou todo indo pro *Flamengo*, de Capoeiras (Adriana, 23 anos).

Quando ela e a companheira foram morar na Vargem Grande, no interior da Ilha, elas descobriram um *drive-in* onde uma garota se apresentava cantando músicas brasileiras.

Aqui no bairro há o *X Band* e lá tinha uma menina que cantava que é lésbica. Em torno dela e desse negócio de música ao vivo foi se formando um grupo de simpatizantes, de gays e lésbicas. Era bem gostoso, bem legal. Eu acho que isso acabou incomodando algumas pessoas, até o próprio dono do bar, porque a menina que cantava começou meio que a paquerar as outras que iam ouvi-la. Então, ela quase já não tocava (Adriana, 23 anos).

Marina (25 anos) era a namorada desta cantora e também morava perto desta lanchonete. Na época das entrevistas, ela e Adriana mal se conheciam. Marina trabalhava como garota de programa da boate *Bokarra*, na rua Menino Deus. O interessante é que nesta pequena rua, que leva ao Hospital de Caridade, além desta boate funciona o *Mix Café*, um bar/boate para gueis. Francisco já havia dito que nesta rua, nos anos 60, havia “uma casa de zona”. Nesta rua também passa a tradicional procissão do Senhor dos Passos¹⁴⁴.

De acordo com Marina houve uma época que as lésbicas podiam freqüentar a boate *Bokarra*, mas acabaram tendo suas entradas proibidas, pois as mulheres que trabalhavam nestas casas acabavam deixando os homens sozinhos, preferindo as companhias femininas. Atualmente, mulheres só entram acompanhadas por homens. As razões para tal atitude seriam mais econômicas do que preconceito ou discriminação.

Um casal pode entrar, mas quando a segurança percebe que é machorrinha eles barram a entrada. Elas já entraram, porém acontecia das garotas que estavam acompanhando um cliente ficarem rodeando as machorrinhas e ficavam marcando encontros no banheiro, se beijando. Os clientes na sala reclamando para o gerente que as mulheres os tinham abandonado. “Me abandonaram por causa de uma machorra”. [...] Elas foram proibidas de entrar porque monopolizavam as mulheres, talvez não consumissem tanto quanto os homens. Os clientes se sentiam rejeitados porque as mulheres preferiam ficar com elas. [...] Na *Bokarra* elas não entram, mas nas outras boates a sua presença não é proibida. [...] Eu tive uma namorada que tem

¹⁴⁴ Conforme informação disponível num *site* da PMF, a procissão do Senhor Jesus dos Passos acontece há 240 anos. www.pmf.sc.gov.br/franklincascaes/index.php?link=festa_popular (acesso: 11.08.2005).

a chave da zona. Ela dorme lá com as garotas, ela fica com as garotas, ela bebe com as garotas e com os clientes, na mesa, para ganhar dinheiro (Marina, 25 anos).

Esta “zona” à qual Marina se refere são as boates que se localizam na rua Conselheiro Mafra e que não restringem a entrada de mulheres, sozinhas ou em grupos. Leila diz que “hoje é uma febre freqüentar locais de mulheres de programa, inclusive amigas minhas”.

Eu nunca estive, mas tenho curiosidade, quero ir. Não vou morrer sem ir. Combinei com umas amigas de ir escondido, sem namoradas, para ver como funciona esse mundo. Tenho curiosidade, por todas as lutas que já tive, eu gostaria de conhecer. Tenho muitas amigas que se relacionam com mulheres de programa, que freqüentam locais tipo o *Bokarra*. Nos bares e boates que eu freqüento, hoje, vão muitas mulheres de programa, geralmente acompanhadas de suas namoradas (Leila, 44 anos).

Marina confirma que freqüentava “uma boate gay, onde funcionava a antiga *Chandon*, ali perto da rodoviária e o *Bier Haus*”. A boate que sucedeu a *Chandon*¹⁴⁵ era a *Transpoort*, nas proximidades do Terminal Rodoviário Rita Maria¹⁴⁶.

A boate *Chandon* foi inaugurada nos anos 80, nos altos da rua Felipe Schmidt e durante muito tempo foi considerada a boate da moda. Aos poucos a freqüência foi se tornando predominantemente de um público homossexual que, no início dos anos 90, se sentiu livre para a demonstração de afetos entre si. A boate, então, passou a dominar a cena gay da cidade (Perucchi, 2001). Em agosto de 1998 ela passou para a rua Henrique Valgas, aonde contava com diferentes ambientes, com capacidade para aproximadamente 1500 pessoas. Segundo Godoy (2001, p. 33) havia “lugares diferenciados para homens e mulheres”. As mulheres ficavam mais onde o “som” era mais nacional, com muito axé e pagode; os homens preferiam o *techno*. Havia, também, o espaço do tele-paquera com treze cabines, além de locais para jogar sinuca, para vídeos e *dark room*¹⁴⁷.

Juliana Perucchi (2001, p. 52), que realizou pesquisa sobre a *Chandon*, definiu o ambiente de boate como carregando “o paradoxo de ser simultaneamente espaço de proteção e de exclusão”. Para ela:

¹⁴⁵ A *Chandon*, depois de 10 anos, foi à falência em 2002 (Silva, 2003, p. 51)

¹⁴⁶ O nome deste terminal rodoviário é uma homenagem a uma das mais famosas prostitutas da cidade e que tinha casa naquelas redondezas. Falando sobre a rua Conselheiro Mafra, Marilange Nonnenmacher (2002, p. 08) atenta para o fato de “algumas mulheres se exibirem na expectativa de encontrar algum cliente, oferecendo continuidade à antiga prática de comércio sexual que sobrevive nas imediações desde os tempos de atividade portuária”.

Dentro dos limites da boate os frequentadores têm a liberdade para agirem de acordo com seus interesses e desejos, estando protegidos de agressões e manifestações de preconceito. Essa liberdade, contudo, se restringe a esse espaço. Portanto, a escolha desses sujeitos em frequentar ambientes de lazer com seu parceiro(a) de forma segura e isenta de manifestações homofóbicas fica limitada aos locais reconhecidos e aceitos socialmente como guetos gays.

Segundo a psicóloga não significa que “o gueto florianopolitano não caia na lógica perversa da desqualificação social da diferença” (id.). Esta lógica que vem perdurando há bastante tempo, como pode ser constatado em muitos dos depoimentos apresentados, e que faz com que muitos homossexuais se sintam discriminados pelos heterossexuais e não percebam que também eles discriminam o seu diferente, os gueis às lésbicas, os de mais idade, os menos favorecidos social e economicamente, entre outros.

Neste período, década de 90, outras duas boates existiram na cidade. A já mencionada boate *Notre Vie*, na Praça XV, com grande presença de travestis e a *Ominus*, com shows de transformismo, no mesmo local onde a boate *Opium* funcionou nos anos 80, a escadaria do Rosário. Segundo Silva (2003, p. 52) a *Notre Vie* funcionou por dois anos, até 94, e a *Ominus* durante cinco anos (1993-98). O mesmo público se revezava entre elas nos finais de semana.

Rosane Godoy (2001, p. 41) identificou em sua pesquisa, o bar *Via 11 Café*, situado na rua Trajano que, no entanto, não foi citado por meus entrevistados. Foi um bar onde era predominante a frequência de mulheres e onde aconteciam shows com cantores locais de MPB. A presença de casais heterossexuais também era grande, segundo a autora.

O bar *Bier Haus*, na rua Anita Garibaldi acabou se transformando no *Stylo*, de propriedade de uma lésbica. Este fato talvez explique ser o público que frequentava a casa majoritariamente composto por mulheres, o que não quer dizer que os homens fossem excluídos. Eles, em sua maioria, frequentavam primeiro o *Estaleiro Ilha dos Patos*¹⁴⁷ e depois, quando este fechou, o *The Pub*.

Agora tem um bar que é de mulheres, ali depois do *The Pub*. Foi a [nome] que comprou ali, agora ela está tocando o bar com a namorada, o *Stylo* (Leila, 44 anos).

Florianópolis sempre teve um lugar pra todos, agora é o *The Pub*. Ele assumiu o lugar que era do *Divina Comédia*, do *Ilha dos Patos*. O *The Pub* é um lugar gay no sentido que ele é um bar frequentado por gays, mas ele não é uma referência, ele é

¹⁴⁷ O “quarto escuro” é um local aonde as “trocas sexuais” acontecem protegidas pelo anonimato, no descompromisso e no prazer do sexo pelo sexo.

¹⁴⁸ Quando o *Ilha dos Patos* fechou, foi aberto no mesmo lugar o *Escotilha Bar*, em 1997. Este bar fez com que os shows das *drag-queens* se tornassem uma atração comum na cidade. Situado a menos de 500 metros do *Roma*, na rua Anita Garibaldi, era uma espécie de opção para quem brincava o carnaval na avenida (Silva, 2003).

uma referência para cheirador de pó. Ninguém vai ao *Pub* porque é gay, quem vai ao *Pub* porque é gay, são os gays. Mas tu sabes que o bar tem uma certa hora, tem uns certos dias! O *The Pub* só é gay na verdade se tu pensares bem, majoritariamente gay, às sextas-feiras e às quintas-feiras, porque o resto da semana ele é um bar freqüentado só por gente que chega lá à meia noite, com interesse em cocaína, e aquele “mix”, às duas horas da manhã quando chegam as loucas. Loucas que eu digo são as mulheres, caçando os bofes, aquela coisarada toda. Então, é um bar que, de certa forma, ainda não se caracteriza como gay. [...] O *Mix Café* é um lugar gay, esse não é mix, *Mix* só no nome, aquele sim é um bar “gueto”, completamente “gueto” (Ricardo, 46 anos).

O uso de drogas ilícitas novamente aparece nas respostas dos informantes. Se para Ricardo a presença de “cheiradores” não o impede de ir ao bar, o mesmo não acontece com Júnior que revelou não gostar do bar. “O *The Pub* é uma coisa particular minha, não gosto. [...] Não gosto muito de ir lá. [...] Não gosto muito desses ambientes que têm esse negócio de drogas. Não sou contra, só que não gosto de estar lá. Se puder evitar eu não vou”.

O *Mix Café*, na rua Menino Deus, considerado por Ricardo um gueto, também foi apontado por um jovem entrevistado como um lugar mais elitizado.

O povo do *Galileu's* e da *Concorde* é o mesmo. Acho que tem um pouco de diferença entre o povo do *Mix Café* e do *Galileu's* e da *Concorde*. O povo do *Mix* é mais selecionado, de mais dinheiro. É um povo mais intelectual, mais *boyzinhos*, filhinhos de papai. Acho que tem essa divisão (Júnior, 18 anos).

De acordo com Marco Aurélio da Silva (2003), durante o período de seu trabalho de campo – carnaval de 2002 –, havia na cidade as boates *Concorde* e *Transport* e os bares *Mix Café*, *Galileu's*, *Bier Haus* e *The Pub*. Os dois primeiros eram conhecidos como ambientes exclusivos e outros dois eram vistos “como ambientes alternativos, não exclusivamente GLS”. O *Mix Café* se destacava, pois realizava shows com *drag queens* vindas de São Paulo, Curitiba e Balneário Camboriú.

Há, portanto, nesta visão, uma separação entre os freqüentadores dos bares. O *Mix Café* foi um bar criado para homossexuais, assim como as saunas *Oceano* e *Hangar*, que faziam parte do mesmo grupo de empresas. Apenas um entrevistado falou sobre as saunas.

A minha sauna é *Vita Hetero*, não vou à *Oceano*, aquela lá eu não entro mesmo. Não tem jeito de eu entrar naquela sauna, porque acho aquilo um nojo. A sauna já é um nojo, a sauna é suja e aqui é muito limpo. Aqui, o [nome] é um massagista famoso em Florianópolis há anos, é cego. Ele tem uma tradição de trinta anos na área de massagem e hoje ele tem uma sauna aqui em Campinas [bairro do município de São José], e ela é freqüentada por um monte de gay. Metade é gay, metade é hetero. Só que claro, os heteros sabem que a sauna está cheia de gays, mas eles não ligam. [...] A pegação rola, eu faço pegação lá também. Gosto de fazer uma pegaçãozinha, mas lá não tem cabine, não tem nada disso. Você faz no chuveiro se quiser uma

rapidinha, faz no vapor se tiver meio vazio. Mas normalmente se faz um esquema e sai fora. É pena que Florianópolis não tenha umas saunas legais, assim. Geralmente as bichinhas vão à sauna para fazer cena, e sauna não é lugar de concurso de Miss Brasil e nem de maiôs Catalina. Eu acho que sauna é pra fazer sauna ou foder. Agora, tu ir para uma sauna ficar sentado num bar tomando drinque, fumando. Acho um absurdo uma pessoa fumar dentro de uma sauna, fumando e fazendo cena como se tivesse num bar de calçada. Por que vai pra dentro de uma sauna? Vai pra um bar de calçada fazer isso (Ricardo, 46 anos).

Como as últimas entrevistas realizadas foram no ano de 2003, resolvi fazer uma pesquisa na Internet sobre os locais de lazer e diversão em Florianópolis, no ano de 2005. Escolhi para isto um *site* que faz esta identificação em todo o país e, talvez, um dos mais acessados por gues e lésbicas internautas. Segundo o *Guia Gay do Brasil*¹⁴⁹ há, hoje, na cidade os seguintes estabelecimentos voltados ao público GLS: os bares do *Deca* na Mole e na Lagoa (“é o ponto de encontro preferido da turma GLS na praia”); o *Bob’s*, no calçadão da Trajano (“muita gente procura o lugar para se encontrar, principalmente adolescentes”); *Sins*, na rua Tiradentes (“ideal para uma boa paquera ou um encontro mais leve, sem badalações pesadas”); *Thai Bar*, na travessa Harmonia (“bar com inspiração oriental em sua decoração”); *The Pub* (“inspirado nos pubs ingleses”); *Zero Grau*, no Mercado Público Municipal (“público bastante eclético”). As boates: *Concorde*, na avenida Rio Branco; o *Mix Café*, na rua Menino Deus. Os restaurantes: *Bistrô da Leila*, em Sambaqui; o *Bistrô Isadora Duncan*, na Fortaleza/Barra da Lagoa. As saunas *Thermas Hangar* e *Thermas Oceano*, no centro. Há no *site*, ainda a sugestão de alguns *points* e de serviços de locações de VHS e DVD.

Alguns dos lugares citados foram freqüentados pelos meus entrevistados, outros são mais recentes, inaugurados depois que terminei o campo, mas a maioria é voltada para um público GLS. Ou, ainda, dirigidos a um público heterogêneo e, portanto, sem restrições aos homossexuais. O *Guia Gay do Brasil* somente é acessado via Internet, o que restringe bastante a sua abrangência, e dirigido a um público bastante específico, especialmente em termos financeiros. Dificilmente algum sujeito oriundo das camadas populares acessa um *site* como este para definir seu local de lazer ou de pertencimento, talvez por isso não há menção aos bailões das periferias da cidade. Até na forma como os ambientes são descritos, pode-se observar que os organizadores do Guia estão se dirigindo a um público específico. Outro fator que ressalta é que, fora as boates, os bares aonde se pode dançar ou as saunas, os outros espaços são freqüentados basicamente por heterossexuais e não necessariamente simpatizantes. A Praia Mole ou a Lagoa da Conceição são *points* de jovens, independente de suas orientações sexuais. O Mercado Público tem uma freqüência bastante eclética, tanto de

¹⁴⁹ <http://www.guiagaydobrasil.com.br> (acesso em 20.07.2005).

consumidores nativos quanto de turistas, de diferentes gerações, etnias e classes sociais. Os bistrôs, que se espalham pela cidade, vão formando uma clientela diversificada quase sempre com interesses mais próximos e com um poder aquisitivo também diferenciado. O *Thai Bar* é guei apenas nas noites de quinta-feira e de sábado; o *Bob's* é o local escolhido pelos jovens adolescentes para os seus encontros, mas somente no período da tarde e naquelas mesas colocadas no calçadão, em frente à loja.

A ida aos bares e às boates parece realmente um ato restrito aos mais jovens. Eis algumas das opiniões dos entrevistados:

Quem é que vai para boate gay? Macho não vai para boate gay. [...] Lógico que não. Então, vou para a boate para pegar gay? Não. Eu nunca fui na *Chandon*. Eu gosto de ver, pegar homem. Um dia fui num bar gay, ali na Anita Garibaldi, como é o nome daquele bar... *Estaleiro*. [...] Aí, uma mulher também já queria se meter, sapatão... Não vou. Prefiro ficar na minha casa, no Santinho. Gosto de reunir os meus amigos, de coisas assim, mas boate não (Francisco, 63 anos).

Não é que eu não goste de ir aos bares e boates, acho que é falta de tempo e até mesmo falta de segurança, porque esses ambientes são meio pesados. Não no sentido de agressão ou coisa assim, mas é uma balança, há dois lados, pessoas que se aproximam e dizem ser amigos e só querem te prejudicar, te tirar. Também acho que é um pouco de covardia, não querer me expor. Eu sou meio egoísta, um pouco não, bastante. Então, não vou pra não me expor. Passeio, viajo, faço um monte de coisa gostosa (Sofia, 55 anos).

De vez em quando a minha companheira gosta de ir à boate, mas não é sempre. Agora é que nós fomos mais, praticamente duas vezes em seguida, mas nós gostamos mais de participar das reuniões na casa de alguém. Antes eu me considerava a rainha do gueto, mas hoje em dia não gosto, me sinto velha, me sinto super mal, não me sinto legal. [...] Acho que por causa da diferença de idade. Aquilo que nós víamos nas outras pessoas mais velhas, na nossa época, eu acho que as pessoas estão achando a mesma coisa de mim, então, não gosto disso (Maria, 48 anos).

A gente se encontra muito na casa das amigas. O pessoal com mais idade, 40, já gosta de ficar mais em casa, faz uma janta, faz uma festinha, leva o videokê, leva o violão. É uma turma menor, mas prefiro agitar mais entre os amigos. [...] Um pessoal muito mais antenado, mais tranquilo, sem problemas. [...] Tenho muitos amigos gays que eu vejo, encontro, mas em festas de noite a maioria é composta por mulheres (Leila, 44 anos).

Quando quero me divertir boto um som na vitrola, boto umas cervejas na roda e chamo uns amigos. Saio muito pouco, saio pouquíssimo. Não gosto de bar, em geral, é um lugar muito fumacento, isso me atrapalha muito. O cigarro é uma coisa que me impede de ir a muitos lugares. Eu não sou uma pessoa da noite, sou do dia, então, quando quero me divertir pego minha bike, faço uma caminhada, junto os amigos ou as amigas, vou fazer uma comida. Gosto de fazer outras coisas, não sou mais uma pessoa de bares. Já fui. Prefiro usar a noite para dormir e o dia para fazer as coisas (Mariza, 53 anos).

Eu não freqüento mais a noite, nada me interessa mais. Perdi completamente o tesão pela noite. Eu acho um lixo os bares que existem hoje. Até vou, curto, me divirto, mas pensando que eu era um freqüentador assíduo... Meu último reduto, para fechar

bem essa nossa conversa, nunca foi um reduto gay, foi a cervejaria *Ilha dos Patos*. Foi o meu último reduto de grandes festividades, vamos dizer assim, de grandes sacanagens e putarias. De onde eu sempre saía acompanhado, quando eu queria (Ricardo, 46 anos).

Hoje em dia, eu gosto muito da noite para ficar em casa, às vezes, vou a alguma festa, alguma coisa que sou convidado, mas geralmente gosto de ficar em casa. E depois estou criando uma criança. Depois de velho estou criando uma criança. Uma criança linda de morrer, então, prefiro ficar acompanhando essa minha criança, em casa. [...] Outro dia, eu convidei umas vinte bichas para virem aqui na minha casa. Vinte homossexuais, todos pobres, lá da favela do Monte Cristo. Todos pobres, que não têm muita oportunidade de irem numa festa, num jantar. Vieram aqui, ficaram felizes. [...] De vez em quando eles vêm aqui, na minha casa. Sou uma pessoa muito liberal, não tenho orgulho, subo o Morro do Mocotó em pleno dia, em plena noite, não tenho medo. O nego, o malandro, me chama na venda para beber cachaça com ele. Eu vou, bebo, pago pra ele, pago tudo ali. Vou ao Morro da Caixa. Dou-me com todo mundo (Agenor, 71 anos).

Parece ser um consenso que estas pessoas preferem se reunir em casa com os amigos. Devo ressaltar que eles não fazem parte de uma única turma e se alguns chegaram a se conhecer isto não implica numa maior amizade entre eles. Dois comentários, entretanto, chamaram minha atenção, pois ressaltavam as diferenças entre os homossexuais que entrevistei. O primeiro aponta para uma discriminação de gênero e está na fala de Francisco quando ele afirma que não vai a boate, pois lá só encontra gueis, “macho não vai a boate”. Ele reproduz o modelo hierárquico bicha-homem descrito por Fry (1982). O segundo comentário revela a discriminação etária, geracional, e aparece na fala de Maria quando ela diz que não gosta de ir à boate, pois quando mais jovem “brincava” com a sua turma sobre a presença de pessoas mais velhas.

As outras justificativas estão baseadas em outros valores que, todavia, remetem à idéia de que um dia suas vidas foram diferentes, possivelmente se referiam ao tempo em que eles também foram jovens. Atualmente, a casa de cada um ou a dos amigos, apareceu como um porto seguro, protegido, festivo. Para Ricardo e Mariza a noite perdeu o seu encanto. Agenor disse que preferia se dedicar à criança que está ajudando a criar.

Porém, também pude constatar que mesmo entre as entrevistadas jovens as idas às boates eram esporádicas. Não pareceu que este programa fosse importante em suas vidas. Uma delas disse que, em função do seu relacionamento afetivo, tem preferido fazer outros programas, em geral com amigos/as. A outra jovem alegou uma mistura de decepções afetivas com o cansaço provocado pelo trabalho, para se afastar destes bares e boates. Ela também faz shows na boate em que trabalha.

A gente agora anda um pouco parada, mas já fomos bastante na boate. Vamos ainda, mas não mais aquela coisa de todo final de semana. Na verdade gostamos mesmo é

de nos reunirmos com os amigos, geralmente, em casa, fazer um churrasquinho. Às vezes vamos aos barzinhos, no *Gallileu's*, no *The Pub*. Não gostamos muito do *The Pub*, até porque o ambiente lá pareceu que era mais reservado para os homens. Vamos ao *Bier Haus*. Hoje, temos duas opções de boates a *Transpoort* e a *Concorde*. A *Concorde* a gente não gosta muito, acho que o povo que vai lá é aquele povo mais eclético. Também, aquele som é um som “bate estaca”. Gostamos mais é da *Transpoort*, apesar de não ir tanta gente, achamos que o ambiente é mais a nossa cara (Adriana, 23 anos).

Eu ia à boate, agora não vou mais. Nunca gostei muito de ir, quando tinha namorada eu não queria, preferia ficar em casa. Sou caseira, gosto de ficar em casa. Trabalho a noite toda, trabalho a semana toda, então, gosto da minha cama. Não gosto de tumulto (Marina, 25 anos).

Do comentário destas jovens é possível deduzir que o a ida às boates não é uma constante, especialmente quando envolvidas num relacionamento amoroso. O motivo aparente é a falta de atrativos e a opção por programas mais tranquilos. Apesar de relativamente novas, estas moças falam de um outro tempo aonde a ida a esses ambientes era o programa preferido.

Entre os homens as opiniões foram diferentes.

Eu gostava de ir à *Chandon*. Uma amiga minha, que é entendida, foi quem começou a conversar sobre os lugares que ela ia e me convidou para conhecer a boate *Chandon*. Lá ela me apresentou umas pessoas e foi justamente com um amigo dela que eu fiquei a primeira vez e foi super legal (Guido, 21 anos).

Eu gosto destes lugares pela oportunidade de encontrar alguém, de ficar com alguém, de ficar mais à vontade. Às vezes, eu tenho um jeito de dançar diferente. O som eletrônico, a gente dança um tipo diferente, a gente faz umas coisas meio loucas. À vontade, mesmo. Fica em casa, fica solto. Não fica aquela coisa presa; controlando-se para não fazer certos movimentos, certos gestos. Quando estou numa casa noturna GLS, com meus amigos, principalmente, faço um monte, grito, chamo de gostoso. São meus amigos, passo por eles e passo a mão na bunda. Então essas brincadeiras divertidas, sadias (Júnior, 18 anos).

Um fato que parece reunir estas diferentes gerações é a participação em festas GLS, organizadas geralmente por mulheres e que acontecem em diferentes lugares da cidade, inclusive nas praias mais distantes.

Quando tem as festas da Raquel eu sempre vou, eu gosto muito. Raquel é uma mulher que, atualmente, promove muitas festas gays, aonde vão muitas mulheres, a maioria é mulher (Leila, 44 anos).

Eu vou às festas da Raquel e da Bartira, inclusive no barco. Geralmente elas alugam um salão e fazem a festa. Eu fui à última aqui embaixo da ponte Hercílio Luz, em cima da *Fios e Formas*. Geralmente o público é mais de mulheres, até porque ela tem mais amizades com as mulheres. Os homens, digamos, são uns 30% (Guido, 21 anos).

Este “retorno” às festas como local de sociabilização é observado especialmente entre as mulheres. Tanto na organização como no número de participantes. No Ratonés, por exemplo, o próprio grupo da JUGARA (Juventude Gay do Ratonés) antes restrito aos casais de homossexuais, hoje se transformou e a residência que era sua “sede” virou um *bistrô* especializado em comidas típicas da Ilha e onde a frequência de lésbicas é majoritária, com a presença de alguns gueis e, minimamente, de simpatizantes. Aliás, a criação de locais “alternativos” tem sido freqüente pelo interior da Ilha. Há tentativas na Barra da Lagoa, nos Ingleses, no Ratonés, em Canasvieiras, em Sambaqui, entre outras tantas comunidades.

Outros “pedaços” identificados como de sociabilidade para os homossexuais são as praias, especialmente o costão esquerdo da Mole, em frente ao *Bar do Deca*, e a Galheta. Vencato (2002, p. 28) falou que alguns encontros com a *drag* Bárbara Davis ocorreram “durante o carnaval de 2001, em que fora contratada pelo *Bar do Deca*, na Praia Mole, como atração para o público gay que ali se reunia todos os dias”. A Mole assumiu, nos anos 90, o lugar que era da Joaquina nos anos 70 e 80. A praia reúne diferentes tribos da cidade. A Galheta é a única praia da Ilha onde é possível praticar o naturismo, sem ser obrigatório o nudismo, e por ser praticamente deserta, é um local onde se pode namorar mais à vontade¹⁵⁰. A associação de moradores da praia do Pântano do Sul, um reduto de veraneio para muitos gueis vindos do Rio Grande do Sul, tem tradicionalmente organizado partidas de futebol, na época do carnaval, entre homens vestidos de mulher. Organizaram um campeonato chamado *FutGay* (Silva, 2003). Estas aglomerações, no entanto, nem sempre são tão tranqüilas. Silva (2003, p. 114) narra que, ao chegar ao Pântano acompanhado de um grupo de *drags*, no carnaval de 2002, houve “uma recepção não tão agradável por alguns dos participantes da festa, rapazes supostamente ‘heterossexuais’, que diziam: ‘essa é minha’ ou ‘não vai ganhar pro cigarro’, numa alusão à prostituição”.

Na praia da Galheta, no verão, há uma circulação intensa de homens interessados em manter encontros sexuais rápidos com outros homens. Pode e é considerado um ponto de “pegação”. Assim, como o aterro da baía sul, agora já ajardinado e ocupado por diversos aparatos públicos, que povoou a juventude de Ricardo (46 anos) e foi também assinalado por Erdmann (1981). Se os encontros continuam a acontecer por toda aquela área é, entretanto, sob as pontes Colombo Salles e Pedro Ivo que interligam a ilha ao continente, que os homossexuais se concentram mais nas madrugadas. Agenor (71 anos) admite, no entanto, que prefere encontrar com os meninos da avenida Hercílio Luz, a sua Broadway.

¹⁵⁰ Entretanto, em anos anteriores, já houve registro policial de atos violentos contra gueis que praticavam o naturismo.

Garoto de programa. Tem alguns interessantes, que eu até gosto. Se paga um cachezinho pra eles, que eles até precisam mesmo, sabes. Precisam fazer um lanche, pegar um ônibus, tomar uma cerveja, então, tem alguns interessantes. De vez em quando eu vou ali na Broadway, eu chamo de Broadway, apelidei isso aqui de Broadway, essa Hercílio Luz, (risadas).

De acordo com Perlongher (1987b, p. 58) “os pontos de michês são como nós numa rede de fluxos”. A microterritorialidade destes pontos são parte de uma outra territorialidade mais ampla e difusa, fazendo parte não de construções ou edifícios, mas estabelecendo áreas de circulação. Por cobrarem pelos encontros, geralmente os michês são considerados “marginais”, ao menos para alguns daqueles que falam numa suposta “dignidade” dos gueis, na contemporaneidade. “Por via de regra, os michês não são ou não se consideram homossexuais, residindo nessa recusa, demandada pelos próprios clientes (que procuram garotos que não sejam homossexuais) boa parte de seu encanto” (Perlongher, 1987b, p. 60). Esta prostituição viril é marcada por outras diferenças: enquanto os rapazes têm entre 15 e 25 anos, os seus clientes costumam ter mais de 35-40; os rapazes geralmente são pobres e os clientes oriundos das camadas médias da população.

Peter Fry (1987, p. 15), discorrendo sobre o desejo que permeia estas relações, afirma que este desejo é “ao menos três vezes maldito: transitório e mediado pelo dinheiro; que corre entre pessoas do mesmo sexo, e que une, momentaneamente, pessoas socialmente distantes (rico e pobre, branco e negro, velho e moço, ‘feminino’ e ‘ másculo’)”. Falar do “negócio do michê”, como assinalou Nestor Perlongher, é bastante complexo e extrapola os objetivos desta tese, gostaria apenas de assinalar que muitas vezes estas relações também envolvem violência e homofobia. A agressão, o roubo aparecem ligados à questão social e, em alguns casos, aparecem como um atributo da masculinidade, presente já na hora da transação. “O fantasma da violência e da morte ronda também os avatares do negócio” (Perlongher, 1987, p. 222).

Escrevendo sobre o assassinato de Pasolini, em 1976, “por um bandido que ele havia paquerado e levado de automóvel até o lugar onde havia de padecer uma morte atroz”, Guy Hocquenghem (1980, p. 121) afirma que “há um ‘perigo’ específico que cerca o homossexualismo, a chantagem homossexual, o assassinato homossexual”. Este autor, que desenvolve uma concepção da homossexualidade como delinquência, diz que há uma cumplicidade dos gueis com seus agressores. Não se reduzindo ao medo ou a um sentimento masoquista, os homossexuais saberiam dos “riscos” nas suas ligações com a “plebe marginal”. O assassinato seria uma possibilidade do encontro e, seguindo esta linha de

pensamento, “Pasolini não seria morto se só tivesse dormido com seus atores” (id., p. 122). O homossexual continua a ser visto como sedutor, promíscuo e culpado.

Para o antropólogo Júlio Simões (2003) a violência que atinge os homossexuais tem ganhado visibilidade especialmente pela repercussão de alguns crimes de morte, assim como por casos de discriminação nos espaços de consumo e lazer, bem como nos demais serviços oferecidos ao público em geral. Para este autor, “aos poucos, ainda que discretamente, também surgem iniciativas de órgãos de Justiça e Segurança Pública que parecem esboçar políticas de segurança voltadas especificamente para homossexuais” (id., p. 02). Cita como exemplo os serviços de Disque Defesa Homossexual (DDH) implantados em alguns estados da federação. Utilizando-se dos dados de violência compilados por estes serviços, Simões afirma que “das denúncias dos homens, quase 33% delas se referiam a agressões que envolviam algum ganho ilegal de dinheiro e estavam relacionadas ao golpe ‘Boa-noite Cinderela’ – em que as vítimas são dopadas, depois roubadas e, eventualmente, chantageadas e extorquidas sob ameaça de *outing*” (id., p. 03). Não se pode esquecer que estes números são subdimensionados, pois são poucos os casos revelados às pessoas de seus relacionamentos, e menos ainda os denunciados às agências públicas. Atuando na “Delegacia da Mulher” atendi apenas uma denúncia de “Boa-noite Cinderela” na cidade de Florianópolis, fato que teria ocorrido num dos bares citados como voltados para o público GLS.

Nos casos de crime de morte, tratados tanto por Carrara & Vianna (2001) quanto por Arruda (2001) e também citados por Simões (2003), as vítimas são mais velhas que os acusados, socialmente mais ricas, mesmo que não passem de funcionários públicos ou bancários, além de mais brancos. Estas informações também podem ser verificadas em Florianópolis. Quando realizei a pesquisa nos jornais, n’*O Estado* e no *DC*, pude observar diversas matérias que tratavam de assassinatos de homossexuais aqui em Florianópolis. De todas estas fontes informativas ressalta a informação de que nos diferentes casos relatados havia um relacionamento entre os envolvidos.

O retrato que deles emerge é muito diferente da percepção corrente de que assassinatos, roubos ou extorsões praticadas contra homossexuais resultem necessária ou majoritariamente de envolvimento anônimos com desconhecidos, aos quais os homossexuais ‘abrem a guarda’ por não suportarem a solidão nem controlarem a pulsão do desejo (Simões, 2003, p. 09).

O que estes diferentes autores estão afirmando é que se alguns homossexuais, como o cineasta Pasolini, encontraram o seu assassino pelas “pegações” de ruas, outros, no entanto, foram assassinados por alguém que eles conheciam e com quem mantinham algum

tipo de relacionamento. Este fato ajuda a desmitificar a figura do michê como um possível marginal e a reinscrevê-lo como “prostituição viril”, como disse Perlongher (1987). A facilidade da procura de um parceiro ocasional, de uma noite só, foi apontada por Agenor (71 anos) como um grande ganho para os homossexuais. Ele chegou a montar uma agenda com seus nomes e telefones.

Inclusive eu tinha telefones de vários homens casados que, de vez em quando, vêm aqui me procurar, com filhos e até netos. Eu não gosto muito porque eles já são velhos, para mim (risadas). Eu acho que estou sempre gatinho, sempre novo. Eu adoro garotos na faixa de 15 a 25 anos, mais, para mim, é velho (Agenor, 71 anos).

Hoje em dia, para além da prostituição de rua, há garotos de programa que atendem por telefone e publicam anúncios nos classificados de jornais ou em *sites* na Internet. Guido (21 anos) ressaltou a presença de homossexuais fazendo “pegação” nos *shoppings* da cidade e no *Bob's* da rua Trajano.

Nunca fui ao shopping, mas já me falaram que, geralmente aos domingos tem um povo entendido por lá. Tanto no shopping *Beiramar*, quanto no *Itaguaçu*, No Beira-Mar dizem que é entre 5 e 10 horas da noite, que é o horário que fecha o shopping.[...] Nunca parei no *Bob's* da Trajano. Para te falar a verdade nunca entrei ali pra comer coisa alguma, mas ali sempre tem um povo que é entendido. Que é do babado (Guido, 21 anos).

O *shopping Beiramar* também foi identificado por Silva (2003) como um dos locais preferidos para as performances das *drags* na época do carnaval, nos dias que não dá para ir à praia. Segundo este autor,

o shopping *Beiramar*, apesar de não ser reconhecido na cidade como um território gay, abriga nos finais de semana, em sua praça de alimentação, grupos de homens e mulheres que compartilham de uma vivência homoerótica e que ali se reúnem para fazer refeições, beber ou simplesmente “jogar conversa fora”.

Entretanto, andam acontecendo em Florianópolis muitas coisas que tem dado visibilidade aos homossexuais. Durante os anos de 2003 e 2005, sob a iniciativa de duas lésbicas, aconteceu o *Sapho em Cena*, um evento cultural que reunia, na primeira quinta-feira de cada mês, no CIC, pessoas interessados em discutir a homossexualidade feminina a partir da projeção de um filme selecionado sobre o assunto. Era uma forma de inclusão, pois passava a reunir gueis e lésbicas numa das salas do principal centro cultural da cidade (*DC*, 07.09.03).

No dia 08 de abril de 2005, o Grupo New-Floripa de Adolescentes e Jovens GLBTA¹⁵¹, promoveu um ato de “Livre Expressão Homoafetiva¹⁵²” em frente ao *Bob's* da Rua Trajano, no centro, intitulado de “Beijaço & Abraçasso”. No convite para participar do evento o presidente do grupo de jovens, Washington “Muleke” da Silva, manifestava-se “... de nada vale um milhão de pessoas na Parada do Orgulho Gay se vergonhas como esta continuarem a acontecer impunemente...”. A concentração reuniu dezenas de pessoas e reivindicava liberdade de expressão, com direitos iguais aos dos heterossexuais. Vários casais de gueis, lésbicas e simpatizantes se beijaram ou se abraçaram, especialmente aqueles que não tinham par, em protesto à suposta discriminação por orientação sexual dos seus freqüentadores. Dias antes, dois gueis haviam sido abordados por uma “Gerente Jr.” solicitando que eles não mantivessem contato físico dentro do estabelecimento (*DC*, 09.04.2005).

Estes fatos foram divulgados pelo jornal de maior circulação de Santa Catarina e, portanto, acompanhadas por milhares de leitores em todo o Estado. Este jornal tem publicado, com certa regularidade, reportagens sobre o “mundo” de gueis e lésbicas, em particular aquilo que denominam “diversão *pink*”. São matérias jornalísticas que acabam dando visibilidade a estes espaços e colocando os modos de vida de alguns homossexuais em discussão, mesmo que estas notas geralmente estejam recheadas dos tradicionais estereótipos, como aqueles que se referem ao *pink money* (literalmente, o dinheiro cor de rosa).

O interesse deles é vender jornal e nem poderia ser diferente em nossa sociedade, portanto, não há uma preocupação com a verificação das informações fornecidas. Neste sentido, foi publicada na Revista *DC*, em 1995, matéria afirmando que ainda era “cedo para que ares mais *friendly* (amigável) ou simpatizante (para usar um termo em voga) passem a ser coisa banal, por aqui, em um momento que cresce em todo mundo a orientação sexual como estatuto político de uma minoria” (*DC*, 12.11.95). Isto dito na mesma matéria onde Omar Carvalho, artista plástico e, então, dono de um bar, afirmava:

a cena gay nunca esteve tão careta em Florianópolis como nos últimos tempos, embora o público esteja encontrando mais alternativas para se divertir à noite [...] falta atitude [...] isso acontece em uma cidade tão gay como Florianópolis, que desde 1979 tem lugares específicos para homossexuais, todos lotados durante o verão (*DC*, 12.11.95).

¹⁵¹ New-Floripa, Grupo de Adolescentes Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e Aliados em Florianópolis.

¹⁵² www.new-floripa.cjb.net/beijaço (acesso: 31.03.05).

A diversidade de opiniões sobre os locais de diversão para gays e lésbicas em Florianópolis é uma constante em qualquer roda de amigos. O grande atrativo da ilha são suas 42 praias, algumas desertas ou semidesertas. As preferidas, ou mais divulgadas pelo público GLS, são as praias da Galheta e a Mole. No verão, ainda há o carnaval, nas ruas ou nas praias. Durante o ano inteiro existem os bares, boates e saunas. A presença de turistas é muito intensa, principalmente argentinos e uruguaios, paulistas e gaúchos.

O último bar destinado ao público GLS a abrir suas portas, ao menos dos que consegui identificar, chama-se *Sins Pub* e localiza-se na rua Tiradentes, centro da cidade. Descobri sua existência quando participava da tradicional procissão do Senhor dos Passos. Em meio às rezas e cantorias, enquanto a procissão se arrastava pelas ruas, como numa parada, deparei-me com uma casa antiga que fora transformada num bar. A placa de identificação é discreta, apesar de estar posta bem em frente à entrada. Perguntando a duas amigas lésbicas que me acompanhavam sobre o local, vim a saber que o bar era realmente novo, provavelmente do final de 2004. Sua clientela é composta, basicamente, de jovens e adolescentes de ambos os sexos.

Estou ciente de ter deixado de fora muitos outros pedaços criados na cidade, por onde meus informantes não circularam, de modo que, como disse Geertz (1978, p. 20), este trabalho logo poderá ser considerado um “manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos”.

O beijo, a festa, a alegria, têm sido as armas preferidas utilizadas pelos homens e mulheres homo-orientados na conquista de seus espaços. Parece que com resultados positivos.

Fui à festa delas, me convidaram. Elas moravam bem perto da minha casa, são amigas minhas. Eu sabia que elas eram caso uma da outra, mas nunca perguntei, me infiltrei na vida delas. Convidaram-me porque elas me adoram [...] o parabéns foi muito bonito, as duas se beijaram até de boca, na frente de todos nós (Agenor, 71 anos).

Considero que os seres humanos são os mesmos em qualquer lugar. Estão sempre se movimentando e criando suas histórias. Se você escolhe um grupo, dentro de uma comunidade e escreve sobre ele, poderá estar contando sobre problemas gerais da humanidade. Injustiça, sofrimento, solidão, cooperação, felicidade, companheirismo, amor, ciúme, a vida, e, por que não, a doença, a morte. Através das histórias de Francisco, Adriana, Sofia, Maria, Mariza, Leila, Belinha, Marina, Agenor, Ricardo, Guido, Mário e Júnior, pretendi escrever um pouco sobre as vivências homoafetivas em Florianópolis.

Este capítulo resultou das 13 entrevistas realizadas no intuito de obter as impressões desses sujeitos sobre suas vivências de lazer por bares e boates da cidade. Talvez o início de um processo de resgate da memória desses locais. Se os primeiros espaços destinados aos homossexuais foram criados no início da década de 80 na capital catarinense, hoje eles são em um número maior e, possivelmente mais *friendly*, conforme expressão usada no meio guei e também empregada pelo jornal *DC* para designar estes espaços. Há uma maior variedade de estabelecimentos comerciais e o circuito abrange diferentes locais da cidade e dos demais municípios da área metropolitana. O próprio espaço destinado às matérias sobre as vivências homoeróticas tem sido ampliado em todos os meios de comunicação, saindo das páginas policiais dos jornais para estampar capas de suplementos com títulos como “Diversão Pink” (*DC*, 20.12.1996), “Redutos Noturnos do Universo GLS” (*DC*, 06.04.2003) ou “O mundo está mais cor-de-rosa” (*DC*, 17.04.2005). Aparentemente, os sujeitos homossexuais estão ganhando mais espaços na mídia e começando a ser retratados de formas menos estereotipadas; apesar de dois dos títulos das matérias apresentadas ainda os associarem à cor-de-rosa. Por outro lado, observei que os frequentadores das boates podem ser descritos como aqueles mais jovens, como afirmou Perucchi (2001), mas os de mais idade não saíram dos espaços públicos para ficarem isolados dentro de suas residências. A abertura de alguns bistrôs e a realização de festas GLS pelo interior da Ilha, são marcadas por suas presenças, especialmente a das mulheres.

O conceito GLS, aliás, como já foi dito, ampliou a noção dos espaços gueis enquanto tal, para espaços por onde circulam ou vivem os homossexuais. Apresentei os bares e boates como espaços de sociabilidade para gueis e lésbicas, mas jamais me afastei da noção de sujeitos que se socializam com os demais moradores da cidade, colegas de trabalho, família, etc. De outra forma pareceria que eles somente se socializariam para o lazer. Da mesma forma, pareceu-me que a integração dos gueis e lésbicas das camadas médias da população, ainda não veio acompanhada da inclusão de sujeitos homossexuais com outras condições de classe, ou de travestis e transgêneros.

Este meu olhar sobre a cidade resultou de um roteiro ditado por meus informantes. Formas diferentes de apropriações destes espaços também foram apresentados, mas com certeza, a cidade é diversa quando vista por outros olhares, guiada por outros mapas. O importante é não pensá-la como a soma de fragmentos desconexos. Para Maria Lúcia Montes (2000, p. 304) “a cidade revela que, na dinâmica da organização do seu espaço, se inscrevem signos diferenciais de pertencimento, que é necessário levar em conta, se se quiser

compreendê-la, ou mesmo representá-la”. Uma trama frágil em perpétua tarefa de construção, reconstrução e onde os “pedaços” refletem, numa dinâmica maior, a própria cidade.

O TEMPO E AS HOMOSSEXUALIDADES.

...És um senhor tão bonito...
(Caetano Veloso)

Neste capítulo, apresento algumas das experiências vividas pelos meus entrevistados e que fazem parte de suas trajetórias como sujeitos que se identificam enquanto homossexuais¹⁵³. Estas vivências foram classificadas por geração para demonstrar as similaridades e as diferenças entre elas. Realizei uma divisão arbitrária em três gerações a partir do critério idade, não como tem sido tradicionalmente usada em disciplinas das ciências humanas (Sirinelli, 2002), mas, principalmente, pelo fato de os sujeitos terem transitado por territorialidades diferenciadas na cidade de Florianópolis e na região metropolitana. Cruzei, assim, tempo e espaço. Levei em consideração os lugares de sociabilidade e lazer voltados para o público homossexual, porque estes foram criados pelas e para as segunda e terceira gerações. A primeira geração identificada não dispunha desses territórios “exclusivos”, compartilhando com os demais moradores da cidade os diferentes espaços de sociabilidade e lazer, ou se reunindo e criando espaços privados próprios.

Agenor (71 anos), Francisco (63), Belinha (61), Sofia (55) e Mariza (53) foram os sujeitos com mais idade que entrevistei e viveram na cidade antes da abertura dos primeiros espaços de sociabilidade e lazer voltado para o público homossexual sendo, por isso, considerados da primeira geração. Localizei Maria (48 anos), Ricardo (46), Leila (44), Mário (41) como pertencentes à segunda geração, pois através de suas falas foi possível observar como eles vivenciaram o período de abertura de alguns desses lugares voltados às suas sociabilidades e lazer. Se apenas o critério idade tivesse sido considerado para definir a categoria analítica geração, talvez a diferença etária entre Mariza (53 anos) e Maria (48 anos), por exemplo, não fosse suficiente para situá-las em gerações diferentes. Agora, ao acrescentar as vivências individuais foi possível detectar experiências que admitiam o recorte geracional.

¹⁵³ Assinalo que as falas das três travestis entrevistadas serão apresentadas no próximo capítulo da tese.

Marina (25 anos), Adriana (23), Guido (21) e Júnior (18) foram os entrevistados que, a partir de suas vivências e faixa etária, classifiquei como pertencentes à terceira geração.

Os 13 homossexuais entrevistados podem ser considerados como pertencentes às camadas médias urbanas da população, mesmo que alguns tenham vindo de camadas populares, de zonas rurais ou pesqueiras. Sobre suas atividades profissionais vale ressaltar que Agenor (71 anos), Francisco (63 anos) e Belinha (61 anos) já se encontravam aposentados e Júnior (18 anos) ainda estava estudando. Os demais se encontravam trabalhando em diferentes funções. Os níveis de escolaridade também revelaram algumas diferenças entre as gerações e da primeira geração somente Mariza (53 anos) chegou à universidade, enquanto na segunda geração apenas Maria (48 anos) não teve a mesma oportunidade. Na terceira geração, Marina (25 anos), que trabalha como garota de programa, já concluiu um curso de nível superior, os outros entrevistados, talvez em função das idades, tinham concluído somente o ensino médio.

Se o recorte geracional proposto demonstrou diferentes experiências individuais ele também apontou a existência de diferentes “cidades” em cada tempo. Diferentes Florianópolis por onde também circularam os sujeitos homorientados. Através do recorte realizado, de tempo e espaço, foi constatada a impossibilidade em se falar de um único sujeito homossexual, assim como nunca houve uma única percepção da cidade. São diferentes sujeitos que foram ocupando diferentes espaços na cidade.

O critério adotado para definir as fronteiras entre as gerações é, portanto, um critério sociocultural. Trata-se da “possibilidade de se criarem representações e relações sociais derivadas de outras relações e representações sociais” (Groppo, 2000, p. 21). Nesse sentido, a categoria geração está entremeada com outras categorias sociais, como classe social, gênero, grupo étnico. Não considero, como Karl Mannheim (1982), a geração como “uma vivência social criada a partir de um fundamento natural” – a passagem biológica do curso natural da vida. Ao dividir os entrevistados em jovens, adultos e de meia-idade, procurei, assim como o sociólogo Luís Antônio Groppo (2000, p. 07), “não tratá-los como uma ‘classe social’ formada, ao mesmo tempo, por todos os indivíduos de uma mesma faixa etária”. É antes, uma divisão arbitrária que trata “não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também e principalmente de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas” (id., p. 08).

Parto do pressuposto da não existência de um único modelo teórico que enquadre as diferentes experiências homossexuais. A minha preocupação será apresentar os entrevistados, não como um grupo homogêneo, mas como sujeitos inseridos em um contexto

social e, portanto, histórico. Homens e mulheres que não vivem à margem de uma sociedade, mas, antes, moldam-na e são moldados por ela. Com certeza, é preciso ser muito cuidadoso, tanto ao trabalhar as vivências de gueis e lésbicas conjuntamente, quanto ao distinguir as diferenças entre eles/as. Em qualquer situação é sempre necessário evitar generalizações. Por exemplo, muitos homossexuais, especialmente os gueis, parecem ser capazes de separar atos sexuais de uma necessidade de contatos sociais mais profundos. O tão falado sexo casual, no entanto, não faz, necessariamente, parte das experiências de vida de todos ou da maioria dos homossexuais, como evidenciam os próprios sujeitos entrevistados, da terceira geração. Menos ainda dos modos de vida das mulheres que entrevistei.

Não me ocupo em procurar uma resposta para a persistente pergunta: “Como ou o que me tornou homossexual?”, mas investigo a maneira como eles próprios se vêem. Os diferentes momentos em que eles passaram a se identificar como homossexuais e a maneira como foram criando e incorporando estes signos ao seu repertório pessoal. Em outras palavras, entendo que se tornar homossexual é essencialmente uma questão decorrente do aprendizado de ver-se como homossexual. Comparando os olhares de diferentes gerações, é possível perceber as especificidades dessas experiências.

O que as pessoas homossexuais têm em comum é o fato de terem ingressado e crescido como homossexuais num mundo dominado pelos mitos culturais da heterossexualidade exclusiva, onde a homossexualidade é temida e difamada: uma categoria social desviante. Durante toda a vida, temos conhecimento da visão de mundo sobre a homossexualidade como pecaminoso, doentio, sórdido, ou pelo menos imaturo ou de segunda classe. Essas crenças fazem parte do arcabouço social, parte do modo pelo qual se estrutura nossa realidade “recebida”. São necessários recursos pessoais consideráveis para se chegar a questionar a ideologia dominante (Parry & Lightbown, 1983, p. 212).

Estes psicólogos estavam interessados em discutir algumas das questões enfrentadas por sujeitos homossexuais, como o “revelar-se”, a aquisição de uma identidade guei ou as perdas e problemas sexuais. Segundo os autores, uma atitude “positiva” do “revelar-se”, indicava a maneira como foram construindo um autoconceito que integrava as tensões entre como se viam e como eram vistos pelos outros sujeitos. A maneira como os relacionamentos homossexuais são vistos depende do contexto onde ocorrem e varia conforme o período histórico, contudo, segundo Parry & Lightbown, “talvez [os relacionamentos] não tenham sofrido uma alteração profunda, mas muitas das pessoas que cresceram, digamos, nas décadas de 1920 e 1930, falam com pesar sobre as dificuldades que encontram para conseguir realização pessoal” (id., p. 216).

Como visto anteriormente, a partir da década de 60 diversas questões sociais sofreram algumas mudanças radicais. Houve uma maior liberalização do sexo, o aborto tornou-se relativamente mais fácil, o sexo fora do casamento e os relacionamentos extraconjugais ficaram mais comuns. No entanto, a maior parte dos conteúdos da “educação sexual” ensinada nas escolas continuou voltada para a sexualidade destinada à procriação. Os jovens homossexuais crescem/cresciam num ambiente heterossexual onde muitas vezes os seus desejos não eram/são discutidos. Quando apresentados, os “modelos” disponíveis geralmente eram/são aqueles tipos estereotipados fornecidos pelos programas de televisão.

Como disse Jeffrey Weeks (1983, p. 237), “é desnecessário frisar que os heterossexuais e os homossexuais compartilham da maioria das características gerais, sociais e físicas do envelhecimento em nossa cultura”. A compreensão que se tem do “envelhecer” modifica-se através do tempo e hoje, em decorrência das mudanças culturais que possibilitaram uma maior visibilidade das homossexualidades, já se pode discutir as vivências dos homossexuais de mais idade. Como visto no capítulo anterior, os ambientes de muita movimentação como bares e boates acabam não atraindo mais aqueles sujeitos mais velhos, talvez desejosos de uma vida menos agitada ou frenética. A constatação de que estão inseridos em círculos sociais mais íntimos e informais, demonstra que continuam com uma firme atividade social, quebrando a imagem da solidão associada aos sujeitos homossexuais.

As trajetórias dos sujeitos são apresentadas aqui a partir do recorte geracional. Algumas questões que apareceram tratavam basicamente da visibilidade, das diferenças entre gays e lésbicas nos “modelos” de homossexualidades encontrados, da parentalidade, do tipo de vivência sexual/afetiva/conjugal ou, ainda, em ter ou não ter espaços próprios na cidade.

1. A primeira geração.

*O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração...
(Chico Buarque)*

O pressuposto da heterossexualidade compulsória (Butler) é fonte de muitas angústias para os homens e mulheres homorientados. A expectativa de que o adolescente logo encontre um parceiro do sexo oposto pode gerar situações bastante perturbadoras aos homossexuais, de um sentimento de “estranheza” até um período de exclusão social. Como a orientação sexual não é fixa, há a possibilidade de muitos chegarem a namorar, ficarem

noivos e até casarem. Dentre os cinco sujeitos entrevistados e considerados da primeira geração, apenas Agenor disse que nunca se envolveu com alguém do sexo oposto. Francisco namorou algumas mulheres, Belinha ficou noiva em duas oportunidades, Sofia também chegou a noivar e Mariza, mesmo não noivando ou casando, teve uma filha que já lhe deu dois netos. As três mulheres afirmaram que namorar rapazes era o que todas as meninas faziam e, dessa forma, elas explicam suas experiências heterossexuais.

Estas informações demonstram que muitos sujeitos que se identificam como gays e lésbicas também se relacionam sexualmente com sujeitos heterossexuais. É comum, no entanto, na interpretação que fazem dessa experiência, a afirmação “sempre” foi homossexual, uma categoria essencializante.

Lembro que muitos pesquisadores e militantes que tratam a homossexualidade como uma “condição”, defendem o fim da discriminação legal e social dos homossexuais por entenderem que eles não têm culpa de terem “nascido assim” e, portanto, serem incapazes de mudar. Cria-se uma “essência” e faz-se um apelo pela aceitação de um “incapaz de mudar”, isto é diametralmente oposto de se aceitar as homossexualidades por que simplesmente elas são diferentes das heterossexualidades.

A própria experiência do envelhecimento não pode ser considerada como uma vivência única. Os dois homens entrevistados, por exemplo, diferiam bastante no que diz respeito às suas práticas sexuais. Agenor (71 anos, decorador aposentado) procurava os “meninos” de sua Broadway para com eles se relacionar sexualmente, sem a busca de envolvimento emocional, enquadrando-se naquilo que o antropólogo Júlio Simões (2004) descreve como uma prática comum para aqueles sujeitos que perderam as atratividades da juventude e da beleza. Para este autor, aos sujeitos de mais idade “só restaria pagar para desfrutar de companhia fugaz e arriscada” (id., p. 87).

Francisco (63 anos, policial aposentado), por outro lado, disse que estava apaixonado por um rapaz bem mais novo e sentia que este o tratava como ele tratou aqueles homossexuais com mais idade, que se apaixonaram por ele. Novamente, aparece a sensação de uma culpa, ou de um destino. Fiz alguém sofrer e, hoje, estou sofrendo. Uma declaração que remete às interações entre as gerações.

Eu estou muito apaixonado, mas não sei o que é que faço da minha vida. Eu acho que não tinha mais idade pra ficar assim como estou. Porque não sei se sou meio masoquista, não sei se gosto de sofrer. Porque não sei se agora seria assim, porque acho que estou pagando o que eu fiz, porque tinha gente que era apaixonado por mim, porque era mocinho e fazia, esse meu caso está fazendo comigo o que eu fazia

com aqueles que eram mais velho e que eram apaixonados por mim, acho que eu estou pagando (Francisco, 63 anos).

O próprio Júlio Simões (2004, p. 88) sugere que as coisas estão mudando e que já é possível encontrar, na cidade de São Paulo, homens com mais de 50 anos que se denominam “coroas”, freqüentando determinados espaços do “circuito gay” paulistano. Esses portadores da “máscara do envelhecimento” – o cabelo grisalho, as rugas, a cintura grossa, os movimentos mais lentos – disporiam de dinheiro suficiente “para encontrar os amigos, beber, se divertir e também tentar a sorte no mercado da paquera”.

De acordo com Trevisan (1998, p. 55), “no gueto gay, o olhar do outro pode ser o mais feroz espelho que temos de nós mesmos, quando comprova que você não é mais desejado – e, muitas vezes, de modo quase agressivo”. Segundo o autor, aqueles que têm os cabelos grisalhos e o rosto marcado pelos anos conhecem “o rechaço que grande parte dos homossexuais sente por bicha velha”. Como se a imagem do guei idoso os remetesse à solidão e à morte.

A preocupação com o sexo casual também marcou a diferença entre os modos de vida dos homens e das mulheres com quem conversei. Os gueis pareceram desenvolver com mais desenvoltura, amizades e atividades sexuais que atravessavam as barreiras etárias. As lésbicas pareceram não se preocupar com esta “comercialização” sexual, ou com uma possível competição com as mais jovens. Apesar de constatar que entre todos os entrevistados, o sexo continuava sendo um fator importante em suas vidas.

Enfrentar os processos de envelhecimento não pareceu ser fator de grave crise ou de uma ruptura definitiva, entre os entrevistados. Assim eles viam seus modos de vida.

Vim para cá porque gostava muito de Florianópolis, já tinha estado aqui, adorava essa ilha, como adoro até hoje, por isso vim pra cá, com a minha mãe. Era o filhinho caçula dela, Deus o livre. Meu pai ficou lá, trabalhando em Laguna. Vim para estudar. [...] Desde garotinho eu sentia desejo por outro homem. 10, 12, 13 anos, gostava, só que não fazia nada. [...] Tinha uma família a zelar. [...] Sempre fui muito tímido, era muito bonito. Fui disputado por várias mulheres, mas nunca me interessei por mulher. Com homem, eu tive vários amores. Tive uns 5 ou 6 amores na minha vida. [...] Acho que isso não é pecado, porque isso faz parte do amor. A gente nasce assim. Tem gente que diz que se aprende, ninguém aprende, não. De jeito nenhum. A pessoa que é, já nasce, vem do berço. Não é distúrbio nenhum, não é nada. Tem gente, mães que levam os filhos ao psiquiatra, ao analista, tudo, não adianta. [...] Fui tão feliz que se houver outra encarnação, que não acredito que haja, se houver quero nascer homossexual, outra vez. Por que gostei muito, fui muito feliz. Não me arrependo de nada. Sou uma pessoa conceituada, respeitada na sociedade. Quero vir outra vez (Agenor, 71 anos).

Este senhor foi o único homem entrevistado não nascido em Florianópolis. Ele veio de Laguna, região sul do estado, uma cidade conhecida pela fama de ser um território guei. Há uma piada maldosa que circula quando se fala dos lagunenses, dizendo que o único homem de Laguna foi a Anita Garibaldi. Numa oportunidade, não gravada, Agenor chegou a brincar sobre isto, dizendo que saiu de sua cidade para assumir sua homossexualidade em Floripa. Suas falas estavam cheias de referências à família e à sociedade em geral. Fez questão de se mostrar como um homem decente que foi, inclusive, congratulado como amigo da marinha, do exército e da polícia.

A fala de Francisco foi num outro sentido, acentuando a necessidade que sentia em mostrar que era homem e não um “haroldinho”, como falou. As relações sexuais com mulheres, mesmo não lhe sendo gratificantes, davam-lhe um reconhecimento social. Fez questão de dizer o nome daquilo que praticava e como se definia.

Cheguei a ir à zona também, mas fugia das mulheres. Era só para dizer que era homem. [...] Eu tinha namoradinhas, namorava para os outros não falarem que eu era veado. Claro que as mulheres davam em cima de mim e se eu não namorasse eles iam dizer que eu era veado. Isto me preocupava. Que trabalho, que sacrifício. Beijava, mas pensando nos homens. Teve um dia que uma namorada do pai foi lá para casa. Eu estava sozinho e ela me provocou. Acabei comendo ela e quando o pai apareceu ficou todo contente, todo feliz, até porque ele não gostava dela, saiu dizendo “tem um galo lá em casa que é danado, filho da puta”. [...] Eu gostava de um cara e a irmã dele apaixonou-se por mim. Namoramos, namorei... noivei... adorava a guria, a guria gostava de mim tudo. Só pensava: “Ah! Meu Deus do céu, agora vou mudar a minha vida. Vai ser agora, eu vou ser macho. Vou casar, vou ter filhos”. [...] Não queria envergonhar meu pai, a minha mãe, os meus irmãos, não queria fechar a porta da sociedade. Já de pequeno me preocupava com isso, não me assumia, engraçado. Lembro que ia para a aula e os guris mexiam Chamavam de mariquinha, de haroldinho. Naquele tempo tinha um viado, aqui em Florianópolis, chamado Haroldo, então, eles me chamavam de haroldinho [...] Eu sabia que era viado, homossexual veio muito depois. Esse negócio de homossexualismo surgiu de uns vinte anos pra cá, uns trinta anos pra cá. Naquele tempo se tratava como fresco, veado, haroldinho, mariquinha, não se tratava como homossexual (Francisco, 63 anos).

Como pode ser visto, outro comentário que despontou entre os entrevistados, mas especialmente entre os homens, foi o de evitar a reprovação dos familiares. Isto implicou, no caso de Francisco, em namorar com mulheres para disfarçar ou negar a homossexualidade. O relato destes dois homens teve o sentido de justificar suas vivências. Agenor se apóia em conceitos religiosos para afirmar que não se trata de um pecado, mas “faz parte do amor”. Francisco procura na força da natureza, ou biológica, a explicação para a sua incapacidade de mudar, ou fazer a sua “opção” pela heterossexualidade. Este homem também é filho de Deus.

Não é que diga que seja hereditário, mas descobri que o meu avô era. Outros tios eram, primos, netos do meu avô. Eu não queria ser e porque que sou? É uma força. Via todo mundo homem casando, e eu? Depois é que botei na minha idéia: “Não, tem que aceitar a vida como ela é, nasci assim, por que vou modificar? Assim como as pessoas nascem cegas, pernetas, manetas, muda, surda, nasci homossexual. Não é uma doença, é natural, é natureza. Não é um mal, é Deus, o que se vai fazer, não se pode mudar” (Francisco, 63 anos).

Entre as mulheres sobressaíram a busca de relações com os homens antes de se relacionarem com outras mulheres. Belinha (61 anos, funcionária pública aposentada) é irmã de Francisco e, enquanto este ficou com o pai e irmãos quando a mãe faleceu, ela passou grande parte de sua juventude num internato no interior do estado, mas perto da capital.

Mais ou menos com uns oito anos fui para um colégio interno, fora de Florianópolis. [...] Fiquei lá uns nove anos. Aprendi muita coisa naquela instituição religiosa. Formação completa. Preparavam as moças não propriamente para o casamento, mas para a vida em si. Aprender a bordar, pintar, tocar piano, instrumentos... Uma mulher prendada. Não se ensinava uma profissão. [...] Saí daqui uma criança e voltei uma moça. Lá fiquei mocinha e coisa e tal. A primeira vez que menstruei, por exemplo, eu estava em cima de uma árvore e pensei que tinha me machucado. Só diziam: não senta, não viaja, não anda, não lave a cabeça; todos os cuidados que antigamente tinha. [...] Tive alguns namorados e fiquei noiva duas vezes. Não casei, até não sei porque, de repente por falta de... o destino, sei lá. Assustei-me um pouco com certas... [...] Com mulheres foi o seguinte: na época, não era muito comum o uso de calças compridas para as mulheres. A mulher tinha que usar saia, era bonequinha. Eu vi uma pessoa num ponto de ônibus e pensei que era um rapazinho loirinho, porque estava de jaqueta, de calças, andava de moto. Na época, ela foi a primeira mulher a andar de moto aqui em Florianópolis. Daí eu pensei: estava num ponto de ônibus e eu olhei e pensei: – que rapazinho! Parei: Quer uma carona? [...] Convivemos aí uns 10, 12 anos, mais ou menos. Foi muito bom, foi um ensinamento, foi uma experiência muito boa (Belinha, 61 anos).

Quando Belinha fala que encontrou uma moça pedindo carona e a confundiu com um rapaz, não ficou claro se a aparência dela era andrógina ou se realmente tratava-se de uma lésbica *butch*, ou seja, alguém com cabelos curtos, modos e trajes masculinos, tradicionalmente definidos. A imagem das lésbicas como uma imitação dos homens é uma das formas como as lesbianidades têm sido representadas.

Vim para Florianópolis aos 24 anos de idade. [...] Fui muito rebelde, dei um trabalho incrível para meus pais. Acho que minha rebeldia era isso, ter uma visão mais ampla, querer, buscar, sair. [...] Noivei com um rapaz. Só que olhava pra aquilo e aquilo não me completava, faltava alguma coisa, compreende. Noivar, casar, fazer o que todo mundo fazia, aquilo me deixava inquieta, me deixava horrorizada, apavorada. Inclusive muito jovem, quando surgiu a época da calça comprida, chamava eslaque, comprei uma. O meu pai ficou danado da vida, tive que usar escondido para que não visse. [...] Mulher não podia usar calça comprida. Fui criada no salto alto, na saia, no vestido longo, maquiada, penteados, era aquela coisa assim muito *chic*... [...] Quando vim de Antônio Carlos, já tinha terminado o noivado e tinha arrumado um caso, uma “alemoa” de lá. Meu primeiro caso amoroso com uma mulher. [...] Sinceramente, desde menina já tinha essa queda, já gostava mais de

meninas. Da companhia, de estar junto, sentia uma atração muito forte. Hoje, a gente sabe disso. [...] Não sentia atração pelos homens, até o contato com eles me deixava enraivecida. Eles chegavam e a minha vontade era sumir, nem ficar perto, tu vê que coisa incrível. [...] Quando conheci essa “alemoa” foi possível fazer um toque. A gente começou a se encontrar, principalmente à noite, ela trabalhava na roça, batíamos um papo que acabava em toques, beijos, abraços, num encontro total. [...] Busquei muitas mulheres, tinha época que estava com cinco, seis casos. Cinco, seis, não era uma. Tinha horas que eu estava com uma, vinha a outra, era um rolo tremendo, a mulherada baixava (Sofia, 55 anos, cabeleireira).

O comentário desta mulher, de que deu muito trabalho a seus pais, parece ir ao encontro daquelas pesquisas que atribuíam aos gueis um comportamento de meninas quando criança, enquanto as lésbicas eram traquinas. A eterna busca de um comportamento atípico que justificasse, na infância, a homossexualidade adulta. O exercício da memória faz com que as experiências passadas possam adquirir uma outra significação. Sofia continuou a ter um comportamento atípico para a maioria das mulheres, possivelmente, são poucas as mulheres que admitem relacionamentos paralelos, no caso com outras cinco ou seis. Com certeza Sofia (53 anos) não buscava apenas amizade nesses seus envolvimento, provavelmente esses encontros estavam mais pautados em entregas sexuais, um comportamento considerado próprio de homens (Heilborn, 1992; Fry & MacRae, 1983), dentro de uma determinada concepção de gênero.

O aprendizado sobre as sexualidades acontece de diferentes formas:

Minha primeira lembrança relativa a uma orientação sexual diferenciada é de quando tinha de oito para nove anos e uma vizinha me chamou de machorra. Pelo tom de voz saquei que era uma coisa ruim. Na verdade, acho que isso foi o que me marcou. [...] Depois fui sacando na fala das pessoas por que isso é um nome muito pejorativo. Tinha a história dos viados e das machorras. Depois, também, muito nas leituras, na Cassandra Rios, que povoaram a minha adolescência, fui aprendendo todos esses nomes (Mariza, 53 anos, enfermeira).

Mariza cita a presença das lésbicas nas obras literárias que povoaram sua juventude, especialmente a autora Cassandra Rios¹⁵⁴, acontece que a imagem passada nesses romances geralmente são de mulheres tidas como doentes e infelizes, destinadas ao fracasso. Como a heroína de *O Poço da Solidão*, de Radclyffe Hall, onde as lésbicas parecem destinadas à “salvação” através de um casamento heterossexual. Outros romances retratavam-nas como imorais ou pecaminosas. Em quase todos, a homossexualidade era tida como resultado de uma personalidade anormal ou imatura, incapaz de estabelecer um relacionamento com homens.

Tinha namorado porque se todas as gurias tinham; eu tinha que ter também. Não ia ficar para trás, mas não era paixão, não. [...] Eu queria só ter um namorado, porque era um amigo, era companhia, era brincadeira, entendeu? Tanto que o namorado de mais longo curso que tive, na minha adolescência, hoje é viado. O cara com quem eu consegui ficar perto por muito tempo já era um homem diferente, não era um comum, porque o comum já não me interessava muito. [...] Acabei tendo filho que não foi planejado, a minha filha foi desejada... mas não tinha aquela coisa assim de menina. A completude das meninas, da minha época, era ter um namorado, ter o desejo de casar com ele, o desejo de ter filhos com ele. [...] Depois que comecei a namorar mulheres ainda tive alguns namorados. Fui apaixonada por um rapaz, chegamos a morar junto, por um tempo. Foi uma paixão bem grande que tive. Depois dele os rapazes foram rareando cada vez mais, tornaram-se mais para sexo do que para o amor. Fazia mais ou menos essa minha divisão. Com as meninas era namoro, era de apaixonar e com os caras era... (Mariza, 53 anos)

Mariza foi a única lésbica entrevistada que teve filho, no caso uma filha que já lhe deu dois netos. Foi também a única que trouxe este assunto. Diane Richardson (1983, p. 200) aponta a invisibilidade social das lésbicas como um dos fatores responsáveis pelo fato de que ainda se escreveu “relativamente pouco sobre as crianças cujas mães são homossexuais e os possíveis efeitos da criação de uma criança num lar lésbico”. Não é demais salientar que Mariza viveu o período de ascensão dos movimentos feministas que, sem dúvida, forneceram um contexto sócio-histórico para que muitas mães se declarassem lésbicas.

O ambiente doméstico lésbico, ou guei, desafia aqueles estereótipos tradicionais da família nuclear, composta por um homem, uma mulher e filhos. As crenças e valores, cultural e socialmente determinadas, estigmatizam qualquer outro modelo familiar e constantemente questionam o comportamento destes “novos” pais/mães. No mais, como em qualquer outra família não se pode falar de um “modelo”, pois tanto as mães como os pais provêm de uma multiplicidade de origens sociais, étnicas e geracionais, com uma também vasta gama de crenças e atitudes de como criar seus filhos (Richardson, 1983). As preocupações sobre o comportamento das mães lésbicas no cuidado de seus filhos são, portanto, muito mais morais do que qualquer outra preocupação legítima.

Como foi dito anteriormente, as “identidades sexuais” podem ir se definindo ao longo da vida. Mariza (53 anos) disse que sua namorada era bissexual, uma categoria ainda não muito clara para ela.

Em 74 eu fui morar em Porto Alegre/RS. Fiquei por lá até 78. Lá virei lésbica total. [...] Aliás, chamar uma mulher de lésbica sem que ela se ofenda é coisa de pouquíssimos anos para cá, por que era o pior dos nomes para se usar. [...] Hoje eu sou lésbica, hoje a minha orientação sexual além de questões afetivas e sexuais tem

¹⁵⁴ Cassandra Rios, assim como Adelaide Carraro, provocou grandes escândalos com seus livros eróticos, que muitos julgavam pornográficos. *Volúpia do Pecado*, de 1949, o seu primeiro livro, já tinha a lesbianidade como tema central.

um lado político também. [...] Minha namorada não é lésbica, é bissexual, outra coisa que estou aprendendo. Não sei muito bem o que é bissexual, ninguém sabe muito bem. Acho que nem ela própria sabe muito bem. Foi uma das primeiras vezes que ouvi uma pessoa dizer, eu sou bissexual, por que ninguém diz isso. Dizem que é uma categoria que está atrás do seio postiço. [...] Eu não gosto dessa palavra [homossexual], ela bota a gente muito no bolo e não clarifica quem é quem (Mariza, 53 anos).

Esta moça que se identifica como uma militante lésbica traz a informação de que até alguns anos atrás a palavra lésbica poderia ser considerada um xingamento. Hoje, as mulheres estabeleceram o dia 29 de agosto como o dia do “orgulho lésbico”, que é comemorado em várias cidades brasileiras. Trata-se da busca de maior visibilidade. Assim como os costumes e normas, as nomenclaturas são históricas e seu significado pode ser mudado.

2. A segunda geração.

O tempo não pára...
(Cazuza)

Considerarei como sendo da segunda geração os seguintes entrevistados: Maria (48 anos), Ricardo (46 anos), Leila (44 anos) e Mário (41 anos). Apesar de haver uma diferença etária de menos de 10 anos entre eles, ressalto que este não foi o único critério levado em consideração. Segundo seus relatos e de diferentes formas, eles estiveram presentes quando começou a abertura dos primeiros lugares de sociabilidade e lazer voltados ao público homossexual. Com a participação de muitos homens e mulheres de mais idade eles e elas foram descobrindo e (re)criando diferentes espaços numa Florianópolis que, naqueles anos, passava por diversas transformações.

Devo assinalar que, como foi dito anteriormente, as lembranças sobre as experiências com pessoas do mesmo sexo, na infância ou na adolescência, são posteriormente selecionadas e tidas como relevantes para suas constituições enquanto sujeitos que se identificam como homossexuais. Aqui, também, os entrevistados falaram de experiências sexuais hetero. Todos acharam mais satisfatórias as relações com alguém do mesmo sexo. Apenas Leila (44 anos) disse que, embora os tenha namorado, nunca quis ter um relacionamento sexual com um homem. Das três gerações pesquisadas, esta segunda foi a responsável pela abertura dos locais exclusivos para sociabilidade dos geis e lésbicas e pela quebra de alguns dos padrões de comportamento vigentes. O encontro com outros

homossexuais diminuí os sentimentos de isolamento social. Foi a geração que acompanhou, na sua juventude, o aparecimento da AIDS.

Ricardo (46 anos, autônomo) citou os tipos de homossexuais com que se deparou quando era criança. Curiosamente, como Francisco, não era um modelo com o qual podia identificar-se. As imagens geralmente divulgadas dos homossexuais tendem a ser estereotipadas – o guei afeminado e a lésbica “sapatão” – e muitos sujeitos não conseguem se identificar com elas. Talvez a maioria dos homens e mulheres homossexuais passem por heterossexuais a maior parte do seu tempo.

Tomei contato com a minha sexualidade de uma maneira muito violenta. Fui “estuprado¹⁵⁵” com cinco para seis anos por um cara de 16. E, no que posso recordar, ficou uma coisa meio traumática para mim. Não o estupro em si, sou franco em te dizer, mas a reação do meu pai. Ganhei uma surra ao invés de ganhar atenção. Tive problemas a partir de então. Lembro que virei um garoto completamente arredio, não tinha turma, não falava com muita gente [...] Outro detalhe, também muito curioso (risadas) é que perto da minha casa havia uma zona, a Vila Palmira. A melhor casa da zona era a da Paula, ela tinha seis filhos, cinco meninas e um menino. Você já deve ter visto o Zezinho, ele é famosa. A bicha mais famosa do bairro morava perto da minha casa. Ele se criou ao meu lado. O protótipo de bicha para mim era muito violento. Quando alguém me chamava de bicha logo vinha na cabeça: – “Bicha é o Zezinho e eu não sou aquilo. Eu não quero ser aquilo” [...] Ele contribuiu muito para o meu lado ser masculino. Hoje eu sei, não só ele. Na vizinhança havia uma chácara e a caseira era uma sapatona, uma sapatona estereotipada. Naquele tempo, dizia-se que era mulher macho. A Paula era assim, nunca se viu ela com homem. Realmente ela era uma “mulher macho”. Olhava para ela e aquele estereótipo me assustava, olhava para o Zezinho e aquele estereótipo também me assustava. O extremo nunca deu pra mim, gostava sempre de uma outra postura (Ricardo, 46 anos).

Estas experiências de não identificação muitas vezes fazem com que os homossexuais se percebam como diferentes e busquem uma “cura” para si. Em situações extremas podem gerar perturbações de ordem psicológica que podem chegar até as tentativas de suicídio. Ricardo cita o seu isolamento como um exemplo e completa que até hoje tem “medo de ser linchado, apedrejado, da mesma maneira que levei a surra do pai”. Ele procurou nos homens heterossexuais uma fonte de identificação para a sua masculinidade, o que também lhe causou dúvidas.

Teve uma oportunidade que me comportei como homem, achando que era homem. Não é achando que era homem, mas numas de impor a minha versão masculina sobre a minha versão homossexual. Negar, acho que nunca neguei, mas tentei abafar, mascarar. Mascarar, acho que é a palavra mais correta. Justamente por que o

¹⁵⁵ Segundo o Código Penal Brasileiro (2004, p. 105), art. 213, estupro é “constranger mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça”. Um homem, portanto, não pode ser estupro, pois para que tal ato se concretize é preciso que este ocorra entre um homem e uma mulher, anatomicamente falando e com registro civil.

Zeinho me assustava muito, não queria ser aquilo, como a Paula, também, me assustava. É como te digo, aqueles estereótipos sempre colocaram um limite pra mim, lá e cá (Ricardo, 46 anos).

A pessoa pode sentir-se incapaz de ver qualquer identificação entre ela e tais estereótipos. Ricardo desenvolveu, contudo, uma maneira para viver sua homossexualidade em Florianópolis.

Acredito que, hoje, a melhor postura a adotar aqui em Florianópolis é a minha: o falso macho ou falso gay. Fico num termo que quem sacou, sacou, quem não sacou, não sacou. Por que se tu botar a cara para o tapa, o tapa vem e vem mesmo, por que é uma cidade que não dá espaço para ninguém crescer sendo gay. Nunca vi ninguém crescer sendo gay, aqui. [...] É muito lindinho para o turista, a bicha vir no Roma no carnaval, mas a cidade é extremamente cruel com a sexualidade. É uma cidade muito cruel, Florianópolis é terrível, é uma das piores do país (Ricardo, 46 anos).

Nesta fala de Ricardo está presente uma visão de Florianópolis, em relação à sexualidade, que se diferencia em muito dos demais entrevistados e, até mesmo, daquelas entidades, oficiais ou não, que a divulgam como um “paraíso guei”. A partir de sua vivência em outras cidades brasileiras, especialmente São Paulo/SP, este entrevistado falou das dificuldades que encontra na cidade, caracterizando-a como “extremamente conservadora e moralista”. Segundo seu ponto de vista, Florianópolis torna-se interessante no verão, especialmente no carnaval e, em geral, para os turistas quem vêm à cidade por alguns dias. No resto do ano a cidade apresentaria poucas atrações para quem é solteiro, já não é tão jovem, bonito e, ainda, tenha contraído AIDS, como é o seu caso.

Mário (41 anos, policial) disse que também encontrou algumas dificuldades quando teve revelada a sua orientação sexual, acabando por ser expulso de casa por sua mãe. Só não saiu porque o pai o apoiou.

Quando tinha 18 anos namorei uma menina que tinha 15 anos, até mesmo para mostrar para os rapazes da rua, que chegava daqueles comentários que era viadinho. Nunca tive problemas em transar com ela, mas sempre que olhava para um cara sentia muita tesão [...] Um dia, um primo que estava a fim de ter uma relação comigo me deu uma intimada: “Se tu não transar comigo eu vou falar pra tua namorada”. Foi a queda d’água. Ela abriu o jogo com meu pai, com minha mãe [...] Quando cheguei em casa e fui falar com minha mãe, ela falou assim, “arruma as tuas coisas e sai da minha casa”. Depois, o meu pai me chamou enquanto estava juntando as minhas coisas e disse: “Não importa o que aconteceu, tu não vais sair de dentro da minha casa, que tu também é filho”. Isso ficou durante quinze dias, a minha mãe evitando até me olhar, muito chateada, magoada comigo. Um dia, a gente estava almoçando e pedi para minha mãe alcançar um prato e ela fez de conta que não ouviu. O meu pai bateu na mesa, foi a primeira e última vez que vi ele bater na mesa, e disse: “A partir de hoje o que aconteceu, aconteceu, e ele é nosso filho e vamos ter que aceitar, ou então, a gente vai se separar”. Acho que foi isso que mexeu com a minha mãe. Ela pegou e me serviu o prato e continuamos a almoçar.

Deste dia a barreira foi quebrada e até hoje eles sabem da minha homossexualidade (Mário, 41 anos).

É relativamente recente a possibilidade dos homossexuais compartilharem o seu relacionamento com o restante da família. Maria (48 anos, autônoma) disse sentir que a família a rejeitava ao perceber que estava usando drogas. O que eles não sabiam é que ela abusava das drogas porque “a questão da homossexualidade não estava muito amadurecida, resolvida”. Parece que para sobreviver à discriminação muitos jovens desenvolvem um sistema de proteção que se baseia em agredir, alguma coisa como “a melhor defesa é o ataque”. Ouvi muitas declarações, especialmente de gueis, afirmando que adotavam trejeitos para provocar os outros, como a provocar estranheza e testar uma reação negativa das pessoas.

Sempre gostei muito da figura da mulher, mas não sabia decodificar o que era essa coisa. Esse gostar [...] Foi só depois de ter um relacionamento, ser apaixonada por homens e ter um relacionamento com homem é que a coisa começou a desabrochar [...] Eu fui muito afoita, pinte e bordei, coitados dos meus pais. Usei droga, muita droga. Nesse período, a minha família realmente me rejeitou um pouco, por que eles começaram a perceber que estava usando droga. E usava droga justamente porque a questão da homossexualidade não estava muito amadurecida, resolvida (Maria, 48 anos).

Agredi muito a minha família, mas, hoje, depois que estou com o meu atual relacionamento sou muito respeitada. Depois de ficar muitos anos desacreditada, pela droga, pela própria homossexualidade, hoje meus irmãos vivem me convidando para ir até suas casas, até que não vou muito. Faço terapia, e estou fazendo isso para resgatar os anos que deixei de conviver com a minha família. [...] Meu pai tem umas restrições à minha homossexualidade, mas que não são faladas. Ele tem 82 anos, tenho mais é que respeitar. Há bem pouco tempo tive uma discussão e ele falou que eu vivia com aquela negra e tal. Que eu saí de casa para viver com uma negra. Tu vê, negra. Um baita de um preconceito (Maria, 48 anos).

Enquanto a figura materna apareceu com muita frequência como cúmplice dos filhos/as, a figura paterna apareceu de formas bastante diferenciadas em suas biografias. As festas que Maria (48 anos) organizava no Balneário Daniela eram contadas para a mãe, o pai não podia ficar sabendo. O pai que também não aceitava sua companheira, pois ela era “negra”. Leila (44 anos) contou que as restrições impostas por sua mãe, quando conversou com ela sobre sua homossexualidade, “foi em relação ao meu pai, pois ele não entenderia [...] Pediu para não levar isso para casa enquanto ele estivesse vivo, por amor a ele”. Ricardo (46 anos) descreveu a surra que levou do pai, quando este soube que ele havia sido violentado sexualmente, como um dos fatores determinantes para um modo de vida mais “arredio”. Mário (41 anos), no entanto, encontrou em seu pai, o amigo que o apoiou quando a mãe o

expulsou de casa. Uma solidariedade tal que ele chegou a ameaçar sair de casa acompanhando o filho.

A “descoberta” da homossexualidade faz, no mínimo, duas vítimas. A primeira é o próprio homossexual, a segunda a sua família. Se o primeiro vai ter que aprender a viver com esta “condição marginal”, a segunda terá que descobrir formas para a sua convivência. Leila, que ainda mora com a mãe, revelou que tentou namorar alguns rapazes.

Até os meus 18 eu tive namorado, mas depois descobri que não era a minha; descobri logo até. Tive uns namoradinhos mais por brincadeira. Para companhia, até para tentar. Para não dizer que não tentei. Tentei, mas foi uma coisa que não me agradou. Então, depois dos 18 eu não tive mais nenhum. O máximo que senti pelos meus namorados foi uma grande amizade, mas atração física nunca existiu. Foi uma coisa que me fez ver que eu tinha que partir para outra (Leila, 44 anos).

Este relato de Leila aponta para suas tentativas amorosas heterossexuais antes de “decidir-se” pelas vivências homossexuais. Após uma série de “namoradinhos”, pelos quais não sentia atração e mais por brincadeira, acabou partindo “para outra”, “assumindo” sua homossexualidade. Esta é uma discussão complexa, pois não se trata de uma “simples” escolha, principalmente pelo caráter não fixo da orientação sexual. Leila, no entanto, dá a entender que em sua vida há um antes e um depois dos seus 18 anos, ou do momento em que passou a namorar outras mulheres. Como disse Jaqueline Muniz (1992, p. 145), falando do amor lésbico, trata-se de “um tipo de divisor de águas porque promete distingui-lo no conjunto das vivências erótico-afetivas”.

3. A terceira geração.

*Tudo nesse mundo tem seu tempo
[...] Tudo é ilusão
é tudo como correr atrás do tempo.
(Fernanda Porto)*

Um fato que apareceu de forma marcante nas entrevistas realizadas, foi a diferença na percepção das vivências das homossexualidades. Enquanto alguns sujeitos de meia-idade pareciam sentir-se ameaçados, ou irados, com as posturas dos mais novos que julgavam desrespeitosa, os jovens da terceira geração, pareciam tomar a existência dos bares e boates voltadas ao público GLS como algo que sempre esteve presente na vida da cidade. A visibilidade alcançada pelos homossexuais tanto pode ser vista de um ponto de vista “conservador”, geralmente atribuído erroneamente aos mais velhos, quanto como uma

manifestação do “orgulho”, presente nas paradas. Estas perspectivas não retiraram das vivências homossexuais um caráter de desvalorização, medo ou até mesmo de uma aversão declarada. As experiências das gerações anteriores tiveram um impacto importante sobre estes novos sujeitos que agora se identificam como homossexuais, e ajudaram a moldar seus modos de vida.

Uma coisa que pareceu não mudar foi a “descoberta” da homossexualidade. Pareceu-me que para todos, era comum a idéia de que as vivências homossexuais não partiam de uma decisão deliberada, mas sim de uma orientação que aos poucos foi ficando mais consciente, tanto emocional quanto fisicamente. Descrevem-se a partir de uma sensação de desconforto, da diferença. Se os jovens heterossexuais dispõem de vários locais aonde podem expressar suas sexualidades, os jovens homossexuais se preocupam com a aprovação da família, amigos e sociedade. Como um sinal dos tempos, dentre os jovens que entrevistei apenas uma mulher experimentou relacionamentos heterossexuais e continuou fazendo deles sua fonte de renda, por razões econômicas. O prazer, disse, só encontrou com outras mulheres.

Se os jovens levam algum tempo para aceitar seu desejo homo, isso nem sempre acontece com seus pais, que parecem estar completamente despreparados para esta revelação. Vários casos me foram revelados, em que o homossexual não conseguiu o apoio da família e acabou sendo expulso de casa. A mãe que tomou conhecimento da homossexualidade de seu filho, preocupou-se com o compartilhar desta informação com parentes, amigos, vizinhos. Assumi uma postura entre indignação e compreensão parental, pois temia a exposição do filho e o preconceito.

Guido e Júnior falaram de suas sensibilidades e de suas incompatibilidades com o futebol, que os isolavam dos outros meninos. A identificação como homossexual tem diferentes sentidos e significações que dependem da história de cada sujeito e estão diretamente associados às outras experiências desenvolvidas por cada um, num processo interacional dinâmico e que pode modificar-se ao longo do tempo. Desta forma, algo pode ser significado por um sujeito como fundante de sua identidade, por exemplo, e ter pouca ou nenhuma importância para outra pessoa.

Na verdade não descobri minha homossexualidade, foi uma coisa que veio desde pequeno. Creio que daquele tempo para cá sempre fui homossexual, desde bem novo, com sete ou oito anos. Mas, só fui me tocar mesmo que eu era, foi recentemente, com uns 14, 15 anos. Aí que coloquei na minha cabeça. A princípio senti medo. Senti revolta, por ser assim. Na verdade, foi assim, senti muita revolta. Andava na rua e sentia vontade de me jogar embaixo de um ônibus. Depois pensava: não, não posso fazer isso com os meus pais [...] Não falei com meus pais, a minha

mãe foi que me perguntou. A princípio, pensei em dizer não, mas achei que não adiantava mentir, por que ela já sabia. Falei que era e ela começou a chorar. Ela sempre foi muito preocupada com os outros [...] Ela ficou mais calma, mas logo depois, não agüentou segurar sozinha, contou para o meu pai. Ela preparou tudo. Eu tinha muito medo que ele me colocasse na rua. Ele demonstrava ter muita aversão quanto a isso, mas quando a minha mãe falou ele começou a chorar. Teve uma reação que eu não esperava e disse que me amava do jeito que eu era. Aquilo para mim foi maravilhoso. Foi uma experiência tão maravilhosa que se pudesse imaginar que seria daquele jeito eu já teria contado antes. Achei maravilhosa a reação dele (Júnior, 18 anos, estudante).

A sensação que Júnior descreve talvez seja compartilhada por muitos jovens. Apesar do “choque” inicial, a reação que recebeu dos pais fez com que ele se sentisse muito mais confortável com sua sexualidade. O seu conflito quanto a aceitar seu desejo sexual parecia estar ligado ao medo de falar com os pais. A “aceitação” muitas vezes vem acompanhada da dificuldade de se discutir o assunto. Os pais se culpam (onde errei?), se envergonham (o que os outros vão falar) e temem pela segurança dos filhos. Os pais têm uma dificuldade de encarar este assunto, pois parece que as homossexualidades parecem residir numa rua escura onde convivem com as doenças incuráveis (AIDS), a prostituição, as drogas e a violência. Apesar de tudo isso, em geral, os pais superam esta dificuldade, mas se preocupam com o comportamento dos filhos, no caso de Júnior o medo parecia ser que ele “desmunhecasse” ou ficasse com um “jeitinho” de guei. “Felizmente”, na maioria dos casos, os pais se “conformam”¹⁵⁶ com a realidade.

Quando comecei a namorar o [nome] foi lá em casa algumas vezes. Tudo normal. Só uma vez minha mãe falou, assim, quando o conheceu: “Ele é meio?”. Ela quis dizer meio afeminado. [...] Ah! Gay tem um jeitinho. Meu pai, mesmo, me falou: “Se tu ficar como o Paulo já é bom”. Paulo é um amigo da minha tia e ele não aparenta... Mas a gente tem um jeito de falar diferente. No meu caso, convivi muito com as meninas e acabei pegando o jeito delas de falar, conversar, sentar, ser mais carinhoso. Porque entre os rapazes rola esse negócio de não querer demonstrar. São, mas não demonstram... Sempre estão nessa... Pô!, cara, que massa!. Eu chego, sento, converso. Querendo ou não, é uma diferença. A maioria tem esse jeito mais delicado (Júnior, 18 anos).

Segundo Júnior vários de seus amigos e amigas foram expulsos de casa quando revelaram as suas homossexualidades. Inclusive, um rapaz que foi seu namorado. Um dos grandes problemas enfrentados pelos gueis é a rejeição que se manifesta na sua própria casa. Não é sem motivo que muitos homossexuais ainda preferem o mundo das sombras, dos armários ou gavetas...

¹⁵⁶ Estas expressões que aparecem entre aspas foram citadas pelo entrevistado e, por este motivo, são reproduzidas e colocadas em destaque. São expressões do sujeito filtradas do senso comum e não refletem, necessariamente, as vivências dos demais entrevistados.

Depois que contei para os meus pais e da forma como fui aceito, normalmente me espanto porque ouço histórias totalmente diferentes da minha. Pessoas que saem de casa, que os pais colocam para rua. O pai de um ex-namorado meu o colocou na rua e ele perdeu um monte de coisas que tinha. [...] No dia em que ele resolveu contar sobre sua homossexualidade o pai tirou tudo o que era dele, casa, carro e ele teve que vir morar em Florianópolis, com a avó. O pai não aceitava mais ele do jeito que ele era (Júnior, 18 anos).

Através das expressões usadas por Júnior: aceitação, revelação, choque, rejeição é possível identificar alguns dos conflitos pelos quais os jovens passam. Os relatos deste jovem explicitam tensões vividas, especialmente no trato com familiares, e revelam um difícil começo de sua autopercepção enquanto sujeito que se relaciona afetiva e sexualmente com um outro homem. Algumas falas dos demais entrevistados também revelaram ambigüidades, inseguranças, conflitos, explicações para suas homossexualidades.

Júnior, por exemplo, encontrou uma explicação para sua homossexualidade através de sua identificação com a doutrina espírita. Encontrou “conforto” ao saber que nasceu assim e, através de sua homossexualidade, estaria “pagando” por alguma coisa, em decorrência de outras vidas. Se esta explicação lhe dava amparo, para outros poderia ser sinônimo de discriminação ou de um estigma social, percebidos em tal grandeza que poderia causar algum dano psicológico nos sujeitos. Pagar, neste contexto, poderia ser compreendido como uma culpa ou, ainda, um pecado que precisaria ser expiado. Um destino a ser cumprido. São recursos encontrados na sociedade de que muitos homossexuais, homens e mulheres, se apropriam como uma justificativa para suas existências.

Eu sou espírita e acredito que a gente reencarne, todas essas coisas. Então, uma coisa que me conforta é que acho que eu estou vindo de uma outra vida e que vim assim porque eu pedi e devo vir assim por que tenho que pagar. Nesse sentido, eu nasci assim. Como que tu ficasse com guria, que tu já gostasse de guria. Eu tive uma fase que gostava de menina, sentia atração por menina. Mas como que acontece isso. Na verdade, cheguei a ponto de pensar que o desejo sexual é uma coisa louca, a pessoa não controla. Ela pode sentir desejo por uma pessoa de outro sexo, como pode sentir desejo pelo mesmo sexo. Acho que é desejo. Mas o que rola com a gente não é só desejo, é um carinho que rola. Meio louco isso de falar. Mas acho assim, que tem essas pessoas que gostam dos dois, que a gente chama de bissexual, que rola com os dois lados. São desejos, são vontades que as pessoas têm (Júnior, 18 anos).

Nesta parte de sua entrevista o adolescente Júnior fala de seus relacionamentos heteros de uma forma mais complexa do que aquela apresentada pelos sujeitos da primeira geração. Introduziu a questão da “loucura” do desejo sexual e admitiu que também chegou a gostar de meninas, mas não chegou a se apresentar como bissexual. Diante do conflito, da “loucura” de seu desejo, chegou a permanecer horas assistindo filmes com mulheres nuas para ver o que aconteceria, se sentiria desejos por aqueles corpos expostos.

No início, quando pensava que era gay sentia muito medo. Primeiro por causa da minha família, dos meus amigos. O que eles iam pensar... [...] Tinha muito medo das pessoas. De andar na rua e os outros saberem o que sou, que me olhassem atravessado ou que ficassem me apontando. Sempre rolava um lance de medo. [...] Pensava: por que isso acontece comigo? Por que está acontecendo comigo? Sempre tive essa “neura”. Por que não posso ser “normal”? Como todos dizem. Por que não posso ser hetero? Gostar de mulher. A minha vida seria muito mais fácil, por causa do preconceito que existe. Ficava irritado comigo mesmo. Cheguei a ponto de ficar na frente da tv e ver mulher nua e ver se acontecia alguma coisa. Se ficava excitado, mas nada acontecia. [...] Hoje penso que as pessoas têm que me aceitar do jeito que sou. Porque é natural... (Júnior, 18 anos).

A preocupação com o “jeitinho” e a repercussão deste comportamento junto aos outros também era uma das preocupações de Guido (21 anos, garçom), que acabou fazendo uso de drogas até assumir sua homossexualidade.

Ah! Eu sou uma pessoa feliz, pelo menos agora. Comecei há pouco tempo nessa vida de homossexual e para mim agora está um pouco melhor. Está mais liberado, vamos dizer assim. Antes, eu era uma pessoa mais fechada, uma pessoa que ia para os lugares, freqüentava os lugares GLS, mas não era tão aberto, depois fui conhecendo novas pessoas e comecei a me expor um pouquinho mais. [...] Tinha amizade com as meninas, até porque o meu jeito sempre foi assim, ninguém desconfiava de nada. Sempre tive um jeito assim, digamos, não muito levado para o lado homossexual, aparentemente. Entretanto, mantinha um olhar diferente, entende? Sentia que era mais forte pelos meninos, não pelas meninas. Minhas fantasias sexuais eram com meninos. Com certeza, sempre foram. Acho que isso é uma coisa definida desde quando era mais novo. O interessante é que só fui me envolver com um outro homem há mais ou menos uns três anos atrás. Foi somente uma noite por que a pessoa era comprometida, ele estava sem o namorado na boate e aí fiquei com ele, ciente do que ia acontecer. Era só aquela noite mesmo. [...] Cheirei cocaína por três anos e fumei maconha sete anos. Comecei acho que foi com 13 anos. [...] Acho que isso tinha a ver com a dificuldade em me aceitar, de me assumir. Foi um período em que estava meio que depressivo e procurava esse caminho para ver se era... Agora, a minha vida melhorou bastante, com certeza. Depois que me assumi, está bem melhor. Antes eu era uma pessoa muito fechada, ainda sou, mas melhorei bastante (Guido, 21 anos).

O uso abusivo de drogas ilícitas e de bebidas alcoólicas é um problema que também atinge muitos homossexuais, como foi relatado por Guido. A ênfase nos bares e boates como locais de encontro ou de socialização preferidos pelos homossexuais faz com que se evidencie, com muita freqüência, o consumo deste tipo de bebidas.

Também entre as jovens houve muitas dificuldades em se aceitarem como lésbicas. Adriana (23 anos, secretária) revela:

Na época dos meus 16 anos, quando vim morar em Coqueiros... não tinha namorado, não me interessava por menino. Tinha uns meninos que se interessavam por mim e eu nem queria saber. Eles me procuravam, iam lá em casa e eu não me interessava, sentia até raiva dos meninos. Foi nessa fase que comecei a perceber, realmente, a minha opção sexual. [...] Tive muitas dificuldades em aceitar isso, me achava de outro planeta, de um outro mundo, vivia sempre... Tinha umas amigas que viviam

falando de meninos, e eu não tinha o que comentar sobre isso. Sentia vergonha, às vezes citava nomes de outros meninos que não me interessavam, mas citava para comentar alguma coisa com elas, por não me aceitar assim. Era uma coisa muito difícil pra mim, me isolava, quase não conversava com ninguém. Não posso dizer que foi uma coisa tranqüila, mas também não me deixou com problemas em relação a isso [...] Nesta época a minha mãe começou a desconfiar, e a coisa ficou ruim entre a gente [...] Tivemos uma briga muito séria, ela me disse que estava desconfiada que eu era sapatão. Quando ela falou isso fiquei muito magoada, muito chateada. Fiquei uma semana trancada no quarto, não comia, não fazia nada. [...] Pensando em tudo, sei lá. Pensando que devia gostar de homem. Achava que devia falar a verdade, mas faltava coragem. Sei que ela tinha preocupação comigo, pensava muito em conversar com ela, em falar com ela, pensei em deixar uma carta, fugir... [...] Um dia tivemos essa conversa e ela falou que me aceitava do jeito que eu era. Se eu era feliz, ela também seria. Que não adiantava me mandar para um psicólogo, para um psiquiatra, para qualquer “psico”. Ela falou de mães que fizeram isso. Disse que ia me amar sempre, ia me apoiar em tudo que quisesse fazer e que fosse melhor para mim. Foi bem boa a nossa conversa (Adriana, 23 anos).

Adriana falou da dificuldade em aceitar a sua homossexualidade, chegando a isolar-se socialmente. Saber a quem contar ou encontrar “alguém” semelhante é uma tarefa bastante difícil. As pessoas, os amigos, a família podem ter reações hostis e até mesmo violentas. Uma das alternativas, bastante procurada, é o encaminhamento aos “psis”, na tentativa de encontrar uma ajuda profissional. Geralmente, após a “revelação” da homossexualidade ocorre um “pacto de silêncio” entre pais e filhos e, neste sentido não há problemas em se recorrer a profissionais da área “psi”, como disse Adriana. De acordo com a resolução 001/99 do Conselho Federal de Psicologia nenhum psicólogo pode oferecer cura à homossexualidade sob pena de sofrer sanções, mas pode ajudar a trazer conforto aos homossexuais ou ajudá-los a lidar com a dor da rejeição. A forma proclamada pela mãe de Adriana ao reconhecer a homossexualidade da própria filha excluía a possibilidade de tratá-la como alguém “doente”.

O relacionamento de Adriana (23 anos) com seu irmão Guido (21 anos) nem sempre foi tranqüilo. Ela conta que ele a agredia chamando de “sapatão” e criticava suas amizades com as mulheres. Apenas mais tarde ela veio a descobrir que ele gostava de outros homens.

Com o meu irmão eu passei uma fase bem complicada no início. Às vezes, a gente brigava por qualquer motivo, ele sempre soltava uns comentários desagradáveis tipo: “tu és uma baita sapatona, só fica andando com mulher”. Tive uma fasezinha bem ruim com ele. Apesar de algumas amigas minhas, que já eram mais experientes, alertarem que ele jogava no mesmo time, eu não acreditava. Nem imaginava, ele me recriminava um monte. Brigava comigo, me criticava, via me chamando de sapatona. Depois percebi que ele foi aceitando a situação. Comecei a desconfiar dele quando observei que ele só andava com mulheres que se envolviam com outras mulheres. Nesta época, tive uma conversa séria com ele, pedi para que ele não me chamasse mais de sapatona, ou fizesse piadinha. Só mais tarde, quando já estava com minha atual companheira é que vim a descobrir que ele tinha a mesma opção sexual, que ele gostava de homens (Adriana, 23 anos).

Independente da orientação sexual, os homens e as mulheres estão sujeitos ao duplo padrão de moralidade que existe na sociedade, especialmente no que concerne à fidelidade. Os relacionamentos não-monogâmicos geralmente são mais aceitáveis quando procurados pelos homens, mas Marina disse que ela também se envolvia com outros homens e até com outras mulheres.

Aos 14 anos saí de casa, arrumei um namorado e fui morar com ele. Fiquei com ele dois anos e ele foi embora. Acabei conhecendo uma outra pessoa e fiquei com ele três anos. A gente teve uma casa com cachorro e tudo. Minha mãe, que se separara de meu pai, morava junto. Quando separei, aos 19 anos, a mãe não me aceitou dentro de casa e mandou eu seguir a minha vida e aí fui embora. Primeiro para Porto Alegre e de lá para Goiânia. [...] Sempre tive curiosidade, ouvia falar de mulher com mulher, lesbianismo que se fala. Tinha curiosidade. Não gostava de homem, tanto que ficava com um aqui e tinha um outro logo ali. Nunca fui fiel a um homem, nunca fui totalmente fiel a um homem. [...] Tinha curiosidade, acreditava que um dia ia encontrar uma mulher que me despertasse, até então não tinha aparecido ninguém. Quando voltei a fazer programas, uma noite eu saí com um cara e uma garota. Uma garota de programa. [...] Aqui na boate muitas vezes a gente sai em duas para atender a vontade dos fregueses. Só que, aqui, aprendi a fingir [...] Quando a gente gosta de uma mulher a gente olha para a menina e montamos um esquema para sair com ela. Avisamos o cliente. Ele paga e você acaba comendo a garota que você quer, entendeu. Conseguimos enganar direitinho. [...] Mais de 60% das mulheres que trabalham em boate são assumidas e as outras escondidas. A maioria das mulheres é casada com mulheres e outras dizem que gostam de homens e de mulheres, as que não são assumidas (Marina, 25 anos, garota de programa).

Ao trazer esta “fantasia” de alguns clientes, Marina está se referindo a uma outra visão dos relacionamentos lésbicos. Aqui, os atos sexuais entre mulheres são considerados como um estimulante erótico, para aqueles homens que continuam a vê-las como objetos sexuais. Para ela, o emprego de uma simples “estratégia” para ficar junto da mulher desejada.

Leila disse, anteriormente, que na noite GLS encontrava com muitas garotas de programa e que elas causavam sensação entre suas amigas. Marina faz uma distinção entre “estar” e gostar da zona e para isto recorre especialmente à família de origem e aos valores adquiridos. Diz-se “extremamente” honesta e fala de uma ex-companheira que adora as “putas” e os prazeres associados à noite, às festas.

A minha ex-companheira falava que a minha profissão era ruim. Jogava na minha cara o que eu faço, só que ela é pior. Ela é muito pior do que eu por que ela é uma pessoa que tem pai, tem mãe. A família dá tudo para ela e ela vive na zona. Gosta de viver no meio de vagabunda, das piores pessoas. Ela é pior do que eu, por que estou dentro de uma zona, mas não tenho pai, não tenho mãe e mesmo assim sou uma pessoa, Deus o livre, extremamente honesta. Não deixo atrasar minhas contas, detesto ficar devendo para os outros, não fumo, não cheiro, não bebo, não gosto de putaria, não sou de sair de casa, Se eu vou para a zona, hoje, é para trabalhar. É um trabalho que botei no meio da minha cabeça, só que estou numa zona, mas não sou puta. Não sei se você me entende. Eu estou na noite, mas não sou puta. Ela não está

na noite, mas ela é puta... Ela é vagabunda, ela é bagaceira. Adora putaria, adora zona, adora festa, adora isso (Marina, 25 anos).

A preocupação de Marina com a sua aparência não é um processo único, parece que cada vez mais algumas lésbicas estão se preocupando em substituir aquele antigo estereótipo masculinizado por um visual mais feminino. Além de sair dos tradicionais guetos homossexuais, muitas lésbicas tem procurado cuidar do corpo, das vestimentas, das maquiagens, um estilo de vida veiculado pela mídia como *lesbian chic* (Palomino, 1993; Frias Filho, 1995). A independência financeira é um outro fator que facilita a aceitação destas mulheres oriundas das camadas médias da população. Aquelas jovens das camadas populares, geralmente não tem a mesma chance e continuam a enfrentar a discriminação no bairro onde residem, podem apanhar do pai, serem expulsas de casa e até perderem o emprego. Rosane Godoy (2002), entretanto, identificou na Grande Florianópolis alguns dos lugares aonde lésbicas de camadas populares se encontravam e se divertiam “dançando juntas suas músicas, fazendo uso de linguagens próprias, formando redes de sociabilidade” (p. 43) e, que algumas destas mulheres, “apresentavam um estereótipo bastante masculinizado, tanto na forma de se vestir quanto no estilo de se portar” (p. 45). Comparando a quase invisibilidade das mulheres com as quais se deparou na boate *Chandon*, com a rede de mulheres nos bailões espalhados pela região metropolitana de Florianópolis, a pesquisadora chamou a atenção para a “pluralidade de vivência da sexualidade, que com modos de vida diferenciados e códigos próprios [...] se apresentam na sociedade” (p. 50).

Machorra é só um modo de dizer. Machorra, para mim, é gostar de mulher, para não dizer lésbica que acho um nome tão feio, falso. Em Goiânia, a gente falava entendida. [...] Agora, quero botar meu silicone, pela primeira vez estou realizando o meu sonho. Vou ficar mais bonita, erguendo minha auto-estima vou ficar me amando mais. [...] Não tem como eu ser masculino, imagina eu me vestir de masculino; por enquanto sou mulher e bastante vaidosa. [...] 90% da mulherada da boate tem silicone. Daí, não adianta você ter um rostinho bonitinho, pois o cliente chega lá e olha para o teu rostinho, mas vai atrás de uma mulher turbinada (Marina, 25 anos).

Os números da violência contra os homossexuais colocam sob suspeita a tal falada tolerância encontrada na cidade. Falar das violências contra os homossexuais não é difícil, pois os números de casos divulgados comprovam que estes episódios não são poucos. Parece-me complicado é expor que mesmo entre gueis e lésbicas há muita violência. Durante este trabalho expus alguns episódios e no capítulo anterior citei uma polêmica sobre o comportamento de algumas lésbicas em bares e boates, e as brigas e confusões entre elas. Marina fez novos comentários nesse sentido.

As mulheres sapatões brigam direto. A [fulana] bateu na minha cara. [...] ela me batia, me espancava. Outro dia foi na rua mesmo, começou no ponto de ônibus. Ela me bateu no ponto de ônibus. Depois, entrei num ônibus e me sentei num banco, ela se ajoelhou no banco da frente, virou para mim e ó (tapa). Dentro do ônibus. Fui apanhando dali do colégio, do Instituto até onde tem essa delegacia do presídio. Ali onde o ônibus parou. Meu pescoço ficou tudo roxo. [...] Fiquei no ônibus e não deixei a policial botar a mão nela. Ela desceu no próximo ponto e eu desci em seguida porque quase que o pessoal me linchou dentro do ônibus. Eles viram que nós éramos sapatões. Desci e, ainda, apanhei dela no meio da rua. Peguei um taxi, a enfiei dentro e a trouxe para casa. No outro dia ela chorou, arrependida por que eu estava toda marcada no pescoço. Fiquei uma semana sem trabalhar (Marina, 25 anos).

Tentei descobrir se havia alguma bibliografia que tratasse desse assunto e só encontrei dois livros, um de dois pesquisadores norte-americanos e outro de duas “militantes” inglesas¹⁵⁷. Enquanto Joelle Taylor e Tracey Chandler (1995) ouviram as lésbicas falarem de seus relacionamentos violentos, Claire Renzetti e Charles H. Miley (1996) editaram vários autores que trataram da violência doméstica entre casais de gueis e de lésbicas, inclusive no caso de homens infectados pelo HIV. Para as militantes inglesas, Taylor & Chandler, é preciso estimular o debate sobre a violência entre mulheres para que se quebre o silêncio sobre esses episódios, não só na comunidade lésbica mas entre as feministas em geral. Os norte-americanos Renzetti & Miley, que organizaram um livro sobre a violência entre casais de homens e de mulheres, afirmam que a publicação deste livro significa o reconhecimento da violência doméstica nos relacionamentos gueis e lésbicos como um problema social e também da necessidade de atenção e intervenção para um problema até então desconsiderado.

Estudos mais aprofundados dessa temática seriam importantes não só para desmitificar a violência entre as lésbicas, mas também para a compreensão dos episódios violentos entre os casais, independente de orientação sexual. “The issue of abusive lesbian relationships has been used to undermine arguments fundamental to feminist theory and to our understanding of the complex structures that underlie male power¹⁵⁸,” (Taylor & Chandler, 1995, p. 08). Segundo as autoras torna-se “imperativo” que as lésbicas sejam ouvidas neste debate, não se pode realizar uma simples adaptação dos modelos de violência masculina.

A lesbian does not magically become a man, except in the most symbolic terms, when she beats or sexually assaults her lover. She is still a lesbian, and she is still a woman. Her violence comes from a different place, and will mean something

¹⁵⁷ No Brasil, o livro “Cenas e Queixas” (1992), de Maria Filomena Gregori, tornou-se um marco ao analisar o discurso queixoso das vítimas das chamadas guerras conjugais. Ao incorporar a perspectiva relacional que envolve o conceito de gênero e desvendando as relações de poder e de contra-poder que envolvem o masculino e o feminino a autora propiciou um avanço teórico importante aos estudos sobre violência.

¹⁵⁸ “A questão do relacionamento lésbico violento é um argumento fundamental para a teoria feminista e para nossa compreensão das complexas estruturas que explicam o poder masculino”.

different, both to the woman who uses that violence and to those she is violent towards. Not less, not more, but different¹⁵⁹ (Taylor & Chandler, 1995, p. 09).

Não se pode ignorar o papel do gênero nas histórias de abusos ou violências. É um fenômeno que poderia ser considerado democrático, pois ocorre entre sujeitos de qualquer idade, escolaridade, etnia, religião, ou classe social. Fatores que muitas vezes estão associados, mas que não são causas da violência. Da mesma forma, associar os episódios de violência às *butch*¹⁶⁰ é perpetuar estereótipos, pois segundo as autoras também as “femmes are as likely to manipulate and brutalise their lovers as butches¹⁶¹” (id., p. 46). O importante é assinalar que a incidência destes episódios, provavelmente, seja a mesma que a violência doméstica entre casais heterossexuais.

Hoje, muitos dos modos de vida de homossexuais alcançaram visibilidade e isto pode ser considerado como uma melhora em relação a um passado recente, mas ainda está muito longe de lhes garantir aceitação total. Muitos ainda vivem nos “guetos”, aonde podem namorar de mãos dadas e paquerar livremente. Se hoje é possível perceber a discriminação como um ato ilegal, a questão dos direitos civis dos homossexuais ainda é uma questão em aberto.

Com a exceção de Leila (44 anos) que vê uma atitude mais positiva nos jovens, os demais entrevistados, especialmente os homens, pareceram demonstrar um certo ressentimento apontando aspectos negativos dos “novos” homossexuais. Pareceram reafirmar uma idealização de suas juventudes. Escutei suas interpretações para o “hoje em dia” como sendo de duvidosa decadência. Obviamente algumas mudanças têm ocorrido. A própria epidemia da AIDS exigiu uma ação coletiva na construção de respostas em face de sua crise.

¹⁵⁹ “Uma lésbica não se torna magicamente um homem, exceto em termos simbólicos, quando ela bate ou violenta sexualmente sua parceira. Ela ainda é uma lésbica e ela ainda é uma mulher. Sua violência vem de diferentes lugares e de diferentes significados, tanto para a mulher que usa da violência quanto para aquelas que são violentadas. Nem mais, nem menos, mas diferente”.

¹⁶⁰ É considerada *butch* aquela mulher mais masculinizada enquanto *lady* é aquela mais feminina.

¹⁶¹ “*Ladys* são tão manipuladoras e brutais com suas amantes quanto as *butches*”.

4. A AIDS¹⁶² em três tempos.

*Um dia, vivi a ilusão
de que ser homem bastaria
que o mundo masculino
tudo me daria.
O que eu quisesse ter...
(Gilberto Gil)*

A AIDS/SIDA é um fenômeno que já há algum tempo vem fazendo parte do “universo” homossexual. Se por um lado ela reforçou preconceitos que pareciam ultrapassados, por outro ela trouxe mais visibilidade para os sujeitos homossexuais. Aquele “câncer” que parecia ser uma prerrogativa dos gueis obrigou os governos a implementarem políticas de atuação ao seu combate, em cooperação com os grupos homossexuais organizados. Ao mesmo tempo em que trouxe, no seu início, um forte sentimento trágico marcado pela morte, abriu perspectivas para um debate interdisciplinar sobre suas causas e conseqüências. Por outro lado, parece ser consenso que se há algo positivo que possa ser associado à AIDS, este reside no fato que, em decorrência desta síndrome começou a haver uma maior visibilidade dos homossexuais.

O fantasma da morte imediata que estava associado à doença parece ter sido vencido, em função do desenvolvimento de novas terapias e tratamentos. Nos últimos anos, a infecção por HIV¹⁶³ tem se tornado um problema de saúde crônico, mas administrável, como afirma Richard Parker (2000). Da mesma forma, muitos dos problemas de discriminação e violação dos direitos humanos enfrentados por seus portadores parecem que vão sendo superados “à medida que os sistemas legais e as estruturas oficiais [são] acionados para combater a epidemia, reafirmando os direitos básicos de todos os seres humanos, independentemente de ser soropositivo ou não” (id., p. 07). Isto dito, no entanto, não significa que estamos próximos da vitória sobre a AIDS, como lembra Parker (id., p. 09) “ela está muito viva e bem”, ainda afetando diferentes grupos populacionais e setores da sociedade.

[...] ela está de fato prosperando, mas [...] o seu enfoque tem mudado de espaço social, afetando hoje em dia quase exclusivamente os setores mais marginalizados da sociedade que vivem em situações caracterizadas pelas diversas formas de violência estrutural – devido à pobreza, ao racismo, à desigualdade de gênero, à opressão e à exclusão social de um modo geral (Parker, 2000, p. 09).

¹⁶² *Acquired Immune Deficiency Syndrome* ou Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA).

¹⁶³ *Human Immunodeficiency Virus* ou Vírus da Imunodeficiência Humana.

Os pesquisadores do HIV-AIDS, como Richard Parker, têm afirmado que uma intervenção na saúde pública não pode ser considerada apenas como um processo técnico, mas sempre como uma ação política. Eles chamam a atenção para o fato de que as forças sociais, culturais e econômicas que influenciam e até mesmo moldam os comportamentos sexuais, geralmente são ignoradas nas ciências da saúde. Os movimentos feministas e homossexuais provocaram enormes mudanças sociais a partir da década de 60, inclusive possibilitando a inclusão da sexualidade e do gênero como categorias analíticas (Castells, 1999). A emergência da AIDS, no entanto, tem propiciado uma crescente preocupação com políticas sociais sobre as diversidades sexuais e as próprias relações de gênero. A AIDS é ainda um exemplo da construção social da doença. Aliás, a AIDS não é exatamente uma doença, mas sim uma síndrome, um conjunto de doenças. Ao longo destes 20 anos de síndrome já se ouviu falar em “grupos de risco”, “comportamentos de risco” e “vulnerabilidade social” (Seffner, 1998). Richard Parker (2000, p. 77), no entanto, afirma que estas mudanças de foco não podem ser entendidas “como um desenvolvimento linear – uma sucessão de fases, onde cada fase cede o lugar ou desaparece quando surge a seguinte”. Talvez, poderiam “ser descritas com mais precisão como um conjunto de círculos concêntricos progressivamente maiores, no qual estruturas mais complexas foram sendo gradualmente incorporadas ao escopo da análise”. A AIDS tem possibilitado diferentes enfoques à pesquisa sobre sexualidade e gênero.

A AIDS, neste trabalho, também poderia ser uma forma de dividir os gueis¹⁶⁴ em diferentes gerações, pois assim como optei pela criação dos ambientes exclusivos para interação dos homossexuais, poderia ter me ocupado desta síndrome como um padrão definidor destes parâmetros diferenciadores. As vivências em torno da AIDS poderiam estar no lugar das referências cronológicas para balizar os limites entre uma geração e outra. As mudanças históricas e culturais que a envolvem poderiam ajudar a definir padrões que demonstrariam uma periodização da vida. Tratar-se-ia de um reconhecimento “que qualquer ponto da trajetória de vida precisa ser analisado de uma perspectiva dinâmica, como consequência de experiências passadas e expectativas futuras, e de uma integração entre os motivos pessoais e os limites do contexto social e cultural correspondente” (Simões, 2004, p. 90). A ênfase estaria “nos hiatos, rupturas, improvisações e invenções que singularizam experiências geracionais” (id.). De maneira bastante linear se poderia afirmar que numa

¹⁶⁴ Nenhuma das minhas entrevistadas fez referência à AIDS e, por este motivo, a relação desta doença com o homoerotismo feminino não foi analisada, neste trabalho. O que não quer dizer que não haja lésbicas convivendo com o HIV-AIDS.

primeira geração a AIDS só apareceu muito tarde sendo considerada como relevante apenas por não se ter infectado, não havia os cuidados da prevenção, numa segunda geração ela apareceria em plena juventude e numa terceira geração, agora pós-AIDS, a iniciação sexual se daria já em tempos de AIDS.

O conceito de geração muitas vezes é compreendido, não só em linguagem comum, como um modelo de sucessão das idades. As idades se sucederiam introduzindo um “espírito de tempo”. Na perspectiva empreendida neste trabalho, há a preocupação de se evitar generalizações e respeitar a multiplicidade e a diversidade das atitudes de cada geração. Não há uma característica de cada geração. O curso da história tem demonstrado que não se pode esperar que tudo seja diferente a cada geração, apesar da constatação de que fatos novos realmente ocorram, como o aparecimento da AIDS. As relações entre as categorias analíticas AIDS e geração ajudam a compreender as homossexualidades como um valor cultural e simbólico, além de evitar a tendência de vê-las como um conjunto homogêneo. Ao que tudo indica, no entanto, as atitudes introjetadas e os modos de vida mudam muito lentamente e não ao sabor da moda, como as vestimentas. Por outro lado, talvez se possa afirmar que muitos contrastes numa mesma geração sejam maiores que as diferenças entre as gerações.

A primeira geração.

*... O meu prazer
agora é risco de vida.
Meu sex and drugs não tem nenhum
rock'n roll.
(Cazuza e Frejat)*

Aqui estariam os gueis de antes da década de 80, aqueles que fizeram a “revolução sexual”. O primeiro caso registrado de AIDS foi no início desta década, sendo que, no Brasil, os primeiros casos confirmados só ocorreram em 1982, no estado de São Paulo. A síndrome foi inicialmente associada, de forma bastante estigmatizadora, aos “grupos de risco” – homossexuais, prostitutas, dependentes químicos, hemofílicos – em especial aqueles localizados nos grandes centros urbanos. Esta idéia de “grupos de risco” dava uma falsa noção de que as pessoas não pertencentes a estes grupos estariam livres desta ameaça, assim como disseminava preconceitos e estigmas contra as minorias. Embora com todos os avanços obtidos, esta ainda é a forma como muitas pessoas se relacionam com a AIDS.

A epidemia, ao longo dos anos 80 e 90, acabou atingindo muitos homens e mulheres, jovens e crianças, indistintamente. O HIV e a AIDS atingiram pessoas de diferentes segmentos sociais, de escolaridades diferenciadas, de diversas etnias, de diferentes religiões e

orientações sexuais, dos mais remotos rincões do país. O grupo de homossexuais masculinos que considerei como pertencentes à minha primeira geração pode, no entanto, ter sido sua maior vítima. Eram os adultos que haviam pregado a pluralidade de parceiros, o amor livre e descompromissado, quando a AIDS apareceu. Um grupo sem as devidas informações pois estas foram se construindo com o tratamento da doença.

Foram vários com quem me relacionei sexualmente, fui muito volúvel. Sabe, sou até hoje. Não gosto muito de repetir, gosto de coisa nova. Sempre digo, fui premiado por não ter AIDS, fui premiado por Deus por que fui muito, muito..., pegava tudo quanto era homem [...] Foi uma dádiva de Deus, um milagre, eu não ter pegado AIDS. Nunca peguei uma doença, nem uma sarna, nem uma sífilis, nem uma gonorréia. Nunca peguei nada, doença venérea, nenhuma, nada, nada, nunca peguei nada, graças a Deus (Agenor, 71 anos).

O advento desta epidemia interferiu no modo de vida e no exercício da liberdade sexual de muitos homossexuais. No seu início, a AIDS podia ser considerada como uma denúncia pública da homossexualidade ou da bissexualidade, pelo fato de ter aparecido primeiro entre homens que faziam sexo com homens. Foi como puxar um freio-de-mão. Aqueles trabalhos sobre homossexualidades e AIDS baseados em narrativas de histórias de vida, biografias e documentos pessoais, ajudam a compreender as vivências das homossexualidades em diferentes momentos. Ou, como disse o psicólogo Veriano Terto Jr. (2000, p. 03) ao refletir sobre as construções discursivas médico/científicas, “os modos como indivíduos homoeróticos respondem às imposições da AIDS sobre suas práticas sexuais”.

A segunda geração.

*Estou vivendo com AIDS. Um vírus
me habita, um risco me ronda.
Dessas coisas devo falar. Não por causa da doença.
Nem mesmo por causa da morte [...]
Estou compelido a falar, assim sendo,
daquilo que, em saúde ou doença, me
torna plural de uma época, ou seja,
a dita condição humana.
Afim, a questão é sempre a vida.
No oposto do seu biológico.
(Herbert Daniel)*

No início da década de 80, a epidemia da AIDS ganhou destaque na imprensa. Na época se falava num “câncer gay”, o que levou ao pânico muitos daqueles libertários egressos da contra-cultura dos anos 60/70. A AIDS apareceu associada à morte e o teste anti-HIV tomava o peso de uma condenação. Um resultado positivo poderia significar o “fim da linha”.

Quando voltei para cá, no final do ano de 84, começo de 85, se não me engano, o bichinho tinha acabado de botar todo mundo em alerta. Foi a hora em que escapei de São Paulo. Tinha medo de morrer, tinha medo de ser contaminado, por que vivia na putaria, mas na putaria mesmo. Tinha dias, por exemplo, que chegava meio-dia e eu ia para a sauna e transava com dez caras. Era uma doideira, era violenta a coisa. Achei que aquilo estava demais e resolvi voltar [...] Foi em 1994 que fiquei sabendo da história. Fui fazer um exame de HIV e o resultado deu positivo. [...] Foi uma coisa muito violenta que tive que peitar. Felizmente isso só aconteceu comigo no ano de 94 e, nessa altura do campeonato, estava surgindo a primeira geração dos combinados, ainda não eram os coquetéis. Não era aquela cura, mas tinha a primeira geração dos combinados. Em 96, eu fui procurar o primeiro médico, realmente, para me acompanhar [...] Só que, meu amigo, fui entrando em contato, mais uma vez na vida, com uma outra forma de preconceito. Até, então, havia o preconceito por ser gay, isso era visível [...] Agora era o preconceito físico, e aí entendi o que deve passar o negro, o que deve passar o judeu. O preconceito físico é isso, puseram um X em mim, aí é foda. [...] Eu sempre tomo cuidado, sempre tenho as minhas camisinhas, transo sempre prevenido [...] Comecei a ter situações curiosas, por exemplo, eu transava com um motorista de táxi, que era meu amante, ele sempre vinha na minha casa. Quando peguei essa merda do bicho tive que afastá-lo de mim, não tinha coragem. Porque ele queria fazer sexo oral, eu não podia deixar ele fazer sexo oral em mim. Como é que eu ia deixar ele fazer sexo oral em mim? (Ricardo, 46 anos)

Este homem acreditava que tinha um “comportamento de risco”, ou seja, tinha práticas sexuais promíscuas. Esta foi uma segunda maneira de perceber o fenômeno da AIDS. Ela já estava atingindo pessoas de fora dos “grupos de risco” tradicionais. Tornava-se democrática, isto é, qualquer sujeito que mantivesse relações sexuais sem camisinha, que compartilhasse seringas, recebesse sangue não testado. Fernando Seffner (1998, p. 403) diz que embora os evidentes avanços, em relação à forma de nomeação anterior, “ela ‘apaga’ determinados fatores que tornam alguns indivíduos mais vulneráveis à epidemia do que outros, tais como questões econômicas, acesso a informações, existência de serviços de saúde e aconselhamento, etc”. Segundo Seffner (id.) “de fato, a AIDS não é exatamente uma doença ‘de todos nós’, uma vez que não estamos todos na mesma posição social frente a ela”. A noção de comportamento de risco também implicava numa “culpa”.

O que Ricardo chama de “coquetel” nada mais é do que a combinação de algumas drogas que já haviam se mostrado eficazes isoladamente, especialmente os retro-virais. Na história das doenças nunca se viu tantos avanços em tão pouco tempo quanto na história da AIDS. Nunca uma epidemia mobilizou tantos esforços e recursos quanto esta. A idéia da proximidade da “morte anunciada” foi afastada, mas em decorrência da situação de portador do vírus da AIDS, muitos passam por uma “morte civil”, perda de emprego, amigos, discriminação, isolamento. Para Herbert Daniel (1991, p. 05) “a morte civil é a pior doença gerada pela epidemia insuflada pela epidemia do HIV”. Ricardo assumiu que enfrentou

preconceito ao observar algumas mudanças em seu corpo. O estigma de ser um portador do HIV.

A AIDS é um dos maiores medos. Acho que todos têm medo e a primeira vez que apareceu na imprensa, a tal da Rede Globo fez um carnaval, que era doença de viados. Imagina, todos os enrustidos deviam estar se cagando, os casados mais ainda, por uma simples constatação como esta, era doença de viado [...] Hoje, eu administro a coisa, mas acho que a coisa foi muito grande, botaram um fardo muito pesado em cima dos gays. Aquilo deu medo para muita gente, eu também fiquei com medo, mas a coisa de conhecer amigos, de ter amigos, de conhecer pessoas que já foram infectadas e até mesmo desenvolverem a doença, foi deixando a coisa mais tranqüila. Hoje, passado vinte anos até o estigma também mudou, deixou de ser associada aos gays. Então, a coisa está mais tranqüila, mas o medo sempre existe (Mário, 41 anos).

Com coquetel ou sem coquetel, a AIDS ainda não é curável, é tratável e a idéia de morte permanece associada a ela. O próprio coquetel demonstra ótimos resultados com alguns pacientes, mas o seu efeito não é igual para todos. Cada caso é um caso. A maneira como ela era percebida também mudou no final da década de 90, segundo Fernando Seffner (1998, p. 403), agora se procura integrar fatores de ordem individual (subjetividade, auto-estima) com fatores sociais (disponibilidade de recursos, informações, estruturas de atendimento). A AIDS continua a ser um grande problema da humanidade neste início de século.

A terceira geração.

*A tormenta gera histórias
e é tão viva quanto o sol
tem mais perigo que a poesia
tem mais jogo do que a razão.*
(Tavinho Moura e Milton Nascimento)

O número de pessoas contaminadas pelo vírus da AIDS continua crescendo em Florianópolis, espalhou-se por toda a sociedade e não se pode mais falar em “grupos de risco”. Ainda se continua sem perspectiva de cura, mas com perspectivas de um controle de suas formas de contaminação. São inúmeras as campanhas de prevenção propagadas pelos governos e pelas ONG’s criadas ao seu redor, mas ainda há muitos jovens, principalmente mulheres, sendo contaminados. Jovens que cresceram ouvindo falar que a AIDS mata, numa atitude moralista que a associava “promiscuidade” e “grupos de risco”. Prevenção não significa diminuir o número de pessoas com quem se relaciona sexualmente, no caso dos

gueis torna-se imprescindível o uso de preservativos. Os modos de transmissão desta doença, muitas vezes podem ser considerados mais sociais do que individuais.

Richard Parker e Jane Galvão (1996) apresentam dados que indicam como a AIDS foi deixando de ser associada à homossexualidade masculina para ir se feminilizando. Em algumas sociedades a transmissão heterossexual tem se constituído o padrão e as mulheres tem arcado com o ônus da epidemia, no entanto, segundo os autores, “a vulnerabilidade das mulheres frente ao HIV/AIDS e o impacto da epidemia nas suas vidas têm sido colocados como uma questão secundária – cercada, quase sempre, pelo silêncio e descaso tradicionalmente associados com a sexualidade e a saúde femininas” (id., p. 07).

Enquanto contatos homossexuais e bissexuais foram responsáveis por aproximadamente 85% do número total de casos de AIDS, reportados ao Ministério da Saúde até 1984 (MS – *Boletim Epidemiológico*, 1988), em 1994 esse número havia caído para, aproximadamente, 35% do total de casos notificados (MS – *Boletim Epidemiológico*, 1994/5). A transmissão heterossexual, no entanto, cresceu de 5% do total em 1984 (MS – *Boletim Epidemiológico*, 1988) para quase 14% em 1994 (MS – *Boletim Epidemiológico*, 1994/5). Ainda mais surpreendente é a informação de que dos 127 casos de AIDS reportados até 1984, 126 diziam respeito a homens e um caso feminino – uma proporção de homem/mulher de 126/1 (MS – *Boletim Epidemiológico*, 1994/5). Em 1994, essa proporção se vê radicalmente transformada, com um total de casos de mais de 50 mil entre homens e mais de 10 mil casos entre mulheres, uma relação de casos homem/mulher que caiu para 5/1 (MS – *Boletim Epidemiológico*, 1994/5. In: Parker & Galvão, 1996, p. 08).

Os homens que fazem sexo com homens não se restringem àqueles homossexuais que freqüentam bares, boates e saunas. Vários homossexuais, por preconceito ou opção, não vão a esses lugares. Não há uma unidade de comportamento que possa ser atingida em relação à AIDS e isto forjou novas prioridades aos gueis, fazendo com que eles se aproximassem e lutassem por políticas coletivas, comunitárias, baseadas na assistência, no atendimento e na atenção.

A minha mãe e a minha irmã sabem que sou gay. O meu pai é separado da minha mãe e daí ele não sabe, prefiro que ele não saiba. Para a minha mãe eu falei por que ela começou a desconfiar, pelas amizades que tinha, pelo modo que estava me comportando, os lugares que freqüentava [...] Ela não censura, só pede para tomar cuidado, principalmente em relação às doenças, fora isso nada. Com certeza a AIDS me assusta, até por que, dizem, que ela foi descoberta, o primeiro caso foi descoberto a partir da morte de um homossexual¹⁶⁵. Isso me assusta um pouco (Guido, 21 anos).

¹⁶⁵ No decorrer da entrevista Guido deixa mais claro que estava se referindo à morte do estilista Markito, a primeira morte por AIDS de um brasileiro e reconhecida publicamente como tal, em 1983.

De acordo com Santos & Munhoz (1996, p. 129), “a AIDS realmente mobiliza emoções e faz emergir nos indivíduos que convivem com as pessoas infectadas pelo HIV, e nelas mesmas, sentimentos de rejeição, como já dissemos, decorrentes do medo, da desinformação e do preconceito”. A AIDS precisa ser encarada como uma doença sexualmente transmissível (DST), embora tenha outras modalidades de transmissão, e isto não deve envergonhar seu portador. O sujeito soropositivo (portador do HIV) precisa ser atendido, não apenas por sua doença, mas, principalmente por se tratar de um cidadão diante do Estado. Muitas pessoas estão convivendo com o HIV por muito tempo e isto significa que a AIDS deixou de ser vista como uma sentença de morte. Herbert Daniel (1991, p. 15) lembra que “o primeiro elemento da luta contra a AIDS, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo, é o absoluto respeito aos direitos humanos da pessoa com o HIV”. Desde seu aparecimento, desde a sua complexa construção discursiva como epidemia, a AIDS tem sido associada a adjetivos que desqualificam os portadores como “aidéticos”, “promíscuos”, “terminais”, palavras terríveis que continuam a produzir novas patologias e violências.

Lembremo-nos que os jovens de hoje são a primeira geração a começar a vida sexual tendo diante de si a realidade e as fantasias da AIDS. Por tudo isso, é preciso entender que a AIDS é, além da epidemia do HIV, também uma epidemia de medo, ignorância, preconceito, violência e discriminação (Daniel, 1991, p. 19).

Os homossexuais masculinos, crivados pelo preconceito, talvez tenham sido as primeiras vítimas a tomarem consciência do risco em adquirir AIDS e foram se organizando em grupos ou mesmo individualmente para enfrentamento da doença. A AIDS continua a ser uma doença complexa, tanto de discussão quanto de resolução, pois está envolvida por aspectos éticos, morais e comportamentais. Para Judith Butler (2003b), a luta recente dos movimentos gais e lésbicos para o reconhecimento do “casamento gay” pelo Estado pode ser vista como uma resposta à AIDS.

O casamento gay é, de certo modo, uma resposta à AIDS e, em particular, uma resposta envergonhada, uma resposta na qual a comunidade gay busca desautorizar sua chamada promiscuidade, uma resposta na qual parecemos saudáveis e normais e capazes de manter relações monogâmicas ao longo do tempo (Butler, 2003b, p.239).

Nestas últimas décadas de convivência e enfrentamento da AIDS, é possível observar como as pesquisas sobre a sexualidade têm se voltado para a sua construção cultural e para os contextos sociais onde ocorrem. Há uma busca para compreender a diversidade e a variedade da experiência sexual dos sujeitos.

Isso coloca uma atenção renovada no fato de que a desigualdade de gênero e a opressão sexual não são fatos imutáveis da natureza, mas sim artefatos da história, ajudando a fazer-nos lembrar que as estruturas da desigualdade e da injustiça, que tão freqüentemente parecem organizar o campo sexual, bem como outras formas de injustiça social, podem, de fato, ser transformadas pela ação intencional e de iniciativas políticas progressistas (Parker, 2000, pp. 61-62).

Assim, a AIDS talvez possa ser descrita como a epidemia que marcou o século XX. Independente de onde tenha surgido, segundo Richard Parker (2000, p. 120) “ela revelou e agiu sobre estruturas de divisão e desigualdade social”. Cada vez mais associada à pobreza e à miséria, ela também demarca a desigualdade de poder nas relações de gênero. As mulheres têm se tornado os alvos preferenciais da infecção por HIV (Parker, 2000). A desigualdade, a injustiça, o preconceito, a discriminação, a opressão, a exploração e a violência da sociedade ajudam a disseminar a epidemia.

O ativismo guei e lésbico associado aos movimentos feministas, geraram formas alternativas para se perceber a sexualidade além de transformarem muitas das normas e valores das sociedades ocidentais. Ser macho ou fêmea, masculino ou feminino varia enormemente conforme o contexto social em que estão inseridos. As noções de masculinidade e feminilidade são modeladas ao longo da vida e, os sujeitos transgêneros talvez sejam aqueles que melhor demonstrem como estes modos são internalizados e reproduzidos. Enquanto estava realizando o meu trabalho de campo com gueis e lésbicas, acabei me deparando com algumas travestis e, portanto, com “outras” homossexualidades. Resolvi, então, ouvi-las mais atentamente, pois algumas entrevistas haviam demonstrado que muitos gueis e lésbicas engrossavam a fileira dos que não toleravam diferenças. Acredito que qualquer trabalho sobre as homossexualidades só faz sentido se for em prol da tolerância e da convivência entre os diferentes, da diversidade.

Capítulo V

AS TRAVESTIS¹⁶⁶

*De manhã escureço
De dia tarde
De tarde anoiteço
De noite ardo*

[...]

*Nasço amanhã
Ando onde há espaço
Meu tempo é quando...¹⁶⁷
(Vinícius de Moraes)*

Quando ainda estava na fase do projeto desta tese, deparei-me com uma questão que, em certo sentido, considerava como sendo sem solução. Eu havia decidido que limitaria as minhas entrevistas aos gays e às lésbicas, distribuindo um número razoável deles/as no limites das três gerações estipuladas. Não aventei a possibilidade de problematizar a questão das travestis, transformistas, transexuais ou *drag-queens*¹⁶⁸. Como que para facilitar o trabalho e delimitar o meu “objeto” de estudo, resolvi por não tratar das travestis da cidade. No entanto, algumas ocorrências envolvendo a figura de travestis que apareceram na delegacia e acabaram sendo encaminhados para atendimento me fizeram entender que não se tratava de uma simples “coincidência”. A chegada de três travestis, de diferentes gerações, num espaço de tempo menor que um ano, no período em que já me encontrava realizando o

¹⁶⁶ “Travesti tem que ter silicone, hormônio. Não têm travesti sem hormônio”. Esta definição da travesti Moema (Silva, 1993, p. 133) exclui aqueles homens que apenas se vestem de mulher. A travesti teria “uma natureza diferente produzida pelo silicone” (id.). Para Marcelo Oliveira (1997, p. 64) “o travesti incorpora permanentemente a condição que está além do homem afeminado. Vive uma situação de ‘estar mulher’ de maneira evidente. Torna-se visível em formas, maneira de falar, gesticular e vestir-se”.

¹⁶⁷ Esta epígrafe remete ao texto de Hélio Silva (1993) em que o autor divide o dia de “suas” travestis em tarde, noite e manhã.

¹⁶⁸ A maneira como compreendo estes diferentes personagens já foi definida anteriormente (p. 50). Apesar de visualizar a complexidade deste “universo”, realizo, aqui, a opção de utilizar o termo “travesti” como recobrimdo toda a riqueza desta coletividade. Sônia Maluf (1999, p. 261) reúne “estes diferentes tipos sob a designação comum de transformações de gênero” certa de que ao fazê-lo não está tirando a “especificidade e a singularidade de cada um”, pois “eles se mesclam, se confundem e, de uma maneira ou de outra, fazem parte de um mesmo fenômeno comum que é uma maior aceitabilidade e visibilidade social”. Faço isto a partir da noção de que todo feminino/masculino é construído, dentro dos limites culturais que variam de uma sociedade para outra e independem de cirurgias, hormônios ou silicone.

trabalho de campo, pareceu-me uma oportunidade única e não poderia desperdiçá-la. Marcelo Oliveira (1997) já havia alertado para a dificuldade em encontrar travestis que não se prostituíssem. Cheguei, então, à conclusão de que não poderia perder tal chance e, apoiado por minhas orientadoras, tratei de entrevistá-las.

Tratava-se do reconhecimento e respeito ao direito de cada sujeito assumir o seu próprio destino e, portanto, não poderia continuar deixando de incluir as travestis nesta tese. As travestis instigam a questão teórica e suas memórias estão diretamente relacionadas com o tema que analisei. Travestis que estiveram na linha de frente do movimento guei norte-americano (Stonewall, 1968) e do movimento brasileiro de homossexuais (São Paulo, 1978). Não incluí-las, mesmo que num capítulo a parte, além de discriminá-las, poderia se constituir em um empobrecimento da pesquisa, já que vivenciaram a abertura dos primeiros bares voltados ao público homossexual em Florianópolis, na década de 80. As travestis estão se tornando cada vez mais presentes no cotidiano citadino.

Outro fator importante e talvez decisivo, foi observar uma mudança na maneira como a sociedade brasileira tem visto as travestis, em diferentes décadas e através de manifestações artísticas. Assim, na década de 70 uns dos maiores sucessos teatrais foi a peça “Ópera do Malandro”, de Chico Buarque de Holanda, aonde se “joga pedra na Geni”. Nos anos 80, um dos grandes sucessos nas rádios e programas televisivos de auditórios foi uma música composta e interpretada por Erasmo Carlos, em homenagem à Roberta Close¹⁶⁹, levando o povo a cantar “Dá um close nela. Não fosse o gogó e os pés [...] dá um close nela¹⁷⁰”. Depois, nos anos 90, foi possível acompanhar, através de uma revista, a trajetória de uma de nossas travestis na Itália, aonde virou princesa¹⁷¹. Isto sem falar nas inúmeras representações retratadas pelo cinema.

Os travestis vão se naturalizando na paisagem numa relação íntima com as erosões que a imagem fixa da mulher tradicional sofre dos movimentos feministas, da

¹⁶⁹ O transexual Luís Roberto Gambine Moreira fez a sua cirurgia de mudança de sexo na Inglaterra em 1989, mas somente agora, em 2005, a justiça brasileira concedeu-lhe o direito de mudar seu nome, alterando os seus documentos, passando a chamar-se Roberta Gambine Moreira (IstoÉ, 1849 – 23.03.05). Foi finalmente reconhecida como mulher em sua certidão de nascimento.

¹⁷⁰ “Quase que ela engana a minha zoom/ seu pecado mais comum./ Uma pinta nos lábios carnudos e um par de seios fartos e desnudos./ Uma maravilha de pequena/ carioca cena./ Super vitamina pros reflexos,/ tão complexos de ambos os sexos./ Tão quente que o sol se ressentir,/ seus raios batem palmas pra ela/ que acende um cigarro no corpo./ Dá um close nela. Não fosse o gogó e os pés/ a minha lente entrava na dela,/ no conto da mulher nota dez,/ dá um close nela. Fêmea pra ninguém botar defeito,/ exemplar perfeito./ Um tesouro de mulher dourada/ com sua tanga que pra mim é nada./ Este inenarrável monumento num dado momento,/ faz a praia inteira levantar/ numa apoteose a beira mar” (Close, 1984).

¹⁷¹ *Sou a mulher do ano 2000*. Entrevista da travesti brasileira, Fernanda Farias, para a revista *IstoÉ* (28.06.95), e que na época lançara o livro *A princesa – depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas* (Nova Fronteira).

publicidade, do cinema, do teatro, da valorização da juventude como experiência inovadora, de inúmeros processos que implodem a mulher canônica em milhares de possibilidades existenciais (Silva, 1996, p. 71).

Se opto, agora, por apresentar os resultados dos meus encontros de forma separada dos demais é para que estes sejam compreendidos como um contraponto das vivências homoeróticas tratadas nos capítulos anteriores. A questão da travesti é muito rica para pensar sobre a performance do gênero – a feminilidade como máscara – da psicanálise, na qual Judith Butler se inspira para pensar o gênero como mascarada, como performance, como performatividade. Como Hélio Silva (1996, p. 52), “não considero a questão do travesti uma mera questão de homossexualismo”¹⁷². Esses rapazes, ao abrirem mão de uma posição masculina e buscarem o seu oposto, a feminilidade, inscrevem-se mais em um “... processo feminista, sem especificar este ou aquele grupo ou movimento” (id., p. 56) do que no “exercício da homossexualidade” (ibid., p. 52). Se é verdadeiro que “elas”, um grupo múltiplo e heterogêneo, não podem mais ser consideradas uma caricatura das mulheres¹⁷³, outra verdade é que os/as homossexuais continuam a dispensar os aparatos, estratégias e técnicas tão caras à construção do feminino na travesti. A intenção buscada foi relativizar a rigidez, ou fixidez, da divisão binária homossexualidade/heterossexualidade em Florianópolis, enriquecendo a compreensão das relações sociais e dos significados culturais, a partir das experiências de construção de tipos femininos em corpos masculinos, longe do carnaval ou dos shows de transformismo. Compreender, como Richard Sennett (2003, p. 17), que “as relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas reações mútuas, como se vêem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam”.

Não pretendo realizar uma discussão aprofundada sobre o viver, as transformações corpóreas das travestis ou, ainda, a linguagem utilizada¹⁷⁴, mas demonstrar, através da fala de três delas, um pouco dos seus modos de vida, especialmente por estarem longe da “calçada”, distantes portanto da prostituição a que são geralmente associadas. O próprio Hélio Silva (1996, p. 86) chama a atenção dos antropólogos para a necessidade de estudar as travestis e suas famílias, “inscrevê-las como um dado a ser compreendido nos

¹⁷² Assinalo que “o fenômeno do travestitismo ocorre em inúmeras sociedades, associadas ou não ao homossexualismo. E cada contexto específico o reveste de particularidades não negligenciáveis” (Silva & Florentino, 1996, p. 105)

¹⁷³ As travestis têm repudiado o rótulo “bonecas”, através do qual foram reconhecidas por muitos anos, pois “a palavra ‘boneca’ significa a imitação das formas femininas, o artificial, o teatral [...] a negação de um projeto, o de se constituir socialmente enquanto mulher” (Silva & Florentino, 1996, p. 111).

¹⁷⁴ Em sua dissertação Cristina Florentino (1998, p. 70) apresenta o “Bate-Bate”, a linguagem observada entre as travestis de Porto Alegre/RS. Entre outros sentidos, esta linguagem diferenciada serviria como um instrumento

estudos sobre parentesco nas ditas *classes populares*¹⁷⁵”. O autor fala que seria preciso “dessexualizá-las” e “perceber suas possibilidades no universo da educação e do trabalho” (id., p. 86). Se não estou preocupado com os motivos que levam um homem a se travestir, tampouco me ocupo com aqueles “diagnósticos¹⁷⁶” que descrevem o travestitismo como um distúrbio psíquico. O fato é que elas estão conquistando espaços em nossa sociedade. O meu olhar está centrado em questões que envolvem a inscrição social das travestis na (re)produção de “nossa” sociedade. Além de não se prostituírem, as três entrevistadas tinham em comum o fato de trabalharem como cabeleireiras e duas delas manterem laços afetivos com seus companheiros há bastante tempo. As três, contudo, residiam em diferentes locais da cidade.

O que fiz foi ver, ouvir e agora tentar reconstruir, através da escrita, um pouco da convivência social de alguns sujeitos que, longe das ruas ou da ribalta, realizam seus sonhos mais comuns. Sob a ótica do senso comum, são a polícia, o roubo, a gilete, a agressão, a promiscuidade sexual, os riscos que, supostamente, encontraremos no contato com as travestis. Elas são um dos alvos preferidos para matérias de jornais sensacionalistas e preconceituosas. Por outro lado, muitas travestis dizem-se mulheres, mas não abrem mão de elementos masculinos como o pênis e uma tradição machista¹⁷⁷. Robert Stoller (1983, p. 42) chega a afirmar que “para a maioria dos travestis o impulso para a mudança de sexo é contido pela masculinidade, bem mais dominante”. Muitas das travestis entrevistadas por Hélio Silva diziam preferir ficar com seus pênis, mesmo com seios e contornos corporais bem “femininos”. Sônia Maluf (1999, p. 268) comenta que “o pênis de um lado funciona como um trunfo no mercado sexual, de outro parece haver um certo desejo de potência na capacidade de exhibir os dois sexos no mesmo corpo”. Como visto, uma trajetória ambígua que não contém explicações simplistas. De acordo com Judith Butler (1987, p. 139) “como o que nos tornamos não é o que já somos, o gênero é desalojado do sexo; a interpretação dos atributos sexuais é distinguida da facilidade ou simples existência desses atributos”.

Como ponto de apoio, na tessitura deste texto, estarei dialogando especialmente com os trabalhos de Hélio Silva (1993; 1996) e as dissertações de Marcelo Oliveira (1997) e Cristina Florentino (1998), sobre travestis que se prostituíam nas cidades de Florianópolis e Porto Alegre. Para Silva (1993, p. 40) “o travesti tem dupla pele: a de purpurina e a da

de defesa. Neste sentido, há um pequeno dicionário chamado “Diálogo de Bonecas”, ao qual não tive acesso, organizado por Jovana Baby, presidente da Associação de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro (ASTRAL).

¹⁷⁵ Entre aspas no original.

¹⁷⁶ As conclusões chegadas através dos estudos de Robert Stoller (1983) permitem que se compreenda a questão da identidade de gênero, a partir de pressupostos psicanalíticos. Os inúmeros casos estudados por ele sobre o transexualismo, no entanto, não permitem que se realizem generalizações.

humilhação. Em que ordem não se sabe. Ou talvez numa pele só tecida pelos dois ingredientes”. Oliveira (1997, p. 34), tratando da visibilidade social alcançada, afirma que “o travesti hoje não está longe de ser incorporado a uma cultura popular brasileira – uma cultura massificada pelos meios de comunicação”. Às vezes são lembradas em função do brilho das lantejoulas ou pela exibição de corpos esculturais no carnaval, mas a maioria prefere falar delas como personagens de um mundo sombrio, cheio de angústias, medos, perseguições. Se, atualmente, proliferam revistas com imagens eróticas das travestis, o certo é que também permanecem as chacotas e o desdém, “a dramática radicalização das fronteiras do preconceito” (Silva, 1993, p. 16). Preconceito, tanto de heterossexuais, quanto do guei “respeitável”. Assim como Hélio Silva (id.), procuro evitar a “diabolização” da travesti sem, contudo, realizar o seu inverso, a “angelização”. Ao mostrar as travestis vivendo longe do *bas-fond*, pretendo contribuir para desconstruir a idéia comum que insinua ser a “dimensão escandalosa” seu estilo de vida. Considerando a diversidade dos sujeitos, também não acredito serem aquelas que se prostituem sempre escandalosas. Procuro não emitir juízos ou explicações psicológicas sobre o travestitismo.

Silva (1993), ao falar de Rogéria, uma das mais famosas travestis do Brasil, vestida de calça e camiseta, “usáveis tranqüilamente por um homem” (p. 38), aponta para uma “sofisticação” que permite o “travestir do travesti” (id.). A construção desta nova travesti, para o autor, não representa “um refreamento no curso da inversão, mas um aprofundamento tal da experiência que, hoje, já existe uma consciência de uma natureza travesti que pode até prescindir dos referentes mais óbvios” (id.). Apesar da riqueza dos trabalhos de Hélio Silva, é importante ressaltar que ao se referir a esta nova “natureza”, mesmo construída, o autor está novamente naturalizando. As novas travestis parecem não levar em conta os tradicionais gritinhos e gestos descoordenados que as caracterizavam¹⁷⁸.

Seguindo nesta mesma orientação, Marcelo Oliveira (1997, p. 53) afirma que “se historicamente o travesti se impôs pela violência, atualmente, em Florianópolis ele se impõe com maquilagem suave, gestos amenos e delicados; recato, discrição e trajes meio termo... – há alguns da *batalha*¹⁷⁹ que exacerbam um pouco”. O autor sugeria que elas estariam “usufruindo e negociando um legado deixado pelos que abriram caminho pela imposição da violência contra a violência” (id.) e em busca de uma maior contenção dos gestos e atitudes e

¹⁷⁷ A maioria das travestis procura como parceiros os homens heterossexuais, ou pelo menos que se digam heterossexuais (Mott, 2003).

¹⁷⁸ Em “Certas Cariocas” (1996, pp. 70-71), o autor afirma que isto acontece porque “o modelo de travesti de hoje não está mais congelado, são modelos sociais [...] oferecem ‘n’ possibilidades de perfis”.

¹⁷⁹ Grifo do autor. Trata-se de uma categoria nativa que está relacionada com a prostituição.

de simplicidade no vestuário e nos estilos de vida. Este autor fala num “senso de decência” que existiria entre as travestis e que uma de suas preocupações era a de “não escandalizar” (p. 103), porém, ele afirma que teve uma preocupação em “perceber” aquela travesti, “profissional do sexo” que, ao procurar o GAPA¹⁸⁰, “mostra sua face ‘doce’¹⁸¹, educada” (p. 115). Insistia (p. 56) que o “recato e a discrição” se constituíam como “uma característica perceptível com relação ao travesti da Ilha” e este comportamento abriria “mais espaços no empenho de diferentes papéis detectáveis¹⁸²”. Completando esta lógica, “o travesti em Florianópolis não se impõe pela ruptura. [...] ele fragmenta-se [...] taticamente, com objetivo de inserção social”. Marcelo Oliveira aponta para o fato de a prostituição ser uma das dimensões da vida de algumas travestis sem, contudo, ser a única. Tradicionalmente encarados como marginais ou nos limites do convívio social, não se há de perder de vista que elas também são filhas/os, esposas, profissionais, consumidoras, amigas, vizinhas. Por fim, o autor afirma que “na busca do amparo e de consistência” para os diferentes papéis que assumiriam, as travestis da Ilha, não pareciam resumir suas vidas “aos guetos, ou à possível região moral nesta cidade” (p. 173). Definindo outros lugares de sua inserção social, o autor discorre sobre uma “ordem”, agora envolvendo “um conjunto de relações positivamente valorizadas entre travestis e não travestis” (p. 174). Pareceu-me que, neste trabalho havia a preocupação em mostrar uma “nova” travesti, ou uma “nova” travesti na Ilha¹⁸³. Não desterrada.

Como qualquer pessoa, também as travestis circulam entre dois mundos de conhecimento, o que é de domínio público e o que é privado. Cristina Florentino (1998, p. 162) afirma que “na aventura do devir mulher, as travestis criam sociedades com regras, normas e uma linguagem própria, tornam-se relevantes no espaço social. Transformam modelos”. Como no caso dos homossexuais¹⁸⁴, acredito que o uso de regras, normas ou linguagem próprias é uma das formas encontradas para interagirem com o restante da

¹⁸⁰ Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS.

¹⁸¹ Entre aspas no original.

¹⁸² Para ilustrar esta argumentação Oliveira (1997, p. 57) cita o caso da travesti Valéria, “neófito no transvestitismo”, que, apesar das pressões familiares, assumiria a “identidade travesti” em diferentes momentos.

¹⁸³ Chamo atenção para esta aparente preocupação do autor, pois ele se encarrega de descrever em detalhes a agressão sofrida por Cláudio dos Santos (a travesti Clô), na época presidente da Associação em Defesa dos Direitos dos Homossexuais (ADEH). Clô foi espancada por policiais militares, em 1994, e este fato agravou o seu estado de saúde, levando-a à morte. A narrativa deste episódio de violência policial serve, para o autor como “contraponto ao que vislumbro nesta dissertação: a relativa aceitação do travesti” (Oliveira, 1997, p. 09).

¹⁸⁴ Diferentemente das travestis entrevistadas por Silva (1993) que eventualmente referiam-se a si próprias e as outras como bichas, viados (“Maura refere-se a si mesma como bicha”, p. 131), as travestis por mim entrevistadas não chegaram a usar estes palavreados, quando muito, as duas mais novas se declararam homossexuais. Bichas e viados seriam os gueis, os homossexuais de representação masculina, ou seja, aqueles que não se travestiam.

sociedade, incluindo-se ou excluindo-se de suas lidas diárias, não mais do que são excluídas ou incluídas pela sociedade em que vivem¹⁸⁵. Para o psicanalista Hugo Denizart (1998) as travestis “são homens viris, fabricados com a matéria nobre encontrada na madrugada das ruas, nas críticas impiedosas que eles fazem uns dos outros e na afronta a tudo e a todos para seguirem os seus destinos¹⁸⁶”. Portanto, não há porque imaginá-los distantes se há, como continua afirmando Florentino (1998, p. 162), “indícios de aceitação [...] entre as relações que estabelecem com o universo que as circundam”, assim como vão delineando “a estigmatização e a violência”. Guacira Louro (2001, p. 542) comenta que “o grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários”. Para esta autora é importante “admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira”.

Antes de chegar às falas das “minhas” informantes, acredito ser bastante ilustrativo apresentar a maneira como as fui encontrando. A vida das travestis, como procurei demonstrar anteriormente, é cercada de ambigüidades, portanto, “objeto de tabu, preconceitos e atitudes de evitação” (Silva, 1996, p. 10). Esquecendo que Roberta Close foi eleita modelo de beleza da mulher brasileira, grande parte da população local ainda continua a associar as travestis somente às figuras de marginais ou daqueles sujeitos que se encontram envolvidos com alguma atividade ilícita e, portanto, sob a vigilância da polícia. “A vigília será o preço da tranqüilidade” (Silva, 1993, p. 33). Também eu as encontrei num ambiente policial e por isso a narração destes encontros é elucidativa.

A abordagem realizada foi a de observar a sua inserção nos diferentes pedaços da cidade e, para isto, procurei visitá-las em suas casas, nos seus locais de trabalho, em seus contextos diários. Evito apresentar as travestis como personagens folclóricas e exóticas ou, ainda como produtoras de fetiches. Interessa pensar sobre os lugares, valores e práticas sociais que historicamente lhes têm sido atribuídos. Hélio Silva (1993, p. 82) afirma que “o universo dos travestis não é mais nem menos complexo que nenhum outro. Apenas, como qualquer outro, contém especificidades que exigem cuidados específicos” e que, também sobre elas vigoram “as leis normais do mundo, os recursos metodológicos usuais, o enfoque teórico

¹⁸⁵ Jurandir Freire Costa (1992, p. 19) afirma que “cultura significa inclusão e exclusão de certas possibilidades expressivas do sujeito e seu desejo”. Segundo o autor, não se conhece cultura capaz de integrar todas as formas de expressões dos desejos dos sujeitos. A estabilidade da cultura “dá-se às custas de diferenças e oposições ao que não é idêntico” (id.). Segundo o autor, para a psicanálise “a construção de subjetividades ideais implica, *ipso facto*, a figura da antinorma ou do desvio do ideal, representada pelos que não podem, não sabem ou não querem seguir as injunções ideais” (ibid.).

consolidado”. Em Florianópolis, uma cidade de médio porte, podemos realizar um movimento no sentido de uma ressignificação da socialização das travestis, ao mesmo tempo em que nós próprios ressignificamos a figura das travestis – agora, mais visíveis socialmente.

1. Encontrando as travestis.

*Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos;
de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo.
Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia
nos encontrássemos? Com razão alguém disse: “onde estiver
teu tesouro, estará também teu coração.”*
(Friederich Nietzsche)

De acordo com um boletim distribuído pelo Grupo Gay da Bahia/GGB (1995) haveria no Brasil, em 1995, de 6505 a 8 mil travestis e no estado de Santa Catarina elas seriam em número de 160, sendo que só na cidade de Florianópolis viveriam 120 delas. Oliveira (1997, p. 94) diz que, enquanto para o ADEH e o GAPA o número estimado delas era de 150, a sua “experiência etnográfica” demonstrou que viviam “na Grande Florianópolis aproximadamente 80 ou 90 travestis”. De acordo com informação obtida junto a ADEH Nostro Mundo (Associação em Defesa dos Direitos dos Homossexuais¹⁸⁷), em 2005, na cidade de Florianópolis existem aproximadamente 83 travestis trabalhando nas ruas e outras 15 realizando diferentes trabalhos. Segundo a travesti Luana, presidenta do ADEH, o decréscimo seria em função de muitas terem ido batalhar na Europa e outras terem morrido.

A apresentação destes números pode parecer estranha nesta tese, entretanto, mais do que contar travestis, o objetivo é questionar estas quantificações. Será que os responsáveis por estes censos improvisados se preocuparam com a existência daqueles homens, gueis ou não, que praticavam o travestismo pelo prazer de vestirem-se como mulheres, ou aqueles números só diziam respeito às travestis que se prostituíam? De qualquer forma, estarei falando de indivíduos e não de uma categoria. Estas são as três travestis que entrevistei no meu campo¹⁸⁸.

¹⁸⁶ “A mulher do ano 3000: uma volúpia de desequilíbrio que nenhum artista pode criar”. Artigo publicado na revista *SUI GENERIS*, que era voltada para um público GLS.

¹⁸⁷ Esta associação, apesar de designar-se como defensora dos direitos dos homossexuais, realiza um trabalho apenas com as travestis.

¹⁸⁸ Com o consentimento expresso das travestis entrevistadas, optei por preservar os seus nomes “verdadeiros”. Silva (1993, p. 157) lembra que mesmo “verdadeiros” seus nomes são fictícios, “os originais já eram uma

Karla (43 anos)

A partir do momento em que decidi entrevistar também travestis, logo pensei em Karla. Conheço-a desde os tempos da boate *Opium* sem, contudo, sermos amigos ou, até mesmo termos trocado uma só palavra. Quando muito nos cumprimentávamos. Era uma travesti muito bonita, bastante feminina e que vivia cercada por outros gueis. Ela não fazia programas e, naquela época, tinha um namorado que sempre a acompanhava. Duas pequenas histórias, talvez, ajudem a construir um pouco do perfil deste sujeito. A primeira aconteceu na rua Tenente Silveira, ao lado dos jardins do Palácio Cruz e Souza, no começo da década de 80. Um amigo estava conversando com o seu pai quando apareceu Karla, deu três beijinhos no amigo, cumprimentou o senhor e foi embora. O pai de meu amigo ficou encantado e disse, orgulhoso, que o filho tinha muito bom gosto, pois sua amiga era muito educada, além de bonita e *sexy*. Um outro fato aconteceu no interior da *Opium*. Naquela ocasião, meu namorado pediu que não ficasse bravo, mas ele gostaria de dançar com a Karla, dançar com os rostos colados. A princípio não entendi o porque de tal atitude, mas não via maldade no fato de dançarem juntos. Mais tarde, ele explicou que desejava roçar o seu rosto no rosto da travesti para sentir se ela tinha barba, afinal, “ela é tão mulher”. Agora, depois de algumas décadas, finalmente eu iria tentar falar com Karla.

Um amigo policial a quem disse que gostaria de entrevistá-la, ofereceu-se para intermediar nosso encontro. Preciso salientar que chegamos ao assunto Karla enquanto ele estava relatando um atendimento que havia realizado naquele dia. Tratava-se de desentendimento ocorrido entre Karla e o seu companheiro, sendo que ela o havia mandado embora, mas fora à “delegacia da mulher” em busca de alguma orientação. Este policial também conhecia Karla há bastante tempo e ele acabara de descobrir que ela havia montado o seu salão de beleza bem próximo do local onde trabalhávamos. Sem me dar conta, eu próprio já havia recebido *flyers*, com propaganda do salão colocados na recepção da delegacia para distribuição ao público.

Fui, então, até o salão. Uma manicura me atendeu e disse que a cabeleireira havia saído, porém logo voltaria. Deu-me um calendário de bolso com o telefone e me alertou que deveria ligar antes de voltar ao salão. No horário provável em que ela já estaria de volta

ficção”. Apesar de que uma delas se deixou fotografar e de que outra me entregou uma foto de seu arquivo pessoal, ambas deixando claro que poderia dispor das fotos da maneira que achasse mais conveniente, preferi não utilizar ilustrações nesta tese, pois não seria “justo” mostrar as faces das travestis enquanto alguns gueis e algumas lésbicas pediam para não serem identificados. O número entre parênteses é a idade da informante na época da entrevista.

liguei, mas ainda não havia retornado. Numa segunda ligação ela atendeu e disse que poderia subir. Voltei, então, acompanhado do amigo em comum que tratou de fazer as apresentações.

Depois da explicação do porquê da visita e dela ter aceito o convite para a entrevista, ficamos um tempo conversando. Durante estes momentos ela recebeu vários telefonemas, particularmente de sobrinhas e de um amigo carnavalesco. Este, ela explicou, queria saber o endereço de um outro carnavalesco, também guei e que moraria perto do salão. Só que ela está brigada com ele e por este motivo desconsiderou o pedido do outro. Disse que, devido ao fato dela ter transferido o salão do centro da cidade para esta rua, não tão central e no início da subida para o morro da rua Djalma Moelmann, já houve o comentário de que estaria “atendendo num porão”. “Essas bichas são muito malvadas” e “armo um barraco se pego quem disse isso”. Falou sobre um “amante”, que estava namorando um homem casado com uma mulher, mas que não tinha hábito de sustentar malandro. Este foi um apanhado de várias informações no intuito de criarmos alguma intimidade e nos preparando para a entrevista marcada para o dia seguinte, 14/02/01, na minha sala de trabalho.

Em princípio deixei aberta a possibilidade dela determinar o local em que poderia entrevistá-la, no entanto, ela levantou apenas a hipótese do salão, mas que já teria clientes pela manhã. Levantei a possibilidade dela ir até a minha sala na avenida Mauro Ramos e ela concordou sem hesitação. Somos quase vizinhos. Ela veio ao DP com mais ou menos quinze minutos de atraso e somente depois que liguei. Veio vestida discretamente com saia preta curtinha e uma blusa discreta. Depois da entrevista tirei algumas fotografias, mas infelizmente queimei o filme, o que impossibilitou sua revelação. Por sua inspiração ela havia feito várias poses sensuais, inclusive com o dedo na boca, soltando a longa cabeleira, etc. Disse que tudo poderia ser usado no trabalho e não fazia questão de ter seu nome trocado. Fiquei com a sensação de que ela poderia ter falado mais, mas que por algum motivo ficou inibida. Talvez, o local...

Jaqueline (52 anos)

Conheci esta travesti quando precisei realizar um atendimento na delegacia de “proteção à mulher”. Ressalto que esta delegacia é considerada como “especializada” em violências praticadas por homens contra as mulheres. O boletim de ocorrência (BO) que havia recebido tinha sido registrado numa das diversas delegacias de polícia da capital e tratava de uma briga de vizinhos, o despacho do então delegado, responsável por encaminhá-lo para a

delegacia da mulher, afirmava que se tratava “de imputado¹⁸⁹ do sexo masculino, não obstante ‘chamar-se’ Jaqueline”. Como costume fazer em todos os meus atendimentos, agendei, então, um dia e horário para receber as partes envolvidas no conflito. O meio utilizado para comunicar aos interessados que devem comparecer na delegacia ocorre através da emissão de intimações, que são entregues por um policial civil e, de preferência, nas devidas residências. Na hora marcada para o atendimento somente o “acusado” compareceu e contou sua versão dos fatos, a queixosa não havia sido localizada. O acusado, a travesti Jaqueline, negou terminantemente os motivos alegados para o registro do BO, dizendo ser ela a verdadeira vítima, pois a outra era alcoolista e quando embriagada provocava grande algazarra, fato que poderia ser constatado na vizinhança. Disse, ainda, que mantinha um bom relacionamento com os filhos da vítima e que com a própria sempre manteve um bom relacionamento, eram vizinhas há seis anos.

Aos pouco, foi falando de sua vida pessoal, enfatizando sempre que se tratava de alguém bastante respeitada na comunidade e que qualquer morador poderia fornecer boas informações sobre sua pessoa. Disse que é travesti desde os quinze anos e que já chegou a fazer “ponto” em avenida, mas que desde muito tempo tinha uma profissão (cabeleireira) e era amante de um homem há vinte e quatro anos. Fez questão de ressaltar que, apesar de residir em uma favela, a sua casa era uma das mais ajeitadas, tendo feito várias reformas desde o momento de sua aquisição. Disse que, na época, recebeu a visita da senhora prefeita de Florianópolis e que esta chegou a elogiar o estado de conservação de sua residência. Trata-se de um sobrado e no térreo fica o seu salão de beleza e são as paredes deste que fazem os limites com a casa da “vítima”.

Diante da história exposta e por se tratar de uma travesti com mais de 50 anos, logo pensei em solicitar uma entrevista, mas fiquei com receio de estar misturando o trabalho com minha pesquisa. Se com Karla tinha sido um colega que a havia atendido, agora eu próprio falara com Jaqueline. Após resolver este dilema via telefone expondo o caso para a própria Jaqueline, disse que pretendia entrevistá-la. Ela prontamente explicou como chegar até a sua casa no bairro Monte Cristo, na maior favela de Florianópolis (Chico Mendes), parte continental da cidade. Aliás, chegar até a sua residência foi uma grande aventura.

Eu havia combinado a entrevista para o dia 22 de março, às 19 horas, na sua casa, porém, como nunca tinha adentrado numa favela, estava bastante receoso. O máximo que havia feito em termos de me aventurar em favelas, até então, tinha sido subir até a creche do

¹⁸⁹ Imputado é um termo jurídico que pressupõe uma culpa ou, ainda, trata-se daquele sujeito que é passível de ser considerado agente de um ato ilícito.

Morro do Mocotó, no centro da cidade, na época de estágios da faculdade. Só conhecia as histórias de violência e drogas do Chico Mendes por ouvir falar. A solução que encontrei foi convidar um amigo policial para me acompanhar. Convite feito, convite aceito. Resolvemos então que sairíamos antes do anoitecer, às 17 horas, para tentar localizar o sobrado.

Entramos por várias ruelas pois, apesar do mapa improvisado que fizera, ainda tenho um péssimo sentido de direção. Sempre que podíamos e achávamos seguro pedíamos informação, afinal se tratava de uma cabeleireira. Na saída de um colégio encontramos duas meninas e quando as abordamos, elas falaram que a casa da dona Jaqueline era em frente à delas, no sentido oposto de onde nos encontrávamos. Oferecemos carona e elas sem hesitarem entraram no carro. Havíamos ido de Fiat Uno, do ano, mas que não chamava muita atenção. Logo que entramos na rua, na verdade um beco sem saída que termina onde começa uma grande escadaria, elas apontaram a casa e disseram que poderia deixar o carro parado ali mesmo. Despedimo-nos, a mãe delas estava à porta, e Jaqueline estava se despedindo de um senhor que, mais tarde, contou tratar-se de seu “amante”.

Esperamos um pouco e fomos falar com ela. Recebeu-nos formalmente, disse que nos esperava mais tarde, mas não haveria problemas, pois já tinha atendido o último cliente do dia. Entramos no seu pequeno salão de cabeleireira, onde a disposição de uma única cadeira indicava que trabalhava sozinha, e nos dirigimos à parte mais íntima de sua residência. Pelo que pude observar, o lugar onde se encontra o salão, provavelmente deveria ser a sua sala de estar, ou visita, pois, a cozinha ficava separada deste espaço por apenas uma porta comum. Foi em volta de sua mesa que nos assentamos e onde a entrevista foi realizada. Aqui, estava solto um cachorro da raça *poodle* que, com a nossa presença, latia muito e, apesar das broncas dadas por Jaqueline, demorou um pouco até que sossegasse. Na verdade, só parava de latir quando se ajeitava num colo; o meu amigo se encarregou de ficar distraíndo-o enquanto eu realizava a entrevista. Era um cachorro de “madame”, aparentemente muito bem tratado.

No meio da entrevista ouvimos uma buzina forte e ela disse que se tratava do caminhão que recolhia o lixo e que, provavelmente, alguém tinha deixado um carro no caminho, atrapalhando o serviço dos garis. Imediatamente nos olhamos, pois o nosso era o único carro na rua. Meu amigo foi, então procurar uma outra forma de estacioná-lo, enquanto eu continuava com a entrevista. Quando, finalmente, esta foi encerrada, Jaqueline quis mostrar a sua casa, convidando-nos a subir até o seu quarto. Era uma peça ampla, com uma porta-janela que dava para uma pequena sacada; deste lugar tinha-se uma outra imagem da favela, agora toda iluminada. Desta sacada observei vários rapazes em volta do meu carro e me assustei com a possibilidade de um arrombamento ou assalto na hora da saída. No interior

do quarto o que chamou a atenção foi que havia alguns bichos de pelúcia espalhados, algumas fotos na parede e em porta-retratos, a cama de casal estava coberta com uma colcha de cetim vermelho escuro, quase vinho. Ela também fez questão de mostrar álbuns de fotografia e dizia orgulhosa o quanto fora bonita na mocidade. Ao final, me deu uma foto sua.

Já eram quase 22 horas quando resolvemos dar por encerrada a nossa visita. Jaqueline desceu a escada primeiro, afinal era uma dama e estava trajando um vestido branco, curtinho. Calçava também uma sandália de salto alto. Meu amigo desceu com destreza, porém tive dificuldades para encarar aqueles degraus. A escada, por estar localizada num canto pequeno, junto à parede, tinha os degraus quase sobrepostos, o que era uma temeridade para alguém com pânico de altura. Ao nos despedirmos, ela nos acompanhou até a porta e a sensação que tínhamos, ao sermos observados pelos jovens em volta do carro, é que devíamos ser respeitados pois éramos amigos de Jaqueline. Saímos do beco de ré pois não havia espaço suficiente para realizar as manobras necessárias para virar o carro.

Cláudia (26 anos)

O primeiro contato que tive com esta travesti também foi na delegacia de polícia onde atuo como psicólogo, no atendimento à mulher vítima de violência. Ela soube do meu trabalho com casais durante uma partida de voleibol na sede do SESC¹⁹⁰ em Cacupé, quando alguns amigos estavam comentando a passagem de um deles pela delegacia. Junto estava um policial que, na época, trabalhava nesta Especializada. Cláudia disse que logo se interessou pelo assunto e perguntou se ela poderia ser atendida por mim. Meu colega, então, pediu que ela o procurasse na DP pois se encarregaria de fazer o encaminhamento até minha sala.

Como de praxe, foi marcado um novo horário para que pudesse, enfim, ouvi-la. No dia marcado, Cláudia veio acompanhada de um primo, também homossexual. Pediu para que conversássemos os três, pois o que tinha a falar “não era segredo” e o primo poderia ajudá-la caso esquecesse alguma coisa. Começou a falar descrevendo especialmente a experiência em que fora vítima de violência. Como de costume, entre as mulheres vítimas de violência, também ela não queria que “nada de mal” acontecesse com o acusado, queria apenas que ele “tivesse uma conversa”, “levasse um susto” e que mudasse o seu comportamento. Expliquei que o meu método de trabalho implicaria num atendimento para o

¹⁹⁰ Serviço Social do Comércio.

casal e que, provavelmente, o casal precisaria passar por algumas mudanças e não apenas o “homem”. Antes, porém, precisava saber mais da vida deles.

Cláudia descreveu-se como “bastante caseira”, contando que durante a semana trabalhava como doméstica em Canasvieiras e o seu companheiro era borracheiro numa oficina perto da residência deles em Campinas/São José. Alegou que o motivo das brigas é que seu companheiro é muito ciumento e, insistia, “eu não dou motivo”. No entanto, contra a vontade de seu companheiro, várias vezes ela descia do ônibus no Monte Verde e ia visitar seus familiares, inclusive o primo que estava presente. Em algumas destas ocasiões acabou ficando até mais tarde, inclusive saindo à noite com o primo e alguns amigos, passando pelos bares do bairro.

Marcamos um atendimento para o casal e neste dia pude ouvir o companheiro e observar que havia, como em muitos outros casais, papéis de gênero bastante rígidos e um machismo bastante acentuado no acusado. Se tratavam como um homem e uma mulher, ao menos em minha presença. Não que isto fizesse diferença, ressalto apenas que eram muito fortes os estereótipos vivenciados pelo casal. Ela, frágil e delicada, e ele, forte e brutalizado.

Meses depois, Cláudia voltou a me procurar, pois agora queria ser “mais mulher”. Desejava moldar o seu corpo e solicitava um encaminhamento para especialistas, pois tinha medo de se automedicar tomando hormônios. Preferia realizá-lo com um acompanhamento médico e, talvez, psicológico. De acordo com Cristina Florentino (1998, p. 87) “algumas travestis também buscam outras fontes de aprendizagem sobre as possibilidades e conseqüências da transformação. [...] e na medida do possível, recorrem a revistas especializadas, livros de medicina, palestras e seminários em ONGs, etc”. Após uma longa conversa abordando temas como homossexualidades, travestitismo, transexualismo, entre outros, acabei por encaminhá-la ao Instituto Arco-Íris, que desenvolvia um trabalho com travestis. Até aquele momento, desconhecia a existência do grupo ADEH, que realiza um trabalho de orientação voltado para as travestis.

Nesta época, embora já estivesse em campo realizando entrevistas, ainda não havia me decidido por incluir travestis em minha pesquisa. Foi preciso passar mais alguns meses até resolver este dilema e, assim, descobrir o telefone de Cláudia para poder, enfim, entrevistá-la. Neste ínterim, Cláudia e seu companheiro já haviam se mudado para o bairro Monte Verde.

Depois de alguns marca/desmarca, pois ela estava com uma parente hospitalizada e sem muito tempo disponível, finalmente fui até à sua residência para a entrevista. Marcamos o local do encontro em frente de uma quadra de esporte, aonde ela ia comprar cigarro e

poderia ficar me aguardando, assim não haveria problemas com a localização do endereço. Realmente, de outra forma, não seria muito fácil ir até sua residência.

Quando chegamos numa rua pequena e sem saída ela desceu do carro e disse que o colocasse na garagem, onde não atrapalharia caso algum outro precisasse passar por ali. Era uma casa grande de alvenaria e, confesso, fiquei um pouco impressionado que eles morassem ali. Tratei de ficar calado e apenas acatar o que minha informante solicitava que fizesse. Ela foi indicando e abrindo portões e fomos contornando a casa até chegar nos fundos, onde havia uma casinha de madeira, mal acabada, sem pintura. Aí residia Cláudia com seu companheiro. A casa da frente, soube mais tarde, era de sua mãe.

Apesar da aparência externa da casa, o seu interior estava muito bem cuidado. O assoalho estava encerado e muitos enfeites nas paredes completavam a decoração, tudo muito limpinho. Passamos por uma sala e nos dirigimos até a cozinha, onde sentamos em volta de uma mesa. Da cadeira em que sentei podia avistar o quarto do casal e ao meu lado ficava o acesso ao banheiro. Cláudia ofereceu café, chá, água. Sugeri que ficasse à vontade.

Durante a entrevista fomos interrompidos por uma prima que veio visitá-la acompanhada de seu filho, uma criança de uns três anos que, disseram, costuma fugir de sua casa para vir brincar na de Cláudia. Pareceu-me que a visita, por curiosidade, viera saber quem era o homem que entrara na casa sem que o companheiro de Cláudia estivesse junto. A suspeita pareceu verdadeira, pois esta explicou a minha presença de forma muito confusa. Passados alguns minutos foi a vez do seu companheiro chegar. Ele chegou bastante suado e foi logo tomar um banho. Não sem antes me cumprimentar.

Fiquei um pouco constrangido porque pareceu que atrapalhava um momento íntimo do casal. Indaguei se ela não iria preparar o jantar, mas ele saiu do banho dizendo para que não me preocupasse pois não jantaria. Iria, com um irmão de Cláudia, no estádio Orlando Scarpelli assistir ao jogo do Avaí contra o Figueirense, e que no estádio comeria alguma coisa, “provavelmente um espetinho de gato”. Fui informado que ele agora é auxiliar de pedreiro e que estava trabalhando com o cunhado. Cláudia estava procurando se dedicar apenas à casa, realizando alguns poucos serviços de cabeleireira ou manicura, assim mesmo, apenas para clientes que se dirigissem até sua residência.

2. A infância, a “descoberta” e a família.

*Sou a orelha encostada na concha
da vida, sou construção e desmoronamento*
(Lya Luft)

Através da história de vida de cada informante foi possível vislumbrar alguns aspectos de uma Florianópolis que foi sendo significada ao longo de suas trajetórias pessoais. Lembranças de um tempo vivido.

As histórias familiares são muito importantes para as travestis. As descrições de suas trajetórias de vida são repletas de referências aos pais e irmãos. Vínculos de afetos que se tornaram importantes na decisão de travestir-se. Lembro que estas são referências feitas à família depois de já, há muito tempo, estarem apaziguadas as tensões relativas à descoberta da homossexualidade e do travestitismo. “Serenadas as emoções, esses relatos revelam bonomia em face da intransigência, pontilhada de referências carinhosas à família” (Silva, 1993, p. 52). Não deve soar como novidade o fato de ainda serem poucos os pais que aceitam, sem conflito, a orientação sexual “diferente” dos seus filhos. Não encontrei fontes afirmando que estas rejeições costumam ser maiores nos casos de travestitismo, mas é fato apontado pelos diversos autores citados que muitas travestis abandonam a casa paterna e buscam um novo local onde possam ser eles/as mesmos. Oliveira (1997), por exemplo, cita casos de travestis que vieram do interior para Florianópolis para se proteger no anonimato. Nas recordações narradas por minhas entrevistadas não há menção a uma possível rejeição, apenas relatos que falam de uma aceitação incondicional:

Eu nasci em Florianópolis, no bairro do Estreito, na rua Machado de Assis. [...] Ali comecei a minha vida. Era maravilhoso. Dos anos 60, 60 e poucos, 70, até os 80, era ótimo. A partir de 85 a cidade começou a evoluir, a crescer um pouco. Pra 90, já modificou. Mas dos anos 60 e pouco até os 80, era ótimo de viver. [...] Eu me criei no Estreito que nem luz tinha. Nem na casa e nem na rua. Depois que saí da Machado de Assis, (fomos morar) ali quem sai da ponte, quem vem da cidade, no Saco da Lama, no início de Coqueiros. Nós morávamos no Buraco da Onça, [...] aquilo ali era uma gruta. Somos em onze irmãos. Tenho irmãos maravilhosos, quatro mulheres e sete homens. Eu sou abaixo da terceira [...] Sim, de homem, eu sou o mais velho, mas agora não é mais né, agora é (risadas). Eles me tratam muito como mulher dentro de casa, eu me criei com os onze irmãos assim (Jaqueline, 52 anos).

Olha querido! Karla Camurati nasceu na rua Araranguá, aqui no Morro do Céu. Eu tenho dezesseis irmãos. A minha família já sabia desde pequena que eu tinha esse problema, do meu lado feminino. A gente se dá super bem, eu com meus irmãos, com meus sobrinhos. Eu faço transparecer para eles a imagem de uma pessoa comum, de uma mulher comum. Apesar de não querer me operar, eu vivo essa

minha fantasia, mas de uma forma discreta que não me expõe ao ridículo. Então, eu e a minha família nos damos muito bem. Todo mundo me conhece e me respeita como Karla. O que importa é ter o amor dos irmãos e dos pais. Tem nove mulheres na minha família. Fui criada, nesse meio tempo, com elas. Não sei se isso ajudou, mas o meu instinto sempre foi mais feminino, uma coisa bem mais feminina. Nas brincadeiras, em tudo que fazia. A minha mãe comprava boneca, tinha a caixinha de louçinha que eu e as minhas irmãs ganhávamos. Então, acho que foi criando um círculo que se transformou nessa pessoa que sou hoje (Karla, 43 anos).

Sou natural de São Joaquim/SC, embora tenha me criado em Urubici, também na serra catarinense. Quando o meu pai e a minha mãe se separaram, devia ter uns 3 ou 4 anos, fiquei morando com ele, mas quando a minha mãe veio para Florianópolis resolvi vir embora. Saí de casa, no campo, para viver na cidade. Foi uma coisa totalmente diferente. Vivi com meu pai, acho que até meus 15 anos. Fui criada pelo meu pai, mas não o verdadeiro. Sou adotiva. Eu não conheci os meus pais verdadeiro. Tenho mais cinco irmãos (Cláudia, 26 anos).

As famílias parecem significar um verdadeiro refúgio para estas travestis, mesmo quando precisam “moderar” o seu feminino para não chocá-los. A “ambiência familiar é tão reconstituente para alguns que chegam a abrir mão de suas insígnias e, para não escandalizar os velhos, atenuam um tanto a representação feminina” (Silva, 1993, p. 53). Cláudia revelou que quando veio para Florianópolis começou a usar maquiagem, tinha cabelo comprido e havia começado a pintar o cabelo, mas que quando voltava para Urubici “ficava com medo do meu pai, não por eu ser assim, imagina”, mas pelo fato desta cidade estar localizada no interior do estado, “o pai é muito conhecido lá”. Conversando com a sua madrasta chegou a cogitar possíveis soluções na tentativa de disfarçar o seu travestitismo, “quando eu fosse para lá, iria com uma calça mais larga, coisa e tal porque eu sei como é que é. Eu entenderia”. Outros, ainda de acordo com Hélio Silva (id.) “são plenamente aceitos e procuram suas famílias na inteireza de suas aparências”.

Apesar de Cláudia ter se referido com bastante zelo à figura paterna, fiquei impressionado com a atenção dada pelas travestis à relação com suas mães. Uma relação bastante estreita que, no caso da travesti citada, prolongava-se até a data da realização da entrevista. Marcelo Oliveira (1997, p. 134) enfatiza que percebeu em alguns relatos “o apoio e compreensão interpretados pelos travestis quando falam sobre a figura materna. Um vínculo de amparo e identificação enquanto sujeito que possui família”. A figura materna parece ser uma importante referência feminina destes sujeitos.

Como pode ser observado nos comentários de minhas entrevistadas, a aceitação de sua “diferença” pela família facilitava um sentido de pertencimento a estas travestis e as inscrevia numa ordem de referência, ou seja, sua origem e vínculo familiar as diferenciava de “uma qualquer”. Esta dimensão possibilitava que as travestis se referenciassem numa linha de tempo e num espaço social.

Outro aspecto apontado foi o despertar da sexualidade, a primeira “transa”:

Tive a minha infância, assim, muito pro lado feminino, bem mulher. Brincava com as meninas, brincava de casinha e aos domingos fazíamos piqueniques, íamos pros matos [...] Sempre menina. Até que as vizinhas, às vezes, não gostavam, diziam que eu era homem, não tinha nada que ficar brincando com as gurias, não sei o quê. Mas era bom naquele tempo. A convivência era ótima, vivia tudo bem, não tinha esses preconceitos. [...] Comecei [a transar] com 12 anos, com o meu professor. Tinha um professor que também me dava aula particular e, às vezes, dava na transa, entende. Eu tinha aula particular à noite, era, assim, para aprender mais um pouco (Jaqueline, 52 anos).

Sempre me interessei por meninos, desde pequeno. Não podia ver um menino que os olhos já cresciam, mas a minha primeira transa foi com um parente mesmo. Namorei com um rapaz antes e depois com um primo tive meu primeiro envolvimento sexual. Daí começou a história. Tinha uns 14 anos. A minha primeira vez nem eu sabia exatamente o que era. Senti uma coisa boa descendo dentro de mim e fiquei assustada. Ele era bem mais velho que eu. Saí correndo, fui, conversei com a mãe, perguntei o que era, e ela me explicou o que era. Dali não parei mais (Karla, 43 anos).

Acho que sou homossexual desde os cinco anos de idade, sei lá. Nunca tive atração por meninas. Os meninos iam ao banheiro, daí eu ia junto. Desde os cinco anos comecei a namorar com um garoto, com um menininho, mas coisas de criança, nada sério. Depois a gente foi crescendo, foi crescendo e eu continuei ficando com ele, depois ele casou e foi aí que resolvi vir, realmente, embora. Durante toda a minha infância, adolescência, foi sempre só com esse menino (Cláudia, 26 anos).

Falando sobre o relacionamento das travestis com seus familiares, João Silvério Trevisan (2000, p. 417) cita uma pesquisa realizada pelo psicanalista Hugo Denizart, entre travestis do Rio de Janeiro e publicada em 1997, apontando que muitas, ao manifestarem as primeiras “tendências” à homossexualidade são expulsas “de seus lares ainda muito jovens, depois de sofrerem assédios, espancamentos e estupros múltiplos”. A partir desta saída muitas delas acabam perdendo quase totalmente os vínculos com a família, passando a se prostituir para garantir a sobrevivência. A ida “compulsória” destas travestis para a marginalidade social se justificaria, pois “mal tiveram a chance de se alfabetizar, menos ainda de aprender uma profissão”. Outras, contudo, mesmo após serem expulsas, passam a ser aceitas em função da situação financeira, existindo aquelas que acabam virando arrimo da família (id., p. 418).

As lembranças, com certeza, expressam individualidades, as trajetórias dos sujeitos, porém, trazem consigo aquilo que foi significado por eles. São informações de um passado recente, narradas por quem as viveu cotidianamente. A mais famosa travesti brasileira, Roberta Close, conta em um livro autobiográfico¹⁹¹ a sua trajetória de vida, desde

¹⁹¹ “Muito prazer, Roberta Close”. Depoimentos dados à jornalista Lúcia Rito, 1998.

menino quando foi espancado e expulso de casa pelo pai militar e acabou “estuprada” e humilhada por parecer menina. Relata suas prisões, aonde era obrigada a manter relações sexuais, inclusive com policiais, para ser liberada, até virar modelo e realizar a cirurgia de mudança de sexo.

3. Na escola, com cuidados.

Cidadania não tem roupa certa.
(Grupo Gay da Bahia/GGB)

Num encontro sobre gênero realizado em 2003¹⁹², a presidente do ADEH (Associação de defesa dos homossexuais), a travesti Luana, falou que uma das maiores dificuldades encontradas pelas travestis era que elas logo abandonavam os estudos. Isto acontecia, especialmente, no momento em que elas passavam a se travestir. Havia a dificuldade nas aulas de educação física, mas, principalmente a resistência que encontravam quando precisavam ir ao banheiro e no fato de que os colegas, os professores e a direção das escolas não sabiam como deviam chamá-las, se com o nome próprio ou com o pseudônimo feminino.

Sobre este último ponto obtive, durante o meu campo, a informação de uma transexual que estudava na Academia de Comércio de Santa Catarina e de uma reunião pedagógica do colégio, onde fora discutida a questão de como tratar tal sujeito, pois ela queria ser chamada como mulher. Um professor expressou a opinião de que ela precisava se assumir enquanto homem e homossexual e não ficar se escondendo em vestido de mulher¹⁹³. A ironia foi descobrir que este professor também era guei. “Ora, o *ensino e a escola são reflexos da cultura em nossa sociedade*”¹⁹⁴ (Grossi, 1992, p. 252).

Marcelo Oliveira (1997, p. 138) conta que em conversas com educadores e alunos, além de algumas estudantes que se travestiam, conseguiu informações que “revelaram, se não um paraíso de oportunidades no plano político-social para esses personagens, pelo menos um meio onde é possível aspirar com mais otimismo um curso de terceiro grau, sem que o

¹⁹² II Seminário Internacional – Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, de 08 a 11/04 de 2003, em Florianópolis.

¹⁹³ Optei em apresentar a justificativa do professor desta maneira, pois a expressão “em vestido de mulher”, em trajes femininos, pode ser ouvida como “investido de mulher”, o que denota um reconhecimento do trabalho do sujeito em se fazer mulher, até em termos econômicos.

¹⁹⁴ Em itálico no original.

segundo grau seja o pesado fardo sugerido por Shana¹⁹⁵”. Aqui aparecem diferentes interpretações para um mesmo problema. Enquanto o pesquisador Marcelo Oliveira constata avanços, a travesti Luana fala das dificuldades encontradas, sob a ótica dos movimentos, um discurso político e de militância.

Sobre o período escolar minhas informantes pouco falaram. Pareceu-me que as lembranças não eram muito agradáveis, pois evitavam falar, mudando de assunto, ou se voltavam para outras atividades desenvolvidas no mesmo período, como namorar e a descoberta da sexualidade. Pareceu-me que a escola não é vista como uma opção de ascensão sócio-profissional, ao menos para as travestis entrevistadas, oriundas de camadas populares.

De suas falas é possível assinalar que já houve muitos ganhos, mesmo com a dificuldade no uso dos banheiros encontrada por Karla. Só o fato de estudarem em escolas públicas vestidas de mulher e, em alguns casos, serem chamadas por seus nomes femininos, revela uma transformação nos corredores escolares. Se ainda não é o ideal, é inegável que a permanência destes sujeitos nos bancos escolares significa um reconhecimento da diversidade sexual.

Eu estudei até o 5º ano no José Boiteux, no Estreito, depois fui pro São José, pro Lauro Müller, no Centro. Atravessei muito aquela ponte a pé, a Hercílio Luz, meu Deus do céu. Fui até a 5ª série, mas parei por causa da bagunça, à noite. Comecei a endoiar, a sair. Não gostava muito (de estudar), entende, a minha vida assim era mais namorar os rapazes, os amigos de infância. Já aos 12 anos (Jaqueline, 52 anos).

No colégio, até os meus 14 anos era chamado pelo meu nome legítimo, depois fui estudar aqui, no Silveira de Souza, a dona (nome), uma pessoa super educada, me chamava de Karla. Elas me chamavam de Karla que era para evitar aqueles estilos, eu já tirava a sobancelha, tinha seio, passei a jogar vôlei. Alguma dificuldade a gente sempre encontra, quando tem essa passagem de homem para mulher, mas foi super legal. Sempre me dei o respeito e exigia respeito das pessoas. Fui muito criticada porque era a primeira, mas era uma pessoa que a diretora dava apoio. [...] Quando comecei com 15 anos ia no banheiro masculino. Deixava dar o recreio, quando os rapazes saíam eu entrava. Depois, com 16 anos, quando comecei a fazer o 2º grau, o que aconteceu, fui perguntar se podia usar o banheiro feminino, mas não deixaram. Então, deixava as meninas saírem e, depois, entrava normalmente (Karla, 43 anos).

Agora, a minha irmã está fazendo a minha cabeça para voltar a estudar, de novo, mas a minha vida é muito corrida e, também, (silêncio) tenho problemas de estômago, úlcera, hérnia, gastrite, estão a me incomodar, então não sei. A minha irmã quer que eu comece a estudar, ela paga. Só que para estudar tinha que ser de noite e de noite tenho o (nome). Ele chega em casa, tenho que fazer a janta, aquela confusão toda. Houve uma época, que eu fiz o curso de costura, que saía às 7 horas e voltava às 11 da noite. Fazia o curso e trabalhava num salão no Centro, quatro vezes (por semana) e brigávamos muito (Cláudia, 26 anos).

¹⁹⁵ Shana ou Chana é uma das travestis citadas por Hélio Silva (1993, p. 38) e que falou sobre as dificuldades e os preconceitos que encontraria nas escolas de 2º grau, o atual nível médio, caso quisesse estudar.

Observei no trabalho de Marcelo Oliveira uma preocupação em demonstrar que havia uma “negociação” entre as escolas e os jovens que se travestiam, em busca de um comportamento mais discreto, não “depravado” ou “deslumbrado”. “A tolerância se relaciona à expectativa criada em torno de um comportamento que não chame muito a atenção, discreto” (1997, p. 146). Evitando os excessos no comportamento, mais do que na maneira de se vestir, não daria margem à repressão. Para este autor, não se trata de dissimular a “identidade” homossexual, mas sim de sua reafirmação enquanto busca uma “representação total do feminino” (id., p. 149). Pareceu apontar uma saída, as novas gerações de travestis se integrarão na sociedade se o tom de sua sociabilidade for comedido, como tem sido para as mulheres. Aliás, em outro lugar em sua dissertação, o autor assinala que o comportamento das travestis “deve condizer com aquilo que se espera de qualquer pessoa numa relação de formalidade – principalmente com relação a uma ‘moça’ numa sociedade machista – : um ‘pingo’/(limite) de decência” (Oliveira, 1997, p. 157).

No entanto, alguma coisa tem mudado. Hélio Silva e Cristina Florentino (1996, p. 110) apontam para o fato de que “quando uma diretora de um colégio estadual em Florianópolis afirma admitir travestis de bom comportamento em seu colégio [...] indica o reconhecimento de um papel impraticável e impensável há três ou quatro décadas atrás”. O que se observa é que, apesar da perplexidade de muitos educadores e educadoras, não há como ignorar a emergência das travestis nos bancos escolares. Para Guacira Louro (2001, p. 542), “agora as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas são inoperantes. Mas é impossível estancar as questões. Não há como ignorar as ‘novas’ práticas, os ‘novos’ sujeitos, suas contestações ao estabelecido”. Pensar numa “nova” pedagogia, *queer*, não seria apenas incluir o “diferente”, a diversidade. “seria imprescindível dar-se conta das disputas, dos conflitos e das negociações constitutivos das posições que os sujeitos ocupam” (Louro, 2001, p. 550).

Apesar de minhas entrevistadas afirmarem que não praticavam a prostituição, quando falaram de outras travestis afirmaram que muitas, apesar de não gostarem de se prostituir, a praticavam por falta de opção e qualificação profissional. Isto ressalta a falta de oportunidade de escolarização e de oportunidades em outras frentes de trabalho para muitos desses sujeitos.

4. A polícia, as travestis e os costumes.

*... o preconceito não está ausente,
as agressões ainda espoucam,
mas, ao contrário de antes,
o que se tornou patológica foi a rejeição ao travesti*
(Silva, 1993, p. 119)

Narrando aspectos da experiência das travestis “históricas”¹⁹⁶, cariocas em tempos passados, Hélio Silva (1993, p. 41) afirma que elas apanhavam quando ousavam sair às ruas e eram presas por “atentado ao pudor”. Viviam espantadas e com medo e, por este motivo, sobre qualquer pretexto, estavam prontas para em caso de perigo, sacarem do homem que guardavam sob as roupas. Depois de algum tempo ficava evidente esta possibilidade e os outros entendiam que ela podia “sacar esse homem quando bem entender” (id., p. 41). Em Florianópolis, também, havia travestis que rondavam pelo centro da cidade, segundo Oliveira (1997, p. 52), “com lâminas de aço entre os dentes”.

Sobre este sacar o “seu” homem de dentro de si e ir à luta, obtive duas respostas bastante diferenciadas, mas que envolviam ou onde estavam envolvidas questões de discriminação. Uma cita a possibilidade de rejeição por parte da sociedade, de forma geral:

Hoje em dia o nosso mundo é muito podre, para a mulher já é difícil, tem um monte de rejeição, para um homossexual já é difícil, imagine para uma travesti, é super difícil. [...] Rejeição tem de monte. Só que comigo isso não acontece, porque se vierem tentar fechar uma porta, desço do salto e vou à luta. Enfio a mão mesmo, não estou aí. Sou muito boazinha, mas sei brigar. É a minha defesa, brigo mesmo. Acredito que não há necessidade de pegar um estilete, pegar ácido, pegar [...] Isso nunca aconteceu. Sempre fujo destas situações... (Karla, 43 anos).

A outra fala da possibilidade de agressão quando “descoberta” por um outro homem e, aí, cita o exemplo de uma dança:

Agora, o dia que der zebra, eu dançando com um homem e o homem cismar que, também, sou homem, aí, o negócio é diferente, porque daí vou dar uma de homem também. Parto pro lado da masculinidade, né. Mas do contrário não, tem homem que, às vezes, fica em dúvida eu fico na minha. Se o homem está em dúvida eu largo ele, seja na pista onde for, mas sempre me saio bem (Jaqueline, 52 anos).

¹⁹⁶ Silva (1996, pp. 70-71) divide suas travestis em duas categorias: as históricas e as atuais, havendo uma relação de continuidade entre estes modelos, mas com experiências diferenciadas quanto à sua sociabilidade, enquanto as primeiras eram mais “solitárias” e com um tipo de mulher idealizado, as segundas manifestavam formas diferenciadas de representação dos femininos, além de uma maior socialização. Não se trata de um mero caso de substituição, pois, hoje, convivem inúmeras possibilidades de perfis femininos.

Para evitar este tipo de confusão, a travesti Pamela, entrevistada por Marcelo Oliveira (1997, p. 159), disse que nos clubes heteros que ela freqüentava, procurava não aceitar os convites para dançar vindo de homens que não fossem conhecidos, pelo risco das confusões quando a verdade fosse revelada. “Faço o tipo viado. Danço, rebolo, agito um monte [...] Minha amiga faz o tipo mulher discreta, mas pode dar encrenca [...] Quando eles vêm me tirar pra dançar eu saio fora” (Oliveira, 1997, p. 160). Nessas horas, a travesti revelou que, se precisasse, ela saía na “porrada”.

Também com minhas informantes o trato com a polícia nem sempre foi tranqüilo. Houve momentos em que só restava às travestis fugir dos policiais, em debandada correria, ou serem detidas. As duas travestis de mais idade viveram anos em que a repressão política e social desencadeada pelo regime militar determinou um maior controle sobre os comportamentos considerados “marginais”, aí incluídas as travestis. Então, eram comuns as batidas noturnas dos policiais, em qualquer canto do país, tanto em Florianópolis quanto em São Paulo, ou Rio de Janeiro. Trevisan (2000, p. 419) chama a atenção para o fato de que “em muitos lugares do Brasil, o mínimo que a polícia faz é prender travestis para que limpem compulsoriamente as delegacias e celas”.

Era de noite que a policia dava duro, (eles andavam) era de jipe e quando parava perto, não dava tempo de correr. Onde tu estavas, te desgraçavas, mas era por causa da nossa vadiagem de rua, fazendo ponto nas esquinas, nós não tínhamos permissão. Todas, quase todas foram presas. Tu corrias, caía tudo. Tinha horas em que a policia gritava: não corre que eu atiro. Naquele tempo, nós despercebidas, porque estávamos na viração, muitas iam presas e eu sempre consegui escapar. Nunca pisei dentro de uma delegacia. Eles não batiam nada, só botavam presas, faziam limpar, lavar a louça. Eu sei que eles ferviam na delegacia (Jaqueline, 52 anos).

Numa época, há uns 20 anos atrás, era muito engraçado, a policia pegava travesti e botava naqueles carrinhos tudo aberto. Elas passeavam de carro, limpavam a delegacia. Eu só levei um corredão, saí voando pela Felipe Schmidt. Estava conversando com elas (travestis) e a polícia veio, soltou os cachorros em cima. Só se via bichas, travestis, soltando salto, cabelo, sutiã caídos. Nunca fui presa, graças a Deus, mas quase, passou por um fio. Saí batida. Na verdade, a polícia, muitas vezes, explorava os travestis, botava para limpar a delegacia. Elas muitas vezes foram usadas, porque tem muita policial que gosta da coisa. Gostam muito da coisa (Karla, 43 anos).

Esta insinuação de que os policiais gostam “da coisa” também foi constatada por Hélio Silva (1993) que narra um episódio em que dez policiais levaram várias travestis presas e na delegacia “transaram” com as “bichas” e depois as deixaram em seus pontos originais de batalha, de viaturas. “Aquele foi um serviço gratuito prestado à lei e ao Estado que os protegem” (p. 64).

Este clima de convivência entre a lei e a marginalidade é apontado por Karla:

Coitadas dos travas que vão presas, tem algumas que já têm os dias de irem presas. Tem travesti que vai presa, está marcado na agenda, terças e quintas, que é o dia em que o policial quer que ela seja presa, para fazerem sexo, na viatura lógico. Conheço travesti que tem casérrimo, querido. Ela nem vai mais presa, quando vê o camburão, ela mesma já salta em cima.

Estes relatos falam de um tempo que já passou, mas ainda são freqüentes os relatos de abusos cometidos por policiais, como o espancamento da travesti Clô narrado por Marcelo Oliveira, ou os inúmeros casos de assassinato de travestis apontados pelo GGB (Grupo Gay da Bahia). Vivemos num tempo aonde estamos aprendendo a conviver com atitudes menos repressivas, ao mesmo tempo em que se observa um aumento das denúncias contra qualquer tipo de abuso. “Vivemos, portanto, um momento histórico de transição, um processo de incorporação social do travesti, no qual os desviantes já são os que não os aceitam” (Silva, 1993, p. 120). A travesti de menos idade afirmou nunca ter tido qualquer problema com policiais, apenas vindo à delegacia da mulher para fazer uma denúncia contra seu companheiro, mas na tentativa de encontrar uma ajuda para o seu casamento. Isto por orientação de um policial amigo.

O clima de convivência com o travesti configura um processo de interação que o dotará de existência social. Não significa aceitação, significa processo social tenso, contraditório e ambíguo, que fatalmente, pelas relações estabelecidas e pelas redes criadas, tornará o travesti aceito por certas áreas, camadas, grupos sociais (Silva, 1993, p. 121).

Neste sentido, as travestis vêm mantendo com seus circundantes relações cotidianas aonde acontecem diversas trocas, sejam comerciais, de valores, ou de linguagem¹⁹⁷. É interessante observar como a rede comercial da cidade também vai mudando a forma de atender a clientela homossexual. Estes novos contextos e cenários ajudam a criar um sentimento de reconhecimento e pertencimento destes cidadãos.

Saio tranqüila, eles não sabem se eu sou homem ou mulher. Embarco no ônibus, pego um táxi, e o tratamento é senhora pra cá, senhora pra lá. Dentro do supermercado, dentro do comércio, sabes. Meus documentos estão como homem, porque eu não posso falsificá-los, de jeito nenhum. Mas o comércio todo, em peso, já sabe, me conhece. Compro há anos, (alguns) já nem pedem mais (os documentos). Às vezes, só faço a ficha e, prontamente, eles me vendem. Não tem mais esse preconceito, essa barreira. Hoje, fui no Busch, de manhã, os rapazes lá eram uns gatos, mas, credo, me atenderam maravilhosamente bem. Senhora, é isso, é aquilo. Eu, assim, por favor tira a senhora (Jaqueline, 52 anos).

¹⁹⁷ Como no caso do “bate-bate” gaúcho ou do dicionário de Jovana Baby.

Mesmo com a declinação da deferência é nítido o “orgulho de ter sido tratada como senhora e com respeito”, da mesma forma que a travesti Poliane, entrevistada por Hélio Silva (1993, p. 40). As histórias de quando passam por mulher parecem estar guardadas num relicário da memória de cada travesti. Um exemplo é o relato de Rejane que, além de passar por mulher, passou por grávida. “Ela estava usando um vestido estilo trapézio [...] Subiu em um ônibus urbano e um rapaz levantou para que ela sentasse. Na hora de descer, quando foi passar a catraca, o cobrador disse-lhe que grávidas poderiam sair pela porta da frente” (Florentino, 1998, p. 108).

Contudo, mesmo estando fora do circuito de prostituição, as travestis entrevistadas mantinham contatos com as outras. Em suas falas ressaltavam a existência de laços de amizade e o respeito que superam os possíveis desentendimentos, brigas e fuxicos. Até mesmo as agressões físicas.

Tem horas que gostaria de ser uma Karla diferente, de andar com saltão, de andar de mini-saia, tipo a Xuxa. Eu adoro a Xuxa, adoro ver a Xuxa na esquina. Acho o corpo dela um escândalo, bonito. Então, tinha vontade de, já me passou muitas vezes essa vontade, não de fazer programas, mas de ficar do lado só para chamar atenção, para as pessoas me verem diferente [...] As outras travestis me respeitam, tem pessoas que conheço e adoro, uma é a Marcela, é operada, a Adriana. Eu respeito elas. Eu penso assim, respeito elas e elas me respeitam. Apesar de existirem umas meio agressivas, ali, no Kobrasol, que tentaram vir brigar comigo, me cortar. (Karla, 43 anos).

As travestis que moravam no Mocotó, aquelas ali eram perversas, usavam giletes, eram mais violentas. Eu não me misturava com elas, elas passavam, eu fazia que nem as conhecia. Nunca tive amizade com elas, lá da cidade. A minha turma era mais do Estreito, perto de casa. Uma das mais perversas era uma tal de Brigitte, tal de Toninho. No Estreito, tinha uma tal de Maneca, de olhos azuis, que andava muito com a Susi. Esta, a Susi, está trabalhando em salão, às vezes ela passa na televisão, eu a vejo. A Maneca era uma das mais perversas, a Susi não. A Susi era quieta, eu quase não tinha amizade, uma vez ela foi lá no Estreito, foi lá pra nós conhecer, bater um papo (Jaqueline, 52 anos).

De acordo com a literatura pesquisada (Silva, 1993, 1996; Oliveira, 1997; Florentino, 1998) há muitos conflitos entre as travestis. Assinalo que estes autores trabalharam com aquelas que se prostituíam, mas este fato também foi narrado por duas das minhas entrevistadas. Amizade e antagonismo entre elas, coexistindo entre diferentes espaços da cidade.

São amizades que, apesar da vontade de Karla de aparecer numa esquina, não passam pela idéia de prostituição. Aliás, as duas mais novas foram bastante enfáticas ao rejeitarem qualquer possibilidade de, um dia, virem a se prostituir. Inclusive criticando os novos gueis que se interessam pelo travestitismo.

Há uns cinco anos atrás apareceu um sobrinho que é uma coisa ridícula, está fazendo um papel ridículo. Uma pessoa que não tem nada a ver com mulher, uma pessoa que não se valoriza. Tá tentando ser travesti, mas uma coisa de prostituição, já não é uma coisa direita. O caminho da prostituição é pesado. Aquela coisa de brigar, os dentes todos cariados. Eu quis dar um conselho para ele, quis colocá-lo na linha, expliquei as coisas para ele. Disse que, hoje, na vida é muito mais fácil ser gay do que ser travesti. As portas estão muito mais abertas e ele não entendeu. Isso é uma pessoa que não se valoriza, [...] não quero ele na minha casa. Não sabe nada. Não quer seguir o caminho certo, acha que o caminho que ele está é o certo, mas é um caminho super errado (Karla, 43 anos).

Tenho dois primos que são gays. Um deles, dentro de casa, durante o dia, é homem, o pai dele já é uma pessoa de idade [...] mas vai pra rua e vira mulher. Eu acho mais feio, deveria se assumir de uma vez. Para quê ficar enrustido dentro de casa e quando chega na noite todo mundo fala. Acho isso horrível. [...] Outro dia eu estava conversando com uma amiga lá do Centro. Quando a conheci ela era cabeleireira e deu um desentendimento com o marido e ela pegou e saiu para rua, foi se prostituir. Eu prefiro passar fome do que fazer o prazer da outra pessoa [...] eu não faço. Não tenho coragem; prefiro passar fome do que me prostituir, jamais. Acho uma coisa muito distante, porque você está sujeito a pegar uma doença, pegar aqueles caras nojentos, querendo fazer de tudo contigo. Tem que deixar por que eles estão pagando, ou apanhar nos cornos. Meu Deus que me perdoe, jamais. Nunca na minha vida (Cláudia, 26 anos).

Há, como pode ser observado, todo um circuito de relações que liga travestis, policiais, o comércio e outros circundantes. “Na rua os sujeitos se inscrevem socialmente. Na rua o amor, a dor, o horror, a solidariedade, a violência, a vida e a morte deixam de ser entidades imaginárias e se concretizam” (Florentino, 1997, p. 41). Esta “rua” citada é o lugar de possíveis namoros, clientes, bêbados, ladrões, policiais, pessoas doentes, todavia, há outras ruas nas cidades que também estão sendo ocupadas pelas travestis e que levam ao reconhecimento da cidadania. São princípios de convivência que demonstram os processos históricos e culturais que permitem localizar os lugares tradicionalmente ocupados pelas travestis. São relações sofisticadas, ambíguas, que não podem ser compreendidas através de interpretações apressadas.

Quando comecei a tomar essas injeções tinha amizade com umas três travestis. Hoje, uma está presa na cadeia pública, uma faleceu e a outra nem sei onde é que anda. Elas estavam tentando me levar pro caminho da prostituição, mas como tinha muita amizade com a minha família, os meus irmãos me pegaram e não me deixaram ir. A minha cabeça, já de pequena, era uma coisa diferente. Eu pensei assim comigo: ‘não preciso ser a sofredora de rua, apanhando, fazendo coisas que não está afim por causa de 20, 10, 5 reais’. Sabe, chegar a um ponto de se drogar, de fumar, de roubar, de traficar drogas, não é comigo. Sou uma pessoa super careta, segui outro caminho (Karla, 43 anos).

O envolvimento com drogas lícitas e ilícitas tem sido apontado como fato corriqueiro entre muitas travestis. Hélio Silva (1993, p. 59) ressaltou que entre suas

entrevistadas algumas também eram responsáveis pela distribuição de pequenas quantidades de drogas. Citou o caso de Shana, que chegou a trabalhar como “avião de traficante”, mas este papel não chegava a representar um complemento à sua fêria, pois consumia “regularmente a fonte de renda”. Abordar a questão do uso de drogas entre as travestis é importante naquelas pesquisas sobre a epidemia da AIDS, pois tais substâncias podem ser facilitadoras da não adoção de medidas preventivas, como o uso de preservativos, ou sua má utilização. O uso de drogas, em particular o álcool, é apontado por muitas, seja para si próprias ou para agradar os clientes. Algumas dizem que consomem para perder a timidez. As minhas informantes alegavam suas “ceticas” como justificativa para o fato de não fazerem uso¹⁹⁸ de qualquer dessas substâncias.

Nos anos 70, se usava apenas a maconha, mas era muito raro. Não existia o craque, era um (cigarro de) maconha, mas um ou outro, escondido, quando aparecia um freguês. Lá uma vez ou outra que aparecia um cigarro, convidava mas não fazia a minha cabeça. Sei que algumas fumavam, ficavam doidas, mas o problema era delas, mas na nossa turma ninguém fumava (Jaqueline, 52 anos).

Como qualquer outro sujeito, também as travestis têm suas lidas diárias: supermercado, bancos, padarias, farmácias (e não só para comprar hormônios), salão de beleza, lojas, pagamentos de impostos, etc. Tudo, enfim, que as inscreve como cidadãs. Aponto para o fato constatado por mim e apontado por Oliveira (1997) de que suas presenças podem ser vistas, nestes lugares públicos, através de “trajes, falas e gestos comedidos” (id., p. 151). Este envolvimento social demonstra a fluidez da vida na cidade e o reconhecimento do gênero nas travestis.

5. As territorialidades das travestis na cidade.

*No carnaval, ninguém teme o ridículo
porque nada contamina. Tudo é fantasia, mera farsa,
disfarces projetados num espelho
coletivamente compartilhado.
Nunca pessoas reais
(Hélio Silva, 1996, p. 19)*

Com as transformações ocorridas na cidade, mas principalmente com a maior visibilidade alcançada pelas travestis, é possível afirmar que está ocorrendo uma “infiltração”

¹⁹⁸ Algumas informantes de Hélio Silva (1993, p. 43) também não consumiam bebidas alcoólicas, não fumavam maconha e nem cheiravam cocaína. “De algumas travestis ouvi referências sobre a incompatibilidade entre ingestão de hormônios e de álcool”.

destes sujeitos nos diferentes espaços sociais. Algumas travestis desfrutam de um outro *status* e não há mais a necessidade de se esconder naqueles locais até então considerados “exclusivos”, mas, acima de tudo, marginalizados. Das três travestis entrevistadas, apenas uma disse que sempre freqüentou o “gueto” guei ilhéu, as outras duas, talvez em função de seus relacionamentos afetivos, pouco conheciam das agitações em bares e boates específicos para o público homossexual. Apenas aquela de mais idade foi quem afirmou ter participado do “circuito de batalha” e, por isso, provavelmente, a única a ter um outro domínio do “universo” das travestis florianopolitanas. Segundo Robert Park (1973, p. 63) “cada indivíduo encontra em algum lugar entre as variadas manifestações da vida citadina o tipo de ambiente no qual se expande e se sente à vontade; encontra, em suma, o clima moral”. Talvez hoje seja possível afirmar que, apesar das resistências que ainda persistem, as travestis florianopolitanas vêm assimilando alguns novos territórios da cidade, até então impensáveis de serem freqüentados por elas, no seu cotidiano.

Erdmann (1981) mostrou que, naquela época, as travestis foram ocupando os arredores e o coreto da Praça XV, afastando as prostitutas. O trabalho realizado por Oliveira (1997) constatou que, hoje, elas ocupam diferentes espaços de uma Florianópolis conurbada. Os lugares de “pegação” se transferiram, principalmente para a parte continental. São alguns dos pontos de prostituição de travestis, as esquinas da rua Santos Saraiva, a avenida Ivo Silveira, a avenida Presidente Kennedy (Campinas/São José), mas as travestis continuam a se fazer presentes na Praça XV e já há um grande número delas em balneários como Canasvieiras. Fazem-se presentes em áreas de circulação que incluem bares, pensões, hotéis, dormitórios, farmácias.

Longe da “calçada”, mas incluindo também aquelas que se prostituem, as travestis podem ser encontradas em diferentes espaços da cidade, não se restringindo mais àqueles destinados à sua construção de mulher, como clínicas e farmácias. Essas “novas” mulheres freqüentam, como qualquer outra, o Bush (loja de armarinhos), o Clube 8 e o Maré Alta (lugares “heteros”), vão à praia (da Galheta ou Canasvieiras) e brincam o carnaval da cidade (na passarela, nas ruas ou nos clubes). Estas possibilidades de circulação foram construídas e conquistadas pelas travestis em suas relações e ajudam a demonstrar a fluidez dos (pre)conceitos que são desenvolvidos socialmente.

Basta que se descontextualize o travesti, ou pelo menos muitos dos travestis, para que eles passem por mulher [...] O reconhecimento de um travesti na rua depende de algumas outras variáveis, outros códigos, outras séries, como o lugar onde ele está (sabemos quais os pontos de travestis) ou as provocativas roupas de travestis que

praticam a prostituição, que raramente são as que usam fora do trabalho (Silva, 1993, p. 54).

Quando se retira as travestis das “vitrines viárias”, como nos relatos de Hélio Silva (1993; 1996), e passa-se a inscrevê-las nos demais circuitos, observa-se que florescem os sentimentos e as especificidades dos papéis de gênero, as ambigüidades. Como em Florianópolis inexistem lugares específicos para o lazer das travestis são, principalmente, os ambientes heteros que elas freqüentam.

Às vezes, íamos aos bares, mas era a gafeira que freqüentávamos. Ficava na (rua) Machado de Assis, o Clube 8. Primeiro era (freqüentado pela) sociedade, [...] da raça negra. Havia os bailes de sociedade e, após, passou pra uma gafeira. Quando nós estávamos enjoado aqui do Clube 8, íamos pro Morro da Caixa, no Maneca, outra gafeira. Quando não estava bom na gafeira, cá no Morro da Caixa, nós íamos lá pra Coqueiros, no meio dos matos tinha uma gafeira lá também. Era melhor a gafeira do que, hoje, os bailes. Naquele tempo, era mais gostoso (Jaqueline, 52 anos).

Eu vou na toaleta das mulheres. Sim, porque vou prum clube, danço com homem, não danço com mulher. Os homens me tiram pra dançar, eu costumo dançar até o final do baile. A noite toda nós bebemos, rimos, mas tem que ter muito jogo de cintura. Saio pra esses bailes com umas amigas, duas ou três. Telefonamos, o taxi vem nos pegar na porta e nos leva até o Maré Alta. As três mulheres, tudo junto, mas tudo mulher. Ninguém abre o jogo, porque muita gente não nos conhece. Aí, eu vou na minha classe, me embelezo, vou mesmo bonita pro clube. A bebida rola, a gente dança, uns homens maravilhosos e eu não abro o jogo, tudo ali, é mulher pra ele. Ele não está sacando e não está sabendo (Jaqueline, 52 anos).

De maneira geral, as travestis disseram freqüentar aqueles lugares onde o predomínio do público é, aparentemente, de heterossexuais, onde são mais paqueradas. Hélio Silva (1993) já havia constatado que os clubes de dança voltados ao público heterossexual, também servem como lugares de lazer para as travestis, assim como as casas de prostituição de mulheres. Jaqueline, a única das três entrevistadas que se prostituiu, costumava levar seus clientes até a Vila Palmira, na cidade de São José.

Eu tinha fregueses que me pegava às 7 da noite e íamos direto pro quarto. Mas de primeiro não era quase motel, só tinha em Barreiros, que era a Vila Palmira. Ali alugavam-se quartos, então, tinha a casa da dona Ana, a mãe do Zezinho¹⁹⁹. Eu ia muito, com os meus fregueses, na casa dela. Ela deixava um quarto bonito pra mim, com guarda-roupa, tudo no quarto era chique e lá tinha uma garagem onde os fregueses botavam os carros. Dormia até de manhã, 6 horas, 7 horas. Ela batia na porta, tomava o meu banho, tomava o meu café e, aí, os meus fregueses me traziam até em casa (Jaqueline, 52 anos).

¹⁹⁹ Nome fictício, designando um homossexual da cidade que se destacava por maneiras afetadas e foi referido por um dos meus entrevistados como um modelo de guei que não deveria ser seguido, do qual deveria se diferenciar, pela exposição pública excessiva e folclórica.

Foi numa dessas casas da Vila Palmira que Jaqueline participou de um concurso de beleza de travestis.

Quando eu já tinha uns 17 pra 18, mais velhinho um pouquinho, [...] fui num concurso de travesti na casa da Consuelo. Tinha pra mais de trinta, cada uma mais bela que a outra. Todas bem afeminadas, muitas plumas e eu também preparei um traje e fui ao desfile. Fiquei em segundo lugar, mas valeu a pena, foi bom (Jaqueline, 52 anos).

Karla, a travesti que situei na segunda geração, disse que também participou de concurso de beleza feminina, só que em ambiente público e heterossexual. Teria sido um escândalo a sua escolha como a mais bela pantera da Ilha, na boate Dizzy.

Eu acho que sou a mais conhecida (travesti) de Florianópolis. Fui a primeira a aparecer, a primeira a ganhar seis concursos (de beleza), virar “hour concurs”. Concursos de beleza, concurso gay. Uma vez participei de um concurso e quando descobriram que eu não era mulher, era travesti, deu um tremendo rolo. Foi na Dizzy e o concurso era “A Pantera da Ilha”.

Karla participou da abertura dos primeiros bares e boates voltados para o público guei em Florianópolis. Como foi relatado em capítulo anterior, o bar/boate Escovinha, que ficava situado na rua Fernando Machado, no centro da cidade, foi primeiro um bar voltado ao público hetero, com muita frequência de prostitutas e aos poucos foi sendo “tomado” pelos homossexuais, primeiro pelas travestis, depois pelos gueis e, por último, as lésbicas.

Como rodei a minha baiana naquele Escovinha! Fui (escolhida) rainha da Marinha. Fui a Emilinha Borba²⁰⁰, novinha é lógico! Mas fui a rainha da Marinha, fui princesa dos marinheiros, dos rapazes do exército. Era fila para entrar. Eles pegavam senha um ano antes para poderem entrar, [...] a noite toda. Travesti entrava muito pouco. Na época, acho que era só eu e mais duas, que não lembro o nome. As outras só queriam brigas, escândalos, essas coisas todas. Entravam mais gays e a festa acontecia lá dentro, muitos beijos, muito abraços. Todos terminavam com cílios imensos, tirando sobranceiras no banheiro (risadas) (Karla, 43 anos).

A partir do momento em que se criavam os bares e as boates voltados aos gueis e às lésbicas, aumentava a discriminação contra as travestis. Quando elas não eram proibidas de entrar, cobravam-lhes preços exorbitantes, ou diferenciados, para o acesso.

²⁰⁰ Emilinha Borba, nome artístico de Emília Savana da Silva Borba (1921–2005), cantora brasileira que nasceu no morro da Mangueira/Rio de Janeiro, intérprete de música popular brasileira, sobretudo de marchas carnavalescas, foi escolhida a cantora “Favorita Permanente da Marinha”, em 1949. Maiores sucessos: *Chiquita Bacana* (1949), *Vai com Jeito* (1957), *Pó de Mico* (1963). <http://emilinhaborba.mpb.nom.br/> (acesso em 14.04.05).

Sempre entrei no Roma, na *Oppium*, e nos outros lugares que não aceitavam a entrada das travestis. Sempre fui uma pessoa passiva, conseguia passar pras pessoas, pros donos das casas que não queria briga. Na época, as travestis entravam, pra cortar gay, pra cortar lésbicas, cortar cliente da casa, avançar com gilete, jogar ácido, então, elas eram proibidas de entrar, até por que elas passavam essa imagem de prostituição, de coisa pesada. A gente não podia estar sentada, numa boa, conversando porque elas entravam não pra se divertir, mas para brigar. Então, por isso que o Roma criou, estipulou de não deixar entrar travestis. [...] Elas queriam entrar para cortar as pessoas, entrar de calcinha e sutiã. Na época, elas queriam entrar nuas, enchiam o corpo de silicone e achavam que estavam abafando. Acho que cada lugar tem o seu estilo, se vais entrar num bar, tu tens que entrar como uma pessoa decente, de nível, mesmo que sejas uma travesti de prostituição. Não se pode entrar pelada porque, assim, tu corres com a clientela do ambiente (Karla, 43 anos).

A argumentação de Karla para a pouca presença das travestis nos ambientes considerados “gueis”, por que elas faziam “bafão” ou procuravam briga, representa apenas a generalização de uma imagem negativa. Não há como considerá-la explicativa para tal procedimento. Parece-me que, acima de tudo, havia, nestes estabelecimentos, uma atitude discriminatória àquelas consumidoras e/ou espectadoras. É, no mínimo, curioso a existência de critérios de controle e seleção entre sujeitos vistos como marginais. Qual seria a fronteira, o limite de tolerância entre aqueles sujeitos que dispõe de uma mesma orientação sexual? Peter Fry (1982, p. 78) afirma que:

Em qualquer sistema social dado, a estrutura dominante, o *establishment*, define certas áreas como marginais e atribui a elas a não-forma e o perigo. Por sua vez, essas áreas estruturam-se de maneira a criar novas fronteiras além das quais uma nova não-forma é definida. [...] Pessoas definidas como perigosas por um sistema classificatório, por sua vez, definem outros como perigosos e assim por diante.

Na Ilha, os bares e boates para o público homossexual estão, ou sempre estiveram, concentrados na região mais central. São raros e esporádicos os investimentos voltados para este público nas regiões periféricas da cidade. As travestis, como visto, não costumam ser encontradas nas boates. Oliveira (1997, p. 94) fala que uma “concentração” de travestis numa boate homossexual congrega “no máximo cinco ou seis travestis por noite – que nem sempre compartilham a mesma mesa ou mesmo canto da boate”. Segundo este autor é rara a incidência de muitas travestis num só lugar de lazer. Se, de maneira geral, o centro da cidade continua a ser o principal local de interações e lazer entre os homossexuais, alguns bairros vão se tornando como uma espécie de via alternativa, especialmente para as travestis.

Se há, em Florianópolis, uma festa pública que inevitavelmente reúne todas as tribos da cidade, esta é a festa carnavalesca. O carnaval²⁰¹ é, tradicionalmente, a grande festa

²⁰¹ Em Florianópolis não acontecem os famosos “bailes de travesti”, bastante comuns no carnaval do Rio de Janeiro. James Green (2000, p. 232) assinala que “os bailes de travestis eram os principais locais onde a regra era

para as travestis, em particular aquele que se desenvolve em frente ao antigo bar *Roma*, na avenida Hercílio Luz. “No carnaval, ninguém teme o ridículo porque nada contamina. Tudo é fantasia, mera farsa, disfarces projetados num espelho coletivamente compartilhado. Nunca pessoas reais” (Silva, 1996, p. 19). Embora conte com o desfile das escolas de samba, parece que é no carnaval de rua que a maioria das travestis florianopolitanas se diverte.

Eu nunca me vestia de mulher em casa, sempre na casa dos amigos. Tinha muitos amigos homossexuais, travestis. Depois que eu saí no carnaval, em traje de mulher, fui direto e estou até hoje. [...] Eu não gostava da Ilha, entende. A Praça XV não fazia a minha cabeça. Não gostava de me misturar, não fazia ponto na cidade, era mais no continente. [...] Só ia ao Centro quando tinha alguma volta ou quando ia apreciar o carnaval. Quando era na Praça XV [...] Agora, fazem anos que não sei o que é um carnaval na cidade. Gosto muito é de ir pra um clube, não gosto muito de folia de rua. Eu parei. Esse ano, brinquei o carnaval num bloco aqui no Bairro de Fátima. Eles me convidaram e nós fomos, mas, naquele tempo, o nosso carnaval era melhor (Jaqueline, 52 anos).

No carnaval, sempre saio num carro da Protegidos²⁰², venho lá em cima. Subo no pódio mais alto. Esse ano é um ano que não vou sair no desfile, tenho minhas roupas prontas, só que acho que as escolas estão explorando demais [...] A escola sabe que todos os anos boto uma fantasia adequada, uma fantasia que dá até pontos. E a fantasia que eles fizeram, não mesmo. Esse ano não vou sair (Karla, 43 anos).

A ida às praias também foi comentada como um acontecimento vivenciado de formas bastante diferenciadas.

Este ano fui muito para a praia de Canasvieiras, no fervo. Gosto de movimento, turista, tudo. Não gosto de praia escondida. Gosto de estar no meio do povo, vou com os meus irmãos, minhas cunhadas. Pegamos um carro e vamos, só que vou mais nos domingos, porque durante a semana eu trabalho, não tenho tempo. Fui muito às praias, freqüentei muito a praia do Arvoredo, lá em Ganchos, algumas praias aqui da ilha, mas sempre praia movimentada. (Jaqueline, 52 anos).

Eu fico pelada na Galheta, me dou super bem com os casais que estão ali. Então, vou pra Galheta pra me queimar, pra relaxar, não pra fazer sexo. Mas, o que tu mais vê é sexo na Galheta. Direto, direto. Um dia desses fui até lá e achei que tinha acontecido algum problema, mas era um gay, lá, com uma tripa. Tinha uns 40, 50, sei lá, atrás dele. Era uma corda que dava de dar volta ao mundo (Karla, 43 anos).

Karla disse que já fez shows de dublagem, cinema e uma ponta numa novela da Globo.

o desregramento, onde se podiam transgredir normas de masculinidade e feminilidade sem preocupação com a hostilidade social ou punições. Em meados da década de 70, os bailes de travestis passaram a ser parte integrante do carnaval carioca”.

²⁰² O Grêmio Cultural Esportivo e Recreativo Escola de Samba Os Protegidos da Princesa é a mais antiga escola de samba de Florianópolis. Foi fundada em 18 de outubro de 1948, por marinheiros que vieram do Rio de Janeiro, transferidos para o 5º Distrito Naval da Capital.

<http://www.protegidos.cjb.net/> (acesso em 14.04.05)

Fiz shows na *Masmorra*, em Santo Amaro, na *Oppium*, e em Criciúma, na *New York*. Já fiz shows em casa de famílias tradicionais de Florianópolis, como os Koerich. Era muito bom. Eu ficava nua no palco, sempre foi assim. Um truque rápido, era tudo muito bem colado, com “Super Bonder”, cola “Tenaz” [...] quando eu usava tanguinha, era o emplasto Sabiá, maquiava por cima, trancava muito bem a coisa. Uma vez aconteceu de uma amiga estar fazendo um show e quando levantou a perna saiu uma coisa imensa, ia para os lados, coitadinha, que Deus a tenha, já faleceu. Uma coisa fantástica. [...] Hoje em dia as pessoas sobem com um tubinho de lantejola, colado com cola tenaz, uma pena de galinha, roubada no galinheiro, e acham que aquilo ali é uma dublagem, é show. O meu show meu era um plumeiro, uma coisa *Broadway*, uma coisa bem diferente. Os gays que conhecia montavam roupas lindíssimas pra mim, tinha coreografia no palco, tinha tudo. Acho que isso é que é show. A pessoa encher os olhos das outras de brilho, de plumas. Agora, subir no palco com vestido que quando você está suando, o vestido longo, fica um top, não tem mais nada a ver.

Eu sou uma pessoa bem feliz graças a Deus. [...] Então, me considero uma cidadã, o governador me conhece, participei de um filme o “Cruz e Souza”. A prefeita Angela Amim sabe quem é Karla Camurati porque já fui maquiá-la. O SBT me chamou, a Barriga Verde me chamou, então, um monte de gente me conhece e sabe que sou uma pessoa super respeitada [...] A Globo me procurou, participei de uma novela, por um capítulo, “Vira Lata”. Participei de um filme, agora, “Cruz e Souza”. Tanto que tem uma foto minha lá na galeria dos artistas, no CIC. Tem mais duas fotos minhas no museu de Santa Catarina, ali na praça (XV). Não que seja velha, lógico, (risadas), é uma das melhores fotos e sou a única [...] arrasando (Karla, 43 anos).

Sobre os espaços por onde circula a travesti mais jovem, obtive a seguinte declaração:

Conheci o meu marido num bar, num barzinho, aqui no Monte Verde. Um bar normal (não guei). Ele não gosta de sair de casa, eu é que vivo ... na rua ... na rua, entre aspas. Nossas horas de lazer são totalmente diferentes, ele vai para a casa da irmã dele e eu fico em casa, ou, então, vou para o Centro, encontrar um amigo ou fico, aqui, no Monte Verde na casa das minhas amigas.

Às vezes, quando a irmã dele faz um churrasco, a gente vai até lá, mas também só ficamos um pouquinho, toma-se a cerveja e, logo, já vamos embora. Quando saímos juntos a gente só briga ... muito ... Cada vez que a gente sai, só brigamos. Então, prefiro ficar em casa para não brigar. Para ficar passando vergonha na frente dos outros, prefiro ficar em casa.

Ele vai para o futebol com os amigos e eu fico em casa fazendo tricô. Ele me chama de velha ...

Ele sai, vai jogar bola e volta altas horas da noite. Às vezes, também fico pensando, ‘estou perdendo a minha vida toda, os meus amigos saindo, se divertindo e eu ficando em casa’. Quando convido pra sair ele está sempre cansado. Por isso que eu faço isso, quando ele vai para a irmã dele, eu vou para a rua. Saio para a rua (Cláudia, 26 anos).

De acordo com Hélio Silva (1993), as travestis passam grande parte do seu tempo dedicando-se às transformações que desenvolvem em seu corpo. Constróem um corpo feminino desfazendo-se de um masculino. Cuidam desde pequenas alterações físicas e possíveis detalhes de ornamentação, até o pensar e agir como mulheres. Recorrem a todo tipo

de técnicas ou recursos na busca de cada característica que desejam alterar. Há um cuidado constante com a “natureza²⁰³” desta nova mulher.

Como pode ser observado pelas citações utilizadas, Hélio Silva fala reiteradamente de uma “nova” natureza, agora construída. O autor parece estar referido à discussão que atribuía sexo à natureza e gênero à cultura. Alguns historiadores, entretanto, têm afirmado que o sexo também pode ser compreendido como uma construção.

A historiografia tem mostrado diferentes visões do corpo que funcionam em contextos específicos:

Como as outras ciências, a biologia de hoje perdeu suas ilusões. Não procura mais a verdade. Está construindo suas próprias verdades. A realidade é vista como um equilíbrio sempre instável. No estudo dos seres humanos, a história apresenta um movimento pendular, balançando para um lado e outro entre o contínuo e o descontínuo, entre a estrutura e a função, entre a identidade dos fenômenos e a diversidade do ser (Jacob François²⁰⁴, in: Laqueur, 2001, p. 27).

Trabalhos como o de Thomas Laqueur (2001 [1992]) demonstram que também o sexo é contextual, como o ser humano. “O corpo privado, incluso, estável, que parece existir na base das noções modernas de diferença sexual, é também produto de momentos específicos, históricos e culturais” (p. 27). O corpo tem sido, portanto, compreendido de diferentes maneiras através da história e, como diz Linda Nicholson (2000, p. 09), ele “é sempre visto através de uma interpretação social”.

Foi no século XVIII que aconteceu a substituição daquele paradigma que compreendia o corpo da mulher como uma versão internalizada do corpo do homem e a mulher, neste sentido, vista como inferior ao homem, por um outro paradigma onde os corpos passaram a ser vistos como fonte de um binarismo baseado na natureza (Laqueur, 2001). “A consequência é nossa idéia de ‘identidade sexual’ – um eu masculino ou feminino precisamente diferenciado e profundamente enraizado num corpo diferenciado” (Nicholson, 2000, p. 21).

²⁰³ Falando das travestis cariocas Hélio Silva (1993, p. 134) ressalta que “ao contrário das mulheres, seus atributos físicos são obtidos graças a uma renhida luta contra a natureza. Já não deixam aflorar “nelas” o homem natural [...] A natureza ‘feminina’ do travesti ganha corpo, se consolida, se arredonda no cotidiano, minuto a minuto, no milimétrico (pêlo a pêlo) combate a tudo que tenta brotar do homem subjacente. Esse combate, se iniciado na adolescência, confunde-se quase com os ciclos naturais, criando uma natureza ‘feminina’”. Esta preocupação também ocorre entre as mulheres, a depilação, o tingimento do cabelo, cirurgias plásticas, etc. Sônia Maluf (1999, p. 273; 2002) aponta para o fato de que as travestis, transexuais, transformistas em geral, “talvez, [...] nos façam começar a pensar no corpo metamorfoseado não como uma substância acabada, mas algo orgânico, móvel, em processo: mais do que corpo, numa corporalidade”.

²⁰⁴ Prêmio Nobel de Medicina.

Não há um questionamento quanto às diferenças sexuais, nem quanto às evidências de “que todas as sociedades possuem alguma forma de distinção masculino/feminino” (Nicholson, 2000, p. 15). Busquei evidenciar com Laqueur que o sexo “é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder” (2001, p. 23). De acordo com Judith Butler (2003, p. 18) “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes’ e “se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto ‘sexo’ seja tão culturalmente construído quanto o gênero” (Butler, 2003, p. 25).

Ao se dizer que algo é da “natureza” pode-se inferir uma generalização, que implicaria o mesmo que afirmar ser o fenômeno passível de acontecer em todas as culturas. “Inevitavelmente as caracterizações da ‘natureza’ ou da essência das mulheres – ainda que essa ‘natureza’ ou essência seja descrita como socialmente construída – tendem a refletir a perspectiva daqueles que a fazem” (Nicholson, 2000, p. 28). Ao assumir que o sentido de “mulher” tem sido alterado ao longo da história, posso ouvir com atenção o que as travestis têm a dizer sobre a construção dos seus corpos e gênero.

Por sua vez, Judith Butler (1987) recorre a Simone de Beauvoir, Monique Wittig e Michel Foucault para questionar a naturalização do sexo, mostrando que o gênero é uma construção “desalojada do sexo” e onde não há coincidência entre “identidade natural e identidade de gênero”. O gênero se processa num corpo também culturalmente construído, num contexto repleto de sanções, tabus e prescrições e, por outro lado, dentro da possibilidade de interagir com o que é recebido.

Não é possível assumir um gênero de um momento para outro. Trata-se de um projeto laborioso, sutil e estratégico, e quase sempre velado. Tornar-se um gênero é um processo impulsivo, embora cauteloso, de interpretar uma realidade plena de sanções, tabus e prescrições. A escolha de assumir certo tipo de corpo, viver ou usar o corpo de certo modo, implica um mundo de estilos corporais já estabelecidos. Escolher um gênero é interpretar normas de gênero recebidas de um modo que as reproduzem e organizem de novo. Menos um ato radical de criação, o gênero é um projeto tácito para renovar a história cultural nas nossas próprias condições corpóreas. Não é uma tarefa prescritiva de que devemos nos esforçar por fazer, mas aquela em que estamos nos esforçando sempre desde o começo (Butler, 1987, p.143).

Butler (2003) mostra que as condições nas quais os corpos materiais, sexuados, tomam forma, estão relacionados à sua existência, à possibilidade de serem apreendidos e à sua legitimidade.

6. “Eu gosto de ser mulher”.

A gente não nasce mulher, torna-se mulher
(Simone de Beauvoir)

Estritamente falando, não se pode dizer que existam “mulheres”
(Julia Kristeva)

Mulher não tem sexo
(Luce Irigaray)²⁰⁵

*Parece preponderar nesses travestis de rua,
a ousadia de supor o próprio corpo moldável, a veleidade
de ver no próprio corpo uma roupa que a natureza
quis inadequada para (dependendo de quem emita o discurso)
sua ‘alma’, sua ‘cabeça’, o ‘jeito que me sinto melhor’*
(Silva, 1993, p. 115).

A mulher construída, a partir de um corpo de homem, deve ser mais do que uma silhueta, em forma roliça e arredondada, obtida pela simples aplicação de hormônios e/ou silicones, como se referia a travesti Maura, entrevistada por Hélio Silva (1993). Talvez uma de suas características seja, como afirmou Marcelo Oliveira (1997, p. 64), uma “obstinação na busca do ‘tipo’ mulher”, indo além daqueles homens considerados afeminados, ou das “montarias” do gênero feminino realizadas pelas *drag-queens* ou pelas transformistas. Estas são algumas das complexidades ou riquezas dos sujeitos travestidos.

A travesti sabe que ela mesma não é mulher, suas “roupas expressam uma mulher” (Silva, 1993, p. 115). Realizam um jogo social, pois vão se produzindo, experimentando e incorporando gestos, maneiras de andar e falar, posturas, usos de roupas, numa constante troca com o restante da sociedade. “Todo o esforço do travesti visa fazer-se passar por mulher. Seus êxitos e motivo de orgulho estão contidos em tal possibilidade” (Silva, 1993, p. 129).

A minha fisionomia é bem feminina, sou super discreta, mas não me considero mulher²⁰⁶. Acho que mulher é uma coisa tão ... (silêncio) Mulher é a minha mãe, que sentiu prazer, que encheu aquela barriga, deu dezesseis filhos. Acho que mulher é mulher, já vem de dentro a mulher, entendeu. Ser mulher eu nunca vou ser, mesmo que fizesse a cirurgia nunca ia ser uma mulher. A mulher tem tantos predicados que, às vezes, eu faço até melhor do que elas, me arrumo, me produzo melhor, mas mulher mesmo, acho que nem eu, nem ninguém vai conseguir ser (Karla, 43 anos).

²⁰⁵ Estas epígrafes foram utilizadas por Judith Butler (2001, p. 17).

²⁰⁶ Silva & Florentino (1996, p. 112) alertam para o fato de que ao dizer “não sou mulher”, as travestis não necessariamente estão dizendo “sou homem”, nem mesmo “sou travesti, logo prostituta”.

Ah! Como gostaria de ser mulher, ia ser uma deusa na mão do marido. [...] Nunca pus silicone. Também, nunca passou pela minha mente essas coisas de bombear no rosto, no quadril. Tudo aqui é natural. Nunca me interessei, não faz a minha cabeça isso, prefiro deixar assim como tá que é melhor. Me sinto muito mulher. Olha [...] ninguém diz que eu sou, me tratam como mulher. A minha vida de travesti, meu Deus, passo pelo mais afeminado. Nunca perdi o meu tempo, é tudo natural. Saio vou pra praia de biquíni, não tem escândalo, não tem nada, passo como mulher. Graças a Deus (Jaqueline, 52 anos).

Neste drama de construção da mulher muitas são as opções, desde o simples uso de roupas e adornos femininos até o que Hélio Silva (1993, p. 115) chama de “tentativa de *corrigir a natureza*”, realizando a castração radical e conformando o corpo segundo a anatomia feminina. Muitas travestis acabam delineando suas formas apenas através de hormônios femininos, ingeridos ou injetados, comprados com facilidade em farmácias e drogarias. Três exemplos de modelação do feminino:

Nunca quis fazer a cirurgia (para troca de sexo) quando nova. Uma vez tive uma consulta com o Dr. Rodrigo, do Hospital dos Servidores²⁰⁷. Naquele tempo, a consulta era paga, era uma nota. Não tinha condições de fazer uma cirurgia, fui ver o seio, botar uma prótese. Tudo, era 3 mil cruzeiros, mas era dinheiro. Eu não tinha condições. Paguei uma consulta, ele explicou tudo direitinho, mas desisti, porque eu não tinha condições. Aí, batalhamos esse negócio de hormônio, de comprimido anticoncepcional, que modifica muito o corpo da gente. Fiquei tomando por uns 3 anos, depois peguei uma médica, uma clínica geral, que ficou me acompanhando. Até hoje ela cuida de mim. Estou sendo acompanhada há 20 e poucos anos por ela e estou indo bem. Fiz o exame da AIDS. Já fiz exame de próstata, fiz o toque. Tudo OK (Jaqueline, 52 anos).

Com 15 anos já tomava as primeiras injeções de hormônio. Eu já tinha seio com 16 anos, com 17 anos já tinha os seios grandes e me vestia direto de mulher. O meu corpo já é assim, sempre foi. Eu era bem magrinha, é de família. Os meus irmãos, a gente é tudo assim, de coxa grossa, não somos de estatura muito alta. A minha voz é fina, porque acho que já a eduquei desde pequena. Essa voz fina, essa é a voz normal. Tomei hormônio, não botei silicone. Tenho o maior medo de botar silicone injetável, porque aquilo ali de repente dá uma rejeição, nem pensar. Tenho uma prótese. Fiz uma cirurgia com um médico de Santa Catarina, botei uma prótese, até vou fazer outra cirurgia. Engordei um pouquinho e vou fazer uma nova lipo na barriga. Vou aproveitar e trocar a minha prótese, mas é só o que eu faço. Aquela básica, nada mais que isso (Karla, 43 anos).

Já na adolescência me vestia de mulher, mesmo morando com o meu pai. Nunca cheguei a usar vestido, até hoje eu não uso. Uso só calça, mini-blusa. Maquiagem, uso direto, mas, vestido nunca usei. O meu feminino é mais nos trejeitos, na postura. Já pensei em colocar seio, essas coisas, mas, uma que não gostaria de fazer com qualquer médico e, também, é caríssimo. Dinheiro para colocar eu não tenho e ele (o companheiro) nunca reclamou, pelo contrário sempre diz que está bom do jeito que está e que não preciso mudar (Cláudia, 26 anos).

²⁰⁷ O Hospital Celso Ramos (HCR) ou dos Servidores, como é mais conhecido, é um hospital público mantido pela Fundação Hospitalar de Santa Catarina.

Cristina Florentino (1998) observou que há “uma espécie de quebra-cabeça” entre as travestis a fim de realizar um conjunto “femininamente” arranjado, o que também implica em preocupações com o corpo, tanto de ordem psicológica quanto econômica e social. O processo de transformação do corpo masculino em feminino também está impregnado de diferentes valores, “as alterações realizadas com hormônios são mais valorizadas, em detrimento do silicone e da prótese, por sugerir naturalidade [...] fazer os seios com uma prótese [...] se valoriza quando sugere maior poder aquisitivo” (id., p, 94). Tornar-se mulher implica, neste caso e dentre outras coisas, possuir algum dinheiro.

Cristina Florentino (1998) diz que a convivência com outros travestidos possibilita aos novos o aprendizado das transformações que deseja realizar. “A troca de experiências configura-se como uma das formas mais acessíveis de adquirir conhecimentos a respeito das práticas e especificidades que envolvem a *transformação*” (p. 83). Algumas travestis se tornam especialistas na prática de determinadas técnicas, como a injeção de silicones, e acabam orientando e protegendo as aspirantes.

Não é possível assumir um gênero de um momento para outro. Trata-se de um projeto laborioso, sutil e estratégico, e quase sempre velado. Tornar-se um gênero é um processo impulsivo, embora cauteloso, de interpretar uma realidade plena de sanções, tabus e prescrições (Butler, 1987, p. 147).

Hélio Silva (1996, p. 23), ao falar da relação das travestis com o feminino, afirma que “o que mais chama atenção entre os travestis, quando se conquista sua intimidade e confiança, é um sentimento²⁰⁸ de realização pessoal e de integridade pela fidelidade ao papel”. Com certeza, as travestis enriquecem as inúmeras possibilidades de perfis femininos, ou encerram com a idéia de um possível enquadramento. Observa-se uma constante preocupação com o feminino, mas já não se busca mais seguir um modelo. Na contramão daquelas que buscavam na “produção” uma cópia da mulher, hoje, as travestis quanto menos produzidas, com uma suave maquiagem e uma vestimenta informal, tornam-se praticamente indistinguíveis das mulheres (Silva, 1993).

A ingestão contínua de estrogênio produz uma feminilização anatômica do sujeito, provocando um crescimento das mamas, a textura da pele fica mais macia e, em alguns, pode provocar uma redução das frequências de ereções. Os pêlos geralmente são retirados em longas sessões de eletrólise ou com depilação a quente (Silva, 1993). No caso das entrevistadas, a relativa ausência de pêlos foi sempre ressaltada.

²⁰⁸ O autor, em nota, afirma que este sentimento “não exclui certa amargura” (p. 111).

Eu não perco tempo (depilando), não tenho pêlo no corpo. Nunca fui de ter muito pêlo no rosto, nos braços, no corpo. Só nas axilas, o normal. Nas pernas, passo tempo sem me depilar. Tudo bem afeminado, o meu pé é 36, pé pequeno, até nisso tive sorte. Todo travesti tem um pé 39, 40, se elas querem um sapato tem que mandar fazer fora. Nunca tive esse problema. Sempre entrei numa loja pra comprar um sapato feminino, nunca usei tênis porque não gosto. Nunca usei sapato de homem que não suporto. Adoro roupa feminina, mas o meu sonho é o calçado²⁰⁹, que eu adoro. Acho muito lindo. Olho, peço o preço e não esquento. Gosto de andar bem charmosa. Gosto de acompanhar a moda”. (Jaqueline, 52 anos).

Sou uma pessoa que gosta de dormir cedo, 9 horas e já estou dormindo, estou na minha cama. Não tenho muito pêlo, então, o que faço hoje, passo um hidratante no rosto, um batom e dou uma arrumadinha na minha sobrancelha. Não uso muita maquiagem de dia, só ponho a minha saia, uma blusa e desço. Quem vive na noite, claro, com certeza, é obrigado a se montar toda pra sair. À noite, às vezes, a gente vê uma deusa e de dia vê um monstro. Geralmente as travestis nem aparecem no centro da cidade de dia, a gente só as encontra de noite. Tu me encontras de manhã, tarde, noite, madrugada, estou sempre normal. Nunca estou, assim, aquela coisa assim apertada, aquela coisa chamativa, sempre uma coisa mais discreta. Já fiz cirurgia do seio, do nariz (Karla, 43 anos).

Eu sou uma mulher. Uma mulher normal e percebo isso quando me arrumo para sair. Assim, que eu me vejo [...] Travesti todo mundo já nota, o jeito de se vestir, o jeito de andar. Pode notar que em qualquer lugar que você vai tem um travesti, um homossexual, um veado, uma bicha. No meu caso, é totalmente diferente, posso ir em qualquer lugar e ninguém fala ‘lá vai um veadinho, uma bicha’. Em todos os lugares que vou, até mesmo aqui no Monte Verde, ninguém mexe comigo: ‘Ah! O Zezinho, o homossexual’. Sempre mexem comigo, mas como mulher” (Cláudia, 26 anos).

Apoiado em Robert Stoller²¹⁰, o antropólogo Hélio Silva (1993, p. 162) afirma: “postulo apenas que esse ‘feminino’ não é uma ilusão. É apenas um outro FEMININO²¹¹, uma outra possibilidade do FEMININO”. Eu diria inúmeras possibilidades do feminino. Até para trabalhar elas se diferenciam, uma prefere o básico, a outra um modelo mais clássico, ambas corrigindo a sua própria natureza:

O meu dia-a-dia é de mulher finíssima. Pra dormir boto o meu “baby-doll”, gosto de ter a minha casa arrumada, de ter as minhas coisinhas. Não é luxo, mas gosto do dia-a-dia da mulher. Cuidando, aqui, do meu serviço (o salão), chega um (cliente), chega outro, trabalho até às 9 da noite. É simples, de pobre, mas daqui estou ganhando o pão e mulheríssima, como sempre. Gosto, me sinto bem andando de mulher, botar um traje, atender as minhas clientes só no salto, bem feminina. Boto meu guarda-pó e vivo a minha vida, assim. (Jaqueline, 52 anos).

Acordo tão feminina. Eu durmo de calcinha, fico de topzinho durante todo o dia, tomo meu banho, desço o morro e vou pro meu salão. Normal, de saia, uma

²⁰⁹ “O calçado parece ser um item da indumentária feminina significativo como definidor de gênero, haja vista o apodo que a gíria convencionou para mulheres homossexuais – ‘sapatão’. A acusação de homossexualismo é na realidade uma representação recorrente sobre as prostitutas” (Maria Dulce Gaspar, 1985, p. 31, in: Silva, 1993, p. 56).

²¹⁰ Stoller, Robert J. *A Experiência Transexual*. Rio de Janeiro, Imago, 1982.

²¹¹ Em maiúsculas no original.

blusinha, um chinelinho. Acho que não tem nada a ver botar aquele salto, te maquiar toda pra ir trabalhar. Tem que trabalhar normal, porque as pessoas que me conhecem me consideram. Muitas nem imaginam, porque acham que sou operada, essas coisas todas. Não falo da minha vida íntima, de minha intimidade pras pessoas. Chego ali normal, como estou hoje, aqui, uma blusa, uma miniblusa, uma sainha, uma sandalhinha, e deu para a bola (Karla, 43 anos).

A presença das travestis no dia a dia da cidade vem demonstrando a possibilidade de se feminilizar e inverter padrões culturais normativos. Sua visibilidade amplia os espaços de circulação na cidade, por sua própria movimentação e afirmação enquanto cidadãs. Se ainda são estigmatizadas, como na música “Geni” de Chico Buarque, têm a sua força emocional e física reconhecidas em alguns ditos populares quando estes afirmam que “para ser travesti, você tem que ser muito macho”. De fato, “a persistência dos travestis é realmente estarrecedora” (Parker, 2002, p. 111). Cristina Florentino (1998, p. 37) narra que presenciou uma conversa entre duas travestis que se prostituíam em Porto Alegre. Devido aos problemas financeiros advindos da falta de programas, Gêssica alegava que logo precisaria virar michê²¹². Concluíram que tal fato não seria impossível, bastaria cortar os cabelos, mudar as vestimentas, deixar os pêlos crescerem, mudar a voz, mas seria uma tarefa árdua “depois do trabalho despendido para ser mulher”.

7. O “meu” homem.

*... quem gosta de travesti é o machão mesmo,
aquele caretão que não se assume...
(Rogéria²¹³)*

O “estado civil” das três travestis entrevistadas era bem diferenciado: enquanto aquela de mais idade era “amante” há 24 anos de um homem solteiro, sendo que nos primeiros anos chegaram a viver juntos; a segunda estava se separando do namorado que era casado com uma mulher; a terceira estava vivendo maritalmente com seu companheiro há bastante tempo. Seus depoimentos confirmaram a afirmação de Marcelo Oliveira (1997, p. 83) sobre o papel desempenhado pela travesti em seus casamentos, ela “procura também o modelo esposa que cuida do ‘marido’ e da casa. Foram vários os travestis que me falaram sobre o ‘desejo de casar’. De viver com o ‘bofe’ e cuidar da casa”.

²¹² Néstor Perlongher (1987, p. 17) define michê como “varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente”.

²¹³ Jornal *Lampião* (In: Silva, 1993, p. 143).

Jaqueline (52 anos) descreve como conheceu o “seu” homem e como ele a ajudou a sair da prostituição:

Conheci um cara (quando estava) com 26 anos. Ele ficou freqüentando a minha casa entende, até hoje, entende. No dia 08 de julho, vai fazer 25 anos que nós nos conhecemos. Eu conheci ele em 76. Foi numa farmácia, à noite, que tinha ali perto do (quartel do) exército²¹⁴. Tinha ido lá tomar uma injeção de hormônio e, nisso que saio, encontrei esse homem de carro. Veio me seguindo, não dei bola. Levei até em frente da minha casa, ele deu a volta no viaduto, desceu e subiu na nossa rua. Dali ele parou, convidou pra fazer um lanche ali perto de Coqueiros, perto do antigo cemitério. Ali, fiquei conhecendo ele. No segundo dia, veio atrás de mim, no terceiro, [...] aí o homem ficou gamado. Fiquei namorando com ele por trinta dias como mulher. Tinha trocado de nome, de Jacqueline passei pra Vera, entende. Fiquei com medo que ele descobrisse. Lá em casa fazia o jogo com as minhas irmãs: a Vera não está, a Vera saiu, não demora chegar. Ele ficava esperando na frente da minha casa. Então, fiquei namorando trinta dias. Depois, abri o jogo, levei ele pro lanche e disse: Oh! Fulano, o negócio é assim, assim. Eu só andava de saía justa, no salto, abri o jogo ele não entendia. Falava: “Ah! Porque tu queres me deixar. Porque estás dizendo que tu és homem? Tu não és homem, pra mim tu és mulher”. Estava apaixonado, o homem estava que era um louco. Ah, é!, Eu estava de saia, levantei. É isso aí, não sou mulher, sou um travesti. Mas ele já estava apaixonado e disse: “Não tem nada, eu vou ficar com você assim mesmo. Ele me tirou da vida, mas também fez as propostas dele. Não jogou comigo, porque na vida (da calçada) eu ganhava mais. Falei, queres que eu saia da vida? Pois quero que tu me ajudes. Me dê uma pensão por mês, o que ganho lá fora. Ele entrou em acordo e me deu a pensão.

Karla (43 anos) ressalta as decepções amorosas:

As minhas grandes paixões sempre foram um inferno. Eu tive pessoas que me assumiram, mas as famílias deles me conheceram como Karla, como mulher, em Tubarão, em Porto Alegre. Até o meu caso mais recente. Acho que não adianta você namorar um homem que te leva até a família, mas que diz que tu é mulher. [...] Acho que amor e paixão tem que ter por você mesma. A gente tem um rolo com uma pessoa, uma coisa passageira. Um homem nunca deve se entregar para outro totalmente, por que tem sempre um lado que tira e um lado que dá. Geralmente, as pessoas que se aproximam da gente querem te sugar, além de tirar tua energia, tua coisa positiva. Financeiramente, eles não querem trabalhar. A maioria (no começo) trabalha mas depois já desistem. Se têm família, é a gente que começa arcar com as conseqüências. Então, acho que isso tem que ser uma coisa, assim, um relacionamento aberto. Quando você achar que não dá mais certo, você tem que sair fora.

Cláudia (26 anos) fala do ciúme do marido:

O meu companheiro não gosta dos meus amigos. A gente briga muito, briga entre aspas, por causa dos meus amigos. Ele acha que meus amigos vem para cá só para me levar para a rua, não sei o quê. Não pensa que eles podem vir aqui só para conversar. Ele leva tudo para o outro lado, quer que eu fique 24 horas dentro de casa, que não saia para lado nenhum. Ele agora está começando a implicar quando viajo para visitar o meu pai, acha que estou indo para lá por que tenho um outro

²¹⁴ O 23º Batalhão de Infantaria, na rua Gal. Eurico Gaspar Dutra, no Estreito.

namorado em Urubici. Sempre com ciúmes; ele é muito ciumento, mas é bem carinhoso e me incentiva bastante.

No dia-a-dia do casamento, as travestis foram narrando as suas dificuldades:

Eu saí de dentro da minha casa e fui morar em Barreiros, na Serraria²¹⁵. Fiquei convivendo com ele por dois meses, não deu certo devido ao meu temperamento. Tenho um temperamento muito agitado com homem, não dá. Tentei, separamos. Ele voltou, outra vez, atrás de mim. Viemos, então, morar na casa da minha irmã, mas também não deu certo, nós nos atracamos, caímos no pau, fomos pra grama. Rolamos no pau mesmo. Separamos por ciúme, porque não dá, o meu temperamento. Olha vamos ficar assim como está, a partir de hoje, nós vamos ficar na vida de amantes. Tu na tua casa e eu aqui na minha irmã. Mas como eu não podia botar ele lá na casa da minha irmã, porque eu tinha que dar respeito, ela já era viúva. Fiquei, assim, até hoje, na vida de amante. Eu fiquei com ele, [...] ainda não encontrei outro príncipe, não (risadas). Não sei pode ser que role. Chega-se aos 20 e poucos anos e não se tem mais aquele amor, né. Acaba tudo e vira uma rotina. Pela parte dele, está na faixa de 56 (anos), decaiu muito, certos problemas na vida dele, família, mãe, perdeu o pai, tem uns problemas, essas coisas de reumatismo. A doença chega e o homem já desliga de tudo, entende. Com 56 o homem não é como o de 40. Quando tinha 30 e poucos ele era um garanhão (Jaqueline, 52 anos).

Eu estou com um rolo. Não agüento mais, tenho que sair desse rolo, é um rolo horrível. Estou sufocada, estou pressionada. Preciso de liberdade, quero sair, quero me divertir. Acho que chegou a época da gente ter liberdade, não adianta tu viver com uma pessoa que é falsa contigo, ela diz que gosta de ti, pela frente, e, por trás, é uma outra história. [...] Ele vive com a esposa dele e os filhos. Ele é casado, graças a Deus, sou a outra na vida dele. Sou a outra em alguns pontos. Não estou junta com ele, nem queria estar. Ele vai na minha casa, saio com ele – a gente sai de mão (dadas) – já viajei com ele, mas não quero ele e nem ninguém morando comigo. Não é que queira ter quantidade, quero qualidade, quero ter a liberdade de levar uma pessoa na minha casa. O que eu não tenho, ele não aceita. Quero levar um amigo, fazer um jantar, ele não aceita, ele é uma pessoa super grossa, o cara é uma ignorância em pessoa (Karla, 43 anos).

Ele trabalha como auxiliar de pedreiro. Quando o conheci ele trabalhava como borracheiro numa oficina lá em Campinas/SJ. Quando ele chega em casa, a roupa dele está no banheiro. Ele chega, toma banho e cama. Eu venho, faço janta, faço café para ele. Tudo, assim, na mão. Outro dia ele falou: “Ah! Amor, nem uma mulher ia fazer isso para mim”. Ele reclama quando saio, tem semana que saio direto, resolver os negócios da minha irmã, banco, essas coisas todas. Banco você não pode ir correndo, demora. Ele reclama: “Antes de sair tem que deixar o almoço feito”. Esses dias ele reconheceu que estava sendo muito estúpido comigo (Cláudia, 26 anos).

Sobre as práticas sexuais desenvolvidas, as duas travestis mais novas reiteravam aquilo que o antropólogo Hélio Silva (1993, p. 91) obteve de suas entrevistadas, ou seja que elas também desempenham o papel ativo em suas relações. Para Wilton Garcia (2000, p. 90) as travestis, ao mudarem “de roupas masculinas para femininas” e recomporem “algumas modificações morfológicamente”, não desejam a mudança de sexo. “Buscam na superfície de

²¹⁵ Estes dois bairros pertencem à cidade de São José, que emenda com os bairros continentais de Florianópolis.

sua apresentação representar o papel feminino, mas não, necessariamente, atuam desta forma durante o ato sexual”. Uma visão que não deixa de ser um estereótipo do “feminino”. As fantasias sexuais são de fórum íntimo e, geralmente, ambíguas, como o cotidiano. Se pensamos o corpo como um construto cultural, a idéia de um sexo natural parece impraticável (Butler, 1987).

Foi, assim, muita decepção amorosa. Pediam para passar por mulher para satisfazer o ego deles, não o meu. Na cama, os meus (namorados) passados sempre queriam um homem, todos eles (Karla, 43 anos).

A gente não transa todos os dias, que nem todos os dias a gente está a fim. Aquela coisa, quando dá vontade. Geralmente, só nos masturbamos, é isso, convivência é isso. Às vezes, praticamente assim ... vou também mas aí ... da minha parte ... alguma coisa da parte dele, também. Dele também, da minha parte e da dele também e assim,... no relacionamento, também, Então a gente se deita, se beija... (Cláudia, 26 anos).

Por fim, a traição. Karla relembra que foi traída

Nove anos, foi o meu melhor relacionamento, uma pessoa maravilhosa, a minha família o adorava. Hoje em dia o que tenho agradeço a ele. Lutou contra a família dele, contra tudo e contra todos para ficar comigo. Pena que no final foi uma pessoa de cabeça fria, falsa, começou a me trair. Acho que não merecia ser traída por uma pessoa que nunca traí. Vivi para ele, vivi mesmo, numa boa. Trabalhando, dando apoio e o que é que ele fez, achou que me deu carinho, me deu seio, me deu isso, me deu aquilo, que eu tinha que aceitar a situação dele ter várias pessoas e eu não ter ninguém. Então, acabou e não quero nunca mais. Ele me traiu com mulheres e com outros homens. Não homens, com travestis. Ele magoou o que tinha de mais bonito em mim, que era o amor.

Pareceu-me que as três entrevistadas “sonham” em encontrar um homem bonito, com muito dinheiro para lhes proporcionar uma vida “boa” e as manter longe da prostituição.

8. O trabalho.

*Pela voz de vários,
o que se pede é poder estudar,
poder trabalhar, ter moradia digna,
ter uma profissão,
sem abrir mão de sua transcondição*
(Silva, 1993, p. 122)

As narrativas das travestis revelaram alguns momentos em que são discriminadas, implícita ou explicitamente, restando-lhes poucas opções de trabalho. Os gueis e as lésbicas

também são discriminados mas, via de regra, conseguem exercer as mais variadas profissões. Talvez porque a maioria não esteja necessariamente marcada pela orientação sexual divergente da heterossexualidade normativa (Butler, 2001) e com as travestis não aconteça o mesmo. Como a sociedade, em geral, cria dificuldades para estes sujeitos ambíguos, é difícil encontrar muita “dignidade” quando o assunto é sobrevivência, restando poucas ou raras opções. A prostituição faz parte das práticas de muitas travestis de Florianópolis, porém, não se pode fazer uma generalização. Não se pode perder de vista que enquanto sujeitos, elas (as travestis) são maiores do que sua dimensão profissional. Estas novas mulheres, inventadas, vão estabelecendo laços de sociabilidade que refletem as ambigüidades da cultura em que se constituíram como sujeitos. Não mais, necessariamente, como marginais.

Segundo as travestis entrevistadas há, ainda, muitos casos de discriminação nos ambientes de trabalho e, por isso, a questão da prostituição estaria relacionada com a falta de oportunidade profissional. No entanto, muito além da prostituição, há travestis que trabalham com carteira profissional assinada e outros que realizam pequenos trabalhos diários sem vínculo empregatício, como serviços de manicuras e pedicuras, faxinas domésticas e pequenas vendas de artigos de vestuário, como *lingeries*, nos bairros onde residem.

Quanto ao trabalho, as três entrevistadas percorreram o mesmo caminho, exceto no que se refere à prostituição. As três trabalharam como empregadas domésticas até se estabelecerem como cabeleireiras.

Sim, era doméstica, trabalhava em trajes de mulher. Naquele tempo, elas (as patroas) adoravam muito os homossexuais, principalmente travestis, quando andavam muito afeminado. [...] Os patrões todos me respeitavam. Eu dava o respeito no meu serviço de doméstica, depois das 5, 6 horas, lá fora, a vida era minha. Já tinha saído do meu serviço. Depois das 5, não. Eu ia pra casa me cuidar, me embelezar, para andar bem vestida, trajada para a noite. Às 6 horas, 6 e meia, a gente tinha que ir para rua, porque era preciso se virar (Jaqueline, 52 anos).

Sou cabeleireira há 22 anos. Comecei (a vida profissional) limpando jardim, o porão, ajudando na faxina. Depois fui trabalhar como empregada doméstica no Centro, na casa de uma família bem tradicional e foi, a partir daí que comecei a fazer o curso de cabeleireira. Pensei assim: ‘não vou ficar nessa coisa de empregada doméstica, tenho talento, vou fazer um curso no SENAC²¹⁶’. Fui e deu certo (Karla, 43 anos).

Resumindo a história resolvi vir pra cá porque era serviço de campo, essas coisas, eu não gosto. Em Florianópolis o meu primeiro serviço foi num restaurante; trabalhei 5 meses em restaurante como auxiliar de cozinha e depois passei para o caixa, mas depois fui trabalhar como empregada doméstica, morava no serviço. Boa parte da minha vida fiquei trabalhando como empregada doméstica; morava com as famílias; me respeitavam, me tratavam bem. As crianças me respeitavam, me chamavam só de Cláudia e fui levando a minha vida até hoje. [...] Hoje, sou cabeleireira e agora

²¹⁶ Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

secretária da minha irmã também. Ela foi embora e assumi as contas dela. [...] Também sou costureira, estou em mil e uma atividades, faço tudo quanto é coisa. Todas femininas (Cláudia, 26 anos).

Como mulheres, estas travestis têm posicionamentos diferentes sobre as vestimentas, mas andam em busca de modelos mais discretos. Segundo Hélio Silva (1993, pp. 38-9), as travestis – mesmo as de rua – têm buscado a contenção e a simplicidade, “não para chegar ao estereótipo da ‘mocinha pura e recatada’, mas para situar-se quase no plano de nossas secretárias de escritório”. Para o autor, estas funcionárias “se vestem de tal maneira que fiquem bonitas e atraentes, mas que também se sintam cômodas para pegar um ônibus e viajar de pé, freqüentar lanchonetes”. A descrição de mulheres recatadas. “Este tipo de vestuário, que alia considerações estéticas a exigências práticas. Aparência atraente à mobilidade, me parece servir de paradigma aos travestis mais jovens” (id., p. 39). Apesar disto não devem “ser confundidos com secretárias de escritórios. Suas saias são mais curtas, os decotes mais acentuados, os saltos longuíssimos. Nada disso, porém, se exagera em conjunto”. O objetivo destas vestimentas é deixar a mulher atraente e prática.

Sempre trabalhei (vestida de) mulher. Trabalhava e nem dizia o que eu era, só no salto, cada dia com um traje. Trabalhava de empregada, mas eles (os homens) não diziam, pensavam que era secretaria. Muito bem alinhada, maquiada, não carregava e bem feminina. Como até hoje, saio pra tudo quanto é lugar, ninguém diz o que sou, o que não sou. Sobre isso eu não me incomodo, não (Jaqueline, 52 anos).

Evidentemente, a questão profissional das travestis não é tão simples e nem de fácil solução. Muitas são oriundas das camadas economicamente menos favorecidas da população e não encontram muitas opções profissionais. Como os serviços com vínculo empregatício são poucos, a maioria procura subempregos ou é através de vias informais que desenvolvem suas atividades profissionais. As minhas informantes alcançaram a realização profissional quando passaram a trabalhar como autônomas, montaram seus salões. Uma delas, Cláudia (31), não tem um salão de beleza, contudo, realiza na sua residência alguns dos serviços ofertados por cabeleireiras. “As vias informais de relação parecem assegurar sua sobrevivência, neutralizando o formalismo e indisposição que torna improvável a aceitação do travesti nos espaços profissionais” (Oliveira, 1997, p. 169). Sem dúvida, os salões de beleza, os ateliês de costura, os serviços domésticos, funções “reconhecidamente” femininas, são algumas das colocações que restam às travestis. Algumas conseguem ingressar no meio artístico e fazer carreira, mas um grande número delas acaba sobrevivendo através da prostituição.

9. O presente, o passado e o futuro.

*O travesti só se torna objeto pensável
se tratado como cidadão,
ou como candidato à cidadã*
(Hélio Silva, 1993, p. 144)

Hélio Silva e Cristina Florentino (1996) contam que lembranças e testemunhos demonstram que o fenômeno do transvestitismo ocorre há muito tempo e, embora carregado de um certo deboche, este sempre suscitou “um sentimento de mistério e ambíguo respeito, sobretudo quando o papel era bem desempenhado, tornando-se convincente” (p. 106). Hoje, de acordo com os autores, eles não estão mais somente na “ante-sala da sociedade”, pois foram trazidos para o interior desta mesma sociedade e convocados à produção e ao desempenho de um novo papel. Um processo histórico e cultural, ocorrido nos últimos 30 anos, que transformou um sujeito exótico, bizarro, num personagem banal, comum em nossas grandes cidades.

As famosas novelas da Globo, exportadas para vários países, costumam retratar e emergência de novos personagens sociais na cena brasileira. É bastante referido o casal de lésbicas que causou bastante polêmica e precisou ser eliminado de uma novela, por inaceitação do público (*Torre de Babel*, 1998). Antes fôra aceito um casal de adolescentes gueis, mas um dos atores chegou a ser agredido na rua, por conta da homossexualidade de seu personagem (*A Próxima Vítima*, 1995). De lá para cá, foram inúmeros os personagens que retratam diferentes homossexualidades nas novelas brasileiras. Parece que ao ganharem espaço na mídia, aos poucos, começam a ser retratados com menos estereótipos. Se ainda aparecem principalmente os homens gueis caricatos, já houve duas novelas em que os casais de lésbicas ganharam a simpatia do público. Em *Mulheres Apaixonadas* (2003) chegou a haver torcida por um “final feliz” para o jovem casal e, em “*Senhora do Destino*” (2004), além de discutirem abertamente a relação, uma delas ainda termina a novela conseguindo a adoção de um menino. Neste ano de 2005, a novela²¹⁷ das sete traz uma travesti como dona de uma pensão respeitável, em bairro popular do Rio de Janeiro.

Filmes sobre travestis, autobiografias, entrevistas seguem um certo padrão narrativo que incluem quase sempre: a) uma menção à família, b) o momento epifânico na infância, c) dificuldades, agressões sofridas, triunfos e situações divertidas e, finalmente, d) o momento culminante da operação terminal, no caso dos transexuais,

²¹⁷ Novela *A lua me disse*, de Miguel Falabella e Maria Carmen Barbosa (2005).

ou de um compromisso difícil, mas gratificante, com a sociedade e consigo mesmo (Silva & Florentino, 1996, p. 106).

A presença destes personagens na mídia fomenta o debate sobre a questão da aceitação e da diversidade das homossexualidades. Agora não mais pelo risinho fácil ou pelo deboche. Neste trabalho, procurei ressaltar, através da apresentação de diferentes modos de vida, em diferentes gerações, como os valores e as práticas sociais estão permitindo a criação de um novo lugar das travestis na sociedade e nos espaços da cidade. O que há de novo neste processo histórico não é a figura da travesti, do transformista ou da transexual, mas “a circulação desses personagens em intensa relação com a sociedade abrangente” (Silva & Florentino, 1996, p. 107). Este novo quadro que se apresenta fala do reconhecimento destes sujeitos, das suas relações com os circundantes.

Longe do *glamour* dos shows e do brilho nos carnavais, muitas ainda precisam se prostituir, “a marginalidade cria então um efeito bola-de-neve, em termos de violência: os clientes correm perigo de assalto, os travestis correm perigo de agressão” (Trevisan, 2000, p. 418). Se ainda não são totalmente aceitas, é possível observar, ao menos na cidade de Florianópolis, um grande envolvimento delas em diferentes segmentos da sociedade local, podendo-se afirmar que em certos momentos ocorrem até situações de cumplicidade. Se algumas ainda estão sujeitas a episódios de violência, seja nas ruas ou nas prisões, e convivendo com restrições familiares, muitas estão desenvolvendo diferentes estratégias de sobrevivência que as ajudam a lidar com o cotidiano.

As travestis estão vivendo um momento de transição, mas já falando a partir de um *locus* constituído socialmente e conquistado politicamente (Silva, 1993). As ruas vão perdendo as características de principal meio de interação desses sujeitos. Um sujeito público que se desvincula socialmente de suas amarras biológicas ou anatômicas.

Cada vez mais esta população mostra seu rosto e coloca seu discurso em sua boca, quer seja pela via literária com a publicação de livros como: “Princesa”, de Fernanda Farias ou “Conversa de Bonecas”, de Jovana Baby, ou pela atuação profissional como o da colunista do jornal “O Grito de Alerta”, Fabiana Brasil, pela atuação social como de Brenda Lee na direção de sua Casa de Apoio²¹⁸, ou ainda o trabalho social realizado pela vereadora Kátia²¹⁹ no Piauí (Friedrich, 1996, p. 63).

²¹⁸ No início da década de 80, Brenda Lee transformou a sua pensão no “Palácio das Princesas”, uma casa de apoio às travestis que haviam contraído AIDS (Costa, 1994).

²¹⁹ Em 1995, a travesti Kátia Tapety foi eleita vereadora em uma pequena cidade do Piauí, Colônia do Piauí (Oliveira, 1997; Trevisan, 2000).

A lista de celebridades que se utilizam do *cross-dressing* é enorme, indo muito além das citadas Rogéria e Roberta Close, a Eloína, Cláudia Wonder, Laura de Visón, Thelma Lipp, Isabelita dos Patins, Patrício Bisso, Érik Barreto. Lembro que o patológico, como enfatiza Hélio Silva, é matar as travestis.

O futuro está sendo gestado, aliás o estado de gravidez é uma das únicas funções femininas da qual a travesti é irremediavelmente privada, lembram Hélio Silva e Cristina Florentino (1996). Um futuro onde a diversidade se contraporá ao “normal”. As travestis criam e idealizam seus homens e constroem suas mulheres. Corpos e almas são criados ao longo do tempo, agora sem modelos mas num constante exercício de intervenção cultural e química. As subjetividades estão em jogo, carregadas de paixões, conflitos, valores, desejos, vontades, mas também preconceitos. Alardeia-se um novo tempo.

Cláudia (26 anos) fala num futuro sonhado, aonde o que importará é a sua realização profissional:

No futuro, espero ter um salão, assim, maravilhoso! Fora da casa. Poder dar cursos, ter pessoas trabalhando para mim, fazer eventos. Sempre tive vontade. Quando ia nos congressos de cabeleireiros ficava imaginando: ‘amanhã ou depois eu posso ficar ali, com essas pessoas, o que eu aprendi, o que eu vou fazer’.

É preciso trabalhar por uma sociedade onde todos possam exercitar o direito da livre escolha, retirando o “diferente” de suas margens. Diz uma lenda que ao passar por debaixo de um arco-íris mudamos de sexo. Esta é uma profecia difícil de acontecer, porém podemos, ao contemplar o arco-íris, mudar o modo como vemos o fenômeno, a sua diversidade de cores. Os diferentes significados que podemos lhe atribuir.

CONCLUSÃO

*Não há sistema social onde
não exista uma noção de tempo e outra de espaço
[...] o espaço e o tempo constroem e são construídos
pelas sociedades dos homens
(Roberto da Matta, 1985)*

Muitas pessoas encaram os relacionamentos homossexuais como algo que poderia ser explicado exclusivamente pela experiência sexual, ignorando que exista vida fora das quatro paredes de seus quartos. Muitos homossexuais também pensam assim e restringem-se ao interior de suas casas, bares, boates, “guetos”, onde podem expressar “livremente” os seus afetos. Acontece que os sujeitos homossexuais convivem com os heterossexuais a maior parte do seu tempo, na família, no ambiente de estudo ou trabalho, no espaço público. Os gueis e as lésbicas só poderão ser considerados aceitos quando puderem expressar-se plenamente como cidadãos e isto implica em poder beijar o/a namorado/a em frente ao *Bob's*, em qualquer horário, como é facultado a qualquer casal heterossexual.

Alguns homossexuais, no entanto, argumentariam que poderiam passar o resto de suas vidas sem a necessidade de beijar o/a namorado/a na rua. E isto é verdadeiro. O importante é distinguir entre o que pode ser considerado uma opção pessoal, de foro íntimo, ou uma segregação. A ocupação dos espaços públicos deveria ser um direito de qualquer cidadão. É lá que encontramos com os outros cidadãos. A expressão do amor não deveria se limitar às paredes de um quarto, todavia, como foi afirmado por Michel Foucault (1980), a história tem demonstrado que, desde há muito tempo, tem havido uma administração da sexualidade, sempre servindo a diferentes interesses. Para Sigmund Freud (1986 [1905]) até mesmo o relacionamento sexual entre um homem e uma mulher não é algo óbvio. Uma das grandes polêmicas levantadas pela psicanálise, talvez seja explicar o que leva um ser humano a realizar uma escolha de objeto.

O conceito de homossexualidade só apareceu em 1869. De acordo com a historiografia pesquisada, o cuidado com o “desviante” era tanto, que se destruíam as peças de sua acusação pois, segundo um juiz inglês do século XIX, o mau exemplo poderia corromper a juventude (Spencer, 2000). Ainda hoje, quando alguém decide “assumir” sua homossexualidade há o enfrentamento de muitas adversidades. As práticas homossexuais

quase sempre ocorrem no território do proibido, como se ainda fossem consideradas perversões.

Vítimas frequentes de discriminação social e da homofobia, muitos homossexuais têm falado de situações conflituosas ocorridas nas famílias de origem. A violência pode ser compreendida como o uso de poder, de forma escancarada ou dissimulada, visando submeter um sujeito ou um grupo deles. Isto é, sob a aparência de uma convivência tranqüila, baseada na ausência de discriminação, os homossexuais conviveriam com um preconceito tão claro quanto velado. Oliveira (1997) cita a morte da travesti Clô, presidenta do ADEH, em decorrência de um espancamento por parte de policiais, como um exemplo da homofobia na cidade. A visibilidade pública dos/as homossexuais inclui a tomada da palavra para, entre outras coisas, denunciar toda forma de violência a que estão submetidos/as, além de mostrar novas imagens sociais.

O pânico causado pela AIDS provocou desamparo e fragilidade e demonstrou que a própria representação da saúde é cada vez mais social. A AIDS trouxe preocupações com o sexo seguro. Os gueis tomaram muitas iniciativas nesta discussão. De maneira geral, as três gerações pesquisadas foram marcadas pela incidência desta síndrome. Agenor (71 anos) e Francisco (63 anos) disseram que suas experiências sexuais talvez fossem diferentes, se no período de suas juventudes já se ouvisse falar em AIDS. Quando ela apareceu nos anos 80 eles já eram adultos e, assustados, adotaram a prática do “sexo seguro”. A AIDS modelou comportamentos. Ricardo (46 anos) e Mário (41 anos) acompanharam pela mídia toda a polêmica provocada a partir do aparecimento dessa síndrome, inclusive dos primeiros casos em Florianópolis. Eles eram jovens e se encontravam no início do exercício de suas práticas homossexuais. Guido (21 anos) e Júnior (18 anos) tiveram suas iniciações sexuais já em tempos de AIDS. Foram seis testemunhos diferentes de homens que tiveram suas práticas sexuais afetadas pelo advento da AIDS e de maneiras singulares. Inclusive Ricardo (46 anos), portador da AIDS, já convivia com a síndrome há mais de 10 anos, fazendo uso do coquetel anti-retroviral.

Construída no seio das sociedades e vivenciada de diferentes formas pelos diferentes sujeitos, fica-se impossibilitado de se escrever uma história dos homossexuais. Eles nada mais são do que praticantes de possibilidades sexuais humanas e não se constituem como uma cultura isolada ou, mesmo, universal. São homens e mulheres que se constituem como sujeitos históricos e vivenciam suas sexualidades de modo diferente daquilo que se instituiu como a heterossexualidade normativa. Alguns comemoram essa “diferença” com orgulho, tendo inclusive um dia para celebrá-la, 28 de junho.

Procurei localizar as vivências homossexuais num contexto social e político. Observei, como apontado por Denílson Lopes (2002), que o novo milênio pode ser aquele da “inclusão”, da assimilação das homossexualidades como uma das formas de manifestação da sexualidade, perfeitamente integradas à “normalidade” das sociedades. Não é sem razão que as paradas pelo “orgulho” têm conseguido reunir milhares de sujeitos GLS. Eventos festivos que celebram muitas das reivindicações dessas “comunidades”. Eventos políticos que não reproduzem as concentrações políticas convencionais, pois incorporam a militância à festividade. Para além das denúncias e reivindicações, as paradas são uma demonstração da ocupação do espaço público, não por uma concessão da sociedade, mas como uma afirmação dos sujeitos homos como cidadãos.

Observei, mesmo entre os entrevistados, uma necessidade de classificação dos sujeitos e o uso de “categorias” classificatórias hierarquizadas. Estas, no entanto, quase sempre são excludentes, pois enquanto nos aproximam dos “iguais” nos diferenciam dos “outros”. São construções aonde se reforçam estereótipos e preconceitos ou discriminações, pois estabelecem tipos humanos dos quais se esperam determinados comportamentos. A heterossexualidade parece continuar a ser vista como o comportamento “natural”, os outros é que vivem suas excepcionalidades. Estas questões são fundamentalmente sociais e históricas.

As teorias da construção social da sexualidade colocam em questão as noções essencialistas sobre a sexualidade que argumentam serem as diferenças anatômicas produtoras de corpos masculinos e femininos como “naturais”. A heterossexualidade como a norma – o natural. As teorias feministas tem contestado este determinismo biológico das diferenças entre os sexos e a maneira como o Ocidente foi construindo a noção de sexualidade, as diferenças sendo atribuídas à natureza dos corpos e o corpo sendo visto como natural. De acordo com Thomas Laqueur (2001) os corpos também são construções simbólicas e têm havido modificações fundamentais nos modos como a cultura ocidental tem visto a relação entre o corpo masculino e o corpo feminino. Carole Vance (2002), no entanto, lembra que não se pode esquecer que no corpo é onde experimentamos tanto o prazer quanto a dor.

A singularidade do sujeito contesta à noção de uma realidade única, denunciando a falsa homogeneização das homossexualidades. Recorro a Foucault (1980) para compreender que a sexualidade não passa de uma elaboração histórica. São verdades parciais, locais e datadas. Ou, como disse Jeffrey Weeks (1983, p. 246), “não há razão para pensar que as formas pelas quais a homossexualidade é vivida hoje serão as formas em que será sempre vivida. [...] são historicamente moldadas e já estão sendo historicamente transformadas”.

Neste tempo se observa uma maior visibilidade dos sujeitos homossexuais, com uma conseqüente diminuição das hostilidades geradas por sua aceitação. Séculos de intolerância fizeram com que se criassem espaços exclusivos aonde os gueis e as lésbicas pudessem conviver, dançar, paquerar, namorar sem constrangimento, mas isso também não ocorre de maneira homogênea em todas as camadas da população. Por outro lado, observei uma preocupação entre muitos homens e mulheres homossexuais em afirmar imagens masculinas e femininas tradicionais, como um modo de se diferenciarem dos homossexuais afeminados ou das homossexuais tidas como “sapatão”, masculinizadas.

De maneira geral, observei que os estudos sobre gueis e lésbicas produzidos na UFSC apresentavam um campo investigativo interdisciplinar, que ressaltava um ponto de vista crítico onde as relações eram percebidas como culturais e muito além do par contrastivo heterossexualidade/homossexualidade. A ênfase recaía não só na busca da legitimação do lugar social das homossexualidades, mas também numa crítica à própria sociedade florianopolitana. Através da análise das 21 dissertações produzidas na academia e com diferentes campos interpretativos, observei que os pesquisadores realizaram seus trabalhos numa perspectiva que ressaltava a discussão entre a inclusão e a exclusão dos sujeitos homossexuais. Algumas de suas reflexões apontaram, ao menos entre as vivências homossexuais em Florianópolis, para um não enfrentamento do estabelecido, a despeito do cuidado de seus respectivos autores no sentido de evitar generalizações. A vontade do reconhecimento e de visibilidade foram apontadas de forma mais enfática. Fora da época do carnaval não há outras demonstrações ostensivas das vivências homossexuais na Ilha e “ainda” não temos uma parada, por exemplo. O “gueto” pode ser melhor descrito como um circuito, como proposto por Magnani (2000b). Uma outra constatação sobre o material estudado, mostrou que a maioria dos trabalhos centrou-se na análise das homossexualidades masculinas.

Esta minha pesquisa sobre as sociabilidades de homossexuais relacionadas a suas vivências na cidade, consistiu num estudo geracional (três gerações consecutivas), a partir de narrações das histórias de vida dos sujeitos entrevistados. Nela também estão presentes informações obtidas na leitura de dois jornais publicados em Florianópolis, O Estado e o Diário Catarinense (DC), estes com circulação em todo o estado de Santa Catarina. Nestes documentos pude observar uma grande mudança de atitude em relação aos gueis e lésbicas, pois até o final da década de 70 são raras as notas sobre as vivências homossexuais, praticamente nada sobre os gueis e lésbicas residentes na cidade. Constatei algumas notícias sobre o posicionamento da Igreja Católica, a presença de travestis no carnaval do Rio de

Janeiro e algumas notícias em coluna policial. As próprias notas do Beto Stodieck, naquela década, quase não falavam dos gueis e lésbicas, deixavam o assunto nas entrelinhas. A partir da década de 80, inclusive com o aparecimento da AIDS, aparecem notícias sobre os modos de vida de sujeitos homossexuais, muitas se referindo a um mundo cor-de-rosa. No entanto, muita coisa séria também apareceu nas páginas dos jornais catarinenses. Houve, sem sombra de dúvida, um aumento das matérias e os diários têm acompanhado as discussões pela conquista dos direitos civis, as decisões judiciais sobre este tema, o assassinato de gueis e travestis. Isto tem acarretado um aumento da visibilidade das experiências homossexuais em Florianópolis e no estado, como um todo. Infelizmente ainda não apareceu na cidade alguém que ocupasse o lugar deixado por Beto Stodieck e suas “notas sociológicas”, o que deixa uma lacuna sobre o espaço de divulgação das festas e dos lugares freqüentados por muitos homossexuais e simpatizantes. As emissoras de televisão local têm produzido diferentes programas onde há a inserção de eventos ou atividades organizadas e voltados ao público GLS, especialmente na época do carnaval, mas não só. Durante toda a realização do trabalho tive o cuidado de evitar as generalizações. Através do curso do tempo, observei como os entrevistados manifestavam, em suas falas, interesse, valorização e expectativas no que diz respeito aos espaços de socialização e lazer homoeróticos.

Até a década de 80, para encontrar amigos e namorar sem serem molestados, os gueis e as lésbicas organizavam festas em casas e apartamentos espalhados pela cidade. Havia uma discreta presença dos homens nos bares e lanchonetes do centro, alguns procuravam outros homens nos cinemas Ritz e São José, ao lado da Catedral Metropolitana, ou ainda, nos bailes e clubes da sociedade. A praia preferida era a Joaquina. A partir dos anos 80 apareceram os primeiros bares e boates voltados quase que exclusivamente aos homossexuais, aí incluídas as travestis. Nos anos 90, com a diluição do conceito GLS, ampliaram-se os locais de sociabilidade guei na cidade. Realizei um resgate da memória dos locais por onde os homossexuais florianopolitanos circularam nas últimas décadas. O “gueto”, que fornece uma “falsa” sensação de proteção contra a homofobia, ainda resiste mas cada vez mais se observa que os gueis e as lésbicas estão adotando outros comportamentos e, em vez do confinamento, começam a se expor²²⁰.

²²⁰ Florianópolis talvez seja a única capital de estado que ainda não dispõe de uma Parada Guei, ao menos entre aquelas das regiões Sul e Sudeste. Este parece um fato contraditório para uma cidade que se autoproclama guei, demonstrando a pouca presença da articulação política entre os homossexuais e o poder público. Para o ano de 2006 já há uma data marcada para a realização da PARADA GAY DE FLORIPA, 09 de julho. A decisão aconteceu durante a realização do I Seminário da Diversidade Gay, Lésbica, Bissexual, Transgênero e Simpatizante (GLBTS), organizado pela Prefeitura Municipal em parceria com o empresariado e militância local

Parafrazeando Michel de Certeau (1994) a cidade de Florianópolis foi sendo redesenhada e replanejada também a partir dos lugares aonde os/as homossexuais iam construindo seus espaços de sociabilidade e de vivências. Para além da Praça XV, do aterro da baía sul, das ruas, praias ou banheiros públicos, os/as homossexuais pareciam ir conquistando a cidade como um todo e buscando sua inserção em qualquer espaço. A circulação de gueis e lésbicas é, no entanto, bastante difusa e dispersa por todo o espaço urbano, marcada por divisões de classes e gerações, entre outras. Apesar de não haver na cidade bares e boates exclusivos para homens ou para mulheres homossexuais, foi possível observar, através das falas dos/as entrevistados/as, que havia uma hierarquização dos seus espaços de sociabilidade e lazer, que os segmentavam e separavam em grupos. Assim, ouvi falar de lugares identificados como de frequência de diferentes sujeitos e estilos de vida, os bares aonde iam “tias velhas”, “bichas pintosas”, “bichas pobres”, “caminhoneiras”, “travestis”.

A circulação de gueis, lésbicas, travestis, *cross-dresser*, por diferentes territórios configura diferentes percepções de cidade. Florianópolis é múltipla e cresceu muito nos últimos anos. Não é só pelo aumento do número de lugares de lazer voltados ao público guei que se pode fazer tal constatação. Há um grande número de homens e mulheres que se relacionam sexualmente com outros homens e com outras mulheres que não freqüentam os chamados “guetos”, procurando outros espaços para seus momentos de lazer. Contudo, o próprio “gueto” cresceu e seus ambientes já não são considerados como de “risco” para os freqüentadores. Na cidade não há mais porões ou sótãos e apesar de não ostentarem uma bandeira na porta, muitos dos moradores da cidade sabem aonde estes bares e boates estão localizados. Com exceção das saunas, que não possuem identificação em suas fachadas, estes locais são bastante conhecidos.

Os homens e mulheres entrevistados lançaram olhares diferenciados sobre a cidade. No espetáculo das multidões, onde o sujeito se perde e não mais se reconhece, Agenor (71 anos), Francisco (63 anos), Belinha (61 anos), Sofia (55 anos), Jaqueline (52 anos), Mariza (51 anos), Maria (48 anos), Ricardo (46 anos), Leila (44 anos), Karla (43 anos), Mário (41 anos), Claudia (26 anos), Marina (25 anos), Adriana (23 anos), Guido (21 anos) e Júnior (18 anos) circularam por espaços amplos, cheios de possibilidades para suas experiências e memórias. Todos, porém elegeram o tempo de suas juventudes como o melhor já vivido. E, apesar de Ricardo (46 anos) afirmar que é muito difícil ser guei em Florianópolis, os demais

e terá como tema “Nem mais, nem menos. Apenas iguais”. O interessante será observar se essa inovação social ampliará a presença dos homossexuais nos espaços públicos.

www.agenciagls.jornalfloripa.com.br (acesso em 02.09.2005).

afirmaram que ainda há espaços de vida com qualidade na cidade, onde os gueis, as lésbicas e as travestis podem se reconhecer como cidadãos. Espaços que foram sendo construídos ao longo do tempo. O processo de desencantamento, comum em muitas metrópoles, ainda não atingiu o grupo de entrevistados. Por outro lado, ao ouvir, especialmente dos/as entrevistados/as com mais idade, as lembranças sobre a cidade e sobre o desaparecimento dos lugares que davam suporte material aos seus relatos, as narrativas se viam plenas de recordações afetivas emocionadas.

As histórias narradas pelos gueis e pelas lésbicas urbanos, de diferentes gerações, identificados com valores das camadas médias, demonstraram que este “mundo tão opressor” muitas vezes é fomentado pelos próprios homossexuais. Muitos restringem suas vivências de lazer a lugares como bares, boates e saunas, num padrão construído por eles mesmos, aprofundando uma visão dicotômica do mundo, hetero e homo. Os espaços de sociabilidade por onde circulam parecem ter relação com a maneira como estes homens e mulheres vivem a própria sexualidade. A maior parte dos depoimentos sobre os percursos pelas territorialidades foram narrados a partir da percepção das preferências sexuais.

Considerado local que facilita a identificação dos mais jovens, o “gueto” muitas vezes facilita a construção de diferentes experiências homossexuais a partir das pistas de dança ou dos balcões dos bares da moda. Nestes locais a presença dos mais velhos é mais rara, como se só existissem homossexuais jovens. Como se eles não envelhecessem.

A maior diferença observada entre as três gerações de sujeitos entrevistados foi a mudança da forma como eles próprios se descreviam. As experiências individuais demonstram diferentes “performatividades”, que não são um simples “ato” singular, pois são marcadas, como disse Butler, pela reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas. Por ser tratada no presente, a performatividade oculta ou dissimula as convenções das quais é uma repetição. Há uma historicidade em cada ato e por isso a importância de se ver as normas reguladoras através das representações geracionais.

Procurei descrever o modo como os sujeitos homossexuais vêm a si mesmos e são vistos pelos outros. As homossexualidades foram pensadas como qualquer uma outra forma de sexualidade, ou seja, como um conjunto de discursos culturalmente construídos, nos quais os homossexuais são percebidos não como “unidades totais”, mas “fragmentados por vários segmentariedades” (Perlongher, 1987, p. 154). Achei interessante apresentar as três travestis a partir de uma afirmação de Hélio Silva (1993, p. 161), de que “o movimento homossexual ainda não cristalizou um discurso que restaurasse a dignidade do travesti”. Acreditando na diversidade entre “iguais”, trouxe um pouco dos universos de Jaqueline, Karla

e Cláudia, como um contraponto das vivências homossexuais e por entender que suas histórias ajudam a pensar as performances do gênero. Pessoas comuns, muito aquém da “mulher embonecada” descrita por um dos entrevistados de Erdmann (1981, p. 62) “... o travesti chega a ponto de assumir um estereótipo de mulher que nem mesmo a mulher tem mais. Sabe, aquela mulher embonecada que existia, aquela miss universo exagerada...”. As travestis, que encarnam a ambigüidade corporalmente, assim como não abrem mão das várias possibilidades de gozo e sedução, são exemplos fundamentais dos desafios analíticos que tornam as lógicas bipolares absolutamente insuficientes. Assim, como Felix Guattari²²¹ (1981), também cheguei a encontrar travestis felizes.

Desta forma, procurei destacar questões que julguei fundamentais para discutir a presença dos sujeitos homossexuais nos diferentes espaços da cidade, em diferentes tempos, baseando-me em entrevistas com homens e mulheres de três gerações. Portanto, uma reflexão sobre as vivências homossexuais e a diversidade das orientações sexuais e de sujeitos, diferenças que desaparecem quando se utiliza a categoria identificatória homossexual. A desigualdade entre estes sujeitos é enorme, pois atravessada por diferentes contextos culturais, econômicos, étnicos, geracionais, de gênero. As escolhas objetais ocorrem no inconsciente e não se resumem ao corpo do outro, mesmo sendo este um outro homem ou uma outra mulher. Sigmund Freud, respondendo à carta enviada pela mãe de um homossexual americano, em 1935, já se opunha às tentativas de separar os homossexuais como uma “espécie” particular de seres humanos. O que mais impressiona, neste início de milênio, é que são justamente alguns dos próprios homossexuais que reivindicam ou se colocam como uma categoria à parte.

Numa carta enviada em 1992 a uma amiga, o missivista Caio Fernando Abreu contava uma história que havia lhe parecido absurda. Em Amsterdã, uma mulher tinha a fantasia de ser bicha, então, quando atingiu a maioridade tomou hormônios masculinos, fez ablação dos seios, retirou útero e ovários e implantou um pênis de silicone. “E virou bicha. Não travesti, mas bicha mesmo, pintosa, enfrentativa. Só transa com homens. Fiquei horas tentando entender” (Moriconi, 2002, p. 236).

Em 1996, a revista *Sui Generis*²²², destinada ao público GLS, trouxe uma reportagem sobre um “novo” casal na cidade de São Paulo. Representadas como “a cara deste final de milênio” a revista relatou a história de amor entre uma lésbica “engajada e moderna” e um transexual, não operado, “glamouroso”. Enquanto a lésbica havia participado ativamente

²²¹ No livro “Revolução molecular: pulsações políticas do desejo”, Guattari fala das *Mirabelles*, um grupo de teatro musical contemporâneo dos brasileiros *Dzi Croquettes*. “Nem homens tornados mulheres, nem mulheres tornadas homens, nem um terceiro sexo, mas uma outra sexualidade dos homens e das mulheres” (1981, p. 45).

de movimentos feministas e homossexuais, da facção lesbo-feminista do *Somos*, a transexual, aos 15 anos, havia anunciado à família que queria virar mulher, tomou hormônios, mas nunca pensou em fazer cirurgia para mudança de sexo, apenas para corrigir o nariz, levantar sobrancelhas e colocar prótese nos seios. Esta “moça” é pai de um garoto, na época, com três anos. Um casal diferente que, podendo ser tomado à primeira vista como duas mulheres, não estava interessado em definir-se como guei ou hétero. Um típico relacionamento que mistura os gêneros. Enquanto a lésbica recebeu o repórter com blusa preta, calça *black jeans*, coturno bem gasto e óculos escuros, a transexual vestia um *soutien* e calças pretas, sapatos de salto, brincos e colar dourados, as unhas longas e pintadas de um vermelho intenso.

Continuo a pensar que, se existe uma conclusão para esta tese, ela se refere à necessidade de se realizar uma “desconstrução” da idéia estereotipada de uma homossexualidade generalizável. São várias, múltiplas. Aliás, como fatos culturais, cujas práticas mudam no espaço e no tempo, posso fazer minhas as palavras de Caio Fernando Abreu: “Cá com meus botões, continuo a pensar que homossexualismo não existe²²³”.

²²² Love Story Pansexual, revista Sui Generis, ano II, nº 16.

²²³ Carta de Caio enviada a João Silvério Trevisan, em 18.10.83 (Moriconi, 2002, p. 72).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Caio Fernando. *Onde Andará Dulce Veiga?* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ALEXANDRE, Fernando. *Dicionário da Ilha: falar & falares da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, Cora Coralina, 1994.
- ARAÚJO, Lucinha. *Cazuza: só as mães são felizes*. São Paulo, Globo, 2001.
- ARIÈS, Philippe. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: ____ & BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- ARRUDA, Roldão. *Dias de Ira: uma história verídica de assassinatos autorizados*. São Paulo, Globo, 2001.
- AZEVEDO, Aluísio [1890]. *O Cortiço*. São Paulo, Martin Claret, 2004.
- BADINTER, Elizabeth. *XY – Sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.
- BARCELLOS, José Carlos. Literatura e Homoerotismo Masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. In: SOUZA JÚNIOR, Luiz Foureaux de (org.). *Literatura e Homoerotismo: uma introdução*. São Paulo, Scortecci, 2002.
- BEAUVOIR, Simone de [1949]. *O Segundo Sexo*. v. 2 – A experiência vivida. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- BELLINI, Lígia. *A Coisa Obscura*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- BENEDETTI, Marcos Renato. A calçada das máscaras. In: GOLIN, Célio & WEILER, Luís Gustavo (org.). *Homossexualidades, cultura e política*. Porto Alegre, Sulina, 2002.
- BERUTTI, Elaine Borges. Estudos gays e lésbicos no século XXI: imitação ou devoração cultural? In: SOUZA JÚNIOR, Luiz Foureaux de (org.). *Literatura e Homoerotismo: uma introdução*. São Paulo, Scortecci, 2002.
- _____. *POMOSEXUALS: a literatura pós-moderna das minorias sexuais*. Rio de Janeiro, UERJ, sd.
- Boletim do Grupo Gay da Bahia. Salvador. *Travestis*. GGB, 1995, n. 29, v. XV
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- BOSWELL, John. *Christianity, social tolerance and homosexuality*. Chicago, The University of Chicago Press, 1980.

- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- _____. O parentesco é sempre tido como heterossexual?. *Cadernos Pagu*. Campinas, Unicamp, 2003b (21).
- _____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.
- _____. Imitation and Gender Insubordination. In: FUSS, Diana. *Inside/Out: Lesbian Theories, Gay Theories*. New York & London: Rontledge, 1991.
- _____. Variações sobre Sexo e Gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucila. *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1987.
- CAMINHA, Adolfo [1895]. *O Bom Crioulo*. São Paulo, Martin Claret, 2003.
- CAMPOS, Daniel Correa Felix de. *A paixão segundo Jean Genet: labirintos e barroquismos*. 2002. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, UFSC, Florianópolis.
- CARDOSO, Fernando Luiz. *Orientação sexual masculina numa comunidade pesqueira*. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis.
- _____. *O Que é Orientação Sexual*. São Paulo, Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos, 307)
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília, Paralelo 15; São Paulo, Editora UNESP, 2000.
- CARRARA, Sérgio & VIANNA, Adriana R. B. *Relatório: Homossexualidade, Violência & Justiça: a violência letal contra homossexuais no município do Rio de Janeiro*. Apresentado no II Encontro de Estudos de Gênero: Corpo, Sujeito, Poder. Curitiba, 2001. Mimeo
- CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1992. v. 1 e 2
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA/CECCA. *Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, Insular; CECCA, 1997.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: I. artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 2001.

- CLOSE, Roberta. *Muito prazer, Roberta Close*. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos, 1998.
- CÓDIGO PENAL. São Paulo, Saraiva, 2004. 19.^a edição.
- CORADINI, Lisabete. *Redes de sociabilidade e apropriação do espaço em uma área central de Florianópolis*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, UFSC, 1992.
- CÓRDOVA, Luiz Fernando N. Iniciando a pesquisa: o trajeto em busca de informantes. In: LAGO, Mara & et all. (orgs). *Interdisciplinaridade em diálogos de gênero*. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2004.
- _____. *Amor sem vergonha: trajetórias pessoais e vida conjugal entre gays e lésbicas na comunidade do Ratoles*. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis.
- _____. *A Relação Homoerótica e a Desmitificação do Casamento Homossexual*. 1997. Monografia. Especialização em Educação Sexual. Florianópolis, FAED/UEDESC.
- COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício - Estudos sobre o Homoerotismo*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992.
- _____. A construção cultural da diferença dos sexos. *Boletim Sexualidade (Gênero e Sociedade)*. Rio de Janeiro, junho de 1995. pp 1-6.
- COSTA, Ronaldo Pamplona da. *Os Onze Sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana*. São Paulo, Editora Gente, 1994.
- DA MATA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- _____. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- _____. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- DANIEL, Herbert. A síndrome do preconceito. In: MÍCCOLIS, L. & _____. *Jacarés & Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro, Achiamé – SOCII, 1983.
- _____. Anotações à margem do viver com AIDS. In: LANCETTI, Antônio (org.). *SaúdeLoucura 3*. São Paulo, Hucitec, 1991.
- DENIZART, Hugo. A mulher do ano 3000: uma volúpia de desequilíbrio que nenhum artista pode criar. In: *Revista Sui Generis*. n. 31, ano IV, 1998.
- DIAS, Edmilson Antônio. *Relatos Imaginários: uma abordagem possível da homossexualidade feminina a partir da leitura de Freud e Lacan*. 1998. Dissertação

- (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis.
- DIAS, Maria Berenice. *União homossexual, o preconceito e a justiça*. Porto Alegre, Livraria do Advogado Editora, 2000.
- _____. *Homoafetividade: o que diz a justiça!: as pioneiras decisões do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul que reconhecem direitos às uniões homossexuais*. Porto Alegre, Livraria do Advogado Editora, 2003.
- DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo, EDUSP, 1997.
- ERDMANN, Regina Maria. *Reis e rainhas no Desterro: um estudo de caso*. 1981. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFSC, Florianópolis.
- ERIBON, Didier. *Réflexions sur la question gay*. Paris, Fayard, 1999.
- FACCIO, Maria da Graça Agostinho. *O Estado e a transformação do espaço urbano: a expansão do Estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis*. 1997. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Curso de Mestrado em Geografia., UFSC, Florianópolis.
- FACCO, Lúcia. *As heroínas saem do armário: literatura lésbica contemporânea*. São Paulo, GLS, 2004.
- FANTIN, Márcia. *Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis, Cidade Futura, 2000.
- FAURY, Mára Lúcia. *Uma flor para os malditos: a homossexualidade na literatura*. Campinas, Papyrus, 1983.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- FLORENTINO, Cristina de Oliveira. *Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher....* 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis.
- FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 10, 1999.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1980. 3ª Edição

- _____. De l'amitié comme mode de vie (entretien avec R. de Ceccaty, J. Danet et J. le Bitoux). *Dits et écrits*, vol IV. Paris, Gallimar, 1994. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento.
- _____. *Sexo, poder e indivíduo: entrevistas selecionadas*. Desterro, Edições Nefelibata, 2004.
- FREUD, Sigmund [1901]. *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Rio de Janeiro, Imago, 1986. v. VI
- _____. [1905]. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1986. v. VII
- _____. [1930 (1929)]. *O Mal-estar da Civilização*. Rio de Janeiro, Imago, 1986. v. XXI
- _____. [1935]. Carta para uma mãe americana. In: GAY, Peter. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- FRIAS FILHO, Otávio. Lesbian Chic. *Folha de São Paulo*, 05.10.1995.
- FRIEDRICH, MARIANA Freire. Contribuições à formação de uma identidade travestida. In: *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. São Paulo, Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (SBRASH) & Iglu Editora, 1996. v. 7, edição especial 1
- FRY, Peter. Da hierarquia a igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: *Para Inglês Ver*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- _____. Prefácio. In: PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- _____. Prefácio. In: GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, Editora UNESP, 2000.
- _____ & MacRAE, Edward. *O Que é Homossexualidade*. São Paulo, Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 81)
- FURLANI, Jimena. *Mitos e Tabus da Sexualidade Humana: subsídios ao trabalho em Educação Sexual*. Florianópolis, CEPEC Editora, 1998.
- GARCIA, Wilton. *A Forma Estranha: ensaios sobre a cultura e homoerotismo*. São Paulo, Edições Pulsar, 2000. (Coleção Outras Palavras, Outras Linguagens)
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GODOY, Rosane Maria de. *Encontros prazerosos: modos e estilos de vida de mulheres lésbicas em Florianópolis*. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis.

- GÓIS, João Bosco Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. In: CARVALHO, Marie Jane Soares & ROCHA, Cristianne Maria Famer (orgs.). *Produzindo Gênero*. Porto Alegre, Sulina, 2004.
- GOLIN, Célio & WEILER, Luís Gustavo (org.). *Homossexualidades, cultura e política*. Porto Alegre, Sulina, 2002.
- GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, Editora UNESP, 2000.
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro, DIFEL, 2000.
- GROSSI, Míriam Pillar. O masculino e o feminino na educação. In: GROSSI, Esther Pillar & BORDIN, Jussara (orgs.). *Paixão de Aprender*. Petrópolis, Vozes, 1992.
- GRUPO GAY DA BAHIA. *Os Direitos Humanos dos Homossexuais Defendidos pelas Associações Científicas*. Salvador, GGB/Centro Baiano Anti-Aids, sd.
- GUATTARI, Felix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004. (Coleção: sexualidade, gênero e sociedade)
- HALL, Radclyffe [1928]. *O Poço da Solidão*. Tradução de Ary Quintella. Rio de Janeiro, Record, 1998.
- HEILBORN, Maria Luiza. Gênero: um olhar estruturalista. In: PEDRO, Joana & GROSSI, Miriam (orgs.). *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis, Editora Mulheres, 2000.
- _____. Ser ou estar homossexual: dilemas de construções de identidade social. In: PARKER Richard & BARBOSA, Regina Maria. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1996.
- _____. *Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. 1992. Tese (doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro.
- HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- ISAY, Richard. *Tornar-se gay: o caminho da auto-aceitação*. São Paulo, Summus, 1998.
- KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.
- LAGO, Mara C. de Souza. *Modos de Vida e Identidade – Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1996.

- LAGO, Paulo Fernando. *Santa Catarina: a transformação dos espaços geográficos*. Florianópolis, Verde Água Produções Culturais, 2000.
- LAMBEVSKI, Sasho. Suck my nation – masculinity, ethnicity and the politics of (homo)sex. In: *Sexualities*. London, SAGE Publications, 1999.
- LAQUEUR, Thomas [1992]. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.
- LARDINOIS, André. Safo Lésbica e Safo de Lesbos. In: BREMER, Jan (org.). *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*. Campinas, Papirus, 1995.
- LEAL, Taci Coutinho. *Men like us: the figure of the male homosexual in Edmund White's fiction*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras/Inglês) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Inglês, UFSC, Florianópolis.
- LEONEL, Vange. *Balada para as meninas perdidas*. São Paulo, Summus, 2003. (Edições GLS).
- _____. *Grrrls: garotas iradas*. São Paulo, Summus, 2001. (Edições GLS).
- LISBOA, Armando de Melo. Construindo uma identidade insular: o jeito manezinho de ser. Notas provisórias para um estudo de modo de vida ilhéu. In: CECCA. *Uma cidade numa ilha*. Florianópolis, Insular; CECCA, 1997.
- LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – uma prática pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas*, v. 9:2. Florianópolis, CCE/CFH/UFSC, 2001.
- MacRAE, Edward. *A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.
- MAFFESOLLI, Michel. *O Tempo das Tribos*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Hucitec/UNESP, 1998.
- _____. Prefácio. In: FANTIN, Márcia. *Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis, Cidade Futura, 2000.
- _____. Quando o Campo é a Cidade: fazendo Antropologia na MetrÓpole. In: _____ & TORRES, Lílian de Lucca (orgs.). *Na MetrÓpole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 2000b.
- MALUF, Sônia Weidner. *Encontros noturnos: bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1993.

- _____. O dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e as metamorfoses de gênero. In: SILVA, Alcione L. & LAGO, Mara C. de S. & RAMOS, Tânia R. de O. (orgs). *Falas de Gênero*. Florianópolis, Mulheres, 1999.
- _____. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem”. In: *Estudos Feministas*, vol. 10:1. Florianópolis, CCE/CFH/UFSC, 2002.
- MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (org). *Mannheim*. Col. Grandes Cientistas Sociais - 25, São Paulo, Ática, 1982, pp. 67-95.
- MANTEGA, Guido (coordenador). *Sexo & Poder*. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- MÍCCOLIS, Leila. Prazer, gênero de primeira necessidade. In: _____ & DANIEL, H. *Jacarés & Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro, Achiamé – SOCII, 1983.
- MILLER, Laura Teixeira. *A recepção da literatura pela crítica brasileira: leituras da obra de André Gide*. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória*. São Paulo, Contexto, 2001.
- MONTES, Maria Lúcia Aparecida. Posfácio. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor & TORRES, Lílian de Lucca (orgs.). *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 2000b.
- MORICONI, Ítalo (org.). *Caio Fernando Abreu: cartas*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2002.
- _____. Literatura moderna e homossexualismo (pressupostos básicos, ou melhor, mínimos). In: GOLIN, Célio & WEILER, Luís Gustavo (org.). *Homossexualidades, cultura e política*. Porto Alegre, Sulina, 2002b.
- MOTT, Luiz. *O Lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- _____. *Escravidão, Homossexualidade e Demonologia*. São Paulo, Ícone, 1988a.
- _____. *O Sexo Proibido: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição*. Campinas, Papirus, 1988b.
- _____. Arquivo Mott: É Legal ser Homossexual. Revista *Sui Generis*. Rio de Janeiro, SG-Press Editora, 1998, ano IV, n. 34.
- _____. *Crônicas de um gay assumido*. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- _____ & YONARA, Zora. *Boletim do Grupo Gay da Bahia*. Salvador, Editora do GGB, 1999. n. 38

- MUNIZ, Jaqueline. *Mulher com mulher dá jacaré: uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina*. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- NAVARRO-SWAIN, Tania. *O Que é Lesbianismo*. São Paulo, Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos, 313)
- NECKEL, Roselane. *A república em Santa Catarina: modernidade e exclusão (1889-1920)*. Florianópolis, Editora da UFSC, 2003.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: *Estudos Feministas*, vol. 08:2. Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, 2000.
- NONNENMACHER, Marilange. *Um lugar de memória: Rua Conselheiro Mafra no século XX*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFSC, Florianópolis.
- NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro, Caravansarai, 2003.
- OLIVEIRA, Rosa Maria. *Para uma crítica da razão androcêntrica: gênero. Homoerotismo e exclusão da ciência jurídica*. 2002. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-Graduação em Direito, UFSC, Florianópolis.
- OLIVEIRA, Marcelo José. *O lugar do travesti em Desterro*. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis.
- PALOMINO, Erica. Os anos 90 trazem *lesbian chics*. *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 07.08.1993.
- PARK, Robert E. [1916] A cidade: sugestões para a investigação do comportamento social no meio urbano. In: VELHO, O G. (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- PARKER, Richard Guy. *Beneath the Equator. Cultures of desire, male homosexuality and emerging gay communities in Brazil*. New York, Routledge, 1999.
- _____. *Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política*. Rio de Janeiro, ABIA; São Paulo, Editora 34, 2000.
- _____. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro, Record, 2002.
- _____ & GALVÃO, Jane (orgs.). *Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro. Relume-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

- PARRY, Glenys & LIGHTBOWN, Ray. Os problemas apresentados pelas pessoas homossexuais que buscam ajuda. In: HART, John & RICHARDSON, Diane (orgs.). *Teoria e Prática da Homossexualidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- PASSARELLI, Carlos A F. Há uma santa com seu nome. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. São Paulo, Ed. IGLU/Sbrash, vol. 7. Edição Especial 1, 1996.
- PEIRANO, Mariza. *Uma Antropologia no Plural. Três experiências contemporâneas*. Brasília, UNB, 1992.
- PEREIRA, Ivonete. *As decaídas: mulheres no cotidiano de Florianópolis (1900-1940)*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, UFSC, Florianópolis.
- PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- _____. Vicissitudes do Michê. *Temas IMESC*. São Paulo, Soc. Dir. Saúde 4 (1), 1987b. pp 57-71
- _____. Territórios Marginais. In: *Grupos e Coletivos. Saúde e Loucura 4*. São Paulo, Hucitec, 1993.
- PERUCCHI, Juliana. *Eu, tu, elas: investigando os sentidos que mulheres lésbicas atribuem às relações sociais que elas estabelecem em um gueto GLS de Florianópolis*. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis.
- PINEL, Arletty & INGLES, Elisabete. *O Que é AIDS*. São Paulo, Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos; 300)
- PINTO, Céli Regina. Movimentos Sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992. pp. 127-150
- POLLAK, Michael. A Homossexualidade Masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André. *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- _____. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, 1989.
- _____. *Os Homossexuais e a AIDS*. São Paulo, Estação Liberdade, 1990.
- PORTINARI, Denise. *O Discurso da Homossexualidade Feminina*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- PORTO, Bea & LAGO, Fernanda (org.). *É tudo mentira: a história segundo Beto Stodieck*. Florianópolis, Verde Água Produções Culturais, 1999.

- REGES, Marcelo. *Brazilian Boys: corporalidades masculinas em filmes pornográficos de temática homoerótica*. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis.
- RENZETTI, Claire M. & MILEY, Charles H. (orgs.). *Violence in Gay and Lesbian Domestic Partnerships*. New York - London, The Haworth Press, 1996.
- RESENDE, Mário Ferreira. *O dinheiro cor-de-rosa: um estudo crítico sobre o mercado homossexual*. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis.
- RIAL, Carmem S. de Moraes. Manezinho: de ofensa a troféu. In: *Antropologia de Primeira Mão*. Florianópolis, UFSC/PPGA, 2001. n° 48
- RICHARDSON, Diane. Mães Lésbicas. In: HART, John & RICHARDSON, Diane (orgs.). *Teoria e Prática da Homossexualidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- RIOS, Roger Raupp. A homossexualidade e a discriminação por orientação sexual no direito brasileiro. In: GOLIN, Célio & WEILER, Luís (org.). *Homossexualidades, cultura e política*. Porto Alegre, Sulina, 2002.
- ROHDEN, Fabíola. O corpo fazendo a diferença. *Mana*, out. 1998, vol. 4, no. 2.
- ROLLEMBERG, Marcello (org.). *Sempre seu, Oscar: uma biografia epistolar*. São Paulo, Iluminuras, 2001.
- ROSA, Marcelo Victor da. *Educação Física e homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do Centro de Desportos/UFSC*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFSC, Florianópolis.
- ROSITO, Cláudia A de Miranda. Sobre a Homossexualidade na Mulher: A Busca de um Olhar Feminino. In: GRAÑA, Roberto B. *Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2002.
- RUBIN, Gayle. Tráfico Sexual – entrevista. Gayle Rubin com Judith Butler. In: *Cadernos Pagu*. Campinas, UNICAMP, 2003 (21). pp. 157-209.
- _____. The Traffic in Women. In: REITER, Rayna. *Towards and anthropology of women*. New York, Monthly Review Press, 1975.
- _____. *A Circulação de Mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Tradução não publicada.

- SALEM, Tânia. Família em camadas médias: uma perspectiva antropológica. *BIB* nº 21, p.p. 1-80, Rio de Janeiro, ANPOCS, 1986.
- SANTOS, Ivan dos. *Caio Fernando Abreu: repórter de uma geração*. 2004. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Curso de Pós-Graduação em Literatura, UFSC, Florianópolis.
- SANTOS, Naila Janilde Seabra & MUNHOZ, Rosemeire. A AIDS entre as mulheres: reflexões sobre seus depoimentos. In: PARKER, Richard & GALVÃO, J Jane (orgs.). *Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro. Relume-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.
- SCHWINDEN, Isair Bernardo. *Espaços de sociabilidade homoeróticos em Florianópolis na década de 80*. 2003. Monografia. (Curso de História) – Curso de Graduação em História, UFSC, Florianópolis.
- SEFFNER, Fernando. AIDS e (é) falta de educação. In: SILVA, Luiz Heron da (org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- SELL, Teresa Adada. *Identidade Homossexual e Normas Sociais: Histórias de Vida*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1987.
- SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- SILVA, Aguinaldo. *República dos Assassinos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará: ISER, 1993.
- _____. *Certas cariocas: travestis e vida de rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Relume Dumará: Prefeitura, 1996.
- _____, Hélio R. S. & FLORENTINO, Cristina de Oliveira. A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações. In: PARKER, Richard & BARBOSA, Regina Maria (orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.
- SILVA, Marco Aurélio da. *Se Manque! Uma etnografia do Carnaval no “pedaço” GLS da Ilha de Santa Catarina*. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis.
- SIMÕES, Júlio Assis. Notas sobre representações da violência contra homossexuais e da violência entre homossexuais. Florianópolis, V Reunião de Antropologia do Mercosul, 2003.

- _____. Sexualidade e gerações: idades e identidades homossexuais masculinas. In: LAGO, Mara C. de Souza & et alli (orgs.). *Interdisciplinaridade em diálogos de gênero: teorias, sexualidades e religiões*. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2004.
- SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2002.
- SOARES, Luiz Eduardo. Sair do armário e entrar na gaveta. In: *Homossexualidades, cultura e política*. Porto Alegre, Sulina, 2002.
- SOUHAMI, Diana. *Gertrude & Alice*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.
- SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro, Record, 1996.
- STEIBEL, Carlos Nicolau. *Heterossexismo: um estudo antropológico sobre as atitudes negativas para com os gays*. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis.
- STOLLER, Robert J. *Masculinidade e Feminilidade: apresentações do gênero*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- SULLIVAN, Andrew. *Praticamente Normal*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- TARNOVSKI, Flávio Luiz. *Pais assumidos: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis.
- TAYLOR, Joelle & CHANDLER, Tracey. *Lesbians Talk Violent Relationships*. London, Scarlet Press, 1995.
- TERTO Jr., Veriano. As histórias de vida na pesquisa sobre homossexualidade e Aids. In: *Sexualidade: Gênero e Sociedade*. CEPESC/IMS/UERJ, dezembro/2000, nº 14.
- TRAMONTE, Cristiana. *O samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis*. Florianópolis, FPH-Diálogo-NUP, 1996.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3 ed. revisada e ampliada. São Paulo, Record, 2000.
- _____. Amor intergeracional. In: *Revista Sui Generis*. 1998, Ano IV, nº 33.
- VANCE, Carole S. Anthropology Rediscovered Sexuality: A Theoretical Comment. In: PARKER, Richard & AGGLETON, Peter (org.). *Culture, Society and Sexuality: a Reader*. London, UCL Press, 2002.
- VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

- VENCATO, Anna Paula. *Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa, Edições 70, 1983.
- WEEKS, Jeffrey. Os problemas dos homossexuais mais velhos. In: HART, John & RICHARDSON, Diane (orgs.). *Teoria e Prática da Homossexualidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- WILDE, Oscar [1897]. *De Profundis & Balada do Cárcere de Reading*. São Paulo, Martin Claret, 2003. Tradução de Jean Melville.
- XAVIER, Silvia Lair Vieira. *Identidade (homos)sexual*. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis.
- ZANELLA, Andréa Vieira. *Reflexões sobre Pesquisa em Psicologia, Método(s) e ‘alguma’ Ética*. Trabalho apresentado na mesa redonda Pesquisa, Metodologia e Ética, no IX Encontro Regional Sul da ABRAPSO, realizado de 7 a 9 de novembro de 2002, em Itajaí/SC.

Jornais, Revistas e Periódicos.

- A Notícia (AN). O espirituoso e atrevido Alú. Coluna do Aldório Simões. 18 de maio de 1999.
- Diário Catarinense (DC). Presidente da associação homossexual denuncia PMs. Junho de 1994.
- DC. Policiais seguem ameaçando homossexual em hospital. Junho de 1994.
- DC. Diversão Pink. 20 de dezembro de 1996.
- DC. Movimento gay completa 100 anos. 18 de maio de 1997.
- DC. CNBB prepara Semana da Família. 05 de agosto de 1998.
- DC. Um desfile que é puro orgulho. 28 de junho de 1999.
- DC. Decisão inédita dá outro registro para transexual. 1º de julho de 2001.
- DC. Palavra “homossexual” é proibida. 28 de novembro de 2002.
- DC. Coluna do Cacau. 11 de fevereiro de 2003.
- DC. Redutos noturnos do Universo GLS. 06 de abril de 2003.
- DC. Registros de uma Ilha em mutação. 10 de agosto de 2003. Rafael Leiras
- DC. Uma questão de cidadania. Caderno *Donna*. 07 de setembro de 2003.

- DC. Reação. Coluna do Paulo Alceu. 20 de dezembro de 2003.
- DC. Viúvo homossexual vai receber pensão do Estado. 18 de julho de 2004.
- DC. Homossexuais protestam em “beijaço”. 09 de abril de 2005.
- DC. O mundo está mais cor de rosa. 17 de abril de 2005.
- Folha de São Paulo (FSP)/Ilustrada. Os anos 90 trazem lesbian chics. 07 de agosto de 1993.
- Folha de São Paulo. Lesbian Chic. 05 de outubro de 1995.
- Folha de São Paulo. Berlim tenta voltar a ser a ‘capital gay’. 10 de agosto de 1997.
- Jornal das Missões. Deputado Adelor Vieira combate lei que legaliza casamento de homossexuais. Florianópolis, ano III, nº 23, julho/agosto de 1997.
- Revista ISTOÉ. Além do Armário: entrevista com André Fischer. nº 1627, 06 de dezembro de 2000.
- Revista Marie Claire. Cássia Eller, a radical doce. Editora Globo. Edição nº 127, outubro de 2001.

Referências Fílmicas.

- PRAUNHEIM, Rosa Von. **Einstein do Sexo: vida e obra do Dr. Magnus Hirschfeld**. Alemanha, 1999.
- SILVA, Marco Aurélio da & PEIXE, Viviane Rodrigues. **Drag Story: Lendas e Babados**. Documentário/UFSC/Curso de Comunicação Social/Jornalismo. Florianópolis/Brasil, 1997.

ANEXOS

Anexo 01 – Localização da cidade de Florianópolis.

Fonte: IPUF/GeoGuiaFlorianópolis (www.ipuf.sc.gov.br)

Anexo 02 – Mapa das cidades de Florianópolis (ilha e continente), Palhoça e São José.

Fonte: Google Earth (www.google.com.br)

Anexo 03 – Florianópolis (o centro e a parte continental)

Fonte: Google Earth (www.google.com.br)

Anexo 04 – O centro da cidade a partir da *Praça XV*.

Fonte: IPUF/GeoGuiaFlorianópolis (www.ipuf.sc.gov.br)

Anexo 01

Localização da cidade de Florianópolis.



ANEXO 02

**Mapa das cidades de Florianópolis (ilha e continente),
Palhoça e São José**



ANEXO 03**Florianópolis (o centro e a parte continental)**

Anexo 04

O centro da cidade a partir da *Praça XV de Novembro* e o “circuito da lama”: ruas Padre Miguelinho, Anita Garibaldi, Saldanha Marinho, Artista Bitencourt, Fernando Machado e a Avenida Hercílio Luz. Na Praça Fernando Machado há o desenho e as colunas do antigo bar Miramar.

